

A COMPANHIA BRANCA

Sir Arthur Conan Doyle

CAPÍTULO I

COMO A OVELHA NEGRA DEIXOU O REDIL

O grande sino de Beaulieu ressoava. O crescente repique musical podia ser ouvido ao longe, floresta afora. Cortadores de turfa em Blackdown e pescadores no Exe ouviram o badalar distante subir e descer no ar abafado de verão. Era um som comum nessa região — tão comum quanto o grasnar dos gaios e o troar dos abetouros. Ainda assim, os pescadores e camponeses levantaram as cabeças e se entreolharam em dúvida, pois o ângelus já passara e as vésperas ainda estavam distantes. Por que razão o grande sino de Beaulieu estaria batendo quando as sombras não estavam curtas nem longas no chão?

Os monges se reuniam por toda a abadia. Sob as longas alamedas gramadas, formadas por carvalhos nodosos e faias repletas de líquen, os irmãos de mantos brancos marchavam na direção do som. Do vinhedo e do lagar, do curral de bois, das margueiras e das salinas, até da distante fundição de Sowley e da longínqua quinta de São Leonardo, todos haviam partido rumo ao lar. O chamado não fora repentino. Na noite anterior, um mensageiro veloz percorrera as dependências remotas da abadia e deixara a convocação para que todos os monges estivessem no claustro à terceira hora após o meio-dia. Até onde alcançava a memória do velho irmão leigo Athanasius, que limpava o batente da abadia desde o ano seguinte à Batalha de Bannockburn, nunca se expedira um comunicado tão urgente.

Um estranho que não conhecesse nada a respeito da abadia ou de seus imensos recursos seria capaz, pela aparência dos irmãos, de chegar a alguma ideia sobre as variadas tarefas das quais eles eram incumbidos, e sobre a difusa e atarefada vida centrada no velho mosteiro. Entre os monges que deslizavam solenemente em duplas ou trios, com as cabeças curvadas e os lábios murmurantes, poucos eram os que não ostentavam marcas da

labuta diária. Por aqui vinham dois com os punhos e mangas completamente manchados pelo rosado suco da uva. Por ali, um irmão barbado com um machado largo e um feixe de lenha sobre os ombros, enquanto a seu lado caminhava outro, com a tesoura debaixo do braço e a branca lã agarrada a seu manto ainda mais branco. Um longo e desgarrado tropel carregava pás e alviões, ao passo que os dois últimos cambaleavam sob uma enorme cesta de carpas recém-pescadas, pois o dia seguinte seria sexta-feira, e havia cinquenta pratos a serem servidos ao mesmo número de robustos comilões. Em meio a toda aquela multidão, dificilmente havia um que não estivesse fatigado e extenuado pela labuta, pois o abade Berghersh era um homem duro consigo mesmo e com os outros.

Enquanto isso, no amplo e imponente cômodo reservado para ocasiões importantes, o abade em pessoa andava para lá e para cá impacientemente, com as longas e nervosas mãos pálidas entrelaçadas à frente. Seus traços finos marcados pela reflexão e as bochechas fundas e encovadas evidenciavam tratar-se de alguém que realmente dominara o inimigo íntimo que todo homem deve confrontar, mas que sofrera muito nessa contenda. Ao subjugar suas paixões, por pouco não subjagara a si mesmo. Não obstante, por frágil que fosse sua figura, de quando em quando luzia, por sob suas sobranceiras caídas, uma energia feroz, que rememorava aos homens que ele provinha de uma linhagem guerreira, e que, naquele exato momento, seu irmão gêmeo, sir Bartholomew Berghersh, era um dos mais famosos entre os austeros guerreiros que haviam fincado a cruz de São Jorge diante dos portões de Paris. Com os lábios comprimidos e o cenho franzido, ele caminhava pelo piso de carvalho a passos largos, a própria personificação do ascetismo, enquanto o grande sino ainda retumbava e retinia acima de si. Por fim o clamor arrefeceu, com três últimas batidas calculadas, e, antes que o eco cessasse, o abade soou um pequeno gongo que convocava um irmão leigo a sua presença.

— Os irmãos vieram? — perguntou, no dialeto anglo-francês usado em casas religiosas.

— Estão aqui — respondeu o outro, com os olhos baixos e as mãos cruzadas no peito.

— Todos?

— Trinta e dois dos mais velhos e quinze dos noviços, santíssimo pai. O irmão Mark, do *spicarium* está gravemente acometido de febre e não pôde vir. Ele disse que...

— Não importa o que ele disse. Deveria ter atendido ao meu chamado, com febre ou sem. O espírito dele tem de ser castigado, como o de muitos outros nesta abadia. Chegou ao meu conhecimento que você mesmo, irmão Francis, por duas vezes levantou a voz enquanto o leitor do refeitório discorria sobre as vidas dos mais abençoados santos de Deus. Que tens a dizer?

O irmão leigo permaneceu quieto e calado, com os braços ainda cruzados à frente.

— Mil Aves e o mesmo número de Credos, orados de pé, com os braços estendidos diante do oratório da Virgem, podem te ajudar a lembrar que o Criador nos deu duas orelhas mas somente uma boca, um sinal de que há o dobro de trabalho para as primeiras em relação à segunda. Onde está o mestre dos noviços?

— Está do lado de fora, santíssimo pai.

— Mande-o entrar.

As sandálias chocalharam contra o piso de madeira, e a porta com barras de ferro rangeu nas dobradiças. Em alguns instantes, abriu-se novamente para receber um monge atarracado, com o rosto carregado e sereno e uma conduta autoritária.

— Mandou me chamar, pai sagrado?

— Sim, irmão Jerome, desejo que essa questão seja resolvida com o mínimo de escândalo possível, mas ainda assim é necessário que o exemplo seja público.

O abade falava agora em latim, uma língua mais adequada, por idade e solenidade, à transmissão das ideias de dois altos dignitários da ordem.

— Quiçá fosse melhor que os noviços não fossem autorizados a participar — sugeriu o mestre. — A menção a uma mulher pode tirar as mentes deles de suas devotadas meditações e voltá-las a pensamentos mundanos e malignos.

— Mulher! Mulher! — lamentou o abade. — Bem fez o abençoado Crisóstomo ao descrevê-las como *radix malorum*. Depois de Eva, que bem veio de qualquer delas? Quem apresentou a queixa?

— O irmão Ambrose.

— Um jovem pio e devoto.

— Exemplo e modelo para todos os noviços.

— Que haja uma deliberação sobre essa questão, de acordo com nosso hábito monástico ancestral. Mande que o cancelário e o vice-cancelário

recebam os irmãos por idade, além do irmão John, acusado, e do irmão Ambrose, acusador.

— E os noviços?

— Que esperem na aleia norte do claustro. Espere! Diga ao vice-cancelário que mande Thomas, o leitor, ler para eles a *Gesta beati Benedicti*. Pode ser que assim sejam salvos de tagarelices tolas e perniciosas.

O abade foi deixado consigo mesmo mais uma vez, e inclinou o rosto magro e cinzento sobre seu breviário iluminado. Assim permaneceu enquanto os monges superiores enfileiravam-se calma e vagorosamente pelo cômodo, sentando-se nos longos bancos de carvalho que margeavam as paredes em ambos os lados. No outro extremo, em duas cátedras tão grandes quanto a do abade, embora com entalhes muito menos elaborados, estavam sentados o mestre dos noviços e o cancelário. Este era um sacerdote largo e corpulento, com olhos escuros e joviais, além de espessos tufos de cabelos pretos crespos ao redor de toda a cabeça tonsurada. Entre os dois estava um irmão magro, de rosto pálido, que parecia pouco à vontade, mexendo os pés de um lado para o outro e tocando nervosamente o queixo com o longo rolo de pergaminho que tinha na mão. O abade, de sua posição vantajosa, observava as duas longas fileiras de rostos abaixo de si, serenos e queimados pelo sol em sua maioria, com grandes olhos apáticos e feições sem rugas, que evidenciavam sua existência simples e imutável. Dirigiu, então, o olhar ardente e impetuoso ao monge de rosto pálido que o encarava.

— Fui informado de que esta queixa é tua, irmão Ambrose — disse. — Que o sagrado Bento, padroeiro de nossa casa, esteja presente no dia de hoje e nos auxilie em nossas conclusões! Quantas denúncias há?

— Três, santíssimo pai — respondeu o irmão, em voz baixa e trêmula.

— Registrou-as de acordo com as regras?

— Estão registradas aqui, santíssimo pai, em um fragmento de velino.

— Que o velino seja entregue ao cancelário. Façam entrar o irmão John, para que ouça as queixas postuladas contra si.

A essa ordem, um irmão leigo abriu a porta e outros dois entraram com um jovem noviço da ordem entre eles. Era um homem de enorme estatura, com olhos escuros, cabelos ruivos e uma expressão peculiar, meio desafiadora e meio divertida, nas feições arrojadas e bem-definidas. Tinha o capuz jogado sobre os ombros, e a beca, desamarrada na parte de cima,

revelava um roliço e vigoroso pescoço, corado e nodoso como um tronco de abeto. Braços grossos e musculosos, cobertos por uma penugem avermelhada, saltavam das largas mangas do hábito, ao passo que sua camisa branca, enrolada em um dos lados, permitia o vislumbre de uma enorme perna enrugada, repleta de cicatrizes e esfolada por arranhões de espinhos. Com uma reverência para o abade, que continha talvez mais gracejo que respeito, o noviço caminhou a passos largos rumo ao genuflexório entalhado que lhe fora reservado, e ficou de pé, quieto e apumado, com a mão no sino dourado que era utilizado nas orações particulares da própria criadagem do abade. Seus olhos escuros espiaram a assembleia de relance, e finalmente se fixaram, com um fulgor sombrio e ameaçador, no rosto do acusador.

O cancelário se levantou, desenrodelhou vagarosamente o rolo de pergaminho e procedeu à leitura em uma voz grossa e pomposa, ao passo que o burburinho e os movimentos contidos dos irmãos evidenciavam o interesse com que acompanhavam os procedimentos.

— Acusações apresentadas na segunda quinta-feira após a Festa da Assunção, no ano de Nosso Senhor de mil trezentos e sessenta e seis, contra o irmão John, anteriormente conhecido como Hordle John ou John de Hordle, agora noviço na sagrada ordem monástica dos cistercienses. Lida no mesmo dia na abadia de Beaulieu, na presença do reverendíssimo abade Berghersh e da ordem reunida. As acusações contra o mencionado irmão John são as seguintes, nomeadamente, a saber. A primeira, que na supramencionada Festa da Assunção, após cerveja de mesa ser servida aos noviços na proporção de um quartilho para cada quatro, o referido irmão John esvaziou o jarro de um só gole, em detrimento do irmão Paul, do irmão Porphyry e do irmão Ambrose, que mal puderam comer sua refeição da nona hora, de bacalhau salgado, devido à excessiva secura.

À menção de tal imputação formal, o noviço ergueu a mão e contraiu o lábio, enquanto até mesmo os plácidos irmãos mais velhos se entreolharam e tossiram para disfarçar o divertimento. Apenas o abade permaneceu sentado, grisalho e imóvel, com o cenho franzido e o olhar cismado.

— Ainda, que após ser informado pelo mestre dos noviços de que deveria restringir sua alimentação durante dois dias a um único pão de farelo e feijão, com o peso de três libras, para maior honra e glória de Santa Mônica, mãe do sagrado Agostinho, o irmão Ambrose e outros ouviram o irmão John dizer que gostaria que vinte mil diabos carregassem a referida Mônica,

mãe do sagrado Agostinho, ou qualquer outro santo que se interpusesse entre um homem e suas refeições. Ainda, que após o irmão Ambrose repreendê-lo por tal desejo blasfemo, ele segurou o rosto do referido irmão contra o *piscatorium*, ou viveiro de peixes, por um período durante o qual o referido irmão pôde repetir um Pai Nosso e quatro Aves, de modo a fortalecer sua alma diante da morte iminente.

Houve murmúrio e burburinho entre os irmãos de vestes brancas diante dessa grave acusação, mas o abade levantou a longa e trêmula mão.

— E o que mais? — disse.

— Ainda, que entre as nonas e as vésperas, na Festa de São Tiago Menor, o referido irmão John foi visto na estrada de Brockenhurst, perto do local conhecido como lago de Hatchett, em conversa com uma pessoa do outro sexo, uma donzela de nome Mary Sowley, filha do *verderer* do rei. Ainda, que após piadas e gracejos diversos, o referido irmão John levantou a referida Mary Sowley e a levou, carregou e transportou para além de um córrego, para o infinito regozijo do diabo e prejuízo da própria alma, em renúncia de fé escandalosa e intencional, testemunhada por três membros de nossa ordem.

O silêncio sepulcral que se abateu sobre o cômodo, com olhos a se revirar e cabeças a girar de um lado para outro, evidenciava o horror beato daquela comunidade.

O abade contraiu as sobrancelhas grisalhas bem acima dos olhos ferozes e questionadores.

— Quem pode atestar tal coisa? — perguntou.

— Eu posso — respondeu o acusador. — Também o pode o irmão Porphyry, que estava comigo, e o irmão Mark, do *spicarium*, que ficou tão intimamente perturbado pelo que viu que agora está acometido de febre.

— E a mulher? — perguntou o abade. — Não se desfez em lamentos e aflição pelo fato de um irmão aviltar tanto a si mesmo?

— Não, ela lhe sorriu simpaticamente e agradeceu. Posso atestar, assim como o irmão Porphyry.

— Podes? — bradou o abade, num tom alto e impetuoso. — Podes mesmo? Esqueceste-te de que a trigésima quinta regra da ordem é que na presença de uma mulher deve-se desviar o rosto e baixar os olhos? Esqueceste-te, digo eu? Se seus olhos estivessem nas sandálias, como teriam visto o sorriso sobre o qual tagarelam? Uma semana em suas celas,

falsos irmãos, uma semana a pão de centeio e lentilhas, com o dobro de laudes e matinas, pode ajudá-los a se lembrar das leis sob as quais vivem.

Ao ouvirem tal arroubo de fúria, os dois monges que serviam como testemunhas afundaram os rostos no peito e se sentaram, subjugados. O abade afastou deles os olhos furiosos e os dirigiu para o acusado, que encarou o olhar inquisitivo com o rosto firme e composto.

— Que tens a dizer, irmão John, sobre essas questões significativas que lhe são imputadas?

— Muito pouco, bom pai, muito pouco — disse o noviço, falando um inglês com um carregado sotaque saxão ocidental. As orelhas dos irmãos, ingleses até o último homem, ficaram em pé ao som daquela língua caseira, mas ainda assim estranha. O abade, no entanto, enrubesceu de raiva e bateu a mão no braço de carvalho da cadeira.

— Que linguajar é esse? — bradou. — Será essa uma língua a se utilizar dentro dos muros de um mosteiro antigo e bem-afamado? A graça e a erudição sempre andam lado a lado, porém, e quando uma delas se perde, é inútil procurar a outra.

— Não sei nada sobre isso — disse o irmão John. — Sei apenas que as palavras me vêm fáceis à boca, pois era o linguajar de meus ancestrais antes de mim. Com sua licença, o usarei agora ou ficarei em silêncio.

O abade bateu o pé de leve no chão e assentiu com a cabeça, como alguém que deixa passar uma questão, mas não a esquece.

— Quanto ao caso da cerveja — continuou o irmão John —, eu havia chegado do campo com calor, e mal senti o gosto da coisa antes de ver o reflexo de meu próprio olho no fundo da jarra. Pode ser, também, que eu tenha falado de forma um tanto brusca sobre os farelos e feijões, os quais são provisões precárias e inadequadas para um homem de minha estatura. Também é verdade que pus as mãos nesse idiota do irmão Ambrose, embora, como se pode ver, eu tenha lhe causado poucos danos. Quanto à donzela, também, é verdade que a carreguei pelo córrego. Ela estava de meias e sapatos, enquanto eu usava apenas minhas sandálias de madeira, que não seriam prejudicadas pela água. Eu consideraria uma desonra à minha condição de homem, bem como à minha condição de monge, se tivesse me refreado de ajudá-la.

Relanceava ao redor enquanto falava, com o olhar meio divertido que ostentara durante todo o procedimento.

— Não há necessidade de prosseguir — disse o abade. — Ele confessou tudo. Cabe a mim apenas determinar a punição adequada a tal conduta pecaminosa.

Ele se levantou e as duas longas fileiras de irmãos lhe seguiram o exemplo, olhando de soslaio, com os rostos assustados, para o furioso prelado.

— John de Hordle — trovejou ele —, você se revelou, durante seus dois meses de noviciado, como um monge ímpio, indigno de vestir os trajes brancos que são os símbolos exteriores de nosso imaculado espírito. Tal vestimenta, portanto, te será despojada, e serás lançado ao mundo exterior sem o benefício clerical, e sem quinhão ou parte nas graças e bênçãos daqueles que vivem sob a proteção do Abençoado Bento. Não debes retornar a Beaulieu ou a qualquer das quintas de Beaulieu, e teu nome será riscado dos pergaminhos da ordem.

A sentença pareceu terrível aos monges mais velhos, tão acostumados com a segura e metódica vida na abadia que ficariam desamparados como crianças no mundo exterior. De seu beato oásis, eles viam o deserto da vida externa com um olhar imaginoso, um lugar repleto de intempéries e tribulações — sem conforto, sem descanso e obscurecido pelo mal. O jovem noviço, porém, parecia ter outros pensamentos, pois seus olhos brilharam e seu sorriso se alargou. Era o que faltava para que o inflamado humor do prelado se incendiasse com novo combustível.

— E assim se vai tua punição espiritual — exclamou ele. — Mas em ídoles como a tua, é a teus sentimentos mais grosseiros que devemos nos voltar, e como não estás mais sob a égide da Santa Igreja, a dificuldade é menor. Alô, irmãos leigos! Francis, Naomi, Joseph! Agarrem-no e amarrem os braços dele! Arrastem-no, e que os couteiros e ostiários expulsem-no da propriedade!

Quando os três irmãos avançaram para cumprir a ordem do abade, o sorriso murchou no rosto do noviço. Com seus ferozes olhos castanhos, ele mirava de relance à esquerda e à direita, como um touro provocado. Então, com um brado profundo e repentino, arrancou o pesado genuflexório de carvalho e o posicionou para atacar, enquanto recuava dois passos para que ninguém pudesse pegá-lo em desvantagem.

— Pela cruz negra de Waltham! — rugiu. — Se qualquer patife entre vocês encostar um dedo na bainha da minha beca, quebro-lhe a cabeça como a uma noz!

Com os grossos braços nodosos, a voz retumbante e os cabelos ruivos eriçados, havia algo de tão repulsivo naquele homem que os três irmãos fugiram à mera visão dele, e as duas fileiras de monges brancos afastaram-se como álamos numa tormenta. O abade foi o único a saltar à frente, com os olhos fulgurantes, mas o cancelário e o mestre seguraram-lhe os braços e o arrastaram para longe do perigo.

— Ele está possuído por um demônio! — gritaram. — Corram, irmão Ambrose, irmão Joachim! Chamem Hugh do Moinho, e Wat Mateiro, e Raoul com a balestra e os virotes. Digam a eles que tememos por nossas vidas! Corram, corram! Pelo amor da Virgem!

Mas o noviço não era apenas um homem de ação, mas também um estrategista. Com um salto à frente, arremessou a desajeitada arma no irmão Ambrose, e, enquanto o banco e o monge desabavam juntos no chão, saltou pela porta aberta e pela escada em espiral abaixo. O velho e sonolento irmão Athanasius, na cela do ostiário, teve uma visão fugaz de pés apressados e bainhas esvoaçantes. Antes que tivesse tempo para esfregar os olhos, porém, o monge ímpio já passara pela cabana e corria pela Estrada de Lyndhurst tão rápido quanto suas sandálias podiam aguentar.

CAPÍTULO II

COMO ALLEYNE EDRICSON SAIU PARA O MUNDO

Jamais a atmosfera pacífica da velha casa cisterciense fora perturbada de maneira tão brutal. Jamais ocorrera uma insurreição tão repentina, tão curta e tão bem-sucedida. Não obstante, o abade Berghersh era um homem de natureza firme demais para permitir que um único e ousado levante pusesse em risco a ordem estabelecida de sua grande residência. Com poucas palavras, intensas e implacáveis, ele comparou a saída do falso irmão com a expulsão de nossos pais ancestrais do Jardim, e mais do que insinuou que, a não ser que uma mudança ocorresse, alguns outros da comunidade poderiam se ver na mesma perversa e perigosa situação. Após dar a lição de moral e reduzir o rebanho a uma conveniente condição de docilidade, ele os dispensou mais uma vez para suas tarefas e retirou-se para seus aposentos particulares, em busca de auxílio espiritual para a execução dos deveres de seu alto cargo.

O abade ainda estava de joelhos, quando uma batida leve na porta da cela interrompeu suas orações.

Levantando-se num humor não muito bom por tal interrupção, deu a ordem para que entrassem. Quando pôs os olhos no visitante, porém, seu ar de impaciência abrandou e converteu-se em um sorriso agradável e paternal.

Era um jovem de rosto fino e cabelos louros, bastante mais alto que a média, de boa aparência e bom físico, com uma silhueta ágil e aprumada, e as feições inquietas de um menino. Os olhos límpidos e pensativos e a expressão viva e delicada revelavam uma índole que se formara longe das tempestuosas alegrias e tristezas do mundo. Não obstante, a disposição da boca e a saliência do queixo mitigavam qualquer traço de efeminação.

Poderia ser impulsivo, entusiasmado, sensível, com algo de simpático e adaptável no caráter, mas um observador dos sinais da natureza teria garantido, com confiança, que havia firmeza e força inatas por baixo de seus modos suaves, decorrentes da criação monástica.

O jovem trajava vestimentas leigas ao invés da indumentária monástica, embora o justilho, o manto e as calças fossem todos de uma tonalidade escura, como convinha a alguém que residia em recintos sagrados. Uma larga alça de couro pendurada em seu ombro sustentava um embornal, como os que viajantes costumavam portar. Uma das mãos agarrava um grosso cajado com ponta fina revestida de metal, enquanto a outra segurava sua coifa, ou touca, que ostentava na frente uma grande medalha de prata, gravada com a imagem de Nossa Senhora de Rocamadour. |

— Estás pronto, então, bom filho? — disse o abade. — Este é mesmo um dia de idas e vindas. É estranho que em meras doze horas a abadia tenha expulsado sua erva mais daninha, e agora deva perder o que com prazer diríamos ser nossa mais fina flor.

— É muito gentil, padre — respondeu o jovem. — Se eu pudesse escolher, nunca partiria, e viveria aqui em Beaulieu até o fim de meus dias. É a minha casa até onde me alcança a memória, e ter de deixá-la é uma dor para mim.

— A vida traz muitas encruzilhadas — disse o abade gentilmente. — Quem não as encontra? Sua partida é um pesar para nós e para si mesmo. Mas não há como evitar. Dei minha palavra e fiz uma promessa sagrada a seu pai, Edric, o *franklin*, | de que aos vinte anos você seria mandado ao mundo, para vê-lo e saboreá-lo por si mesmo. Sente-se no arquibanco, Alleyne, pois logo pode precisar de descanso.

O jovem sentou-se como instruído, embora com relutância e acanhamento. O abade permaneceu de pé junto à estreita janela, e sua longa e escura sombra caiu enviesada sobre os juncos espalhados pelo chão.

— Vinte anos atrás — disse ele —, seu pai, o *franklin* de Minstead, morreu, deixando para a abadia três hidas de terra rica na centena de Malwood, | e também o filho infante, com a condição de que o criássemos até que chegasse à condição de homem. Ele fez isso em parte porque sua mãe morrera, e em parte porque seu irmão mais velho, agora *socman* de Minstead, | já dera mostras da índole cruel e violenta que faria dele companhia inadequada para você. O desejo e o pedido de seu pai foram, no

entanto, para que você não permanecesse no claustro, mas que na idade madura retornasse ao mundo.

— Mas, padre — interrompeu o jovem —, certamente é verdade que já estou bastante adiantado no clericalo?

— Sim, bom filho, mas não tão adiantado que lhe sejam vedadas as vestes que traja agora, ou a vida que deve levar de agora em diante. Você foi ostiário?

— Sim, padre.

— Exorcista?

— Sim, padre.

— Leitor?

— Sim, padre.

— Acólito?

— Sim, padre.

— Mas não jurou votos de obediência ou castidade?

— Não, padre.

— Então está livre para levar uma vida mundana. Mas diga-me, antes de partir, que dons leva consigo de Beaulieu? Já sei de alguns. Sabe tocar a cítola e a rabeça. Nosso coral ficará mudo sem você. Sabe esculpir também?

O rosto pálido do jovem ruborizou-se com o orgulho do artífice habilidoso.

— Sim, santo pai — respondeu. — Graças ao bom irmão Bartholomew sei esculpir na madeira e no marfim, e também consigo fazer algo na prata e no bronze. Com o irmão Francis aprendi a pintar no velino, no vidro e no metal, com conhecimento dos pigmentos e essências que podem preservar a cor, se exposta à umidade ou ao ar gelado. O irmão Luke me deu certa habilidade no bordado em damasco e em esmaltar oratórios, tabernáculos, dípticos e trípticos. Quanto ao resto, sei um pouco sobre a feitura de capas, o corte de pedras preciosas e a construção de instrumentos.

— Uma ótima lista, realmente — exclamou o superior com um sorriso. — Que clérigo de Cambrig ou de Oxenford poderia dizer o mesmo?¹ Mas e quanto a tuas leituras? Não demonstraste tanto talento nesse campo, receio?

— Não, padre, foram poucas. Ainda assim, graças ao nosso bom cancelário, não sou totalmente iletrado. Li Ockham, Bradwardine e outros escolásticos, além do erudito Duns Escoto e o livro do sagrado Aquino. ¹

— Mas o que aprendeu em suas leituras sobre as coisas deste mundo? Desta alta janela posso vislumbrar a península arborizada e a fumaça de Bucklershard, na foz do Exe, e o mar brilhante. Agora lhe pergunto, Alleyne, se um homem tomasse um navio e içasse velas para além daquelas águas, aonde esperaria chegar?

O jovem refletiu, e traçou um esquema entre os juncos com a ponta do cajado.

— Santo pai — disse ele —, ele chegaria às regiões da França que estão sob o domínio de Sua Majestade Real. Mas se ele pendesse para o sul, poderia chegar à Espanha e aos Territórios Berberes. Ao Norte estariam Flandres e as terras dos bálticos e dos moscovitas.

— Correto. E se, depois de chegar aos domínios do rei, ele continuasse a se aventurar em direção ao leste?

— Ele então chegaria à parte da França que ainda está sob disputa, e poderia esperar alcançar a famosa cidade de Avignon, onde reside nosso abençoado pai, o sustentáculo da Cristandade.

— E além?

— Ele então passaria pela terra dos alamanos e pelo grande Império Romano, e depois pelo país dos hunos e pelo dos pagãos lituanos, além do qual situa-se a grande cidade de Constantino e o reino dos impuros seguidores de Mahometes.]

— E ainda além, bom filho?

— Além estão Jerusalém e a Terra Santa, e o grande rio que nasceu no Jardim do Éden.

— E além?

— Não, bom pai, não sei dizer. Parece-me que o fim do mundo não deve ser longe dali.

— Então ainda podemos encontrar algo para te ensinar, Alleyne — disse o abade, amavelmente. — Saiba que há muitas nações estranhas entre esse local e o fim do mundo. Há o país das amazonas, o país dos anões e o país das mulheres belas, mas cruéis, que matam com o olhar, como o basilisco. Ainda além estão os reinos do Preste João e do grande *khan*. Sei que isso é verdade, pois ouvi do devoto e valente cavaleiro cristão, sir John de Mandeville, que parou duas vezes em Beaulieu, indo e vindo de Southampton. No púlpito do leitor, no refeitório, ele discursou para nós a respeito do que havia visto, até muitos bons irmãos não conseguirem beber ou comer, tão abalados ficaram pelas estranhas histórias.

— Eu gostaria de saber, padre — perguntou o jovem —, o que poderá haver no fim do mundo.

— Há algumas coisas — respondeu gravemente o abade —, sobre as quais nunca foi a intenção que indagássemos. Mas você tem uma longa estrada pela frente. Aonde vai primeiro?

— À casa de meu irmão, em Minstead. Se ele é realmente um homem ímpio e violento, faz-se ainda mais necessário que eu o procure e tente convertê-lo a melhores condutas.

O abade balançou a cabeça.

— O *socman* de Minstead criou má fama no campo — disse. — Se tem de ir vê-lo, ao menos assegure-se de que ele não o desvie do caminho estreito pelo qual você se acostumou a caminhar. Mas você está guardado por Deus, e sempre olhará na direção d’Ele se estiver em perigo ou aflição. Acima de tudo, evite os ardis das mulheres, pois elas estão sempre à espreita dos pés errantes dos jovens. Ajoelhe-se, meu filho, e receba a bênção de um ancião.

Alleyne Edricson manteve a cabeça inclinada, enquanto o abade despejava sua sincera súplica para que os céus olhassem por esta jovem alma, que agora partia rumo à escuridão e os perigos do mundo. Não era mera formalidade para nenhum dos dois. Para eles, a vida exterior da humanidade parecia realmente constituir-se de violência e pecado, cercada pelos perigos físicos e, mais ainda, pelos espirituais. Os céus, também, estavam bem próximos deles naqueles dias. A atuação direta de Deus podia ser vista no trovão e no arco-íris, no furacão e no relâmpago. Para o fiel, nuvens de anjos, confessores e mártires, legiões dos consagrados e dos salvos sempre pendiam na direção da terra, elevando, encorajando e apoiando os esforçados irmãos terrenos. Foi assim que, com o coração mais leve e a coragem mais robusta, o jovem deixou o aposento do abade, enquanto este, seguindo-o até o topo da escadaria, finalmente o confiou à proteção do sagrado Juliano, padroeiro dos viajantes.

Abaixo, no pórtico da abadia, os monges haviam se reunido para desejar um último “vá com Deus”. Muitos haviam trazido algum objeto para que ele levasse como lembrança. Lá estavam o irmão Bartholomew com um crucifixo de raro marfim esculpido, e o irmão Luke com um saltério de capa branca, decorado com abelhas douradas, e o irmão Francis com o “Massacre dos Inocentes” delicadissimamente registrado em velino. Todos foram devidamente empacotados no fundo do embornal do viajante, e

acima deles o velho irmão Athanasius, com seu rosto redondo e rosado, colocara um embrulho com pão de farinha de trigo e queijo de leite cru, além de um pequeno cantil do famoso vinho de alta qualidade da abadia. Assim, em meio a apertos de mão, risos e bênçãos, Alleyne Edricson deu as costas a Beaulieu.

Na curva da estrada, parou e olhou para trás. Lá estavam o edifício horizontal que ele conhecia tão bem, a casa do abade, a comprida igreja, o claustro com sua fileira de arcos, todos banhados e abrandados pelo sol da tarde. Lá estavam também a longa curva do rio Exe, o velho poço de pedra, o nicho coberto da Virgem, e, no centro de tudo, o aglomerado de silhuetas vestidas de branco que acenavam para ele. Uma súbita umidade marejou os olhos do jovem, e ele virou-se rumo à jornada com o coração pesado e a garganta apertada.

CAPÍTULO III

COMO HORDLE JOHN LUDIBRIOU O PISOEIRO DE LYMINGTON

Não é natural, porém, que um rapaz de vinte anos, com a vitalidade jovem pulsando nas veias e o mundo inteiro pela frente, passe suas primeiras horas de liberdade a lamentar o que deixou para trás. Muito antes de estar fora do alcance dos sinos de Beaulieu, Alleyne andava a passos largos, balançando o cajado e assobiando tão alegremente quanto os pássaros do mato. Era um entardecer capaz de alegrar o coração de um homem. O sol, esguelhando-se por entre as árvores, lançava arabescos delicados na estrada, permeados por feixes de luz dourada. À distância, à frente e atrás, os galhos verdes, em alguns locais se convertendo-se num vermelho acobreado, lançavam seus largos arcos sobre a trilha. O parado ar de verão pesava com o odor resinoso da grande floresta. Um riacho castanho surgia aqui e ali em meio à vegetação rasteira, perdendo-se novamente entre os fetos e espinheiros do outro lado. A não ser pelo silvo constante dos insetos e pelo farfalhar das folhas, havia silêncio em toda parte — o doce e sossegado silêncio da natureza.

Mesmo assim, não faltava vida — a floresta inteira estava repleta dela. Num momento, um furão ágil e furtivo disparava pelo caminho, absorto em algum propósito feroz; em outro, um gato selvagem, sentado no galho mais remoto de um carvalho, espreitava o viajante com olhos amarelos e desconfiados. Em certa ocasião foi uma javalina que escapuliu das samambaias, com duas varas de jovens porcos-bravos no encalço; em outra, um imponente veado-vermelho emergiu delicadamente dos troncos de árvore, contemplando os arredores com o olhar destemido daquele que vive sob a alta proteção do próprio rei. Alleyne balançou o cajado com um

alegre floreio, entretanto, e o cervo vermelho percebeu que o rei estava bem distante, afastando-se depressa da direção de que viera.

O jovem agora já viajara consideravelmente além dos domínios mais extremos da abadia. Por esse motivo, sua surpresa foi maior quando, ao dobrar uma curva do caminho, notou um homem trajando as familiares vestimentas da ordem, sentado em uma moita de urzes à beira da estrada. Alleyne conhecia bem cada um dos irmãos, mas aquele rosto lhe era novo — um rosto muito vermelho e ofegante, que se contorcia para lá e para cá, como se o homem estivesse com a mente terrivelmente desorientada. Em dado momento ele atirou as duas mãos furiosamente para cima, e por duas vezes levantou-se de um salto e apressou-se pela estrada. Quando se levantou, porém, Alleyne observou que o manto estava demasiadamente comprido e folgado por todos os lados, arrastando-se no chão e estufado nos tornozelos, de modo que mesmo com as bainhas amarradas o homem pouco avançava. Tentou correr uma vez, mas a longa beca o embaraçou e ele então afrouxou o passo a um andar trôpego, até que finalmente desabou nas urzes mais uma vez.

— Jovem amigo — disse ele, quando Alleyne estava a seu lado —, temo, por tua vestimenta, que saibas pouco sobre a abadia de Beaulieu.

— Então está equivocado, amigo — respondeu o clérigo —, pois passei todos os meus dias dentro dos muros da abadia.

— Pois passaste? — exclamou ele. — Então talvez possas me dizer o nome de um irmão grande, repugnante e idiota, com o rosto sardento e uma mão que mais parece uma pá. Os olhos dele eram escuros e os cabelos ruivos, e tinha uma voz parecida com a do touro da paróquia. Creio que não pode haver dois como esse no mesmo claustro.

— Sem dúvida esse não é outro que não o irmão John — disse Alleyne. — Espero que ele não lhe tenha feito mal, para que esteja tão furioso com ele.

— Mal, deveras? — exclamou o outro, saltando das urzes. — Mal! Ora, ele me roubou até a última peça de roupa, se isso for algum mal, e me deixou aqui com esta túnica deplorável de pano duro. Estou com vergonha de voltar à minha esposa, pois temo que ela pense que estou usando um de seus vestidos velhos. Ai de mim que o encontrei!

— Mas como foi que isso aconteceu? — perguntou o jovem clérigo, que mal podia segurar o riso à vista do homenzinho furioso, completamente envolto pelo grande manto branco.

— Aconteceu assim — disse ele, sentando-se mais uma vez. — Eu estava passando por aqui, com esperança de chegar em Lymington antes do anoitecer, quando deparei com esse patife ruivo, sentado exatamente onde estamos agora. Descobri e inclinei a cabeça respeitosamente ao passar, imaginando que poderia ser um homem santo em oração, mas ele me chamou e perguntou se eu ouvira falar sobre a nova indulgência a favor dos cistercienses. “Não ouvi”, respondi. “Pior, então, para tua alma!”, disse ele. Com isso desatou a contar uma longa história sobre como, por conta das virtudes do abade Berghersh, o papa decretara que quem quer que vestisse o hábito de um monge de Beaulieu pelo tempo gasto para recitar os sete salmos de Davi, teria garantida a entrada no reino dos céus. Quando ouvi isso, roguei de joelhos para que ele me deixasse usar a beca, com o que, após muita argumentação, ele concordou, sob a condição de que eu lhe pagasse três marcos para a restauração da imagem de Lourenço, o mártir.^[17] Tendo-lhe despido o manto, não tive escolha a não ser deixá-lo usar meu bom justilho de couro e minhas calças, pois, como ele disse, seria terrível e indecoroso ficar desnudo enquanto eu fazia minhas orações. Ele mal pusera as roupas, o que foi trabalhoso, visto que minha estatura e minha largura mal se equiparam... ele mal as pusera, dizia eu, e eu ainda não chegara ao fim do segundo salmo, quando ele me mandou honrar minha nova vestimenta, e com isso partiu estrada afora tão rápido quanto seus pés aguentavam. Quanto a mim, não consegui correr mais do que se estivesse amarrado em um saco, de forma que aqui estou, e provavelmente aqui ficarei, até pôr os olhos em minhas roupas novamente.

— Não, amigo, não encares isto de maneira tão triste — disse Alleyne, dando um tapinha no ombro do desconsolado. — Podes trocar teu manto por um justilho mais uma vez na abadia, a não ser que porventura tenhas um amigo à mão.

— Tenho um — respondeu ele —, e aqui perto. Mas não quero me aproximar dele neste apuro, pois sua esposa tem uma língua ferina, e espalharia a história até que eu não pudesse mostrar o rosto em nenhum comércio de Fordingbridge a Southampton. Mas se o senhor pudesse, por sua boa caridade, desviar-se de seu caminho pela distância de duas flechadas, me faria uma cortesia que eu mal poderia retribuir.

— De todo meu coração — disse Alleyne, prontamente.

— Então pegue este caminho à esquerda, te rogo, e depois a trilha de veados que passa à direita. Verá, então, sob uma grande faia, a cabana de

um carvoeiro. Diga a ele meu nome, bom senhor, o nome de Peter, o pisoeiro de Lymington, e peça por uma muda de roupas para que eu possa continuar minha viagem sem atraso. Há motivos pelos quais ele relutaria em me dizer não.

Alleyne partiu pelo caminho indicado e logo encontrou a cabana de toras onde residia o carvoeiro. Ele estava cortando lenha na floresta, mas sua esposa, uma dama corada e irrequieta, encontrou os trajes necessários e os amarrou num embrulho. Enquanto ela estava ocupada encontrando e dobrando as roupas, Alleyne Edricson ficou parado junto à porta aberta, fitando-a com muito interesse e certa desconfiança, pois nunca antes estivera tão perto de uma mulher. Ela tinha braços vermelhos e roliços, e usava um vestido de um firme tecido de lã, com um broche de latão do tamanho de um bolo de queijo na frente.

— Peter pisoeiro! — repetia ela sem parar. — Que absurdo! Se eu fosse a esposa de Peter pisoeiro, o ensinaria a não dar as roupas para o primeiro patife que as pedisse. Mas o Peter sempre foi uma pobre criaturinha, sempre amável e tolinho, embora tenhamos uma dívida com ele por ter ajudado a enterrar nosso segundo filho Wat, que era aprendiz dele em Lymington, no ano da peste negra. | Mas quem é, jovem senhor?

— Sou um clérigo vindo de Beaulieu, a caminho de Minstead.

— É, de fato! Foste criado na abadia, então. Pude perceber por tuas bochechas coradas e pelo olhar baixo. Aprendeste com os monges, imagino, a temer uma mulher como temerias um lazareto. Às favas com eles! E pensar que desonram as próprias mães com esses ensinamentos. Que belo mundo seria, sem mulheres.

— Que os céus nos livrem de que tal coisa aconteça! — disse Alleyne.

— Amém e amém! Mas és um rapaz bonito, e ainda mais por teus modos recatados. É fácil perceber por tua bochecha que não passaste os dias na chuva, no sol ou ao vento, como meu pobre Wat foi forçado a fazer.

— A bem dizer, vi mesmo pouco da vida, boa dama.

— Não encontrarás nada nela que compense a perda de tua própria juventude. Aqui estão as roupas, e Peter pode devolvê-las quando passar por aqui da próxima vez. Virgem Santa! Veja a poeira em teu gibão! É fácil perceber que não há mulher que te cuide. Assim está melhor! Agora me dê um beijo, menino.

Alleyne inclinou-se e a beijou, pois o beijo era uma saudação comum à época, e, como Erasmo observaria muito depois, mais utilizada na

Inglaterra que em qualquer outro país. Não obstante, o beijo fez o sangue novamente correr pelas têmporas do rapaz, e ele perguntou-se, enquanto se virava, como o abade Berghersh teria respondido a um convite tão sincero. Ainda formigava por conta dessa nova experiência quando chegou à grande estrada, e viu algo que esvaziou sua mente de quaisquer outros pensamentos.

A certa distância de onde Alleyne o havia deixado, o infeliz Peter batia os pés e balbuciava incoerentemente de maneira dez vezes pior que antes. Desta vez, porém, em vez do grande manto branco, não usava roupa alguma, a não ser por uma camisa curta de lã e um par de sapatos de couro. Ao longe na estrada corria uma silhueta de pernas longas, com um embrulho debaixo de um braço e a outra mão na cintura, como alguém que ri até doer a barriga.

— Veja! — gritou Peter. — Veja-o! Você será minha testemunha. Ele irá para a cadeia de Winchester por isso. Veja aonde ele vai com meu manto debaixo do braço!

— Mas quem? — exclamou Alleyne.

— Quem, senão aquele maldito irmão John? Ele não me deixou roupas suficientes sequer para montar um espantalho. O ladrão duplo me ludibriou e me tomou a beca.

— Espere aí, meu amigo, a beca era dele — contestou Alleyne.

— Não importa. Ele está com tudo: beca, justilho, calças e tudo o mais. Graças a ele ainda tenho a camisa e os sapatos. Não tenho dúvidas de que ele voltará para buscá-los em breve.

— Mas como foi que isso aconteceu? — perguntou Alleyne, com os olhos arregalados em espanto.

— São essas as roupas? Por caridade, dê aqui. Nem o próprio papa me tomará estas, mesmo que mande todo o colégio de cardeais a pedir. Como aconteceu? Ora, você mal tinha partido quando esse odioso John voltou correndo, e, quando abri a boca para repreendê-lo, ele me perguntou se seria realmente provável um homem de fé abandonar os próprios trajes religiosos para tomar o justilho de um leigo. Ele disse que simplesmente saía por um momento, para que eu ficasse mais desembaraçado em minhas devoções. Ao ouvir isso, tirei a beca, e ele, demonstrando muita pressa, começou a desatar os próprios nós, mas quando joguei a túnica no chão, ele a apanhou e saiu correndo, completamente desamarrado, me deixando neste triste apuro. Ele ria enquanto isso, como um enorme sapo a coaxar, e eu poderia

tê-lo alcançado se meu fôlego não fosse tão curto quanto as pernas dele são longas.

O jovem ouviu essa injusta história com toda a seriedade que conseguiu sustentar, mas à vista do homem ofegante de rosto vermelho e da dignidade com que ele se portava, o riso lhe sobreveio tão forte que ele teve de se apoiar em um tronco de árvore. O pisoeiro fitou-o triste e gravemente, mas ao perceber que ele continuava rindo, fez uma reverência com cortesia muito zombeteira, e saiu andando a passos largos com as roupas emprestadas. Alleyne o acompanhou com o olhar até que sumisse na distância, e então, secando as lágrimas dos olhos, partiu rapidamente em sua jornada mais uma vez.

CAPÍTULO IV

COMO O BAILIO DE SOUTHAMPTON MATOU OS DOIS HOMENS SEM SENHOR

A estrada que ele percorria quase não se equiparava à maioria das outras do reino em número de viajantes, e perdia em muito para as situadas entre as grandes cidades. Não obstante, de quando em quando Alleyne encontrava outros transeuntes, e mais de uma vez foi ultrapassado por mulas de carga e homens a cavalo viajando na mesma direção que ele mesmo. Em uma ocasião um frade pedinte veio mancando num hábito marrom, implorando, numa voz dolorosíssima, que lhe desse um único *groat* para comprar pão, com o qual se salvaria da morte iminente. Alleyne passou por ele rapidamente, pois aprendera com os monges a não ter apreço pelos frades errantes. Além disso, havia um enorme osso de carneiro meio mordido saltando de sua bolsa, o que o fazia passar por mentiroso. Por mais rápido que fosse, porém, não pôde escapar da praga dos quatro abençoados evangelistas que o mendicante lançou aos berros atrás de si. Tão medonhas eram as maldições que o assustado rapaz enfiou os dedos nos ouvidos e correu, até que o sujeito não fosse mais que um borrão marrom na estrada amarelada.

Mais adiante, às margens do bosque, encontrou um bufarinheiro e sua esposa sentados em uma árvore tombada. O homem pusera o fardo no chão como uma mesa, e os dois devoravam uma grande empanada de carne, regada à bebida de um jarro de pedra. O bufarinheiro fez um gracejo quando ele passou, e a mulher, esganiçada, chamou-o para se juntar a eles. O homem, a isso, passou subitamente da alegria à fúria, e começou a bater nela com seu porrete. Alleyne apressou-se para não causar mais problemas, com o coração pesado como chumbo dentro do peito. Para qualquer lado

que olhasse não via nada a não ser injustiça e violência, e homens sendo cruéis uns com os outros.

Mas bem quando ruminava tristemente sobre isso e sentia saudades da agradável paz da abadia, o jovem viu-se num espaço aberto salpicado de azevinhos, onde estava a coisa mais estranha em que ele jamais pusera os olhos. Perto do caminho havia uma moita comprida, e atrás dela quatro pernas humanas estavam no ar, trajando calças bicolores em amarelo e preto. A estranheza foi ainda maior quando uma alegre melodia irrompeu subitamente, e as quatro pernas começaram a chutar e a se debater ao ritmo da música. Andando na ponta dos pés pelos arbustos, ele parou, perplexo, ao ver dois homens saltitando para lá e para cá de cabeça para baixo. Um deles tocava uma viola da gamba e o outro uma flauta, com a alegria e a perfeição de alguém sentado num coral. Alleyne fez o sinal da cruz ao deparar com tal visão desnaturada, e mal pôde manter o rosto composto quando os dois dançarinos, ao pôr os olhos nele, vieram saltitando em sua direção. À distância de uma lança eles deram uma cambalhota no ar e aterrissaram em pé, com os rostos sorridentes e as mãos no coração.

— Um galardão, um galardão, meu cavaleiro dos olhos arregalados! — exclamou um.

— Um presente, meu príncipe! — gritou o outro. — Qualquer ninharia serve: uma bolsa de ouro, ou até um cálice adornado com joias.

Alleyne pensou no que havia lido sobre possessão demoníaca — os saltos, as contrações, a conversa estranha. Tinha em mente repetir o exorcismo apropriado para tais ataques, mas os dois desataram a rir de seu rosto assustado, e, voltando a ficar de cabeça para baixo, bateram os calcanhares zombeteiramente.

— Nunca viste acrobatas? — perguntou o mais velho, um homem moreno de sobranceiras negras, pardo e elástico como um ramo de avelã. — Por que se encolhe à nossa presença, então, como se fôssemos a prole do Maligno?

— Por que se encolhe, meu passarinho? Por que está tão assustado, meu querido cinamomo? — exclamou o outro, um jovem esguio com as articulações soltas e um olhar dançante e maroto.

— De fato, senhores, isto é novo para mim — respondeu o clérigo. — Quando vi suas quatro pernas acima do arbusto mal pude acreditar em meus próprios olhos. Por que é que fazem isto?

— Uma pergunta difícil de se responder — exclamou o mais jovem, voltando aos pés. — Uma pergunta muitíssimo capciosa, meu belo pássaro! Mas o quê? Um cantil, um cantil! Por tudo o que há de belo!

Ele esticou a mão enquanto falava, e, arrancando a garrafa de Alleyne do embornal, sacou habilmente a tampa e entornou metade do conteúdo na garganta. Passou o restante para seu camarada, que bebeu o vinho, e depois, para o crescente espanto do clérigo, fez parecer que engolia a garrafa, com tamanha habilidade que Alleyne pareceu vê-la desaparecer em sua garganta. No instante seguinte, porém, arremessou-a por sobre a própria cabeça, e a apanhou, de cabeça para baixo, com a panturrilha da perna esquerda.

— Agradecemos pelo vinho, bom senhor — disse ele —, e pela pronta cortesia com que ele nos foi oferecido. Quanto à pergunta, podemos dizer que somos andarilhos e jograis, que, após nos apresentarmos com muitos aplausos na feira de Winchester, estamos agora a caminho do grande mercado de Michaelmas, em Ringwood. No entanto, como nossa arte é muito fina e delicada, não podemos deixar passar um dia sem nos exercitarmos, e para tal fim escolhemos um local tranquilo e protegido onde podemos suspender nossa jornada. E aqui nos encontramos, e não nos surpreende que você, para quem as acrobacias são novidade, esteja espantado, já que muitos grandes barões, condes, marechais e cavaleiros, que viajaram a longas distâncias como a Terra Santa, estão de acordo ao dizer que nunca viram apresentação mais nobre ou graciosa. Se lhe aprouver sentar naquele toco, continuaremos agora nossos exercícios.

Alleyne sentou-se de boa vontade no local instruído, entre duas grandes trouxas que continham as vestimentas dos andarilhos — gibões de seda cor-de-fogo e cintos de couro com lantejoulas de estanho e latão. Os jograis estavam de cabeça para baixo mais uma vez, saltando por todos os lados com os pescoços firmes, ao mesmo tempo em que tocavam em ritmo e afinação perfeitos. Por acaso, estava visível em uma das trouxas a extremidade do que o clérigo percebeu ser uma cítola. Puxando-a, ele a afinou e dedilhou uma melodia em harmonia com a que os dançarinos tocavam. Ao ouvirem tal som eles soltaram os próprios instrumentos, e, apoiando as mãos no chão, passaram a saltitar cada vez mais rápido, sempre o incitando a tocar mais rápido, até que os três tiveram de parar por puro cansaço.

— Tocou bem, bonequinho! — exclamou o mais jovem. — Tens um raro toque nas cordas.

— Como é que sabia a melodia? — perguntou o outro.

— Eu não sabia. Apenas acompanhei as notas que ouvia.

Ao ouvirem isso ambos arregalaram os olhos, e encararam Alleyne com tanto espanto quanto o que ele demonstrara diante deles.

— É muito bom de ouvido, então — disse um. — Há muito queremos conhecer um homem assim. Gostarias de nos acompanhar até Ringwood? Tuas obrigações serão leves e receberás dois pence por dia, com comida para a ceia todas as noites. |

— Além de toda a cerveja que puder beber — disse o outro —, e um cantil de vinho gascão nos Sabás.

— Não, não será possível. Tenho outros afazeres. Demorei-me com vocês mais do que deveria — disse Alleyne, que, decidido, partiu em sua jornada mais uma vez. Correram atrás dele por um bocado do caminho, oferecendo primeiro quatro e depois seis pence por dia, mas ele apenas sorriu e balançou a cabeça negativamente, até que por fim ficaram para trás. Olhando para trás, viu que o menor subira nos ombros do mais jovem, e assim ficaram, com uns bons três metros de altura, acenando-lhe em adeus. Ele acenou de volta, e então se apressou, com o coração mais leve por ter encontrado esses homens estranhos e alegres.

A despeito de todas as pequenas ocorrências que lhe haviam sucedido, Alleyne ainda não percorrera grande distância. Não obstante, acostumado que estava a uma vida de quietude, em que o erro no preparo da cerveja ou uma alteração num hino do coral pareciam ser da maior importância, as rápidas reviravoltas da luz e das sombras da vida eram estranhamente surpreendentes e interessantes. Um abismo parecia separar esta viva e incerta existência e a antiga e estável rotina de trabalho e prece que ele deixara para trás. As poucas horas que haviam transcorrido desde que ele vira a torre da abadia alargavam-se em sua memória, até superarem meses inteiros da vida inerte no claustro. Enquanto andava e mastigava o pão macio do embornal, pareceu-lhe estranho sentir que ele ainda estava quente e recém-saído dos fornos de Beaulieu.

Quando passou por Penerley, onde havia três choupanas e um celeiro, atingiu a margem da região arborizada, e descobriu o grande urzal árido de Blackdown que se estendia à frente, completamente rosado pelas urzes e bronzeado pelos fetos desbotados. À esquerda o bosque ainda era denso, mas a estrada desviava-se dele e serpenteava pelo campo aberto. O sol estava baixo no Oeste, atrás de uma nuvem púrpura, por entre a qual

lançava uma luz suave e agradável sobre o páramo selvagem e cintilava na margem da floresta, convertendo as folhas em centelhas douradas, mais brilhantes pelas profundezas escuras atrás de si. Ao olhar humano, a decomposição e a morte são tão belas quanto o crescimento e a vida. Esse pensamento penetrou o coração de Alleyne quando ele observou a região campestre no outono e se maravilhou com sua beleza. Ele tinha pouco tempo para demorar-se nisso, porém, pois ainda havia seis boas milhas entre o local onde estava e a estalagem mais próxima. Sentou-se à beira da estrada para consumir o pão e o queijo, e então, com o embornal mais leve, apressou-se pelo caminho.

Parecia haver mais viajantes nos outeiros que na floresta. Cruzou primeiro com dois dominicanos em suas compridas vestes negras, que passaram por ele com os olhos baixos e os lábios em oração, sem lhe destinarem sequer uma olhadela. Veio então um frade cinzento, ou minorita, com uma grande pança, andando devagar e olhando ao redor com o ar de quem está em paz consigo mesmo e com todos os outros. Ele interpelou Alleyne para lhe perguntar se não seria verdade que havia um albergue em algum lugar por ali, particularmente famoso por um ensopado de enguias. À resposta do clérigo de que ouvira falar bem sobre as enguias de Sowley, o frade lambeu os lábios e apertou o passo. Logo em seu encalço vieram três lavradores andando lado a lado, com pás e alviões nos ombros. Cantavam um rude refrão em harmonia enquanto andavam, mas num inglês tão rústico e grosseiro que, aos ouvidos de um homem criado no claustro, mais parecia uma língua estrangeira e bárbara. Um deles carregava um jovem abetouro capturado no urzal, que ofereceram a Alleyne por um *groat* de prata. O rapaz ficou muito satisfeito ao passar por eles em segurança, pois, com suas barbas ruivas eriçadas e os ferozes olhos azuis, eram homens suspeitosos para se fazer permuta em um urzal solitário.

Contudo, não são sempre os mais brutos e bravios que devem ser mais temidos. Os trabalhadores o fitaram famintos e seguiram seu trajeto pesada e vagarosamente, à maneira saxã. Pior para lidar foi o aleijado com perna-de-pau que veio coxeando pelo caminho, com aparência tão fraca e velha que não meteria medo sequer em uma criança. Não obstante, quando Alleyne passou por ele, por pura diabrura, o homem de súbito lhe lançou uma maldição e atirou uma pedra afiada, que passou voando perto de sua orelha. Tão horrível era a fúria sem causa da desgraçada criatura que o clérigo sentiu um arrepio gelado, e saiu correndo até estar fora do alcance

de pedras ou palavras. Parecia a ele que nesta região da Inglaterra um homem não tinha qualquer proteção, a não ser a que residia na força de seus próprios braços e na velocidade de seus pés. No claustro ouvira vagas conversas sobre a lei — a poderosa lei que estava acima de qualquer prelado ou barão, mas ele não vislumbrava qualquer sinal dela. Qual era a vantagem de uma lei bem escrita em um pergaminho, perguntou-se, se não havia oficiais para garantir seu cumprimento? Antes de o sol se pôr, ainda naquela tarde, porém, calhou de Alleyne poder presenciar a severidade da lei inglesa quando de fato apanhava os delinquentes.

A mais ou menos uma milha urzal adentro, a estrada mergulha muito subitamente rumo a um vale, com um córrego cor-de-turfa correndo rápido no meio. À direita havia, e ainda há até hoje, uma antiga mamoa, ou colina tumular, vastamente coberta por uma folhagem de urzes e samambaias. Alleyne descia penosamente pelo declive de um dos lados quando viu uma dama idosa vindo em sua direção, mancando de cansaço e apoiando-se pesadamente numa bengala. Ficou desamparada quando chegou à beira do córrego, olhando para os dois lados à procura de algum vau. Uma grande pedra fora assentada no centro do riacho por onde o caminho passava, mas ela estava muito distante da margem para os velhos e incertos pés da dama. Por duas vezes ela avançou na direção da pedra, e nas duas recuou. Por fim, desistiu aflita, e sentou-se na margem torcendo as mãos, cansada. Ainda estava ali sentada quando Alleyne chegou à travessia.

— Vamos, mãe — disse ele —, não é uma passagem tão perigosa.

— Ai de mim, bom jovem! — respondeu ela. — Tenho uma secreção nos olhos, e embora possa ver que há uma pedra ali, de forma alguma consigo ter certeza de onde ela está.

— Isso pode ser facilmente resolvido — disse ele alegremente, e, levantando-a delicadamente, pois estava bastante fragilizada pela idade, fez com ela a travessia. Não pôde deixar de observar, porém, que quando a pôs no chão, os joelhos dela pareceram fraquejar e ela mal conseguia sustentar-se com o cajado.

— Está fraca, mãe — disse ele. — Viajaste muito, percebo.

— Venho de Wiltshire, amigo — disse ela, em voz trêmula —, estou há três dias na estrada. Vou visitar meu filho, que é um dos oficiais de floresta do rei em Brockenhurst. Ele sempre disse que cuidaria de mim na velhice.

— E com razão, mãe, já que cuidou dele na juventude. Mas quando foi que quebrou o jejum?

— Em Lydenhurst, mas ai de mim! Meu dinheiro está no fim, e eu não conseguiria mais que um prato de mingau de farelo no convento. Mas espero conseguir chegar a Brockenhurst hoje à noite, onde terei tudo o que desejar. Ó senhor, meu filho é um bom homem, de coração gentil, e saber que ele veste um gibão verde-lincoln e é empregado do próprio rei me satisfaz tanto quanto comer.

— Ainda é uma longa distância até Brockenhurst — disse Alleyne —, mas aqui estão o pão e o queijo que ainda tenho, e eis aqui, também, um pêni que pode ajudá-la a cear. Que Deus esteja contigo!

— Que Deus esteja contigo, jovem! — exclamou ela. — Que Ele faça seu coração tão feliz quanto fizeste o meu! — Ela se virou ainda murmurando bênçãos, e Alleyne assistiu enquanto a pequena silhueta e a longa sombra subiam o morro devagar.

Ele mesmo estava prestes a se afastar, quando seus olhos depararam com uma estranha visão, que fez sua pele formigar. Da moita emaranhada na velha mamoa coberta de mato, dois rostos humanos o observavam. O sol poente batia em cheio sobre eles, revelando cada traço e feição. Um deles era um velhote com barba fina, nariz torto e um grande borrão vermelho na testa, uma marca de nascimento. O outro era negro, algo raramente visto na Inglaterra naquela época, e ainda mais raro nas tranquilas regiões do sul. Alleyne lera sobre tal povo, mas nunca antes havia visto um deles, e mal podia tirar os olhos dos lábios salientes e dos dentes brilhantes do sujeito. Enquanto admirava, porém, os dois se esgueiraram pelas urzes e desceram na direção dele. Portavam-se de maneira tão furtiva e culpável que o clérigo sentiu que não havia nada de bom neles, e apressou-se em seu caminho.

Ainda não alcançara o topo da encosta, quando ouviu um tumulto repentino atrás de si e uma fraca voz balindo por socorro. Ao olhar para trás, lá estava a velha dama na estrada com o véu esvoaçando à brisa, enquanto os dois velhacos, o negro e o branco, debruçavam-se sobre ela, arrancando-lhe o pêni e outras ninharias que valessem a pena levar. Ao ver os finos braços dela a se debater em débil resistência, um fulgor de raiva tão feroz tomou conta de Alleyne que fez de sua cabeça um turbilhão. Deixando cair o embornal, ele saltou pelo córrego mais uma vez e partiu em direção aos dois vilões, com o cajado girando acima do ombro e os olhos cinzentos ardendo em fúria.

Os ladrões, entretanto, não estavam dispostos a deixar a vítima até terminarem seus perversos desígnios. O negro, com o lenço carmesim da

mulher amarrado à cabeça morena, adiantou-se até o centro do caminho, com uma longa faca baça na mão. O outro, brandindo um porrete rústico, praguejava contra Alleyne e o desafiava a avançar. O sangue do rapaz estava bastante inflamado, no entanto, e ele não precisava de tal provocação. Atirando-se contra o homem negro, atingiu-o com tanta vontade que ele deixou a faca cair com um tinido na estrada, e saltou aos gritos para uma distância mais segura. O segundo velhaco, no entanto, de índole mais robusta, investiu contra o clérigo e o agarrou pela cintura com a firmeza de um urso, enquanto gritava para que o camarada se aproximasse e o apunhalasse pelas costas. Diante disso o negro se encorajou, e, apanhando novamente o punhal, aproximou-se furtivamente e com um olhar assassino, enquanto os dois balançavam para a frente e para trás, cambaleando para lá e para cá. Bem no meio da briga, porém, quando Alleyne se preparava para sentir a lâmina fria entre os ombros, ouviu-se um súbito som de cascos. O homem negro berrou aterrorizado e saiu correndo pelas urzes, temendo pela própria vida. O homem com a marca de nascimento também fazia grande esforço para se soltar, e Alleyne ouviu o ranger dos dentes e sentiu os membros dele afrouxarem em suas mãos. A esse sinal de ajuda próxima, o clérigo segurou com mais força e por fim conseguiu imobilizar o homem no chão, dando uma olhadela para atrás a fim de descobrir a origem de todo o barulho.

Um homem grande e corpulento vinha descendo pelo declive da estrada, trajado em uma túnica de veludo púrpura e forçando um grande cavalo negro a seu máximo galope. Inclínava-se sobre o pescoço do animal enquanto montava e erguia os ombros a cada salto, como se estivesse levantando o corcel ao invés de ser carregado por ele. No rápido relance, Alleyne viu que ele usava luvas brancas de camurça, uma pluma branca enrolada na boina de veludo e um largo cinturão adornado de ouro no peito. Atrás dele vinham mais seis homens a cavalo, de dois em dois, trajados em sóbrios justilhos marrons e com os longos cabos amarelos dos arcos salientes por sobre os ombros direitos. Estrondearam colina abaixo, passaram pelo riacho e subiram até o local do confronto.

— Aqui está um! — disse o líder, saltando do ofegante cavalo e agarrando o patife branco pela beirada do justilho. — Este é um deles. Eu o reconheço por esta marca do diabo na testa. Onde estão suas cordas, Peterkin? Assim! Amarre os pés e as mãos. A última hora dele chegou. E o você, jovem, quem seria?

— Sou um clérigo, senhor, vindo de Beaulieu.

— Um clérigo! — exclamou o outro. — És de Oxenford ou de Cambridge? Tens uma carta do cancelário de teu colégio dando-te permissão para pedir? Deixa-me ver tua carta. — Ele tinha o rosto anguloso e severo, com espessas suíças e um olhar muito questionador.

— Sou da abadia de Beaulieu, e não tenho necessidade de pedir — disse Alleyne, completamente trêmulo agora que a briga terminara.

— Melhor para ti — respondeu o outro. — Sabes quem sou?

— Não, senhor, não sei.

— Eu sou a lei! — com um aceno solene de cabeça. — Sou a lei da Inglaterra, e porta-voz de Sua Mui Graciosa Majestade Real, Eduardo Terceiro.

Alleyne fez uma profunda reverência para o representante do rei.

— Chegou realmente em boa hora, honrado senhor — disse. — Um instante mais tarde e eles teriam me matado.

— Mas deveria haver outro — exclamou o homem da cota púrpura. — Deveria haver um negro. Um marinheiro com o fogo de Santo Antônio e um negro que o servira como cozinheiro, é esta a dupla que perseguimos.

— O negro fugiu para aquele lado — disse Alleyne, apontando para a mamoa.

— Ele não pode ter ido muito longe, senhor bailio — exclamou um dos arqueiros, puxando o arco. — Está escondido em algum lugar, pois sabe bem, pagão perverso que é, que as quatro patas de nossos cavalos correriam mais rápido que as duas dele.

— Então o apanharemos — disse o outro. — Nunca se deverá dizer, enquanto eu for o bailio de Southampton, que qualquer malfeitor, larápio, salteador ou assassino saiu incólume à minha presença e à de meus homens.

Deixem esse velhaco aí deitado. Agora formem fila, meus alegres rapazes, com as flechas nas cordas, e lhes mostrarei uma atividade que só o rei pode fornecer. Você ficará à esquerda, Howett, e Thomas de Redbridge à direita. Assim! Atirem em cima e em baixo nas urzes, e o atirador mais sortudo ganhará uma jarra de vinho.

Calhou, porém, de os buscadores não precisarem procurar muito longe. O negro se entocara fundo no esconderijo da colina, onde poderia ter ficado bastante confortável, não fosse pelo adereço vermelho na cabeça. Quando ele se levantou para observar os inimigos através das samambaias, a cor espalhafatosa chamou a atenção do bailio, que bramiu um longo apupo e

esporeou com a espada na mão. Vendo-se descoberto, o homem precipitou-se de seu esconderijo e saltou em velocidade máxima à frente da fileira de arqueiros, mantendo-se uns bons cem passos à frente deles. Os dois que estavam posicionados nos lados de Alleyne dobraram os arcos calmamente, como se estivessem atirando em papagaios na feira da aldeia.

— Sete jardas de resistência do ar, Hal — disse um, cujo cabelo tinha mechas grisalhas.

— Cinco — respondeu o outro, soltando a corda. Alleyne engoliu em seco, pois o risco amarelo pareceu atravessar pelo homem. Ele, porém, continuou a correr.

— Sete, seu idiota — resmungou o que falara primeiro, e seu arco vibrou como uma corda de harpa. O homem negro pulou alto no ar e abriu tanto os braços quanto as pernas, caindo completamente esparramado em meio às urzes. — Bem debaixo da omoplata! — disse o arqueiro, caminhando em direção a sua flecha.

— O velho cão de caça é o melhor, no final das contas — disse o bailio de Southampton, quando voltaram à estrada. — Isso lhe dá direito a um quartilho do melhor malvasia em Southampton ainda hoje à noite, Matthew Atwood. Tens a certeza de que ele morreu?

— Morto como Pôncio Pilatos, venerável senhor.

— Muito bem. Agora, quanto ao outro patife. Há árvores de sobra naquela direção, mas dificilmente teríamos tempo para chegar a elas. Desembainhe a espada, Thomas de Redbridge, e arranque a cabeça dele dos ombros para mim.

— Uma mercê, bom senhor, uma mercê! — implorou o homem condenado.

— Que foi, então? — perguntou o bailio.

— Confessarei meu crime. De fato fomos eu e o cozinheiro negro, ambos do navio *La Rose de Gloire*, de Southampton, a abordar o mercador de Flandres e a roubar-lhe as especiarias e mercadorias, pelo que, bem sabemos, o senhor tem um mandado contra nós.

— Há pouco valor nesta confissão — disse o bailio severamente. — Fizeste mal dentro dos limites de meu bailiado, e deves morrer.

— Mas, senhor — argumentou Alleyne, branco até os lábios diante de tais eventos sangrentos —, ele ainda não foi a julgamento.

— Jovem clérigo — disse o bailio —, você fala sobre algo de que nada sabe. É verdade que ele não foi a julgamento, mas o julgamento veio até

ele. Ele fugiu da lei, e está além do âmbito dela. Não te imiscuas no que não é de teu interesse. Mas qual é a mercê, velhaco, que desejarias?

— Tenho em meu sapato, mui venerável senhor, uma lasca de madeira que outrora pertenceu ao barco em que o abençoado Paulo foi lançado à ilha de Melita. Comprei-a por dois nobres reais de um marinheiro que veio do Levante. A mercê que desejo é que o senhor a coloque em minhas mãos, e me deixe morrer ainda agarrado a ela. Dessa maneira, não apenas minha salvação eterna estará garantida, mas a tua também, pois jamais deixarei de interceder por ti.

À ordem do bailio, retiraram o sapato do sujeito, e lá, na parte interna, embrulhada em uma peça de seda fina, havia mesmo uma lasca de madeira comprida e escura. Os arqueiros tiraram os chapéus à vista dela, e o bailio fez o sinal da cruz devotamente quando a entregou ao ladrão.

— Se por algum acaso — disse ele —, pelas insuperáveis virtudes do sagrado Paulo, sua alma maculada por pecados conseguir entrada no paraíso, espero que não se esqueça da intercessão que prometeu. Tenha em mente, também, que é pelo bailio Herward que deve orar, e não pelo xerife Herward, que é filho de meu tio. Agora, Thomas, rogo que o liquide, pois temos uma longa cavalgada pela frente e o sol já se pôs.

Alleyne observou pasmado aquela cena — o oficial corpulento trajando veludo, o bando de arqueiros de rostos duros com as mãos nas rédeas dos cavalos, o ladrão com os braços amarrados às costas e o gibão puxado abaixo dos ombros. À beira da trilha a velha dama estava de pé, amarrando o véu vermelho mais uma vez ao redor da cabeça. Bem quando Alleyne assistia, um dos arqueiros desembainhou a espada com um tinir agudo de aço, e caminhou em direção ao homem perdido. O clérigo distanciou-se depressa, horrorizado, mas antes que tivesse percorrido muitos passos, ouviu um baque súbito e taciturno, com um som sufocado e sibilante ao final. Um minuto depois, o bailio e quatro de seus homens passaram cavalgando por ele a caminho de Southampton, tendo os outros dois sido escolhidos como coveiros. Quando passaram, Alleyne viu que um dos homens limpava a lâmina da espada na crina do cavalo. Um mal terrível lhe sobreveio diante de tal visão. Sentando-se à beira do caminho, debulhou-se em lágrimas, com os nervos em frangalhos. Este era um mundo terrível, pensou ele, e era difícil saber quem devia ser mais temido, se os malfeitores ou os homens da lei.

CAPÍTULO V

COMO UMA ESTRANHA COMPANHIA SE REUNIU NO ESMERILHÃO MALHADO

A noite já caíra e a lua brilhava por entre as brechas das nuvens esparsas à deriva, antes de Alleyne Edricson, com os pés doloridos e cansados por conta do exercício incomum, ver-se à frente da estalagem campestre situada nos arredores de Lyndhurst. A construção era comprida e baixa, um pouco afastada da estrada, com dois archotes queimando em cada lado da porta como boas-vindas para os viajantes. De uma janela precipitava-se um longo mastro com um punhado de folhas amarrado à ponta — um sinal de que bebidas alcoólicas eram vendidas ali dentro. Quando Alleyne caminhou na direção do prédio, percebeu que era construído rusticamente de vigas de madeira, e o brilho interno que vazava por entre as fendas lançava luzes bruxuleantes por todos os lados. O telhado era precário e feito de palha, mas em estranho contraste, abaixo dos beirais havia uma fileira de escudos de madeira, todos maravilhosamente pintados com cabrias, bandas, sautores e todos os distintivos heráldicos. À porta havia um cavalo amarrado, e o brilho avermelhado batia forte em sua cabeça marrom e nos olhos pacientes, enquanto o lombo permanecia à sombra.

Alleyne ficou parado na estrada por alguns minutos, refletindo sobre o que deveria fazer. Sabia que faltavam apenas algumas milhas até Minstead, onde seu irmão residia. Por outro lado, não vira o irmão desde a infância, e os relatos que haviam chegado a seus ouvidos a respeito dele raramente eram favoráveis. A fama era a de um homem duro e cruel.

Bater à porta dele tão tarde e pedir o abrigo de seu teto poderia ser um começo com o pé esquerdo. Seria melhor dormir aqui, nesta estalagem, e prosseguir até Minstead pela manhã. Se o irmão o recebesse, muito bem.

Ficaria com ele por um tempo e faria o possível para servi-lo. Se, por outro lado, seu coração estivesse endurecido contra Alleyne, este só poderia seguir seu caminho e fazer o melhor possível com suas habilidades de artesão e escriba. Ao fim do ano estaria livre para voltar ao claustro, pois fora essa a condição do testamento de seu pai. Uma criação monástica, um ano no mundo aos vinte anos, e então a livre escolha por um caminho ou pelo outro — um percurso estranho lhe havia sido traçado. Embora assim fosse, não tinha escolha senão segui-lo, e se quisesse começar fazendo amizade com o irmão, era melhor esperar até o amanhecer para bater à porta de sua residência.

A rústica porta de tábuas estava entreaberta, mas quando Alleyne se aproximou, a rajada de risadas rústicas e a algazarra de línguas o fizeram parar, hesitante, diante da soleira. Reunindo coragem, porém, e refletindo que se tratava de uma casa pública, dentro da qual tinha tanto direito quanto qualquer um, ele empurrou a porta e adentrou a sala comunal.

Embora fosse uma noite de outono um tanto quente, uma grande fogueira com toras amontoadas crepitava e soltava fagulhas numa ampla grelha aberta, e um pouco da fumaça escapava por uma rústica chaminé. A maior parte, porém, espalhava-se pelo cômodo, de forma que o ar estava denso e um homem vindo de fora mal podia respirar. Sobre a fogueira um grande caldeirão fervia e borbulhava, exalando um odor espesso e promissor. Ao redor dele estavam sentadas mais ou menos uma dúzia de pessoas, de todas as idades e posições, que aprontaram tamanha gritaria à entrada de Alleyne que ele permaneceu de pé, olhando-os através da fumaça, incerto quanto ao que essa barulhenta saudação poderia significar.

— Um drinque! Um drinque! — bradou um sujeito de aparência grosseira, vestindo um justilho esfarrapado. — Mais uma rodada de hidromel ou cerveja, e a conta para o recém-chegado.

— É a lei do Esmerilhão Malhado — gritou outro. — Alô, dama Eliza! Eis aqui um cliente recém-chegado à casa, e nenhum gole para a companhia.

— Às suas ordens, cavalheiros, certamente recolherei seus pedidos — disse a estalajadeira, entrando com as mãos cheias de copos de couro. — Que é que vão beber, então? Cerveja para os rapazes da floresta, hidromel para o trovador, um destilado para o funileiro e vinho para o resto. É um antigo costume da casa, jovem senhor. Há muitos anos a tradição no

Esmerilhão Malhado é que a companhia beba à saúde do recém-chegado. Gostaria de perpetuá-la?

— Ora, boa dama — disse Alleyne —, eu não gostaria de ofender os costumes de sua casa, mas devo ser honesto e dizer que minha bolsa está bem leve. No entanto, ficarei bem contente em cumprir meu papel com o que dois pence puderem comprar.

— Uma resposta simples e valente, meu frade de colo — rugiu uma voz profunda, e uma mão pesada caiu sobre o ombro de Alleyne. Ao olhar para cima, ele viu ao seu lado seu antigo companheiro de claustro, o monge renegado, Hordle John.

— Pelo espinheiro de Glastonbury! Dias ruins chegarão a Beaulieu — disse ele. — Em um só dia eles se livraram dos dois únicos homens que viviam lá. Já te observei, jovem, e sei que, por mais que tenhas essa cara de bebê, há um homem em potencial dentro de ti. Há também o abade. Não sou amigo dele, nem o contrário, mas ele tem sangue quente nas veias. É o único homem que restou entre eles. Os outros, o que são?

— São homens santos — Alleyne respondeu solenemente.

— Homens santos? São repolhos santos! Feijões santos! Que é que que fazem, senão sugar o sustento e engordar? Se isso é santidade, posso lhe mostrar porcos na floresta que estão aptos a encabeçar o calendário. Acha que foi para essa vida que este ótimo braço foi atado ao meu ombro, ou essa cabeça colocada em seu pescoço? Há trabalho no mundo, homem, e não é nos escondendo atrás de muros de pedra que o faremos.

— Por que, então, se juntou aos irmãos? — perguntou Alleyne.

— Uma pergunta justa, com uma resposta igualmente justa. Juntei-me a eles porque Margery Alspaye, de Bolder, casou-se com Thomas Torto, de Ringwood, e deixou um certo John de Hordle desamparado, por ser um aventureiro errante e prosador, indigno de confiança na vida conjugal. Foi por isso, por ser apaixonado e ter a cabeça quente, que deixei o mundo. E é por isso que, após um tempo para refletir, estou bem contente por estar de volta a ele mais uma vez. Maldito dia em que troquei meu justilho de *yeoman* pela beca branca!

Enquanto ele falava a estalajadeira voltara carregando uma larga bandeja, sobre a qual estavam todas as taças e jarros, cheios até a borda, com a cerveja marrom ou o vinho cor de rubi. Atrás dela vinha uma criada com uma enorme pilha de pratos de madeira e um grande feixe de colheres, distribuídas uma a uma aos viajantes. Dois dos convivas, vestidos com os

surrados gibões verdes dos coiteiros, levantaram a grande panela do fogo. Um terceiro, com uma enorme concha de estanho, serviu a cada um uma porção dos fumegantes nacos de carne. Alleyne levou sua parte e a caneca de cerveja para uma mesinha no canto, onde podia cear em paz e assistir à estranha cena, tão diferente das refeições silenciosas e metódicas com que estava acostumado.

O lugar não estava longe de parecer um estábulo. O teto baixo, sujo e enegrecido pela fumaça, era perfurado por vários alçapões quadrados com escadas de madeira rústica. As paredes, feitas de tábuas cruas e sem pintura, eram cravejadas aqui e ali por grandes pregos de madeira, posicionados em alturas e intervalos irregulares, dos quais pendiam sobretúnicas, alforjes, chicotes, rédeas e selas. Acima da lareira estavam pendurados seis ou sete escudos de madeira, com brasões de armas grosseiramente pintados, que revelavam, por seus variados graus de fuligem e sujeira, que haviam sido colocados ali em diferentes momentos. Não havia mobília, a não ser por uma única cômoda comprida coberta de louças toscas e vários bancos e mesinhas de madeira, cujas pernas afundavam profundamente no macio chão de terra. A única luz, à exceção da fogueira, era fornecida por três archotes enfiados em vãos na parede, que tremeluziam e crepitavam liberando um odor forte e resinoso. Tudo isso era curioso e estranho para o jovem criado no claustro, mas o mais interessante de tudo era o variado círculo de convivas, sentados a comer seus nacos de carne em torno das chamas. Era um grupo humilde de viajantes, como os que se poderia encontrar naquela mesma noite em qualquer estalagem da Inglaterra. Para ele, porém, representavam o incerto mundo sobre o qual fora advertido com tanta frequência e seriedade. Não lhe parecia, pelo que podia ver, um lugar tão perverso no final das contas.

Três ou quatro dos homens ao redor do fogo eram evidentemente zeladores e *verderers* da floresta, barbados e queimados de sol, com olhares astutos e inquietos e os movimentos ágeis das corças em meio às quais viviam. Próximo ao canto da chaminé estava sentado um trovador de meia-idade, trajado em uma desbotada vestimenta de tecido de Norwich, cuja túnica era tão apertada que já não fechava no pescoço e na cintura. Tinha o rosto inchado e áspero, e os olhos, salientes e lacrimosos, revelavam uma vida que nunca perambulava a grandes distâncias de um jarro de vinho. Uma harpa dourada com várias manchas e faltando duas cordas estava enfiada debaixo de um de seus braços, enquanto com o outro ele servia-se

do prato com avidez. Perto dele estavam sentados dois homens mais ou menos da mesma idade. O casaco de um era ornado com pele de animais, o que lhe emprestava uma dignidade que ele evidentemente prezava mais que o conforto, pois continuava a usá-lo mesmo com o fulgor quente da lenha. O outro, trajando um sujo traje castanho-avermelhado e um comprido gibão, tinha o rosto ardiloso, à feição de uma raposa, com olhos aguçados e brilhantes e uma barba pontuda. Próximo a ele estava Hordle John, e, ao lado deste, outros três sujeitos mal-arranjados, com barbas e cabelos emaranhados — lavradores livres das fazendas vizinhas, onde pequenos terrenos de propriedade livre e alodial haviam sido fadados a permanecer espalhados em meio aos domínios reais. Os últimos da companhia eram um camponês, em vestimenta rústica de pele de carneiro sem tingimento e bombachas antiquadas nas pernas, e um jovem que vestia uma alegre capa listrada e chanfrada nas beiradas, além de calças bicolores. Este, com um ar de grande desdém no rosto, com uma mão segurava um frasco azul próximo ao nariz, enquanto a outra brandia uma atarefada colher. No canto, um homem muito gordo estava completamente esparramado sobre uma treliça e roncava ruidosamente, claramente no último nível de embriaguez.

— Aquele é Wat, o pintor — disse a estalajadeira, sentando-se ao lado de Alleyne e apontando com a concha para o homem adormecido. — É ele quem pinta as placas e símbolos. Ai de mim, que fui tola o bastante para confiar nele! Meu jovem, que tipo de pássaro diria que é um esmerilhão malhado, o próprio símbolo de meu albergue?

— Ora — disse Alleyne —, um esmerilhão é um pássaro que tem a mesma forma de uma águia ou um falcão. Lembro-me bem que o sábio irmão Bartholomew, profundo conhecedor de todos os segredos da natureza, me apontou um quando caminhávamos perto da Serra de Vinney.

— Um falcão ou uma águia, deveras? E malhado quer dizer de duas cores. Isso é o que qualquer um diria, a não ser por este barril de mentiras que temos aqui. Ele veio a mim, veja bem, dizendo que se eu lhe fornecesse um galão de cerveja, com a qual ele se fortaleceria enquanto trabalhava, além dos pigmentos e de uma tábua, ele pintaria para mim um esplêndido esmerilhão malhado, que eu poderia pendurar junto com os brasões acima da porta. Eu, tola e simplória que sou, dei-lhe a cerveja e tudo o que pedia, deixando-o também sozinho, pois ele disse que se deve deixar a mente despreocupada quando há um grande trabalho a executar. Quando voltei, a jarra estava vazia e ele estava deitado como o vê agora, a tábua à frente com

este desenho deplorável. — Ela levantou uma tabuleta que estava encostada na parede, e mostrou uma pintura rústica de uma ave magricela e angulosa, com pernas muito longas e o corpo sarapintado.

— Isto se parece — perguntou ela —, com o pássaro que viste?

Alleyne balançou a cabeça negativamente, sorrindo.

— Não, nem com nenhum outro pássaro que já sacudiu as penas. Parece mais um frango depenado que morreu de febre maculosa. E ainda é escarlate! O que cavalheiros como sir Nicholas Boarhunte, ou sir Bernard Brocas, de Roche Court, diriam se vissem uma coisa destas? Ou talvez até mesmo sua própria Majestade, o rei, que com frequência cavalga por aqui, e ama seus falcões tanto quanto os próprios filhos? Seria a ruína de minha casa.

— Isto ainda pode ser consertado — disse Alleyne. — Rogo-lhe, boa dama, que me dê esses três potes de pigmento e o pincel, e tentarei melhorar esta pintura.

A dama Eliza fitou-o em dúvida, como se temesse outra artimanha, mas como ele não fizera qualquer exigência quanto a cerveja, finalmente trouxe as tintas e assistiu enquanto ele as espalhava na tábua, falando sobre as pessoas ao redor do fogo enquanto isso.

— Os quatro rapazes da floresta devem partir em breve — disse ela. — Eles residem em Emery Down, que fica a uma milha ou mais daqui. São ponteiros *yeomen*, que cuidam da caça do rei. O trovador se chama Will Flautista. Ele vem das terras do norte, mas por muitos anos tem percorrido o caminho da floresta entre Southampton e Christchurch. Ele bebe muito e paga pouco, mas ouvi-lo cantar a “Galhofa do Gracioso Tobias” faria suas costelas doerem de tanto rir. Talvez ele cante, quando a cerveja o esquentar.

— Quem são aqueles perto dele? — perguntou Alleyne, muito interessado. — Aquele do manto de peles tem o rosto sábio e reverente.

— É um vendedor de pílulas e unguentos, grande conhecedor de humores, reumas, fluidos e todos os tipos de moléstias. Ostenta na manga, como pode perceber, a verônica do Sagrado Lucas, o primeiro médico. Queira o bom São Tomás de Kent que eu e os meus não necessitemos da ajuda dele tão cedo! Ele ficará aqui hoje à noite para dormir, assim como os outros, exceto os couteiros. O vizinho dele é um tira-dentes. Aquela sacola no cinto dele está cheia dos dentes que arrancou na feira de Winchester. Garanto que há mais deles em boas condições que em más, pois ele é rápido no ofício, mas tem a vista um bocado turva. O homem robusto perto dele,

de cabelos ruivos, eu nunca vi antes. Os quatro ao lado são todos trabalhadores, três deles ao serviço do bailio de sir Baldwin Redvers, e o outro, aquele com a pele de carneiro, pelo que ouvi dizer, é um vilão das Midlands que fugiu de seu senhor. O termo de um ano e um dia dele está quase no fim, e ele será um homem livre.

— E o outro? — perguntou Alleyne, com um sussurro. — Certamente é um homem muito importante, pois tem um ar de desdém pelos que estão ao redor.

A estalajadeira fitou-o com um olhar maternal e balançou a cabeça. — Não deve conhecer muito do mundo — disse ela —, ou teria aprendido que são os homens pequenos, e não os grandes, que andam de nariz em pé. Veja os escudos em minha parede e sob meu beiral. Cada um deles é o distintivo de algum nobre senhor ou bravo cavaleiro que dormiu sob meu teto em algum momento. Nunca vi homens mais amenos ou fáceis de agradar, porém: comem o toucinho e bebem de meu vinho com os rostos alegres, e pagam a conta com algum gentil comentário ou gracejo, que prezo mais que o lucro. São eles os verdadeiros cavalheiros. Mas o vendedor ambulante e o guarda-ursos blasfemam que há visco no vinho e água na cerveja, e ao final vão-se embora derramando pragas ao invés de bênçãos. Esse jovem é um acadêmico de Cambrig, onde os homens costumam ficar inebriados por um pouco de conhecimento, e desaprendem a usar as mãos quando estudam as leis dos romanos. Mas tenho de ir estender as camas. Que os santos o protejam e garantam a prosperidade de sua tarefa!

Assim, deixado consigo mesmo, Alleyne posicionou a tabuleta de madeira num local onde a luz de um dos archotes batia em cheio, e trabalhou com todo o prazer do artesão treinado, enquanto ouvia a conversa ao redor da fogueira. O camponês vestido em peles de carneiro, que permanecera sentado carrancudo durante toda a noite, ficara tão exaltado pelo jarro de cerveja que agora falava alta e furiosamente, com os punhos cerrados e os olhos fulgurantes.

— Sir Humphrey Tennant, de Ashby, pode lavrar os próprios campos para mim — exclamou. — O castelo já fez sombra sobre a choupana durante demasiado tempo. Por trezentos anos meus parentes suaram à exaustão, todos os dias, para manter o vinho na mesa do lorde e o arnês nas costas dele. Que ele tire os próprios pratos e se arme sozinho, se precisar se armar.

— Uma atitude digna, meu bom filho! — disse um dos lavradores livres.
— Quisera que todos os homens pensassem como ti.

— Ele ia me vender, junto com as terras — exclamou o outro, em uma voz rouca e ardente. “O homem, a mulher e a ninhada”, foram as palavras do bailio caquético. Nem um boi da fazenda é vendido mais facilmente. Rá! Pode ser que ele acorde numa noite escura, com as chamas lambendo suas orelhas. O fogo é um bom amigo dos pobres, e já vi montes fumegantes de cinzas onde, na noite anterior, havia uma vila acastelada como a de Ashby.

— Eis aqui um rapaz de fibra! — gritou outro lavrador. — Ele se atreve a pôr para fora o que todos pensam. Não viemos todos da virilha de Adão, não somos todos feitos de carne e osso, com a mesma boca que necessita de comida e de bebida? Onde está, então, toda a diferença entre o manto de arminho e a túnica de couro, se ambas cobrem a mesma coisa?

— É, Jenkin — disse outro —, nosso inimigo está sob a estola e a batina, tanto quanto sob o elmo e couraça. Temos tanto a temer da tonsura quanto do lorigão. Se o nobre é atacado, o sacerdote grita; se o sacerdote é atacado, o nobre põe as mãos na archa. São ladrões gêmeos, que vivem de nossa labuta.

— Só alguém esperto poderia viver do teu suor, Hugh — comentou um dos couteiros —, visto que na metade do tempo bebes hidromel no Esmerilhão Malhado.

— É melhor do que roubar a corça que deveria guardar, como certas pessoas que conheço.

— Se ousar abrir essa boca de suíno contra mim — berrou o mateiro —, vou cortar suas orelhas fora antes que o carrasco o faça, seu idiota queixudo.

— Não, cavalheiros, cavalheiros! — exclamou a dama Eliza, em uma voz tranquila e melodiosa, que revelava que disputas como essa aconteciam todas as noites entre os convivas. — Sem brigas ou discussões, cavalheiros! Respeitem o bom nome da casa.

— Além disso, se chegarmos à amputação de orelhas, há mais gente que pode ter algo a dizer — disse o terceiro lavrador. — Somos todos homens livres, e o porrete de um *yeoman* me parece tão bom quanto a faca de um couteiro. Por Santo Anselmo! Será um dia infeliz quando tivermos de nos ajoelhar não só para nossos senhores, mas também para os criados deles!

— Não tenho senhor a não ser o rei — respondeu o mateiro. — Quem, a não ser um falsário traidor, se recusaria a servir ao rei inglês?

— Não sei de nada sobre rei inglês — disse o tal Jenkin. — Que tipo de rei da Inglaterra é esse, de cuja boca não sai uma palavra de inglês? Lembro no ano passado, quando ele veio aqui a Malwood com o marechal interno e o marechal externo, o meirinho-mor, o senescal e os vinte e quatro guardas. Eu estava no portão do *franklin* Swinton ao meio-dia quando ele chegou a galope, com um ponteiro *yeoman* no encalço. “*Ouvre*”, exclamou ele, “*ouvre*”, ou alguma palavra desse tipo, fazendo sinal para que eu abrisse o portão. E depois “*Merci*”, como se estivesse com medo de mim. E falam em rei inglês?

— Não me surpreende — exclamou o acadêmico de Cambrig, falando no tom arrastado comum a sua classe. — Não é uma língua para homens de nascimento puro e fina criação. É um linguajar desagradável, com bufos e rosnados. De minha parte, juro pelo sábio Policarpo que fico mais à vontade com o hebraico, e depois, quiçá, com o árabe.

— Não aceitarei que se diga uma palavra contra o velho rei Ned — exclamou Hordle John com uma voz de touro. — O que é que tem se ele gosta de uns olhos brilhantes e rostos atrevidos? Conheço um súdito que não perde para ele nisso. Se ele não fala como um inglês, me parece que ele sabe lutar como um inglês, e estava batendo às portas de Paris enquanto bêbados de taberna estavam resmungando e reclamando em casa.

Tal discurso em alto e bom tom, proferido por um homem de aspecto tão formidável, intimidou bastante a facção desleal, que caiu em taciturno silêncio. Isso permitiu a Alleyne ouvir um pouco da conversa que ocorria no canto mais afastado, entre o médico, o tira-dentes e o trovador.

— Um rato em carne viva — dizia o homem dos remédios —, é isso que sempre costumo receitar contra a peste: um rato em carne viva com a barriga aberta.

— Não poderia ser grelhado, mui erudito senhor? — perguntou o tira-dentes. — Um rato cru parece um prato muitíssimo desagradável e tenebroso.

— Não é para se comer — exclamou o médico, com grande desdém. — Por que é que alguém comeria tal coisa?

— Realmente, por quê? — perguntou o trovador, dando um longo gole na caneca.

— Ele tem de ser colocado na úlcera ou no inchaço. Pois o rato, vejam bem, é uma criatura de vida infecta, e tem uma afinidade ou uma atração

natural por todas as coisas infectas, de forma que os humores nocivos passam do homem para o animal impuro.

— Isso curaria a peste negra, mestre? — perguntou Jenkin.

— Sim, em verdade curaria, meu bom filho.

— Então estou bem contente que ninguém soubesse disso. A peste negra é o melhor amigo que o povo comum já teve na Inglaterra.

— E por quê? — perguntou Hordle John.

— Ora, amigo, é fácil perceber que você não trabalhou com as mãos, ou não precisaria perguntar. Quando metade do povo do país morreu foi que a outra metade pôde escolher para quem trabalharia, e o ordenado. É por isto que digo que a praga foi o melhor amigo que a gente do campo já teve.

— É verdade, Jenkin — disse outro trabalhador —, mas nem tudo que veio com ela foi bom. Bem sabemos que por conta dela searas se tornaram pastos, de modo que rebanhos de ovelhas, com talvez um único pastor, vagam agora por onde antes uma centena de homens tinham trabalho e sustento.

— Não há tanto mal nisso — comentou o tira-dentes —, pois as ovelhas dão de viver a muita gente. Não há apenas o pastor, mas também o tosquiador e o marcador, e o cardador, o curador, o tintureiro, o pisoeiro, o tecelão, o mercador e uma vintena de outros.

— Se chegamos a isso — disse um dos couteiros —, a carne dura delas também gasta os dentes das pessoas, e aí também há trabalho para o homem que os tira.

Uma risada geral seguiu-se a esse gracejo à custa do dentista, em meio à qual o trovador pôs a surrada harpa sobre o joelho e começou a dedilhar uma melodia nas cordas puídas.

— Abram espaço para o Will Flautista! — exclamaram os mateiros. — Toque uma melodia alegre para nós.

— Sim, sim, “As Moças de Lancaster” — sugeriu um.

— Ou “São Simeão e o Diabo”.

— Ou a “Galhofa do Gracioso Tobias”.

O menestrel não respondeu a nenhuma dessas sugestões, e continuou sentado, com os olhos fixos e distraídos no teto, como alguém que tenta trazer palavras à mente. Então, com um movimento súbito nas cordas, deu início a uma canção tão grosseira e vulgar que, antes que terminasse um verso, o rapaz de mente pura se pusera em pé de um salto, com o rosto ruborizado.

— Como pode cantar uma coisa dessas? — exclamou ele. — Um homem de idade, que deveria ser um exemplo para os outros.

Todos os viajantes assistiram à interrupção com o máximo assombro.

— Pelo abençoado Ricardo de Hampole! Nosso clérigo silencioso encontrou a língua — disse um dos mateiros. — O que há de errado com a canção? Como foi que ela ofendeu vossa infantilidade?

— Canção mais meiga e com melhores modos jamais foi ouvida entre estas paredes — exclamou outro. — Que conversa é essa, em uma estalagem pública?

— Tem de ser uma ladainha, meu bom clérigo? — gritou um terceiro. — Ou bastaria um hino sacro?

O menestrel baixara a harpa, muitíssimo indignado.

— Sou obrigado a ouvir sermões de uma criança? — exclamou, fitando Alleyne do outro lado do cômodo, com o semblante ardente e irritado. — Um menino imberbe levanta a voz contra mim, que cantei em todas as feiras de Tweed a Trent, e por duas vezes fui anunciado em alto e bom tom pela Alta Corte dos Menestréis em Beverley? Não cantarei mais hoje à noite.

— Não, cantará sim — disse um dos lavradores. — Ei, dama Eliza, traga um jarro da melhor bebida para Will limpar a garganta. Continua tua canção, e se nosso clérigo com rosto de menina não gostar dela, que pegue a estrada e volte para o lugar de onde veio.

— Não, alto lá — interrompeu Hordle John. — Há duas opiniões sobre este assunto. Pode ser que meu camaradinho tenha sido demasiadamente rápido na repreensão. Ele entrou muito cedo para o claustro e viu pouco das maneiras e palavras duras do mundo. Mas há verdade no que ele diz, pois, como bem sabem, a canção não era das mais puras. Ficarei do lado dele, portanto, e ele não será colocado para fora nem será ofendido aqui dentro.

— É mesmo, vossa poderosa e alta graça? — zombou um dos *yeomen*. — É esta, em verdade, a vossa ordem?

— Pela Virgem! — disse um segundo. — Creio que os dois podem ir parar na estrada em breve.

— E tão surrados que mal conseguirão se arrastar por ela — exclamou um terceiro.

— Não, vou embora! Vou embora! — disse Alleyne depressa, enquanto Hordle John começava a arregañar as mangas lentamente, despindo um

braço que parecia uma perna de carneiro. — Não permitirei que brigue por minha causa.

— Silêncio, rapaz — sussurrou ele. — Não dou a mínima para eles. Podem descobrir que abocanharam mais do que conseguem comer. Fique à distância e me dê espaço.

Tanto os couteiros quanto os lavradores haviam se levantado dos bancos, e a dama Eliza e o médico viajante haviam se atirado entre os dois grupos com palavras calmas e gestos tranquilizantes, quando a porta do Esmerilhão Malhado abriu-se violentamente, e a atenção dos convivas deixou sua própria contenda e voltou-se para o recém-chegado que irrompera no local sem quaisquer cerimônias.

CAPÍTULO VI

COMO SAMKIN AYLWARD APOSTOU O COLCHÃO DE PENAS

ERA um homem de estatura mediana, de constituição muito maciça e robusta, com o peito arqueado e ombros extraordinariamente largos. Seu rosto barbeado era castanho como uma avelã, bronzeado e ressecado pelo clima, com feições duras e bem-definidas, que não eram favorecidas por uma longa cicatriz branca que corria do canto da narina esquerda até a quina do queixo. Tinha olhos brilhantes e penetrantes, com um quê de ameaça e autoridade no vivo fulgor, e a boca era inflexível e firme, como convinha àqueles que costumavam defrontar o perigo. Uma espada reta na cintura e um arco longo pintado, visível por sobre o ombro, proclamavam sua profissão, ao passo que a surrada brigantina de cota-de-malha e o capacete de aço amassado revelavam que ele não era um soldado de festa qualquer, mas alguém que acabara de chegar da guerra. Tinha o largo peito coberto por uma sobrecota branca com o leão de São Jorge vermelho no centro, e um raminho de giesta recém-colhido na lateral do elmo dava um quê de alegria à indumentária austera e gasta pela guerra.

— Rá! — exclamou ele, piscando como uma coruja que subitamente se vê à luz. — Boa noite, camaradas! Ei! Uma mulher, por minha alma!

Em um instante ele agarrara a dama Eliza pela cintura e a beijava violentamente. Calhou, no entanto, de seus olhos pousarem na criada, e ele imediatamente abandonou a patroa e dançou em direção à outra, que subiu, confusa e apressada, por uma das escadas, deixando cair o pesado alçapão no perseguidor. Ele, então, deu meia-volta e cumprimentou a estalajadeira mais uma vez, com o máximo de prazer e satisfação.

— *La petite* está assustada — disse ele. — Ah, *c'est lamour, l'amour!* Maldito seja este sotaque francês que não sai da minha boca. Tenho de lavá-

lo com uma boa cerveja inglesa. Por minha empunhadura! *Camarades*, não há um pingo de sangue francês em meu corpo, e sou um verdadeiro arqueiro inglês, de nome Samkin Aylward. E lhes digo, *mes amis*, que colocar os pés mais uma vez na boa e velha terra aquece meu coração. Foram oito longos anos sem que eu a visse, e ainda hoje, quando descí da galé em Hythe, me abaixei e beijei a boa terra marrom, como te beijo agora, *ma belle*. O próprio cheiro dela era vida para mim. Mas onde estão meus seis moleques? Ei, vocês aí! *En avant!*

A essa ordem, seis homens vestidos como peões comuns marcharam solenemente porta adentro, cada um deles carregando uma enorme trouxa na cabeça. Formaram fila militar enquanto o soldado ficou de pé à frente deles com olhos severos, verificando os diversos embrulhos.

— Número um: um colchão de penas francês, com dois cobertores de seda fina branca — disse ele.

— Aqui, digno senhor — respondeu o primeiro carregador, depositando um grande embrulho no canto.

— Número dois: sete varas de tecido turco vermelho, e nove varas de pano de ouro. Ponha ao lado do outro. Boa dama, peço-te que dê a cada um destes homens um cantil de vinho ou um odre de cerveja. Três: uma peça inteira de veludo genovês branco, além de doze varas de seda púrpura. A ponta está suja, seu patife! Tu a raspaste em alguma parede, *coquin!*

— Não, digníssimo senhor — exclamou o carregador, encolhendo-se diante dos olhos ferozes do arqueiro.

— Eu disse que sim, cão! Pelos três reis! Já vi um homem dar o último suspiro por menos que isto. Se soubesse os esforços e dificuldades pelos quais tive de passar para ganhar estas coisas, teria mais cuidado. Juro, pelos ossos de meus dez dedos, que não há nenhum entre eles que não valha seu peso em sangue francês! Quatro: um turíbulo, um jarro de prata, uma fivela de ouro e uma capa de asperges trabalhada em pérola. Encontrei-os, *camarades*, na igreja de São Dinis durante a tomada de Narbona, e os recolhi para evitar que caíssem em mãos perversas. Cinco: um manto de peles forrado com arminho, um cálice de ouro com descanso e tampa, e uma caixa de açúcar rosado. Tenha a certeza de colocá-los juntos. Seis: uma caixa de moedas, três libras de ourivesaria limusina, um par de botas adornadas com prata, e, por último, uma reserva de linho de mesa. Enfim, a contagem terminou! Eis aqui um tostão para cada um, e podem ir.

— Ir para onde, digno senhor? — perguntou um dos carregadores.

— Para onde? Para o diabo, se quiserem. Que me importa? Agora, *ma belle*, à ceia. Um par de capões frios, queijo de cabeça de porco ou o que quiser, e mais um cantil ou dois de bom vinho gascão. Minha bolsa está cheia de coroas, minha querida, e minha intenção é gastá-las. Traga o vinho enquanto a comida é preparada. *Buvons*, meus valentes. Cada um de vocês esvaziará um jarro comigo.

Eis uma oferta que os convivas de uma estalagem inglesa demorariam a recusar, naquela época ou em qualquer outra. Os jarros foram recolhidos e voltaram com espuma branca escorrendo das bordas. Dois dos mateiros e três dos lavradores beberam suas porções depressa e partiram juntos, pois seus lares eram distantes e a hora já ia avançada. Os outros, no entanto, aproximaram-se, deixando o lugar de honra, à direita do trovador, para o generoso recém-chegado. Ele se despira do capacete de aço e da brigantina e os colocara junto à espada, a aljava e o arco longo pintado, em cima da pilha sortida de saque no canto. Agora, com as pernas grossas e um tanto arqueadas esticadas à frente do fogo, o justilho verde aberto e uma grande jarra de um quartilho no punho nodoso, ele parecia a própria personificação do conforto e da camaradagem. O rosto duro havia abrandado, e a densa e crespa cabeleira castanha, antes escondida pelo elmo, agora escorria pelo pescoço maciço. Poderia ter quarenta anos de idade, embora a labuta pesada e os difíceis prazeres tivessem deixado severas marcas em suas feições. Alleyne interrompera a pintura do esmerilhão malhado e estava sentado, com o pincel na mão e os olhos arregalados, encarando um tipo de homem muitíssimo estranho e distinto de qualquer um que já tivesse conhecido. Em sua classificação os homens eram bons ou maus, mas eis aqui um exemplar que era feroz num instante e suave no seguinte, com uma praga nos lábios e um sorriso no olhar. O que se deveria pensar sobre alguém assim?

Calhou de o soldado levantar os olhos e perceber a questionadora olhadela que o jovem clérigo lhe lançava. Levantou o jarro e bebeu à saúde dele, com um lampejo alegre dos dentes brancos.

— *À toi, mon garçon* — exclamou ele. — Certamente nunca viste um homem de armas, para me encarares assim.

— Nunca vi — disse Alleyne francamente —, embora tenha, com frequência, ouvido falar sobre seus feitos.

— Por minha empunhadura! — exclamou o outro. — Se você atravessasse o mar estreito, encontraria tantos quanto há abelhas numa colmeia. Afirmo com certeza que não é possível atirar uma flecha em

qualquer rua de Bordeaux sem acertar um arqueiro, escudeiro ou cavaleiro. Há mais placas de peito do que gabardinas a se ver, garanto.

— E onde é que conseguiu todas essas coisas bonitas? — perguntou Hordle John, apontando para a pilha no canto.

— Onde há muito mais esperando por qualquer bravo rapaz que as apanhe. Onde bons homens sempre conseguem bons ordenados, e onde não têm de olhar para ninguém como o responsável por seus pagamentos, e podem simplesmente estender a mão e se servir. Sim, é uma vida boa e decente. Bebo agora a meus velhos camaradas, e que os santos estejam com eles! Levantem-se todos, *mes enfants*, sob pena de minha insatisfação. A sir Claude Latour e à Companhia Branca!

— Sir Claude Latour e a Companhia Branca! — gritaram os viajantes, esvaziando os cálices.

— Bem bebido, *mes braves*! Cabe a mim encher-lhes os copos novamente, já que os esvaziaram por meus queridos rapazes do justilho branco. Ei, *mon ange*, traga vinho e cerveja! Como é mesmo aquele velho verso?

*Bebamos todos juntos
À pena de ganso cinzento
E à terra onde voa o ganso cinzento.*

Bramiu o trecho em uma voz áspera e pouco melodiosa, e terminou com uma gargalhada. — Espero ser melhor arqueiro que menestrel — disse.

— Acredito ter certa lembrança da melodia — comentou o trovador, dedilhando as cordas. E então, com um aceno rancoroso na direção de Alleyne: — Na esperança de não te causar ofensa, santíssimo senhor, e com a gentil permissão dos convivas, posso aventurar-me a tocá-la.

Muitas vezes em dias vindouros Alleyne Edricson pareceu rever aquela cena, mesmo que inúmeros eventos mais estranhos e tumultuosos não tardassem a lhe suceder. O trovador gordo de rosto corado, o grupo a ouvir, o arqueiro com um dedo em riste a balançar no ritmo da música, a enorme e escarrapachada silhueta de Hordle John. Todos eles banhados pela luz avermelhada e pelas sombras escuras lançadas pelo fogo no centro — sua mente, amiúde, recordaria essa memória com carinho. No momento ele estava perdido em admiração pela habilidade com que o menestrel

disfarçava a falta de duas cordas, e o estilo enérgico e caloroso com que cantarolava a balada dos arqueiros distantes, que era mais ou menos assim:

*E o arco?
O arco foi feito na Inglaterra:
De madeira boa, madeira de teixo
A madeira dos arcos ingleses;
E assim os homens livres
Amam o velho teixo
E a terra onde cresce o teixo.*

*E a corda?
A corda foi feita na Inglaterra;
Corda dura, corda forte,
A corda que os arqueiros amam;
E assim esvaziamos nossos odres
Ao linho inglês
E à terra onde se tece o linho.*

*E a flecha?
A flecha foi cortada na Inglaterra;
Flecha longa, flecha forte,
Farpada, aparada e precisa;
Assim bebemos todos juntos
À pena de ganso cinzento
E à terra onde voa o ganso cinzento.*

*E os homens?
Os homens foram criados na Inglaterra;
Arqueiros, yeomen
Rapazes dos vales e colinas
Aqui a vocês, e a vocês;
A todos os corações leais
E à terra onde vivem os corações leais.*

— Muito bem cantado, por minha empunhadura! — gritou o arqueiro, com enorme alegria. — Ouvi essa canção em muitas noites, tanto nos velhos períodos de guerra quanto depois, nos dias da Companhia Branca.

Simon Negro de Norwich puxava as estrofes, e quatrocentos dos melhores arqueiros que já puxaram corda bramiam juntos o refrão. Já vi o velho John Hawkwood, aquele mesmo que levou metade da Companhia à Itália, rir entre os dentes ao ouvi-la, até a armadura fazer barulho. Mas para apreciar todo o sabor dessa canção vocês têm de ser arqueiros ingleses e estar longe de casa, em solo estrangeiro.

Enquanto a canção era entoada, a dama Eliza e a criada haviam estendido uma tábua sobre dois cavaletes e colocado sobre ela a faca, a colher, o sal, o trincho de pão e, finalmente, o prato fumegante que continha a saborosa ceia. O arqueiro serviu-se como alguém que conhecia a sensação de não se encontrar boa comida facilmente, mas sua língua ainda trabalhava tão alegremente quanto os dentes.

— Foge à minha compreensão — exclamou ele —, como sujeitos fortes como vocês podem aguentar ficar coçando as costas em casa, quando há tantos acontecimentos para além do mar. Olhem para mim — o que tenho de fazer? É apenas o olho na corda, a corda na flecha e a flecha no alvo. Esta é toda a canção. Não é mais do que vocês mesmos fazem para se divertir em uma tarde de domingo, nos alvos da paróquia.

— E o ordenado? — perguntou um lavrador.

— Pode ver aqui o que o ordenado consegue — respondeu ele. — Como do melhor, e bebo bastante. Regalo meus amigos, e não peço a nenhum que me regale. Ponho um vestido de seda nos ombros de minha moça. Senhora de cavaleiro algum tem mais enfeites e ornamentos. Que tal tudo isso, *mon garçon*? E que tal a pilha de bugigangas que vocês mesmos podem ver naquele canto? Todas elas vêm dos franceses do sul, contra quem estive em guerra. Por minha empunhadura! *Camarades*, creio que posso deixar meu saque falar por si mesmo.

— Parece ser uma boca ocupação, a bem dizer — disse o tira-dentes.

— *Tête bleue*! Sim, de fato. E há ainda a possibilidade de se conseguir resgates. Ora, vejam bem, naquele incidente em Brignais, há uns quatro anos, quando as companhias mataram Jaime de Bourbon e passaram o exército dele na espada, quase não havia homem nosso que não tivesse capturado um conde, barão ou cavaleiro. Peter Karsdale, que não era mais que um labrego comum recém-chegado, com as pulgas inglesas ainda saltitando no gibão, pôs as enormes mãos no Sieur Amaury de Chatonville, dono de metade da Picardia, e tirou dele cinco mil coroas, além do cavalo e do arnês. É verdade que uma rapariga francesa tomou tudo de Peter tão

rapidamente quanto o francês pagou, mas o que é que tem? Pelo vibrar da corda! Seria ruim se o dinheiro não fosse feito para ser gasto. E como gastar melhor que com mulheres... hein, *ma belle*?

— Seria mesmo ruim se não tivéssemos os bravos arqueiros para trazer riquezas e bons costumes para nossa terra — disse a dama Eliza, em quem as maneiras francas e espontâneas do soldado haviam causado profunda impressão.

— *À toi, ma chérie!* — disse ele, com a mão no coração. — Ei! Ali está *la petite*, espiando por detrás da porta. *À toi, aussi, ma petite! Mon Dieu*, mas a moça tem vivacidade!

— Há uma coisa, bom senhor — disse o estudante de Cambridge, em sua voz serena —, que eu gostaria que esclarecesse. Pelo que compreendo, celebrou-se a paz na vila de Brétigny há uns seis anos, entre nosso mui gracioso monarca e o rei dos franceses. Assim sendo, parece estranhíssimo que o senhor fale tão abertamente sobre a guerra e as companhias, quando não há disputa entre os franceses e nós.

— Com o que quer dizer que estou mentindo — disse o arqueiro, baixando a faca.

— Que os céus me livrem! — exclamou depressa o estudante. — *Magna est veritas sed rara*, que na língua latina significa que os arqueiros são todos homens honrosos. Venho ao senhor em busca de conhecimento, pois meu ofício é aprender.

— Temo que você ainda seja um aprendiz nesse ofício — disse o soldado —, pois não há uma criança do outro lado do mar que não saiba responder a essa pergunta. Pois fique sabendo que embora haja paz entre nossas províncias e os franceses, dentro das fronteiras da França sempre há guerra, pois o país é muito dividido entre si. Além disso, é atormentado por bandos de esfoladores, rapinantes, brabanções, *tard-venus* e todo o resto. Se todo homem tem as mãos na garganta do vizinho e qualquer barão de meia-tigela marcha com rufar de tambores para lutar contra quem bem entender, seria estranho que quinhentos bravos ingleses não conseguissem serviço. Agora que sir John Hawkwood partiu com os rapazes da Ânglia Oriental e os mateiros de Nottingham para servir ao marquês de Montferrat na guerra contra o lorde de Milão, não restaram mais que dez vintenas de nós, mas tenho esperança de levar alguns comigo para preencher as fileiras da Companhia Branca. Pelo dente de Pedro! Seria terrível se eu não conseguisse juntar vários homens de Hamptonshire dispostos a lutar sob a

bandeira vermelha de São Jorge, ainda mais se sir Nigel Loring, de Christchurch, vestir o lorigão mais uma vez para nos liderar.

— Ah, nesse caso estariam realmente com sorte — disse um mateiro —, pois dizem que, excluindo-se o príncipe e talvez o bom e velho sir John Chandos, não havia um homem de coragem tão comprovada quanto sir Nigel em todo o exército.

— É verdade, palavra por palavra — respondeu o arqueiro. — Já o vi com estes mesmos olhos em campo de batalha, e nunca homem algum se portou melhor. *Mon Dieu!* Sim, vocês não dariam crédito ao vê-lo ou ao ouvir sua voz suave, mas da partida de Orwell até a incursão em Paris, e foram bons vinte anos entre as duas, não houve escaramuça, investida, surtida, emboscada, escalada ou batalha em cujo coração sir Nigel não estivesse. Vou agora a Christchurch com uma carta de sir Claude Latour, que lhe pede para substituir sir John Hawkwood. E há maiores chances de que ele concorde se eu levar um ou dois bons homens comigo. O que me diz, mateiro? Vais abandonar os veados para atirar flechas em alvos mais dignos?

O couteiro balançou a cabeça negativamente.

— Tenho esposa e filho em Emery Down — disse ele —, não poderia deixá-los por tal aventura.

— E o jovem senhor? — perguntou o arqueiro.

— Não, sou um homem de paz — disse Alleyne Edricson. — Além disso, tenho outros afazeres.

— *Peste!* — grunhiu o soldado, batendo o jarro na mesa e fazendo os pratos balançarem novamente. — Pelo diabo, o que foi que aconteceu com o povo? Por que ficam todos embasbacados em volta da lareira, como corvos ao redor de um cavalo morto, quando há serviços a serem realizados a poucas léguas daqui? Às favas com vocês todos, bando de preguiçosos e indolentes! Por minha empunhadura! Creio que os homens da Inglaterra já estão todos na França, e os que ficaram para trás são na verdade as mulheres usando calças e coletes.

— Arqueiro — disse Hordle John —, você já contou mais de uma ou duas mentiras. Por isso, e porque vejo em você muito que me desagrada, estou seriamente tentado a derrubá-lo ao chão.

— Por minha empunhadura! Enfim encontrei um homem! — gritou o arqueiro. — E, por Deus, será um homem melhor do que parece se conseguir me derrubar, *mon garçon*. Já venci competições de luta corpo a

corpo mais vezes do que tenho dedos nos pés, e há sete longos anos não encontro homem capaz de sujar meu justilho na Companhia.

— Já ouvimos bazófia e bravata o suficiente — disse Hordle John, levantando-se e jogando o gibão para o lado. — Vou mostrar que há melhores homens na Inglaterra do que os que foram roubar na França.

— *Pasques Dieu!* — exclamou o arqueiro, afrouxando o justilho e fitando o adversário com o olhar aguçado de alguém acostumado a julgar o valor dos outros. — Apenas uma vez vi um corpo como esse. Com sua licença, meu amigo ruivo, eu realmente não gostaria de trocar bofetadas, e admito que não há homem na Companhia que conseguiria puxar corda contra você, e que isto sirva de consolo para seu orgulho. Por outro lado, julgo que você tem levado uma vida tranquila há alguns meses, e que meus músculos estão mais rijos que os seus. Estou disposto a apostar em mim mesmo contra você, se não estiver com medo.

— Com medo, seu palerma? — grunhiu o grande John. — Nunca vi rosto de homem do qual tivesse medo. Venha, e veremos quem é o melhor.

— Mas e a aposta?

— Não tenho nada para apostar. Vamos por prazer e pelo amor à luta.

— Nada para apostar? — exclamou o soldado. — Ora, você tem aquilo que cobiço acima de tudo. É deste teu corpanzil que estou atrás. Agora veja, *mon garçon*. Tenho ali um colchão de penas francês, que muito me esforcei para conservar nos últimos anos. Consegui-o no saque de Issoudun, e nem o próprio rei tem uma cama dessas. Se me derrubares, é teu. Mas se eu te derrubar, estarás sob o juramento de tomar o arco e o podão de guerra e me acompanhar à França, para servir na Companhia Branca enquanto estivermos alistados.

— Uma aposta justa! — exclamaram todos os viajantes, arrastando os bancos e armações de mesa para trás, de modo a abrir um bom espaço para os lutadores.

— Então pode dar adeus ao seu colchão, soldado — disse Hordle John.

— Não. Ficarei com o colchão e levarei você à França, a despeito de suas intenções, e você viverá para me agradecer por isso. Como será então, *mon enfant*? Gola e cotovelo, imobilização ou vale-tudo?

— Para o diabo com seus truques — disse John, abrindo e fechando as enormes mãos vermelhas. — Fique de pé, que vou agarrá-lo.

— É melhor que me agarres com força, então — disse o arqueiro, dirigindo-se para o espaço aberto e mantendo o olhar prudente no oponente.

Ele despira o justilho verde, e apenas um jubão de seda cor-de-rosa, de gola baixa e sem mangas, cobria seu peito. Hordle John estava nu da cintura para cima, e seu corpo enorme, com os grandes músculos inchados como as raízes retorcidas de um carvalho, assomava bem acima do soldado. O outro, embora fosse quase um pé mais baixo, era um homem de grande força, e havia um viço em sua pele branca que faltava aos membros mais pesados do monge renegado. Tinha os pés rápidos, também, e era hábil na peleja. Estava claro, pelo aprumo de sua cabeça e pelo brilho em seu olhar, que ele julgava ter as chances a seu favor. Teria sido difícil encontrar naquela noite, por toda a extensão da Inglaterra, uma dupla melhor a se defrontar.

O grande John permanecia à espera no centro, com o olhar taciturno e ameaçador e os pelos ruivos eriçados. O arqueiro, por outro lado, andava com rapidez e leveza para a direita e para a esquerda, com o joelho arqueado e as mãos estendidas. Então, com uma súbita arrancada, tão rápida e feroz que mal se podia acompanhar com o olhar, atirou-se em direção ao oponente e travou a perna em torno dele. O aperto resultaria em queda se fossem homens de forças iguais, mas Hordle John arrancou o adversário de si como faria a um rato, arremessando-o pelo cômodo, e a cabeça do arqueiro estalou contra a parede de madeira.

— *Ma foi!* — exclamou o soldado, passando os dedos pelas madeixas —, esteve perto do colchão de penas agora, *mon gars*. Com um pouco mais de força este bom albergue ganharia uma janela nova.

Nada intimidado, aproximou-se novamente do adversário, desta vez com mais cautela que antes. Surpreendeu o outro com uma finta rápida, e então, saltando em cima dele, trançou as pernas em torno da cintura e os braços ao redor do pescoço de touro, na esperança de levá-lo ao chão com o sobressalto repentino. Com um rugido de fúria, Hordle John apertou o oponente com seus enormes braços até que ele afrouxasse. Após levantá-lo, atirou-o ao chão com tal força que poderia ter estilhaçado um osso ou dois, se o arqueiro não tivesse se agarrado, com impecável frieza, aos antebraços do adversário para aparar a própria queda. Assim, caiu com os pés no chão e manteve o equilíbrio, apesar de uma trepidação pelo corpo ter feito todas as juntas rangerem. Afastou-se do perigoso adversário com um salto, mas o outro, exaltado pelo ataque, arremeteu furiosamente contra ele e deu ao experimentado lutador a exata vantagem que ele planejava. Quando o grande John se atirou contra o arqueiro, este se agachou sob as grandes mãos vermelhas que tentavam agarrá-lo, e, prendendo o outro homem pelas

coxas, lançou-o por sobre seu ombro — um movimento para o qual contribuíram tanto a louca investida quanto a força treinada do arremesso. Aos olhos de Alleyne, foi como se John tivesse criado asas e voado. Enquanto ele se precipitava pelo ar, com os membros gigantes a girar, o coração do rapaz estava na boca, pois certamente nenhum homem jamais sofrera tal queda e saíra ileso. Na verdade, por robusto que fosse, John teria indubitavelmente quebrado o pescoço se não tivesse aterrissado de cabeça bem na barriga do artista embriagado, que cochilava tranquilamente no canto, completamente alheio a esses emocionantes eventos. O infeliz pintor, tão repentinamente arrebatado de seus sonhos, sentou-se com um grito agudo, enquanto Hordle John saltava de volta ao círculo quase tão rapidamente quanto saíra dele.

— Mais uma queda, por todos os santos! — exclamou, atirando os braços.

— Eu, não — disse o arqueiro, puxando as próprias roupas. — Saí-me bem neste negócio. Preferiria lutar contra o grande urso de Navarra.

— Foi um truque — exclamou John.

— Sim, foi. Pelos ossos de meus dez dedos! Um truque que vai acrescentar um bom homem às fileiras da Companhia.

— Oh, quanto a isso — disse outro —, não me importo, pois eu já prometera a mim mesmo uma hora atrás que iria contigo, já que parece ser uma vida boa e decente. Mas gostaria de ter ficado com o colchão de penas.

— Sem dúvida, *mon ami* — disse o arqueiro, voltando à caneca. — A ti, rapaz, e que sejamos bons camaradas! Mas, ei, o que é que aflige nosso amigo do rosto furioso?

O infeliz pintor vinha se levantando, esfregando os olhos com tristeza e olhando ao redor com um olhar vazio, revelador de que ele não sabia onde estava ou o que lhe ocorrera. Subitamente, porém, um lampejo de inteligência sobreveio a suas feições inchadas, e ele se ergueu e cambaleou até a porta.

— Cuidado com a cerveja! — disse num murmúrio rouco, agitando um dedo de advertência em direção aos convivas. — Oh, Virgem Santa, cuidado com a cerveja!

Batendo as mãos no local dolorido, escapuliu escuridão afora, em meio a uma explosão de gargalhadas à qual o derrotado juntou-se tão alegremente quanto o vencedor. O último couteiro e os dois lavradores também estavam prontos a pegar a estrada, e o restante dos convivas dirigiu-se aos cobertores

que a dama Eliza e a criada haviam estendido no chão. Alleyne, cansado pelas agitações incomuns daquele dia, logo estava em um pesado sono, interrompido apenas por visões fugazes de pernas a se debater, pedintes a praguejar, ladrões negros e toda a estranha gente que encontrara no Esmerilhão Malhado.

CAPÍTULO VII

COMO OS TRÊS CAMARADAS VIAJARAM PELOS BOSQUES

De manhãzinha a estalagem campestre estava cheia de vida, pois o desperdício de uma hora de luz do dia era algo raro numa época em que a iluminação era escassa e valiosa. A bem dizer, por mais cedo que a dama Eliza começasse seus afazeres, parecia que outros poderiam ser ainda mais madrugadores. A porta estava entreaberta, e o versado estudante de Cambridge se retirara, com a cabeça tão concentrada nos elevados assuntos da antiguidade que não havia parado para refletir sobre os quatro pence que devia pela hospedagem e pela refeição. O berro estridente da estalajadeira quando descobriu a perda e o cacarejo das galinhas que haviam entrado pela porta aberta foram os primeiros sons a interromper o sono dos cansados viajantes.

Uma vez de pé, não tardou até que a companhia começasse a se dispersar. Uma mula magra com arreios vermelhos foi trazida de alguma cabana próxima para o médico, e ele partiu a passo lento, com muita dignidade, a caminho de Southampton. Tanto o tira-dentes quanto o trovador pediram um copo de cerveja de mesa, e partiram juntos para a feira de Ringwood. O velho menestrel tinha os olhos muito amarelos e a rosto inchado após a bebedeira da noite anterior. O arqueiro, no entanto, que bebera mais que qualquer homem no local, estava saltitante como um grilo. Após beijar a matrona e perseguir a criada escada acima mais uma vez, saiu em direção ao riacho e voltou com água pingando do rosto e dos cabelos.

— Ei, meu homem de paz! — exclamou para Alleyne. — Para onde vai nesta manhã?

— Vou a Minstead — disse ele. — Meu irmão Simon Edricson é o *socman* lá, e vou ficar com ele por um tempo. Peço-te a conta, boa dama.

— A conta, ora essa! — exclamou ela, de pé com as mãos erguidas em frente à tabuleta em que Alleyne trabalhara na noite anterior. — Deverias me dizer é o que te devo, bom jovem. Sim, isto aqui é um verdadeiro esmerilhão malhado, segurando um lebracho com as garras. Tão real quanto a mulher que sou. Pela cruz de Waltham, mas como teu traço é habilidoso e elegante!

— E vejam o olho vermelho dele! — exclamou a criada.

— Sim, e o bico aberto.

— E a asa a farfalhar — acrescentou Hordle John.

— Por minha empunhadura! — exclamou o arqueiro. — É o próprio pássaro!

O jovem clérigo corou de prazer ao ouvir tal coro de elogios. Eram de fato rústicos e pouco exigentes, mas muito mais calorosos e menos relutantes do que qualquer um que jamais ouvira do crítico irmão Jerome ou do lacônico abade. Havia, ao que parecia, tanta gentileza quanto perversidade neste mundo, sobre o qual ele ouvira tão pouco de bom. A anfitriã não queria saber de pagamento, fosse por hospedagem ou por refeição, ao passo que o arqueiro e Hordle John colocaram as mãos sobre seus ombros e o conduziram à mesa, onde, para o desjejum, havia um peixe fumegante, um prato de espinafre e um jarro de leite.

— Não ficaria surpreso ao descobrir, *mon camarade* — disse o soldado, enquanto metia uma fatia de peixe no trincho de pão de Alleyne —, que você sabe ler coisas escritas, já que é tão habilidoso com os pincéis e pigmentos.

— Seria uma vergonha para os bons irmãos de Beaulieu se eu não soubesse — respondeu ele —, visto que estive no clericato com eles nestes últimos dez anos.

O arqueiro fitou-o com grande respeito.

— Imaginem só! — disse ele. — E sem um pelo sequer no rosto, e a pele de menina. Consigo atirar a trezentos e cinquenta passos de distância com aquele meu arquinho, e a quatrocentos e vinte com meu grande arco de guerra, mas não consigo entender nada disto, nem ler meu próprio nome, se escrevessem “Sam Aylward” na minha frente. Apenas um homem sabia ler em toda a Companhia, e ele caiu num poço durante a tomada de Ventadour, o que prova que isso não serve para um soldado, embora seja indispensável para um clérigo.

— Consigo arriscar um pouco — disse o grande John —, embora dificilmente tenha passado tempo suficiente com os monges para pegar realmente o jeito da coisa.

— Eis aqui, então, algo para experimentar — disse o arqueiro, puxando um quadrado de pergaminho de dentro da túnica. Estava firmemente amarrado com uma fita larga de seda púrpura, e selado com firmeza nas duas pontas com uma grande chancela vermelha. John estudou longa e cuidadosamente a inscrição no verso, com as sobrancelhas franzidas como as de alguém em grande esforço mental.

— Como não tenho lido muito nos últimos tempos — disse ele —, reluto em dizer muito sobre o que isto pode ser. Uns poderiam dizer uma coisa e alguns diriam outra, assim como um arqueiro adora o teixo e o outro só atira com o freixo. Quanto a mim, pela extensão e pela aparência, julgaria ser um versículo de um dos Salmos.

O arqueiro balançou a cabeça negativamente.

— É muito improvável — disse ele —, que sir Claude Latour me mandasse por todo o caminho além do mar sem nada mais convincente que um versículo de Salmo. Passou muito longe do alvo desta vez, *mon camarade*. Entregue-o para o pequeno. Aposto meu colchão de penas que ele consegue entender melhor.

— Ora, está escrito na língua francesa — disse Alleyne —, e em uma caligrafia bastante letrada. Diz o seguinte: “*À le moult puissant et moult honorable chevalier, sir Nigel Loring de Christchurch, de son très fidele ami sir Claude Latour, capitaine de la Compagnie Blanche, châtelain de Biscar, grand seigneur de Montchâteau, vavaseur de le renomme Gaston, Comte de Foix, tenant les droits de la haute justice, de la milieu, et de la basse*”. Isso significa, em nossa língua: “Ao mui poderoso e honroso cavaleiro, sir Nigel Loring de Christchurch, de seu amigo muito leal sir Claude Latour, capitão da Companhia Branca, castelão de Biscar, governador, senhor de Montchâteau e vassalo do renomado Gaston, conde de Foix, que detém os direitos da alta justiça, da média e da baixa”.

— Mas vejam só! — bradou o arqueiro, em júbilo. — Isso é exatamente o que ele teria dito.

— Consigo perceber agora que realmente é isso — disse John, examinando o pergaminho novamente. — Embora eu mal compreenda essa coisa de alta, média e baixa.

— Por minha empunhadura! Você entenderia, se fosse Jacques Bonhomme. A baixa justiça significa que se pode espoliar alguém, a média que se pode torturar, e a alta que se pode matar. É mais ou menos isso. Mas esta é a carta que tenho de levar, e já que a bandeja está limpa, é hora de nos abotoarmos e tomarmos nosso caminho. Você vem comigo, *mon gros Jean*. E quanto a você, pequeno, para onde disse que ia?

— A Minstead.

— Ah, sim. Conheço bem esta região das florestas, embora tenha nascido na centena de Easebourne, na *rape* de Chichester, perto da aldeia de Midhurst. Não tenho, porém, uma palavra sequer a dizer contra os homens do Hampton, pois não há melhores camaradas ou arqueiros mais precisos em toda a Companhia do que alguns que aprenderam a soltar a corda nestas regiões. Viajaremos com você até Minstead, rapaz, visto que não é um grande desvio de nosso caminho.

— Estou pronto — disse Alleyne, bem satisfeito com a ideia de ter tal companhia na estrada.

— Mas eu não estou. Tenho de guardar meu saque nesta estalagem, já que a anfitriã é uma mulher honesta. Ei, *ma chérie*, gostaria de deixar minha ourivesaria, meu veludo, minha seda, meu colchão de penas, meu turíbulo, meu jarro, meu linho de mesa e todo o resto com você. Levo apenas o dinheiro em uma bolsa de linho e a caixa de açúcar rosado, que é um presente de meu capitão para lady Loring. Podes guardar meu tesouro para mim?

— Será colocado no sótão mais seguro, bom arqueiro. Quando vier, o encontrará à sua espera.

— Isto sim é uma boa amiga! — exclamou o arqueiro, tomando-lhe a mão. — Eis uma *bonne amie*! Terra e mulheres inglesas e vinho e saque franceses, é o que digo. Voltarei em breve, *mon ange*. Sou um homem solitário, minha querida, e devo sossegar um dia, quando as guerras chegarem ao fim. Talvez nós dois... ah, *méchante, méchante*! Ali está *la petite*, espiando por detrás da porta. Agora, John, o sol já está acima das árvores. Você terá de ser mais ligeiro que isto quando o corneteiro soar os “Arcos e Podões”.

— Eu estava esperando ali atrás o tempo todo — disse Hordle John impacientemente.

— Então temos de partir. *Adieu, ma vie*! As duas livres devem bastar para pagar a conta e ainda comprar algumas fitas para a próxima quermesse. Não

te esqueças de Sam Aylward, pois o coração dele será para sempre somente teu... e teu, *ma petite!* Então, *marchons*, e queira São Juliano que consigamos hospedagem tão boa quanto esta em outros locais!

O sol já brilhava forte acima dos bosques de Ashurst e Denny, embora o vento leste estivesse cortante e as folhas tremulassem densamente nas árvores. Na rua principal de Lyndhurst os viajantes tiveram de andar com cuidado, pois a pequena vila estava abarrotada de guardas, cavaliços e ponteiros *yeomen* que acompanhavam a caçada real. O próprio rei estava hospedado no castelo de Malwood, mas vários membros de sua comitiva haviam sido obrigados a buscar os alojamentos que conseguissem nas choupanas de madeira ou pau-a-pique da aldeia. Pequenos escudetes aqui e ali, à vista em janelas sem vidro, distinguia a hospedagem de um cavaleiro ou barão naquela noite. Esses escudos de armas podiam ser lidos por aqueles para quem um pergaminho não teria qualquer significado, e o arqueiro, como a maioria dos homens de sua idade, era bem versado nos símbolos comuns da heráldica.

— Lá está a cabeça de mouro de sir Bernard Brocas — disse ele. — Vi-o pela última vez no conflito em Poitiers, há uns dez anos, ocasião em que ele se portou como homem. Ele é o estribeiro-mor do rei e sabe cantar uns versos bem alegres, embora nisso ele não chegue perto de sir John Chandos, que é o primeiro à mesa e na sela. Três merletas sobre um campo de azul, aquele deve ser um dos Luttrell. Pelo crescente, deve ser o segundo filho do velho sir Hugh, que levou uma seta no tornozelo na tomada de Romorantin, depois de uma investida na batalha, antes que o escudeiro pudesse afivelar o sapato de ferro na greva. Lá também está a espadela que é o velho distintivo dos De Bray. Servi sob o comando de sir Thomas de Bray, que era alegre como um passarinho e um vigoroso espadachim, até que ficou demasiadamente gordo para o arnês.

Assim tagarelava o arqueiro enquanto os três viajantes seguiam seu caminho por entre os cavalos a patear, os cavaliços atarefados, e os grupos de pajens e escudeiros que disputavam os méritos dos cavalos e cães veadeiros de seus senhores. Quando passaram pela velha igreja situada numa colina do lado esquerdo da rua da aldeia, a porta estava escancarada e uma torrente de fiéis vinha descendo pelo íngreme caminho na saída da missa matinal, todos matraqueando como uma multidão de gaios. Alleyne ajoelhou-se e tirou o chapéu ao ver a porta aberta, mas os camaradas já

havam dobrado uma curva do caminho antes que ele terminasse uma Ave, e o jovem teve de correr para alcançá-los.

— O quê! — disse ele. — Nem uma palavra de oração diante da porta aberta da casa de Deus? Como podem esperar que Ele abençoe o dia de hoje?

— Meu amigo — disse Hordle John —, orei tanto nos últimos dois meses, não apenas durante o dia, mas nas matinas, nas laudes e afins, quando eu mal conseguia segurar a cabeça nos ombros de tanto assentir, que sinto que já orei em demasia.

— Como um homem pode ter demasiada religião? — exclamou Alleyne com seriedade. — É a única coisa que tem algum valor. Um homem não é mais que um animal no dia-a-dia, quando come e bebe, respira e dorme. Apenas quando ele se eleva e se preocupa com o espírito imortal que há dentro de si é que se converte verdadeiramente em homem. Reflita sobre como seria triste se o sangue do Redentor tivesse sido derramado sem propósito.

— Abençoado seja o rapaz, que se ruboriza como uma menina mas prega como todo o Colégio de Cardeais — exclamou o arqueiro.

— Na verdade, me ruborizo pelo fato de alguém tão frágil e indigno como eu tentar ensinar a outro aquilo que ele mesmo considera tão difícil de seguir.

— Muito bem dito, *mon garçon*. Quanto a essa morte do Redentor, foi um negócio ruim. Um bom padre na França leu para nós um pergaminho que contava toda a verdade sobre o assunto. Os soldados o atacaram no jardim. Na verdade, esses apóstolos d'Ele podem ter sido homens santos, mas não eram grande coisa como homens de armas. Havia um, de fato, sir Pedro, que lutou como um homem de verdade. Mas, a não ser que eu esteja enganado, ele não fez mais que cortar a orelha de um criado, o que não lá foi um feito muito cavaleiresco. Pelos ossos destes dez dedos! Se eu estivesse lá com Simon Negro de Norwich e mais uma vintena de homens selecionados da Companhia, teríamos nos ocupado deles. Se não conseguíssemos fazer mais nada, teríamos, no mínimo, enchido o falso cavaleiro sir Judas de tantas flechas inglesas que ele amaldiçoaria o dia em que chegou a tal intenção.

O jovem clérigo sorriu diante da seriedade do companheiro.

— Se Ele quisesse ajuda — disse —, poderia ter convocado legiões de arcanjos dos céus. Que necessidade teria Ele de seu pobre arco e de suas

flechas? Além disso, considere as próprias palavras d'Ele: "todos os que tomam a espada, morrerão à espada".

— E como um homem poderia morrer melhor? — perguntou o arqueiro.
— Meu desejo seria cair assim, mas vejam bem, não em uma mera escaramuça da Companhia, mas no campo de batalha, com o grande estandarte do leão tremulando sobre nós e a auriflama vermelha à frente, em meio aos brados de meus camaradas e o vibrar das cordas. Mas que sejam espada, lança ou seta a me derrubar, pois eu consideraria uma vergonha morrer por uma bola de ferro de canhão ou bombarda, ou qualquer dessas armas indignas de um soldado, que só servem para assustar os bebês com o barulho estúpido e a fumaça.

— Ouvi falar muito, mesmo no tranquilo claustro, sobre esses novos e terríveis mecanismos — disse Alleyne. — Diz-se, embora eu mal possa acreditar, que eles disparam uma bola pelo dobro da distância que um arqueiro pode atirar a flecha, e com força suficiente para atravessar armaduras blindadas.

— É bem verdade, meu rapaz. Mas enquanto o artilheiro está embocando o pó do diabo, baixando a bola e acendendo a tocha, posso facilmente atirar seis flechas, talvez oito, de forma que ele não tem grande vantagem no final das contas. Mas não vou negar que faz bem ter um bom estoque de bombardas ao se tomar uma cidade. Ouvi dizer que em Calais elas fizeram buracos na muralha em que um homem podia enfiar a cabeça. Mas certamente, camaradas, alguém gravemente ferido passou por esta estrada antes de nós.

Realmente corria, por toda a trilha da mata, um rasto disseminado e esparso de marcas de sangue, que borravam as folhas mortas ou enrubesciam os seixos brancos, às vezes em meras gotas e em outros locais em manchas largas e vermelhas.

— Deve ser um veado ferido — disse John.

— Não, sou bom mateiro o suficiente para perceber que nenhum veado passou por aqui nesta manhã, e ainda assim o sangue está fresco. Mas escutem o som!

Os três pararam, ouvindo com as cabeças esticadas. Um som sibilante de açoite vinha através do silêncio da grande floresta, misturado com gemidos dolorosíssimos e a voz de um homem numa espécie de canção trêmula e alta. Os camaradas apressaram-se ansiosos, e ao chegarem ao topo de uma pequena elevação viram a origem dos estranhos ruídos do outro lado.

De ombros muito curvados, um homem alto caminhava devagar no centro do caminho, com a cabeça inclinada e as mãos apertadas. Estava vestido dos pés à cabeça com um longo pano de linho branco. Além de um chapéu alto branco pintado com uma cruz vermelha. A beca estava puxada abaixo dos ombros, e sua pele era uma visão de estremecer, pois fora completamente açoitada até a carne, com o sangue a encharcar o hábito e pingar no chão. Atrás dele ia um homem mais baixo, cujo cabelo tinha um toque de grisalho, trajando as mesmas vestimentas brancas. Entoava uma longa e lamuriosa rima na língua francesa, e ao final de cada verso levantava uma grossa corda, toda denteada com pelotas de chumbo, e batia nos ombros do companheiro até que o sangue jorrasse novamente. Enquanto os três viajantes observavam, porém, uma súbita mudança teve lugar. O menor, após terminar a canção, afrouxou a própria beca e passou o flagelo ao outro, que iniciou a estrofe mais uma vez e açoitou o companheiro com toda a força de seu braço nu e vigoroso. Assim, alternadamente castigando e sendo castigados, eles trilhavam um doloroso caminho entre os lindos bosques e sob os arcos cor de âmbar das faias a murchar, onde a majestade e a tranquila força da Natureza poderiam servir para repreender as tolas energias e esforços desperdiçados da humanidade.

Tal espetáculo era novo para Hordle John e para Alleyne Edricson, mas o arqueiro o encarou despreocupado, como uma ocorrência comum.

— Estes são os frades flagelantes — disse ele. — Admira-me que nunca tenham encontrado algum deles, pois além-mar eles comuns como espantalhos. Ouvi dizer que não há ingleses entre eles, e que são da França, da Itália e da Boêmia. *En avant, camarades*, para podermos conversar com eles.

Quando os alcançaram, Alleyne conseguiu ouvir o cântico fúnebre que o flagelante entoava, baixando o pesado chicote ao final de cada verso, enquanto os gemidos do flagelado formavam uma espécie de coro funesto. Era cantado em francês antigo, mais ou menos assim:

*Or avant, entre nous tous frères
Battons nos charognes bien fort
En remembrant la grant misère
De Dieu et sa piteuse mort
Qui fut pris en la gent amère
Et vendus et trais à tort*

*Et bastu sa chair, vierge et dère
Au nom de ce battons plus fort.*

Então, ao final de cada estrofe, o açoite trocava de mãos e o cântico recomeçava.

— A bem dizer, bons padres — disse o arqueiro em francês, quando ficaram lado a lado —, já se bateram o suficiente por hoje. A estrada está toda manchada, como um matadouro no Martinmas. Por que devem se maltratar tanto?

— *C'est pour vos péchés— pour vos péchés* — responderam eles em tom monocórdio, olhando para os viajantes com olhos tristes e sem brilho. Voltaram, então, à sangrenta tarefa mais uma vez, sem dar ouvidos aos pedidos e persuasões que lhes eram endereçados. Percebendo que os protestos eram inúteis, os três camaradas apertaram o passo, deixando esses estranhos viajantes com sua lúgubre incumbência.

— *Mort Dieu!* — exclamou o arqueiro. — Há um balde ou mais de meu sangue na França, mas todo ele derramado em intensas batalhas. Eu pensaria duas vezes antes de vertê-lo gota a gota como fazem esses frades. Por minha empunhadura! Nosso jovem está branco como um queijo picardo. Que há de errado, *mon cher*?

— Não é nada — respondeu Alleyne. — Minha vida foi muito tranquila, não estou acostumado a ver tais coisas.

— *Ma foi!* — exclamou o outro. — Nunca vi um homem tão forte com as palavras e de coração tão fraco.

— Não é assim, amigo — disse o grande John —, não é fraqueza de coração, pois conheço bem o rapaz. O coração dele é tão bom quanto o seu ou o meu, mas ele tem mais na cabeça do que você jamais carregará nessa sua caçarola de lata. Por consequência, ele enxerga mais longe e as coisas o afligem mais.

— Certamente é triste para qualquer homem — disse Alleyne —, ver esses homens sagrados, que não pecaram eles mesmos, sofrendo tanto pelos pecados dos outros. São santos, se nesta época alguém merece tão alto título.

— Não lhes dou a mínima — exclamou Hordle John —, pois quem está melhor por todos os uivos e chicotadas deles? No final das contas, são como os outros frades, creio eu. Que deixem as costas em paz, e açoitem o orgulho de seus corações.

— Pelos três reis, há verdade no que você diz! — comentou o arqueiro. — Além disso, creio que se eu fosse *le bon Dieu*, me traria pouca felicidade ver um pobre diabo cortando a própria carne. Eu consideraria que ele pensa pouco de mim, se espera me agradar com uma atividade de preboste. Não, por minha empunhadura! Veria com mais amor um alegre arqueiro que nunca fez mal a um adversário caído, nem nunca temeu um que estivesse de pé.

— Sem dúvida sua intenção não é pecar — disse Alleyne. — Se suas palavras são ferinas, não cabe a mim julgá-las. Você não percebe que há outros inimigos neste mundo além dos franceses, e que há a mesma glória a se conquistar ao derrotá-los? Não seria um dia glorioso, para um cavaleiro ou escudeiro, se conseguisse derrubar sete adversários na liça? Nós, no entanto, aqui estamos na liça da vida, e de encontro a nós vêm os sete sinistros campeões: sir Orgulho, sir Avareza, sir Luxúria, sir Ira, sir Gula, sir Inveja e sir Preguiça. Se um homem derrubar os sete, receberá o prêmio do dia das mãos da mais bela rainha da beleza, a Virgem Mãe em pessoa. É por isso que esses homens mortificam a própria carne, para servir de exemplo para nós, que nos mimamos em demasia. Digo novamente que são santos de Deus, e curvo a cabeça para eles.

— E deve mesmo fazê-lo, *mon petit* — respondeu o arqueiro. — Não ouvi nenhum homem falar melhor desde a morte do velho dom Bertrand, outrora capelão da Companhia Branca. Era um homem muito valente, mas na batalha de Brignais teve o corpo atravessado por um homem de armas de Hainault. Conseguimos a excomunhão do homem por isso, quando nos encontramos novamente com nosso santo padre em Avignon, mas como não sabíamos o nome dele, apenas que ele montava um *roussin* tordilho, às vezes temo que a praga tenha recaído sobre o homem errado.

— Sua Companhia ajoelhou-se, então, perante nosso santo padre, o papa Urbano, sustentáculo e centro da Cristandade? — perguntou Alleyne, muito interessado. — Porventura você mesmo pôs os olhos em seu augusto rosto?

— Vi-o duas vezes — disse o arqueiro. — Era um homem magro, parecido com um rato, com uma cicatriz no queixo. Na primeira vez tiramos cinco mil coroas dele, embora ele tenha feito muito alvoroço por conta disso. Na segunda vez pedimos dez mil, mas foram três dias até chegarmos a um acordo, e sou da opinião de que teria sido melhor se tivéssemos pilhado o palácio. Pelo que me lembro, o camerlengo e os

cardeais se adiantaram para perguntar se aceitaríamos sete mil coroas com a bênção dele e uma absolvição plenária, ou as dez mil com o banimento solene pelo sino, pelo livro e pela vela. Todos estávamos de acordo que era melhor ficar com as dez mil e a maldição, mas de alguma forma eles levaram a melhor sobre sir John, e assim fomos abençoados e absolvidos contra nossa vontade. Pode ser que tenha sido bom, pois a Companhia estava necessitada disso naquela época.

O beato Alleyne ficou em profundo choque diante de tais memórias. Involuntariamente, olhou de relance por todos os lados e para cima, para ver se havia algum sinal dos oportunos raios e trovões que, na *Acta Sanctorum*, costumavam com frequência interromper o discurso imprudente dos trocistas. O sol de outono brilhava forte como sempre, e o pacífico caminho avermelhado ainda serpenteava à frente deles pela floresta farfalhante e tingida de amarelo. A natureza parecia estar demasiadamente ocupada com seus próprios assuntos para se preocupar com a dignidade de um pontífice ultrajado. Não obstante, o jovem sentiu uma sensação de opressão e vergonha no peito, como se ele mesmo tivesse pecado ao ouvir tais palavras. Vinte anos de ensinamentos bradaram contra essa franqueza exagerada. Somente após atirar-se diante de uma das muitas cruzes à beira do caminho e orar do fundo do coração, pelo arqueiro e por si mesmo, foi que a nuvem sombria se dissipou de seu espírito.

CAPÍTULO VIII

OS TRÊS AMIGOS

Os companheiros haviam prosseguido enquanto ele estava em oração, mas tanto o sangue jovem quanto o ar fresco da manhã convidavam a uma corrida. Com o cajado numa mão e o embornal na outra, com passos elásticos e as madeixas esvoaçantes, Alleyne disparou pelo caminho da floresta, ágil e gracioso como um jovem cervo. Não teve de ir muito longe, porém, pois, ao dobrar uma curva, deparou com uma choupana de beira da estrada com uma cerca de madeira ao redor. Nesta estavam o grande John e o arqueiro Aylward, olhando fixamente para algo do lado de dentro. Quando os alcançou, viu que dois rapazinhos, um de cerca de nove anos de idade e o outro um bocado mais velho, estavam de pé no terreno à frente da choupana. Cada um deles segurava uma vara arredondada na mão esquerda, com os braços rígidos e retos abaixo do ombro, silenciosos e quietos como duas pequenas estátuas. Eram meninos bonitos, de olhos azuis e cabelos louros, robustos e vigorosos, com peles bronzeadas que revelavam sua vida na floresta.

— Eis aqui jovens lascas de um bom e velho cabo de arco! — exclamou o soldado com grande satisfação. — Esta é a maneira correta de se criar crianças. Por minha empunhadura, eu não poderia tê-los treinado melhor, se desse as ordens!

— O que é isso, então? — perguntou Hordle John. — Eles estão muito rijos em pé, e suspeito que não tenham nascido assim.

— Não, estão treinando os braços esquerdos, para segurar o arco com firmeza. Foi assim que meu pai me treinou, e seis dias por semana eu segurava o cajado dele até meu braço ficar pesado como chumbo. Ei, *mes enfants!* Por quanto tempo ficarão assim?

— Até o sol estar acima da grande limeira, bom mestre — respondeu o mais velho.

— O que é que vão ser, então? Mateiros? *Verderers*?

— Não, soldados — exclamaram os dois juntos.

— Pelas barbas de meu pai! Mas são mesmo crias de uma boa prole. Por que têm tanto interesse em ser soldados, então?

— Para podermos lutar contra os escoceses — responderam eles. — O papai vai nos mandar lutar contra os escoceses.

— E por que os escoceses, meus bons rapazes? Vi galés francesas e espanholas ainda em Southampton, mas creio que passará um bom tempo até os escoceses aparecerem nesta região.

— Nosso assunto é com os escoceses — disse o mais velho —, pois foram os escoceses que cortaram os dedos da corda de papai, e os polegares.

— Sim, rapazes, foi isso — disse uma voz profunda atrás dos ombros de Alleyne. Olhando para trás, os viajantes viram um homem magro, de ossos grandes, bochechas encovadas e rosto descorado que chegara atrás deles. Levantara as duas mãos enquanto falava, e mostrava que os polegares e os dois primeiros dedos haviam sido arrancados de ambas.

— *Ma foi, camarade!* — exclamou Aylward. — Quem te tratou de maneira tão vergonhosa?

— É fácil perceber, amigo, que você nasceu longe das marcas da Escócia — disse o estranho, com um sorriso amargo. — Ao norte do Humber não há homem que não conheça as obras do Diabo Douglas, o sinistro lorde James.

— E como foi que você caiu nas mãos dele? — perguntou John.

— Sou um homem das regiões nortenhas, da vila de Beverley, na *wapentake* de Holderness — respondeu ele. — Houve uma época em que não havia melhor atirador que Robin Heathcot de Trent a Tweed. No entanto, como pode ver, ele me deixou sem poder agarrar o podão de guerra ou o arco, como fez com muitos outros pobres arqueiros da fronteira. Mas o rei me deu sustento aqui nas terras do sul, e se Deus quiser estes dois rapazes pagarão uma dívida que já dura muito tempo. Qual é o preço pelos polegares do papai, meninos?

— Vinte vidas escocesas — eles responderam juntos.

— E pelos dedos?

— Uma dezena.

— Quando puderem dobrar meu arco de guerra e derrubar um esquilo a cem pés de distância, eu os mandarei para servir sob Johnny Copeland, o lorde das marcas e governador de Carlisle. Por minha alma! Daria o resto de meus dedos para ver o Douglas à distância de uma flechada deles.

— Que viva para vê-lo — disse o arqueiro. — E escutem, *mes enfants*, ouçam o conselho de um velho soldado e debrucem seus corpos sobre arco, puxando tanto com o quadril e a coxa quanto com o braço. Também lhes rogo que aprendam a atirar a flecha descendente. Pois embora um arqueiro possa, às vezes, ser obrigado a atirar em linha reta e rápido, é mais comum que ele tenha de lidar com guardas de vilas atrás de muralhas ou com besteiros com os manteletes levantados, de forma que não se consegue atingi-los a não ser que a flecha caia diretamente em cima deles, vinda das nuvens. Não puxo uma corda há duas semanas, mas pode ser que eu consiga lhes mostrar como esses tiros devem ser feitos.

Afrouxou o arco longo, pendurou a aljava à frente e examinou os arredores à procura de um alvo adequado. Havia um cepo amarelo e seco a certa distância, visível sob os ramos caídos de um imponente carvalho. O arqueiro mediu a distância com o olho, e então, puxando três flechas, atirou-as com tal velocidade que a primeira ainda não atingira o alvo antes de a última estar na corda. Cada uma das flechas passou muito acima do carvalho, e duas delas acertaram em cheio no cepo. A terceira, apanhada por alguma rajada de vento errante, foi levada para o lado por um ou dois pés.

— Muito bem! — exclamou o homem do norte. — Ouçam-no, rapazes! Ele é um arqueiro mestre. Seu pai diz amém para tudo o que ele disser.

— Por minha empunhadura! — disse Aylward. — Se eu fosse pregar sobre o tiro com arco, um dia inteiro mal seria suficiente para meu sermão. Temos atiradores na Companhia que conseguem acertar flechas em todas as aberturas ou encaixes do arnês de um homem de armas, da fivela do morrião à articulação da greva. Mas, com sua licença, amigo, tenho de recolher minhas setas novamente, pois embora uma flecha custe um pêni, um homem pobre não pode deixá-las fincadas em cepos de beira de estrada. Temos, de continuar nosso caminho, então, e espero de coração que você possa treinar estes dois jovens açores até que estejam prontos para atirar nas presas de que falaram.

Deixando para trás o arqueiro sem polegares e sua prole, os viajantes partiram pelas cabanas esparsas de Emery Down e prosseguiram em direção

ao urzal ondulado, profundamente coberto de fetos e barbas-do-mato, onde bandos de escuros porcos da floresta, meio selvagens, alimentavam-se em meio aos outeiros. A essa altura o bosque se perdia à esquerda e à direita, ao passo que a estrada subia em curva e o vento batia pungente sobre os volumosos planaltos. As largas faixas de samambaias brilhavam em tons de vermelho e amarelo contra o solo escuro e turfoso, e uma majestosa corça, que pastava em meio a elas, virou a fronte branca e os grandes olhos questionadores na direção dos viajantes. Alleyne fitou, admirado, a graciosa beleza da criatura, mas os dedos do arqueiro brincavam com a aljava e seus olhos cintilavam com o instinto cruel que incita um homem à matança.

— *Tête Dieu!* — resmungou ele. — Se aqui fosse a França, ou até a Guiana, teríamos um bom pernil para nossa refeição da nona hora. Lei ou não, tenho em mente atirar uma seta nela.

— Eu quebraria sua vara com o joelho antes que o fizesse — bradou John, pousando a enorme mão no arco. — O quê! Homem, nasci na floresta, sei o que acontece. Em nosso distrito de Hordle, dois perderam os olhos e um perdeu a pele exatamente por isso. Para dizer a verdade, não senti muita afeição quando o vi pela primeira vez, mas desde então minha consideração por você cresceu, de forma que não gostaria que fosse vítima do flagelo do *verderer*.

— Meu ofício é arriscar a pele — resmungou o arqueiro. Não obstante, jogou a aljava por sobre o ombro novamente e virou o rosto para o oeste.

O caminho ainda subia à medida que prosseguiam, passando de urzais a bosques de azevinho e teixo, e depois voltando aos urzais. Era uma alegria ouvir o aprazível assobiar dos melros quando disparavam de uma moita a outra. De quando em quando um córrego turfoso cor de âmbar serpenteava pelo caminho com as margens cobertas por samambaias, onde martins-pescadores azuis saltitavam ativamente de um lado para o outro, ou garças cinzentas e pensativas, inchadas pela dignidade e pelas trutas, ficavam de pé entre os juncos até os tornozelos. Gaios chilreantes e pombos-torcazes barulhentos batiam asas pesadamente acima, ao passo que, de quando em vez, a batida calculada do carpinteiro da Natureza, o grande pica-pau-verde, ressoava nos arvoredos à beira do caminho. A grande região campestre se alargava e se expandia por ambos os lados. Em um, descia pela floresta amarelada e o urzal marrom, até a fumaça distante de Lymington e o canal azul e enevoadado, próximo à linha do horizonte. Ao Norte, o bosque se estendia com um arvoredo coroando outro, até o ponto mais distante, onde

o coruchéu branco de Salisbury se destacava, firme e nítido contra o céu límpido. Para Alleyne, que passara os dias na região costeira de baixa altitude, o ar pungente dos planaltos e o vasto e aberto campo davam uma sensação de vida e alegria de viver, que faziam seu sangue jovem borbulhar nas veias. Nem mesmo o invulgar John estava impassível diante da beleza da estrada, e o arqueiro assobiava energicamente ou cantarolava fragmentos de canções de amor francesas, numa voz que poderia assustar a donzela de coração mais forte que já tivesse ouvido uma serenata.

— Tomei gosto por aquele homem do Norte — comentou, passado pouco tempo. — Ele tem grande força de ódio. Podia-se ver, pela face e pelo olhar dele, que é amargo como o agraço. Afeiçoo-me aos homens que têm fel no fígado.

— Ai de mim! — suspirou Alleyne. — Não seria melhor se ele tivesse amor no coração?

— Eu não diria que não. Por minha empunhadura! Nunca dirão que sou traidor do Deus menino. Que um homem ame o sexo. *Pasques Dieu!* São feitas para serem amadas, *les petites*, do véu ao cadarço do sapato! Fico muito contente, *mon garçon*, por perceber que os bons monges te treinaram de maneira tão boa e sábia.

— Não, eu não quis dizer o amor mundano, mas que o coração dele deveria abrandar diante daqueles que lhe fizeram mal.

O arqueiro balançou a cabeça em negativa.

— Um homem deve amar seus iguais — disse ele. — Mas não é natural que um inglês ame um escocês ou um francês. *Ma foi*, você não viu um bando de invasores de Nithsdale montados em pôneis Galloway, ou não falaria sobre amá-los. Eu antes tomaria nos braços o próprio Belzebu. Temo, *mon gars*, que na verdade tenham te ensinado mal em Beaulieu, pois certamente um bispo sabe mais sobre o que é certo e errado que um abade, e eu, com estes mesmos olhos, vi o bispo de Lincoln cortar um *hobelar* escocês com um machado de guerra, o que foi uma maneira estranhíssima de mostrar que o amava.

Alleyne não encontrou forma de discutir, diante de opinião tão firme de um alto dignitário da Igreja.

— Pegou em armas contra os escoceses, então? — perguntou.

— Ora, homem, a primeira vez que soltei uma corda, quando ainda era um rapazola dois anos mais novo que você, foi em Neville's Cross, sob o comando do lorde Mowbray. Depois servi sob o protetor de Berwick, o

próprio John Copeland sobre quem nosso amigo falou, o mesmo que manteve o rei dos Escoceses sob custódia. *Ma foi*, é um serviço militar pesado, e uma boa escola para quem quiser aprender a ser resistente e sábio em termos de guerra!

— Ouvi dizer que os escoceses são bons homens de guerra — disse Hordle John.

— Nunca vi machadeiros e lanceiros iguais aos deles — o arqueiro respondeu. — Eles conseguem viajar, também, com um saco de provisões e uma grelha pendurados no talabarte, de forma que é inconveniente persegui-los. As plantações são escassas e há pouco gado nas regiões fronteiriças, onde se tem de ceifar os cereais com a foice numa mão e o podão na outra. Por outro lado, são os arqueiros mais lamentáveis que já vi, e não conseguem sequer mirar com a balestra, isso para não falar no arco longo. Além disso, são gente pobre na maioria, até mesmo os nobres, de forma que são poucos os que conseguem comprar uma brigantina de cota de malha tão boa quanto a que estou vestindo. É inconveniente para eles defrontarem nossos cavaleiros, que carregam o preço de cinco fazendas escocesas no peito e nos ombros. Homem por homem, com armas iguais, são tão valorosos e valentes quanto quaisquer guerreiros que se pode encontrar em toda a Cristandade.

— E os franceses? — perguntou Alleyne, para quem a conversa trivial do arqueiro continha todo o prazer que as palavras de um homem de ação dão ao recluso.

— Os franceses também são muito valorosos. Tivemos muito boa sorte na França, o que gerou muita bazófia e conversas de acampamento, mas sempre observei que os que mais sabem são os que menos têm a dizer sobre o assunto. Vi franceses lutando em campo aberto, na tomada ou defesa de cidades e vilas acasteladas, em escaladas, assaltos e incursões noturnos, emboscadas, surtidas, investidas e torneios cavalheirescos de lança. Os cavaleiros e escudeiros deles, meu rapaz, são tão bons quanto os nossos, até os mínimos detalhes, e eu poderia escolher uma vintena, entre os que cavalgam com Du Guesclin, que fariam bom papel na liça com lanças afiadas contra os melhores homens do exército inglês. Por outro lado, o povo comum está tão esmagado pela gabela, pela capitação e por todos os tipos de taxas malditas, que o espírito se esvaiu deles. É um plano de tolo ensinar homens a serem cachorrinhos nos períodos de paz e pensar que serão leões na guerra. Se forem tosquiados como ovelhas, permanecerão

ovelhas. Se os nobres não tivessem subjugado os pobres, muito provavelmente nós não teríamos subjugado os nobres.

— Mas eles devem ser um povo deplorável, para abaixar a cabeça para os ricos dessa maneira — disse o grande John. — Não passo de um pobre plebeu da Inglaterra, mas ainda assim sei algo sobre licenças, liberdades, concessões, usos, privilégios, costumes e afins. Se eles são violados, todos sabem que é hora de comprar pontas de flecha.

— Sim, mas na França os homens da lei são tão fortes quanto os homens de guerra. Por minha empunhadura! Considero que um homem de lá tenha mais a temer do tinteiro que do aço. Sempre há algum maldito pergaminho nos cofres deles, que prova que o rico deve ficar mais rico e o pobre mais pobre. Dificilmente ocorreria na Inglaterra, mas são um povo tranquilo do outro lado do mar.

— E que outras nações viu em suas viagens, bom senhor? — perguntou Alleyne Edricson. Sua jovem mente ansiava por fatos simples da vida, após o longo percurso de reflexão e misticismo no qual fora treinado.

— Vi os homens dos Países Baixos em batalha, e não tenho nada a dizer contra eles. São pesados e lentos por natureza, e não saem em batalha pelo olhar de uma dama ou pelo vibrar da corda de um menestrel, como os sulistas de sangue mais quente. Mas *ma foi!* Ponha as mãos nos fardos de lã deles ou graceje sobre o veludo de Bruges, e todos os burgueses saem como abelhas de uma colmeia, preparados para lutar como se fosse seu único ofício na vida. Por Nossa Senhora! Eles mostraram aos franceses em Courtrai e em outros lugares que empunham o aço tão bem quanto o fundem.

— E os homens da Espanha?

— Também são soldados muito corajosos, tanto mais pelas centenas de anos que tiveram de lutar ferozmente contra os malditos seguidores do sombrio Mafomede, que os oprimem vindos do Sul, e pelo que sei, ainda controlam a maior parte do país. Tive um encontro com eles no mar, quando vieram a Winchelsea e a boa rainha e suas senhoras sentaram-se nas falésias e nos assistiram de cima, como se fosse uma justa ou torneio. Por minha empunhadura! Foi uma visão a que valeu a pena assistir, pois o que havia de melhor na Inglaterra estava no mar naquele dia. Partimos em navios pequenos e voltamos em grandes galés — pois mais de duas vintenas dos cinquenta enormes navios da Espanha fugiram da cruz de São Jorge antes do pôr do sol. Mas agora, jovem, respondi às suas perguntas

abertamente, e creio que é hora de você me responder. Que as coisas sejam francas entre nós. Sou um homem que atira direto no alvo. Viu as coisas que eu tinha comigo naquele albergue. Se simplesmente me acompanhar à França, receberá o que quiser, a não ser pela caixa de açúcar rosado que levo para lady Loring.

— Não — disse Alleyne —, de bom grado eu iria com vocês à França ou aonde quer que fossem, ainda que apenas para ouvir sua conversa, e porque são os dois únicos amigos que tenho no mundo inteiro fora do claustro. Mas realmente não poderá ser, pois meu dever é para com meu irmão, visto que o pai e a mãe estão mortos e ele é o mais velho. Além disso, quando fala em me levar à França, você não considera o quanto eu lhes seria inútil, visto que não sirvo para a guerra, seja por treinamento ou índole, e não parece haver nada a não ser conflitos naquelas regiões.

— Isso é consequência de minha conversa estúpida — exclamou o arqueiro —, por não ser um homem instruído, minha língua sempre se volta para as espadas e alvos, como minhas mãos. Pois fique sabendo que para cada pergaminho que existe na Inglaterra, há vinte na França. Para cada uma de nossas estátuas, pedras preciosas lapidadas, oratórios, telas esculpidas, ou o que mais puder agradar os olhos de um clérigo erudito, eles têm uma boa centena. Durante a pilhagem de Carcassona vi aposentos abarrotados de escritos, embora ninguém de nossa Companhia soubesse lê-los. Além disso, em Arles, Nîmes e outras vilas que não consigo nomear, há os grandes arcos e fortificações ainda de pé, construídos em tempos antigos por homens gigantes vindos do sul. Consigo perceber, pelo brilho em seu olhar, como adoraria ver essas coisas. Venha comigo, e, pelos ossos destes dez dedos, não há uma sequer que não verá.

— Eu realmente adoraria vê-las — Alleyne respondeu —, mas venho de Beaulieu por uma razão, e devo ser fiel a minha tarefa, como tu és à tua.

— Reflita mais uma vez, *mon ami* — disse Aylward —, que você pode fazer muitas coisas boas por lá, já que há trezentos homens na Companhia e nenhum deles jamais recebeu uma palavra da graça, e a Virgem sabe que nunca houve um grupo mais necessitado. Decerto um dever pode compensar o outro. Seu irmão ficou sem você por todos esses anos, e, pelo que sei, nunca foi até Beaulieu para vê-lo durante todo esse tempo, então não deve estar muito necessitado de sua pessoa.

— Além disso — disse John —, o *socman* de Minstead é infame por toda a floresta, de Bramshaw Hill a Holmesley Walk. É um pulha bêbado,

truculento e perigoso, como poderá descobrir por si mesmo.

— É ainda mais razão para que eu me esforce para corrigi-lo — disse Alleyne. — Não há necessidade de me incitar, amigos, pois meus próprios desejos me levariam à França, e seria uma alegria para mim poder ir com vocês. Mas, a bem dizer, realmente não poderá ser. Aqui me despeço, pois aquela torre quadrada entre as árvores à direita deve certamente ser a igreja de Minstead, e posso chegar a ela por este caminho através do bosque.

— Bem, que Deus esteja contigo, rapaz! — exclamou o arqueiro, apertando Alleyne contra o coração. — Amo e odeio facilmente, e Deus é testemunha de que detesto me despedir.

— Não seria bom — disse John —, que esperássemos aqui, para ver que tipo de recepção você terá de seu irmão? Pode ser que seja tão bem-vindo quanto o requisitante do rei o é para a dama da aldeia.

— Não, não — respondeu ele —, não esperem por mim, pois aonde vou, fico.

— Mas pode ser bom que você saiba aonde vamos — disse o arqueiro. — Agora viajaremos pelo bosque rumo ao sul, até chegarmos à estrada de Christchurch, e nela prosseguiremos. Esperamos chegar hoje à noite ao castelo de sir William Montacute, conde de Salisbury, do qual sir Nigel Loring é o condestável. Lá aguardaremos, e é provável que por um mês possamos ser encontrados lá, antes de estarmos prontos para nossa viagem de volta à França.

Foi realmente difícil para Alleyne deixar estes novos mas sinceros amigos. Tão forte foi o embate entre sua consciência e suas inclinações que ele não se atreveu a olhar para trás, temendo que a determinação pudesse abandoná-lo. Apenas quando já estava fundo em meio aos troncos de árvores foi que lançou um olhar para trás, e percebeu que ainda podia enxergá-los por entre os galhos na estrada acima de si. O arqueiro estava de pé com os braços cruzados, o arco saliente acima do ombro e o sol brilhando forte sobre o elmo e os elos da cota de malha. Ao lado estava seu recruta gigante, ainda trajando as caseiras e mal-ajustadas roupas do pisoeiro de Lymington, com os braços e as pernas saltando da diminuta vestimenta. Bem quando Alleyne os assistia, giraram nos calcanhares e partiram juntos em seu caminho.

CAPÍTULO IX

COMO EVENTOS ESTRANHOS OCORRERAM NO BOSQUE DE MINSTEAD

O caminho que o jovem clérigo tinha agora pela frente estendia-se por uma magnífica floresta da mais pesada madeira, onde enormes bojos de carvalho e faia formavam compridos corredores em todas as direções. Atirando seus enormes galhos para o alto, eles formavam os majestosos arcos de uma catedral da própria Natureza. No chão havia um amplo carpete do musgo mais verde e macio, salpicado com folhas caídas, que acolhia agradavelmente os pés dos viajantes. A trilha que o guiava era tão pouco utilizada que em alguns locais se perdia totalmente em meio à grama, reaparecendo como um sulco avermelhado entre os troncos de árvore distantes. O coração das terras da floresta ainda era muito quieto. O farfalhar suave dos galhos e o arrulhar distante dos pombos eram os únicos sons que quebravam o silêncio, exceto pela vez em que Alleyne ouviu, à distância, o alegre toque de uma corneta e o latido esganiçado dos cães de caça.

Ele observava o cenário ao redor com certa emoção, pois a despeito da vida reclusa, conhecia o bastante sobre a antiga grandeza de sua família para saber que houvera uma época em que eles eram senhores incontestes e soberanos de todas aquelas terras. Seu pai podia traçar uma pura linhagem saxã até Godfrey Malf, o senhor feudal de Bristerne e de Minstead na época em que os normandos haviam posto os pés blindados em solo inglês pela primeira vez. O florestamento do distrito e sua conversão em domínio real, porém, haviam mutilado uma grande porção de sua propriedade, ao passo que outras partes haviam sido confiscadas como punição por sua suposta cumplicidade em um malfadado levante saxão. O destino do ancestral seria comum ao de seus descendentes. Durante trezentos anos os domínios

havia gradualmente encolhido, algumas vezes por invasão real ou feudal, em outras por donativos à Igreja, como aquele com o qual o pai de Alleyne abrira as portas de Beaulieu para o filho mais novo. Deste modo a importância da família se reduzira, mas eles ainda detinham a antiga casa senhorial saxônica, com algumas fazendas e um bosque grande o bastante para servir de forragem para cem porcos — *sylva de centum porcis*, como era descrito nos velhos pergaminhos da família. Acima de tudo, o proprietário das terras ainda podia andar com a cabeça erguida como o verdadeiro *socman* de Minstead — isto é, detentor do terreno em livre *socage*, sem superior feudal e desobrigado a responder a qualquer homem abaixo do rei. Sabedor disto, Alleyne sentiu um pequeno rubor de orgulho mundano quando observou, pela primeira vez, a terra a que tantas gerações de seus ancestrais haviam se associado. Apertou o passo, rodopiando alegremente o cajado e procurando em cada curva do caminho por algum sinal de uma antiga residência saxônica. Deteve-se subitamente, porém, pelo surgimento de um sujeito de aparência bravia armado com uma clava, que saltou de trás de uma árvore e barrou sua passagem. Era um camponês rústico e robusto, usando coifa e túnica de pele de cordeiro não curtida, calças de couro e bombachas em torno das pernas e dos pés.

— Pare! — gritou ele, erguendo o pesado porrete para forçar o cumprimento da ordem. — Quem é você, que anda tão à vontade pela mata? Aonde vai, e qual é seu propósito?

— Por que eu deveria responder às suas perguntas, meu amigo? — disse Alleyne, pondo-se alerta.

— Porque sua língua pode lhe salvar a pele. Mas onde foi que vi seu rosto antes?

— Ainda na noite passada, no Esmerilhão Malhado — respondeu o clérigo, reconhecendo o servo fugido que falara tão francamente sobre suas injúrias.

— Pela Virgem! Sim. Você é o clerigozinho que ficou sentado calado no canto, e depois se exaltou com o trovador. Que é que tens no embornal?

— Nada de valor.

— Como posso ter certeza disso, clérigo? Deixe-me ver.

— Eu, não.

— Idiota! Eu poderia arrancar seus membros um por um, como a um frango. O que prefere? Esqueceste-te de que estamos sozinhos, longe de

todos os homens? Como seu clero pode ajudá-lo agora? Gostarias de perder o embornal e também a vida?

— Não vou entregar nenhum dos dois sem brigar.

— Brigar, deveras? Uma luta entre um galo com esporas e um pintinho recém-chocado! Teus dias de briga podem estar no fim.

— Se tivesses me pedido por caridade, eu teria dado de bom grado — exclamou Alleyne. — Nestas condições, você não receberá de mim um trocado sequer de boa vontade, e quando eu vir meu irmão, o *socman* de Minstead, ele fará a convocação de vila em vila, de centena em centena, até que você seja pego com um ladrão comum, uma praga para a região.

O bandido baixou a clava.

— O irmão do *socman*? — arquejou ele. — Mas pelas chaves de Pedro! Eu preferia que minha mão murchasse e minha língua se paralisasse antes que eu lhe batesse ou o ofendesse. Se você é o irmão do *socman*, garanto que está do lado certo, mesmo com essa roupa de clérigo.

— Sou irmão dele — disse Alleyne. — Mas se não fosse, seria razão para você me incomodar nas terras do rei?

— Não dou a mínima para o rei ou para qualquer nobre — exclamou o servo ardentemente. — Mal eles me trataram, e com o mal lhes pagarei. Sou um bom amigo para os meus, e, pela Virgem, um péssimo adversário para os inimigos.

— E, assim, o pior inimigo de si mesmo — disse Alleyne. — Mas lhe rogo, já que parece conhecer meu irmão, que me indique o caminho mais curto para a casa dele.

O servo estava prestes a responder, quando o toque límpido e vibrante de uma corneta irrompeu da mata logo atrás deles, e Alleyne viu, por um instante, a lateral castanho-escura e o peito branco de um altivo veado, relanceando com rapidez entre os distantes troncos de árvore. Um minuto depois vieram os hirsutos veadeiros, doze ou quatorze deles, farejando um rasto recente com os narizes baixos e os rabos empinados. Quando passaram como uma torrente, a silenciosa floresta ao redor irrompeu subitamente em ruidosa vida, com o bater de cascos, o estalar do matagal e os gritos curtos e fortes dos caçadores. Logo atrás da matilha vinham um arauto e um ponteiro *yeoman*, gritando com os retardatários e incentivando os líderes da matilha, no agudo jargão meio-francês que era a língua da caça e das atividades florestais. Alleyne ainda os observava pasmado, ouvindo os altos “Vamos, Bayard!”, “Vamos, Pomers!” e “Vamos, Lebryt!” com que

atizavam seus cães de caça preferidos, quando um grupo de homens a cavalo veio estrondeando pela vegetação rasteira e chegou ao exato lugar onde o servo e ele estavam de pé.

O homem que os liderava tinha entre cinquenta e sessenta anos, o rosto marcado pela guerra e castigado pelo clima, com uma pensativa testa larga e olhos que brilhavam vivamente sob as sobrancelhas ferozes e arqueadas. A barba, com densos filões grisalhos, eriçava-se do queixo, e revelava uma índole impetuosa. O rosto longo com feições finas e a boca firme denotavam um líder de homens. Tinha uma silhueta aprumada e belicosa, e cavalgava com a elegância descuidada de um homem que passara a vida na sela. Em vestimentas comuns, o rosto senhorial e o olhar fulgurante teriam caracterizado o homem como alguém destinado a governar. Naquele momento, com a túnica de seda salpicada por flores-de-lis douradas, o manto de veludo forrado com arminho real e os leões da Inglaterra estampados em prata sobre o arnês, ninguém deixaria de reconhecer o nobre Eduardo, o mais marcial e poderoso de toda a linhagem de monarcas guerreiros que haviam governado o povo anglo-normando. Alleyne tirou o chapéu e abaixou a cabeça à vista dele, mas o servo juntou as mãos e pousou-as no porrete, olhando com pouca afeição para o grupo de nobres e cavaleiros de companhia que cavalgavam atrás do rei.

— Rá! — exclamou Eduardo, puxando as rédeas de seu possante corcel negro por um momento. — *Le cerf est passé? Non? Ici, Brocas; tu parles Anglais.*

— E o cervo, labregos? — disse um homem de aspecto duro e rosto moreno que cavalgava logo ao lado do rei. — Se o tiverem feito voltar, custará suas orelhas.

— Ele passou por aquela faia seca — disse Alleyne, apontando —, e os cães de caça estavam logo em seu encalço.

— Está bem — exclamou Eduardo, ainda falando francês. Embora pudesse compreender o inglês, ele nunca aprendera a se expressar em língua tão bárbara e rude. — Por minha fé, senhores — continuou, meio virado na sela para se dirigir ao séquito —, a não ser que meus conhecimentos florestais estejam deploravelmente equivocados, é um veado de seis pontas, o melhor que atizamos nesta jornada. O primeiro a soar o toque de morte receberá um Santo Humberto dourado.

Sacudiu a rédea enquanto falava e saiu estrondeando, com os cavaleiros inclinados nos cavalos e galopando tão rápido quanto o chicote e a espora

eram capazes de levá-los, na esperança de conquistar o prêmio do rei. Partiram pela extensa clareira verde — os cavalos baios, negros e cinzentos, os montadores trajando todos os tons de veludo, peles ou seda, com o reluzir dos berrantes de bronze e os lampejos das facas e lanças. Apenas um deles permaneceu, o Barão Brocas de frente escura. Fazendo uma cabriola que o deixou a uma braçada de distância do servo, golpeou-o no rosto com o chicote de montaria.

— Tire o chapéu, cão, tire o chapéu — sibilou ele —, quando um monarca se dignar a baixar os olhos para alguém como você! — E então saiu esporeando pela vegetação e se foi, com o brilho dos sapatos de aço e o farfalhar de folhas mortas.

O vilão aceitou o golpe cruel sem se encolher ou reclamar, como alguém para quem as chicotadas são um direito de nascença e uma herança. Seus olhos flamejavam, no entanto, e ele sacudiu a mão ossuda num gesto feroz e bravio contra a figura que se retirava.

— Cão negro da Gasconha — resmungou —, maldito seja o dia em que você e os seus puseram os pés na Inglaterra livre! Conheço teu canil de Rochecourt. Chegará uma noite em que farei a ti e aos teus o que tua classe causou a mim e aos meus. Que Deus me castigue se eu falhar em te castigar, ladrão francês, e a tua esposa, teu filho e tudo o que há sob o teto de teu castelo!

— Basta! — exclamou Alleyne. — Não misture o nome de Deus com essas ameaças profanas! Mas foi um golpe de covarde, capaz de ferver o sangue e soltar a língua do homem mais pacífico. Deixe-me encontrar algumas ervas medicinais sedativas e colocá-las no vergão para atenuar a dor.

— Não, há apenas uma coisa que pode atenuar a dor, e espero que o futuro possa trazê-la para mim. Mas, clérigo, você tem de prosseguir se quer ver seu irmão. Haverá um encontro hoje, e o bando alegre vai estar à espera dele antes que as sombras passem do Oeste ao Leste. Rogo-lhe que não o atrase, pois seria uma maldade se todos os fortes rapazes estivessem lá, e o líder não. Eu iria com você, mas a verdade é que estou postado aqui e não posso sair. Aquele caminho entre o carvalho e o espinheiro o levará às terras mais baixas dele.

Alleyne não demorou a seguir as instruções do homem bravio e sem senhor, que deixou entre as árvores onde o havia encontrado. Seu coração estava mais pesado após esse encontro, não apenas porque sua índole gentil

repugnava a amargura e a ira, mas também porque lhe perturbara ouvir falar do irmão como se fosse um chefe de bandidos, ou o líder de uma facção contra o Estado. Com efeito, entre todas as coisas que havia visto e com as quais se surpreendera até o momento no mundo, nenhuma era mais estranha que o ódio que as classes pareciam nutrir umas pelas outras. A conversa do lavrador, do mateiro e do vilão na estalagem haviam indicado um motim generalizado, e agora o nome de seu irmão era mencionado como se fosse o próprio centro do descontentamento universal. A bem dizer, a plebe por toda a extensão do país estava cansada até os ossos do jogo cavalheiresco disputado à sua custa há tanto tempo. Os cavaleiros e barões podiam ser tolerados enquanto eram a força e a guarda do reino, mas agora que todos os homens sabiam que as grandes batalhas na França haviam sido vencidas por *yeomen* ingleses e guerreiros galeses, a fama marcial, a única à qual sua classe jamais aspirara, parecia ter abandonado os cavaleiros armados. Em dias passados, o esporte da liça causara grande impressão na mente do povo, mas o emplumado e desajeitado cavaleiro não causava mais medo ou reverência em homens cujos pais e irmãos haviam atirado nas turbas de Crécy ou Poitiers, e visto a mais orgulhosa cavalaria do mundo incapaz de fazer frente às armas de camponeses disciplinados. O poder mudara de mãos. O protetor se convertera em protegido, e toda a estrutura do sistema feudal estava prestes a desabar. Por isso havia tantas queixas das classes inferiores e o constante descontentamento, que resultavam em tumultos e afrontas locais e que culminariam alguns anos mais tarde na grande rebelião de Tyler. O que Alleyne presenciou e que fê-lo refletir em Hampshire poderia ter sido visto por viajantes em qualquer outro condado inglês, do Canal às marcas da Escócia.

Enquanto seguia a trilha, com os receios crescentes a cada passo que o aproximava do lar que nunca vira, subitamente as árvores começaram a ficar esparsas e a relva se estendeu numa clareira ampla e verde, onde cinco vacas repousavam à luz do sol e varas de porcos negros vagavam à vontade. Um córrego silvícola marrom serpenteava até o centro da clareira, onde uma ponte rústica havia sido lançada sobre ele. Do outro lado havia uma segunda campina, que subia até uma comprida e baixa casa de madeira, colmada e com buracos quadrados à guisa de janelas. Alleyne fitou-a na distância com as bochechas ruborizadas e os olhos cintilantes — este, sabia ele, era o lar de seus ancestrais. Uma espiral de fumaça azul soprava por um buraco no telhado, e era o único sinal de vida no lugar, à exceção de um

grande cão de caça negro que dormia acorrentado ao batente da porta. À luz amarelada do sol de outono, a casa estendia-se pacífica e serena, exatamente como ele sempre imaginara em seus sonhos.

Alleyne foi arrebatado de seu agradável devaneio, porém, pelo som de vozes. Duas pessoas emergiram da floresta a certa distância à direita e caminharam pelo campo em direção à ponte. Uma delas era um homem com uma espessa barba loura e cabelos muito compridos da mesma tonalidade, que lhe caíam sobre os ombros. As vestes de bom tecido de Norwich e a postura confiante denotavam alguém de posição elevada, ao passo que o tom escuro de suas roupas e a ausência de quaisquer adornos contrastavam com o fulgor e o brilho que haviam marcado o séquito real. A seu lado caminhava uma mulher alta, morena e esbelta, de silhueta ágil e graciosa, além de feições bem-definidas e compostas. Seus cabelos, escuros como azeviche, estavam presos para trás em uma leve coifa cor-de-rosa. A cabeça erguia-se orgulhosa e seus passos eram longos e flexíveis, como os de uma selvagem e incansável criatura da floresta. Tinha a mão esquerda estendida à frente, coberta por uma luva de veludo vermelho, e no punho havia um pequeno falcão marrom, muito felpudo e esfarrapado, que ela acariciava e afagava enquanto caminhava. Quando saiu à luz do sol, Alleyne percebeu que seu vestido leve, raiado de rosa, estava todo manchado de terra e musgo de um lado, do ombro à bainha. Ele permaneceu à sombra de um carvalho fitando-a atentamente e boquiaberto, pois essa mulher lhe parecia a criatura mais maravilhosa e graciosa que a mente poderia conceber. Assim ele imaginara os anjos, e assim tentara pintá-los nos missais de Beaulieu, mas aqui havia algo de humano, ainda que apenas no surrado gavião e no vestido descolorido, que lançava um formigamento e um arrepio por seus nervos, como nenhum sonho de espírito radiante e imaculado jamais fora capaz de conjurar. A bondosa, tranquila e resignada mãe Natureza, tão desprezada e injuriada, ainda aguarda o momento certo e traz seus filhos mais errantes para junto de seu seio.

Os dois caminharam rapidamente pela campina até a estreita ponte, ele à frente e ela a um passo ou dois atrás. Ali se detiveram e ficaram por alguns minutos frente a frente, conversando intensamente. Alleyne já lera e ouvira falar sobre o amor e os apaixonados. Sem dúvida estes dois eram um exemplo disso — o homem de barba loura e a bela donzela de rosto frio e orgulhoso. Por que mais vagariam juntos pelo bosque ou estariam tão

perdidos em conversação à beira de córregos rústicos? No entanto, enquanto assistia, incerto sobre prosseguir de seu abrigo ou escolher outro caminho até a casa, ele logo passou a duvidar da realidade de sua primeira conjectura. O homem permanecia de pé, alto e largo, obstruindo a entrada da ponte e atirando as mãos enquanto falava, de maneira ardente e veemente. Os timbres profundos de sua voz tempestuosa às vezes se elevavam a tons de ameaça e raiva. Ela permanecia impassível à frente dele, ainda afagando o pássaro, mas por duas vezes lançou um rápido e perscrutador olhar por sobre o ombro, como alguém que procura por ajuda. O jovem clérigo ficou tão sensibilizado por tais apelos mudos que saiu das árvores e cruzou a campina, incerto sobre o que fazer mas relutante em se refrear diante de alguém que poderia precisar de sua ajuda. Estavam tão absortos em si mesmos que nenhum deles notou sua aproximação. Quando ele estava bem próximo, o homem atirou o braço bruscamente em torno da cintura da donzela e a puxou para perto de si. Ela passou a afastar a silhueta ágil e flexível e a bater ferozmente nele, enquanto o gavião coberto piava com as asas a farfalhar, bicando às cegas em defesa da dona. O pássaro e a donzela, no entanto, tinham poucas chances contra o ofensor, que com uma gargalhada alta agarrou o pulso dela com uma mão enquanto a puxava para perto de si com a outra.

— As melhores rosas têm sempre os espinhos mais longos — disse ele. — Fique quieta, pequena, ou pode se machucar. Tem de pagar a peagem saxã nas terras saxãs, minha orgulhosa Maude, mesmo com todos os seus ares e graças.

— Seu cafajeste! — sibilou ela. — Bronco baixo e malcriado! São estes os seus cuidados e a sua hospitalidade? Eu preferiria me casar com um servo marcado dos campos de meu pai. Solte, digo... ah! Bom jovem, os céus o enviaram. Faça com que ele me solte! Pela honra de sua mãe, rogo que me ajude e faça este patife me soltar.

— Ajudarei, e com prazer — disse Alleyne. — Certamente, senhor, deveria ter vergonha de segurar a donzela contra sua vontade.

A expressão que o homem lhe dirigiu tinha a força e a fúria de um leão. Com a cabeleira dourada, os ferozes olhos azuis e as feições grandes e bem-definidas, ele era o homem mais bem-apeσοado que Alleyne já vira, mas havia algo tão sinistro e cruel em sua expressão que crianças e animais poderiam muito bem se encolher à vista dele. Tinha as sobrancelhas

franzidas, as bochechas coradas, e havia um fulgor furioso em seus olhos que revelava uma índole selvagem e indomável.

— Jovem idiota! — bradou ele, ainda segurando a mulher contra si, apesar de cada traço da encolhida silhueta dela revelar sua repugnância. — Não meta a colher onde não é chamado. Meu conselho é que siga seu caminho, sob pena de o pior lhe acontecer. Esta mocinha veio comigo, e comigo ficará.

— Mentiroso! — exclamou a mulher, que inclinou a cabeça e subitamente mordeu com força a enorme mão morena que a agarrava. O homem sacou a mão com uma praga, enquanto ela se soltou e deslizou para trás de Alleyne, encolhendo-se contra ele como um lebracho trêmulo que vê o falcão acima de si, pronto a atacar.

— Fique fora de minhas terras! — disse o homem ferozmente, sem dar atenção ao sangue que escorria livremente por seus dedos. — O que é que tem a fazer aqui? Por suas vestimentas deve ser um daqueles malditos clérigos que infestam as terras como ratos sujos, intrometendo-se e metendo o nariz nos assuntos de outros homens, covardes demais para lutar e demasiadamente preguiçosos para trabalhar. Pela cruz! Se eu pudesse, o pregaria nas portas da abadia, como penduram as pragas diante das próprias tocas. Não és homem nem mulher, jovem fradinho. Volta para teus colegas antes que eu te ponha as mãos, pois seus pés estão em minhas terras, e posso matá-lo como a um salteador qualquer.

— São suas terras, então? — sobressaltou-se Alleyne.

— Quer contestar, cão? Gostaria de usar algum truque ou ardil para me expulsar destes últimos acres? Pois fique sabendo, patife malnascido, que hoje ousou pôr-se no caminho de alguém cuja linhagem é de conselheiros reais e líderes de hostes, antes que a horda imunda de ladrões normandos chegasse ao país, ou antes que cães de caça de sangue impuro como você fossem soltos para pregar que o ladrão tem direito ao espólio e que homem honesto é pecador, se lutar para tomar de volta o que é seu.

— O senhor é o *socman* de Minstead?

— Sim, sou. Filho de Edric, o *socman*, do puro sangue de Godfrey, o tano, pela única filha da casa de Aluric, cujos ancestrais ostentaram o estandarte do cavalo branco na batalha fatal em que nosso escudo foi quebrado e nossa espada estilhaçada. Digo-lhe, clérigo, que os meus possuíam estas terras de Bramshaw Wood até a estrada de Ringwood, e,

pela alma de meu pai, seria estranho que me afrontassem pelo pouco que resta dela. Vá embora, lhe digo, e não se meta em meus assuntos.

— Se me deixar agora — sussurrou a mulher —, sua coragem estará desonrada para sempre.

— Certamente, senhor — disse Alleyne, falando da forma mais persuasiva e tranquilizante que conseguia —, seu respeitável nascimento é ainda mais razão para que tenha maneiras também respeitáveis. Estou bastante convencido de que o senhor não fez mais do que gracejar com esta dama, e que agora permitirá que ela deixe suas terras, seja sozinha ou comigo como guia pela mata, caso ela necessite de um. Quanto ao nascimento, não é de meu feitio me vangloriar, e há verdades no que diz sobre as impropriedades dos clérigos, mas, não obstante, meu nascimento é tão alto quanto o seu.

— Cão! — exclamou o furioso *socman*. — Não há homem no Sul que possa dizer isso.

— Mas eu posso — disse Alleyne, sorrindo —, pois, na verdade, também sou filho de Edric, o *socman*, do puro sangue de Godfrey, o tano, pela única filha de Aluric de Brockenhurst. Certamente, querido irmão — prosseguiu, estendendo a mão —, pode me receber melhor que isto. Ainda há dois ramos neste velho tronco saxão.

O irmão mais velho atirou a mão do mais novo para o lado com uma praga, enquanto uma expressão maligna de ódio permeava suas feições impetuosas.

— É o filhote de Beaulieu, então — disse ele. — Eu devia ter percebido pelo rosto liso e pelas maneiras servis e monásticas, demasiadamente covardes de espírito para responder palavras duras à altura. Teu pai, fradinho, mesmo com todos os defeitos, tinha um coração de homem, e poucos eram os que podiam encará-lo nos olhos em seus dias de fúria. Mas você! Veja lá, rato, aquele campo onde as vacas pastam, o outro mais além e o pomar bem ao lado da igreja. Sabia que todos eles foram arrancados de seu pai moribundo pelos sacerdotes gananciosos, para pagar por sua criação no claustro? Eu, o *socman*, fui privado de minhas terras para que você pudesse choramingar em latim e comer pão pelo qual nunca trabalhou. Primeiro me rouba, e agora vem com sermões e lamúrias, talvez em busca de mais um campo ou dois para seus amigos do sacerdócio. Patife! Soltarei meus cães contra você. Enquanto isso, fique fora de meu caminho, e estará correndo um risco se tentar impedir!

Precipitou-se para a frente enquanto falava, e, arremessando o rapaz para um lado, agarrou o pulso da mulher. Alleyne, porém, ágil como um jovem veadeiro, saltou em auxílio dela e a segurou pelo outro braço, ao mesmo tempo em que levantava seu cajado com ponta de ferro.

— Pode me dizer o que quiser — disse ele, por entre os dentes cerrados. — Pode ser mesmo o que mereço. Mas, meu irmão ou não, juro por minhas esperanças de salvação que quebrarei seu braço se não soltar a moça.

O tom em sua voz e o fulgor em seus olhos garantiam que o golpe logo acompanharia as palavras. Por um momento, o sangue da longa linhagem de tanos impetuosos foi demasiadamente forte para os suaves murmúrios da doutrina de docilidade e misericórdia. Ele sentiu um arrepio feroz e selvagem passar pelos nervos e uma palpitação de alegria louca no coração, quando sua verdadeira identidade humana se desprendeu, por um instante, das amarras do costume e dos ensinamentos que a haviam aprisionado por tanto tempo. O *socman* saltou para trás, procurando em ambos os lados por algum pau ou pedra que pudesse lhe servir de arma. Ao não encontrar nada, virou-se e correu em velocidade máxima rumo à casa, ao mesmo tempo em que soprava um estridente apito.

— Vamos! — arfou a mulher. — Fuja, amigo, antes que ele volte.

— Não, que ele venha! — exclamou Alleyne. — Não arredo o pé por causa dele ou dos cães.

— Vamos, vamos! — exclamou ela, puxando-lhe o braço. — Conheço o homem, ele vai matá-lo. Venha, pela Virgem, ou por mim, pois não posso partir e deixá-lo aqui.

— Vamos, então — disse ele, e correram juntos rumo ao abrigo do bosque. Quando chegaram à margem do matagal, Alleyne olhou para trás e viu o irmão sair correndo da casa novamente, com o sol reluzindo nos cabelos e na barba. Ele segurava algo brilhante na mão direita, e agachou-se no batente da porta para soltar o cão de caça negro.

— Por aqui! — sussurrou a mulher, em voz baixa e ansiosa. — Vamos pelos arbustos até aquele freixo bifurcado. Não se preocupe comigo, consigo correr tão rápido quanto o senhor, creio eu. Agora entremos no córrego — fundo, até acima dos calcanhares, para despistar o cão, embora eu pense que ele não passa de um cachorro vadio, como o dono.

Enquanto falava, ela saltou no córrego raso e correu rapidamente até o centro, com a água marrom a borbulhar nos pés, e esticou a mão em direção aos galhos caídos dos espinheiros e rebentos. Alleyne seguia em seu

encalço, com a mente em turbilhão pela recepção hostil e pela súbita incerteza quanto a todos os seus planos e esperanças. Não obstante, por mais graves que fossem seus pensamentos, eles ainda se converteram em admiração quando ele olhou para os pés cintilantes de sua guia e viu sua ágil silhueta pender para lá e para cá, mergulhando sob os galhos, saltando sobre as pedras, com uma leveza e uma agilidade que não tornavam nada fácil a tarefa de acompanhá-la. Por fim, quando ele estava quase sem fôlego, ela de súbito se deixou cair numa margem repleta de musgo, entre dois azevinhos, e olhou pesarosamente para os próprios pés encharcados e a saia esfarrapada.

— Santa Maria! — disse ela. — O que farei? A Mãe me trancará em meus aposentos por um mês, e me fará trabalhar nas tapeçarias dos nove ousados cavaleiros. Foi o que ela prometeu na semana passada, quando caí no brejo de Wilverley, embora saiba que não aturo o bordado.

Alleyne, ainda de pé no córrego, fitou de relance a graciosa figura cor-de-rosa e branca abaixo de si, a mecha de cabelos escuros e o rosto orgulhoso e sensível que mirava o seu com franqueza e confiança.

— Deveríamos prosseguir — disse ele. — Ele ainda pode nos alcançar.

— Não. Estamos bem longe das terras dele agora, e ele não conseguiria descobrir o caminho que tomamos nesta grande floresta. Mas o senhor... o senhor o tinha à sua mercê. Por que não o matou?

— Matá-lo? Meu irmão?

— E por que não? — retorquiu ela, com um rápido lampejo dos dentes brancos. — Ele o teria matado. Conheço-o, e li nos olhos dele. Se eu tivesse seu cajado, teria tentado... sim, e feito, também. — Ela sacudia a pálida mão cerrada enquanto falava, e seus lábios se comprimiam ameaçadoramente.

— Já estou com o coração pesado pelo que fiz — disse ele, sentando-se na margem e afundando o rosto nas mãos. — Que Deus me ajude! Tudo o que há de pior em mim pareceu vir à tona. Mais um instante e eu teria batido nele: o filho de minha própria mãe, o homem que ansiei por ter em meu coração. Ai de mim, que ainda sou fraco demais!

— Fraco? — exclamou ela, levantando as sobrancelhas pretas. — Não creio que nem mesmo meu próprio pai, que é um duro juiz de valor, o chamaria de tal coisa. Mas, como deve imaginar, senhor, é muito agradável para mim ouvir que está pesaroso pelo que fez, e não posso senão aconselhar que voltemos juntos e que o senhor faça as pazes com o *socman*

devolvendo sua prisioneira. É triste que algo insignificante como uma mulher se interponha entre dois homens do mesmo sangue.

O simplório Alleyne arregalou os olhos ao receber esse pequeno jato de amargura feminina.

— Não, dama — disse ele —, isso seria o pior de tudo. Que homem seria tão covarde e vil para lhe faltar em sua necessidade? Fiz de meu irmão um inimigo, e agora, ai de mim, parece que também a ofendi com minha língua desajeitada! Mas, a bem dizer, dama, estou desolado por ambos os lados, e minha mente mal pode compreender o que foi que sucedeu.

— E isso não me admira — disse ela, com uma risadinha tilintante. — O senhor chegou como o cavaleiro dos romances do menestrel, pondo-se entre o dragão e a donzela, sem tempo para perguntas. Vamos — continuou ela, pondo-se de pé de um salto e alisando o vestido amarrotado —, caminhemos juntos pela mata, e podemos deparar com Bertrand e os cavalos. Se o pobre Trovador não tivesse perdido uma ferradura, não teríamos tido esses problemas. Não, preciso de seu braço, pois embora eu esteja falando despreocupadamente agora que tudo terminou bem, estou tão assustada quanto meu bravo Roland. Veja como o peito dele está arfante, e como as peninhas estão completamente tortas. O cavaleirinho que não aceitaria ver sua senhora maltratada.

Assim ela murmurava para o gavião enquanto Alleyne andava a seu lado, relanceando de quando em quando para essa mulher majestosa e obstinada. Vagueavam juntos em silêncio pela turfa aveludada e prosseguiram até o bosque de Minstead, onde as velhas faias cobertas de líquen lançavam seus círculos de sombras negras na relva banhada pelo sol.

— Não quer, então, ouvir minha história? — disse ela, por fim.

— Se lhe aprouver me contar — respondeu ele.

— Oh! — ela exclamou, sacudindo a cabeça. — Se lhe interessa tão pouco, é melhor deixarmos como está.

— Não — disse ele, ansioso —, eu gostaria de ouvi-la.

— Tem o direito de saber, já que por conta dela perdeu as graças do irmão. Ainda assim... bem, o senhor, pelo que compreendo, é um clérigo, então o imaginarei um degrau acima nas ordenações, e será meu padre-confessor. Saiba, então, que esse homem foi um pretendente de minha mão, menos por minha causa, creio eu, do que por sua ambição e pela ideia de que poderia melhorar a própria sorte mergulhando no cofre de meu pai — embora a Virgem saiba que ele teria encontrado muito pouco ali. Meu pai,

no entanto, é um homem orgulhoso, um cavaleiro galante e soldado experiente do sangue mais ancestral, para quem o reles nascimento deste homem e sua baixa descendência... oh, que bobagem! Eu havia me esquecido de que ele é da mesma estirpe que o senhor.

— Não, não se preocupe com isso — disse Alleyne —, viemos todos da boa mãe Eva.

— Os cursos d'água podem vir da mesma fonte, mas alguns podem ser límpidos e outros sórdidos — disse ela depressa. — Mas, para ser breve, meu pai não queria saber dos cortejos dele, e nem eu, para dizer a verdade. Ao ouvir isso, ele fez um juramento contra nós, e como ele é conhecido por ser perigoso, com muitos bandidos e outros tipos a seu lado, meu pai me proibiu de falcoar ou caçar em qualquer parte da floresta ao norte da estrada de Christchurch. Calhou, porém, de nesta manhã eu soltar meu pequeno Roland atrás de uma garça de asas fortes, e o pajem Bertrand e eu continuamos cavalgando, sem pensar em nada a não ser em nossa atividade, até nos vermos no bosque de Minstead. Até então não havia problemas, mas meu cavalo Trovador pisou em falso em um galho afiado, empinou e me atirou ao chão. Veja meu vestido, o terceiro que manchei esta semana. Ai de mim quando a camareira Agatha puser os olhos nele!

— E depois, dama? — perguntou Alleyne.

— Ora, depois Trovador saiu desabalado, pois provavelmente eu o esporeei ao cair, e Bertrand partiu atrás dele tão rápido quanto os cascos de sua própria montaria podiam aguentar. Quando me levantei, lá estava o próprio *socman* a meu lado, fazendo saber que eu estava em suas terras, mas com tantas palavras de cortesia e uma postura tão cavalheiresca que fui convencida a ir até a casa dele para me abrigar e esperar pelo retorno do pajem. Pela graça da Virgem e o auxílio de minha padroeira Santa Madalena, eu me detive antes de chegar à porta, embora, como se viu, ele tenha se esforçado para me arrastar até lá. E então... ah-h-h-h! — Ela estremeceu e seus dentes tiritaram como os de alguém num surto de febre.

— O que foi? — exclamou Alleyne, olhando alarmado ao redor.

— Nada, amigo, nada! Eu estava apenas pensando em como mordi a mão dele. Antes tivesse mordido um sapo vivo ou uma cobra venenosa. Oh, detestarei meus lábios para sempre! Mas você... como foi valente, e rápido! Tão manso para defender a si mesmo, e tão corajoso em favor de uma estranha! Se eu fosse homem, gostaria de fazer o mesmo.

— Não foi nada — respondeu ele, com um formigamento de prazer ao ouvir essas amáveis palavras de elogio. — Mas a senhora... o que fará?

— Há um grande carvalho perto daqui ao qual creio que Bertrand levará os cavalos pois é um velho ponto de encontro nosso. E dali para casa, e nada mais de falcoar por hoje! Doze milhas a galope secarão meus pés e minha saia.

— Mas e seu pai?

— Não direi uma palavra a ele. Você não o conhece, mas posso lhe dizer que ele não é homem que se desobedeça como eu desobedeci. Ele me vingaria, é verdade, mas não é através dele que encontrarei a vingança. Algum dia, quiçá, numa justa ou torneio, um cavaleiro pode desejar ostentar minhas cores, e então direi a ele que se realmente almeja minhas graças, há injustiças não reparadas cujo causador foi o *socman* de Minstead. E então meu cavaleiro encontrará uma aventura como as que os cavaleiros ousados adoram, minha dívida será paga, meu pai continuará sem saber de nada, e haverá um patife a menos no mundo. Diga lá, não é um ótimo plano?

— Não, dama, é um pensamento que lhe é indigno. Como alguém como a senhora pode falar sobre violência e vingança? Não há ninguém que seja gentil e amável, ninguém é misericordioso ou clemente? Ai de mim! O mundo é duro e cruel, e eu gostaria de nunca ter deixado minha cela na abadia. Ouvir essas palavras de sua boca é como ouvir um anjo da graça pregando o sermão do próprio diabo.

Ela se afastou como uma jovem potra que sente o freio pela primeira vez.

— Muito obrigado por seus conselhos, jovem senhor! — disse ela, com uma pequena reverência. — Pelo que compreendo de suas palavras, o senhor se arrepende de ter me conhecido e me vê como um diabo que prega sermões. Ora, meu pai é cruel quando está furioso, mas nunca me chamou de algo assim. Pode ser o direito e o dever dele, mas decerto não é o teu. Seria melhor, já que pensa tão pouco de mim, que tomasse o caminho à esquerda enquanto eu fico neste, pois está claro que não posso ser companhia adequada para o senhor.

Ao dizer isso, com as pálpebras baixas e a dignidade um tanto maculada pela saia esfarrapada, desceu escorregando pela trilha enlameada, deixando Alleyne de pé a acompanhá-la pesarosamente com o olhar. Ele esperou em vão por algum relance para trás ou um sinal de recuo, mas ela continuou caminhando com o pescoço firme, até que o vestido se tornasse apenas um alvoroço branco entre as folhas. Então, com a cabeça cheia e o coração

pesado, ele se arrastou pelo outro caminho, furioso consigo mesmo por sua língua rude e desajeitada, que causara ofensa onde não fora desejada.

Ele prosseguira um pouco, perdido em dúvidas e autocensuras e com a mente completamente trêmula por milhares de novos pensamentos, medos e assombros, quando de súbito ouviu um leve farfalhar nas folhas atrás de si. Ao olhar para trás, lá estava a criatura graciosa de pés leves, trilhando o caminho de sua própria sombra, com a orgulhosa cabeça curvada, como a dele — a personificação da humildade e do arrependimento.

— Não o aborrecerei, nem sequer falarei — disse ela —, mas gostaria de ficar com o senhor enquanto estamos na floresta.

— Não, não pode me aborrecer — respondeu ele, novamente animado pela mera visão dela. — Foram minhas palavras grosseiras que a aborreceram. Mas estive em meio a homens por toda minha vida, e a bem dizer, por mais que me esforce, mal sei sopesar minhas palavras para o ouvido de uma dama.

— Então se retrate — exclamou ela depressa —, diga que eu estava certa ao desejar vingança contra o *socman*.

— Não, não posso fazer isso — respondeu ele gravemente.

— Quem é o indelicado e duro agora? — exclamou ela, triunfante. — Como é severo e frio, para alguém tão jovem! Certamente não é um mero clérigo, mas no mínimo bispo ou cardeal. Devia ter um báculo no lugar do cajado, e uma mitra como chapéu. Bem, bem, para o seu agrado, perdoarei o *socman* e não me vingarei de ninguém, a não ser de mim mesma, a teimosa que sempre trilha o caminho do perigo. Isso lhe satisfaz, senhor?

— Agora foi seu verdadeiro eu quem falou — disse ele —, e você encontrará mais satisfação nesse perdão do que em qualquer vingança.

Ela balançou a cabeça negativamente, como se não estivesse de forma alguma convencida daquilo, e então, com uma súbita exclamação que continha mais surpresa que alegria:

— Ali estão Bertrand e os cavalos!

Da clareira abaixo vinha um pequeno pajem vestido de verde, com um olhar sorridente e longas madeixas esvoaçantes. Estava encarrapitado num grande baio e segurava as rédeas de um vigoroso palafrém negro. Os pelos de ambos brilhavam em consequência de uma longa corrida.

— Procurei pela senhora por toda parte, querida lady Maude — disse ele numa voz serena, saltando do cavalo e segurando o estribo. — Trovador já havia galopado até Holmhill quando consegui alcançá-lo. Espero que a

senhora não tenha se machucado ou se ferido. — Lançou um olhar questionador em direção a Alleyne enquanto falava.

— Não, Bertrand — disse ela —, graças a este desconhecido cortês. E agora, senhor — continuou ela, pulando na sela —, não seria adequado que eu o deixasse sem mais uma palavra. Clérigo ou não, você agiu hoje como um verdadeiro cavaleiro. O rei Arthur e toda sua tábola não poderiam ter se portado melhor. Pode ser que, como pequena recompensa, meu pai ou os próximos a ele tenham poderes para promover seus interesses. Ele não é rico, mas é honrado e tem grandes amigos. Diga-me qual é seu propósito, e veremos se ele não pode ajudar.

— Ai de mim, dama, que agora não tenho propósito. Tenho apenas dois amigos no mundo, e eles foram a Christchurch, onde provavelmente me juntarei a eles.

— E onde, em Christchurch?

— No castelo mantido pelo bravo cavaleiro sir Nigel Loring, condestável do conde de Salisbury.

Para sua surpresa ela desatou a rir e disparou pela clareira esporeando o palafrém, com o pajem cavalgando atrás. Não disse uma palavra sequer, mas enquanto desaparecia por entre as árvores, virou-se na sela e acenou em última despedida. Por um bom tempo ele ficou ali, meio que esperando que ela pudesse voltar mais uma vez, mas o ruído surdo dos cascos se dissipara e não havia som algum no bosque, a não ser o suave farfalhar e cair das folhas. Por fim ele se virou e tomou seu caminho de volta à grande estrada — uma nova pessoa, em comparação com o menino de coração leve que a deixara apenas três horas antes.

CAPÍTULO X

COMO HORDLE JOHN ENCONTROU UM HOMEM A QUEM PODERIA SEGUIR

Se não podia retornar a Beaulieu durante o próximo ano e se o irmão soltaria os cães caso seu rosto fosse visto nas terras de Minstead, ele de fato estava à deriva na terra. Norte, Sul, Leste e Oeste — para qualquer lado que fosse, todos os lugares seriam igualmente gélidos e infelizes. O abade enrolara dez coroas de prata numa folha de alface e as escondera no fundo do embornal, mas elas seriam um sustento precário para doze longos meses. Em meio a toda essa escuridão, o único ponto luminoso residia nos firmes camaradas que ele deixara pela manhã. Se conseguisse encontrá-los novamente, tudo estaria bem. A tarde ainda não ia muito adiantada, mesmo com tudo o que lhe ocorreria. Quando um homem está de pé ao cantar dos galos, pode-se fazer muito num dia. Se caminhasse rápido, poderia alcançar os amigos antes que eles chegassem a seu destino. Assim ele prosseguiu, ora andando e ora correndo. Enquanto viajava, mordeu a casca do que restava de seu pão de Beaulieu, regada a um gole d'água de um córrego da mata.

Não era fácil ou simples viajar por aquela grande floresta, que tinha mais ou menos vinte milhas de Leste a Oeste e umas boas dezesseis de Bramshaw Woods, ao Norte, até Lymington, ao Sul. Alleyne, porém, teve a boa sorte de deparar com um lenhador, caminhando com o machado no ombro pela mesma direção que ele desejava seguir. Com a orientação dele, passou pela borda de Bolderwood Walk, famosa por velhos carvalhos e teixos, através de Mark Ash e suas faias gigantes, e prosseguiu até os arvoredos de Knightwood, onde um carvalho gigante já era uma árvore grandiosa, mas apenas mais uma entre várias belas irmãs. Avançavam juntos, o lenhador e Alleyne, nenhum dos dois dizendo muito pois seus

pensamentos estavam tão distantes quanto os dois polos. A conversa do camponês era sobre caçadas, samambaias, milhafres de cabeça cinzenta que faziam ninho em Wood Fidle e a grande pesca de arenques trazida pelos barcos em Pitt's Deep. A mente do clérigo estava em seu irmão, em seu futuro — acima de tudo na estranha, feroz, terna e linda mulher, que surgira tão subitamente em sua vida e de maneira igualmente súbita a deixara. Tão distraído estava e tão aleatórias eram suas respostas que o lenhador passou a assobiar, e logo se desviou da trilha rumo a Burley, deixando Alleyne na estrada principal de Christchurch.

Avançava por ela tão rápido quanto conseguia, esperando a cada curva e morro avistar seus companheiros da manhã. Da Serra de Vinney a Rhinefield Walk, a mata fica cerrada e se adensa até as beiradas da própria trilha, mas mais adiante o terreno se abre em amplos urzais acastanhados, salpicados por pequenos arvoredos sobrepostos um ao outro em curvas longas e baixas até a silhueta escura da floresta no ponto mais distante. Nuvens de insetos dançavam e zumbiam à luz dourada de outono, e o ar estava repleto do pipilar das aves canoras. Longas e brilhantes libélulas disparavam pelo caminho ou pairavam, trêmulas, com as asas transparentes e os corpos reluzentes. Em certo momento uma águia-pesqueira de pescoço branco cantou alto, planando bem acima da cabeça do viajante, e em outro um bando de abetardas surgiu entre as samambaias e partiu aos tropeços, à sua maneira desajeitada, meio correndo, meio voando, com cantos estridentes e asas a ruflar.

Também havia gente a se encontrar na estrada — pedintes e mensageiros, bufarinheiros e funileiros — a maioria sujeitos alegres, com gracejos e cumprimentos simplórios uns para os outros e para Alleyne. Perto de Shotwood ele deparou com cinco marujos, vindos de Poole a caminho de Southampton — homens rústicos de rostos avermelhados, que berravam em um jargão que ele mal podia compreender e lhe estenderam um grande jarro do qual bebiam. Não o deixaram passar até que ele mergulhasse sua caneca e tomasse um gole, que o fez tossir e engasgar, com lágrimas a escorrer pelas bochechas. Mais adiante encontrou um homem robusto de barba negra montado num cavalo marrom, com um rosário na mão e uma longa espada de duas mãos tilintando contra o ferro do estribo. Pelo manto negro e pela cruz de oito pontas que tinha na manga, Alleyne o reconheceu como um dos Cavaleiros Hospitalários de São João de Jerusalém, cujo presbitério era em Baddesley. O homem ergueu dois dedos ao passar, com um “*Benedic, fili*

mi!”, ao que Alleyne tirou o chapéu e dobrou o joelho, olhando com muita reverência para alguém que devotara sua vida à subjugação dos infiéis. Pobre e simplório rapaz! Ele ainda não descobrira que há uma enorme distância entre o que os homens são e o que declaram ser, e que os Cavaleiros de São João, tendo recebido grande parte das riquezas dos malfadados Templários, estavam demasiadamente confortáveis para pensar em trocar o palácio por uma barraca, ou as adegas da Inglaterra pelos áridos desertos da Síria. A ignorância, no entanto, pode ser mais valiosa que a sabedoria, pois quando prosseguiu, Alleyne preparou-se para uma vida mais elevada ao pensar no sacrifício daquele homem. Fortaleceu-se pelo exemplo do Hospitalário, o que dificilmente faria se soubesse que a mente do cavaleiro se voltava mais para o malvasia que para os mamelucos, e mais para a carne de veado que para as vitórias.

Quando prosseguiu, a planície converteu-se mais uma vez em floresta na região de Wilverley Walk, e uma nuvem vinha deslizando do Sul com o sol a brilhar por entre as frestas. Algumas gotas grandes caíram tamborilando, e num instante veio o constante açoite de um aguaceiro refrescante, com as folhas a gotejar e despencar. Alleyne, olhando ao redor à procura de abrigo, viu um azevinho denso e alto, debaixo do qual havia um vazio tão grande que casa alguma estaria mais seca. Sob esse verde dossel já havia dois homens agachados, que acenavam para que Alleyne se juntasse a eles. Quando se aproximou, viu que eles tinham cinco arenques secos estendidos diante de si, com um grande naco de pão de trigo e um cantil de couro cheio de leite. Em vez de se servirem da comida, porém, eles pareciam ter se esquecido completamente do alimento e discutiam entre si com rostos ruborizados e gestos raivosos. Era fácil ver pelas vestimentas e maneirismos que eles eram dois dos estudantes errantes que formavam, naquela época, uma enorme multidão em todos os países da Europa. Um era alto e magro e tinha feições melancólicas, ao passo que o outro era gordo e lustroso, com uma voz alta e o ar de alguém que não se deve contradizer.

— Aproxime-se, bom jovem — exclamou ele —, aproxime-se! *Vultus ingenui puer*. Não dê atenção ao rosto deste meu bom colega. *Fœnum habet in cornu*, como diz dom Horácio, mas garanto que ele é inofensivo, mesmo assim.

— Basta desse mugido bovino! — exclamou o outro. — Se é de Horácio que falamos, tenho uma frase em mente: *Loquaces si sapiat* — Como é? Em nossa língua significa que um homem razoável deve sempre evitar um

falastrão. Assim sendo, se todos fossem razoáveis, seria um homem solitário, colega.

— Ai de mim! Dicon, temo que sua lógica seja tão ruim quanto sua filosofia ou sua teologia, e Deus sabe que seria difícil encontrar uma descrição pior. Pois escute: assumindo, *propter argumentum*, que sou um falastrão, o raciocínio correto é o de que se todos os homens razoáveis deveriam me evitar, e tu não me evitaste, mas estás no presente momento comendo arenques comigo debaixo de um azevinho, logo não és homem razoável, que é exatamente o que venho martelando nessas suas orelhas desde que pus os olhos pela primeira vez em sua boca caída.

— Ai, ai... — exclamou o outro. — Sua língua funciona como a taramela na roda do moinho. Sente-se aqui, amigo, e compartilhe deste arenque. Antes compreenda, porém, que certas condições o acompanham.

— Eu esperava — disse Alleyne, adaptando-se ao humor da dupla —, que um trincho de pão e um gole de leite o acompanhassem.

— Ouça-o, ouça-o! — exclamou o gordinho. — É assim, Dicon! A perspicácia, rapaz, é contagiosa, como a sarna ou a doença do suor. Eu transpiro perspicácia, é uma aura. Digo-lhe, colega, que ninguém pode estar a menos de dezessete pés de distância de mim e não pegar um bocado dela. Veja seu próprio caso. Homem mais estúpido nunca caminhou pelo mundo, mas em uma semana você disse três coisas aceitáveis, e uma, no dia em que deixamos Fordingbridge, da qual eu mesmo não me envergonharia.

— Basta, matraca, basta! — disse o outro. — Você receberá o leite e também o pão, amigo, além do arenque, mas deverá ser o fiel da balança entre nós.

— Se ele comer peixe, será fiel, meu sábio irmão — exclamou o gordo. — Mas lhe rogo, bom jovem, que nos diga se é um clérigo instruído, e em caso afirmativo, se estudou em Oxenford ou em Paris.

— Tenho certo conhecimento — Alleyne respondeu, mordiscando seu arenque —, mas não estive em nenhum desses lugares. Fui criado entre os monges cistercienses na abadia de Beaulieu.

— Oh, oh! — ambos exclamaram juntos. — Que tipo de educação é essa?

— *Non cuivis contingit adire Corinthum* — disse Alleyne.

— Vamos lá, irmão Stephen, ele demonstra alguns sinais de alfabetização — disse o homem melancólico, mais esperançoso. — Ele pode ser o melhor juiz, já que não tem razão para ficar do lado de nenhum de nós. Preste

atenção agora, amigo, e que seus ouvidos funcionem tão bem quanto sua mandíbula. *Judex damnatur* — você conhece o velho ditado. Aqui estou eu, defendendo a boa fama do erudito Duns Escoto diante dos absurdos subterfúgios e dos insensatos e precários raciocínios de Gui de Ockham.

— Enquanto eu — disse o outro em voz alta —, sustento o bom senso e a extraordinária sabedoria do mui erudito Guilherme contra as fantasias disparatadas do confuso escocês, que escondeu a escassa sabedoria que possui sob uma montanha de palavras, de modo que ela é como uma gota de vinho gascão num barril de água parada. Toda a sabedoria de Salomão não bastaria para expressar o que o patife quer dizer.

— Decerto, Stephen Hapgood, a sabedoria dele não bastaria — exclamou o outro. — Seria como se uma toupeira gritasse com a estrela da manhã por não poder enxergá-la. Mas nossa discussão, amigo, é concernente à natureza da sutil essência a que chamamos pensamento. Pois acompanho o erudito Escoto ao dizer que o pensamento é uma coisa propriamente dita, como o vapor, os gases ou muitas outras substâncias para as quais nossos pobres olhos humanos são cegos. Pois, veja bem, aquilo que produz uma coisa deve ser uma coisa em si mesma, e se o pensamento de um homem pode produzir um livro escrito, então o próprio pensamento deve ser uma coisa material, como o livro é. Expressei-me bem? Ficou claro?

— Ao passo que eu — gritou o outro —, acompanho meu venerável preceptor, *doctor, praeclarus et excellentissimus*, no sentido de que todas as coisas não são mais que pensamento; pois quando o pensamento se esvai, eu lhe pergunto: onde estão todas as coisas? Temos aqui árvores ao nosso redor, e as vejo porque penso que as vejo. Mas se eu desmaiar, dormir ou estiver ébrio de vinho, e meu pensamento me deixar, eis que as árvores também se vão. E agora, colega, apertei-lhe o calo?

Alleyne mastigava o pão sentado entre a dupla que discutia, cada um de lado de seus joelhos, inclinando-se para a frente com os rostos corados e atirando as mãos no calor da discussão. O jovem nunca ouvira tal jargão de filosofia escolástica, distinções tão bem detalhadas, tal fogo cruzado de premissas maiores e menores, proposições, silogismos, ataques e refutações. As perguntas ricocheteavam nas respostas como a espada no broquel. Os antigos, os pais da Igreja, os modernos, as Escrituras, os árabes, todos foram lançados violentamente uns contra os outros, enquanto a chuva ainda caía e as escuras folhas do azevinho brilhavam com a umidade. Por fim o gorducho pareceu se cansar, pois passou a servir-se em silêncio de sua

refeição, enquanto o oponente, orgulhoso como um galo sem desafiantes, desatou a cantar um último e longo arroubo de citações e deduções. Subitamente, porém, seus olhos baixaram para a comida e ele uivou em desalento.

— Ladrão duplo! — exclamou ele. — Você comeu meus arenques, e eu não mordi nem beberiquei nada desde a manhã.

— Este — disse o outro complacentemente —, foi meu argumento final, a coroação de meus esforços, ou *peroratio*, como dizem os oradores. Pois colega, já que todos os pensamentos são coisas, você precisa apenas pensar em um par de arenques e depois conjurar um jarro de leite para acompanhar.

— Um ótimo raciocínio — exclamou o outro —, para o qual conheço apenas uma resposta. — A isso, inclinou-se para a frente e atingiu o camarada com uma vibrante bofetada na bochecha rosada. — Não, não leve a mal — disse —, já que se todas as coisas não são mais que pensamentos, isso também não passou de um e pode ser desconsiderado.

Esse último argumento, porém, de forma alguma convenceu o pupilo de Ockham, que arrancou um grande pedaço de pau do chão e demonstrou sua discordância batendo com ele na cabeça do realista. Por sorte, a madeira era tão leve e estava tão podre que se estilhaçou em milhares de lascas, mas Alleyne julgou que o melhor a fazer seria deixar que a dupla resolvesse a questão à vontade, e mais ainda pois o sol brilhava forte mais uma vez. Olhando para a estrada empoçada atrás, viu os dois efusivos filósofos agitando as mãos e gritando entre si, mas o palavrório deles logo tornou-se um mero zumbido à distância e uma curva na estrada escondeu-os de sua visão.

E então, após passar por Holmesley Walk e Wooton Heath, a floresta começava a se desfiar em cinturões esparsos de árvores, entremeados por clareiras de searas e pastos. Aqui e ali, à beira do caminho, havia pequenos agrupamentos de cabanas de pau-a-pique com lavradores de cabelos desgrenhados à porta e crianças de bochechas vermelhas esparramadas pela estrada. Atrás dos arvoredos ele conseguia divisar os altos frontões e tetos colmados das casas dos *franklins*, em cujos campos esses homens encontravam serviço. Com maior frequência uma espessa coluna de fumaça escura marcava a posição delas, e indicava a abundância que havia ali. Por esses indícios, Alleyne soube que estava exatamente na borda da floresta, e, portanto, não muito distante de Christchurch. O sol estava baixo no Oeste,

lançando seus raios horizontais sobre a extensa região campestre, verde e fértil, reluzindo nas ovelhas de pelo branco e projetando longas sombras do gado vermelho, que vagueava embrenhado até os joelhos nos trevos úmidos. Bem contente ficou o viajante ao ver a alta torre do priorado de Christchurch brilhando à luz branda do entardecer, e mais ainda quando dobrou uma curva e deparou com os camaradas da manhã escarrapachados numa árvore caída. Entre eles havia um espaço vazio no qual alternadamente jogavam pequenas peças quadradas de osso, e estavam tão absortos em sua ocupação que sequer levantaram os olhos quando ele se aproximou. À medida que se aproximava, observou atônito que o arco do arqueiro estava nas costas de John, a espada do arqueiro estava na cintura de John, e o capacete de aço estava pousado no tronco de árvore que tinham entre si.

— *Mort de ma vie!* — gritou Aylward, olhando para os dados abaixo. — Nunca tive tanta má sorte. Que a peste carregue estes ossos! Não acertei em cheio desde que deixei a Navarra. Um e três! *En avant, camarade!*

— Quatro e três — exclamou Hordle John, contando com seus grandes dedos —, dá sete. Ó, arqueiro, ganhei teu capacete! Agora vamos pelo justilho!

— *Mon Dieu!* — resmungou ele, — É provável que eu chegue a Christchurch apenas com minha camisa. — E então, ao olhar subitamente para cima: — Ei, pelo esplendor dos céus, eis aqui nosso *cher petit!* Mas, pelos ossos de meus dez dedos, que surpresa para meus olhos!

Levantou-se de um salto e atirou os braços em torno do pescoço de Alleyne. John, não menos satisfeito, embora mais retraído e saxão em seus hábitos, ficou sorrindo e sacudindo a cabeça à beira do caminho, com o recém-conquistado capacete de aço acomodado ao contrário em sua cabeleira ruiva.

— Vieste para ficar? — exclamou o arqueiro, enchendo Alleyne de tapinhas de satisfação. — Não fugirá de nós novamente!

— Nem desejo — disse ele, com os olhos formigando diante dessa calorosa saudação.

— Muito bem dito, rapaz! — disse o grande John. — Nós três iremos juntos rumo à guerra, e que o diabo carregue o abade de Beaulieu! Mas seus pés e calças estão completamente sujos. Estiveste dentro d'água, ou estou muito enganado.

— É verdade — Alleyne respondeu, e enquanto viajavam pelo caminho contou as muitas coisas que lhe haviam sucedido: o encontro com o vilão, a visão do rei, a descoberta do irmão, com toda a história sobre a recepção hostil e a bela donzela. Caminhavam cada um a um lado e com um ouvido virado para ele, mas antes que chegasse ao fim da história o arqueiro girara nos calcanhares e apertava o passo pelo caminho de onde haviam vindo, bufando alto.

— Que foi? — perguntou Alleyne, trotando atrás dele e agarrando-lhe o justilho.

— Voltarei a Minstead, rapaz.

— E por quê, em nome da razão?

— Para enfiar um punhado de aço no *socman*. O quê? Agarrar uma *demoiselle* contra a vontade dela e depois soltar os cães contra o próprio irmão? Deixe-me ir!

— Não, não! — exclamou Alleyne aos risos. — Não se fez nenhum mal. Volte, amigo! — — e assim, com um misto de empurrões e súplicas, fizeram a mente dele voltar-se a Christchurch mais uma vez. Caminhava, porém, com o queixo no pescoço, até que ao avistar uma donzela num poço à beira do caminho, os sorrisos voltaram-lhe ao rosto e a paz ao coração.

— Mas entre vocês — disse Alleyne —, também houve mudanças. Por que o trabalhador não está carregando as ferramentas? Onde estão o arco, a espada e o capacete? E por que está tão belicoso, John?

— É um jogo que o amigo Aylward está me ensinando.

— E descobri que ele é um pupilo demasiadamente precoce — resmungou o arqueiro. — Ele me despiu como se eu tivesse caído nas mãos dos *tard-venus*. Mas, por minha empunhadura, você tem de devolvê-los, *camarade*, do contrário minha missão será descreditada! Pagarei os preços dos armeiros por eles.

— Tome-os de volta, homem, e não se importe com pagamento — disse John. — Eu queria apenas senti-los, já que provavelmente terei bugigangas como essas penduradas em meu próprio cinto durante alguns anos.

— *Ma foi*, ele nasceu para ser um companheiro livre! — exclamou Aylward. — Tem o exato jeito de falar e de pensar. Tomo-os de volta, então, e a bem da verdade é que fico desconfortável se não sinto minha vara de teixo encostada no osso da perna. Mas vejam, *mes garçons*, deste lado da igreja ergue-se a torre negra e quadrada do castelo do conde de Salisbury, e

mesmo daqui parece que consigo ver naquele estandarte o corço vermelho dos Montacute.

— Vermelho sobre branco — disse Alleyne cobrindo os olhos —, mas se é um corço ou não, é mais do que posso garantir. Como é negra a grande torre, e como é forte o brilho dos armamentos na muralha! Vejam abaixo da bandeira, brilha como uma estrela!

— Sim, é o capacete de aço do guarda — comentou o arqueiro. — Mas temos de prosseguir se desejamos estar lá antes que a ponte levadiça seja erguida ao toque das vésperas. É provável que sir Nigel, sendo um soldado tão renomado, mantenha disciplina rígida entre as muralhas e não deixe ninguém entrar após o pôr do sol. — Ao dizer isso ele apertou o passo e os três camaradas logo estavam próximos da esparsa vila que circundava a nobre igreja e o austero castelo.

Calhou de naquela exata noite sir Nigel Loring, tendo ceado antes do pôr do sol, como era seu costume, e se certificado de que Pommers e Cadsand, seus dois cavalos de batalha, mais os treze cavalos de passeio, os cinco ginetes, os três palafréns de sua dama e o grande *roussin* tordilho estivessem todos devidamente cuidados, sair com seus cães para respirar o ar noturno. Sessenta ou setenta cães, pequenos e grandes, de pelo liso ou desgrenhado — veadeiros, dogues alemães, cães-de-santo-humberto, lebréus, mastins, alanos, *talbots*, *lurchers*, terriers, spaniels — abocanhando, latindo e ganindo, com dúzias de línguas caídas e rabos agitados, vinham como uma onda pelo estreito caminho que leva dos canis de Twynham à margem do Avon. Dois criados trajando roupas castanho-avermelhadas, atiçando os cães aos gritos e estalando chicotes, caminhavam com as pernas escondidas até as coxas em meio à matilha, guiando, controlando e incitando os animais. Atrás vinha sir Nigel em pessoa, de braço dado com lady Loring, e o casal caminhava lenta e tranquilamente, como convinha tanto à idade quanto à posição deles, enquanto assistiam com um sorriso no olhar ao atropelo da multidão à frente. Detiveram-se na ponte, entretanto, e, com os cotovelos nas pedras, ficaram observando os próprios rostos no córrego vítreo abaixo e os lampejos rápidos das brilhantes trutas contra o cascalho acastanhado.

Sir Nigel era um homem franzino de baixa estatura, de voz suave e ciciante e maneiras gentis. Era tão baixo que sua esposa, que não era mulher de grandes dimensões, era três dedos mais alta que ele. Sua visão fora comprometida em uma de suas primeiras guerras por um cesto cheio de cal

viva esvaziado em cima dele, quando liderava os invasores do conde de Derby na abertura de Bergerac, e por isso adquirira o costume de se curvar com uma expressão pestanejante e perscrutadora no rosto. Tinha quarenta e seis anos de idade, mas a constante prática das armas e a vida regrada haviam mantido sua resistência e seus movimentos intactos. Assim, à distância, ele parecia ter os membros leves e a ágil elegância de um menino. Seu rosto, porém, tinha uma coloração amarelada e baça, com aspecto de couro e sem poros, que revelavam duras atividades ao ar livre. A barbicha em ponta que usava, respeitando a moda corrente, era salpicada de cinza. Suas feições eram diminutas, delicadas e regulares, com o nariz bem-definido e curvado e olhos salientes nas pálpebras. A vestimenta era simples mas elegante. Um chapéu de pele de castor de Flandres, que ostentava na fita o emblema de Nossa Senhora de Embrun, pendia do lado esquerdo para esconder a orelha, parcialmente arrancada de sua cabeça por um homem de armas de Flandres num tumulto no acampamento às portas de Tournay. A túnica e as calças curtas eram de um púrpura-ameixa, com compridas franjas brancas que pendiam das duas mangas até abaixo dos joelhos. Os sapatos eram de couro vermelho e tinham uma delicada ponta, ainda não tão extravagantemente prolongada como seria a moda no reinado posterior. Um cinto de cavalaria bordado a ouro circundava seu quadril, com suas armas, cinco rosas de vermelho sobre um campo de prata, habilidosamente trabalhadas na fivela. Assim estava sir Nigel Loring na ponte do Avon, conversando despreocupadamente com sua dama.

Decerto, caso se visse apenas os dois rostos e a um estranho se perguntasse qual deles mais provavelmente pertenceria ao bravo guerreiro cujo nome era adorado pelos soldados mais duros da Europa, ele indubitavelmente teria escolhido o da dama. O rosto dela era grande, quadrangular e avermelhado, com sobranceiras espessas e ferozes e o olhar de uma pessoa acostumada ao comando. Mais alta e mais larga que o marido, seu vestido esvoaçante de seda fina e a palatina forrada com peles não podiam ocultar os contornos lúgubres e deselegantes de sua silhueta. Era a época das mulheres marciais. Os feitos de Agnes Negra de Dunbar, de lady Salisbury e da condessa de Montfort ainda estavam frescos na memória popular. Com tais exemplos diante de si, as esposas dos capitães ingleses haviam se tornado tão belicosas quanto seus pares, e comandavam os castelos em sua ausência com a prudência e a disciplina de senescais veteranos. Os Montacute do Castelo de Twynham estavam bem

tranquilos e pouco tinham a temer de galés errantes ou esquadras francesas enquanto lady Mary Loring comandasse o local. Não obstante, mesmo naquela época acreditava-se que embora uma dama pudesse ter coração de soldado, não era bom que ela também tivesse o rosto de um. Havia homens que diziam que mesmo diante de todos os duros episódios e feitos ousados pelos quais sir Nigel Loring comprovara o verdadeiro vigor de sua coragem, não menos valerosos haviam sido o cortejo e a conquista de uma dama tão ameaçadora.

— Digo-lhe, meu bom senhor — dizia ela —, que isto não é educação adequada para uma donzela: caçar com falcões e cães de caça, tocar liras e cítolas, cantar rondéis franceses ou ler as “Gestas de Don de Mogúncia”, como a encontrei ontem à noite, fingindo estar dormindo com a ponta do pergaminho visível debaixo do travesseiro, a arteira | Emprestado pelo padre Christopher do priorado, é claro. Sempre é esta a resposta dela. Como tudo isso a ajudará quando ela tiver o próprio castelo para cuidar, com cem bocas abertas à espera de carne e cerveja?

— É verdade, meu doce passarinho, é verdade — respondeu o cavaleiro, retirando um confeito de sua caixinha dourada de doces. — A donzela é como uma jovem potra, que salta e escoiceia pelo simples prazer de viver. Dê-lhe tempo, dama, dê-lhe tempo.

— Bem, sei que meu pai não teria me dado tempo, mas uma boa varada nas costas. *Ma foi*, não sei onde este mundo vai parar, se as jovens donzelas podem desrespeitar os mais velhos! Admira-me que não a corrija, meu bom senhor.

— Não, conforto de meu coração. Nunca levantei a mão contra uma mulher, e seria estranhíssimo se eu começasse a fazê-lo com meu próprio sangue. Foi a mão de uma mulher que lançou a cal viva em meus olhos, e embora eu a tenha visto se inclinar e pudesse muito bem tê-la impedido antes que atirasse, julguei que seria indigno de minha condição de cavaleiro impedir ou frustrar alguém de seu sexo.

— A rameira! — bradou lady Loring, cerrando a grande mão direita. — Gostaria de ter estado lá ao lado dela!

— E eu também, já que você teria estado mais perto de mim. Mas não tenho dúvidas de que está certa, e que as asinhas de Maude precisem ser aparadas. Deixarei isso em suas mãos quando partir, pois a bem da verdade é que esta vida pacífica não é para mim. Não fosse por sua graciosa ternura e seu afetuoso cuidado, eu não a aturaria uma semana sequer. Ouvi dizer

que há rumores sobre uma reunião bélica em Bordeaux mais uma vez, e, por São Paulo, seria novidade se os leões da Inglaterra e a pila vermelha de Chandos fossem vistos no campo de batalha sem as rosas de Loring tremulando ao lado!

— Ai de mim, que já receava isto! — exclamou ela, com toda a cor a se esvaír do rosto. — Tenho notado sua mente aérea, seu olhar entusiasmado, e que tem experimentado e rebitado o antigo arnês. Considere, meu bom senhor, que já conquistou muita honra, que nos vimos pouco, e que você tem no corpo cicatrizes de mais de vinte ferimentos, recebidos em não sei quantos conflitos sangrentos. Já não fez o bastante por honra e pela causa pública?

— Minha dama, quando nosso suserano, o rei, com seus sessenta anos, e meu senhor de Chandos, com setenta, estão bem-dispostos e prontos a pôr as lanças em riste pela causa da Inglaterra, não seria adequado que eu tagarelasse sobre ter terminado meus serviços. É verdade que fui ferido vinte e sete vezes. É ainda mais razão para que eu seja grato por ainda respirar fundo e ter os membros fortes. Também vi um bocado de brigas e tumultos. Conto seis grandes batalhas em terra e mais quatro no mar, além de cinquenta e sete investidas, escaramuças e emboscadas. Defendi vinte e duas cidades e estive na tomada de trinta e três. Certamente, portanto, seria uma vergonha implacável para mim, e também para você, já que minha fama é sua, se eu agora me refreasse quando há trabalho a fazer. Além disso, considere a precária situação de nossa bolsa de moedas, com o bailio e o feitor sempre resmungando sobre plantações vazias e terras assoladas. Não fosse por esse cargo de condestável que o conde de Salisbury nos outorgou, mal poderíamos manter a condição adequada à nossa posição. Assim, minha querida, faz-se ainda mais necessário que eu me volte para onde há bom ordenado a se receber e bons resgates a se conquistar.

— Ah, meu querido senhor — disse ela, com os olhos tristes e cansados. — Pensei que enfim o teria para mim, após passar a juventude distante de minha companhia. Mas minhas palavras, como bem sei, devem lhe desejar glória e renome, e não refreá-lo quando há fama a se conquistar. Mas o que posso dizer, se todos sabem que sua valentia precisa de freios e não de esporas? Enche-me de tristeza que você tenha de cavalgar agora como mero cavaleiro bacharel, quando não há nenhum nobre no país que possa fazer melhor reivindicação do pendão quadrado, exceto pelo fato de você não ter os fundos para mantê-lo.!

— E de quem é a culpa, meu passarinho? — disse ele.

— Não há culpa, meu bom senhor, mas virtude. Quantos caros resgates você já conquistou e cujas coroas distribuiu entre os pajens, arqueiros e criados, até que em uma semana não tivesse o suficiente para comprar comida e forragem? É uma generosidade muito cavaleiresca, mas como alguém pode ascender sem dinheiro?

— Imundície! — exclamou ele.

— A ascensão ou a queda não importam, se o dever for cumprido e a honra conquistada. Abandeirado ou bacharel, pendão quadrado ou bifurcado, não dou um trocado pela diferença, e muito menos já que sir John Chandos em pessoa, fina flor da cavalaria inglesa, não passa de um humilde cavaleiro. Mas não te aflijas por enquanto, pombinha de meu coração, pois é possível que não haja guerra a ser travada. Temos de esperar as notícias. Mas eis aqui três estranhos, e um deles é um soldado que esteve recentemente em serviço, pelo que percebo. É provável que ele possa nos dizer o que está havendo além-mar.

Lady Loring levantou os olhos e viu, à luz baixa, os três companheiros andando lado a lado pela estrada, desbotados pela poeira e sujos de viagem, mas tagarelando alegremente entre si. O do meio era jovem e gracioso, com um rosto franco de menino e brilhantes olhos cinzentos, que relanceavam para os dois lados como se ele percebesse o mundo ao redor como algo novo e agradável. À direita dele caminhava um homem enorme de cabelos ruivos, com um largo sorriso e um fulgor jovial, cujas roupas pareciam estar prestes a arrebentar e a rasgar nas costuras, como se ele fosse um ávido pintinho irrompendo bravamente do ovo. Do outro lado, com a mão nodosa no ombro do jovem, vinha um robusto e corpulento arqueiro de olhos castanhos e ferozes, com uma espada no cinto e uma longa vara de teixo visível atrás do ombro. O rosto duro, o capacete surrado, a brigantina amassada, um desbotado leão vermelho de São Jorge em um campo descolorido, tudo isso anunciava, tão claramente quanto quaisquer palavras, que ele realmente vinha das regiões em guerra. O homem fitava sir Nigel ansiosamente enquanto se aproximava, e então, metendo a mão sob a placa de peito, adiantou-se na direção dele com uma reverência brusca e desajeitada para a dama.

— Peço seu perdão, bom senhor — disse ele —, mas o reconheci no momento em que lhe pus os olhos, embora na verdade o tenha visto com

mais frequência trajando aço, e não veludo. Puxei cordas a seu lado em La Roche-Derrien, Romorantin, Maupertuis, Nogent, Auray e outros locais.

— Então, bom arqueiro, fico muito satisfeito em lhe dar as boas-vindas ao Castelo de Twynham, e encontrará provisões para você e seus companheiros nos aposentos do intendente. Seu rosto também me é conhecido, embora meus olhos me puguem peças e eu mal possa reconhecer com certeza meu próprio escudeiro. Descanse um pouco e venha sem demora ao salão para nos dizer o que se passa na França, pois ouvi dizer ser provável que nossos pendões tremulem ao sul das grandes montanhas espanholas antes do final de mais um ano.

— Havia conversas sobre isso em Bordeaux — respondeu o arqueiro —, e eu mesmo vi os armeiros e ferreiros ocupados como ratos num monte de trigo. Mas trago esta carta do valente cavaleiro gascão, sir Claude Latour. E para a senhora, lady — ele acrescentou após uma pausa —, trago esta caixa de açúcar rosado de Narbona, com todos os cumprimentos cortesês e cavaleirescos com os quais um galante *cavalier* pode saudar uma bela e nobre dama.

Este pequeno discurso custara ao brusco arqueiro muito esforço e planejamento, mas ele poderia ter poupado o fôlego. A dama estava tão absorta quanto seu senhor na carta que seguravam entre si, com uma mão em cada ponta, lendo muito devagar, com as sobrancelhas franzidas e os lábios murmurantes. Enquanto liam, Alleyne, que estava com Hordle John alguns passos atrás de seu camarada, viu a dama respirar fundo enquanto o cavaleiro dava uma risadinha consigo mesmo.

— Está vendo, minha querida? — disse ele. — Eles não conseguem deixar o velho cachorro no canil quando a caçada já começou. E quanto a esta Companhia Branca, arqueiro?

— Ah, o senhor fala sobre cachorros — exclamou Aylward —, mas eis aí uma matilha de cães de caça prontos a perseguir qualquer presa, se tiverem um bom caçador para os incitar. Senhor, estivemos juntos em guerras e já vi muitos bravos séquitos, mas nenhum como esse bando de meninos da floresta. Eles pedem apenas por sua liderança, e então ninguém poderá impedi-los!

— *Pardieu!* — disse sir Nigel. — Se forem todos como o mensageiro, são de fato homens de quem um líder poderia se orgulhar. Qual é seu nome, bom arqueiro?

— Sam Aylward, senhor, da centena de Easebourne, na *rape* de Chichester.

— E esse gigante atrás de você?

— É o grande John, de Hordle, um homem da floresta que está agora ao serviço da Companhia.

— Tem o porte adequado para um homem de armas — disse o pequeno cavaleiro. — Ora, Aylward, você não é nenhum frangote, mas garanto que ele é mais forte. Vejam aquela grande pedra da cumeeira, que caiu na ponte. Hoje, quatro de meus criados preguiçosos trouxeram-na até aqui com muito esforço. Gostaria que vocês dois os envergonhassem tirando-a dali, embora eu tema que possa ser uma tarefa exagerada, pois é um peso atroz.

Ele apontava, enquanto falava, para um bloco desbastado caído à beira da estrada, afundado por seu próprio peso na terra avermelhada. O arqueiro aproximou-se dele e arregaçou as mangas do justilho, mas não tinha o semblante muito esperançoso, pois era realmente uma rocha colossal. John, porém, afastou-o com a mão esquerda e, inclinando-se sobre a pedra, retirou-a sozinho do leito macio, arremessando-a no córrego ao longe. Lá ela caiu com uma enorme pancada e uma ponta irregular ficou à mostra na superfície, com as águas borbulhando e espumando num turbilhão circundante.

— Minha Nossa! — exclamaram em uníssono sir Nigel e a dama, enquanto John ria e limpava a terra seca dos dedos.

— Já senti os braços dele em torno de minhas costelas — disse o arqueiro —, e elas ainda rangem à mera lembrança disso. Este meu outro camarada é um bem-instruído clérigo, ainda que seja tão jovem, chamado Alleyne, filho de Edric, irmão do *socman* de Minstead.

— Jovem — disse sir Nigel severamente —, se tem a mesma linha de pensamento de seu irmão, não permitirei que passe por meu rastrilho.

— Não, bom senhor — exclamou Aylward depressa —, posso jurar que eles não têm pensamentos em comum, pois ainda hoje o irmão soltou os cachorros contra ele e o expulsou de suas terras.

— E é, também, da Companhia Branca? — perguntou sir Nigel. — Tens pouca experiência na guerra, se posso julgar por sua aparência e sua postura.

— Gostaria de ir à França com estes meus amigos — respondeu Alleyne —, mas sou um homem de paz: leitor, exorcista, acólito e clérigo.

— Isto não seria empecilho — disse sir Nigel.

— Não, bom senhor — exclamou o arqueiro alegremente. — Ora, eu mesmo servi por dois períodos com Arnaud de Cervolles, aquele a quem chamam de arquipadre. Por minha empunhadura, eu o vi com a beca de monge amarrada nos joelhos e sangue nas sandálias, na vanguarda da batalha! Não obstante, antes do vibrar da última corda ele se arrastava pelos feridos absolvendo-os e ouvindo suas confissões, tão rápido quanto se descasca ervilhas. *Ma foi*, alguns gostariam que ele tivesse menos cuidado com as almas e um pouco mais com seus corpos!

— Faz bem ter um clérigo instruído em cada tropa — disse sir Nigel. — Por São Paulo, há homens tão mesquinhos que pensam mais da pena de um escriba que do sorriso de suas damas, e cumprem o dever na esperança de figurar numa crônica ou aparecer num romance de menestrel. Lembro-me bem que, no cerco de Retters, havia um clérigo gordinho de pele fina, de nome Chaucer. Era tão habilidoso em rondel, tenso ou sirventês que nenhum homem ousava arredar um pé sequer das muralhas, pelo risco de depois descobrir o ato registrado nas rimas dele, e cantado por todos os subalternos e criados do acampamento. Mas, alegria de minha alma, você está me ouvindo tagarelar como se tudo estivesse decidido, quando ainda não me aconselhei com você ou com a senhora minha mãe. Vamos a nossos aposentos, enquanto estes estranhos se alimentam com o que nossa despensa e nossa adega puderem lhes fornecer.

— O ar noturno está gélido — disse a dama, virando-se estrada afora com a mão no braço de seu senhor. Os três camaradas ficaram um pouco para trás e os seguiram. Aylward muito mais tranquilo por ter cumprido sua missão, Alleyne cheio de admiração pela postura humilde de tão renomado capitão, e John fazendo altos ruídos de escárnio, que demonstravam sua decepção e seu desdém.

— Qual é o problema com o homem? — perguntou um surpreso Aylward.

— Fui ludibriado e zombado — disse ele rudemente.

— Por quem, sir Sansão, o forte?

— Por ti, sir Balaão, o falso profeta.

— Por minha empunhadura! — exclamou o arqueiro. — Não sou Balaão, mas converso com a própria criatura que falou com ele. O que há de errado, então, e como foi que o enganei?

— Ora, você não disse, e o Alleyne aqui é minha testemunha, que se eu partisse rumo à guerra com você, me poria sob as ordens de um líder que

não devia em coragem a nenhum outro em toda a Inglaterra? Mas me trouxe aqui a este farrapo de homem, doentio e desnutrido, com olhos que parecem os de uma coruja na muda, e que ainda precisa, é claro, aconselhar-se com a mãe antes de afivelar a espada no cinto.

— É aí que o calo está apertando? — exclamou o arqueiro, com uma alta gargalhada. — Perguntarei o que é que você pensa dele daqui a três meses, se estivermos todos vivos, pois estou certo de que...

As palavras de Aylward foram interrompidas por uma extraordinária balbúrdia que irrompeu naquele momento, a certa distância na própria rua, vinda dos lados do priorado. Havia gritaria de homens em vozes profundas, gritinhos assustados de mulheres, uivos e latidos de cães vadios e, acima de tudo, um rosnar sombrio e trovejante, indescritivelmente terrível e ameaçador. Um par de cães corria em disparada da esquina da rua estreita, ganindo com os rabos entre as pernas. Atrás deles vinha um burguês de rosto pálido, com as mãos estendidas e os dedos esticados, os cabelos completamente eriçados e os olhos relanceando de lado para outro, como se um enorme terror estivesse em seu encalço.

— Fuja, minha senhora, fuja! — guinchou ele, e passou zunindo como uma seta.

Logo atrás vinha um enorme urso negro aos trancos e barrancos, com a língua vermelha saltando da boca e uma corrente quebrada tilintando atrás. Por todos os lados a multidão corria rumo às arcadas e soleiras. Hordle John agarrou lady Loring como se fosse uma pluma e saltou com ela para dentro de um pórtico aberto, ao passo que Aylward, com um turbilhão de imprecações francesas, agarrou a aljava e tentava soltar o arco. Alleyne, completamente perturbado por essa visão tão estranha e incomum, encolheu-se contra uma parede com os olhos fixos na frenética criatura, que se aproximava aos saltos num ritmo desajeitado. O animal parecia maior à luz incerta, com a grande mandíbula escancarada e sangue e saliva escorrendo pelo chão. Apenas sir Nigel, sem tomar conhecimento de todo o ar geral de pânico, caminhou a passos firmes até o meio da estrada, com um lenço de seda numa mão e sua caixinha dourada de confeitos na outra. O sangue de Alleyne gelou nas veias ao ver o encontro dos dois — o homem e a fera. A criatura pôs-se de pé, com os olhos flamejantes de terror e ódio, e rodopiou as grandes patas sobre a cabeça do cavaleiro para derrubá-lo ao chão. Ele, no entanto, pestanejando com os olhos franzidos, alcançou o lenço e o usou para cutucar a fera de leve no focinho, por duas vezes.

— Ah, atrevido! Atrevido! — disse, em tom de repreensão gentil, ao que o urso, incerto e confuso, baixou as quatro patas ao chão novamente. Gingando para trás, foi logo envolto em cordas pelo guarda-ursos e uma multidão de camponeses em perseguição.

O guarda estava assustado, pois prendera o bruto animal a uma estaca com uma corrente enquanto bebia um jarro de cerveja na estalagem, mas ele havia sido provocado por cães vadios. Em sua fúria e cólera, o urso havia se soltado da corrente e passara a atingir ou morder todos os que se punham em seu caminho. O homem ficou ainda mais assustado ao descobrir que a criatura estivera perto de ferir o senhor e a senhora do castelo, que tinham poder para colocá-lo no pelourinho ou arrancar-lhe a pele das costas. No entanto, quando se aproximou com a cabeça curvada e uma humilde súplica por perdão, foi recebido com um punhado de trocados de prata por sir Nigel. A dama, por outro lado, estava em disposição menos caridosa, pois havia tido a dignidade muito perturbada pela maneira como fora afastada da companhia de seu senhor.

Quando passaram pelo portão do castelo, John agarrou a manga de Aylward e os dois ficaram para trás.

— Devo implorar por seu perdão, camarada — disse ele, sem rodeios. — Fui um idiota por não perceber que o menor galo pode ser o mais valente. Acredito que esse homem é mesmo um líder a quem podemos seguir.

CAPÍTULO XI

COMO UM JOVEM PASTOR CUIDOU DE UM PERIGOSO REBANHO

A entrada do Castelo de Twynham estava escura como breu, embora um par de archotes nas duas extremidades do portão lançassem um brilho escarlate sobre a ala externa e um bruxuleio indistinto e avermelhado sobre o arco desbastado, que subia e descia com luminosidade vacilante. Acima da porta os viajantes puderam discernir o escudete dos Montacute, um corço vermelho sobre um campo de prata, flanqueado em ambos os lados por escudos menores que ostentavam as rosas vermelhas do veterano condestável. Quando passaram pela ponte levadiça, Alleyne notou o débil brilho de armas nas seteiras à esquerda e à direita, e eles mal haviam posto os pés no passeio elevado quando um toque brusco irrompeu de uma corneta. A pesada ponte ergueu-se com as dobradiças a ranger e as correntes a tinir, puxada por mãos invisíveis. No mesmo instante, o enorme rastrilho veio descendo ruidosamente e tapou o último resquício de luz do dia. Sir Nigel e sua dama caminhavam em conversação profunda, ao passo que um subintendente gorducho assumiu a responsabilidade pelos três camaradas e os conduziu à copa, onde havia carne, pão e cerveja sempre à disposição dos viajantes. Após uma boa refeição e uma imersão na bacia d'água para tirara a poeira, eles prosseguiram à ala interna, onde o arqueiro observou as muralhas e a torre de menagem na escuridão, com o olhar crítico de alguém que conhece algo sobre cercos e que não costuma ficar satisfeito. Para Alleyne e John, porém, parecia ser uma fortaleza tão grandiosa e robusta quanto as mãos humanas eram capazes de construir.

Erigida por sir Baldwin de Redvers nos velhos tempos de batalha do século XII, quando se pensava muito na guerra e pouco no conforto, o Castelo de Twynham fora projetado pura e simplesmente como uma

fortificação, ao contrário das mais magníficas estruturas posteriores, em que a força bélica era combinada com o esplendor de um palácio. A partir da época dos Eduardos, construções como os castelos de Conway ou Caernarfon, para não mencionar o Real Windsor, haviam demonstrado que era possível garantir tanto o luxo nos tempos de paz quanto a segurança nos momentos de conflito. A propriedade confiada a sir Nigel, no entanto, ainda se erguia imponente e severa sobre as tranquilas águas do Avon, como a austera estirpe dos primeiros anglo-normandos a projetara. As amplas alas externa e interna não eram pavimentadas, mas cobertas de grama para alimentar as ovelhas e o gado que poderiam ser trazidos para dentro ao sinal de perigo. Por todos os lados havia muralhas altas com torretas, e no canto uma crua torre de menagem quadrangular, sombria e sem janelas, erguia-se sobre um alto monte, o que a tornava quase inacessível para os assaltantes. Contra as muralhas das alas havia fileiras de casas frágeis de madeira e barracões tortos, que abrigavam os arqueiros e homens de armas que compunham a guarnição. As portas dessas humildes residências estavam abertas em sua maioria, e contra a luz amarela que vinha de dentro Alleyne podia divisar os homens barbados limpando seus arneses. Suas esposas saíam para fofocar com os bordados nas mãos, formando longas sombras escuras que espalhavam pelo pátio. O ar estava repleto do ruído das vozes delas e da tagarelice alegre das crianças, num estranho contraste com o brilho de armas e as constantes provocações belicosas das muralhas acima.

— Parece-me que uma companhia de meninos de escola poderia defender este lugar contra um exército — disse John.

— Digo o mesmo — disse Alleyne.

— Não, vocês estão muito longe de alvo — disse o arqueiro gravemente. — Por minha empunhadura, já vi fortins mais robustos que este serem tomados em uma só tarde de verão! Lembro-me de um desses na Picardia, com um nome comprido como a genealogia de um gascão. Foi quando eu servia sob o comando de sir Robert Knolles, antes da época da Companhia, e deparamos com uma boa pilhagem no saque. Eu mesmo consegui uma grande bacia de prata, além de dois cálices e um peitilho de aço espanhol. *Pasques Dieu*, há umas boas mulheres ali! *Mort de ma vie*, vejam aquela na soleira da porta! Vou falar com ela. Mas quem vem lá?

— Há um arqueiro chamado Sam Aylward por aqui? — perguntou um magro homem de armas que vinha retinindo pátio afora na direção deles.

— É meu nome, amigo — disse o arqueiro.

— Então certamente não preciso te dizer o meu — disse o outro.

— Pela cruz! Se não é Simon Negro de Norwich! — exclamou Aylward.
— *À mon cœur, camarade, à mon cœur!* Ah, mas estou feliz em te ver! —
Caíram nos braços um do outro e se abraçaram como ursos.

— E de onde está vindo, velho guerreiro? — perguntou o arqueiro.

— Estou em serviço por aqui. Diga-me, camarada, é verdade que atacaremos aqueles franceses novamente? É o rumor que corre na sala da guarda, e também se diz que sir Nigel partirá para o campo de batalha mais uma vez.

— É bastante provável, *mon gars*, pela maneira como as coisas vão.

— Que Deus seja louvado! — exclamou o outro. — Ainda hoje à noite separarei um broche dourado para oferecer no oratório do santo de meu nome. Venho ansiando por isso, Aylward, como uma jovem donzela anseia pelo amado.

— Estás assim tão desejoso de um saque, então? O dinheiro está tão curto que não consegue pagar uma bebedeira? Tenho uma bolsa em meu cinto, *camarade*, e você pode simplesmente enfiar a mão ali e pegar o quanto quiser. Sempre dividimos tudo entre nós.

— Não, amigo, não estou atrás de ouro francês, mas de sangue francês. Não sossegarei na cova, colega, se não defrontá-los outra vez. Pois de nossa parte a guerra sempre foi justa e honesta na França — fechávamos o punho para os homens, mas dobrávamos o joelho para as mulheres. Mas como foi em Winchelsea, quando as galés deles atacaram há alguns anos? Minha velha mãe estava lá, rapaz, vinda das Midlands para ficar mais próxima do filho. Foi encontrada depois diante da pedra da própria lareira, atravessada pelo podão de guerra de um francês. Minha segunda irmã, a esposa de meu irmão e seus dois filhos, todos não passavam de um monte de cinzas nas ruínas fumegantes da casa. Não direi que não causamos grandes danos na França, mas as mulheres e crianças não tinham nada a temer de nós. Assim, velho amigo, meu coração queima no peito e anseio por ouvir o velho grito de guerra. E Deus é testemunha de que se sir Nigel desfraldar o pendão, eis aqui um soldado que ficará bem contente em sentir as abas da sela debaixo dos joelhos!

— Vimos bons feitos juntos, velho de cão de guerra — disse Aylward —, e, por minha empunhadura, que vejamos mais alguns antes de morrer! Mas é mais provável caçarmos a galinhola espanhola ao invés da garça francesa, embora certamente corra o rumor de que Du Guesclin e os melhores

lanceiros da França estão ao serviço dos leões e torres de Castela. Mas, camarada, me veio à mente que há uma pequena disputa ainda em aberto entre nós.

— Por Deus, é verdade! — exclamou o outro. — Eu havia me esquecido. O preboste e os homens dele nos deram uma surra na última vez em que nos encontramos.

— Ao que juramos, meu amigo, que resolveríamos a questão quando nos encontrássemos novamente. Estás com tua espada, pelo que vejo, e a lua é luz suficiente para duas velhas aves noturnas como nós. Em guarda, *mon gars!* Não ouvi aço tinir neste último mês, ou até há mais tempo.

— Saiamos das sombras, então — disse o outro, desembainhando a espada. — Um juramento é um juramento, e não deve ser quebrado levemente.

— Um juramento sagrado — exclamou Alleyne —, de fato não deve ser desconsiderado, mas este é um juramento diabólico. Apesar de ser um simples clérigo, ainda sou o porta-voz da verdadeira Igreja ao dizer que seria um pecado mortal lutar por tal desavença. Mas o quê! Dois homens crescidos guardando mágoas durante anos e atirando-se como cães vadios à garganta um do outro?

— Não é mágoa, meu jovem clérigo, não é mágoa — disse Simon Negro. — Não tenho uma gota de rancor no coração contra meu camarada, mas a desavença, como ele disse, ainda está em aberto e irresoluta. Avante, Aylward!

— Não enquanto eu puder me pôr entre vocês — exclamou Alleyne, saltando à frente do arqueiro. — É uma vergonha e um pecado ver dois ingleses cristãos empunhando espadas um contra o outro, como fazem os pagãos frenéticos e sanguinários.

— E digo mais — disse Hordle John, saindo subitamente da despensa com a grande tábua sobre a qual se enrolava a massa —, se um dos dois levantar a espada, vou amassá-lo como uma panqueca da terça-feira gorda. [67] Pela cruz negra, vou fincá-lo na terra como se fosse um prego na porta, mas não verei vocês se machucarem!

— Por Deus, esta é uma forma estranha de pregar a paz — exclamou Simon Negro. — Você mesmo pode se machucar, meu forte amigo, se levantar esse seu grande porrete contra mim. Antes a ponte levadiça do castelo me caísse na cabeça.

— Diga-me, Aylward — disse Alleyne seriamente, com as mãos esticadas para manter a dupla distante —, qual é o motivo da desavença, para vermos se seria possível chegar a um acordo honroso?

O arqueiro olhou para os próprios pés e depois para a lua.

— *Parbleu!* — exclamou ele. — O motivo da desavença? Ora, *mon petit*, foi anos atrás no Limusino, como é que eu poderia lembrar qual foi? O Simon ali tem o motivo na ponta da língua.

— Eu não, para dizer a verdade — respondeu o outro. — Tive outras coisas com que me preocupar. Foi alguma espécie de rusga por conta dos dados, ou do vinho. Ou foi uma mulher, colega?

— *Pasques Dieu*, você acertou! — exclamou Aylward. — Foi realmente por conta de uma mulher, e a disputa deve continuar, pois ainda penso exatamente como antes.

— O que houve com a mulher, afinal? — perguntou Simon. — Que a peste me derrube se eu conseguir lembrar alguma coisa sobre ela.

— Era La Blanche Rose, que servia no Trois Corbeaux, em Limoges. Abençoado seja aquele lindo coração! Ora, *mon gars*, eu a amava.

— Como tantos outros — disse Simon. — Lembro-me dela agora. No mesmo dia em que brigamos pela rapariga ela partiu com Evan ap Price, um punhaleiro galês de pernas longas. Eles têm um albergue próprio agora, em algum lugar às margens do Garona, e o estalajadeiro bebe tanto que não sobra quase nada para os fregueses.

— É o fim de nossa desavença, então — disse Aylward, embainhando a espada. — Um punhaleiro galês, realmente! *C'était mauvais goût, camarade*, e mais ainda pois ela podia escolher entre um alegre arqueiro e um forte homem de armas.

— É verdade, meu velho. E fizemos bem em resolver nossas diferenças honrosamente, pois sir Nigel apareceria logo que cruzássemos nossas lâminas, e ele jurou que deceparia a mão direita dos desordeiros se houvesse brigas entre a guarnição. Você o conhece há muito tempo, e sabe que ele costuma cumprir o que promete.

— *Mort Dieu*, sim! Mas há cerveja, hidromel e vinho na despensa, e o intendente é um velhaco alegre que não vai nos negar um quartilho ou dois. *Buvons, mon gars*, pois dois velhos amigos não se reencontram todos os dias.

Os velhos soldados e Hordle John partiram juntos como bons camaradas. Alleyne se virara para segui-los, quando sentiu um toque no ombro e

descobriu um jovem pajem a seu lado.

— O lorde Loring ordena — disse o menino —, que o senhor me acompanhe ao grande salão, e o aguarde lá.

— Mas e meus camaradas?

— A ordem dele dizia respeito apenas ao senhor.

Alleyne seguiu o mensageiro à extremidade leste do pátio, onde um largo lance de escadas conduzia à soleira do salão principal, cuja muralha exterior era banhada pelas águas do Avon. No projeto inicial não havia residência alocada para o senhor do castelo e sua família, além do sombrio e funesto porão da torre de menagem. Uma geração mais civilizada ou mais efeminada, porém, recusara-se a ficar restrita a tal pavimento inferior, e o salão e os cômodos adjacentes haviam sido acrescentados como acomodações. Alleyne subiu os largos degraus ainda seguido o guia infantil, até que este se deteve à frente das portas dobráveis de carvalho e fez menção para que ele adentrasse o salão principal do castelo.

O clérigo olhou ao redor ao entrar no cômodo, mas como não viu ninguém, permaneceu de pé com o barrete nas mãos, examinando com grande interesse uma câmara tão diferente de qualquer uma com a qual estivesse acostumado. Já se fora a época em que o salão de um fidalgo não passava de um recinto com aspecto de celeiro e com juncos espalhados pelo chão, que servia de sala comunal e refeitório para todos os habitantes do castelo. Os cruzados haviam trazido consigo costumes de luxo doméstico, como carpetes de Damasco e tapetes de Alepo, o que os tornara intolerantes à simplicidade atroz e à falta de privacidade que encontravam em suas fortalezas ancestrais. Ainda mais forte, porém, fora a influência da grande guerra com os franceses, pois, ainda que as duas nações pudessem se equiparar nos exercícios marciais, não havia dúvidas de que os vizinhos dos ingleses eram infinitamente superiores nas artes da paz. Durante um quarto de século a Inglaterra fora inundada por uma torrente de cavaleiros em regresso, soldados feridos e fidalgos franceses não resgatados, e todos eles exerceram influência no sentido de um maior requinte doméstico. Ao mesmo tempo, carregamentos de mobiliário francês de Calais, Rouen e outras cidades saqueadas haviam fornecido aos artesãos ingleses os modelos sobre os quais poderiam dar forma a suas obras. Assim, na maioria dos castelos ingleses, dentre os quais se incluía o de Twynham, poderiam ser encontrados cômodos que não pareciam estar em falta de beleza ou conforto.

Uma tora crepitava e soltava fagulhas na grande lareira de pedra, lançando um fulgor avermelhado que dava um ar brilhante e luminoso a todo o aposento, em conjunto com as grandes lamparinas penduradas em suportes em cada canto. Acima havia um bordado de heráldica que se estendia até o teto rematado por cornijas e entalhado em carvalho. Cadeiras de dossel alto estavam posicionadas nos dois lados, para o senhor da casa e seu convidado mais honrado. De todas as paredes pendiam tapeçarias muito elaboradas com cores vivas, representando as façanhas de sir Bevis de Hampton, e atrás desse conveniente anteparo estavam armazenadas as mesas dormentes e bancos necessários para um banquete ou alta festividade. O piso de azulejo polido tinha um tapete de Flandres quadrado, dividido em vermelho em preto, no centro, sobre o qual amontoavam-se muitos sofás, almofadas, cadeiras de armar e bancais entalhados. No canto mais distante havia um comprido aparador preto, densamente coberto por taças de ouro, bandejas de prata e outros objetos de valor. Alleyne examinou tudo isso com olhos curiosos, mas o que mais lhe interessou foi uma mesinha de ébano bem a seu lado. Sobre ela, junto a um tabuleiro de xadrez e às peças espalhadas, havia um manuscrito aberto, escrito em uma caligrafia letrada e ornado com lindos floreios e desenhos nas margens. Em vão Alleyne tentou lembrar-se de onde estava e das regras de boa educação e decoro que deveriam refreá-lo: as versais coloridas e as linhas pretas uniformes atraíram suas mãos como o ímã atrai a agulha. Antes que percebesse, estava de pé com o romance de Garin de Monglane diante dos olhos, tão absorto no conteúdo que se esqueceu completamente de onde estava e de por que estava ali.

Foi trazido de volta à realidade, porém, por um súbito murmurinho de risadinhas femininas. Aterrorizado, soltou o manuscrito sobre as peças de xadrez e fitou o cômodo com perplexidade. Estava tão vazio e quieto quanto antes. Novamente ele estendeu as mãos na direção do romance, e novamente ouviu-se a irrupção marota de alegria. Ele procurou no teto, na porta fechada atrás de si e em todas as dobras rígidas da tapeçaria imóvel. De súbito, porém, divisou um rápido vislumbre no canto de um bancal de espaldar alto à frente. Dando um passo ou dois para o lado, viu uma esbelta mão pálida, que segurava um espelho de prata polida de modo que um observador oculto pudesse ver sem ser visto. Ele permaneceu irresoluto, incerto quanto a avançar ou a não dar atenção. Enquanto hesitava, porém, o espelho foi recolhido e uma alta e imponente jovem dama deslizou de trás

do anteparo de carvalho, com um brilho dançante de travessura no olhar. Alleyne sobressaltou-se atônito quando reconheceu a donzela que fora vítima da violência de seu irmão na floresta. Ela já não vestia o alegre vestido de equitação, mas trajava um longo manto de veludo negro de Bruges, rendilhado delicadamente com ornamentos brancos no pescoço e nos punhos, que mal podiam ser vistos perto de sua pele de marfim. Linda ela já lhe parecera antes, e agora o charme ágil de sua silhueta e a graça ativa e franca de sua postura eram realçados pela rica simplicidade de seu traje.

— Ah, você se sobressaltou — disse ela, com o mesmo olhar travesso de soslaio —, e não me surpreende. Não esperavas ver a donzela em perigo novamente. Oh, como eu gostaria de ser um menestrel para rimar sobre isso, com todo o romance — a desafortunada donzela, o perverso *socman* e o virtuoso clérigo! Assim nossa fama poderia ter ficado registrada para todo o sempre, e você seria mencionado juntamente com sir Percival, sir Galahad e todos os outros libertadores de damas em apuros.

— O que fiz — disse Alleyne —, foi uma coisa muito pequena para agradecimentos. Mas, se posso dizer isso sem ofender, foi um caso demasiadamente grave e próximo de um mau destino para ser motivo de humor e de gracejos. Eu contava com o amor de meu irmão, mas foi o desejo de Deus que ocorresse o contrário. Fico muito alegre por vê-la novamente, dama, e por saber que voltou para casa em segurança, se este realmente for seu lar.

— Sim, na verdade o Castelo de Twynham é meu lar, e sir Nigel Loring é meu pai. Eu deveria ter lhe contado pela manhã, mas você disse que estava vindo para cá, então considerei que poderia manter o segredo para fazer uma surpresa. Ó céus, mas como foi delicioso observá-lo! — exclamou ela, desatando a rir mais uma vez, com a mão na cintura e os olhos semicerrados brilhando em divertimento. — Você ia para frente e para trás sem tirar os olhos daquele meu livro, como o rato que cheira o queijo, mas teme a armadilha.

— Estou envergonhado — disse Alleyne —, por ter encostado nele.

— Oh não, assistir à cena aqueceu meu coração. Fiquei tão contente que ri de puro prazer. “Então meu bom pregador também pode ser tentado”, pensei eu. “Ele não é feito de um barro diferente do resto de nós”.

— Que Deus me ajude! Sou o mais fraco entre os fracos — gemeu Alleyne. — Rogo para ser mais forte.

— E para quê? — perguntou ela rispidamente. — Se a intenção, pelo que compreendo, for trancar-se para sempre em sua cela dentro dos quatro muros da abadia, qual seria a serventia de ter suas preces atendidas?

— Serviria para a minha salvação.

Ela afastou-se dele com um encolher de ombros e um aceno encantadores.

— Só isso? — disse ela. — Então você não é melhor que o padre Christopher e todo o resto. Sua, sua, sempre sua! Meu pai é um homem do rei, e jamais pensa em salvar o próprio corpo miserável quando se atira no coração do combate. Ele não daria a menor importância se seu cadáver acabasse por ficar no campo de batalha. Por que então vocês, que são soldados do espírito, deveriam sempre se lamentar ou se esconder em celas ou antros com as cabeças cheias das próprias preocupações, enquanto o mundo que deveriam estar consertando segue seu caminho sem vê-los ou ouvi-los? Se fossem tão desprendidos de suas próprias almas quanto os soldados o são em relação a seus corpos, seriam mais úteis às almas de outros.

— Há verdade no que diz, dama — Alleyne respondeu —, mas dificilmente consigo perceber o que gostaria que o clero e a Igreja fizessem.

— Eu gostaria que vivessem como os outros vivem e trabalhassem para o mundo, pregando com as vidas ao invés das palavras. Gostaria que saíssem de seus locais solitários, se misturassem com a gente do campo, sentissem as dores e os prazeres, os cuidados e as recompensas, as tentações e as tarefas do povo comum. Que labutem e fiquem, trabalhem, arem a terra, tomem esposas...

— Ai de mim! Ai de mim! — exclamou Alleyne, atônito —, você certamente sugou esse veneno daquele tal Wycliffe, sobre quem já ouvi falar tantas coisas malignas.

— Não, não o conheço. Aprendi isso olhando pela janela de meus próprios aposentos, observando a vida maçante e a rotina sem proveito dos pobres monges do priorado. Perguntei-me se o melhor a se fazer com a virtude seria trancá-la do lado de dentro de muros altos, como se fosse uma criatura selvagem. Se os bons se trancafiarem e os perversos ainda vagarem livremente, então ai do mundo!

Alleyne a fitava perplexo, pois tinha a bochecha corada e os olhos faiscantes, e toda sua postura estava repleta de eloquência e convicção. Mas

num instante ela voltara à velha expressão de divertimento permeada de travessura.

— Vais fazer o que peço? — perguntou ela.

— E o que seria, dama?

— Oh, clérigo pouco galante! Um verdadeiro cavaleiro nunca teria perguntado, e sim jurado fazê-lo no mesmo instante. É simplesmente me apoiar no que direi a meu pai.

— Em quê?

— Em dizer, se ele perguntar, que foi ao sul da estrada de Christchurch que conheci você. Do contrário serei trancafiada com as camareiras e ficarei durante uma semana com a roca e o passador, quando gostaria de estar galopando com Trovador por Wilverley Walk ou soltando o pequeno Roland atrás das garças da Serra de Vinney.

— Não responderei se ele perguntar.

— Não responderá? Mas ele exigirá uma resposta. Não, você não pode me falhar, senão as coisas ficarão ruins para mim.

— Mas, dama — exclamou o pobre Alleyne em grande angústia —, como posso dizer que foi ao sul da estrada quando sei bem que aquilo aconteceu quatro milhas ao norte?

— Você não dirá?

— Certamente você tampouco dirá tal coisa, se sabe que não é verdade.

— Oh, estou cansada de suas pregações! — exclamou ela, sacudindo a bela cabeça e se afastando, deixando Alleyne tão cabisbaixo e envergonhado como se ele mesmo tivesse feito uma proposta abominável. Em um instante ela estava de volta, porém, em mais um de seus humores variáveis.

— Veja isso, meu amigo! — disse ela. — Se você hoje estivesse trancafiado na abadia ou numa cela, não poderia ter ensinado uma donzela indócil a dizer a verdade, não é mesmo? De que vale um pastor que abandona suas ovelhas?

— Seria um péssimo pastor! — disse Alleyne humildemente. — Mas eis seu nobre pai.

— E veja como sua uma pupila valorosa. Pai, devo muito a este jovem clérigo, que me serviu e me ajudou ainda esta manhã no Bosque de Minstead, quatro milhas ao norte da estrada de Christchurch, onde eu não deveria estar, pois o senhor assim me ordenou. — Recitou tudo isso em voz

alta, e depois fitou Alleyne com um olhar questionador de soslaio, em busca de aprovação.

Sir Nigel, que entrara no cômodo com uma dama idosa de cabelos prateados no braço, arregalou os olhos diante desse súbito arroubo de candura.

— Maude, Maude! — disse ele, balançado a cabeça negativamente. — É mais difícil para mim ser obedecido por você do que pelas dez vintenas de arqueiros bêbados que me seguiram até a Guiena. Mas faça silêncio, pequena, pois a bela senhora sua mãe logo estará aqui, e não há necessidade de ela saber disso. Você ficará imune ao preboste desta vez. Vá para seus aposentos, querida, e mantenha o rosto alegre, pois aquela que confessa está absolvida. E agora, boa mãe — continuou ele, quando a filha se fora —, sente-se aqui junto do fogo, pois seu sangue já não corre tão quente quanto antes. Alleyne Edricson, eu gostaria de falar com você, pois desejo que sirva sob meu comando. E em boa hora chega minha dama, sem cujo conselho não costumo decidir nada de importante. Na verdade, foi ideia dela que você fosse chamado aqui.

— Pois formei uma boa opinião a seu respeito, e posso ver que é confiável — disse lady Loring. — E a bem da verdade é que meu bom senhor necessita de uma pessoa assim a seu lado, pois ele se importa tão pouco consigo mesmo que deve haver alguém para cuidar de suas carências e atender suas necessidades. Você esteve no claustro, e faria bem que conhecesse o mundo também, antes de escolher a vida que levará entre as duas.

— Foi por essa exata razão que meu pai, em seu testamento, quis que eu saísse para o mundo em meu vigésimo aniversário — disse Alleyne.

— Então seu pai era um homem de boas opiniões — disse ela —, e você não poderia atender melhor ao desejo dele que partindo neste caminho, no qual terá os mais nobres e galantes da Inglaterra como companheiros.

— Sabe montar a cavalo? — perguntou sir Nigel, fitando o jovem com os olhos pestanejantes.

— Sim, montei muito na abadia.

— Mas há diferença entre os cavalos de passeio dos frades e o corcel de batalha de um guerreiro. Sabe cantar e tocar?

— A cítola, a flauta e a rabeca.

— Muito bem! Sabe ler brasões?

— Razoavelmente.

— Então leia este — disse sir Nigel, apontando para cima, em direção a um dos vários escudos que adornavam a parede da lareira.

— De prata — respondeu Alleyne —, uma faixa, de azul, carregada com três lisonjas dividindo três moletas, de negro. Sobreposto, em um escudete do primeiro, uma perna, de vermelho.

— Uma perna, de vermelho, arrancada — disse sir Nigel, balançando a cabeça solenemente. — Mas não está mal para um homem criado por monges. Suponho que seja humilde e prestativo?

— Servi por toda a minha, meu senhor.

— Sabe esculpir também?

— Eu esculpia dois dias por semana para os irmãos.

— Um verdadeiro exemplo! Serás o melhor dos escudeiros. Mas te rogo que me digas: sabes cachear cabelos?

— Não, meu senhor, mas posso aprender.

— É importante — disse ele —, pois adoro manter meus cabelos em ordem, visto que trinta anos do peso do elmo acabaram por esfiapá-lo no topo, em certa medida. — Tirou o chapéu de veludo e arminho enquanto falava e exibiu uma cabeça tão careca quanto um ovo, que brilhava bravamente à luz do fogo. — Veja — disse ele, movendo-se rapidamente e exibindo uma pequena faixa em que uma fileira de cabelos esparsos ainda resistiam penosamente ao destino que se abatera sobre seus camaradas, como os últimos sobreviventes de um mortífero campo de batalha. — Estas madeixas necessitam de um pouco de óleo e ondulação, pois não tenho dúvidas de que se observar minha cabeça de lado, quando houver luz suficiente, você mesmo perceberá que há locais em que o cabelo está escasso.

— Ficaré incumbido também de portar a bolsa de dinheiro — disse a dama —, pois meu bom senhor tem um temperamento tão espontâneo e gracioso que a daria alegremente ao primeiro que lhe pedisse esmolas. Todas essas coisas, além de certo conhecimento da caça, do manejo de cavalos, falcões e cães de caça, e mais a graça, a intrepidez e a cortesia que são próprias de sua idade, farão de você um escudeiro adequado para sir Nigel Loring.

— Ai de mim, dama — respondeu Alleyne —, sei bem a honra que me foi dedicada ao ser considerado digno de servir cavaleiro tão renomado, mas também tenho consciência de minha própria fraqueza, de modo que

difícilmente ousaria contrair deveres para cujo cumprimento eu seria demasiadamente inadequado.

— A modéstia e o espírito humilde — disse ela —, são os dons primordiais e mais raros para os pajens e os escudeiros. Suas palavras provam que você os possui, e todo o resto será apenas fruto do hábito e do tempo. Mas não há necessidade de se apressar. Pense durante esta noite, e peça por orientação em suas orações. Conhecíamos bem seu pai e gostaríamos de ajudar o filho, embora tenhamos poucos motivos para gostar de seu irmão, o *socman*, que está sempre atizando conflitos no condado.

— Dificilmente podemos esperar — disse Nigel —, que tudo esteja pronto antes da festa de São Lucas, pois há muito a fazer até lá. Você terá tempo para aprender suas obrigações, portanto, se lhe aprouver me servir. Bertrand, o pajem de minha filha, está entusiasmado para ir, mas na verdade ele é demasiadamente jovem para o trabalho duro que teremos pela frente.

— E tenho um favor a lhe pedir — acrescentou a senhora do castelo, quando Alleyne se virou para deixar sua presença. — Pelo que compreendo, você possui muitos conhecimentos que adquiriu em Beaulieu.

— Muito pouco, dama, em comparação com aqueles que foram meus professores.

— Mas o suficiente para meus propósitos, sem dúvida. Pois eu gostaria que você passasse uma ou duas horas por dia, enquanto estiver conosco, em conversação com minha filha, a lady Maude. Temo que ela esteja um tanto atrasada e não goste das letras, a não ser por esses miseráveis romances apaixonados, que não fazem mais que encher sua cabeça vazia com sonhos de donzelas encantadas e cavaleiros errantes. O padre Christopher vem do priorado após as nonas, mas está acometido pela idade e fala devagar, de modo que ela se beneficia pouco de seus ensinamentos. Eu gostaria que você fizesse o possível com ela e com Agatha, minha jovem camareira, além de Dorothy Pierpont.

E assim Alleyne se viu não apenas escolhido como escudeiro de um cavaleiro, mas também de três donzelas, o que ia muito além do papel que ele pensara em desempenhar no mundo. Não obstante, ele nada pôde fazer senão concordar em dar seu melhor, e assim partiu do salão do castelo com o rosto corado e a cabeça em turbilhão, pensando nos caminhos estranhos e perigosos que seus pés estavam destinados a trilhar.

CAPÍTULO XII

COMO ALLEYNE APRENDEU MAIS DO QUE PODIA ENSINAR

E então veio um tempo de rebuliço e azáfama, de armas em restauração e dos martelos a retinir em todos os condados do sul da Inglaterra. De aldeia em aldeia e de castelo em castelo correu rapidamente a notícia de que a velha caçada mais uma vez se iniciara, e que os leões e lírios deveriam estar no campo com a chegada da primavera. Foram boas novas para aquele velho e feroz país cujo negócio durante toda uma geração havia sido a guerra, exportando arqueiros e importando prisioneiros. Durante seis anos seus filhos haviam se enfadado com uma paz invulgar, mas agora pegavam nas armas como um direito de nascença. Os velhos soldados de Crécy, de Nogent e de Poitiers estavam satisfeitos por poderem ouvir as trombetas de guerra mais uma vez, e ainda mais contentes estavam os entusiasmados jovens que durante tantos anos haviam se enfadado com os contos marciais de seus pais. Romper as grandes montanhas do sul, lutar contra os conquistadores dos impetuosos mouros, servir sob o maior capitão da época, encontrar searas e vinhas ensolaradas, quando as fronteiras da Picardia e da Normandia estavam escassas e ermas como as florestas de Jedburgo — havia expectativas douradas para uma estirpe guerreira. De mar a mar podia-se ouvir o encordoar dos arcos nas choupanas e o retinir do aço nos castelos.

E não tardou até que todas as fortalezas enviassem sua cavalaria e que as aldeolas despachassem a infantaria. No fim do outono e no início do inverno, todas as estradas e vielas rurais retumbavam ao som das cornetas e trombetas, dos relinchos dos cavalos de guerra e da algazarra dos homens em marcha. De Wrekin nas marcas galesas a Cotswolds no Oeste ou Butser no Sul, não havia morro do qual um camponês não pudesse avistar o forte

brilho das armas e o sacudir e tremular das plumas e pendões. Nos atalhos, nas clareiras da floresta ou nas trilhas sinuosas que margeavam os urzais, pequenos riachos de aço confluíam nas estradas maiores e formavam um curso d'água mais largo, que se tornava ainda maior e mais cheio à medida que se acercava do porto marítimo mais próximo ou mais espaçoso. E ali, todos os dias e dia após dia, havia azáfama, alvoroço e labuta enquanto os grandes navios eram carregados. Um após o outro eles abriam as asas brancas e disparavam rumo ao mar aberto, em meio ao bater dos címbalos, ao rufar dos tambores e aos gritos enérgicos dos que partiam e dos que esperavam. De Orwell a Dart não havia porto que não tivesse despachado uma pequena e alegre frota com flâmulas e bandeiras, como se partindo para um jubiloso festival. Assim, durante a estação dos dias minguantes, o poderio da Inglaterra foi lançado à água.

No antigo e populoso condado de Hampshire não havia falta de líderes ou soldados para uma temporada de serviço que prometia tanto honra quanto lucros. No Norte, a cabeça de mouro de Brocas e o peixe escarlata dos De Roche tremulavam sobre um robusto contingente de arqueiros das florestas de Holt, Woolmer e Harewood. De Borhunte movia-se no Leste, bem como sir John de Montague no Oeste. Sir Luke de Ponynges, sir Thomas West, sir Maurice de Bruin, sir Arthur Lipscombe, sir Walter Ramsey e o corpulento sir Oliver Buttethorn marchavam rumo ao Sul com recrutas de Andover, Arlesford, Odiham e Winchester. De Sussex vinham sir John Clinton, sir Thomas Cheyne e sir John Fallislee, com uma tropa de homens de armas selecionados com destino ao porto de Southampton. A maior de todas as convocações, porém, ocorreu no Castelo de Twynham, pois o nome e a fama de sir Nigel Loring atraíam os espíritos mais aguçados e ousados, ansiosos por servir sob líder tão valoroso. Arqueiros da Floresta Nova e da floresta de Bere, guerreiros com podões vindos das aprazíveis regiões banhadas pelo Stour, pelo Avon e pelo Itchen, jovens cavaleiros de casas ancestrais do Hampshire, todos se dirigiam a Christchurch para servir sob o estandarte das cinco rosas escarlates.

E naquele momento, se sir Nigel pudesse exibir as *bachelles*, as extensões de terra que as leis da classe exigiam, poderia muito bem ter convertido seu pendão bifurcado num estandarte quadrado, e levado ao campo de batalha um séquito condizente com a dignidade de um abandeirado. Mas a pobreza lhe afligia enormemente, suas terras eram escassas, seus cofres estavam vazios, e o próprio castelo que o cercava era

propriedade de outrem. Ficou pesaroso quando viu arqueiros excepcionais e lanceiros testados em guerra darem meia-volta diante de seus portões, por lhe faltar dinheiro para pagá-los e equipá-los. Mas a carta que Aylward trouxera lhe conferia poderes que ele não tardou a utilizar. Nela, sir Claude Latour, o lugar-tenente gascão da Companhia Branca, lhe assegurava que havia ainda em seu poder o suficiente para preparar uma centena de arqueiros e vinte homens de armas, os quais, juntamente com os trezentos companheiros veteranos já na França, formariam uma força que qualquer líder poderia se orgulhar de comandar. O veterano cavaleiro selecionou seus homens com cuidado e sagacidade dentre o enxame de voluntários. Com Simon Negro, Sam Aylward e outros de seus seguidores mais experientes, teve muitas deliberações inquietas quanto a quem deveria partir e quem deveria ficar. À altura do Dia de Todos os Santos, porém, antes que as últimas folhas caíssem nas clareiras de Wilverley e Holmesley, ele preencheria todas as fileiras e reunira sob seu estandarte um dos mais fortes séquitos de mateiros do Hampshire que já haviam vibrado os arcos. Vinte homens de armas bem montados e equipados formavam a cavalaria do bando, ao passo que os jovens Peter Terlake, de Fareham, e Walter Ford, de Botley, filhos marciais de pais marciais, haviam vindo às próprias custas para servir sir Nigel e dividir com Alleyne Edricson os deveres da escudeirice.

Mesmo após o recrutamento, no entanto, havia muito a se fazer antes que o grupo pudesse partir em seu caminho. Quanto às armaduras, espadas e lanças não havia muito com que se preocupar, pois em Bordeaux poderiam ser adquiridas a melhores preços e em qualidade superior em relação à Inglaterra. Com o arco longo, no entanto, era diferente. As varas de teixo de fato poderiam ser conseguidas na Espanha, mas faziam bem em levar uma quantidade que desse e sobrasse. Além disso devia-se carregar três cordas de reserva para cada arco, com uma grande provisão de pontas de flecha e mais as brigantinas de cota de malha, os capacetes de aço estofado e os braçais, que compunham o equipamento adequado para os arqueiros. Acima de tudo, as mulheres num raio de várias milhas trabalhavam duro cortando as sobrecotas brancas que eram a divisa da Companhia, e adornando-as com o leão vermelho de São Jorge no centro do peito. Quando tudo terminou e o toque de reunião tocou no pátio do castelo, o mais antigo soldado das guerras francesas ficou satisfeito ao confessar que nunca vira um contingente de homens mais bem equipados ou belicosos, do velho

cavaleiro no jubão de seda, sentado em seu cavalo de guerra negro à frente de todos, até Hordle John, o recruta gigante, que se escorava desleixadamente em um enorme cabo de arco negro na retaguarda. A metade das seis vintenas de homens já servira antes, ao passo que um bom número estivera nas guerras durante toda a vida e participara das batalhas que haviam feito o mundo inteiro reverberar ao som da fama e do prodígio da infantaria inglesa.

Seis longas semanas haviam-se passado nesses preparativos, e o Martinmas quase chegara antes de tudo estar pronto para a partida. Alleyne Edricson estava no Castelo de Twynham há quase dois meses — fadados a reverter toda a corrente das águas de sua vida, desviando-as do escuro e solitário arroio ao qual se dirigiam rumo a leitões mais livres e banhados pelo sol. Ele já havia aprendido a abençoar o pai pela sábia providência que o havia forçado a conhecer o mundo antes de ousar renunciá-lo.

Pois tratava-se de um local diferente daquele que ele havia imaginado — muito diferente das descrições que ouvira quando o mestre dos noviços elencava suas acusações contra os lobos vorazes que espreitavam para além dos pacíficos redis de Beaulieu. Havia crueldade no mundo, sem dúvida, e também luxúria, pecado e sofrimento. Mas não haveria também virtudes reparadoras? Havia virtudes positivas e vigorosas, que não se encolhiam perante a tentação e se mantinham firmes diante dos duros golpes do mundo prosaico. Em contraste a isso, como parecia pálida a pureza que advinha da incapacidade de pecar, a conquista alcançada ao se fugir do inimigo! Ainda que sua criação fosse monástica, Alleyne possuía perspicácia inata e a mente jovem o bastante para formar novas conclusões e superar as antigas. Ele não podia deixar de perceber que os homens com os quais agora estava em contato, por mais desbocados, ferozes e brigões que fossem, tinham uma índole mais profunda e eram mais úteis para o mundo que os irmãos de olhos bovinos que se levantavam, comiam e dormiam ano após ano em seu restrito e estagnado ciclo de existência. O abade Berghersh era um bom homem, mas em que ele era melhor que este amável cavaleiro, que levava uma vida igualmente simples, possuía um ideal de dever igualmente elevado e inflexível, e se dedicava do fundo de seu destemido coração a qualquer tarefa que lhe chegasse às mãos? Alleyne não sentia estar rebaixando seus objetivos de vida ao passar de um serviço para o outro. Era verdade que sua índole gentil e pensativa recuava diante da cruel atividade da guerra, mas naqueles dias de ordens marciais e irmandades militantes

não havia abismo fixo entre o sacerdote e o soldado. O homem de Deus e o homem da espada podiam, sem escândalo, estar unidos num mesmo indivíduo. Por que então deveria ele, um mero clérigo, hesitar quando surgia uma chance tão boa para cumprir a providência de seu pai, à letra e em espírito? Custara-lhe muitos esforços, questionamentos ansiosos de espírito e preces à meia-noite, com muitas dúvidas e receios, mas a questão era que antes de completar três dias no Castelo de Twynham ele concordara em servir sob sir Nigel e aceitara o cavalo e o arnês, que seriam deduzidos de seu quinhão nos lucros da expedição. Dali em diante, durante sete horas todos os dias, ele empenhava no pátio de justas para se qualificar como digno escudeiro de tão digno cavaleiro. Jovem, flexível e ágil, com toda a reserva de energia dos anos de vida pura e saudável, não tardou até que conseguisse manejar o cavalo e a arma suficientemente bem para merecer um assentimento de aprovação dos críticos homens de armas, ou para se portar bem contra Terlake e Ford, seus colegas de serviço.

Mas não havia outras considerações que o empurravam do claustro em direção ao mundo? O espírito humano é tão complexo que mal pode discernir as profundas molas que o incitam à ação. Não obstante, o lado da vida que se abria agora para Alleyne, sobre o qual ele era inocente como uma criança, tinha tamanha importância que não podia deixar de influenciá-lo na escolha de seu caminho. A mulher, segundo os preceitos monásticos, era a personificação e a concentração de tudo o que havia de perigoso e maligno — um foco para o qual se dirigiam todas as coisas que deviam ser temidas e evitadas. Sua presença era tão profana que um verdadeiro cristão não podia levantar os olhos para seu rosto ou tocar as pontas de seus dedos, sob pena de banimento da Igreja ou pecado mortal. Mas aqui, dia após dia, durante uma hora após as nonas e uma hora antes das vésperas, ele se encontrava em estreita comunhão com três donzelas, todas jovens, todas belas, e todas, portanto, duplamente perigosas do ponto de vista monástico. Ele descobriu, no entanto, que na presença delas ele se via consciente de uma rápida simpatia, um agradável bem-estar, uma rápida resposta a tudo o que havia de melhor e mais respeitável dentro de si, e isso encheu sua alma de uma alegria recém-descoberta e indefinida.

No entanto, lady Maude Loring não era uma pupila de fácil manejo. Um homem mais velho e mais conhecedor do mundo poderia ter ficado perplexo diante de seus humores variáveis, de seus repentinos preconceitos, de sua rápida indignação diante de qualquer restrição ou autoridade.

Quando ela se interessava por um assunto que permitia romance ou imaginação, deslizava por ele com sua mente astuta e ágil, deixando as duas colegas e mesmo o professor tentando acompanhá-la a duras penas. Por outro lado, quando se fazia necessária a paciência maçante, com esforço e labuta constantes da memória, era impossível firmar sequer um simples fato em sua mente. Se Alleyne discursava para ela sobre histórias de antigos deuses e heróis, feitos galantes e intuitos sublimes, ou pregava sobre a lua e as estrelas e lhe deixava a imaginação vagar sobre os segredos ocultos do universo, tinha diante de si uma ouvinte extasiada de bochechas coradas e olhar expressivo, capaz de repetir as exatas palavras que haviam saído dos lábios do professor. Mas quando se tratava do almagesto e do astrolábio, da contagem dos números e do cômputo dos epiciclos, os pensamentos dela fugiam rumo aos cavalos e cães de caça, e o olhar vazio e o rosto apático alertavam o professor de que perdera sua influência sobre a estudante. Bastava, então, que ele exibisse o velho livro de romance do priorado, repleto de marcas de dedos na capa de velino e nas letras douradas sobre o fundo púrpura, para trazer a mente rebelde de volta aos caminhos do conhecimento.

Às vezes, também, quando estava com uma disposição bravia, ela se derramava em desfaçatez e se rebelava abertamente contra a firmeza gentil de Alleyne. Ele, porém, prosseguia tranquilamente com seus ensinamentos sem dar atenção à insubordinação, até que subitamente ela era vencida por sua paciência e passava a se repreender com intensidade cem vezes maior do que a necessária. No entanto, calhou de numa dessas manhãs em que ela estava acometida do humor maligno, a jovem camareira Agatha começar também a sacudir a cabeça e a responder acidamente às perguntas do professor, pensando em agradar a patroa. Em um instante lady Maude virou-se para ela com os olhos flamejantes e o rosto lívido de raiva.

— Como ousa! — disse ela. — Como ousa!

A assustada camareira tentou se escusar.

— Mas, minha boa senhora — balbuciou ela —, o que foi que eu fiz? Não disse mais do que ouvi.

— Como ousa! — repetiu a dama com a voz embargada. — Você, uma rapariga desajeitada, uma idiota desvairada, que não pensa em nada a não ser nas bainhas dos lençóis. E ele, tão amável, cortês e paciente! Como... ah, você deveria sair daqui!

Ela falara em voz alta, abrindo e fechando os longos dedos pálidos, de modo que não foi surpresa quando as saias de Agatha sacudiram perto da porta antes do fim do discurso, e o ruído seco de seus soluços pôde ser ouvido esvaindo-se rapidamente corredor afora. Alleyne arregalou os olhos diante da tigresa que saltara tão repentinamente ao seu resgate.

— Não há necessidade de tanta raiva — disse ele brandamente. — As palavras da camareira não me ofenderam. Foi você mesma quem errou.

— Eu sei — exclamou ela. — Sou uma mulher muito perversa. Mas já basta que uma abuse de você. *Ma foi*, garantirei que não haja uma segunda!

— Não, não, ninguém abusou de mim — respondeu ele. — Mas o erro reside em suas palavras ardentes e implacáveis. Você a chamou de idiota, rapariga, e não sei mais o quê.

— E foi você quem me ensinou a dizer a verdade — exclamou ela. — Agora eu a disse, e mesmo assim não consigo agradá-lo. Ela é idiota, e a chamarei de idiota.

Eram assim as súbitas alterações que dilaceravam a paz daquela pequena sala de aula. Com o passar das semanas, porém, elas se tornaram menos frequentes e menos violentas, à medida que a índole firme e constante de Alleyne ganhava influência e domínio sobre lady Maude. No entanto, a verdade era que havia momentos em que ele tinha de se perguntar se não era lady Maude quem estava ganhando influência e domínio sobre ele. Se ela estava mudando, o mesmo podia ser dito sobre ele. Ao afastá-la das coisas mundanas, ele mesmo estava sendo arrastado em direção a elas, dia após dia. Lutou e argumentou em vão consigo mesmo, sobre loucura de deixar a mente repousar na filha de sir Nigel. Quem era ele — um filho mais novo, um clérigo pobretão, um escudeiro incapaz de pagar pelo próprio arnês — para ousar erguer os olhos para a mais bela donzela do Hampshire? Assim dizia a razão, mas apesar de tudo, ele sempre tinha a voz dela nos ouvidos e a imagem no coração. O tirano velho, muito velho, que não tolerava rivais no reino da juventude era mais forte que a razão, mais forte que os ensinamentos do claustro, mais forte que tudo o que poderia refreá-lo.

Não obstante, foi com surpresa e choque que ele percebeu como ela penetrara profundamente em sua vida; como ambições e anseios indefinidos, que haviam preenchido sua natureza espiritual, agora centravam-se completamente nessa coisa mundana. Mal ousara encarar a mudança que lhe sobreviera, quando algumas palavras súbitas e fortuitas

mostraram-lhe tudo de forma clara e nítida, como o lampejo de um relâmpago na escuridão.

Em um dia de novembro ele cavalgara até Poole com seu colega escudeiro Peter Terlake, em busca de certas varas de teixo de Wat Swathling, o armeiro de Dorsetshire. O dia da partida estava próximo, e os dois jovens esporeavam suas montarias pelos solitários outeiros a velocidade máxima no caminho para casa, pois a noite já caíra e ainda havia muito a fazer. Peter era um rapaz firme, rijo, de rosto moreno e criado no campo, que pensava na guerra vindoura como um menino de escola pensa nas férias. Nesse dia, porém, ele estava silencioso e melancólico, mal trocando uma palavra sequer com o camarada a cada milha que prosseguiam.

— Diga-me, Alleyne Edricson — pronunciou-se abruptamente, enquanto eles passavam com ruído pela trilha sinuosa que leva às colinas de Bournemouth —, não lhe parece que ultimamente lady Maude está mais pálida e calada do que de costume?

— Pode ser que sim — respondeu o outro laconicamente.

— Ela agora prefere sentar-se distraída à janela do que cavalgar alegremente nas caçadas, como antigamente. Parece-me, Alleyne, que esses conhecimentos que você tem ensinado a ela é que lhe tiraram toda a vitalidade e o viço. É mais do que ela consegue suportar, como uma lança pesada para um montador leve.

— A senhora mãe dela assim ordenou — disse Alleyne.

— Por Nossa Senhora! Sem desrespeito — disse Terlake —, penso que a senhora mãe dela estaria mais apta a liderar uma companhia na tomada de um castelo do que à criação dessa donzela tenra e alva como leite. Escute, amigo Alleyne, o que eu nunca disse a nenhum homem ou mulher. Amo a bela lady Maude, e daria até a última gota de sangue de meu coração para servi-la.

Ele falou com uma voz ofegante, e seu rosto se ruborizou à luz do luar. Alleyne não disse nada, mas seu coração pareceu se transformar numa pedra de gelo dentro do peito.

— Meu pai possui uma grande propriedade — continuou o outro —, que vai de Fareham Creek até a encosta da Colina de Portsdown. As quintas, o corte de lenha, a maltagem dos grãos e o pastoreio das ovelhas fornecem tanto sustento quanto se pode desejar, e sou filho único. Tenho certeza de que sir Nigel ficaria satisfeito com tal união.

— Mas e a dama? — perguntou Alleyne, com os lábios secos.

— Ah, amigo, é aí que reside minha dificuldade. Se eu lhe digo uma palavra sequer do que me passa pela mente, ela sacode a cabeça e baixa os olhos. É o mesmo que cortejar a dama de neve que montamos no inverno passado no pátio do castelo. Na noite passada, não fiz mais que lhe pedir seu véu verde, para carregá-lo como lembrança ou lambrequim no meu elmo, mas ela se apressou em dizer que o estava guardando para um homem melhor. Depois, de um só fôlego, pediu perdão por ter falado de forma tão rude, mas tampouco retirou o que disse ou me concedeu o véu. Parece a ti, Alleyne, que ela ama alguém?

— Não, não sei dizer — disse Alleyne, com uma palpitação louca de súbita esperança no coração.

— Venho pensando que sim, mas não consigo dizer o nome dele. A bem da verdade é que além de mim, de Walter Ford, de você, que é meio clérigo, do padre Christopher do priorado e do pajem Bertrand, quem mais ela vê?

— Eu não saberia dizer — disse Alleyne laconicamente, e os dois escudeiros cavalgaram novamente, cada um perdido em seus próprios pensamentos.

Na aula da manhã seguinte, o professor observou que sua pupila realmente parecia pálida e apática, com o olhar lânguido e a conduta fatigada. Seu coração pesou ao notar a atroz mudança que se abatera sobre ela.

— Temo que sua patroa esteja doente, Agatha — disse ele para a camareira, quando lady Maude se dirigira a seus aposentos.

A criada fitou-o de soslaio, com um olhar risonho. — Não é uma doença que mata — disse ela.

— Deus queira que não! — exclamou ele. — Mas me diga, Agatha, o que é que ela tem?

— Parece-me que eu poderia encostar em outra pessoa acometida do mesmo mal — disse ela, com o mesmo olhar de esguelha. — Não conseguirias nomeá-lo, tu que és tão proficiente na medicina?

— Não, consigo dizer apenas que ela parece abatida.

— Bem, considere que não faltam mais de três dias para vocês todos partirem, e para o Castelo de Twynham ficar tão enfadonho quanto o priorado. Não haveria aí motivo suficiente para anuviar a frente de uma dama?

— Na verdade, sim — respondeu ele; — Eu havia me esquecido de que ela está prestes a ser privada do pai.

— Do pai? — exclamou a camareira, trinando uma risadinha. — Oh, mas como é simplório! — E partiu pelo corredor como uma flecha, com a Alleyne a acompanhá-la com olhar, pasmado entre esperança e dúvida, mal ousando pôr fé no significado que parecia estar implícito naquelas palavras.

CAPÍTULO XIII

COMO A COMPANHIA BRANCA PARTIU PARA A GUERRA

Quando a Companhia Branca enfim estava pronta para sua jornada, o Dia de São Lucas já viera e se fora, e era a temporada de Martinmas, na qual os bois são levados para o abate. Enquanto os homens se reuniam na ala externa à luz de archotes, pois o dia ainda não raiara, as cornetas de bronze soavam alto no torreão e no portão de entrada, e os tambores de guerra rufavam alegremente. Alleyne, da janela da armaria, observava a estranha cena abaixo — os círculos de luz amarela bruxuleante, as fileiras de rostos austeros e barbados, o brilho ligeiro das armas e as cabeças esguias dos cavalos. À frente estavam os arqueiros em colunas de dez homens, com uma guarnição de suboficiais que marchavam por aqui e por ali, ordenando as fileiras com ordens curtas ou reprimendas breves. Atrás vinha a pequena tropa de homens a cavalo trajados de aço, com as lanças erguidas e longas bandeiras pendentes nos cabos de carvalho. Estavam tão silenciosos e quietos que poderiam ser estátuas revestidas de metal, não fosse pelo ocasional patear, ligeiro e impaciente, dos cavalos de guerra, ou pelo chocalhar da testeira contra as pescoceiras quando eles sacudiam a cabeça e se retesavam. À distância de uma lança à frente estava a silhueta esguia e de membros longos de Simon Negro, o guerreiro de Norwich, com o rosto feroz e enrugado emoldurado pelo aço e o guião de seda marcado com as cinco rosas escarlates apoiado no ombro direito. Por todos os lados, nas beiradas do círculo de luz, estavam os criados do castelo, os soldados que formariam a guarnição e os pequenos grupos de mulheres. Estas soluçavam nos aventais e faziam pedidos esganiçados aos santos de seus nomes para que protegessem o Wat, o Will e Peterkin, agora na atividade bélica.

O jovem escudeiro estava inclinado para a frente e assistia com atenção àquela cena vibrante e marcial, quando ouviu um soluço curto e rápido atrás de seu ombro. Lá estava lady Maude, com a mão no coração, escorada na parede, esbelta e bela como um lírio recém-colhido. O rosto dela se afastava dele, mas Alleyne podia perceber, por sua inspiração cortante, que ela chorava amargamente.

— Ai de mim! Ai de mim! — exclamou ele, completamente desalentado por tal visão. — Por que está tão triste, dama?

— É por ver esses bravos homens — respondeu ela —, e pensar em quantos deles partirão e nos poucos que provavelmente voltarão para casa. Já vi isso antes, quando era uma donzelinha, no ano da grande batalha do príncipe. Lembro-me de como eles se reuniram na ala, exatamente como agora, e da senhora minha mãe me segurando nos braços nesta mesma janela para que eu pudesse ver o espetáculo.

— Se Deus quiser, verá todos de volta antes de mais um ano se passar — disse ele.

Ela balançou a cabeça negativamente, virando-se para ele com as bochechas coradas e os olhos cintilando à luz do archote.

— Oh, mas como me odeio por ser mulher! — exclamou ela, com uma batida do pezinho. — O que posso fazer de bom? Tenho de permanecer aqui, conversando, costurando e fiando, e depois fiando, costurando e conversando. Sempre a mesma rotina maçante, sem nada ao final. E agora quem também partirá é você, que podia levar meus pensamentos para longe destas muralhas cinzentas e elevar minha mente para além da tapeçaria e da roca. O que posso fazer? Não tenho mais utilidade ou valor do que aquele cabo de arco quebrado.

— Você tem tanto valor para mim — exclamou ele, num turbilhão de palavras apaixonadas e ardentes —, que todo o resto se converteu em nada. Você é meu coração, minha vida, meu único pensamento. Oh, Maude, não posso viver sem você, não posso deixá-la sem uma palavra de amor. Tudo mudou para mim desde que a conheci. Sou pobre, simples e completamente indigno de você, mas se um grande amor pode compensar tais defeitos, o meu seria capaz de fazê-lo. Dê-me apenas uma palavra de esperança para levar à guerra comigo... apenas uma. Ah, você está se encolhendo e estremeendo! Minhas palavras exaltadas a assustaram.

Por duas vezes ela abriu a boca, e por duas vezes nenhuma palavra saiu. Por fim falou numa voz rígida e controlada, como alguém que não ousa

confiar em si mesma para falar muito livremente.

— Isto é demasiadamente súbito — disse ela —, não faz muito tempo que o mundo não era nada para você. Se mudou uma vez, pode ser que mude novamente.

— Cruel! — exclamou ele. — Quem foi que me mudou?

— E há seu irmão — continuou ela com uma risadinha, desconsiderando a pergunta. — Parece-me que isso tornou-se um costume de família entre os Edricson. Não, sinto muito, não foi minha intenção escarnecer. Mas, realmente, Alleyne, isto me foi muito repentino e mal sei o que dizer.

— Diga alguma palavra de esperança, ainda que remota... alguma palavra gentil que eu possa acalantar no coração.

— Não, Alleyne, seria uma gentileza cruel, e você tem sido um amigo demasiadamente bom e leal para que eu o use tão frivolamente. Não pode haver uma ligação mais próxima entre nós. Seria loucura pensar nisso. Ainda que não houvesse outros motivos, seria suficiente o fato de que tanto meu pai quanto seu irmão se manifestariam em contrário.

— Meu irmão, o que tem ele a ver com isso? E seu pai...

— Vamos, Alleyne, não era você quem gostaria que eu agisse de forma justa com todos homens? Decerto meu pai está entre eles.

— O que diz é verdade — exclamou ele —, é verdade. Mas você não me rejeita, Maude? Poderia me dar um vislumbre de esperança? Não peço por juramento ou promessa. Diga apenas que não lhe sou detestável... que em algum dia mais feliz eu poderia ouvir palavras mais gentis de você.

O olhar dela abrandou e uma resposta gentil estava em seus lábios, quando um grito áspero, acompanhado do tinir das armas e o patear dos corcéis, subiu da ala abaixo. Àquele som o rosto dela se recompôs, seus olhos brilharam e ela ficou de pé, com as bochechas coradas e a cabeça atirada para trás — um corpo de mulher com uma alma de fogo.

— Meu pai desceu — exclamou ela. — Seu lugar é ao lado dele. Não, não olhe para mim, Alleyne. Não é o momento para galanteios. Conquiste a afeição de meu pai, e o resto poderá vir depois. É quando o bravo soldado cumpriu seu dever que ele espera a recompensa. Adeus, e que Deus esteja com você!

Ela estendeu a mão pálida e magra, mas quando ele aproximou os lábios, ela se moveu rapidamente e partiu. Na mão esticada de Alleyne ficou o mesmo véu verde pelo qual o pobre Peter Terlake implorara em vão. Novamente a gritaria áspera irrompeu abaixo, e ele ouviu o tinido do

rastrilho que subia. Apertando o véu contra os lábios, enfiou-o no peito da túnica e correu tão rápido quanto seus pés podiam levá-lo para se armar e se juntar à convocação.

A gélida manhã raiara antes que a cerveja quente temperada fosse servida a todos e que o último adeus fosse dito. Um vento frio soprava do mar, e nuvens esparsas deslizavam rapidamente pelo céu.

A população de Christchurch apinhava-se de pé na ponte do Avon, as mulheres puxando os xales contra si e os homens se envolvendo nas gabardinas, enquanto pelo caminho sinuoso do castelo vinha a vanguarda do pequeno exército com os pés ressoando na estrada dura e congelada. À frente estava Simon Negro com o estandarte, montando um esguio e possante tordilho, tão firme, rijo e experimentado na guerra quanto ele mesmo. Depois vinham nove homens de armas em linhas de três, todos eles soldados selecionados que já haviam participado das guerras francesas e conheciam as marcas da Picardia tão bem quanto os outeiros do Hampshire em sua terra natal. Estavam armados até os dentes com lança, espada e maça, e portavam escudos quadrados com uma chanfradura no canto superior direito, que servia como descanso para a hasta. Para se defender, cada homem vestia uma cota de tiras de couro interligadas, reforçada nos ombros, nos cotovelos e na parte superior do braço com enxertos de aço. As grevas e joelheiras também eram feitas de couro reforçado com aço, e as manoplas e o sapato eram de placas de ferro engenhosamente articuladas. Assim, com as armas a retinir e os cascos a chocalhar, eles passaram montados pela Ponte do Avon, enquanto os burgueses bradavam com vigor a favor da bandeira das cinco rosas e sua galante guarda.

Logo no encalço dos cavalos vinham duas vintenas de arqueiros, barbados e corpulentos, com os alvos redondos nas costas e os longos arcos amarelos, a arma mais mortal que a inteligência humana fora capaz de conceber até então, visíveis atrás dos ombros. Do cinto de cada homem pendia uma espada ou um machado, de acordo com seu gosto, e sobre o quadril direito repousava a aljava de couro com o feixe de penas de ganso, pombo ou pavão. Atrás dos arqueiros caminhavam dois trombeteiros que sopravam instrumentos e dois percussionistas em roupas bicolores. Depois vinham vinte e sete cavalos de carga, transportando estacas de barracas, tecidos, armas de reserva, esporas, cunhas, caldeiras de cozinha, ferraduras, sacos de pregos e as centenas de outras coisas cuja necessidade, num país assolado e hostil, já havia sido demonstrada pela experiência. Uma mula

branca com arreios vermelhos, conduzida por um criado, carregava os itens de cama, mesa e banho de sir Nigel. Vinham depois mais duas vintenas de arqueiros, outros dez homens de armas e finalmente uma retaguarda de vinte arqueiros, com o grande John assomando na fileira da frente e o veterano Aylward marchando a seu lado, com o arnês surrado e a sobrecota gasta em estranho contraste com os jubões brancos como neve e as brigantinas brilhantes de seus companheiros. Um rápido fogo cruzado de saudações, perguntas e rudes gracejos saxões-ocidentais era lançado de fileira em fileira, ou se espalhava entre os arqueiros em marcha e a multidão que os observava.

— Ei, mestre Higginson! — exclamou Aylward, quando avistou a corpulenta silhueta do estalajadeiro da vila. — Não beberemos mais de sua cerveja marrom, *mon gars*. Nós a deixaremos para trás.

— Por São Paulo, não! — exclamou o outro. — Levem-na com vocês. Vocês não deixaram uma gota sequer no grande tonel. Já era hora de vocês partirem.

— Se seu barril está vazio, garanto que sua bolsa está cheia, mestre — gritou Hordle John. — Trate de ter um bom estoque para nosso retorno, e da melhor qualidade.

— Trate de manter a garganta inteira para beber, arqueiro — exclamou uma voz, e a multidão gargalhou com o rude gracejo.

— Se garantirem a cerveja, eu garanto a garganta — disse John calmamente.

— Cerrem as fileiras! — exclamou Aylward. — *En avant, mes enfants!* Ah, pelos ossos de meus dedos, eis aqui minha doce Mary do moinho do priorado! *Ma foi*, mas como ela é linda! *Adieu, Mary, ma chérie! Mon cœur est toujours à toi.* Aperte o cinto, Watkins, e endireite os ombros como um bom companheiro livre. Por minha empunhadura! Seus justilhos estarão tão sujos quanto os meus quando puser os olhos em Hengistbury Head novamente.

A Companhia já marchara até a curva da estrada quando sir Nigel Loring cavalgou portão afora montado em Pommers, seu grande cavalo de guerra negro, cuja pesada passada pela ponte levadiça de madeira ecoou ruidosamente pelo silencioso arco que a cobria. Sir Nigel ainda usava suas aveludadas vestes de paz, com o chapéu de arminho e a pluma enrolada de avestruz afivelada num broche dourado. Aos três escudeiros que cavalgavam atrás parecia que ele carregava tanto a pluma do pássaro quanto

seu ovo, pois a parte de trás da cabeça dele brilhava como um globo de marfim. Não portava armas, a não ser pela longa e pesada espada que pendia da sela, mas Terlake carregava à frente o alto morrião com crista de serpe, Ford portava a pesada lança de freixo com o pendão com cauda de andorinha, ao passo que a Alleyne fora confiado o escudo brasonado. lady Loring montava seu palafrém ao lado de seu senhor, pois ela o acompanharia até a margem da floresta. De quando em quando voltava o rosto de feições duras para ele com ansiedade, e lançava um olhar questionador a suas roupas e equipamentos.

— Espero que nada tenha ficado para trás — disse ela, fazendo sinal para que Alleyne cavalgasse a seu lado. — Confio-o a você, Edricson. Calças, camisas, mantos e jubões de baixo estão no cesto marrom do lado esquerdo da mula. Nas noites frias ele bebe vinho quente, malvasia ou *vernage*,^[71] com um dedo de especiarias. Certifique-se de que ele troque de roupa se voltar da justa. Há enxúndia de ganso numa caixa, se as velhas cicatrizes doerem com a mudança do tempo. Ponha os cobertores para secar e...

— Não, vida de meu coração — interrompeu o pequeno cavaleiro —, não se preocupe agora com esses assuntos. Por que está tão pálido e abatido, Edricson? Ver esta nobre Companhia, os valentes homens de armas e fortes arqueiros não basta para animar o coração de um homem? Por São Paulo! Seria difícil me agradar se eu não me alegrasse ao ver as rosas vermelhas tremulando à frente de um séquito tão nobre!

— Já lhe entreguei a bolsa, Edricson — continuou a dama. — Dentro dela há vinte e três marcos, um noble, três xelins e quatro pence, o que é um grande tesouro para um único homem carregar. E rogo que se lembre, Edricson, de que ele tem dois pares de sapatos, o de couro vermelho para o dia-a-dia e o outro com as correntes douradas, que ele pode calçar se porventura for beber vinho com o príncipe ou com Chandos.

— Meu passarinho — disse sir Nigel —, estou muito relutante em me despedir de você, mas agora estamos na margem da floresta e não seria correto que eu afastasse a castelã a grande distância de sua propriedade.

— Mas oh, meu bom senhor — exclamou ela com os lábios trêmulos —, deixe-me ficar com você por mais um *furlong*... talvez um e meio. Pode me conceder ao menos isso, entre todas as cansativas milhas que ainda terá de percorrer.

— Vamos, então, conforto de meu coração — respondeu ele. — Mas devo te pedir um compromisso. É meu costume, querida, e sempre foi desde

que te conheci, pedir ao arauto para proclamar, em todos os acampamentos, povoados ou fortalezas que visito, que minha amada senhora é, sem comparação, a mais bela e mais doce de toda a Cristandade, e que eu tomaria como sinal de honra e gentileza se qualquer cavaleiro disputasse três passagens com lanças afiadas comigo, caso desejasse elevar a reputação de sua dama. Peço-lhe então, minha pombinha, que me conceda uma de suas luvas de camurça para usar como insígnia daquela a quem sempre servirei.

— Ai de mim, por ser chamada de mais bela e doce! — exclamou ela. — Bela e doce eu gostaria de ser para você, meu senhor, mas sou velha e feia, e os cavaleiros ririam se pusesse a lança em riste por tal causa.

— Edricson — disse sir Nigel —, você tem olhos jovens, e os meus estão um tanto turvos. Se você porventura vir um cavaleiro rir, sorrir ou até, veja bem, arquear as sobrancelhas, contrair a boca, ou de alguma forma demonstrar surpresa que eu defenda lady Mary, deverá registrar minuciosamente seu nome, escudo de armas e alojamento. A luva, desejo de minha vida!

Lady Mary Loring deslizou a mão para fora da peça de couro amarelo, e ele ergueu-a com delicada reverência e a amarrou à parte da frente do chapéu de veludo.

— Está com meus outros anjos guardiães — disse ele, apontando para as medalhas de santos que pendiam ao lado dela. — E agora, minha querida, você já veio demasiadamente longe. Que a Virgem te guarde e abençoe! Um beijo! — Inclinou-se na sela, e então, esporeando os lombos do cavalo, galopou à máxima velocidade atrás de seus homens, com os três escudeiros no encalço. Meia milha adiante, onde a estrada coroava uma colina, eles olharam para trás, e lady Mary ainda estava no palafrém branco onde a haviam deixado. Um instante depois estavam na descida, e ela desaparecera de vista.

CAPÍTULO XIV

COMO SIR NIGEL BUSCOU UMA AVENTURA À BEIRA DO CAMINHO

Durante um tempo sir Nigel ficou muito taciturno e abatido, com as sobrancelhas franzidas e os olhos na cabeça da sela. Edricson e Terlake cavalgavam atrás em situação pouco melhor, ao passo que Ford, um jovem alegre e despreocupado, sorria ante à melancolia de seus companheiros e floreava a lança pesada de seu senhor, apontando para a direita e para a esquerda como se fosse um paladino em disputa com uma hoste de atacantes. Calhou, porém, de sir Nigel virar-se na sela, e Ford instantaneamente ficou teso e rígido, como se tivesse sido acometido de paralisia. Os quatro cavalgavam sozinhos, pois os arqueiros haviam virado uma curva da estrada, embora Alleyne ainda pudesse ouvir o pesado “tum, tum” da marcha e vislumbrar o brilho do aço em meio ao emaranhado de galhos sem folhas.

— Cavalguem a meu lado, amigos, suplico a vocês — disse o cavaleiro, puxando as rédeas de seu corcel para que eles pudessem ficar lado a lado com ele. — Pois já que lhes apeteceu me seguirem rumo às guerras, seria providencial que soubessem como podem me servir melhor. Não tenho dúvidas, Terlake, de que você se provará o filho digno de um pai valente, e você também, Ford. Quanto a você, Edricson, estou certo de que não se esquece da casa ancestral da qual todos sabem que você provém. E primeiro eu gostaria que vocês mantivessem firme em mente que nossa partida de forma alguma tem a finalidade de obter espólios ou exigir resgates, embora seja bem possível que isso também nos suceda. Vamos à França, e de lá à Espanha, imagino, numa humilde busca por um campo em que possamos conquistar elevação de nossa posição e, quiçá, alguma pequena parte da glória. Para tal fim, eu gostaria que vocês soubessem que não costume

deixar passar nenhuma ocasião em que há qualquer possibilidade de se conquistar honra. Desejo que vocês tenham isso em mente e prestem muita atenção para me informar sobre todos os cartéis, desafios, injustiças, tiranias, infâmias e ofensas a donzelas. Nenhuma ocasião é pequena demais para ser notada, pois sei que ninharias como a queda uma luva ou o atirar de uma migalha de pão, se perseguidas corretamente, levam a uma nobilíssima disputa de lanças. Mas Edricson, não vejo ali um cavaleiro galgando a estrada em meio àquele matagal mais abaixo? Talvez faça bem você saudá-lo por mim. E se ele for de sangue respeitável, pode ser que esteja disposto a trocar algumas estocadas comigo.

— Ora, meu senhor — disse Ford, levantando-se nos estribos e cobrindo os olhos —, é o velho Hob Davidson, o moleiro gordo de Milton!

— Ah, de fato é — disse sir Nigel, franzindo as bochechas. — Mas aventuras à beira do caminho não devem ser desprezadas, pois nunca vi ocorrências melhores que aquelas que advêm desses encontros fortuitos, quando cavaleiros estão dispostos a se elevar em suas posições. Lembro-me bem que a duas léguas da cidade de Reims conheci um *cavalier* francês muito valente e cortês, com quem mantive uma disputa honrosa e respeitável por mais de uma hora. Sempre lamentei não ter perguntado o nome dele, pois ele me bateu com uma maça e partiu em seu caminho antes que eu estivesse em condições de conversar muito com ele, mas seu brasão era um alerião em chefe sobre uma faixa azul. Em outra ocasião dessas, também fui trespassado no ombro por Lyon de Montcourt, a quem conheci na grande estrada entre Libourne e Bordeaux. Encontrei-o apenas uma vez, mas nunca conheci outro homem por quem tenha tanta afeição e estima. E o mesmo ocorreu com o escudeiro Le Bourg Capillet, que teria sido um capitão muito valente se tivesse sobrevivido.

— Ele morreu, então? — perguntou Alleyne Edricson.

— Ai de mim! Infelizmente o destino quis que eu o matasse, numa briga que irrompeu numa campina perto da vila de Tarbes. Não consigo me lembrar agora como a coisa aconteceu, pois foi no ano em que o príncipe passou por Languedoc, quando houve diversas boas escaramuças nas barreiras. Por São Paulo! Não creio que cavaleiro honroso algum possa pedir por melhor chance de elevar-se em sua posição do que esporear à frente do exército, e cavalgar até os portões de Narbona, Bergerac ou Mont Giscar, onde algum cavaleiro cortês estava sempre à espera de fazer o possível para atender seus anseios ou libertá-lo de um juramento. Em

Ventadour, um desses disputou três passagens comigo entre a alvorada e o nascer do sol, para a grande exaltação de sua dama.

— E também o matou, meu senhor? — perguntou Ford com reverência.

— Nunca pude saber, pois ele foi carregado para dentro das barreiras, e como ocorrera de eu quebrar um osso da perna, estava muito desconfortável para cavalgar ou mesmo ficar de pé. Mas pela bondade dos céus e a piedosa intercessão do valente São Jorge, fui capaz de montar meu cavalo de batalha no conflito de Poitiers, que ocorreu não muito depois. Mas o que temos aqui? Uma donzela muito bela e delicada, se não estou enganado.

Era realmente uma moça alta e roliça do campo, com uma cesta de folhas de espinafre na cabeça e um grande pedaço de toucinho defumado debaixo do braço. Ela sacudiu uma reverência assustada quando sir Nigel deslizou o chapéu de veludo da cabeça e puxou as rédeas do grande cavalo de guerra.

— Que Deus esteja contigo, bela donzela! — disse ele.

— Que Deus te guarde, meu senhor! — respondeu ela, falando com o mais carregado sotaque saxão ocidental e equilibrando-se pé ante pé em sua timidez.

— Nada tema, boa moça — disse sir Nigel —, mas diga-me se, porventura, um pobre e mui indigno cavaleiro pode servi-la de alguma forma. Se por algum acaso tiver sido abusada, é possível que eu obtenha justiça.

— Oh não, bom senhor — respondeu ela, agarrando-se mais ao toucinho, a oferta cavalheiresca pudesse esconder alguma intenção quanto a ele. — Ordenho as vacas do fazendeiro Arnold, e ele é um patrão tão bom quanto se pode desejar.

— Está bem — disse ele, sacudindo a rédea e prosseguindo na cavalgada pelo caminho florestal. — Gostaria que tivessem em mente — prosseguiu ele para os escudeiros —, que a cortesia gentil não deve ser oferecida apenas às donzelas de alta posição, como é o vil costume de tantos falsos cavaleiros, pois não há mulher que seja demasiadamente humilde para que um verdadeiro cavaleiro não possa ouvir sua história de injustiça. Mas aí vem um cavaleiro que realmente está com pressa. Talvez faça bem perguntarmos aonde ele vai, pois é possível ser alguém que deseje se elevar na cavalaria.

À frente deles, a estrada erma, dura e ventosa mergulhava num pequeno vale. Depois, contorcendo-se no aclive coberto de urzes do outro lado, perdia-se em meio aos esguios pinheiros. À distância, entre as fileiras

escuras de troncos, a rápida cintilação de aço indicava por onde a Companhia trilhava seu caminho. Ao Norte o terreno arbóreo se estendia, mas o Sul, entre dois volumosos outeiros, podia-se ver de relance o cinzento e frio brilho do mar, com o borrão branco da vela de uma galé na distante linha do horizonte. Logo à frente dos viajantes um homem montado incitava o corcel ladeira acima, controlando-o com o chicote e as esporas como alguém que cavalga com um propósito. Enquanto ele se movia ruidosamente, Alleyne pôde ver que o ruão estava empoeirado e salpicado de babugem, como se já tivesse percorrido muitas milhas. O montador era um homem de rosto austero, boca firme e olhar duro, com uma espada pesada tinindo ao lado e uma rígida trouxa branca, envolta em linho, equilibrada na cabeça da sela.

— O mensageiro do rei — berrou, quando deparou com eles. — O mensageiro do rei. Abram caminho para o homem do rei.

— Não é preciso tanto barulho, amigo — disse o pequeno cavaleiro, girando o cavalo com as rédeas para barrar a passagem. — Eu mesmo sou um homem do rei há trinta anos ou mais, mas nunca costumei anunciar o fato a plenos pulmões numa estrada tranquila.

— Estou cavalgando a serviço dele — exclamou o outro —, e carrego o que lhe pertence. Está correndo um risco ao barrar meu caminho.

— Mas já vi inimigos do rei alegando cavalgar em nome dele — disse sir Nigel. — Os espíritos malignos e sórdidos podem estar à espreita sob um manto de luz. Precisamos de alguma prova ou garantia de sua missão.

— Então terei de abrir caminho — exclamou o desconhecido, com o ombro retesado e a mão na empunhadura. — Não serei parado ao serviço do rei por qualquer vagabundo.

— Se o senhor for um cavaleiro de escudo e brasão de armas — ciciou sir Nigel —, ficarei bastante alegre em me aprofundar nesta questão. Caso contrário, tenho três escudeiros muito dignos, e qualquer um entre eles poderia tomar o assunto para si e discuti-lo com o senhor de maneira muito honrosa.

O homem olhou carrancudo para cada um deles, e sua mão deixou a espada.

— Pede por uma prova — disse ele. — Eis aqui uma, já que precisa dela. — Enquanto falava, rodopiou a cobertura do objeto que tinha à frente e revelou, para o horror deles, que se tratava de uma perna humana recém-decepada. — Pelo dente de Deus! — continuou ele, com uma risada brutal.

— Perguntou se sou um homem de escudo, e a verdade é que sim, pois sou oficial da corte do *verderer* em Lyndhurst. Esta perna de ladrão será pendurada em Milton e a outra já está em Brockenhurst, como alerta para todos os homens do que resulta de gostar em demasia de empanada de veado.

— Arre! — exclamou sir Nigel. — Passe para o outro lado da estrada, companheiro, e deixe-nos tomar distância do senhor. Trotaremos nossos cavalos por este agradável vale, meus amigos, pois por Nossa Senhora, um sopro do ar puro de Deus é muito bem-vindo após uma visão dessas! Esperamos capturar um falcão — disse ele dentro em pouco —, mas nossa rede apanhou um corvo carniceiro. *Ma foi!* Há homens com corações mais duros que a pele de um javali. Quanto a mim, participo do grande jogo da guerra desde que tenho pelos no queixo, e já vi dez mil bravos homens com os rostos virados para o céu num único dia, mas juro por Ele, que me fez, que não tolero a atividade do açougueiro.

— Não obstante, meu bom senhor — disse Edricson —, há muito dessa atividade do diabo na França, pelo que ouvi.

— Muito, muito — respondeu ele. — Mas sempre observei que os primeiros no campo de batalha são aqueles que desprezam os maus-tratos aos prisioneiros. Aqueles que costumam saquear as cidades não são os que abrem as brechas, mas os patifes retardatários, que vem às multidões quando o caminho já foi limpo para eles. Mas o que é aquilo entre as árvores?

— Um oratório de Nossa Senhora — disse Terlake —, e um pedinte cego que vive das esmolas dos que vêm prestar respeitos.

— Um oratório! — exclamou o cavaleiro. — Então façamos uma oração. — Retirando o chapéu e juntando as mãos, entoou um cântico em voz aguda: — *Benedictus dominus Deus meus, qui docet manus meas ad praelium, et digitos meos ad bellum.*

Aos três escudeiros parecia uma figura estranha, encarrapitado no enorme cavalo com os olhos revirados e o sol invernal brilhando na careca.

— É uma prece nobre — comentou ele, colocando o chapéu novamente —, e me foi ensinada pelo nobre Chandos em pessoa. Mas como vai, pai? Parece-me que devo sentir compaixão por ti, visto que eu mesmo sou alguém que vê o mundo por uma janela de chifres enquanto os vizinhos veem o cristal límpido. Mas por São Paulo, há uma enorme distância entre o

homem que tem uma ventana de chifres e aquele que está emparedado por todos os lados!

— Ai de mim, bom senhor! — exclamou o cego idoso. — Não vejo o abençoado azul do céu há quarenta anos, desde que um raio queimou minha visão.

— Está cego para muitas coisas que são boas e vistosas — disse sir Nigel —, mas também foi poupado de muito do que é triste e sórdido. Ainda há pouco nossos olhos ficaram chocados com algo que não lhe teria causado qualquer comoção. Mas por São Paulo, temos de prosseguir, ou nossa Companhia pensará que perdeu o capitão um tanto cedo na jornada! Jogue minha bolsa ao homem, Edricson, e vamos.

Alleyne, ficando para trás, refletiu sobre o conselho de lady Loring e reduziu a nobre dádiva que o cavaleiro tão livremente concedera a um simples pêni, que o pedinte enfiou no alforje enquanto balbuciava muitas bênçãos. Então, esporeando o corcel, o jovem escudeiro cavalgou à velocidade máxima atrás dos companheiros, alcançando-os no exato local onde as árvores margeiam o urzal, e a desgarrada aldeola de Hordle situava-se, esparsa, dos dois lados da trilha sinuosa e profundamente sulcada. A Companhia já estava quase no fim da aldeia, mas quando o cavaleiro e seus escudeiros se aproximaram, ouviram o clamor de uma voz estridente seguido por uma explosão de profundas gargalhadas das fileiras de arqueiros. Mais um minuto e chegaram à retaguarda, em que todos os homens marchavam com a barba no ombro e o rosto sorridente de alegria. Ao lado da coluna caminhava um enorme arqueiro ruivo, com as mãos levantadas em sinal de argumentação e admoestação, ao passo que logo em seu encalço vinha uma mulher diminuta e enrugada. Ela despejava uma esganiçada saraivada de insultos intermeada por varadas ocasionais, aplicadas com toda a força de seu corpo. Pelo efeito que causava, porém, parecia estar batendo numa das árvores da floresta.

— Espero, Aylward — disse sir Nigel gravemente, quando avançou com o cavalo —, que isto não signifique que alguma violência tenha sido praticada contra mulheres. Se algo assim tiver ocorrido, digo-lhe que o homem será enforcado, ainda que seja o melhor arqueiro que já usou um braçal.

— Não, meu bom senhor — Aylward respondeu com um sorriso —, é uma violência praticada contra um homem. Ele é de Hordle, e a mãe dele veio lhe dar as boas-vindas.

— Seu mandrião depravado — rugia ela, com um golpe entre cada fôlego —, seu comilão miserável que não serve para nada. Vou te ensinar! Vou te bater! Sim, por minha fé!

— Psiu, mãe — disse John, olhando para ela com o rabo do olho —, vou para a França como arqueiro, para aplicar e receber bordoadas.

— À França, deveras? — exclamou a velha dama. — Fique aqui comigo, e lhe garanto que receberá mais bordoadas que na França. Se está à procura de bordoadas, não precisa sair de Hordle.

— Por minha empunhadura, a boa dama diz a verdade! — disse Aylward. — Parece mesmo ser a terra das bofetadas.

— O que é que você tem com isso, assombração barbeada? — exclamou a impetuosa dama, virando-se para o arqueiro. — Não posso conversar com meu próprio filho sem sua língua a tagarelar? Soldado, deveras? E sem um pelo sequer no rosto?! Já vi soldados melhores comendo mingau e armados com cueiros!

— Agora aguenta, Aylward — exclamaram os arqueiros, em meio a uma nova gargalhada.

— Não a contrarie, camarada — disse o grande John. — Ela tem um espírito peculiar para a idade, e não tolera ser contrariada. Ouvir a voz dela e sentir que ela está atrás de mim é agradável e familiar para mim. Mas devo deixá-la agora, mãe, pois o caminho é demasiadamente duro para seus pés, mas lhe trarei um vestido de seda, se houver algum na França ou na Espanha, e para a Jinny trarei um pêni de prata. Então adeus, e que Deus lhe guarde! — Ergueu a diminuta mulher e a levou-a com leveza aos lábios. Então, tomando seu lugar nas fileiras novamente, voltou à marcha com a Companhia a gargalhar.

— Ele sempre foi assim — exclamou ela, recorrendo a sir Nigel, que havia puxado as rédeas do cavalo e escutava com a maior cortesia. — Sempre trilhou o próprio caminho, mesmo com tudo que eu fizesse para mudá-lo. Primeiro ele quis ser monge, é claro, e tudo porque uma moça teve senso o suficiente para lhe dar as costas. Depois se junta a um bando de malandros e tem de sair correndo para a guerra, e eu sem ninguém para atizar o fogo se eu sair ou para cuidar da vaca se eu estiver em casa. Mas fui uma boa mãe para ele. Quebrava três varas de avelã por dia nas costas dele sem que ele desse mais atenção do que deu hoje.

— Não duvide de que ele voltará para a senhora são, salvo e próspero, minha boa dama — disse sir Nigel. — Enquanto isso, estou pesaroso por já

ter dado minha bolsa para um pedinte na estrada, ou...

— Não, meu senhor — disse Alleyne. — Ainda sobrou algum dinheiro.

— Então lhe rogo que o dê a esta digníssima mulher. — E partiu a cânter enquanto falava, ao passo que Alleyne, após entregar mais dois pence, deixou a velha dama em pé junto da última choupana de Hordle, com a voz estridente clamando bênçãos ao invés de ofensas.

Havia duas encruzilhadas antes que eles chegassem ao Vau de Lymington, e em cada uma delas sir Nigel refreou o cavalo e aguardou com muitas curvetas e cabriolas, esticando o pescoço nesta ou naquela direção para ver se a sorte lhe enviaria uma aventura. Explicou que as encruzilhadas eram locais excepcionais para disputas de lanças cavaleirescas, e que em sua juventude não era incomum que cavaleiros residissem nesses locais durante semanas, celebrando respeitáveis disputas com todos os passantes, para elevação própria e para maior honra de suas damas. Os tempos haviam mudado, no entanto, e as sinuosas trilhas florestais estavam silenciosas e desertas, sem a ruidosa passada dos cavalos de guerra ou o tinir de armaduras que poderiam anunciar a aproximação de um adversário — dessa forma, sir Nigel prosseguiu desconsolado em seu caminho. Passaram chapinhando pelo vau do Rio Lymington, e sentaram-se no prado do outro lado para comer o pão e a carne salgada que levavam nos cavalos de carga. Depois, antes de o sol estar a pino nos céus, haviam se empacotado habilmente mais uma vez e gingavam alegremente pelo caminho, duzentos pés movendo-se como dois.

Há uma terceira encruzilhada onde a trilha de Boldre desce até a antiga vila pescadora de Pitt's Deep. Dois homens caminhavam por ela quando eles chegaram, um atrás do outro pela distância de um passo ou dois. Os cavaleiros não puderam deixar de refrear as montarias para observá-los, pois jamais se vira dupla mais estranha a viajar juntos. O primeiro era um homem deformado e esquelético, com um olhar ardiloso e um emaranhado de cabelos ruivos, carregando nas mãos uma pequena cruz sem pintura que levantava alto para ser vista por todos. Parecia estar extremamente amedrontado, com o rosto da cor de argila e os membros completamente tiritantes, como os de alguém com febre aguda. Atrás dele, com a ponta do pé sempre a encostar nos calcanhares do outro, caminhava um homem muito austero de barba escura, com o olhar duro e a boca firme. Carregava nos ombros um grande bordão nodoso com três pregos chanfrados na ponta, que de tempos em tempos girava no ar com um braço trêmulo, como se mal

pudesse se refrear para não estourar os miolos do companheiro. Assim caminhavam em silêncio, por entre os galhos no caminho gramado de Boldre.

— Por São Paulo! — disse o cavaleiro. — Esta é uma visão estranhíssima, e quiçá alguma aventura muito honrosa e perigosa pode surgir dela. Rogo-lhe, Edricson, que vá até eles e lhes pergunte a causa disso.

Não houve, no entanto, necessidade de ele se deslocar, pois os dois vieram rapidamente na direção deles até estarem à distância de uma lança. Ali, o homem da cruz sentou-se carrancudo numa moita à beira do caminho, ao passo que o outro ficou a seu lado com o grande porrete ainda suspenso sobre a cabeça. Estava tão concentrado que não levantou os olhos para o cavaleiro ou para os escudeiros, mantendo-os sempre fixos no camarada com uma expressão selvagem.

— Rogo-lhe, amigo — disse sir Nigel —, que nos diga com honestidade quem é, e por que segue este homem com tão amarga hostilidade.

— Enquanto estiver dentro dos confins da lei do rei — respondeu o estranho —, não vejo por que deveria prestar contas para qualquer viajante que passe.

— Não é um pensador muito perspicaz, colega — disse o cavaleiro —, pois se sua ameaça com a clava estiver dentro da lei, também é legítimo que eu o ameace com minha espada.

O homem da cruz num instante ajoelhou-se no chão, com as mãos juntas sobre a cabeça e o rosto radiante de esperança.

— Pelo amor do santo Cristo, meu bom senhor — exclamou ele numa voz crepitosa —, tenho em meu cinto uma sacola com cem nobles reais, e os darei de boa vontade se o senhor simplesmente atravessar a espada pelo corpo deste homem.

— O que foi que disse, patife imundo? — bradou sir Nigel fervorosamente. — Acha que o braço de um cavaleiro pode ser comprado como os artigos de um vendedor ambulante? Por São Paulo, tenho poucas dúvidas de que este sujeito tem uma razão muito boa para odiá-lo!

— De fato, meu bom senhor tem razão — disse o da clava, enquanto o outro sentava-se mais uma vez à beira do caminho. — Pois este homem é Peter Peterson, um notório larápio, salteador e assassino, que causou muito mal durante vários anos nas cercanias de Winchester. Foi ainda outro dia, durante as festividades de São Simão e São Judas, que ele matou meu irmão

mais novo, William, na floresta de Bere. Por essa razão, em nome do espinheiro negro de Glastonbury, tirarei o sangue de seu coração, ainda que o siga até os confins da terra!

— Mas se esse é o caso — perguntou sir Nigel —, por que foi que veio com ele tão longe floresta afora?

— Porque sou um inglês honesto, e não tomarei mais do que a lei permite. Quando cometeu o ato, este desgraçado imundo e vil fugiu em busca de santuário em St. Cross, e eu, como você pode imaginar, fui atrás dele com um bando. O prior, no entanto, determinou que enquanto ele segurar esta cruz nenhum homem deverá pôr as mãos nele, sob pena de banimento da Igreja, do que espero que os céus livrem a mim e aos meus. Mas se por um instante ele abandonar a cruz ou se não conseguir viajar até Pitt's Deep, onde foi determinado que ele deverá tomar um barco para terras estrangeiras, ou se não tomar o primeiro barco, ou se até o barco estar pronto ele não andar todos os dias mar adentro até a virilha, será então considerado foragido, e eu sem demora estourarei seus miolos.

Ao ouvir isso o homem do chão rosnou para ele como um rato, enquanto o outro cerrou os dentes e brandiu a clava, fitando-o com morte no olhar. O cavaleiro e os escudeiros olharam embasbacados do velhaco para o vingador, mas, como se tratava de um assunto que nenhum deles poderia reparar, não se demoraram e prosseguiram em sua cavalgada pelo caminho. Alleyne, olhando para trás, viu que o assassino havia retirado pão e queijo do embornal e mastigava em silêncio, com a cruz protetora ainda abraçada ao peito. O outro, taciturno e ameaçador, permanecia de pé na estrada banhada pelo sol e lançava sua sombra escura sobre ele.

CAPÍTULO XV

COMO A COCA AMARELA SAIU AO MAR A PARTIR DE LEPE

Naquela noite a Companhia dormiu na quinta de São Leonardo, no *spicarium* e nos grandes celeiros monásticos — um terreno bem conhecido tanto por Alleyne quanto por John, pois estavam quase à vista da abadia de Beaulieu. O jovem escudeiro sentiu uma estranha emoção ao avistar as conhecidas vestes brancas mais uma vez, e ao ouvir as calculadas e profundas batidas do sino das vésperas. De manhã bem cedo cruzaram o riacho largo, moroso e cercado de juncos — homens, cavalos e bagagens nas balsas planas — e assim prosseguiram no fresco ar matutino rumo a Lepe, passando por Exbury. Ao alcançarem o topo do outeiro coberto de urzes, depararam de súbito com o antigo porto marítimo — um aglomerado de casas, um rastro de fumaça azul e um feixe de mastros. À direita e à esquerda a longa curva azul do Solent envolvia a praia amarelada com uma franja de espuma. A certa distância da cidade, uma fila de pesqueiros, brigues e outras embarcações pequenas deslizavam preguiçosamente nas ondas mansas. Ainda mais além havia um grande navio mercante, com popa alta e costado baixo, pintado de um amarelo-canário e assomando acima dos barcos de pesca como um cisne em meio aos patinhos.

— Por São Paulo! — disse o cavaleiro. — Nosso bom mercador de Southampton não nos enganou, pois parece-me que posso ver nossa embarcação lá embaixo. Ele disse que ela seria enorme e teria um tom amarelado.

— Por minha empunhadura, sim! — murmurou Aylward. — É amarela como a garra de um milhafre, e capaz de transportar tantos homens quanto há sementes numa romã.

— Isso é bom — observou Terlake —, pois me parece, meu bom senhor, que não somos os únicos que aguardam a travessia para a Gasconha. Meu olho vislumbra, às vezes, brilhos e lampejos em meio àquelas casas, que seguramente não são dos casacos dos marinheiros ou das gabardinas dos burgueses.

— Também estou vendo — disse Alleyne, cobrindo os olhos com a mão. — E vejo homens de armas naqueles botes que transitam entre a embarcação e a costa. Mas parece-me que somos muito bem-vindos aqui, pois eles já vêm nos receber.

Uma multidão tumultuosa de pescadores, cidadãos e mulheres realmente pululava do portão norte e se aproximava deles pelo lado do urzal, acenando e dançando com alegria, como se um grande temor tivesse se esvaído de suas mentes. À frente cavalgava um homem muito grande e solene, de queixo comprido e lábios caídos. Vestia uma palatina de pele em volta do pescoço coberta por uma corrente de ouro com um medalhão balançando à frente.

— Seja bem-vindo, mui pujante e nobre senhor — exclamou ele, retirando a touca à frente de Simon Negro. — Ouvi sobre os valentes feitos de vossa senhoria, e na verdade é o que se esperaria por seu rosto e por seu porte. Há alguma questão em que eu poderia servi-lo?

— Já que me perguntou — disse o homem de armas —, eu consideraria uma bondade se você pudesse me ceder um ou dois elos dessa corrente que pende de seu pescoço.

— O quê? A corrente da corporação? — exclamou o outro horrorizado. — A corrente ancestral da cidade de Lepe! Um gracejo deplorável, sir Nigel.

— Por que diabos me ofereceu, então? — perguntou Simon. — Mas se é com sir Nigel Loring que deseja falar, ele é aquele no cavalo negro.

O prefeito de Lepe mirou com espanto o rosto brando e a esguia compleição do famoso guerreiro.

— Peço-lhe perdão, meu gracioso senhor — exclamou ele. — Sou o prefeito e magistrado-chefe da antiga e poderosa cidade de Lepe. Dou-lhe as mais sinceras boas-vindas, e ainda mais pois o senhor vem em um momento em que estamos com muitas dificuldades para nos defender.

— Rá! — exclamou sir Nigel, com as orelhas em pé.

— Sim, meu senhor, pois como a cidade é muito antiga e as muralhas têm a mesma idade, conseqüentemente elas são muito antigas também. Mas

há um certo pirata normando, infame e sanguinário, de nome Tête Noire, que, com um genovês chamado Tito Caracci, comumente conhecido como Barba-de-Pá, tem sido um enorme flagelo nestas costas. A bem dizer, meu senhor, são homens muito cruéis e de corações sombrios, ímpios e implacáveis, e se eles vierem à antiga e poderosa cidade de Lepe, então...

— Então adeus à antiga e poderosa cidade de Lepe — disse Ford, cuja ligeireza da língua por vezes podia se sobrepor a sua reverência por sir Nigel.

O cavaleiro, porém, estava por demais absorto no assunto em questão para prestar atenção à irreverência do escudeiro.

— Têm motivos, então — perguntou ele —, para acreditar que esses homens estão prestes a se aventurar a atacá-los?

— Eles vieram em duas grandes galés — respondeu o prefeito —, com duas filas de remadores em cada lado, e uma grande reserva de máquinas de guerra e homens de armas. Mataram e violaram em Weymouth e Portland. Ontem pela manhã estavam em Cowes, e vimos a fumaça das fazendas queimadas. Hoje estão à vontade perto de Freshwater, e tememos que eles caíam sobre nós e nos causem prejuízos.

— Não podemos nos demorar — disse sir Nigel, cavalgando em direção à cidade, com o prefeito ao lado esquerdo —, o príncipe nos aguarda em Bordeaux, e não podemos ficar de fora da convocação geral. Mas prometo que, em nosso trajeto, encontraremos tempo para passar por Freshwater e triunfaremos sobre esses saqueadores para que eles os deixem em paz.

— Ficamos muitíssimo gratos ao senhor! — exclamou o prefeito. — Mas não consigo perceber, meu senhor, como poderão se aventurar contra esses homens sem um navio de guerra. Com seus arqueiros, no entanto, vocês poderiam muito bem defender a cidade e causar grandes danos a eles, se tentassem desembarcar.

— Há uma coca bastante respeitável ali — disse sir Nigel —, seria muito estranho se um navio não fosse considerado de guerra tendo estes homens nos conveses. Decerto faremos como digo, e ainda hoje.

— Meu senhor — disse um homem de rosto escuro e cabelos duros, caminhando junto do outro estribo do cavaleiro com a cabeça inclinada, para ouvir tudo o que ele dizia. — Com sua licença, não duvido de sua habilidade no combate terrestre e no comando das lanças, mas, por minha alma, o senhor encontrará outra coisa no mar! Sou o capitão da coca amarela, e meu nome é Goodwin Hawtayne. Navego desde que tinha a

altura deste cajado, e já lutei contra esses normandos e contra os genoveses, bem como contra escoceses, bretões, espanhóis e mouros. Digo-lhe, senhor, que meu navio é demasiadamente leve e frágil para tal serviço, e que isso terminará com nossas gargantas cortadas ou com nossa venda como escravos para os pagãos berberes.

— Também deparei com uma ou duas respeitáveis e honrosas aventuras no mar — disse sir Nigel —, e estou bem contente por ter tarefa tão boa à nossa frente. Creio, bom capitão, que nós dois podemos conquistar grandes honras nessa questão, e posso ver prontamente que o senhor é um homem forte e corajoso.

— Não gosto disso — disse o outro firmemente. — Em nome de Deus, não gosto disso. Mas Goodwin Hawtayne não é homem que fica para trás quando seus companheiros avançam. Por minha alma, seja para afundar ou nadar, virarei a proa rumo à baía de Freshwater! Se o bom mestre Witherton, de Southampton, não gostar de como manejo o navio, ele que encontre outro capitão.

Eles estavam próximos do velho portão norte da cidadezinha, e Alleyne, meio virado na sela, olhou para a variada multidão que vinha atrás. Os arqueiros e homens de armas haviam desfeito as fileiras e estavam misturados aos pescadores e cidadãos, cujos rostos sorridentes e gestos cordiais evidenciavam o peso que aquela afortunada visita lhes tirara das costas. Aqui e ali, em meio ao tropel de justilhos negros e sobrecotas brancas em movimento, havia traços esparsos de escarlata e azul, os véus ou xales das mulheres. Aylward, com uma pescadora em cada braço, jurava fidelidade alternadamente à da direita e à da esquerda, enquanto o grande John assomava na retaguarda entronizando nos ombros uma donzelinha rechonchuda, cujo braço macio enrolava-se ao redor de seu capacete brilhante. Assim o tropel avançava, até que foi detido no portão por um homem espantosamente gordo, vindo em disparada da cidade com fúria em todos traços de seu rosto rubicundo.

— E agora, sir prefeito? — rugiu ele, com uma voz de touro. — E agora, sir prefeito? Como é que ficam os mexilhões e as vieiras?

— Por Nossa Senhora, meu bom sir Oliver! — exclamou o prefeito. — Tive tanto com que me preocupar, com esses perversos vilões tão próximos de nós, que me escapou da cabeça.

— Palavras, palavras! — gritou o outro furiosamente. — Serei dissuadido por palavras? Digo novamente, como é que ficam os mexilhões

e as vieiras?

— Meu bom senhor, fico lisonjeado — exclamou o prefeito. — Sou um comerciante de paz, e não estou acostumado a tamanha gritaria por uma questão tão pequena.

— Pequena? — guinchou o outro. — Pequena? Mexilhões e vieiras! Convida-me à sua mesa para compartilhar das iguarias da cidade, e quando chego, encontro boas-vindas secas e a tábua vazia! Onde está meu portalanças?

— Não, sir Oliver, sir Oliver! — exclamou sir Nigel aos risos. — Acalme sua fúria, já que ao invés desse prato você encontrou um velho amigo e camarada.

— Por São Martinho de Tours! — gritou o gordo cavaleiro, com a ira completamente convertida em alegria em um instante. — Se não é meu estimado galinho de briga da Garona. Ah, querido primo, é um grande prazer revê-lo. Que bons tempos vivemos juntos!

— Sim, por minha fé! — exclamou sir Nigel, com os olhos brilhantes, — Vimos homens valentes e exibimos nossos pendões em algumas nobres escaramuças. Por São Paulo, tivemos muitas alegrias na França!

— E tristezas também — disse o outro. — Tenho memórias dolorosas daquela terra. Lembra-se do que sucedeu conosco em Libourne?

— Não, não consigo me lembrar que sequer tenhamos desembainhado nossas espadas nesse lugar.

— Homem, homem — exclamou sir Oliver —, sua mente ainda não sai das lâminas e dos morriões. Não há lugar na tua compleição para as alegrias mais amenas. Ah, ainda hoje mal consigo falar sobre aquilo sem me comover. Uma torta tão nobre, de pombos tão tenros, e açúcar ao invés de sal no molho! Você estava ao meu lado naquele dia, bem como sir Claude Latour e o lorde de Pommers.

— Lembro-me agora — disse sir Nigel aos risos —, de como você atormentou o cozinheiro pela rua afora, falando em atear fogo à estalagem. Por São Paulo, digníssimo prefeito, este meu velho amigo é um homem perigoso, e meu conselho é que resolva suas diferenças com ele nos termos que conseguir!

— Os mexilhões e as vieiras estarão prontos dentro de uma hora — respondeu o prefeito. — Eu havia convidado sir Oliver Buttethorn para sentar-se à minha humilde mesa e compartilhar das iguarias das quais temos certo orgulho, mas a verdade é que esse alerta sobre os piratas lançou tal

sombra sobre meu juízo que fiquei distraído. Mas espero, sir Nigel, que o senhor também partilhe da refeição da nona hora comigo.

— Tenho afazeres em demasia — sir Nigel respondeu —, pois temos de estar a bordo o quanto antes, tanto os cavalos quanto os homens. Quantos homens reuniu, sir Oliver?

— Quarenta e três. Quarenta estão bêbados, e três razoavelmente sóbrios. Já estão todos a salvo no navio.

— Eles que recobrem o juízo, pois terei serviço para cada um deles antes do pôr do sol. Minha intenção, se lhe apetecer, é arriscar uma investida contra esses saqueadores normandos e genoveses.

— Transportam caviar e certas especiarias muito nobres do Levante a bordo dos navios de Gênova — disse sir Oliver. — Podemos obter grandes lucros desta empreitada. Rogo-lhe, capitão, que quando subir a bordo derrame um elmo cheio de água do mar na cabeça de qualquer um dos meus patifes que encontrar.

Deixando o vigoroso cavaleiro e o Prefeito de Lepe, sir Nigel conduziu a Companhia diretamente para a beira d'água, onde longas filas de barcaças planas os transportaram rapidamente à embarcação. Um após o outro os cavalos foram içados das barcaças por força bruta, sendo soltos, após escoicearem e se precipitarem no ar, no fundo convés da coca amarela, onde havia fileiras de cocheiras prontas para acomodá-los em segurança. Os ingleses daquela época eram hábeis e diligentes nessas atividades, pois não se passara muito tempo desde que Eduardo embarcara cinquenta mil homens no porto de Orwell, com cavalos e bagagem, tudo isso num período de vinte e quatro horas. Sir Nigel estava tão apressado na costa e Goodwin Hawtayne tão diligente na coca, que sir Oliver Buttethorn mal havia engolido a última vieira quando o soar da trombeta e o tinir do clarim anunciaram que tudo estava pronto e a âncora havia sido levantada. Os dois comandantes formavam um estranho contraste, sentados juntos na escota do último bote que partiu da costa. Debaixo dos pés dos remadores, havia um amontoado de enormes pedras que sir Nigel ordenara que fossem levadas à coca. Tão logo elas estavam a bordo, o navio içou a vela grande de cor púrpura, que ostentava no centro um São Cristóvão dourado carregando Cristo no ombro. A brisa soprava, a vela estufava e a corpulenta embarcação avançava, saltando pelas suaves ondas azuis ao som dos menestréis na popa e dos gritos da densa multidão que margeava a praia amarela. À esquerda situava-se a verdejante ilha de Wight, com cada uma

de suas longas e baixas colinas espreitando por sobre os ombros de outra, até a linha do horizonte. À direita via-se o arborizado Hampshire até onde os olhos alcançavam. Acima, um céu azul-acinzentado com o sol invernal brilhando sobre eles, e geada suficiente para enfumaçar a respiração.

— Por São Paulo! — disse sir Nigel animado, olhando para os dois lados de pé na popa. — É uma terra pela qual vale muito a pena lutar, e é uma pena termos de ir à França, em vista do que podemos encontrar em casa. Não viram um homem deformado na praia?

— Não, não notei nada — resmungou sir Oliver —, pois me apressaram enquanto eu estava com um mexilhão na garganta, e ainda havia um cálice de vinho cipriota intacto na mesa atrás de mim.

— Eu o vi, meu bom senhor — disse Terlake —, um velho com um ombro mais alto que o outro.

— É um sinal de boa sorte — disse sir Nigel. — Também cruzamos com uma mulher e um sacerdote no caminho, então tudo deverá correr bem conosco. O que tem a dizer, Edricson?

— Não sei dizer, meu bom senhor. Os antigos romanos eram um povo muito sábio, e decerto tinham fé nessas coisas. Os gregos também, e diversos outros povos antigos, célebres por seus conhecimentos. Mas entre os modernos há muitos que escarnecem de todos os presságios.

— Não pode haver dúvida alguma quanto a isso — disse sir Oliver Buttethorn. — Lembro-me bem de um dia em Navarra, em que à nossa esquerda havia trovões em um céu sem nuvens. Sabíamos que algum mal viria daquilo, e não tivemos de esperar muito. Apenas treze dias depois, uma coxa de veado de primeira qualidade foi levada da porta de minha própria barraca pelos lobos, e no mesmo dia dois cantis de um velho *vernage* azedaram e ficaram turvos.

— Podem trazer meu arnês lá de baixo — disse sir Nigel aos escudeiros —, e também lhes rogo que tragam o de sir Oliver, e os vestiremos aqui. Depois podem cuidar de seus próprios equipamentos, pois minha esperança é que hoje vocês façam uma entrada honrosa no mundo da cavalaria, e se provem como escudeiros muito dignos e valentes. Agora, sir Oliver, a nossos arranjos: gostaria de dar as ordens, ou as darei eu?

— Você, galinho, você. Por Nossa Senhora, não sou nenhum frangote, mas não tenho a pretensão de conhecer tanto sobre guerra quanto o escudeiro de sir Walter Manny! Resolva o assunto como desejar.

— Seu pendão tremulará na proa, então, e o meu na popa. Você ficará com seus próprios quarenta homens na anteguarda, com mais duas vintenas de arqueiros. Outras duas vintenas, com meus homens de armas e escudeiros, farão a guarda da popa. Dez arqueiros e trinta marinheiros defenderão o convés principal sob o comando do capitão, enquanto dez ficarão nos mastros com pedras e balestras. O que pensa disso?

— Muito bom, por minha fé, muito bom! Mas eis aqui meu arnês, e tenho de começar a trabalhar, pois não consigo me enfiar dentro dele como costumava fazer quando encarei a guerra pela primeira vez.

Entrementes, havia azáfama e preparativos em todas as partes da grande embarcação. Os arqueiros formavam grupos nos conveses, esticando novas cordas nos arcos e testando sua firmeza nos encaixes. Aylward e outro soldado mais velho deslocavam-se entre eles, sussurrando ordens aqui e alertas ali.

— Coragem, meus corações de ouro — dizia o velho arqueiro enquanto passava de bando em bando. — Por minha empunhadura, estamos com sorte nesta viagem! Lembrem-se do velho ditado da Companhia.

— E qual é, Aylward? — exclamaram vários, escorando-se nos arcos e rindo dele.

— É o conselho do mestre arqueiro: “Cada arco, bem curvado. Cada flecha, bem lançada. Cada cabo, bem encaixado. Cada corda, bem travada.” Com esta rima na cabeça, um braçal na mão esquerda, uma luva de atirar na direita e um bocado de cera na cintura, de que mais um arqueiro precisa?

— Não faria mal — disse Hordle John —, se debaixo do cinto ele tivesse quatro bocados de vinho.

— O trabalho primeiro, o vinho depois, *mon camarade*. Mas é hora de seguirmos nossas ordens, pois me parece que já consigo vislumbrar os mastaréis das galés acolá, entre as rochas Needle e as falésias de Alum. Hewett, Cook, Johnson, Cunningham, seus homens estarão na guarda da popa. Thornbury, Walters, Hackett, Baddlesmere, vocês ficarão com sir Oliver no castelo de proa. Simon, você permanece com o estandarte de seu senhor, mas dez homens têm de avançar.

A ordem de sir Nigel era que os homens ficassem deitados com os rostos para baixo no convés, e eles assumiram suas posições pronta e silenciosamente. Perto da proa fora fincada a lança de sir Oliver, com suas armas — uma cabeça de javali de vermelho sobre um campo de ouro. À ré estava Simon Negro com o pendão da casa de Loring. No convés principal

reuniam-se os marinheiros de Southampton, homens peludos e corpulentos despídos dos justilhos, com as cinturas firmes e espadas, maços e achas nas mãos. Seu líder, Goodwin Hawtayne, conversava na popa com sir Nigel, às vezes levantando os olhos na direção da vela estufada e dirigindo-os aos dois marujos que manejavam o leme atrás de si.

— Passe a instrução — disse sir Nigel —, de que nenhum homem deverá levantar armas ou puxar a corda até o toque de meu trombeteiro. Seria bom se passássemos a impressão de sermos um navio mercante de Southampton, parecendo fugir deles.

— Vamos vê-los em breve — disse o capitão. — Rá, eu não disse? Lá estão eles, as cobras marinhas, na baía de Freshwater. Sintam o fedor de fumaça daquele lugar, onde eles fizeram seu serviço diabólico. Vejam como as chalupas deles deixam a terra firme! Eles nos viram e chamaram os homens a bordo. Agora estão levantando âncora. Vejam-nos como formigas no castelo de proa! Abaixam e se levantam como marujos hábeis. Meu bom senhor, eles não são incautos. Tenho dúvidas se não abocanhemos mais do que podemos engolir. Cada um desses navios é uma galeaça, das maiores e mais rápidas.

— Gostaria de ter seus olhos — disse sir Nigel, pestanejando na direção das galés piratas. — Parecem navios muito imponentes, e espero que tenhamos um grande prazer em nosso confronto com eles. Seria bom repassar a ordem de que não demonstraremos nem receberemos misericórdia hoje. Haveria, porventura, um sacerdote ou frade a bordo do navio, mestre Hawtayne?

— Não, meu bom senhor.

— Bem, bem, isso não tem muita importância para minha Companhia, pois todos comungaram e confessaram antes de partirmos do Castelo de Twynham, e o padre Christopher do priorado me deu sua palavra de que estavam tão preparados para marchar para os céus quanto para a Gasconha. Mas tenho dúvidas quanto a esses homens de Winchester que vieram com sir Oliver, pois parecem um bando muito sem fé. Repasse a ordem para que os homens se ajoelhem e para que os suboficiais repitam para eles o Pai Nosso, a Ave e o Credo.

Com o tinir das armas, os brutos arqueiros e marujos se ajoelharam, com as cabeças curvadas e as mãos cruzadas, e ouviram os murmúrios roucos dos líderes das filas. Era tão estranho ouvir o silêncio que o marulho da água, a tensão da vela e ranger das pranchas subitamente ficaram mais

ruidosos aos ouvidos. Muitos dos arqueiros haviam retirado amuletos e relíquias do peito, ao passo que os que possuíam tesouros mais santificados que o habitual passavam-nos entre os colegas de fileira, para que todos pudessem beijá-lo e receber a virtude.

A coca amarela despontara agora das estreitas águas do Solent e saltava pelas grandes ondas do canal aberto. O vento soprava fresco vindo do Leste, cortante como uma navalha. A grande vela estufada inclinava a embarcação a ponto de fazer a água chiar ao bater nas amuradas a sota-vento. Larga e desajeitada, a coca chafurdava de onda em onda, com os remos arredondados a mergulhar fundo nas azuladas tremulações, lançando borrifos de flocos brancos de espuma nos conveses. A bombordo estavam as duas escuras galés, que já haviam içado velas e disparavam da baía de Freshwater em rápida perseguição. As fileiras duplas de remos conferiam uma vantagem que lhes garantia a aproximação de qualquer embarcação que se fiasse apenas em velas. A coca inglesa era alta e brusca, as galés piratas eram longas, escuras e rápidas, como dois ferozes e esguios lobos que avistam um altivo e desavisado veado caminhando por seu covil na floresta.

— Devemos voltar, meu bom senhor, ou prosseguimos? — perguntou o capitão, olhando para trás com olhar ansioso.

— Não, prosseguiremos e fingiremos ser o navio mercante desamparado.

— Mas e seus pendões? Eles verão que temos dois cavaleiros conosco.

— E não seria condizente com a honra ou a reputação de um cavaleiro baixar o pendão. Que continuem lá, e eles pensarão que somos um navio transportando vinho da Gasconha, ou que carregamos fardos de lã de algum comerciante do *Staple*. *Ma foi*, mas são muito rápidos! Estão arremetendo contra nós como dois açores sobre uma garça. Não há um símbolo ou distintivo nas velas deles?

— A da direita — disse Edricson —, parece ter a cabeça de um etíope.

— É a insígnia de Tête Noire, o normando — exclamou um marinheiro.

— Já o vi antes, quando nos assaltou em Winchelsea. Ele é assombrosamente grande e forte, e não tem compaixão por homem, mulher ou animal. Dizem que sua força equivale à de seis homens, e decerto que a alma dele já cometeu crimes que valem por esse número. Vejam as pobres almas penduradas nas extremidades dos braços de verga!

De cada extremidade da verga realmente pendia a silhueta escura de um homem, que sacudia e oscilava com hediondos solavancos dos membros a

cada mergulho e arremetida da galé.

— Por São Paulo! — disse sir Nigel. — Com o auxílio de São Jorge e de Nossa Senhora, será muito estranho se nosso amigo de cabeça escura em pessoa não estiver balançando ali daqui a algumas horas. Mas o que é aquilo na outra galé?

— É a cruz vermelha de Gênova. O tal Barba-de-Pá é um capitão notável, e se vangloria de não existirem marujos ou arqueiros no mundo que se comparem os que servem ao Doge Boccanegra.

— Isso veremos — disse Goodwin Hawtayne —, mas faríamos bem, antes de eles nos alcançarem, em erguer nossos manteletes e pavesees como proteção contra as setas deles.

Ele berrou uma ordem áspera e os marujos trabalharam rápida e silenciosamente, subindo as amuradas e fortalecendo-as. A um comando de sir Nigel as três âncoras do navio foram puxadas até o convés principal e amarradas ao mastro com um cabo de vinte pés, cada uma cuidada por quatro marujos. Oito homens estavam posicionados com bolsas d'água feitas de couro para apagar quaisquer flechas de fogo que pudessem cair a bordo, enquanto outros haviam sido mandados mastro acima para deitar ao longo da verga e atirar pedras ou flechas, caso surgisse oportunidade.

— Que eles sejam abastecidos com tudo o que há de pesado e denso no navio — disse sir Nigel.

— Então temos de lhes enviar sir Oliver Buttethorn — disse Ford.

O cavaleiro fitou-o com uma expressão que arrancou o sorriso de seus lábios.

— Nenhum escudeiro meu — disse ele —, deve jamais gracejar sobre um cavaleiro armado. — No entanto — acrescentou, com o olhar amolecendo —, sei que não passou de um divertimento de menino, sem qualquer veneno. Mas eu cumpriria mal meu papel para com seu pai se não lhe ensinasse a segurar a língua.

— Eles nos abordarão pelos dois lados, meu senhor — exclamou o capitão. — Veja como estão se distanciando um do outro! O normando tem uma manganela ou um trabuco no castelo de proa. Veja, estão se inclinando sobre as alavancas! Estão prestes a soltá-la.

— Aylward — exclamou o cavaleiro —, pegue seus três arqueiros mais precisos e veja se não consegue fazer algo para lhes embaraçar a mira. Parece-me que eles estão ao alcance dos arcos longos.

— Cento e quarenta passos — disse o arqueiro, correndo o olho à frente e atrás. — Pelos ossos de meus dez dedos, seria estranho se não conseguíssemos acertar o alvo a essa distância! Aqui, Watkin de Sowley, Arnold, Long Williams, mostremos a esses patifes que eles estão lidando com arqueiros ingleses.

Os três homens citados ficaram na extremidade da popa, equilibrando-se com as pernas bem abertas e os arcos retesados, até que as pontas das flechas de uma jarda estivessem niveladas com o meio do cabo.

— Você é o mais preciso, Watkin — disse Aylward, de pé junto deles com a seta na corda. — Alveje o patife da coifa vermelha. Vocês dois derrubarão o homem de capacete, e eu ficarei de prontidão se errarem. *Ma foi*, eles estão prestes a lançar! Atirem, *mes garçons*, ou será tarde demais.

O tropel de piratas se afastara da grande catapulta de madeira, deixando apenas dois para soltá-la. Um deles, usando um barrete vermelho, debruçou-se sobre ela e firmou o pedregulho irregular que se equilibrava na extremidade em forma de colher da longa alavanca de madeira. O outro segurava o laço de corda que desprenderia o trinco e lançaria o pesado projétil violentamente pelo ar. Ficaram assim por um instante, claros e nítidos diante da vela branca. No momento seguinte, barrete-vermelho caíra sobre a pedra com uma flecha entre as costelas, e o outro, atingido na perna e na garganta, contorcia-se e engasgava no chão. Ele soltara a mola enquanto caía para trás, e a enorme viga de madeira, girou com força tremenda e projetou o cadáver de seu camarada tão próximo do navio inglês que seus membros desfigurados e deformados roçaram na popa. O pedregulho resvalou de lado e caiu no meio do caminho entre as embarcações. Um bramido de vivas e gargalhadas irrompeu entre os duros arqueiros e marujos diante de tal visão, respondido com um berro de fúria dos perseguidores.

— Abaixem-se, *mes enfants* — exclamou Aylward, acenando com a mão esquerda. — Eles aprenderão a lição. Estão trazendo escudos e manteletes. Teremos pedras zunindo por nossos ouvidos em breve.

CAPÍTULO XVI

COMO A COCA AMARELA COMBATEU AS DUAS GALÉS PIRATAS

As três embarcações deslizavam rapidamente rumo ao oeste. A coca ainda tinha grande vantagem, embora as galés se aproximassem devagar pelos dois lados. À esquerda a linha do horizonte estava límpida, imaculada por qualquer vela. A ilha já aparentava ser uma nuvem atrás deles, ao passo que bem à frente estava o cabo de Santo Albano, com Portland a assomar nebulosamente na distância. Alleyne estava de pé junto à cana do leme olhando para trás, recebendo o vento puro em cheio nos dentes. O fresco ar invernal ardia em seu rosto e soprar as madeixas louras debaixo do morrião. Tinha as bochechas coradas e os olhos brilhantes, pois o sangue de uma centena de guerreiros saxões ancestrais começava a entrar em ebulição em suas veias.

— O que foi isso? — perguntou ele, quando uma voz sibilante e afiada pareceu sibilar em seu ouvido. O timoneiro sorriu e apontou com o pé para onde uma pesada e curta seta de besta tremia fincada nas tábuas. No mesmo instante o homem cambaleou para a frente e caiu de joelhos no convés, sem vida, com uma pluma manchada de sangue espetada nas costas. Quando Alleyne abaixou-se para levantá-lo, o ar pareceu ganhar vida com o zunido afiado das setas, e ele conseguia ouvi-las a tamborilar no convés como maçãs a cair de uma árvore.

— Levantem mais dois manteletes perto dos lampiões da popa — disse sir Nigel tranquilamente.

— E que outro homem vá para a cana do leme — exclamou o capitão.

— Mantenha-os ocupados, Aylward, com dez dos seus — continuou o cavaleiro. — E que dez dos arqueiros de sir Oliver façam o mesmo com os

genoveses. Ainda não tenho a intenção de revelar o quanto devem nos temer.

Dez atiradores selecionados sob o comando de Aylward alinharam-se ao longo do amplo convés. Para os jovens escudeiros que nunca haviam visto nada da guerra, foi uma aula observar como esses velhos soldados eram metódicos e frios, como as ordens eram rápidas e cumpridas de imediato, dez homens movendo-se como se fossem um só. Seus camaradas se agacharam entre as amuradas fazendo vários gracejos grosseiros e muitas críticas ou conselhos.

— Mais alto, Wat, mais alto!

— Apoie o corpo, Will!

— Não se esqueça do vento, Hal!

Era esse o sussurrante coro, enquanto muito acima soavam o afiado vibrar das cordas e o zunido das setas, além dos curtos “Puxar flechas! Encaixar flechas! Atirar juntos!” do mestre-arqueiro.

As duas manganelas estavam então em operação nas galés, mas tão cobertas e protegidas que não se podia vislumbrá-las a não ser no momento do lançamento. Um enorme pedregulho marrom atirado pelos genoveses zumbiu acima das cabeças e afundou lugubrememente na crista de uma onda. Outro, lançado pelos normandos, zuniu na direção do convés principal, quebrou o lombo de um cavalo e se espatifou na lateral da embarcação. Dois outros, em voo conjunto, furaram um grande buraco no São Cristóvão da vela e derrubaram três homens de armas de sir Oliver do castelo de proa. O capitão fitou o cavaleiro com a expressão perturbada.

— Eles estão se mantendo à distância — disse ele. — Nossos arqueiros são demasiadamente bons, e eles não querem se aproximar. Como podemos nos defender contra as pedras?

— Creio que posso enganá-los — respondeu o cavaleiro alegremente, passando uma ordem para os arqueiros. Imediatamente cinco deles atiraram as mãos para cima e caíram prostrados no convés. Um já fora morto por uma seta, de forma que apenas quatro ainda estavam de pé.

— Isso pode encorajá-los — disse sir Nigel, mirando as galés que espreitavam dos dois lados, com um giro lento e calculado dos grandes remos e a água rodopiando e espumando debaixo das hastes afiadas.

— Continuam se mantendo distantes — exclamou Hawtayne.

— Então que caiam mais dois — gritou o líder. — Será suficiente. *Ma foi*, eles estão vindo morder nossa isca como pintinhos na direção do

passarinheiro! Às armas, homens! O pendão atrás de mim, e os escudeiros ao redor do pendão. Mantenham as âncoras firmes no convés e fiquem de prontidão para um lançamento. Agora soem as trombetas, e que as bênçãos de Deus estejam com os justos!

Enquanto ele falava, vieram das duas galés um bramido e o rufar de tambores, e a água foi borrifada pelo apressado bater de uma centena de remos. Eles arremeteram, um à direita e o outro à esquerda, com as laterais e as proteções repletas de homens e armas. Penduravam-se no castelo de proa em grandes aglomerados, todos prontos a saltar — rostos brancos, rostos castanhos, rostos amarelos e rostos negros, nórdicos louros, italianos morenos, saqueadores ferozes do Levante e mouros impetuosos dos Estados Berberes, de todos os países e tons de pele, marcados apenas pelo timbre comum de uma ferocidade animal. Raspando nos bordos e puxando os remos para não quebrarem, derramaram-se como uma torrente viva sobre os indefesos mercadores, com berros horríveis e uivos estridentes.

Mas o brado foi ainda mais selvagem e mais estridente quando as longas fileiras de arqueiros ingleses emergiram da sombra das silenciosas amuradas, e as flechas zuniram numa saraivada mortal sobre as massas despreparadas nos conveses piratas. Dos lados mais altos da coca os arqueiros conseguiram atirar diretamente abaixo, uma distância tão curta que possibilitava às flechas de uma jarda perfurar cotas de malha ou atravessar escudos, ainda que feitos de madeira reforçada de uma polegada. Num instante Alleyne viu a popa da galé abarrotada de silhuetas em investida, agitando os braços com os rostos exultantes. No seguinte era um massacre banhado de sangue, com pilhas de três cadáveres de altura e os vivos encolhendo-se atrás dos mortos para se abrigarem contra a súbita tempestade de morte. Em ambos os lados, as âncoras haviam sido atiradas aos bordos das galés pelos marujos que sir Nigel selecionara para tal tarefa, de forma que as três embarcações, aferradas num abraço de ferro, avançavam a pesados solavancos sobre as ondas.

Estavam agora envolvidas numa luta cruel e feroz, uma entre as milhares que nunca foram relatadas pelos cronistas ou cantadas pelos poetas. Ao longo dos séculos, por toda a extensão daquelas águas meridionais, homens sem nome lutaram em locais sem nome, tendo como monumentos a seus feitos apenas a costa protegida e a região campestre incólume.

Os arqueiros haviam esvaziado os deques das galés a ré e a vante, mas os saqueadores haviam baldeado ao convés principal pelos dois lados, onde os

marujos e os arqueiros estavam tão apertados e misturados com os oponentes que era impossível para os camaradas acima puxarem as cordas e ajudá-los. Era um caos louco em que machados e espadas subiam e desciam, enquanto ingleses, normandos e italianos vacilavam e cambaleavam num convés repleto de corpos e escorregadio pelo sangue. O tinir dos golpes, os gritos dos feridos, o brado curto e profundo dos insulares e os urros ferozes dos saqueadores ressoavam juntos num alvoroço ensurdecido, ao passo que a respiração dos homens ofegantes subia pelo ar invernal como a fumaça de uma fornalha. O gigante Tête Noire, assomando acima dos companheiros e trajando armadura blindada da cabeça aos pés, liderava seus abordadores brandindo uma enorme maça, com a qual derrubava ao convés qualquer homem que se aproximasse. Do outro lado, Barba-de-Pá, diminuto na estatura mas de ombros largos e braços compridos, abrira caminho quase até o mastro, com três vintenas de homens de armas genoveses no encalço. Os marujos aos poucos foram prensados entre os dois formidáveis assaltantes, até que estavam de costas uns para os outros debaixo do mastro, com os saqueadores furiosos por todos os lados.

Mas a ajuda estava próxima. Sir Oliver Buttethorn e seus homens de armas desceram pululando do castelo de proa, enquanto sir Nigel com seus três escudeiros, Simon Negro, Aylward, Hordle John e mais uma vintena saltaram da popa e atiraram-se violentamente no calor da batalha. Alleyne, cumprindo sua obrigação, mantinha os olhos fixos em seu senhor e avançava em seu encalço. Ele ouvira falar amiúde sobre a perícia de sir Nigel e sua habilidade com as armas cavaleirescas, mas todas as histórias que haviam chegado a seus ouvidos estavam muito distantes da rapidez e da frieza reais daquele homem. Era como se ele estivesse possuído pelo diabo, pois saltava aqui e ali, estocando num instante e cortando no outro, aparando golpes com o escudo, desviando-os com a lâmina, abaixando-se sob um giro de machado, saltitando para desviar de uma investida de espada. Era tão rápido e errático que alguém que se preparasse para acertá-lo com um golpe poderia encontrá-lo a seis passos de distância, quando finalmente descesse a arma. Já derrubara três piratas e ferira Barba-de-Pá no pescoço, quando, vindo pelo lado, o gigante normando saltou em sua direção com um golpe arrasador de sua maça mortífera. Sir Nigel agachou-se para evitá-lo e no mesmo instante desviou uma estocada do espadachim genovês, mas caiu pesadamente no chão ao escorregar numa poça de

sangue. Alleyne saltou à frente do normando, mas sua espada se estilhaçou e ele foi abatido por um segundo golpe da pesada arma. Antes que o chefe pirata pudesse repetir o ataque, porém, o aperto de aço de John caiu sobre seu punho, e Tête Noire viu-se que desta vez estava nas mãos de um homem mais forte que ele mesmo.

O pirata se esforçou ferozmente para desembaraçar a arma, mas Hordle John dobrou seu braço aos poucos para trás, até que, com um estalo afiado como o de uma vara a quebrar, ele ficou flácido e a maça caiu de seus dedos inertes. Tentou em vão agarrá-la com a outra mão, mas o adversário o dobrava mais e mais para trás, até que, com um rugido de dor e fúria, toda a magnitude do gigante caiu com um estrondo nas tábuas. O vislumbre de uma faca diante das barras de seu elmo alertava que seu fim seria rápido se ele se movimentasse.

Intimidados e desanimados pela perda do líder, os normandos haviam recuado e agora despejavam-se pelas amuradas rumo à própria galé, caindo às dúzias no convés. Mas a âncora ainda os prendia como uma garra, e sir Oliver e seus cinquenta homens estavam logo no encalço deles. Agora, também, os arqueiros tinham espaço para puxar os arcos mais uma vez, e grandes pedras caíam estrondeando da verga acima, espatifando-se em meio aos saqueadores em fuga. Eles corriam por aqui e por ali com gritos loucos e pragas, mergulhando debaixo da vela, agachando-se atrás das longarinas, amontoando-se nos cantos, indefesos e desesperados como coelhos à mercê dos furões. Era uma época dura, e se o soldado honesto, sem dinheiro para um resgate, não tinha qualquer perspectiva de misericórdia no campo de batalha, que piedade haveria para ladrões do mar, os inimigos da humanidade, apanhados no próprio ato e com provas do crime ainda pendendo dos braços de verga?

Mas a luta tomara um novo e estranho rumo do outro lado. Barba-de-Pá e seus homens haviam recuado aos poucos, em apuros com sir Nigel, Aylward, Simon Negro e a guarda da popa. O italiano recuara pé ante pé, com a armadura pingando sangue em cada junta, o escudo rachado, a crista do elmo cortada e a voz reduzida a um mero arquejo rouco. Não obstante, enfrentava os adversários com intrépida coragem, investindo, saltando para trás, com passos precisos e a mão firme, e estocadas que pareciam ameaçar três homens de uma vez. Empurrado para trás, na direção convés de sua própria embarcação, libertou-se da dúzia de ingleses que tinha no encalço e correu rapidamente pelo convés. Saltou mais uma vez na coca, cortou a

corda que segurava a âncora e num instante estava novamente entre seus besteiros. Ao mesmo tempo, os marinheiros genoveses impulsionavam o bordo da coca com remos, e uma abertura surgiu entre as duas embarcações, alargando-se rapidamente.

— Por São Jorge! — exclamou Ford. — Estamos separados de sir Nigel.

— Ele está perdido — arquejou Terlake. — Venha, vamos saltar até lá. — Os dois jovens pularam com toda força, tentando alcançar a galé que se distanciava. Os pés de Ford alcançaram a beirada das amuradas, e ele conseguiu saltar a bordo agarrando-se a uma corda. Terlake não conseguiu, espatifou-se no meio dos remos e afundou no mar. Alleyne, cambaleando de lado, estava prestes a se atirar atrás dele, mas Hordle John segurou-o pelo cinto e o arrastou de volta.

— Você mal consegue ficar de pé, rapaz, muito menos saltar — disse ele. — Veja como o sangue está escorrendo de seu morrião.

— Meu lugar é junto da bandeira — exclamou Alleyne, lutando em vão para se libertar do aperto do outro.

— Fique aqui, homem. Você precisaria de asas para alcançar sir Nigel.

As embarcações agora estavam realmente tão distantes que os genoveses podiam usar todo o alcance de seus remos e se distanciar rapidamente da coca.

— Meu Deus, que luta nobre! — gritou o grande John, batendo palmas. — Eles liberaram a popa e estão saltando no convés. Bom golpe, meu senhor! Bom golpe, Aylward! Veja como Simon Negro investe contra os marinheiros! Mas esse Barba-de-Pá é um guerreiro valente. Ele está reunindo os homens no castelo de proa. Matou um arqueiro. Rá! Meu senhor está em cima dele. Olhe, Alleyne! Veja o turbilhão e o resplendor!

— Pelos céus, sir Nigel caiu! — exclamou o escudeiro.

— Levantou-se! — rugiu John. — Foi apenas uma finta. Ele está fazendo o adversário retroceder. Empurrou-o para o lado. Ah, por Nossa Senhora, a espada o atravessou! Estão clamando por misericórdia. A cruz vermelha desceu, e Simon está içando as rosas escarlates!

A morte do líder genovês realmente significou o fim da resistência. Em meio a uma explosão de vivas na coca e nas galés, o pendão bifurcado tremulava no castelo de proa, e a galé, dando a volta, voltou devagar quando os escravos remadores descobriram os desejos de seus novos senhores.

Os dois cavaleiros estavam mais uma vez a bordo a bordo da coca, os arpéus haviam sido jogados fora e as três embarcações agora deslocavam-se lado a lado. Durante toda a tormenta e agitação da luta, Alleyne estivera ciente da voz de Goodwin Hawtayne, o capitão, com seus constantes “Puxar o lais de guia! Caçar a escota!”, e lhe parecia estranho perceber como os marujos manchados de sangue iam e vinham rapidamente entre o conflito e as cordas. Agora a proa da coca estava voltada para a França e o capitão andava pelo convés, novamente um pacífico comandante.

— A coca sofreu graves danos, sir Nigel — disse ele. — Há um buraco de duas varas no casco, a vela está partida no meio, a madeira tão exposta quanto a careca de um frade. A bem dizer, não sei o que direi ao mestre Witherton quando chegar ao Itchen mais uma vez.

— Por São Paulo, seria um pesar se permitíssemos que você saísse pior do serviço de hoje! — disse sir Nigel. — Você levará essas galés de volta consigo, e mestre Witherton pode vendê-las. Dos lucros ele tirará o suficiente para reparar os danos, e o restante ele deverá guardar até nosso retorno, quando cada homem receberá seu quinhão. Prometi à Virgem uma imagem de prata de quinze polegadas de altura, a ser colocada na capela dela no priorado, pois ela me permitiu defrontar esse Barba-de-Pá, que me pareceu, pelo que pude ver dele, ser um cavaleiro muito vivo e valoroso. Mas como está, Edricson?

— Não foi nada, meu bom senhor — disse Alleyne, que agora afrouxara o morrião transversalmente pelo golpe do normando. Enquanto falava, porém, sua cabeça rodopiou e ele desabou no convés, com sangue a jorrar do nariz e da boca.

— Ele vai voltar a si em breve — disse o cavaleiro, inclinando-se sobre ele e passando os dedos em seus cabelos. — Já perdi um escudeiro muito respeitável e valente hoje. Não poderia aceitar perder outro. Quantos homens caíram?

— Já fiz as contas — disse Aylward, que voltara a bordo com seu senhor. — Foram sete dos homens de Winchester, onze marinheiros, seu escudeiro, o jovem mestre Terlake, e nove arqueiros.

— E quanto aos outros?

— Todos mortos — exceto pelo cavaleiro normando atrás do senhor. O que gostaria que fizéssemos com ele?

— Ele será enforcado na própria verga — disse sir Nigel. — Foi meu juramento, e deve ser cumprido.

O líder pirata estava junto às amuradas com uma corda em torno dos braços e dois robustos arqueiros de cada lado. Ao ouvir as palavras de sir Nigel ele se precipitou violentamente e suas feições morenas se desbotaram para um tom cinzento lívido.

— Como, sir cavaleiro? — exclamou ele num inglês precário. — *Que dites-vous? Enforcado, la mort du chien? Enforcado?*

— Foi meu juramento — disse sir Nigel laconicamente. — Pelo que ouvi, você considerava enforçar outros como algo trivial.

— Camponeses, peões malnascidos — exclamou o outro. — É a morte adequada a eles. *Mais Le Seigneur d'Andelys, avec le sang des rois dans ses veins! C'est incroyable!*

Sir Nigel girou nos calcanhares enquanto dois marinheiros amarravam um nó em torno do pescoço do pirata. Ao toque da corda ele arrebentou as amarras que o prendiam, empurrou um dos arqueiros ao convés, agarrou o outro pela cintura e saltou com ele no mar.

— Por minha empunhadura, ele se foi! — exclamou Aylward, correndo até a lateral. — Afundaram juntos como uma pedra.

— Fico satisfeito — respondeu sir Nigel —, pois embora deixá-lo partir seria contrariar meu juramento, considero que ele se portou como um cavaleiro muito respeitável e cortês.

CAPÍTULO XVII

COMO A COCA AMARELA CRUZOU A BARRA DA GIRONDA

Durante dois dias a coca amarela navegou rapidamente sob um vento nordeste, e na terceira alvorada as terras altas de Ouessant assomaram como neblina na cintilante linha do horizonte. Um aguaceiro repentino desabou perto do meio-dia e a brisa arrefeceu, mas se revigorou antes do cair da noite, e Goodwin Hawtayne caçou a escota e posicionou a proa rumo ao Sul. Na manhã seguinte eles haviam passado por Belle-Île e prosseguiram entre uma frota de navios de transporte que retornavam da Guiena. Sir Nigel Loring e sir Oliver Buttethorn imediatamente penduraram seus escudos na lateral e exibiram seus pendões de acordo com o costume. Eles observaram com o mais aguçado interesse os símbolos mostrados em resposta, que revelavam os nomes dos cavaleiros que haviam sido forçados, por enfermidades ou ferimentos, a deixar o príncipe em momento tão crítico.

Naquela noite uma grande e sombria nuvem que se formou no Oeste fez de Goodwin Hawtayne um homem muito ansioso. Um terço de sua tripulação havia sido morta e metade dos restantes estava a bordo das galés, de forma que, com o navio avariado, ele estava pouco apto a enfrentar uma tempestade como as que costumavam cair sobre aquelas águas. Durante toda a noite ela caiu em sopros curtos e intermitentes, inclinando a grande coca até a água formar ondas sobre as amuradas a sota-vento. Enquanto o vento ainda se revigorava, a verga havia caído quase à metade do mastro pela manhã. Alleyne, miseravelmente enfermo e fraco, com a cabeça ainda latejando pelo golpe que sofrera, arrastou-se até o convés. Ainda que ele estivesse coberto de água e inclinado, era preferível aos antros fétidos e infestados de ratos que serviam como cabines. Ali, agarrando-se às robustas

adriças da escota, ele observou embasbacado as longas colunas de ondas escuras com suas cristas de espuma, vindas em infinita sucessão do inexaurível Oeste. Uma enorme nuvem escura salpicada de manchas lívidas estendia-se por todo o horizonte marítimo, com longos e irregulares raios de luz à frente. Muito atrás deles as duas galés lutavam com dificuldade, afundando entre as ondas até as vergas se nivelarem com as ondas e depois arremetendo como uma concha, até todas as cordas e barras ficassem bem visíveis contra o céu. À esquerda as terras baixas estendiam-se numa névoa turva, escurecendo-se aqui e ali em borrões mais escuros que indicavam os promontórios e cabos mais altos. As terras da França! Os olhos de Alleyne brilharam quando ele as avistou. As terras da França! As próprias palavras soavam como o toque de uma corneta aos ouvidos dos jovens da Inglaterra. As terras onde seus ancestrais haviam derramado sangue, o lar da cavalaria e dos feitos cavaleirescos, o país dos homens galantes, das mulheres refinadas, dos edifícios principescos, dos sábios, dos ilustres e dos santos. Lá estava ela, tão quieta e cinzenta sob a neblina flutuante, a terra das nobrezas e das ignomínias, o palco em que um novo nome poderia fazer fama ou um antigo poderia cair em ruína. Ele tirou o véu amarrotado do peito e levou aos lábios, murmurando um juramento: se a bravura e a benevolência o haviam levado à companhia de sua dama, apenas a morte o afastaria dela. Seus pensamentos ainda estavam no bosque de Minstead e na velha armaria do Castelo de Twynham quando a voz rouca do capitão os devolveu ao Golfo da Biscaia.

— Juro, jovem senhor — disse ele —, que seu rosto está fechado como o do diabo em um batizado, e não me surpreende, pois navego nestas águas desde que tinha a altura deste gancho e nunca vi prenúncio mais nítido de uma noite ruim.

— Não, eu tinha outras coisas em mente — respondeu o escudeiro.

— Como todos — exclamou Hawtayne em um tom ofendido. — Que o capitão cuide disso. Isso é assunto para o comandante do navio. Ponham tudo nas costas do bom mestre Hawtayne! Não fico tão preocupado desde que soei uma trombeta e exhibi um cartel pela primeira vez no portão oeste de Southampton.

— O que há de errado, então? — perguntou Alleyne, pois as palavras do homem estavam pungentes como o clima.

— Errado, deveras? Estou aqui com apenas metade de meus marinheiros, e aquele pedregulho dos diabos nos fez um buraco no qual caberia a viúva

gorda de Northam. O bordo de cá está razoável, mas gostaria que me dissesse o que devo fazer quanto ao outro. É provável que fiquemos tão cheios de água do mar que seremos encontrados salgados como os arenques nos barris dos bálticos.

— O que sir Nigel tem a dizer sobre isso?

— Ele está lá embaixo, tratando do escudo de armas do tio da mãe. “Não me importune com esses assuntos triviais!”, foi o que me respondeu. E há também sir Oliver. “Frite-os no óleo, e tempere com vinho gascão”, disse ele, e depois me xingou por eu não ser o cozinheiro. “Ai de mim”, pensei, “patrão maluco, criado sensato”, e prossegui rumo aos arqueiros. Ora, mas eles foram piores que os outros.

— Não ajudaram, então?

— Não, ficaram sentados aos pares diante de uma tábua. Aquele chamado Alyward, o ruivo grande que quebrou o braço do normando, o homem soturno de Norwich e uma vintena de outros, chocalhando os dados nas luvas por falta de uma caixa. “O navio não vai aguentar muito mais, meus senhores”, disse eu. “Isso é assunto seu, cabeça de porco velho”, exclamou o soturno. “*Le diable t’emporte*”, disse Aylward. “Um cinco, um quatro e um em cheio”, gritou o gigante, com uma voz como o bater da vela. Escute-os agora, jovem senhor, e diga se não estou falando a verdade.

Enquanto ele falava, bem acima do som penetrante do vendaval e do ranger das pranchas podia-se ouvir as rajadas de pragas e os rugidos de risadas profundas dos apostadores no castelo de proa.

— Posso lhe servir de alguma forma? — perguntou Alleyne. — É só dizer e o farei, se duas mãos puderem ajudar.

— Não, não, vejo que sua cabeça ainda está titubeante, e na verdade você sequer a teria se não fosse pelo morrião. Todo o possível já foi feito, pois enchemos a abertura com velas e a amarramos por fora de por dentro. Ainda assim, quando puxarmos o lais de guia e caçarmos a escota, nossas vidas dependerão de a fenda permanecer fechada. Veja como aquele promontório assoma sobre nós na neblina! Temos de cambar à distância de três flechadas ou corremos o risco de uma pedra se enfiar nas nossas pranchas. Agora, louvado seja São Cristóvão! Eis sir Nigel, com quem devo deliberar.

— Rogo que me perdoe — disse o cavaleiro, agarrando-se à amurada. — Não é de meu feitio ser descortês com homens respeitáveis, mas eu estava absorto num assunto de certa importância, a respeito do qual eu gostaria de

seu conselho, Alleyne. É concernente à dimidiação ou o empalamento do escudo de meu tio, sir John Leighton, de Shropshire, que tomou por esposa a viúva de sir Henry Oglander, de Nunwell.^[78] O caso foi muito debatido por passavantes e reis de armas. Mas como vai, capitão?

— Não muito bem, meu bom senhor. A coca tem de continuar em movimento, e não sei como vamos manter a água do lado de fora.

— Vá chamar sir Oliver! — disse sir Nigel, e dentro em pouco o corpulento cavaleiro veio caminhando desarrumado pelo convés escorregadio.

— Por minha alma, capitão, isto é um teste de paciência! — exclamou ele, irado. — Se este seu navio vai ficar dançando e saltitando como um bobo de quermesse, então lhe rogo que me ponha em uma das galeças. Eu mal me sentara com um cantil de malvasia e um queijo de cabeça de porco, como é meu costume a esta hora, quando ouvi um barulho e vi o vinho derramado sobre minhas pernas e o cantil em meu colo. Quando me abaixei para apanhá-lo, outro rangido, e lá estava o queijo de cabeça grudado à minha nunca. Neste momento há dois pajens meus correndo atrás dele de um lado para o outro, como cães de caça atrás de um lebracho. Nem um porco vivo deu tantas cambalhotas. Mas solicitou minha presença, sir Nigel?

— Gostaria de seu conselho, sir Oliver, pois o mestre Hawtayne está temeroso de que o buraco em nosso casco cause perigo quando guinarmos.

— Então não guinemos — disse sir Oliver depressa. — E agora, bom senhor, tenho de me apressar para ver como meus velhacos estão lidando com o queijo de cabeça.

— Não, mas isso não vai bastar — exclamou o capitão. — Se não guinarmos, em menos de uma hora estaremos nas rochas.

— Então guine — disse sir Oliver. — Eis aí está meu conselho. Agora, sir Nigel, tenho de pedir...

No mesmo instante, porém, um grito alarmado veio de dois marujos no castelo de proa.

— Rochas! — berraram eles, apontando para cima com os indicadores. — Rochas bem à frente de nossas proas!

Na crista de uma grande onda negra, a menos de cem passos à frente deles, assomava uma enorme massa de rocha marrom. Ela esguichava espuma como se fosse um monstro à espreita, enquanto estrondos e rugidos surdos e ameaçadores enchiam o ar.

— Rápido! Rápido! — gritou Goodwin Hawtayne, atirando-se sobre a longa estaca que servia de leme. — Cortar adriça! Puxar! Bracear!

A grande longarina girou, e a coca estremeceu e vacilou à distância de cinco lanças dos recifes.

— Ela mal consegue desviar — exclamou Hawtayne, com os olhos se dirigindo da vela para a linha de espuma borbulhante. — Que o abençoado Juliano nos proteja, e o três vezes abençoado Cristóvão também!

— Se há tal perigo, sir Oliver — disse sir Nigel —, seria muito cavaleiresco e apropriado que exibíssemos nossos pendões. Rogo-lhe, Edricson, que ordene a meu porta-guião que pendure o estandarte.

— E soem as trombetas! — exclamou sir Oliver. — *In manus tuas, Domine!* Estou sob a proteção de Tiago de Compostela, a cujo sacrário farei peregrinação e em cuja honra juro que comerei uma carpa todos os anos, em seu dia de festa. *Mon Dieu*, mas as ondas estão rugindo! Como estamos agora, capitão?

— Vamos mareando! Vamos mareando! — exclamou Hawtayne, com os olhos ainda fixos na espuma que chiava exatamente debaixo da barriga na lateral. — Ah, que a Santa Mãe esteja conosco agora!

Enquanto ele falava, a coca raspou na beirada do recife e uma comprida e curva chapa branca de madeira foi aplainada do costado, do convés à popa, por uma protuberância da rocha. No mesmo momento a embarcação virou subitamente, a vela enfunou e ela mergulhou rumo ao mar, em meio aos gritos dos marujos e arqueiros.

— Louvada seja a Virgem! — exclamou o capitão, enxugando o suor. — Da próxima vez que eu vir o estuário de Southampton, mandarei tocar os sinos e queimarei velas por isto. Alegria, meus queridos! Puxem o lais de guia depressa!

— Por minha alma, eu preferiria morrer a seco! — disse sir Oliver. — Embora, *mort Dieu*, eu já tenha comido tanto peixe que seria mais do que justo se os peixes me comessem! Agora tenho de retornar à cabine, pois tenho assuntos que necessitam de minha atenção.

— Não, sir Oliver, é melhor que permaneça conosco e ainda deixe seu estandarte à vista — sir Nigel respondeu. — Se compreendi bem a questão, não fizemos mais do que passar de um perigo a outro.

— Bom mestre Hawtayne — exclamou o contramestre, correndo a ré —, a água está entrando rápido. As ondas soltaram a vela que enfiamos no buraco.

Enquanto ele falava, os marujos haviam se apinhado na popa e no castelo de proa, para evitar a torrente que se derramava pelo enorme vazamento no casco. Muito mais altos que o rugido do vento e o estrondo do mar eram os relinchos estridentes e meio-humanos dos cavalos, quando perceberam a água subindo rapidamente a seu redor.

— Tapem do lado de fora! — exclamou Hawtayne, agarrando uma ponta da vela molhada com a qual o buraco havia sido vedado. — Rápido, meus queridos, ou estaremos perdidos!

Passaram as cordas velozmente pelos cantos, e então, correndo rumo à proa e à popa, desceram-nas abaixo da quilha e as amarraram de modo que a vela cobrisse a parte externa do buraco. A força da corrente foi contida por esse obstáculo, mas a água ainda esguichava em abundância por todos os lados. Nos bordos os cavalos estavam acima da barriga, ao passo que no centro mal seria possível tocar o convés com uma lança de sete de pés a partir da popa. A coca afundava na água e as ondas derramavam-se livremente sobre a amurada.

— Temo que não possamos permanecer nesta direção — exclamou Hawtayne —, mas a outra nos levará às rochas.

— Não poderíamos rizar a vela e esperar um tempo melhor? — sugeriu sir Nigel.

— Não, nós deslizaríamos em direção às rochas. Estou há trinta anos no mar e nunca estive em tamanho apuro. Mas estamos nas mãos dos santos.

— Dentre os quais — exclamou sir Oliver —, olho mais por São Tiago de Compostela, que já nos favoreceu hoje e em cuja festa prometo que comerei mais uma carpa, se ele simplesmente interceder mais uma vez.

A neblina adensara rumo ao mar e a costa não passava de uma linha borrada. Duas vagas sombras em alto mar revelavam onde as galeças rolavam e se sacudiam nas grandes ondas do Atlântico. Hawtayne olhou na direção delas melancolicamente.

— Poderíamos nos salvar se elas se aproximassem, mesmo que a coca naufragasse. Vocês confirmarão ao bom mestre Witherton, de Southampton, que fiz tudo o que estava ao alcance de um capitão. Faria bem em retirar o camal e as grevas, sir Nigel, pois, pela cruz negra, é muito provável que tenhamos de nadar!

— Não — disse o pequeno cavaleiro —, não seria nada digno que um cavaleiro abandonasse o arnês por medo de sopros de vento e poças d'água. Prefiro que minha Companhia se reúna a meu redor aqui na popa, onde

poderemos lidar juntos com o que quer que Deus deseje nos enviar. Mas esteja certo, mestre Hawtayne, de que por mais que minha vista já não seja das melhores, não é a primeira vez que vejo aquele promontório à esquerda.

O marinheiro cobriu os olhos com a mão e observou com gravidade através da bruma e dos borrifos d'água. Subitamente ele atirou os braços para cima e gritou alto de alegria.

— É o cabo de La Tremblade! — exclamou. — Não pensei que já estivéssemos à altura de Oleron. O Gironde está à nossa frente, e tudo estará bem assim que cruzarmos a barra e estivermos ao abrigo da Torre de Cordouan. Guinem novamente, meus queridos, e tentem levá-la ao trajeto principal!

A vela girou mais uma vez, e a coca surrada, deteriorada e quase cheia d'água avançou vacilante rumo ao refúgio da enseada. Uma falésia escarpada ao Norte e um longo lido ao Sul marcavam a foz do nobre rio, com uma ilha baixa de areia assoreada no centro, completamente envolta e coberta pela espuma das ondas que quebravam ali. Uma linha de águas agitadas demarcava a perigosa barra, que mesmo em dias limpos e em climas amenos já quebrara o fundo de muitos grandes navios.

— Há um canal — disse Hawtayne —, que o arrais do próprio príncipe me mostrou. Vejam aquela árvore na margem, e a torre que se ergue atrás dela. Se as duas estiverem alinhadas, exatamente como as vemos agora, pode ser que consigamos, embora nosso navio esteja desviando do trajeto de partida.

— Que Deus o acompanhe, mestre Hawtayne! — exclamou sir Oliver. — Por duas vezes saímos incólumes do perigo, e agora pela terceira vez confio no abençoado Tiago de Compostela, a quem juro...

— Não, não, velho amigo — sussurrou sir Nigel. — É possível que os céus nos julguem por esses seus juramentos, que nenhum homem vivo conseguiria cumprir. Já não ouvi você jurar comer duas carpas num só dia, e agora quer se aventurar a prometer uma terceira?

— Rogo-lhes que ordenem aos homens da Companhia que deitem no chão — exclamou Hawtayne, que assumira o leme e mirava à frente com o olhar fixo. — Dentro de três minutos estaremos perdidos ou a salvo.

Arqueiros e marujos deitaram-se no convés, aguardando em um silêncio impassível o que quer que o destino lhes trouxesse. Hawtayne apoiou todo seu peso no leme, e se agachou para espiar por debaixo da vela que enfunava. Sir Oliver e sir Nigel permaneciam aprumados e com as mãos

cruzadas à frente da popa. A grande coca deslizou para dentro do estreito canal que era o portal da salvação. A barra rasa rugia dos dois lados. Bem adiante uma pequena trilha de água negra a rodopiar demarcava o trajeto do arrais. Mas a mão que os guiava era firme, e o olhar preciso. Um ruído surdo de raspagem veio de baixo, a embarcação estremeceu e balançou no convés principal e nas amuradas, e o ameaçador rugido das águas ficou para trás. Com uma arremetida, a coca amarela atravessou a barra e avançou rapidamente rumo ao amplo e tranquilo estuário do Gironda.

CAPÍTULO XVIII

COMO SIR NIGEL LORING PÔS UMA VENDA NO OLHO

Foi na manhã de sexta-feira, o vigésimo oitavo dia de novembro, dois dias antes da festa de Santo André, que a coca e suas duas prisioneiras, após uma fatigante navegação pelo Gironda e pelo Garona, por fim baixou âncora diante da nobre cidade de Bordeaux. Maravilhado e admirado, Alleyne debruçou-se nas amuradas e observou a floresta de mastros, o enxame de barcos que disparavam por aqui e por ali no seio do largo e curvo curso d'água, e também a cidade cinzenta em forma de crescente que se estendia com inúmeras torres e minaretes ao longo da costa oeste. Nunca antes, em sua pacata vida, ele havia visto vila tão grande — e nem existia em toda a Inglaterra alguma que se equiparasse a ela em tamanho ou riqueza, à única exceção de Londres. Para cá vinham as mercadorias de todas as belas regiões banhadas pelo Garona e pelo Dordonha — os tecidos do Sul, as peles da Guiena, os vinhos do Médoc — a fim de serem transportados para Hull, Exeter, Dartmouth, Bristol ou Chester, em troca das lãs da Inglaterra. Aqui também residiam os famosos fundidores e soldados que haviam feito do aço de Bordeaux o mais confiável da terra, cujas têmperas dadas a lanças ou espadas podiam significar a diferença entre a morte a vida para seus portadores. Alleyne conseguia ver a fumaça das forjas fumegando no ar fresco da manhã. A tempestade se reduzira agora a uma suave brisa, que soprava em seus ouvidos os prolongados e vivos chamados de corneta que soavam das antigas fortificações.

— Ei, *mon petit!* — disse Aylward, aproximando-se de onde ele estava. — És um escudeiro agora, e com grandes chances de conquistar as esporas douradas, enquanto ainda sou o mestre-arqueiro, e como tal permanecerei.

[79] Se me achesse a tagarelar à vontade com você como quando andamos

juntos por Wilverley Chase, eu seria seu guia agora, pois na verdade conheço cada casa de Bordeaux como um frade conhece as contas de seu rosário.

— Não, Aylward — disse Alleyne, pousando a mão na manga do justilho puído do companheiro —, você não pode pensar que sou mesquinho a ponto de dispensar um velho amigo pois tive um pouco de boa sorte. Fico aborrecido que você tenha pensado tão mal de mim.

— Não, *mon gars*. Foi só um tiro para testar a direção do vento, embora eu tenha sido um patife por duvidar de você.

— Ora Aylward, se eu não o tivesse conhecido na estalagem em Lyndhurst, quem sabe onde eu estaria agora? Decerto não teria ido ao Castelo de Twynham, nem me tornado escudeiro de sir Nigel, nem conhecido... — Ele se deteve abruptamente e corou até os cabelos, mas o arqueiro estava demasiadamente ocupado com seus próprios pensamentos para perceber o constrangimento do jovem companheiro.

— Era um bom albergue, aquele Esmerilhão Malhado — comentou ele. — Pelos ossos de meus dez dedos, quando eu pendurar o arco e trocar minha brigantina por uma túnica, não seria mal tomar a dama e o negócio!

— Pensei — disse Alleyne —, que você estivesse prometido a alguém em Christchurch.

— A três — respondeu Aylward, mal-humorado —, a três. Temo não poder voltar a Christchurch. Pode ser que haja atividades mais violentas em Hampshire do que jamais encontrei na Gasconha. Mas veja agora aquela torreta elevada no centro, recuada do rio e com um estandarte largo no cume. Observe como o sol nascente bate em cheio nele e reluz nos leões dourados. Aquele é o estandarte real da Inglaterra, cruzado pelo selo do príncipe. É ali a residência dele, a abadia de Santo André, onde ele recebe a corte nestes últimos anos. Ao lado está a catedral do mesmo santo, que olha pela cidade com atenção especial.

— E quanto àquela torreta cinzenta à esquerda?

— É o templo de São Miguel, e aquele à direita é o de São Remígio. Lá também, acima da popa daquela nave, pode-se ver as torres de Santa Cruz e de Pey Berland. Observe também as possantes fortificações, que têm três portões para a água e mais dezesseis para a terra.

— E por que é que tanta música vem da cidade, meu bom Aylward? Parece que consigo ouvir centenas de trombetas, todas tocando em coro.

— Estranho seria se não fosse assim, visto que todos os grandes senhores da Inglaterra e da Gasconha estão do lado de dentro das muralhas. Cada um deles quer que seu trombeteiro sobre tão alto quanto o do vizinho, para que não se pense que sua dignidade diminuiu. *Ma foi!* Fazem tanto barulho quanto um exército escocês, em que todos se enchem de panquecas e ficam sentados a noite inteira soprando as gaitas de foles. Veja como ao longo de toda a margem os pajens dão água aos cavalos, e como galopam com eles pela planície mais além! Cada cavalo representa um cavaleiro armado que está hospedado na cidade, pois os homens de armas e arqueiros já seguiram para Dax, pelo que ouvi dizer.

— Espero, Aylward — disse sir Nigel, chegando ao convés —, que os homens estejam prontos para desembarcar. Vá dizer a eles que os botes estarão à espera dentro de uma hora.

O arqueiro ergueu a mão em continência e se apressou. Enquanto isso, sir Oliver seguira seu irmão cavaleiro e os dois andavam juntos a passos largos pela popa. Sir Nigel vestia seu traje de veludo cor de ameixa e um barrete da mesma cor, decorado na frente com a luva de lady Loring e cingido por uma pluma de avestruz enrolada. O corpulento cavaleiro, por outro lado, trajava a última moda, com túnica, gibão, perponte, jaqué e paletó verde-oliva, salpicado de rosa e chanfrado nas bordas. Um chapeirão vermelho, com uma comprida *cornette* caída, repousava delicadamente em suas madeixas negras, ao passo que seus sapatos em tons de ouro tinham as pontas torcidas *à la poulaine*, como se os dedos dos pés lançassem um filamento que a qualquer momento poderia se enroscar em sua perna maciça.

— Mais uma vez, sir Oliver — disse sir Nigel, olhando na direção do litoral com os olhos brilhantes —, nos vemos diante dos portões da honra, a entrada que tantas vezes nos conduziu a tudo o que há de respeitável e cavaleiresco. O estandarte do príncipe tremula ali, e faríamos bem em nos apressarmos para desembarcar e prestar nossas reverências a ele. Os botes já estão se reunindo na margem.

— Há um agradável albergue perto do portão oeste, famoso por seu assado de frango com especiarias — observou sir Oliver. — Poderíamos matar a fome antes de procurarmos o príncipe, pois embora as mesas dele sejam repletas de tecido adamsado e prata, ele mesmo não é tão bom comedor, e não é simpático a seus superiores.

— Superiores?

— Superiores diante do trincho, rapaz. Não sinta cheiro de traição onde não há. Já vi o príncipe sorrir, à sua maneira silenciosa, quando eu olhava pela quarta vez na direção do escudeiro de mesa. E, a bem dizer, vê-lo morder um bocadinho de pão ou bebericar uma taça de vinho três vezes aguado é o bastante para um homem sentir vergonha de sua própria fome. Mas embora a guerra e a glória já andem bastante adiantadas, meu bom amigo, elas não são capazes de apertar o cinto que prende minha cintura.

— Como lê o escudo pendurado naquela galé, Alleyne? — perguntou sir Nigel.

— De prata, uma banda, de verde, entre coticas denteladas, de vermelho.

— É um escudo nortenho. Já o vi no séquito dos Percy. A julgar pelos brasões, em cada uma dessas embarcações há um cavaleiro ou barão a bordo. Gostaria que meus olhos fossem melhores. Como lê aquele à esquerda?

— De prata e de azul, seis faixas onçadas.

— Rá, é o símbolo dos Stourton de Wiltshire! E vejo lá o vermelho e prata dos Worsley de Appuldurcombe, que são de linhagem do Hampshire, como eu. Bem atrás de nós está a cruz ancorada do galante William Molyneux, e ao lado dela as asnas sangrentas dos Woodhouse de Norfolk, e também os aneletes dos Musgrave de Westmoreland. Por São Paulo, seria muito estranho se uma companhia tão nobre se reunisse sem dar origem a um feito de armas notável! Eis aqui nosso bote, sir Oliver, e me parece melhor nos dirigirmos à abadia com nossos escudeiros e deixar que mestre Hawtayne cuide do desembarque.

Tanto os cavalos dos cavaleiros quanto os dos escudeiros foram rapidamente baixados a uma larga barcaça e chegaram à costa quase ao mesmo tempo que os donos. Sir Nigel dobrou o joelho com devoção quando pôs os pés na terra, e, retirando um pequeno pano preto do peito, amarrou-o com firmeza sobre o olho esquerdo.

— Que o abençoado Jorge e a memória de minha querida e amada dama elevem meu coração! — disse ele. — Como promessa, juro que não retirarei esta venda de meu olho até ver alguma parte das terras da Espanha e realizar um pequeno feito, como me cabe. E isto juro pela cruz de minha espada e pela luva de minha dama.

— Na verdade, você me fez voltar a vinte anos atrás, Nigel — disse sir Oliver, quando haviam montado e cavalgavam pelo portão voltado para a água. — Depois de Cadzand, creio que os franceses pensaram que éramos

um exército de cegos, pois poucos eram os homens que não haviam vendado um olho pelo amor e honra de sua dama. Mas para você será difícil tapar um lado, se mal pode diferenciar um cavalo de uma mula mesmo com os dois olhos abertos. Na verdade, amigo, penso que você fugiu à razão nessa questão.

— Sir Oliver Buttethorn — disse o pequeno cavaleiro bruscamente —, gostaria que entendesse que, cego como sou, ainda consigo enxergar muito nitidamente o caminho da honra, e que é esta é uma estrada na qual não peço orientação a ninguém.

— Por minha alma — disse sir Oliver —, você está azedo como agrão hoje! Se está inclinado a brigar comigo, terei de deixá-lo com seu mau-humor e entrar no Tête d'Or. Notei um criado passando pela porta com um prato fumegante, que exalava um aroma que me pareceu excelentíssimo.

— Não, não — exclamou o camarada, pousando a mão no joelho dele —, nós nos conhecemos há tempo demais para que brigemos como dois pajens novatos em suas primeiras provações, Oliver. Primeiro venha comigo encontrar o príncipe, e depois voltamos ao albergue. Estou certo, porém, de que o coração dele ficará pesaroso por saber que um respeitável cavaleiro trocou sua mesa por uma taverna comum. Mas aquele ali não é lorde Delewar acenando para nós? Rá! Meu bom senhor, que Deus e Nossa Senhora estejam consigo! E eis aqui sir Robert Cheney. Bom dia, Robert! É um prazer revê-lo.

Os dois cavaleiros prosseguiram a cavalo lado a lado, ao passo que Alleyne e Ford, juntamente com John Norbury, escudeiro de sir Oliver, mantinham-se alguns passos atrás, à distância de uma lança à frente de Simon Negro e do porta-guião de Winchester. Norbury, um homem esguio e silencioso, já estivera nessas partes antes e montava o cavalo com o pescoço rígido. Os dois jovens escudeiros, no entanto, olhavam pasmados para os dois lados e puxavam as mangas um do outro, chamando a atenção para as diversas coisas estranhas que viam por todos os lados.

— Veja as lindas tendas! — exclamou Alleyne. — Veja aquela nobre armadura em exibição, e o suntuoso tafetá. Oh, Ford, veja onde o escriba está sentado com os pigmentos e os tinteiros de chifre, e os rolos de pergaminho brancos como os lençóis e toalhas de Beaulieu! Já viu algo assim antes?

— Ah, homem, há tendas melhores em Cheapside — respondeu Ford, cujo pai o levava a Londres por ocasião de umas das justas de Smithfield.

— Lá vi o barracão de um prateiro que poderia comprar qualquer lado desta rua. Mas observe essas casas, Alleyne, como são salientes no topo. E veja os escudos de armas em todas as janelas, e os estandartes e pendões nos telhados.

— E as igrejas! — exclamou Alleyne. — O priorado de Christchurch era um edifício imponente, mas ele me parece frio e nu ao lado de um destes, com seus entalhes, esculturas e rendilhados, como se uma enorme hera de pedra tivesse se enroscado e gracejado pelas paredes.

— E escute a língua deles! — disse Ford. — Já ouviu tantos chiados e estalidos? Espanta-me que não tenham aprendido o inglês, agora que estão sob o domínio da coroa da Inglaterra. Por Richard de Hampole, há rostos belos na multidão! Veja aquela moça com o véu marrom! Raios, Alleyne, você prefere olhar para a pedra morta, ao invés da carne viva!

Não era surpresa que a opulência e a decoração, não apenas das igrejas ou tendas, mas também de todas as casas particulares, tivessem impressionado os jovens escudeiros. A cidade estava no ápice de suas fortunas. Além do comércio e dos armeiros, outros motivos haviam se combinado para derramar riquezas ali. A guerra, que causara mal a tantas belas cidades ao redor, trouxera apenas coisas boas a esta. Enquanto suas irmãs francesas se arruinavam, ela crescia. Os saques eram vendidos e o dinheiro dos resgates era gasto aqui, trazidos do Norte, do Leste e do Sul. Durante muitos anos uma maré dupla se derramara por todos os dezesseis portões voltados para o continente: soldados com os bolsos vazios rumo à França e bandos de homens carregados e enriquecidos levando os espólios para casa. A corte do príncipe também, com seu enxame de nobres barões e ricos cavaleiros, muitos dos quais haviam trazido esposas e filhos da Inglaterra, à imitação de seu senhor, também contribuía para o incremento dos cofres dos burgueses. Agora, com a nova afluência de fidalgos e cavaleiros, era difícil conseguir alimentação e hospedagem, e o príncipe apressava suas forças rumo a Dax, na Gasconha, para aliviar a superlotação da capital.

Em frente à catedral e à abadia de Santo André uma grande praça abarrotava-se de sacerdotes, soldados, mulheres, frades e burgueses, que faziam dela seu centro comunal para passeios e fofocas. Em meio à concentração dos expressivos e barulhentos habitantes da cidade, muitos grupos pequenos de cavaleiros montados e escudeiros trilhavam seus caminhos rumo aos alojamentos do príncipe, onde as enormes portas com

barras de ferro estavam escancaradas para indicar que ele estava em audiência do lado de dentro. Duas vintenas de arqueiros ficavam postados de pé junto à porta de entrada, e de tempos em tempos afastavam com os cabos de seus arcos a multidão curiosa e tagarela que se apinhava ao redor do portal. Dois cavaleiros em armadura completa, com as lanças erguidas e as viseiras fechadas, montavam cavalos dos dois lados, enquanto no meio, com dois pajens a assisti-lo, havia um homem de rosto nobre em uma beca púrpura esvoaçante, que rabiscava numa folha de pergaminho as honrarias e títulos de cada requerente, posicionando-os na ordem correta e fornecendo a cada um o lugar e os benefícios exigidos por sua posição. A longa barba branca e o olhar penetrante lhe concediam um ar de dignidade autoritária, incrementada pelo tabardo que trajava e pelo barrete heráldico, com a pluma tripla que evidenciava seu cargo.

— Aquele é sir William de Pakington, arauto e escriba do próprio príncipe — sussurrou sir Nigel, quando se detiveram na fila de cavaleiros que aguardavam admissão. — Quem se arrisca a enganá-lo não se dá bem. Ele sabe de cor os nomes de todos os cavaleiros da França e da Inglaterra, e a árvore completa das famílias, com os parentescos, escudos de armas, casamentos, incrementos, reduções, e não sei mais o quê. Podemos deixar nossos cavalos aqui com os criados, e prosseguir com nossos escudeiros.

Seguindo o conselho de sir Nigel, eles seguiram a pé até estarem próximos do secretário do príncipe, que se encontrava em intenso debate com um cavaleiro jovem e debochado, inclinado a passar por cima dele.

— Mackworth? — disse o rei de armas. — Estou ciente, jovem senhor, de que não se apresentou antes.

— Não, pus os pés em Bordeaux há menos de um dia, mas temi que o príncipe pudesse estranhar se eu não me apresentasse a seu serviço.

— O príncipe tem outros assuntos para pensar — disse sir William de Pakington —, mas se você é um Mackworth, deve ser um Mackworth de Normanton, e de fato vejo agora que seu escudo é de negro e arminho.

— Sou um Mackworth de Normanton — respondeu o outro, com certo desconforto na conduta.

— Então deve ser sir Stephen Mackworth, pois sei que foi ele quem assumiu as armas e o nome, o grito de guerra e os proventos quando o velho sir Guy morreu.

— Sir Stephen é meu irmão mais velho. Eu sou Arthur, o segundo filho — disse o jovem.

— De fato, de fato! — exclamou o rei de armas, com um olhar desdenhoso. — E lhe pergunto, sir segundo filho, onde estão as brisuras que distinguem sua posição? Atreve-se a ostentar o escudo de seu irmão sem o crescente que deveria marcá-lo como cadete. Vá para seus alojamentos, e não se aproxime do príncipe até que o armeiro tenha colocado a figura correta em seu escudo. — Enquanto o jovem se retirava confuso, o olhar aguçado de sir William divisara as cinco rosas vermelhas em meio à multidão de escudos e à nuvem de pendões que tinha à frente.

— Rá! — exclamou ele. — Temos figuras aqui que estão acima de qualquer suspeita de falsificação. As rosas de Loring e a cabeça de javali de Buttethorn podem ficar distantes nos tempos de paz, mas por minha fé, não devem se refrear na guerra! Sejam bem-vindos, sir Oliver, sir Nigel! Chandos ficará profundamente contente ao vê-los. Por aqui, meus bons senhores. Seus escudeiros sem dúvida são dignos da fama dos mestres. Por este corredor, sir Oliver! Edricson! Rá! Da antiga estirpe de Edricsons do Hampshire, imagino. E Ford, são de uma linhagem saxã do Sul, de boa reputação. Há Norburys em Cheshire e em Wiltshire, e também, segundo ouvi, nas fronteiras. Então, bons senhores, providenciarei para que sejam admitidos logo.

Terminara o comentário profissional escancarando uma porta dobrável e fazendo menção para que o grupo adentrasse um amplo salão, repleto de um grande número de pessoas à espera, como eles, de uma audiência. O cômodo era muito espaçoso, iluminado de um lado por três janelas abobadadas e maineladas, ao passo que do outro havia uma enorme lareira em que um monte de lenha ardia alegremente. Muitos dos presentes haviam se reunido ao redor das chamas, pois o clima estava cruelmente frio, mas os dois cavaleiros sentaram-se num bancal, com os escudeiros permanecendo de pé atrás. Observando o cômodo, Alleyne notou que carvalho da mais alta qualidade cobria tanto o piso quanto o teto. Este era atravessado por doze vigas em arco, adornadas com os lírios e leões das armas reais em cada extremidade. No lado mais distante havia uma pequena porta com um homem de armas postado de cada lado. De tempos em tempos um idoso trajando preto, com ombros arredondados e um comprido bastão branco na mão, surgia desse cômodo interior e acenava para algum dos presentes, que retirava o barrete e o seguia.

Os dois cavaleiros estavam absortos em conversação quando Alleyne observou um indivíduo notável que vinha pelo cômodo na direção deles.

Todas as cabeças se viravam para acompanhá-lo quando ele passava pelos grupos de cavaleiros. Era evidente, pelas reverências e saudações respeitadas vindas de todos os lados, que o interesse que ele provocava não se devia meramente a sua estranha aparência. Era alto e reto como uma lança, embora de idade avançada, pois seu cabelo, encaracolado debaixo do chapéu de veludo, era branco como a neve recém-caída. Não obstante, pelo gingado de seu andar e a energia de seus passos, ficava claro que ele ainda não perdera o ardor e a energia da juventude. O rosto feroz, à feição de um falcão, era barbeado como o de um padre, exceto por uma comprida e fina mecha branca que formava um bigode pendente quase à altura dos ombros. Era fácil julgar que ele havia sido atraente, por seu alto nariz aquilino e pelo queixo bem-definido. Suas feições, porém, haviam sido tão distorcidas por suturas e cicatrizes de velhos ferimentos e pela perda de um olho arrancado da órbita, que restava pouco que lembrasse o ousado e jovem cavaleiro que há cinquenta anos fora o mais belo e o mais corajoso de toda a cavalaria inglesa. Mas que cavaleiro presente naquele salão de Santo André não teria ficado satisfeito em trocar a juventude, a beleza e todas as posses pela fama desse homem? Pois quem mais poderia se chamar Chandos, o cavaleiro imaculado, o sábio conselheiro, o valente guerreiro, o herói de Crécy, de Winchelsea, de Poitiers, de Auray e de tantas batalhas quantos eram os anos que já vivera?

— Rá, meu coraçãozinho de ouro! — exclamou ele, disparando subitamente e atirando os braços ao redor de sir Nigel. — Ouvi que estava aqui, e estava procurando por você.

— Meu bom e caro senhor — disse o cavaleiro, devolvendo o abraço do guerreiro —, retornei de fato à sua companhia, pois onde mais eu aprenderia a ser um respeitável e intrépido cavaleiro?

— Juro, Nigel — disse Chandos sorrindo —, que é muito conveniente que sejamos companheiros, pois já que você tapou um dos olhos e eu tive o infortúnio de perder um, os dois que temos formam um par. Ah, sir Oliver! Você estava em meu lado cego, e não o vi. Uma vidente fez uma profecia de que esse lado cego um dia causará minha morte. Temos de entrar para ver o príncipe sem demora, mas a verdade é que ele tem muito nas mãos. Tem um papel desconfortável a desempenhar com Pedro, com o rei de Maiorca e com o rei de Navarra, que não passam dois dias sem discordar, e com os barões da Gasconha que regateiam termos como vendilhões. Mas como passava lady Loring quando a deixou?

— Passava bem, meu bom senhor, e lhe enviou seus cumprimentos e serviços.

— Sou para sempre cavaleiro e criado dela. E a viagem? Espero que tenha sido agradável.

— A melhor possível. Avistamos duas galés de piratas, e até chegamos a uma pequena disputa com eles.

— Sempre cruzando com a sorte, Nigel! — disse sir John. — Temos de ouvir essa história sem demora. Mas considero melhor que deixem seus escudeiros e venham comigo, pois por mais apertado que esteja o príncipe, tenho certeza de que ele detestaria deixar dois velhos camaradas de armas do lado de fora. Sigam-me de perto, e farei o papel do velho sir William, embora não possa prometer enumerar suas honrarias e títulos como ele costuma fazer.

Dizendo isso, caminhou na direção do aposento interno com os dois companheiros no encalço, assentindo à direita e à esquerda quando avistavam rostos familiares em meio à multidão.

CAPÍTULO XIX

COMO UM TUMULTO TEVE LUGAR NA ABADIA DE SANTO ANDRÉ

A sala de recepção do príncipe, embora não fosse grande, era mobiliada com toda a classe e o luxo que a fama e o poder do proprietário exigiam. Um amplo dossel de veludo escarlate salpicado com flores-de-lis prateadas cobria um estrado elevado na extremidade mais distante, sustentado nos cantos por hastes de prata. Ele era cercado por quatro degraus acarpetados do mesmo material, ao passo que a todo o redor estavam espalhadas opulentas almofadas, esteiras orientais e suntuosos tapetes de pele. As mais seletas tapeçarias produzidas pelos teares de Arras cobriam as paredes, nas quais as batalhas de Judas Macabeu estavam registradas. Nelas, os guerreiros judeus usavam couraças com cristas, lanças e flâmulas, como os ingênuos artistas da época costumavam retratá-los. Alguns ricos bancais e arquibancos, caprichosamente esculpidos e decorados com tapeçarias de couro envernizado ao estilo *or basané*, completavam o mobiliário do aposento. A exceção era um lado do estrado onde havia um alto poleiro, sobre o qual estavam três gerifaltes da Prússia, encapuzados e peados, tão silenciosos e imóveis quanto o passarinho de pé ao lado.

No meio do estrado havia duas cadeiras muito altas e acapeladas que se arqueavam sobre as cabeças dos ocupantes, completamente cobertas por seda azul-clara salpicada com estrelas douradas. Na da direita estava sentado um homem ruivo muito alto e bem constituído, de rosto lívido e frios olhos azuis que continham algo peculiarmente sinistro e ameaçador. Ele se recostava em uma posição desleixada e bocejava sem parar, como se estivesse genuinamente cansado dos procedimentos, inclinando-se de quando em quando para afagar um desgrenhado galgo espanhol escarrapachado sob seus pés. No outro trono, muito apumado e com o

porte empertigado, como o de alguém que exige de si mesmo um bom comportamento, estava uma pessoa baixa, rechonchuda, de rosto rosado e arredondado, que sorria e assentia para todos aqueles com cujos olhares cruzava. Entre eles, um pouco à frente, num modesto tamborete, estava sentado um jovem magro e soturno, cujo vestuário sóbrio e maneiras recatadas dificilmente o proclamariam como o mais distinto príncipe da Europa. O jubão de tecido azul-escuro, marcado com fivelas e pingentes de ouro, parecia ser uma vestimenta simples e tristonha em meio à opulência de sedas, arminhos e fustões dourados que o cercavam. Estava acomodado com as duas mãos entrelaçadas ao redor do joelho, a cabeça levemente curvada e uma expressão de impaciência e preocupação nas feições francas e bem-formadas. Atrás dos tronos havia dois homens em becas púrpura, com os rostos ascéticos e barbeados, além de meia dúzia de outros dignitários e titulares de altos cargos da Aquitânia. Nos dois lados dos degraus abaixo havia quarenta ou cinquenta barões, cavaleiros e cortesãos, alinhados em fileiras triplas à direita e à esquerda, com um corredor livre no meio.

— Ali está o príncipe — sussurrou sir John Chandos quando entraram. — Aquele à direita é Pedro, que estamos prestes a instalar no trono espanhol. O outro é don Jaime, que com o auxílio de Deus pretendemos ajudar a se sentar no trono de Maiorca. Agora sigam-me, e não levem a mal se ele for um pouco brusco, pois mente dele está realmente cheia com diversas preocupações muito importantes.

O príncipe, no entanto, já notara a chegada deles. Pondo-se de pé de um salto, avançara com um sorriso triunfante e o fulgor das boas-vindas no olhar.

— Não precisamos de seus bons serviços como arauto aqui, sir John — disse ele numa voz baixa, mas audível; — conheço muito bem esses valentes cavaleiros. Sejam bem-vindos à Aquitânia, sir Nigel Loring e sir Oliver Buttethorn. Não, deixem para ajoelhar para meu querido pai em Windsor. Prefiro suas mãos, meus amigos. Vamos dar a vocês algum trabalho antes que vejam os outeiros do Hampshire mais uma vez. Conhece algo da Espanha, sir Oliver?

— Nada, sire, exceto que ouvi falar sobre um prato chamado *olla* que preparam por lá, embora nunca me tenha ficado claro se não passa de um guisado, como encontramos no sul da Inglaterra, ou se leva algum tempero peculiar à Espanha, como funcho ou alho.

— Suas dúvidas logo serão sanadas, sir Oliver — respondeu o príncipe às gargalhadas, como vários barões que os cercavam. — Sua Majestade, aqui presente, sem dúvida dará a ordem para que lhe sirvam esse prato muito bem temperado, quando estivermos todos a salvo em Castela.

— Servirei um prato muito bem temperado a alguns que conheço — respondeu don Pedro com um sorriso frio.

— Meu amigo sir Oliver é um combatente bastante destemido, mesmo sem morder ou bebericar — comentou o príncipe. — Não o vi portando-se mui valorosamente em Poitiers, quando há dois dias passávamos apenas a casca de pão e copos de água suja? Vi com meus próprios olhos como ele decepou a cabeça de um cavaleiro da Picardia com um golpe de espada, no meio do conflito.

— O patife pôs-se entre mim e a carroça de provisões francesa mais próxima — murmurou sir Oliver, em meio a novas risadinhas dos que estavam próximos e conseguiram ouvi-lo.

— Quantos homens trouxeram em seus séquitos? — perguntou o príncipe, adotando um tom mais sério.

— Tenho quarenta homens de armas, sire — disse sir Oliver.

— E eu tenho cem arqueiros e uma vintena de lanceiros, mas há duzentos homens à minha espera deste lado do mar, nas fronteiras de Navarra.

— E quem são eles, sir Nigel?

— São uma companhia livre, sire, conhecida como a Companhia Branca.

Para o espanto do cavaleiro, suas palavras provocaram uma explosão de risadas dos barões ao redor, às quais se juntaram também os dois reis e o príncipe. Sir Nigel pestanejava calmamente em direção a cada um deles, até que enfim percebeu um robusto cavaleiro de barba negra ao seu lado, cuja risada soava um tanto mais alta que as outras, e encostou de leve em sua manga.

— Talvez, meu bom senhor — sussurrou ele —, haja algum pequeno juramento do qual eu poderia libertá-lo. Poderíamos debater honrosamente essa questão. Quiçá sua respeitável cortesia me concederia uma troca de golpes.

— Não, não, sir Nigel — exclamou o príncipe —, não atribua a ofensa a sir Robert Briquet, pois somos todos um só e estamos atolados na mesma lama. Na verdade, ainda há pouco ouvimos sobre feitos dessa companhia que nos aborreceram, e acabo de jurar enforcar o homem que fosse seu capitão. Nunca imaginei encontrá-lo entre meus mais bravos e seletos

chefes de guerra. Mas o juramento agora é nulo, pois como você nunca viu a companhia, seria tolice culpá-lo pelos atos deles.

— Meu soberano — disse sir Nigel —, meu enforcamento seria insignificante, embora uma morte um tanto mais ignóbil do que eu esperaria. Por outro lado, seria muito grave que o senhor, príncipe da Inglaterra e fina flor da cavalaria, prestasse um juramento, em ignorância ou não, e falhasse em cumpri-lo.

— Não se incomode com isso — respondeu o príncipe, sorrindo. — Ainda hoje estive aqui um cidadão de Montauban, que nos contou tal história sobre saques, pilhagens e homicídios que fez nosso sangue ferver, mas nossa fúria voltou-se contra o homem que detinha a autoridade sobre eles.

— Meu caro e honrado senhor — exclamou Nigel, ansiosíssimo —, estou muito temeroso de que, em sua nobreza de coração, esteja deturpando o juramento que prestou. Se houver uma sombra sequer de dúvida quanto à forma dele, seria mil vezes melhor que...

— Paz! Paz! — exclamou o príncipe, impaciente. — Posso muito bem cuidar de meus próprios juramentos e de seu cumprimento. Esperamos ver os dois no salão de banquete dentro em pouco. Entrementes, vocês nos servirão com seus séquitos. — Fez uma reverência, enquanto Chandos, puxando sir Oliver pela manga, conduziu os dois para o fundo da turba de cortesãos.

— Ora, coleguinha — sussurrou ele —, você está muito ansioso para enfiar o pescoço num nó. Por minha alma! Se o tivesse pedido a nosso novo aliado, don Pedro, ele não teria feito objeção. Aqui entre amigos: há muito de carrasco nele, e pouco de príncipe. Mas essa tal Companhia Branca realmente é um bando brutal, e pode ser que você tenha de manejá-los antes de estar seguro no comando.

— Com a ajuda de São Paulo, não tenho dúvidas de que os porei em ordem — respondeu sir Nigel. — Mas aqui há muitos rostos que me são novos, embora haja outros que vejo desde a primeira vez em que servi meu querido mestre, sir Walter. Rogo-lhe que me diga, sir John: quem são os sacerdotes no estrado?

— Um deles é o arcebispo de Bordeaux, Nigel, e o outro é o bispo de Agen.

— E o cavaleiro de frente escura, com a barba meio grisalha? Juro que ele parece ser um homem de muita sabedoria e coragem.

— É sir William Felton, que, assim como minha indigna pessoa, é um dos principais conselheiros do rei. Ele é o alto intendente e eu sou o senescal da Aquitânia.

— E os cavaleiros à direita, ao lado de don Pedro?

— São cavaleiros da Espanha, que o seguiram no exílio. O que está bem ao lado dele é Fernando de Castro, tão valente e fiel quanto se pode esperar. À frente dele, à direita, estão os lordes gascões. Pode perceber que são eles pelos cenhos franzidos, pois tem havido certa má vontade entre o príncipe e eles nos últimos tempos. O homem alto e corpulento é o *captal* de Buch, a quem duvido que você não conheça, pois cavaleiro mais valente jamais brandiu uma lança. O *cavalier* de rosto carregado puxando as saias dele e cochichando em seus ouvidos é lorde Olivier de Clisson, também conhecido como o açougueiro. É ele quem atíça o conflito, sempre soprando as brasas e as transformando em chamas. Aquele com a verruga na bochecha é lorde Pommers, com os dois irmãos atrás, e também há lorde Lesparre, lorde de Rosem, lorde de Mucident, sir Perducas d'Albret, o *souldich* de la Trane e outros. Mais atrás estão cavaleiros de Quercy, do Limusino, de Saintonge, de Poitou e da Aquitânia, além do bravo sir Guiscard d'Angle. Ele é aquele trajando o gibão rosado com arminho.

— E os cavaleiros ao lado?

— São todos ingleses, alguns da corte e outros capitães de companhias, como você. Ali estão lorde Neville, sir Stephen Cossington e sir Matthew Gourney, e também sir Walter Huet, sir Thomas Banaster e sir Thomas Felton, o irmão do alto intendente. Observe bem o homem de nariz alto e barba loura, que pôs a mão no ombro do cavaleiro soturno e de feições duras com o jubão manchado.

— Sim, por São Paulo! — observou sir Nigel. — Ambos ostentam marcas de armadura nas túnicas. Parece-me que são do tipo que fica mais à vontade num acampamento que na corte.

— Há muitos de nós que são assim, Nigel — disse Chandos —, e arrisco-me a afirmar que o cabeça da corte é um desses. Mas quanto a esses dois, um é sir Hugh Calverley e o outro é sir Robert Knolles.

Sir Nigel e sir Oliver esticaram os pescoços para ver melhor esses famosos guerreiros. Um deles era líder escolhido de companhias livres, o outro um homem que, por sua coragem e energia ferozes, elevara-se das posições mais baixas até estar atrás apenas do próprio Chandos na estima do exército.

— Não tem a mão leve na guerra, o sir Robert — disse Chandos. — Se ele passa por alguma região, o fato será lembrado por alguns anos. Ouvi dizer que no Norte o costume ainda é chamar uma casa em que restaram apenas os frontões, sem as paredes ou o telhado, de mitra de Knolles.

— Já ouvi falar muito sobre ele — disse Nigel —, e espero ter a honra de desafiá-lo numa passagem. Mas escute, sir John, o que há de errado com o príncipe?

Enquanto Chandos conversava com os dois cavaleiros, uma torrente incessante de requerentes adentrara o recinto, aventureiros buscando vender suas espadas e mercadores queixando-se sobre algum agravo: um navio detido para transporte de tropas, ou uma barrica de vinho doce cuja tampa fora arrancada por uma tropa de arqueiros sedentos. Algumas palavras do príncipe dispensavam cada caso, e se o requerente não gostasse da decisão, um relance dos olhos escuros do príncipe o mandava rumo à porta com o descontentamento completamente dissipado. O soberano mais jovem sentava-se languidamente no tamborete com os dois monarcas fantoches atrás de si, mas de súbito uma sombra escura perpassou seu rosto e ele se pôs de pé de um salto, numa das rajadas de ardor que eram a única mácula de seu nobre e generoso caráter.

— E então, don Martín de la Carra? — exclamou ele. — E então, rapaz? Que mensagem nos traz de nosso irmão de Navarra?

O recém-chegado a quem esse abrupto questionamento fora endereçado era um cavaleiro alto e extremamente belo que acabara de adentrar o aposento. As bochechas morenas e os cabelos pretos revelavam que ele vinha do tórrido Sul, e trajava o longo manto negro enrolado no peito e nos ombros num estilo elegante, que não era inglês nem francês. Com passos imponentes e muitas profundas reverências, ele avançou até o pé do estrado antes de responder à pergunta do príncipe.

— Meu poderoso e ilustre senhor — começou ele —, Carlos, rei de Navarra, conde de Évreux, conde de Champagne, que também se proclama senhor supremo de Bearne, pelo presente envia apreço e saudações a seu querido primo Eduardo, o príncipe de Gales, governador da Aquitânia, comandante supremo de...

— Chega, chega, don Martín! — interrompeu o príncipe, batendo o pé com impaciência durante a pomposa introdução. — Já conhecemos os títulos e honrarias de nosso primo e também os nossos, decerto. Vá direto ao ponto, homem, e depressa. As passagens estão abertas para nós ou seu

senhor recuou da palavra que me prometeu em Libourne, ainda no último dia de São Miguel?

— Meu gracioso senhor faria muito mal em recuar de uma promessa feita, sire. Ele pede apenas por mais prazo, e certas condições e reféns...

— Condições? Reféns? Ele está falando com o príncipe da Inglaterra ou com o preboste burguês de alguma cidade meio-capturada? Condições, deveras? Talvez ele descubra que tem muito a remediar na própria condição, dentro em breve. As passagens estão fechadas para nós, portanto?

— Não, sire...

— Estão abertas, então?

— Não, sire, se o senhor simplesmente...

— Basta, basta, don Martín — exclamou o príncipe. — É lamentável ver um cavaleiro tão leal em súplica por uma causa tão falsa. Conhecemos os atos de nosso primo Carlos. Sabemos que enquanto recebe com a mão direita nossas cinquenta mil coroas para manter as passagens abertas, ele estende a esquerda para Henrique de Trastâmara ou para o rei da França, pronto a receber muito mais para mantê-las fechadas. Conheço nosso bom Carlos, e pelo abençoado santo de meu nome, o Confessor, ele descobrirá que o conheço. Ele negocia o reino com quem dá a proposta mais alta, como um ferrador vagabundo vendendo um cavalo amornado. Ele é...

— Meu senhor — exclamou don Martín —, não posso permanecer aqui a ouvir tais palavras sobre meu soberano. Se saíssem de outra boca, eu saberia como dar uma resposta melhor a elas.

Don Pedro franziu o cenho e torceu os lábios, mas o príncipe sorriu e assentiu com a cabeça em sinal de aprovação.

— Sua postura e suas palavras, don Martín, são exatamente os que eu esperaria de você — comentou. — Diga ao rei, seu senhor, que ele foi pago, e que se ele se mantiver fiel à promessa que fez, tem minha palavra de que nenhum mal recairá sobre seu povo ou sobre suas casas e bens. Se, no entanto, não tivermos a permissão dele, virei no encalço desta mensagem sem licença, portando uma chave que abrirá tudo o que porventura fechar. — Inclinou-se e cochichou com sir Robert Knolles e sir Hugh Calverley, que sorriram satisfeitos e se apressaram para deixar o cômodo.

— Nosso primo Carlos já provou de nossa amizade — prosseguiu o príncipe —, e agora, por todos os Santos, receberá um pouco de nosso desgosto. Envio, agora, uma mensagem a nosso primo Carlos que poderá

ser lida por todo o seu reino. Que ele a escute, sob pena de o pior lhe acontecer. Onde está lorde Chandos? Rá, sir John, confio este digno cavaleiro a seus cuidados. Providencie para que ele receba uma refeição e uma bolsa de ouro que custeie suas despesas, pois realmente é uma grande honra para qualquer corte receber um cavaleiro tão nobre e respeitável. O que me diz, sire? — perguntou, virando-se para o refugiado espanhol, enquanto o arauto de Navarra era conduzido para fora do aposento pelo velho guerreiro.

— Na Espanha não costumamos recompensar a insolência de mensageiros — respondeu don Pedro, afagando a cabeça de seu galgo. — Não obstante, todos já ouvimos falar sobre a extensão de sua régia generosidade.

— É verdade, sim — exclamou o rei de Maiorca.

— Quem a conheceria melhor que nós? — disse don Pedro amargamente. — Quando estivemos em dificuldade, tivemos de recorrer ao senhor como o protetor natural de todos os fracos.

— Não, não, como irmãos recorrem uns aos outros — exclamou o príncipe, com os olhos fulgurantes. — Não temos dúvidas de que os senhores, com o auxílio de Deus, serão muito em breve restaurados aos tronos dos quais foram traiçoeiramente arrancados.

— Quando esse feliz dia chegar — disse Pedro —, a Espanha será como a Aquitânia para o senhor, e poderá sempre contar com todas as tropas e navios que ostentarem o estandarte de Castela, quaisquer que sejam seus desígnios.

— E com todo o auxílio que a riqueza e o poder de Maiorca puderem conferir — acrescentou o outro.

— Quanto às cem mil coroas de que sou devedor — prosseguiu Pedro descuidadamente —, sem dúvida pode-se...

— Sem mais palavras, sire, sem mais palavras! — exclamou o príncipe. — Não seria agora, neste momento de aflição, que eu o aborreceria com um assunto tão baixo e sórdido. Eu disse de uma vez por todas que estou a seu lado, com todas as cordas de arco de meu exército e todos os florins de meus cofres.

— Ah, eis aqui um verdadeiro espelho da cavalaria! — disse don Pedro. — Creio, sir Fernando, já que a prodigalidade do príncipe é tão extensa, que podemos fazer ainda mais uso de sua graciosa benevolência com cinquenta

mil coroas. O bom sir William Felton, aqui presente, sem dúvida resolverá o assunto com o senhor.

O velho e robusto conselheiro inglês pareceu um tanto pálido diante de aceitação tão imediata da prodigalidade de seu senhor.

— Com sua licença, sire — disse ele —, os fundos públicos estão baixíssimos, visto que paguei doze mil homens das companhias, e as novas taxas sobre as lareiras e os vinhos ainda não entraram. Se puder esperar até que chegue o auxílio prometido da Inglaterra...

— Não, não, caro primo — exclamou don Pedro. — Se soubéssemos que seus próprios cofres estavam tão vazios ou que esta deplorável soma representaria um peso de alguma forma, realmente relutaríamos...

— Basta, sire, basta! — disse o príncipe, ruborizando-se com irritação. — Se os fundos públicos realmente estão tão minguados, sir William, creio que ainda há meus créditos particulares, aos quais nunca recorri para uso próprio, mas que agora estão prontos a auxiliar a causa de um amigo na adversidade. Vá, levante o dinheiro com nossas próprias joias, se nada mais bastar, e providencie para que ele seja entregue a don Fernando.

— Como garantia, ofereço... — exclamou don Pedro.

— Chega! Chega! — disse o príncipe. — Não sou um lombardo, sire. Sua régia promessa será minha garantia, sem carta de fiança ou selo. Mas trago notícias, meus senhores e soberanos, de que nosso irmão de Lancaster está a caminho de nossa capital com quatrocentos lanceiros e o mesmo número de arqueiros, para auxiliar nossa jornada. Quando ele chegar e quando nossa bela consorte estiver recuperada de saúde, o que, com a graça de Deus, espero ocorrer em poucas semanas, nos juntaremos ao exército em Dax e desfraldaremos nossos estandartes ao vento mais uma vez.

Um rebuliço de alegria surgiu no grupo de guerreiros diante da perspectiva de ação imediata. O príncipe sorriu ao ver o ardor marcial que brilhava em todos os rostos a seu redor.

— Ficarão entusiasmados ao saber — prosseguiu ele —, que recebi informações seguras de que esse Henrique é um líder muito valoroso, com capacidade para oferecer uma oposição que promete nos conceder muitas honras e satisfações. Segundo fui informado, ele reuniu cinquenta mil de seu próprio povo e mais doze mil das companhias livres francesas, que, como sabem, são compostas de homens de armas muito hábeis e valorosos. Também é sabido que o bravo e digno Bertrand du Guesclin cavalgou rumo à França ao encontro do duque de Anjou, e pretende levar de volta consigo

grandes números da Picardia e da Bretanha. Temos Bertrand em alta estima, pois ele com frequência esforçou-se muito para nos oferecer confrontos honrosos. O que tem a dizer sobre isso, meu digno *captal*? Ele o pegou em Cocherel, e agora tem a chance de acertar as contas com ele, por minha alma!

O guerreiro gascão crispou-se um pouco a tal alusão, e seus compatriotas ao redor não ficaram mais satisfeitos, pois haviam sofrido uma pesada derrota na única ocasião em que defrontaram as tropas da França sem auxílio inglês.

— Alguns dizem, sire — falou o corpulento De Clisson —, que a conta já foi mais que paga, pois sem o auxílio gascão Bertrand não teria sido capturado em Auray, nem o rei João subjogado em Poitiers.

— Pelos céus, mas isto é demais! — exclamou um fidalgo inglês. — A Gasconha me parece um galo muito pequeno para cantar tão alto.

— O menor galo, lorde Audley, pode ter as esporas mais longas — observou o *captal* de Buch.

— Pode acabar com a crista aparada se fizer barulho em demasia — intrometeu-se um inglês.

— Por Nossa Senhora de Rocamadour! — exclamou o lorde de Mucident. — Isto é mais do que posso tolerar. Sir John Charnell, pagará por essas palavras!

— À vontade, meu senhor, e quando desejar — devolveu o inglês, despreocupadamente.

— Meu senhor de Clisson — exclamou lorde Audley —, está olhando um tanto fixamente em minha direção. Pela alma de Deus, eu ficaria bem satisfeito em me aprofundar nesse assunto com o senhor!

— E o senhor, lorde de Pommers — disse sir Nigel, abrindo caminho à frente —, tenho em mente que podemos quebrar uma lança numa respeitável e honrosa contenda sobre essa questão.

Por um momento uma dúzia de desafios foram atirados e devolvidos, com a súbita irrupção da nuvem que pairava há tanto tempo entre os cavaleiros das duas nações. Os gascões, furiosos e efusivos; os ingleses, pálidos, frios e desdenhosos. O príncipe relanceava de uma facção a outra com um meio sorriso, como alguém que adora estar em meio a uma cena inflamada, mas ainda teme que a travessura vá longe demais e lhe fuja ao controle.

— Amigos, amigos! — exclamou ele por fim. — Esta querela não pode continuar. Aquele que a levar para fora deste cômodo responderá a mim, seja gascão ou inglês. Necessito em demasia de suas espadas para que as virem uns contra os outros. Sir John Carnell, lorde Audley, duvidam da coragem de nossos amigos da Gasconha?

— Eu não, sire — respondeu lorde Audley. — Já os vi em batalha o suficiente para saber que são cavalheiros muito destemidos e valentes.

— Digo o mesmo — disse o outro inglês —, mas certamente não corremos o risco de esquecer disso enquanto eles tiverem as línguas na boca.

— Não, sir John — disse o príncipe em censura —, todos os povos têm seus próprios usos e costumes. Alguns podem dizer que somos frios, lânguidos e taciturnos. Mas saibam, meus senhores da Gasconha, que estes cavalheiros não tiveram intenção de caluniar sua honra ou sua coragem. Que toda a raiva se dissipe de suas mentes. Clisson, *captal*, De Pommers, tenho suas palavras?

— Somos seus súditos, sire — disseram os barões da Gasconha, ainda que sem muita boa vontade. — Suas palavras são lei para nós.

— Então afogaremos todos os motivos de aborrecimento num jarro de malvasia — disse o príncipe alegremente. — Ei, vocês aí, abram as portas do salão de banquete! Estive distante em demasia de minha querida esposa, mas estarei com os senhores novamente dentro em pouco. Que os criados de mesa sirvam e os menestréis toquem, enquanto esvaziamos taças aos grandes dias que nos aguardam no Sul!

Ele se afastou acompanhado pelos dois monarcas, enquanto o resto da companhia, com muitos lábios comprimidos e olhares ameaçadores, formava uma fila na porta lateral na direção do grande aposento em que as mesas reais estavam postas.

CAPÍTULO XX

COMO ALLEYNE CONQUISTOU SEU LUGAR EM UMA HONROSA GUILDA

Enquanto o conselho do príncipe se reunia, Alleyne e Ford haviam permanecido no salão exterior, onde logo foram cercados por um grupo de jovens ingleses de sua própria classe, todos ansiosos para ouvir as últimas notícias da Inglaterra.

— Como vão as coisas com o velho em Windsor? — perguntou um.

— E com a boa rainha Filipa?

— E com a dama Alice Perrers? — exclamou um terceiro.

— Que o diabo carregue sua língua, Wat! — gritou um jovem alto, agarrando o último pelo colarinho e sacudindo-o em repreensão. — O príncipe arrancaria sua cabeça por essas palavras.

— Pela coifa de Deus, Wat não sentiria muita falta dela! — disse outro. — Ela é oca como o alforje de um pedinte.

— Tão oca quanto um escudeiro inglês, colega — exclamou o que primeiro falara. — Que diabo aconteceu com o *maître-des-tables* e os criados? Ainda não armaram as mesas.

— *Mon Dieu*, se fosse possível comer para se tornar cavaleiro, Humphrey, você seria no mínimo abandeirado! — observou outro, em meio a uma explosão de risadas.

— E caso se pudesse beber para isso, besta velha, você seria o maior barão do reino — exclamou o ofendido Humphrey. — Mas e a Inglaterra, rapazes de Loring?

— Imagino — disse Ford —, que esteja como quando vocês estiveram lá pela última vez, talvez um pouco menos barulhenta.

— E por que menos barulhenta, jovem Salomão?

— Ah, isso sua inteligência é que descobrirá.

— *Pardieu!* Eis aqui um paladino recém-chegado, com a lama do Hampshire ainda grudada nos sapatos. Ele quer dizer que há menos barulho pois não estamos lá.

— São bem espertos por aqui — disse Ford, virando-se para Alleyne.

— Como deveríamos interpretar isso, senhor? — perguntou o escudeiro irritado.

— Pode interpretar como ouviu — disse Ford despreocupadamente.

— Que petulância! — exclamou o outro.

— Senhor, honro sua sinceridade — disse Ford.

— Esqueça, Humphrey — disse o escudeiro alto, desatando a rir. — Não conseguirá muita confiança deste cavalheiro, pelo que percebo. As línguas são afiadas no Hampshire, senhor.

— E as espadas?

— Hum! Podemos experimentar. Dentro de dois dias serão as *vêpres du tournoi*, e então poderemos ver se sua lança é tão rápida quanto seu humor.

— Muito bem, Roger Harcomb — exclamou um jovem corpulento com pescoço de touro, cujos ombros largos e membros maciços revelavam uma força excepcional. — Você está sendo muito leviano com esse assunto. Não levarão a melhor sobre nós tão facilmente. Lorde Loring já se provou, mas não sabemos nada sobre seus escudeiros, a não ser que um deles tem a língua ferina. E quanto a você, jovem senhor? — Pousando a mão pesada no ombro de Alleyne.

— Quanto a mim o quê, jovem senhor?

— *Ma foi*, mas este aqui é o pajem de minha dama! Quando vir sua mãe novamente, estará com o rosto mais moreno e a mão mais calejada.

— Se minha mão não está calejada, está preparada.

— Preparada? Para quê? Para segurar a bainha da cauda da minha dama?

— Preparada para punir a insolência, senhor — exclamou Alleyne, com os olhos fulgurantes.

— Que coleguinha encantador! — respondeu o escudeiro corpulento. — Que cor delicada! Que voz branda! Tem um olhar de donzela tímida, e os cabelos como os de um bebê de três anos! *Voilà!* — Passou os dedos grossos bruscamente pelas encaracoladas madeixas douradas do jovem.

— Está em vias de forçar uma disputa, senhor — disse o jovem, lívido de raiva.

— E o que é que tem?

— Ora, você faz isso como um labrego, não como um digno escudeiro. Foste malcriado e igualmente mal-educado. Sirvo a um senhor que poderia lhe mostrar como se deve fazer estas coisas.

— E como é que ele o faria, ó flor dos escudeiros?

— Não falaria alto nem seria descortês, mas ainda mais gentil do que é seu costume. Ele diria: “Seria uma honra realizar algum feito de armas contra o senhor, não para minha própria glória ou elevação, mas pela fama de minha dama e pela defesa da cavalaria”. Ele então retiraria a luva, assim, e a atiraria ao chão. Mas se tivesse motivos para acreditar estar lidando com um grosseirão, poderia atirá-la no rosto dele. Como faço agora!

Um rebuliço de entusiasmo irrompeu no bando de escudeiros quando Alleyne, com sua índole gentil convertida em inflamada determinação por tal ataque sem causa, lançou a luva com toda sua força no rosto desdenhoso de seu antagonista. Escudeiros e pajens acorreram de todas as partes do salão, até que uma multidão densa e agitada cercava os rivais.

— Pagará com a vida por isto! — disse o valentão, com o rosto desfigurado pela raiva.

— Se puder tomá-la — devolveu Alleyne.

— Bom rapaz! — sussurrou Ford. — Fique firme como rocha.

— Hei de ver a justiça ser feita — exclamou Norbury, o silencioso subordinado de sir Oliver.

— Você pediu por isso, John Tranter — disse o escudeiro alto, que havia sido chamado de Roger Harcomb. — Sempre tem de importunar os recém-chegados. Mas seria uma vergonha se isto fosse adiante. O rapaz mostrou ter personalidade.

— Mas um golpe! Um golpe! — exclamaram vários outros escudeiros mais velhos. — Isto há de ter um fim.

— Não, Tranter pôs a mão na cabeça dele primeiro — disse Harcomb. — O que tem a dizer, Tranter? O assunto pode ficar por aqui?

— Meu nome é conhecido nesta região — disse Tranter, orgulhoso —, posso deixar passar o que mancharia a fama de outro. Que ele apanhe a luva e diga que errou.

— Antes o veria nas garras do diabo — sussurrou Ford.

— Ouviu, jovem senhor? — disse o pacificador. — Nosso amigo vai desconsiderar o assunto se você simplesmente disser que agiu no calor do momento e sem pensar.

— Não posso dizer isso — respondeu Alleyne.

— Nosso costume, jovem senhor, quando novos escudeiros chegam até nós da Inglaterra, é testá-los de formas como essa. Considere que se um homem adquire um corcel de batalha ou uma nova lança, ele vai testá-los em tempos de paz para que não o traiam nos dias de necessidade. É ainda mais apropriado testar aqueles que são nossos irmãos de armas.

— Eu me retiraria, se fosse possível fazê-lo de maneira honrosa — murmurou Norbury no ouvido de Alleyne. — O homem é um conhecido espadachim, e muito mais forte que você.

Edricson, no entanto, era cria do sangue saxão, que demora a esquentar, mas dificilmente arrefece quando entra em ebulição. A alusão ao perigo lançada por Norbury foi o suficiente para endurecer ainda mais sua determinação.

— Vim aqui seguindo meu mestre — disse ele —, e olhei para todos os presentes como ingleses e amigos. Este cavaleiro me recebeu de maneira grosseira, e se eu o respondi à altura, isto se deveu apenas a ele mesmo. Apanharei a luva, mas certamente mantereí o que fiz, a não ser que ele primeiro suplique meu perdão pelo que disse e fez.

Tranter deu de ombros.

— Você fez o que podia para salvá-lo, Harcomb — disse. — É melhor resolvermos isto logo.

— Digo o mesmo — exclamou Alleyne.

— O conselho não se dispersará até o banquete — comentou um escudeiro grisalho. — Vocês têm umas boas duas horas.

— E o local?

— O pátio de justas está vazio a esta hora.

— Não, não pode ser dentro dos domínios da corte, ou as coisas podem ficar ruins para todos os envolvidos se isso chegar aos ouvidos do príncipe.

— Há um lugar tranquilo perto do rio — disse um jovem. — Temos apenas de passar pelos terrenos da abadia, ao longo dos muros da armaria, além da igreja de São Remígio, e dali pela Rue des Apôtres.

— *En avant*, então! — exclamou Tranter bruscamente, e toda a aglomeração afluíu rumo ao ar livre, exceto pelos que tinham ordens específicas dos mestres para permanecerem em suas posições. Esses desafortunados se apinharam nas pequenas janelas francesas e esticaram os pescoços para acompanhar o tropel até onde a vista alcançava.

Perto das margens do Garona havia uma pequena extensão de relva verde, com o alto muro do jardim de um prior de um lado e um pomar com

um feixe de macieiras desfolhadas do outro. O rio corria fundo e rápido ao lado da margem íngreme, mas havia poucos barcos e os navios estavam ancorados ao longe, no meio do curso d'água. Ali os dois combatentes desembainharam as espadas e despiram os gibões, pois nenhum tinha qualquer armadura defensiva. O *duello* ainda não estava em voga com toda sua majestosa etiqueta, mas bruscos e súbitos combates eram tão comuns quanto sempre serão, quando jovens impetuosos viajam ao exterior com uma arma atada à cintura. Tranter adquirira fama por sua força e destreza em tais pelejas, bem como nos esportes mais formais do pátio de justas, o que ocasionara o bem-intencionado alerta de Norbury. Por outro lado, Alleyne manejara suas armas em constante exercício e treinamento todos os dias, durante vários meses. Sendo por natureza rápido no olhar e ligeiro com as mãos, ele agora não seria considerado um espadachim medíocre. Formaram um estranho par de oponentes quando se aproximaram: o soturno, robusto e rijo Tranter, com o peito hirsuto e os braços nodosos; Alleyne com os cabelos dourados e a pele fina como a de uma mulher, um exemplo de graciosidade e elegância. Para a maioria poderia parecer uma luta desigual, mas havia alguns, os mais experientes, que viam algo no olhar cinzento e firme do jovem e em seu andar cauteloso que deixava a questão em aberto.

— Esperem, senhores, esperem! — exclamou Norbury, antes que o primeiro golpe fosse desferido. — Este cavalheiro tem uma espada de duas mãos, que é um bom pé maior que a de nosso amigo.

— Pegue a minha, Alleyne — disse Ford.

— Não, amigos — respondeu ele —, conheço o peso e o equilíbrio da minha. Aos trabalhos, sir, pois nosso senhor pode precisar de nós na abadia!

A grande espada de Tranter de fato representava uma enorme vantagem a seu favor. Ele permanecia com os pés juntos e os joelhos arqueados para fora, pronto para uma investida por dentro ou um salto para os lados. Segurava a arma aprumada à frente, com o gume ereto, de forma que poderia tanto baixá-la num golpe descendente quanto girar a pesada lâmina e resguardar a cabeça e o corpo. Uma proteção adicional residia na ampla e imponente guarda que cruzava a empunhadura, equipada com uma profunda e estreita chanfradura, na qual um espadachim perito poderia aparar a lâmina do adversário e rompê-la com um giro rápido do punho. Alleyne, por outro lado, fiava-se no rápido olhar e nos pés ágeis para se defender — sua espada, embora tão afiada quanto era possível com uma

pedra de amolar, tinha uma constituição mais leve e graciosa, com o pomo inclinado e o aço afunilado.

Tranter conhecia bem sua vantagem, e não perdeu tempo para utilizá-la. Enquanto o oponente andava em sua direção, ele subitamente saltou à frente e lançou um corte sibilante, que teria cortado o outro em dois se ele não tivesse saltado de leve para trás. Passou tão perto que a ponta da espada abriu um rasgão na borda saliente da sobrecota de linho. Rápido como uma pantera, Alleyne saltou para dentro com uma estocada, mas Tranter, tão ágil quanto forte, já havia se recuperado e desviou o ataque com um movimento da pesada lâmina. Mais uma vez ele lançou um violento golpe que fez os espectadores prenderem a respiração, e mais uma vez Alleyne enfiou-se debaixo dele de forma muito ágil e rápida e devolveu duas estocadas relampejantes que o outro mal pôde aparar. Estavam tão próximos que Alleyne não teve tempo de escapular do talho seguinte, que afundou sua espada e lhe arranhou a testa, fazendo o sangue escorrer para dentro de seus olhos e pelas bochechas. Ele saltou para além do alcance da espada e a dupla ficou de pé com a respiração pesada, enquanto a multidão de jovens escudeiros vibrava em aplausos.

— Ótimos golpes dos dois lados! — exclamou Roger Harcomb. — Ambos conquistaram honra neste encontro, e seria um pecado e uma vergonha deixar que isto prosseguisse.

— Já fez o bastante, Edricson — disse Norbury.

— Portou-se bem — exclamaram vários dos escudeiros mais velhos.

— De minha parte, não desejo matar este jovem — disse Tranter, enxugando a acalorada fronte.

— Este cavalheiro pede meu perdão por ter abusado de mim? — perguntou Alleyne.

— Eu, não.

— Então em guarda, senhor!

As duas lâminas mais uma vez se encontraram com um tinido e um choque. Alleyne investia de modo a permanecer totalmente dentro do raio de alcance da pesada lâmina, ao passo que Tranter recuava continuamente em busca de espaço para um de seus cortes fatais. Um golpe aparado apenas em parte fez verter sangue do ombro esquerdo de Alleyne, mas no mesmo instante ele feriu Tranter superficialmente na coxa. No momento seguinte, porém, sua lâmina deslizara para dentro da chanfradura. Ouviu-se um estalo

penetrante e um tilintar no chão, e ele descobriu que uma lasca de aço de quinze polegadas era tudo o que lhe restava de sua arma.

— Sua vida está em minhas mãos! — exclamou Tranter, com um sorriso implacável.

— Não, não, ele está se rendendo! — interromperam vários escudeiros.

— Outra espada! — exclamou Ford.

— Não, senhor — disse Harcomb —, não é o costume.

— Jogue a empunhadura no chão, Edricson — exclamou Norbury.

— Nunca! — disse Alleyne. — Pede meu perdão, senhor?

— Deve estar louco para perguntar isso.

— Então em guarda novamente! — exclamou o jovem escudeiro, e saltou com um ardor e uma fúria que mais do que compensavam a pequenez de sua arma. Não lhe escapara que o oponente respirava em arquejos curtos e ásperos, como alguém atordoado pela fadiga. Aquele era o momento para o modo de vida mais puro e os membros mais ágeis mostrarem seu valor. Tranter recuava e recuava, sempre à procura do momento para um último corte. Alleyne avançava e avançava, num instante com a ponta estilhaçada no rosto do adversário, no outro na garganta, depois no peito, ainda apunhalando e estocando para atravessar a linha de aço que o cobria. Mas o experiente adversário sabia bem que não era possível sustentar tais esforços por muito tempo. O golpe fatal se seguiria a um instante em que ele cedesse. Ele tinha de ceder! Carne e osso não eram capazes de aguentar tamanha tensão. As estocadas já estavam menos violentas e os pés menos ligeiros, embora não houvesse redução no ímpeto em seus firmes olhos cinzentos. Tranter, ardiloso e prudente por anos de combate, sabia que sua chance chegara. Afastou a frágil arma que tinha como oposição, girou sua enorme lâmina, recuou de um salto para um golpe mais limpo... e desapareceu nas águas do Garona.

Os escudeiros estavam tão absortos no assunto em questão, tanto os combatentes quanto os espectadores, que qualquer pensamento sobre a margem íngreme e o rápido curso d'água havia escapado de suas mentes. Foi apenas quando Tranter recuou diante da furiosa investida do oponente e estava exatamente na borda que um clamor geral o alertou para o perigo. Aquele último salto, com o qual ele esperara pôr um sangrento fim ao combate, fizera com que a beirada lhe escapasse, e num instante ele se viu a oito pés de profundidade no gelado curso d'água. Seu rosto arfante e os dedos que procuravam algo a que se agarrar assomaram por duas vezes na

superfície da esverdeada água parada, deslizando para fora no turbilhão da correnteza. Bainhas de espada, galhos de macieira e cintos atados foram lançados em vão pelos companheiros. Alleyne baixara sua espada estilhaçada e estava de pé, tremendo da cabeça aos pés, com a raiva num instante convertida em piedade. O homem que se afogava emergiu uma terceira vez, com as mãos cheias de plantas aquáticas verdes e pegajosas e os olhos voltados para a margem em desespero. Recaíram em Alleyne, que não pôde suportar o apelo mudo que lia naquele olhar. Em um instante ele também estava no Garona, abrindo caminho com poderosas braçadas rumo a seu antigo adversário.

Mas a correnteza era rápida e forte, e, por melhor nadador que fosse, Alleyne não se incumbira de uma tarefa fácil. Apanhar Tranter e agarrá-lo pelos cabelos não gastou mais que alguns segundos, mas manter a cabeça dele acima da água e escapar da correnteza era outra história. Após cem braçadas, ele não parecia avançar uma polegada sequer. Finalmente, em meio a um grito de alegria e louvor da margem, avançaram devagar a águas mais paradas, no instante em que uma corda, feita de uma dúzia de talabartes amarrados pelas fivelas, foi lançado por Ford exatamente em suas mãos. Com três puxões de braços rígidos, os dois combatentes foram arrastados à margem, pingando e pálidos, e caíram deitados arfando na grama.

John Tranter foi o primeiro a voltar a si, pois embora houvesse ficado mais tempo na água, não fizera nada durante a intensa batalha contra a correnteza. Cambaleou até ficar de pé e olhou para seu salvador abaixo de si, que se havia se levantado com os cotovelos e sorria debilmente diante do burburinho de elogios e parabéns dos escudeiros a seu redor.

— Estou em enorme dívida com o senhor — disse Tranter, embora em voz não muito amistosa. — Eu decerto estaria no fundo do rio agora se não fosse por você, pois nasci em Warwickshire, um condado seco em que há poucos nadadores.

— Não peço gratidão — Alleyne respondeu bruscamente. — Dê-me a mão para levantar, Ford.

— O rio foi meu inimigo — disse Tranter —, mas foi um bom amigo para você, pois salvou sua vida hoje.

— Pode ser que sim — retorquiu Alleyne.

— Mas agora tudo terminou bem — disse Harcomb —, e sem qualquer prejuízo, o que é mais do que eu esperava. Este nosso jovem amigo

conquistou de forma muito justa e honesta o direito de ser um mestre-artesão da Honrosa Guilda dos Escudeiros de Bordeaux. Eis aqui seu gibão, Tranter.

— Ai de minha pobre espada, que agora está no fundo do Garona! — disse o escudeiro.

— Eis aqui seu perponte, Edricson — exclamou Norbury. — Jogue-o sobre os ombros, para ficar ao menos com uma vestimenta seca.

— E agora de volta à abadia! — disseram vários.

— Um momento, senhores — exclamou Alleyne, escorado no ombro de Ford com a espada quebrada, que apanhara, ainda agarrada à mão direita. — Meus ouvidos podem estar um pouco surdos por conta da água, e por acaso o que foi dito pode ter me escapado, mas ainda não ouvi este cavalheiro pedir perdão pelos insultos que proferiu contra mim no salão.

— O quê? Ainda insiste na disputa? — perguntou Tranter.

— E por que não, senhor? Demoro-me a tomar parte nessas coisas, mas quando começo, persigo-as enquanto tiver vida e respiração.

— *Ma foi*, você não tem muito de nenhuma das duas, pois está branco como mármore! — disse Harcomb sem rodeios. — Ouça meu conselho, senhor, e deixe passar, pois saiu-se muito bem da situação.

— Não — disse Alleyne —, esta disputa nunca foi minha intenção, mas agora que estou aqui, juro a vocês que não deixarei este local até que consiga o que procuro. Então peça meu perdão, senhor, ou escolha outra archa e comecemos novamente.

O jovem escudeiro estava pálido de morte por seus esforços, tanto em terra quanto na água. Encharcado e sujo, com uma mancha de sangue no branco ombro esquerdo e outra na testa, ainda havia vestígios de uma determinação inflexível em todo seu porte e constituição do rosto. A mente mais embotada e material do oponente vacilou ante o ardor e a intensidade de uma índole mais elevada em espírito.

— Não pensei que você tivesse levado tão a sério — disse ele desajeitadamente. — Foi apenas um gracejo como os que fazemos uns com os outros, e, se você quer assim, sinto muito por ele.

— Então também sinto muito — disse Alleyne calorosamente —, eis aqui minha mão.

— O sinal da refeição da nona hora já soou três vezes — disse Harcomb, enquanto todos se apinhavam em grupos que tagarelavam à saída do local. — Não sei o que o *maître-de-cuisine* do príncipe vai dizer ou pensar. Juro,

mestre Ford, que este seu amigo está necessitado de uma taça de vinho, pois bebeu muito das águas do Garona. Não pensei, ao ver seu rosto delicado, que ele levaria esse assunto tão a sério.

— A verdade — disse Ford —, é que este ar de Bordeaux transformou nosso pombinho num galo de briga. Jovem mais tenro ou mais cortês nunca surgiu no Hampshire.

— Seu mestre também, pelo que compreendo, é um cavalheiro muito tenro e cortês — observou Harcomb —, mas creio que não é muito prudente meter-se com nenhum dos dois.

CAPÍTULO XXI

COMO AGOSTINO PISANO ARRISCOU A CABEÇA

Quando o príncipe mantinha sua corte na abadia de Santo André, em Bordeaux, até a mesa dos escudeiros era de uma escala suntuosa. Foi ali que Alleyne, após a alimentação escassa de Beaulieu e a mesa restrita de lady Loring, pela primeira vez descobriu até onde podiam chegar o luxo e o requinte. Pavões assados, com todas as penas cuidadosamente colocadas no lugar, de forma que o pássaro repousava no prato exatamente como gingava em vida, cabeças de javali com as presas pintadas de dourado e as bocas forradas com uma lâmina prateada, geleias no formato dos Doze Apóstolos, uma grande empanada que formava uma miniatura exata do novo castelo do rei em Windsor — eram estes alguns dos estranhos pratos que o encaravam. Um arqueiro lhe trouxera uma muda de roupas da coca, e com a elasticidade da juventude ele já sacudira os aborrecimentos e a fadiga daquela manhã. Um pajem do salão de banquetes interior viera com a mensagem de que seu mestre pretendia beber vinho nos alojamentos de lorde Chandos naquela noite, e que ele desejava que os escudeiros dormissem na hospedaria da Meia-Lua, na Rue des Apôtres. Para lá os dois partiram no crepúsculo, após a longa sucessão de truques de malabarismo e canções de trovadores que concluíram a refeição principal.

Uma chuva fina caía quando os dois jovens trilharam seu caminho a pé pelas ruas da velha cidade com as capas nas cabeças, deixando os cavalos nos estábulos reais. Lamparinas a óleo na esquina de uma rua ou no pórtico de algum burguês abastado ocasionalmente lançavam um bruxuleio fraco, que caía sobre os brilhantes paralelepípedos e sobre a variada multidão que afluía e esparramava-se por todas as vias principais, a despeito do clima. Nesses círculos esparsos de resplendor obscuro podia-se ver todo o ativo

panorama da vida numa cidade rica e belicosa. Por aqui passava um burguês de rosto redondo inchado pela prosperidade, com a gabardina de tecido escuro arrastando-se pelo chão, o chapéu achatado de veludo, o largo cinto de couro e a bolsa pendurada, todos revelando conforto e riqueza. Atrás vinha sua criada, com o véu azul na cabeça e uma mão estendida para carregar o lampião que lançava um feixe dourado de luz ao longo do caminho de seu senhor. Atrás deles um grupo de homens dos vales de Yorkshire, empertigados e meio bêbados, falava um dialeto que mesmo seus compatriotas das terras do Sul mal podiam compreender. Trajavam gibões marcados com o pelicano, o que revelava que haviam chegado no comboio dos Stapleton das regiões nortenhas. O burguês olhou de relance para trás na direção dos rostos ferozes e apertou o passo, enquanto a moça puxou o véu mais para perto de si. Havia um propósito nos olhares selvagens deles, que miravam a bolsa de moedas e a donzela, que podia ser compreendido por homens de todas as línguas. Depois vieram arqueiros da guarda, mulheres do acampamento com vozes agudas, pajens ingleses de pele fina e olhos azuis admirados, frades em mantos escuros, homens de armas a vaguear, criados gascões morenos com seus vozeirões, marujos do rio, camponeses rústicos do Médoc e escudeiros da corte encapuzados e emplumados. Todos se acotovelavam e se empurravam numa torrente mutante e multicolorida, enquanto o inglês, o francês, o galês, o basco e os variados dialetos da Gasconha e da Guiana enchiam o ar formando uma babel. De tempos em tempos abria-se uma brecha no tropel e a liteira de uma dama passava trotando rumo à abadia, ou uma tropa de arqueiros portando archotes marchava à frente de um barão gascão ou de um cavaleiro inglês, enquanto ele procurava seus alojamentos após as diversões do palácio. O bater dos cascos, o tilintar das armas, os gritos dos bêbados brigões, o riso alto das mulheres: todos se elevavam das abarrotadas ruas da cidade à meia luz, como a neblina num pântano.

Um par chamou especialmente a atenção dos dois jovens escudeiros em meio ao tropel em movimento, ainda mais pois iam na mesma direção e logo à frente deles. Consistiam de um homem e uma moça, ele muito alto, de ombros curvados, manco de um pé e com um grande objeto achatado, coberto por um pano escuro, debaixo do braço. Sua companheira era jovem e esguia, com passos ligeiros e elásticos e um porte gracioso, embora estivesse tão envolta num manto negro que não era possível ver muito de seu rosto, a não ser pelo cintilar de olhos escuros e uma mecha de cabelos

pretos. O homem alto apoiava-se pesadamente nela para tirar o peso do pé mais frágil, enquanto carregava o fardo entre seu corpo e a parede num abraço ciumento. Incitava a jovem companheira a atuar como um suporte sempre que a pressão da multidão ameaçava arrastá-lo para longe. A evidente ansiedade do homem, a aparência de sua ajudante e o cuidado conjunto com o qual eles defendiam aquela propriedade oculta atiçaram o interesse dos dois jovens ingleses que caminhavam a uma mão de distância.

— Coragem, menina! — ouviram o homem alto exclamar num estranho francês híbrido. — Se conseguirmos dar mais sessenta passos estaremos salvos.

— Segure bem, pai — respondeu a outra, no mesmo dialeto suave e afetado. — Não temos nada a temer.

— A bem da verdade é que são pagãos e bárbaros — exclamou o homem; — bárbaros loucos, barulhentos e bêbados! Mais quarenta passos, Tita *mia*, e juro pelo abençoado Elói, padroeiro de todos os instruídos artesãos, que não ponho mais o pé fora de casa até todo o enxame estar na colmeia do acampamento de Dax, ou onde quer que tenham amaldiçoado com sua presença. Mais vinte passos, meu tesouro! Ah, meu Deus! Como empurram e brigam! Entre na frente deles, Tita *mia*! Ponha seu cotovelinho para fora! Aprume os ombros diante deles, menina! Por que deveria abrir caminho para esses insulares loucos? Ah, *cospetto*! Estamos perdidos, aniquilados!

A multidão adensava-se à frente, de maneira que o coxo e a moça haviam parado. Vários arqueiros ingleses meio bêbados, atraídos, como os escudeiros, por sua aparência peculiar, estavam voltados para eles e os espiavam à meia-luz.

— Pelos três reis! — exclamou um. — Eis aqui um velho caquético demais para uma muleta tão boa! Use a perna que Deus lhe deu, homem, e não se escore com tanto peso na moça.

— Que vinte diabos o carreguem! — gritou outro. — Ora essa! Bravos arqueiros são obrigados a ficar sem donzelas enquanto um velhote usa uma como bengala?

— Venha comigo, meu passarinho! — exclamou um terceiro, puxando o manto da moça.

— Não, comigo, desejo de meu coração! — disse o primeiro. — Por São Jorge, a vida é curta, e temos de encontrar alegrias enquanto podemos! Que

eu nunca mais veja a ponte de Chesters se ela não for mesmo uma mocinha encantadora!

— O que o sapo velho tem debaixo do braço? — exclamou um dos outros. — Ele o aperta como o diabo abraça o vendedor de indulgências.

— Deixe-nos ver, velho saco de ossos! Deixe-nos ver o que tem debaixo do braço! — Amontoaram-se sobre o homem, que, ignorante do idioma, não podia fazer mais que agarrar a moça com uma mão e o embrulho com a outra, olhando descontroladamente ao redor em busca de auxílio.

— Não, rapazes, não! — exclamou Ford, empurrando o arqueiro mais próximo. — Essa conduta não é mais que desprezível. Tirem as mãos, ou será pior para vocês.

— Guarde a língua, ou será pior para você — gritou o mais bêbado dos arqueiros. — Quem é você para estragar a diversão?

— Um escudeiro verde, recém-chegado — disse outro. — Por São Tomás de Kent! Obedecemos a nosso senhor, mas não ouvimos ordens de qualquer bebê mandado pela mãe à Aquitânia!

— Oh, cavalheiros — exclamou a moça num francês falho —, pelo amor do querido Cristo, protejam-nos, e não deixem que estes homens terríveis nos machuquem.

— Nada tema, dama — respondeu Alleyne. — Vamos nos assegurar de que tudo fique bem. Tire a mão do pulso da moça, patife nortenho!

— Segure-a, Wat! — disse um enorme homem de armas de barba negra, cuja placa de peito luzia fracamente no crepúsculo. — Tirem as mãos dos punhais, vocês dois, pois este já era meu ofício desde antes de nascerem. Pela alma de Deus, vou meter um punhado de aço em vocês se moverem um dedo sequer!

— Graças a Deus! — disse Alleyne subitamente, quando avistou, à luz do lampião, um emaranhado de flamejantes cabelos ruivos sob um capacete de aço, bem acima das cabeças da multidão. — Eis aqui John, e Aylward também! Ajudem-nos, camaradas, pois há injustiça sendo feita a esta donzela e ao ancião.

— Ei, *mon petit* — disse o velho arqueiro, abrindo caminho pela multidão com o enorme mateiro em seu encaço. — O que é isto tudo, afinal? Pelo vibrar da corda! Creio que vocês terão muito trabalho nas mãos se forem corrigir todas as injustiças que virem deste lado do mar. Não se deve pensar que uma tropa de arqueiros, com o vinho zumbindo nos ouvidos, terá a fala mansa como jovens clérigos num pomar. Você pensará

menos nessas coisas quando já estiver há um ano com a Companhia. Mas qual é o problema aqui? O preboste e seus arqueiros estão vindo para cá, e alguns de vocês podem se ver no pelourinho se não tomarem cuidado.

— Ora, mas é o velho Sam Aylward da Companhia Branca! — gritou o homem de armas. — Ora, Samkin, o que lhe aconteceu? Lembro-me dos dias em que você era um espadachim tão feroz quanto qualquer um que já se chamou de companheiro livre. Por minha alma! De Limoges a Navarra, quem podia dizer que beijava uma moça ou cortava uma garganta tão rapidamente quanto o arqueiro Aylward, da companhia de Hawkwood?

— Era mais ou menos assim, Peter — disse Aylward —, e, por minha empunhadura, pode ser que eu não tenha mudado tanto. Mas comigo sempre foram tiros justos e alvos limpos. A moça tinha de consentir e o homem devia me enfrentar, do contrário, pelos ossos destes dez dedos, nenhum deles teria nada a temer de mim!

Um vislumbre do rosto determinado de Aylward e dos enormes ombros de Hordle John haviam convencido os arqueiros de que ganhariam pouco com a violência. A moça e o velho começaram a se misturar na multidão sem que os algozes tentassem impedi-los. Ford e Alleyne seguiram-nos devagar, mas Aylward agarrou o segundo pelo ombro.

— Por minha empunhadura, *camarade!* — disse ele. — Ouvi dizer que protagonizou grandes feitos na abadia hoje, mas lhe rogo que tenha cuidado, pois fui eu quem o trouxe para a Companhia, e eu me sentiria péssimo se algo lhe ocorresse.

— Não se preocupe, Aylward, terei cuidado.

— Não se atire ao perigo em demasia, *mon petit*. Em pouco tempo seu punho e seu cortes estarão mais fortes e argutos. Alguns de nós estaremos na Rose de Guienne hoje à noite, que fica a duas portas da hospedaria da Meia-Lua. Se quiserem entornar umas taças com simples arqueiros, serão muito bem-vindos.

Alleyne prometeu estar lá se suas obrigações permitissem, e então, deslizando pela multidão, reencontrou Ford. O escudeiro estava em conversação com os dois estranhos, que haviam chegado à porta de casa.

— Bravo jovem *signor* — exclamou o homem alto, atirando os braços ao redor de Alleyne —, como podemos agradecer-lo o bastante por ficar ao nosso lado contra aqueles terríveis bárbaros bêbados? O que teríamos feito sem vocês? Minha Tita teria sido levada, e minha cabeça estilhaçada em mil fragmentos.

— Não, não creio que eles o teriam maltratado assim — disse Alleyne, surpreso.

— Ho, ho! — exclamou ele, com uma gargalhada exultante. — Não estava pensando na cabeça que tenho nos ombros. *Cospetto*, não! A cabeça que você protegeu foi a que levo debaixo do braço.

— Talvez os *signori* se dignem a entrar em nossa casa, pai — disse a donzela. — Se permanecermos aqui, quem sabe se não pode surgir um novo tumulto?

— Bem dito, Tita! Bem dito, minha menina! Rogo-lhes, senhores, que honrem meu indigno teto. Luz, Giacomo! São cinco degraus para cima. Agora mais dois. Assim! Aqui estamos, enfim, sãos e salvos. *Corpo di Bacco!* Eu não apostaria dez maravedi em minha cabeça quando aqueles filhos do diabo nos jogaram contra a parede. Tita *mia*, você foi corajosa. Foi melhor você ter sido puxada e empurrada do que se tivessem quebrado minha cabeça.

— Realmente, pai — disse ela zelosamente.

— Mas aqueles ingleses, arre! Pegue um godo, um huno e um vândalo, misture todos e acrescente um saqueador berbere, depois pegue essa criatura e a embebede, e eis aí o inglês. Meu Deus! Como há gente assim na terra? Que lugar está livre deles? Ouvi dizer que há enxames deles na Itália, exatamente como aqui. Podem ser encontrados em toda parte, exceto nos céus.

— Querido pai — exclamou Tita, ainda apoiando o furioso ancião, enquanto ele mancava pela escada curva de carvalho. — Não pode se esquecer de que estes bons *signori* que nos protegeram também são ingleses.

— Ah, sim. Perdoem-me, senhores! Adentrem meus aposentos, aqui. Alguns apreciam estas pinturas, mas pelo que sei, a arte da guerra é a única estimada em sua ilha.

O cômodo de teto baixo com lambris de carvalho a que foram conduzidos era brilhantemente iluminado por quatro lamparinas perfumadas a óleo. Junto às paredes, sobre a mesa, no assoalho e em todas as partes do aposento havia grandes folhas de vidro pintadas nas cores mais brilhantes. Ford e Edricson olharam maravilhados ao redor, pois nunca haviam visto obras de arte tão magníficas.

— Gostaram delas, então — exclamou o artista coxo, em resposta à expressão de deleite e surpresa nos rostos deles. — Parece, portanto, que

alguns de vocês têm gosto para tais frivolidades.

— Eu não poderia acreditar — exclamou Alleyne. — Que cores! Que traços! Veja este martírio do abençoado Estêvão, Ford. Você mesmo poderia pegar uma destas pedras que estão nas mãos dos perversos assassinos!

— E veja este veado, Alleyne, com a cruz entre as galhadas. Por minha fé, nem na floresta de Bere vi um melhor que este!

— E o verde desta grama, como é vivo e nítido! Todas as pinturas que já vi não passam de brincadeira de criança perto disto. Este digno cavalheiro deve ser um dos grandes pintores sobre quem sempre ouvi o irmão Bartholomew falar, nos velhos dias de Beaulieu.

O escuro e emotivo rosto do artista cintilava de prazer ante o sincero encanto dos dois jovens ingleses. Sua filha despira-se do manto e revelara um rosto da mais fina e delicada beleza italiana, que logo tirou os olhos de Ford das pinturas. Alleyne, no entanto, continuava, com gritinhos de admiração e contemplação, a ir e vir das paredes para mesa.

— O que pensa sobre isto, jovem senhor? — perguntou o pintor, arrancando o pano que ocultava o objeto plano que ele havia carregado debaixo do braço. Tratava-se de uma chapa de vidro em forma de folha, na qual havia um rosto com uma auréola ao redor. Era tão delicadamente traçado e de um tom tão perfeito que poderia realmente ser um rosto humano fitando o jovem escudeiro com olhos tristes e pensativos. Alleyne bateu palmas com a sensação de alegria que a verdadeira arte sempre causa nos verdadeiros artistas.

— É excelente! — exclamou. — É maravilhoso! Mas muito me admira que o senhor tenha arriscado uma obra de tanta beleza e valor, carregando-a à noite em meio a uma multidão tão desordeira.

— Realmente fui imprudente — disse o artista. — Um pouco de vinho, Tita, do frasco de Florença! Estremeço ao pensar no que poderia ter acontecido se não fosse pelos senhores. Observe o tom da pele: é insubstituível. Pode-se pintar o quanto quiser, mas muito raramente se consegue que o marrom não fique tão queimado na fornalha ou que a cor não se firme, e se consegue apenas um branco doentio. Aqui você pode ver as próprias veias e o pulsar do sangue. Sim, *diavolo!* Se o tivessem quebrado, meu coração também teria se despedaçado. É para a janela do coro da igreja de São Remígio, e eu e minha pequena ajudante fomos ver se estava mesmo do tamanho certo para a cantaria. A noite já havia caído quando terminamos, e que mais poderíamos fazer a não ser levá-lo para

casa da melhor maneira que conseguíssemos? Mas o jovem senhor fala como se também soubesse algo sobre a arte.

— Tão pouco que mal me atrevo a falar em sua presença — respondeu Alleyne. — Fui criado no claustro, e não era muito difícil manusear o pincel melhor que meus irmãos noviços.

— Há pigmentos, pincéis e papel aqui — disse o velho artista. — Não lhe darei vidro pois é outra história, requer muita habilidade na mistura das cores. Agora lhe rogo que me mostre uma pincelada de sua arte. Obrigado, Tita! Use os copos venezianos, *cara mia*, e encha-os até a borda. Sente-se, *signor!*

Enquanto Ford, em anglo-francês, conversava com Tita em seu ítalo-francês, o ancião examinava cuidadosamente sua preciosa cabeça para conferir se não havia nenhum arranhão na superfície. Quando olhou para cima novamente, Alleyne, com algumas pinceladas ousadas, pintara o rosto e o pescoço de uma mulher na folha branca que tinha à frente.

— *Diavolo!* — exclamou o velho artista, parado com a cabeça inclinada para um lado —, Você tem talento. Sim, *cospetto!* Tem talento, este é um rosto de anjo!

— É o rosto de lady Maude Loring! — exclamou Ford, ainda mais atônito.

— Ora, por minha fé, parece-se mesmo com ela! — disse Alleyne, um pouco confuso.

— Ah! Um retrato! Ainda melhor. Jovem, sou Agostino Pisano, filho de Andrea Pisano, e digo novamente que você tem talento. E lhe digo mais: se quiser ficar comigo, lhe ensinarei todos os segredos dos mistérios dos vitralistas. Os pigmentos e como torná-los espessos, quais fundem-se com o vidro e quais não, a fornalha, o esmalte... você conhecerá todos os truques e métodos.

— Eu ficaria muito satisfeito em estudar com tal mestre — disse Alleyne —, mas jurei seguir meu senhor enquanto durar esta guerra.

— Guerra! Guerra! — exclamou o velho italiano. — Sempre essa conversa sobre guerra. E os homens que você considera grandes, quem são? Já não ouvi os nomes deles? Soldados, carniceiros, destruidores! Ah, *per Bacco!* Temos homens na Itália que são verdadeiramente grandes. Vocês derrubam e despojam, eles erguem e reconstroem. Ah, se você pudesse ver minha querida Pisa, o Duomo, o claustro de Campo Santo, o alto Campanile, com o badalar melodioso dos sinos no cáldo ar italiano! Essas

são obras de grandes homens. E as vi com meus próprios olhos, estes mesmos que o observam. Vi Andrea Orcagna, Taddeo Gaddi, Giotto, Stefano, Simone Memmi... homens cujas meras cores sou indigno de misturar. E vi o idoso Giotto, que por sua vez foi pupilo de Cimabue, antes de quem não havia arte na Itália, pois os gregos foram levados para pintar a capela de Gondi, em Florença. Ah, *signori*, eles são os verdadeiros grandes homens, cujos nomes terão lugar de honra quando seus soldados forem revelados como inimigos da humanidade.

— Na verdade, senhor — disse Ford —, também há algo de bom a se dizer sobre os soldados. Afinal, se não fossem defendidos, como todos esses cavalheiros que o senhor mencionou preservariam as obras que pintaram?

— E todas estas! — disse Alleyne. — O senhor realmente as fez todas? E para onde vão?

— Sim, *signor*, todas vêm de minha mão. Algumas, como pode ver, foram feitas em uma só folha, e outras estão em várias peças que podem ser juntadas. Alguns simplesmente pintam o vidro e depois amarram outra folha de vidro por cima, impedindo, assim, que o ar entre na pintura. Mas considero que a verdadeira arte de meu ofício reside não apenas no pincel, mas também na fornalha. Veja esta janela rosada, do modelo da igreja da Santíssima Trindade em Vendôme, e essa outra, da “Descoberta do Graal”, para a abside da igreja da abadia. Foi-se o tempo em que apenas meus compatriotas conseguiam fazer coisas como estas. Clement de Chartres e outros da França são artífices muito respeitáveis. Mas, ah, as bocas descaradas e ferinas não nos deixam esquecer, nem por uma horinha, que é o braço dos selvagens que governa o mundo, e não a mão dos mestres.

Um nítido e severo toque de corneta soou ali perto, convocando um séquito para sua reunião noturna.

— É um sinal para nós também — disse Ford. — Eu gostaria de ficar aqui para sempre, em meio a todas estas coisas lindas... — Olhando direto para a ruborizada Tita enquanto falava. — Mas temos de voltar ao albergue de nosso senhor antes da chegada dele.

Em meio a novos agradecimentos e promessas de retorno, os dois escudeiros pediram licença ao velho vitralista italiano e sua filha. As ruas estavam mais vazias e a chuva parara, e assim eles caminharam rapidamente da Rue du Roi, em que seus novos amigos residiam, até a Rue des Apôtres, onde se situava o albergue da Meia-Lua.

CAPÍTULO XXII

COMO OS ARQUEIROS APRONTARAM UMA BEBEDEIRA NA ROSE DE GUIENNE

— *Mon Dieu!* Alleyne, já viu um rosto tão encantador? — exclamou Ford enquanto caminhavam rapidamente juntos. — Tão puro, tão sereno e tão lindo!

— É verdade. E o tom da pele era o mais perfeito que já vi. Observou também como o cabelo encaracolava na testa? Uma maravilha.

— Os olhos, também! — exclamou Ford. — Como eram límpidos e tenros... simples, mas ao mesmo tempo cheios de reflexão!

— Se havia alguma falha, era no queixo — disse Alleyne.

— Eu não vi nenhuma.

— Tinha uma boa curva, é verdade.

— Delicadíssimo.

— Mas ainda assim...

— Que foi agora, Alleyne? Vais encontrar uma falha no sol?

— Bem, considere isto, Ford: uma barba longa não teria conferido mais vigor e expressão àquele rosto?

— Virgem Santa! — exclamou Ford. — O homem enlouqueceu. Uma barba no rosto da pequena Tita!

— Tita! Quem falou em Tita?

— E quem falou em outra coisa?

— Era sobre o retrato de São Remígio que eu estava discursando, homem.

— Você é mesmo um, godo, huno, vândalo e todos os outros nomes ruins de que o velho nos chamou — exclamou Ford, às risadas. — Como é que pode pensar tanto em um borrão de pigmentos quando havia uma figura pintada pelo próprio bom Deus com você, ali mesmo naquele cômodo? Mas quem vem lá?

— Se lhes aprouver, senhores — disse um arqueiro, correndo na direção deles —, Aylward e outros ficariam muito contentes em encontrá-los. Eles estão aqui dentro. Ele me mandou dizer a vocês que lorde Loring não necessitará de seus serviços hoje à noite, pois dormirá com lorde Chandos.

— Por minha fé! — disse Ford. — Não precisamos de um guia para nos levar à presença deles.

Enquanto ele falava, uma cantoria rugia na taverna à direita, com o clamor de gargalhadas e pés batendo no chão. Passando por uma porta baixa e por um corredor coberto de pedra, viram-se em um comprido e estreito salão iluminado por um par de archotes em chamas, cada um numa extremidade. Havia fardos de palha amontoados junto às paredes, e reclinados neles estavam uns vinte ou trinta arqueiros, todos da Companhia, despidos de seus capacetes de aço e jaqués, com as túnicas abertas e os grandes membros esparramados no chão de terra. Ao lado de cada um havia um odre de couro de cerveja, ao passo que na extremidade mais distante uma barrica sem tampa garantia provisões abundantes para o futuro. Atrás da barrica, numa meia-lua de barriletes, caixas e arquibancos rústicos, estavam sentados Aylward, John, Simon Negro e outros três ou quatro líderes dos arqueiros, acompanhados de Goodwin Hawtayne, o capitão, que deixara sua coca amarela no rio para um último drinque com os amigos da Companhia. Ford e Alleyne sentaram-se entre Aylward e Simon Negro, sem que sua entrada reprimisse de qualquer forma a algazarra que ocorria.

— Cerveja, *mes camarades*? — exclamou o arqueiro. — Ou será vinho? Ah, vocês têm de beber um ou outro. Aqui, Jacques, moleque do diabo, traga um cantil do *vernage* mais antigo, e trate de não sacudi-lo. Ouviram as novidades?

— Não — exclamaram os escudeiros.

— Vai haver um grande torneio.

— Um torneio?

— Sim, rapazes. O *captal* de Buch jurou encontrar cinco cavaleiros deste lado do mar que derrubariam quaisquer cinco ingleses que já puseram as pernas numa sela. Chandos aceitou o desafio, e o príncipe prometeu uma jarra de ouro para o homem que se portar melhor, e toda a corte está em burburinho por conta disso.

— Por que os cavaleiros é que ficam com toda a diversão? — resmungou Hordle John. — Não poderiam selecionar cinco arqueiros para honrar a Aquitânia e a Gasconha?

— Ou cinco homens de armas — disse Simon Negro.

— Mas quem são os cavaleiros ingleses?

— Há trezentos e quarenta um na cidade — disse Aylward —, e ouvi dizer que trezentos e quarenta cartéis e desafios já foram enviados, faltando apenas sir John Ravensholme, que está de cama com a doença do suor e não pode pôr os pés no chão.

— Um arqueiro da guarda me contou — exclamou um arqueiro em meio às palhas — que o príncipe queria disputar a lança, mas Chandos não quis nem ouvir falar nisso, pois é provável que os jogos sejam brutais.

— Então Chandos irá.

— Não, o príncipe não permitirá. Ele será o mestre de cerimônias da liça, com sir William Felton e o duque d'Armagnac. Os ingleses serão Lord Audley, sir Thomas Percy, sir Thomas Wake, sir William Beauchamp e nosso ótimo senhor e líder em pessoa.

— Vivas a ele, e que Deus o acompanhe! — exclamaram vários. — É uma honra puxar cordas a seu serviço.

— Pode-se dizer que sim — disse Aylward. — Pelos ossos de meus dez dedos, quem marcha sob o pendão das cinco rosas costuma ver tudo o que um bom arqueiro gostaria de encontrar! Rá! Sim, *mes garçons*, vocês dão risada agora, mas, por minha empunhadura, podem não rir quando virem onde ele os levará, pois nunca se pode saber que estranho juramento ele contraiu! Notei que ele está com uma venda no olho, como em Poitiers. Sangue será derramado por conta daquela venda, ou estou muito enganado.

— Como foi em Poitiers, bom mestre Aylward? — perguntou um dos jovens arqueiros, apoiando-se nos cotovelos e com os olhos respeitosa e fixos no rosto rústico do velho arqueiro.

— Sim, Aylward, conte como foi — exclamou Hordle John.

— Ao velho Samkin Aylward! — bradaram vários no outro extremo do aposento, brandindo os odres no ar.

— Perguntem a ele — disse Aylward modestamente, acenando com a cabeça na direção de Simon Negro. — Ele viu mais que eu. Mas, pelas unhas sagradas, também não perdi muita coisa!

— Ah, sim — disse Simon, balançando a cabeça —, foi um grande dia. Não espero ver outro como aquele. Ótimos arqueiros puxaram suas últimas flechas naquele dia. Nunca veremos homens melhores, Aylward.

— Por minha empunhadura, não! Havia o pequeno Robby Withstaff, e Andrew Salblaster, e Wat Alspaye, que quebrou o pescoço do alemão. *Mon*

Dieu, que homens! De qualquer maneira que atirassem, em alvos longos ou curtos, em disputa ou em tiros itinerantes, nunca houve melhores arqueiros a girar as flechas nas unhas.

— Mas a batalha, Aylward, a batalha! — exclamaram vários deles, impacientes.

— Deixem-me encher o odre primeiro, meninos, pois é uma história que dá sede. O príncipe partiu quando as primeiras folhas começaram a cair, e passou pela Auvérnia, por Berry, por Anjou e pela Turena. Na Auvérnia as donzelas são doces, mas os vinhos são azedos. Em Berry as mulheres é que são azedas, e os vinhos são agradáveis. Anjou, porém, é uma terra muito boa para os arqueiros, pois os vinhos e as mulheres são os melhores que se pode desejar. Na Turena não consegui nada a não ser uma fratura na cachola, mas em Vierzon tive muita sorte, pois levei um cibório dourado da catedral, pelo qual depois recebi cinco *janes* genovesas do ourives na Rue Mont Olive. De lá fomos a Burges, onde adquiri uma túnica de seda cor de chama e um par de sapatos muito bonito, com borlas de seda e berloques de prata.

— Na tenda de um vendedor, Aylward? — perguntou um dos jovens arqueiros.

— Não, dos pés de um homem, rapaz. Eu tinha motivos para crer que ele não precisaria deles novamente, visto que tinha uma flecha de trinta polegadas espetada nas costas.

— E depois, Aylward?

— Prosseguimos, colega, uns seiscentos de nós, até que chegamos a Issoudun, e lá também algo grandioso aconteceu.

— Uma batalha, Aylward?

— Não, não, algo ainda mais grandioso. Há pouco a se conseguir numa batalha, a não ser que se tenha a sorte de obter um resgate. Em Issoudun eu e três galeses deparamos com uma casa pela qual todos os outros haviam passado, e ficamos com os lucros para nós. Para mim, um ótimo colchão de penas — algo que não se encontra na Inglaterra, mesmo com um dia inteiro de viagem. Você o viu, Alleyne, e você também, John. Hão de convir comigo que é uma cama digna. Foi colocado na mula de um vivandeiro, que a carregou atrás do exército. Minha intenção era guardá-lo até montar casa própria, e agora ele está num local muito seguro, perto de Lyndhurst.

— E depois, mestre arqueiro? — perguntou Hawtayne. — Por São Cristóvão! Essa vida que escolheram realmente é justa e boa, pois recolhem

os espólios como os habitantes de Warsash apanham lagostas, sem pedir permissão ou licença para ninguém.

— Tem razão, capitão — disse um dos arqueiros mais velhos. — É uma antiga tradição entre os arqueiros que a segunda pena de um ganso selvagem é melhor que a pena da asa de um domesticado. Continue, velho amigo, pois me interpus entre você e o alvo.

— Prosseguimos, então — disse Aylward, depois de um longo gole em seu odre negro. — Éramos uns seiscentos, com o príncipe e seus cavaleiros, e o colchão de penas na mula do vivandeiro no meio. Causamos grandes estragos na Turena, até que chegamos a Romorantin, onde encontrei por acaso uma corrente de ouro e dois braceletes de jaspe, que me foram roubados no mesmo dia por uma rapariga de olhos pretos das Ardenas. *Mon Dieu!* Há pessoas que não têm medo do Juízo Final nem qualquer sinal da graça na alma, sempre agarrando e arrebatando os bens dos outros.

— Mas a batalha, Aylward, a batalha! — exclamaram vários, em meio a uma gargalhada geral.

— Chegarei a ela, meus jovens filhotes de guerra. Bem, então, o rei da França nos seguira com cinquenta mil homens e se apressara muito para nos alcançar, mas não soube muito bem o que fazer quando chegou a nós, pois estávamos tão entremeados nas sebes e vinhas que eles não podiam se aproximar, exceto por uma trilha. Havia arqueiros em ambos os lados, homens de armas e cavaleiros atrás, e no centro a bagagem, com meu colchão de penas na mula do vivandeiro. Trezentos cavaleiros selecionados vieram direto nessa direção, de fato homens muito valentes, mas a saravada de flechas que caiu sobre eles fez com que poucos retornassem. Depois vieram os alemães, e eles também lutaram com muita coragem, tanta que um ou dois irromperam pelos arqueiros e chegaram até o colchão, mas em vão. Foi então que nosso cabecinha-quente em pessoa saiu montado com a venda no olho, além de lorde Audley com seus quatro escudeiros de Cheshire e alguns outros de temperamento similar, e atrás deles iam o príncipe e Chandos, e depois todo nosso tropel com machados e espadas, pois já havíamos atirado todas as flechas. *Ma foi*, isso foi uma tolice, pois quando saímos das sebes não havia nada para guardar as bagagens se eles dessem a volta em nossa retaguarda! Mas tudo terminou bem para nós o rei foi capturado, e o pequeno Robby Withstaff e eu encontramos uma carroça com doze barris de vinho para a mesa do rei em pessoa. Por minha

empunhadura, se perguntassem o que aconteceu depois, nem eu nem o pequeno Robby Withstaff saberíamos responder!

— E no dia seguinte?

— Por minha fé! Não nos demoramos muito, mas apertamos o passo para voltar a Bordeaux, onde chegamos a salvo com o rei da França e o colchão de penas. Vendi meus espólios, *mes garçons*, por tantas moedas de ouro quanto conseguia carregar no capacete, e durante sete dias acendi doze velas de cera no altar de Santo André. Se esquecemos dos santos quando as coisas vão bem, eles muito provavelmente se esquecerão de nós quando necessitarmos deles. Tenho uma conta de cento e dezenove libras de cera com o abençoado André, e como ele era um homem muito justo, não tenho dúvidas de que receberei essa exata medida quando mais necessitar.

— Diga-me, mestre Aylward — exclamou um arqueiro jovem e de rosto tenro, no outro extremo do aposento —, qual foi o motivo dessa grande batalha?

— Ora, seu idiota, qual mais seria, senão quem deveria usar a coroa da França?

— Pensei que talvez fosse quem deveria ficar com esse teu colchão de penas.

— Se eu chegar perto de você, Silas, pode ser que meu cinto caia sobre seus ombros — respondeu Aylward, em meio a uma gargalhada generalizada. — Mas já está na hora de os franguinhos se empoleirarem, quando se atrevem a cacarejar contra os mais velhos. Já é tarde, Simon.

— Não, entoemos outra canção.

— Temos aqui Arnold de Sowley, que cantarola versos tão bem quanto qualquer um da Companhia.

— Não, há um aqui que não perde para ninguém — disse Hawtayne, pousando a mão no ombro do grande John. — Ouvi-o na coca, com uma voz como as ondas da praia. Rogo-lhe, amigo, que cante para nós “Os Sinos de Milton” ou “A Donzela do Franklin”, se quiser.

Hordle John levou as costas da mão à boca, fixou os olhos no canto do teto e bramiu, numa voz que fez os archotes tremeluzirem, a balada sulista que lhe fora solicitada:

*O franklin saiu a vaguear,
Com a donzela do franklin a aguardar em casa,
Mas ela é fria, recatada e séria,*

E quem poderia conquistar a donzela do franklin?

*Veio um cavaleiro de grande renome
Com bacinete e fios de ouro;
Ajoelhado, orou por muito tempo,
E não pôde conquistar a donzela do franklin.*

*Veio um escudeiro mui cortês
De vestimentas ricas, com justas palavras,
Um canto doce, um toque hábil:
E não conquistou a donzela do franklin.*

*Veio um comerciante maravilhoso
Com barrete de veludo e gabardina;
Mesmo com todos os seus navios e seu comércio
Não pôde comprar a donzela do franklin.*

*Veio um arqueiro, ousado e leal,
Com um braçal e um arco de teixo;
Sua bolsa era leve, seu justilho puído;
Ai da donzela do franklin!*

*Oh, alguns gargalharam e choraram
E outros vasculharam o campo!
Mas cavalgam pelos bosques e clareiras,
O arqueiro e a donzela do franklin.*

O brado de satisfação, com os pés e odres a bater no chão, revelavam o quanto a canção agradava à audiência. John, enquanto isso, dirigiu-se modestamente ao jarro de um quartilho, que esvaziou em quatro goles gigantes.

— Eu entoava essa cantiga na taberna de Hordle muito antes de sequer pensar em ser arqueiro — disse ele.

— Encham seus jarros! — exclamou Simon Negro, enfiando o próprio cálice na barrica que tinha à frente. — Um último copo à Companhia Branca, e a todos os corajosos rapazes que seguem as rosas de Loring!

— À madeira, ao linho, e à asa do ganso! — disse um velho arqueiro grisalho à direita.

— Aos tiros certos, com o rei da Espanha como alvo a duzentos e oitenta passos! — exclamou outro.

— A uma guerra sangrenta! — gritou um quarto. — Muitos partindo e poucos voltando!

— Mais ouro para os mais intrépidos! — acrescentou um quinto.

— E um último copo às donzelas de nossos corações! — exclamou Aylward. — Mãos firmes e olhos precisos, rapazes, e que dois quartilhos sejam a porção dos arqueiros. — Deixaram o aposento aos borbotões, com berros, gracejos e fragmentos de canções, e tudo ficou tranquilo mais uma vez na Rose de Guienne.

CAPÍTULO XXIII

COMO A INGLATERRA PRESIDIU A LIÇA EM BORDEAUX

Os bons burgueses de Bordeaux estavam tão acostumados às exibições marciais e aos esportes cavaleirescos que justas comuns ou torneios eram fatos triviais. A fama e o esplendor da corte do príncipe haviam atraído cavaleiros errantes e passavantes de armas de todas as partes da Europa. A comprida liça às margens do Garona, do lado interno do portão norte, fora palco de inúmeros combates curiosos. O cavaleiro teutônico, recém-chegado da conquista dos pagãos prussianos, disputou uma passagem contra o cavaleiro de Calatrava, calejado pela contínua disputa contra os mouros, e cavaleiros de Portugal quebraram lanças contra guerreiros escandinavos vindos da outra margem do grande Mar do Norte. Ali tremulavam inúmeros pendões estrangeiros, que ostentavam símbolos e brasões das margens do Danúbio, dos ermos da Lituânia e das fortalezas montanhasas da Hungria. A cavalaria não pertencia a um só clima ou um só povo, e tampouco havia terras demasiadamente selvagens em que a fama e o nome do príncipe não tivessem se espalhado de ponta a ponta.

Grande, porém, foi o entusiasmo na cidade e no distrito quando se soube que na terceira quarta-feira do Advento se realizaria um *pas d'armes*, em que cinco cavaleiros da Inglaterra disputariam a liça contra quaisquer desafiantes. A grande confluência de fidalgos e soldados famosos, o caráter nacional da competição, o fato de que esta seria a última prova de armas antes de uma guerra que prometia ser sanguinolenta e árdua, tudo isso contribuía para fazer do evento um dos mais notáveis e radiantes que Bordeaux jamais vira. Na véspera da competição os camponeses afluíram de todo o distrito do Médoc, e os campos além das muralhas foram branqueados pelas barracas dos que não conseguiram hospedagens mais

quentes. Uma incessante torrente de homens montados e a pé jorrava do distante acampamento de Dax, de Blaye, de Burges, de Libourne, de Saint-Émilion, de Castillon, de Saint-Macaire, de Cadillac, de Rions e de todo o aglomerado de prósperas vilas que viam Bordeaux como uma mãe, todos convergindo rumo à grande cidade. Na manhã do dia das passagens, no mínimo oitenta mil pessoas haviam se reunido ao redor da liça e ao longo da crista baixa e gramada que assomava sobre o local da contenda.

Como se pode imaginar, não foi nada fácil escolher, dentre tantos cavaleiros notáveis de ambos os lados, os cinco que teriam a primazia frente a seus pares. As rivalidades e a animosidade criadas pela seleção quase haviam dado origem a uma vintena de combates secundários, e foram necessários a influência do príncipe e o empenho dos barões mais antigos para a manutenção da paz entre tantos guerreiros ardentes e impetuosos. Apenas no dia anterior às passagens os escudos foram finalmente pendurados para que as damas e arautos os inspecionassem, para que todos pudessem conhecer os nomes dos campeões e ter a oportunidade de apresentar acusações contra eles, no caso de haver alguma mácula que os desqualificasse para a participação numa cerimônia tão nobre e honrosa.

Sir Hugh Calverley e sir Robert Knolles ainda não haviam retornado de sua incursão às fronteiras de Navarra, de modo que o grupo inglês estava privado de dois de seus lanceiros mais famosos. Não obstante, ainda restavam tantos bons nomes que Chandos e Felton, a cargo de quem a seleção havia sido atribuída, tiveram diversas deliberações minuciosas, nas quais todos os feitos de armas, fracassos e sucessos de cada candidato foram ponderados e sopesados contra as reivindicações rivais de seus companheiros. Lorde Audley, de Cheshire, o herói de Poitiers, e Loring, do Hampshire, tido como o segundo melhor lanceiro do exército, foram facilmente definidos. Depois, entre os mais jovens, sir Thomas Percy, de Northumberland, sir Thomas Wake, de Yorkshire, e sir William Beauchamp, de Gloucestershire, foram finalmente selecionados para defender a honra da Inglaterra. Do outro lado estavam o veterano *captal* de Buch e o musculoso Olivier de Clisson, além do companheiro livre sir Perducas d'Albret, do valente lorde de Mucident, e de Sigismond von Altenstadt, da Ordem Teutônica. Os soldados mais velhos entre os ingleses sacudiram as cabeças negativamente quando puseram os olhos nos escudetes desses famosos guerreiros, pois todos eram homens que haviam

passado a vida em cima da sela, e a bravura e a força têm pouco valor contra a experiência e a sabedoria bélica.

— Por minha fé, sir John — disse o príncipe, enquanto cavalgava pelas ruas sinuosas a caminho da liça —, eu teria ficado contente em estilhaçar uma hasta hoje. Você me viu portar lanças desde que tive força para erguê-las, e saberia melhor que ninguém se mereço ou não um lugar nessa honrosa companhia.

— Não há montador melhor ou lanceiro mais preciso, sire — disse Chandos —, mas, se posso falar sem correr o risco de ofendê-lo, não seria apropriado que o senhor participasse desta contenda.

— E por que não, sir John?

— Porque, sire, não cabe ao senhor tomar partido dos gascões contra os ingleses ou dos ingleses contra os gascões, visto que é o soberano de ambos. Não somos muito queridos pelos gascões no momento, e apenas o elo dourado de seu diadema principesco é que nos mantém unidos. Se ele fosse quebrado, não sei o que poderia suceder.

— Quebrado, sir John? — exclamou o príncipe com uma centelha de raiva nos olhos negros. — Que maneira de falar é esta? Fala como se a fidelidade de nosso povo fosse algo a ser despido ou vestido como uma peia de falcão.

— Com um cavalo comum usa-se o chicote e a espora, sire — disse Chandos —, mas com um cavalo de sangue e espírito puros o bom cavaleiro é brando e gentil, e persuade ao invés de forçar. Essa gente é um povo estranho, cuja afeição o senhor deve manter, como faz agora, pois com a amabilidade deles conseguirá o que nem mesmo todos os pendões de seu exército poderiam extrair.

— Está demasiadamente circunspecto hoje, John — respondeu o príncipe. — Podemos guardar esses assuntos para nosso conselho. Mas e então, meus irmãos da Espanha e de Maiorca, o que têm a dizer sobre esse desafio?

— Espero assistir a belas justas — disse don Pedro, que cavalgava com o rei de Maiorca à direita do príncipe, enquanto Chandos ia à esquerda. — Por São Tiago de Compostela, mas esses burgueses aguentariam algumas taxas! Vejam os tecidos de alta qualidade e os veludos que os patifes têm nas costas! Juro que se fossem meus súditos ficariam bem contentes em vestir panos duros e couro. Mas talvez seja melhor deixar a lã crescer antes de tosquiá-la.

— Nosso orgulho é governar homens livres — respondeu o príncipe, friamente —, não escravos.

— Cada um com seus gostos — disse Pedro, despreocupadamente. — *Carajo*, que rosto encantador naquela janela! Don Fernando, rogo-lhe que tome nota da casa e providencie para que a donzela seja trazida a nós na abadia.

— Não, irmão, não! — exclamou o príncipe, impaciente. — Já lhe disse mais de uma vez que as coisas não se dão dessa forma na Aquitânia.

— Mil perdões, caro amigo — respondeu o espanhol rapidamente, pois um rubor de fúria surgira no semblante moreno do príncipe inglês. — Você me deixa tão à vontade no exílio que às vezes me esqueço de que na verdade não estou em Castela. Todas as terras realmente têm seus usos e costumes, mas lhe prometo, Eduardo, que quando for meu convidado em Toledo ou Madri, não ansiará em vão pela filha de qualquer plebeu em quem se dignar a pousar os olhos.

— Essa conversa, sire — disse o príncipe, ainda mais friamente —, não é uma que aprecio ouvir de sua boca. Não me apetece as aventuras amorosas das quais fala, e prometi que meu nome estará para sempre junto de minha querida esposa, e de nenhuma outra mulher.

— Sempre o espelho da verdadeira cavalaria! — exclamou Pedro, ao passo que Jaime de Maiorca, amedrontado pelo semblante austero de seu todo-poderoso protetor, puxava com força o manto do irmão de exílio.

— Tenha cuidado, primo — sussurrou ele. — Pelo amor da Virgem, tenha cuidado, pois o enfureceu.

— Pfft, não tenha medo! — respondeu o outro, no mesmo tom baixo. — Se errei uma estocada, acertarei a próxima. Escute só. Bom primo — prosseguiu ele, virando-se para o príncipe —, estes são extraordinários homens de armas, e os arqueiros são robustos. Seria mesmo difícil encontrar rivais para eles.

— Eles viajaram muito, sire, mas nunca encontraram rival.

— Nem encontrarão, tenho certeza. Sinto que já estou de volta a meu trono quando os vejo. Mas diga, caro primo, o que faremos depois de expulsar o bastardo Henrique do reino que roubou?

— Compeliremos o rei de Aragão a instalar nosso bom amigo e irmão Jaime de Maiorca no trono.

— Nobre e generoso príncipe! — exclamou o pequeno monarca.

— Assim que o fizermos — disse o rei Pedro, fitando com os cantos dos olhos o jovem conquistador —, uniremos as forças da Inglaterra, da Aquitânia, da Espanha e de Maiorca. Seria uma vergonha se não realizássemos algum grande feito com tais forças à disposição.

— Diz a verdade, irmão — exclamou o príncipe, com os olhos inflamados diante de tal ideia. — Parece-me que nada poderia agradar mais a Nossa Senhora do que expulsar os pagãos mouros do país.

— Acompanho-o, Eduardo, tão fielmente quanto a bainha e a espada. Mas, por São Tiago, não podemos deixar esses mouros zombarem de nós do outro lado do mar. Temos de embarcar em navios e golpeá-los na África.

— Pelos céus, sim! — exclamou o príncipe. — E meu maior sonho é que nossos pendões ingleses tremulem no Monte das Oliveiras, com os leões e lírios a flamular acima da cidade santa.

— E por que não, caro primo? Seus arqueiros abriram caminho até Paris, por que não até Jerusalém? Poderá descansar as armas quando chegar lá.

— Não, há mais a fazer — exclamou o príncipe, arrebatado pelo ambicioso sonho. — Há ainda a cidade de Constantino a ser tomada, e guerra a ser travada contra o sultão de Damasco. E ainda além dele há tributos a serem arrecadados do *khan* da Tartária, e do reino de Catai. Rá! O que me diz, John? Não podemos ir tão a leste quanto Ricardo, o Coração de Leão?

— O velho John ficará em casa, sire — disse o austero soldado. — Por minha alma, enquanto eu for o senescal da Aquitânia, já terei muito a fazer guardando as fronteiras que o senhor me confiou! O rei da França ficaria alegre se soubesse que há mares a nos separar dele.

— Por minha alma, John! — disse o príncipe. — Nunca antes o ouvi falar como um preguiçoso.

— O cão que mais ladra, sire, nem sempre será o primeiro no toque de morte — respondeu o velho cavaleiro.

— Não, meu fiel companheiro! Já o testei em demasia para não saber disso. Mas, por minha alma, não vejo um tropel tão denso desde o dia em que levamos o rei João pela Cheapside!

Havia realmente uma enorme multidão a cobrir toda a vasta planície, da fileira de vinhedos até a margem do rio. Do portão norte, o príncipe e seus companheiros olhavam para o escuro mar de cabeças abaixo, iluminado aqui e ali pelas toucas coloridas das mulheres ou pelos cintilantes capacetes dos arqueiros e homens de armas. No centro dessa vasta congregação a liça

parecia apenas uma faixa estreita de relva, balizada por estandartes e flâmulas, enquanto clarões brancos e o tremular de pendões em cada extremidade revelavam onde haviam sido armadas as grandes tendas que serviriam como vestiários para os combatentes. Um trajeto havia sido delimitado com estacas, saindo do portão da cidade e chegando às arquibancadas erigidas para a corte e a nobreza. Abaixo, em meio aos gritos da enorme multidão, o príncipe galopava com os dois reis que o acompanhavam, os altos oficiais de estado e o longo séquito de lordes e damas, cortesãos, conselheiros e soldados, com plumas esvoaçantes e joias cintilantes, o resplendor da seda e o brilho do ouro — um espetáculo tão opulento e imponente quanto se poderia desejar. A dianteira da cavalgada havia chegado à liça antes que a retaguarda tivesse passado pelo portão da cidade, pois os melhores e mais corajosos haviam chegado de todas as vastas terras banhadas pelo Dordonha e pelo Garona. Por ali cavalgavam *cavaliers* de fronteiras escuras do ensolarado Sul, soldados impetuosos da Gasconha, graciosos cortesãos do Limusino e de Saintonge, e galantes jovens ingleses d'além-mar. Ali estavam também as lindas morenas da Gironda, com olhos que brilhavam mais que suas joias, enquanto a seu lado cavalgavam suas irmãs louras da Inglaterra, de traços finos e aquilinos, embrulhadas em tecidos finos de flanela e arminho, pois o ar estava gélido mesmo com o sol forte. O longo e fulgurante séquito serpenteou liça adentro, até todos os cavalos serem amarrados pelos criados de companhia e todos os lordes e damas estarem acomodados nas compridas arquibancadas, ricas em tapeçarias, veludos e brasões de armas, que se estendiam dos dois lados da arena.

Os anfitriões da liça ocupavam a extremidade mais próxima ao portão da cidade. Ali, à frente de seus respectivos pavilhões, tremulavam as merletas de Audley, as rosas de Loring, as faixas vermelho-escarlata de Wake, o leão dos Percy e as asas prateadas dos Beauchamp, cada uma delas carregada por um escudeiro trajando estofado verde, representando tritões, e carregando enormes conchas nas mãos esquerdas. Atrás das barracas, os grandes cavalos de guerra, armados em todos os pontos, mordiam e empinavam, enquanto seus donos sentavam-se às portas dos pavilhões, com os elmos nos joelhos, conversando sobre a ordem das atividades do dia. Os arqueiros e homens de armas ingleses haviam se reunido no final da liça, mas a vasta maioria dos espectadores estava a favor do grupo atacante, pois a popularidade dos ingleses havia decaído desde a amarga disputa pela cessão

do prisioneiro real, depois da batalha de Poitiers. De forma alguma o aplauso foi geral, portanto, quando o arauto de armas proclamou, depois de uma fanfarrada de trombetas, os nomes e honrarias dos cavaleiros preparados a defender o campo de batalha, pela honra de seu país e pelo amor de suas damas, contra todos os que lhes fizessem o favor de disputar uma passagem. Por outro lado, uma explosão ensurdecadora de vivas saudou o arauto rival, que veio do outro lado da liça e enumerou os conhecidos títulos dos cinco famosos guerreiros que haviam aceitado o desafio.

— Realmente, John — disse o príncipe —, pelos vistos você estava certo. Rá! Meu caro D'Armagnac, parece que nossos amigos deste lado do mar não ficarão tristes se nossos campeões ingleses forem derrotados.

— Pode ser, sire — respondeu o fidalgo gascão. — Tenho poucas dúvidas de que em Smithfield ou em Windsor uma multidão inglesa estaria a favor de seus compatriotas.

— Por minha fé, é fácil perceber isso! — disse o príncipe, às risadas. — Algumas vintenas de arqueiros ingleses em cada ponta da liça berram como se quisessem vencer no grito a multidão inteira. Temo que tenham pouco a gritar ao fim do torneio, pois as perspectivas de minha jarra de ouro cruzar o mar são baixas. Quais são as condições, John?

— Serão disputas individuais de no mínimo três passagens, sire, e a vitória ficará com o grupo que vencer o maior número de passagens. Cada par continuará até que um dos dois tenha a vantagem. Aquele que se portar melhor dentre os vencedores receberá o prêmio, e o que for escolhido como o melhor entre o outro grupo receberá uma fivela adornada com joias. Devo dar a ordem para que soem os instrumentos, sire?

O príncipe assentiu e as trombetas tocaram, enquanto os campeões cavalgavam em fila, cada um encontrando seu adversário no centro da liça. Sir William Beauchamp caiu perante a lança experiente do *captal* de Buch. Sir Thomas Percy saiu vencedor sobre o lorde de Mucident, e lorde Audley derrubou sir Perducas d'Albret da sela. O corpulento De Clisson, no entanto, revigorou as esperanças dos atacantes ao levar sir Thomas Wake, de Yorkshire, ao chão. Até então era difícil escolher entre os desafiantes e os desafiados.

— Por São Tiago de Santiago! — exclamou don Pedro, com um tom de rubor nas bochechas pálidas. — Quem quer que vença, vem sendo uma disputa notabilíssima.

— Quem é o próximo da Inglaterra, John? — perguntou o príncipe numa voz que palpitava com entusiasmo.

— Sir Nigel Loring do Hampshire, sire.

— Rá! É um homem de grande coragem, e habilidoso no uso de todas as armas.

— De fato, sire. Mas os olhos dele, como os meus, estão ruins por conta das guerras. Mesmo assim consegue justar e fazer bom papel nos golpes manuais, alegre como sempre. Foi ele, sire, que venceu a coroa dourada que a rainha Filipa, vossa real mãe, forneceu para ser disputada na justa por todos os cavaleiros da Inglaterra, depois da tomada de Calais. Ouvi dizer que no Castelo de Twynham há um aparador que geme com o peso de seus prêmios.

— Espero que minha jarra se junte a eles — disse o príncipe. — Mas eis aqui o cavaleiro da Alemanha, e por minha alma, ele parece ser um homem de grande coragem e intrepidez! Que disputem as três passagens, pois a questão é demasiadamente grande para ser resolvida apenas em uma.

Enquanto o príncipe falava, em meio a uma alta fanfarra de trombetas e aos gritos da torcida gascã, o último dos desafiantes cavalgou destemidamente rumo à liça. Era um homem de grande porte, trajando armadura preta sem quaisquer brasões ou ornamentos, pois todas as ostentações mundanas eram proibidas pelas regras da irmandade militar à qual pertencia. Não havia plumas ou graças tremulantes em sua celada simples, e até mesmo a lança era desprovida da costureira flâmula. Um manto branco esvoaçava atrás dele, em cujo lado esquerdo via-se, nítida, a ampla cruz negra com detalhes prateados, a conhecida insígnia da Ordem Teutônica. Montado em um cavalo igualmente grande, negro e ameaçador, avançou lentamente a cânter, sem qualquer dos giros ou cabriolas com que os cavaleiros costumavam exhibir seu controle sobre a montaria de batalha. Ele inclinou a cabeça para o príncipe de maneira solene e austera, e tomou seu lugar na extremidade mais distante da arena.

Mal acabara de fazê-lo e sir Nigel saiu cavalgando do recinto dos anfitriões, galopou em velocidade máxima pela liça e refreou o cavalo diante da bancada do príncipe, com um puxão que fê-lo cair sobre os quadris. Com a armadura branca, o escudo brasonado e a pluma de penas de avestruz no elmo, portava-se de maneira tão desenvolta e jubilosa, agitando o pendão e fazendo curvetas com o cavalo, que uma explosão de aplausos percorreu toda a extensão da arena. Com o ar de alguém que se dirige a um

alegre festival, acenou a lança em saudação, puxou as rédeas do cavalo que pateava, fê-lo girar sem permitir que as patas da frente tocassem o chão e retornou depressa a sua posição.

Um grande silêncio recaiu sobre a enorme multidão quando os últimos dois campeões se defrontaram. Um desenlace duplo parecia residir nessa contenda, pois tanto a fama pessoal quanto a honra de suas facções estavam em jogo. Ambos eram guerreiros famosos, mas como suas façanhas haviam sido realizadas em países largamente afastados, eles nunca antes haviam podido cruzar lanças. Uma passagem entre tais homens por si só teria sido suficiente para causar o mais aguçado interesse, à parte de ser também o dilema que decidiria os vencedores do dia. Por um momento eles aguardaram — o alemão solene e impassível, sir Nigel palpitante em cada fibra com impetuosidade e determinação ardente. Então, em meio a um enorme suspiro dos espectadores, a luva caiu da mão do mestre de cerimônias, e os dois cavaleiros trajados de aço chocaram-se como um trovão em frente à bancada real. O alemão, embora houvesse titubeado por um instante antes da estocada do inglês, golpeou o oponente tão bem na viseira que os cordões arreventaram, o elmo emplumado se estilhaçou e sir Nigel galopou até o fim da liça com a careca brilhando à luz do sul. Mil lenços a acenar e chapéus atirados para o céu anunciaram que a primeira investida tivera a facção popular como vencedora.

O cavaleiro do Hampshire não era homem de se abater por um revés. Esporeou de volta ao pavilhão e estava de volta em alguns instantes com outro elmo. A segunda passagem foi tão disputada que nem os juízes mais argutos foram capazes de discernir alguma vantagem. Os dois arrancaram faíscas do escudo do adversário, e ambos aguentaram o duro choque como se estivessem fundidos com os cavalos que montavam. Na investida final, porém, sir Nigel atingiu o oponente com tanta precisão que a ponta da lança ficou presa entre as barras da viseira e arrancou a frente do elmo, ao passo que o alemão, mirando um tanto baixo e meio atordoado pelo choque, teve a má sorte de acertar o adversário na coxa. Foi uma quebra das regras do pátio de justas, pela qual ele não só sacrificou suas chances de sucesso, como também teria perdido cavalo e armadura, se o cavaleiro inglês tivesse escolhido reclamá-los. A salva de palmas que irrompeu entre os soldados ingleses e o agourento silêncio da vasta multidão comprimida ao redor das barreiras anunciavam que a vitória ficara com os anfitriões. Os dez campeões já haviam se reunido em frente ao príncipe para a entrega do

prêmio, quando um áspero toque de corneta no outro extremo da liça atraiu todos os olhares para uma nova e inesperada chegada.

CAPÍTULO XXIV

COMO UM CAMPEÃO SURTIU DO LESTE

Como já foi explicado, a liça de Bordeaux situava-se na planície próxima ao rio, nas grandes ocasiões em que o pátio de justas em frente à abadia de Santo André era considerado demasiadamente pequeno para acomodar a multidão. No lado leste dessa planície a campina formava um aclave, repleto de videiras no verão, mas agora sulcado com as cruas cercas marrons. Pela suave elevação da campina serpenteava a via branca que leva ao interior, geralmente salpicada de viajantes, mas agora com raros seres vivos, tamanha fora a força com que a liça sorvera os habitantes do distrito. Era estranho ver a vasta confluência de pessoas e depois mirar a ampla, branca e vazia estrada que ziguezagueava à distância, erma e deserta, até que se estreitar a ponto de ser apenas um veio nu nos distantes planaltos.

Um pouco depois do início da disputa, quem quer que olhasse para essa estrada a partir da liça teria notado, bem longe à maior distância, dois pontos brilhantes e cintilantes que reluziam e fulguravam à trêmula luz do sol de verão. Em uma hora eles estavam mais nítidos e mais próximos, até sua chegada poder ser vista no reflexo dos capacetes de dois homens montados que cavalgavam à máxima velocidade na direção de Bordeaux. Mais meia hora e estavam tão próximos que se podia discernir todos os pormenores de sua postura e equipamentos. O primeiro era um cavaleiro em armadura completa, montado num cavalo marrom de frente aberta branca, no peito e na testa. Era um homem baixo e muito largo nos ombros, com a viseira fechada e sem qualquer brasão na simples sobrecota ou no escudo liso preto. O outro, que evidentemente era seu escudeiro e subordinado, estava desarmado exceto pelo elmo na cabeça, mas carregava na mão direita uma lança de carvalho muito comprida e pesada que pertencia a seu senhor. Na mão esquerda o escudeiro tinha não apenas as rédeas de sua

própria montaria, como também as de um grande cavalo de guerra negro completamente armado que trotava a seu lado. Assim os três cavalos e os dois montadores cavalgaram rapidamente rumo à liça, e foi o alarido da trombeta soada pelo escudeiro, quando seu senhor adentrou a arena a cavalo, que interrompeu a entrega dos prêmios e atraiu a atenção e o interesse dos espectadores.

— Rá, John! — exclamou o príncipe, esticando o pescoço. — Quem será esse cavaleiro, e o que ele deseja?

— Tem minha palavra, sire — respondeu Chandos, com extrema surpresa no rosto —, sou da opinião de que se trata um francês.

— Um francês! — repetiu don Pedro. — E como poderia afirmar isso, lorde Chandos, visto que ele não tem escudo de armas, crista ou brasão?

— Pela armadura, sire, que é mais arredondada no cotovelo e nos ombros que as de Bordeaux ou as da Inglaterra. Poderia ser italiano se o bacinete fosse mais oblíquo, mas posso jurar que aquelas chapas foram fundidas entre esta região e o Reno. Mas o escudeiro vem aí, e saberemos então que estranha sorte o fez cruzar as fronteiras.

Enquanto ele falava, o criado cruzava o recinto relvado a cânter, e depois de puxar as rédeas do corcel à frente da bancada real, soou uma segunda fanfarra na corneta. Era um homem descarnado, de compleição escura, com uma barba preta e eriçada e a postura emproada.

Enfiou a corneta no cinto após o toque, e após abrir caminho entre os grupos de cavaleiros ingleses e gascões, puxou as rédeas à distância de uma lança do séquito real.

— Venho — bradou em voz grossa e áspera, com um forte sotaque da Bretanha —, como escudeiro e arauto de meu senhor, um mui valente passavante-de-armas e vassalo do grande e poderoso monarca, Carlos, rei dos franceses. Meu senhor ouviu que há justas ocorrendo aqui e a perspectiva de honrosa elevação, e veio pedir que algum *cavalier* inglês lhe conceda, pelo amor de sua dama, uma passagem com lanças afiadas, ou o enfrente com espada, maça, machado de batalha ou punhal. Ele me ordenou que dissesse, no entanto, que lutará apenas com um verdadeiro inglês, e não com algum rafeiro que não é inglês nem francês, mas fala com a língua de um e luta sob o estandarte do outro.

— Senhor! — exclamou De Clisson numa voz trovejante, enquanto seus compatriotas batiam as mãos nas espadas. O escudeiro, porém, não deu atenção a seus rostos furiosos e continuou a mensagem de seu senhor.

— Ele está preparado, sire — disse ele —, embora seu corcel de batalha tenha viajado muitas milhas hoje, e rápido, pois temíamos chegar tarde demais para as justas.

— De fato chegaram tarde demais — disse o príncipe —, visto que o prêmio está prestes a ser entregue. Mas não tenho dúvidas de que um destes gentis-homens disputará uma passagem, em nome da honra, com este *cavalier* da França.

— Quanto ao prêmio, sire — disse sir Nigel —, tenho certeza de que falo por todos quando digo que esse cavaleiro francês tem nossa permissão para levá-lo consigo, se for capaz de conquistá-lo de forma justa.

— Leve essas palavras a seu senhor — disse o príncipe —, e pergunte a ele qual destes cinco ingleses ele gostaria de defrontar. Mas espere! Seu senhor não ostenta um escudo de armas, e ainda não ouvimos o nome dele.

— Meu mestre, sire, está sob juramento à Virgem de não revelar seu nome ou abrir a viseira até estar de volta às terras francesas mais uma vez.

— Mas que garantias temos — disse o príncipe —, de que não se trata de algum criado disfarçado no arnês de seu senhor ou de algum cavaleiro covarde, cujo mero toque da lança poderia trazer infâmia a um honroso cavaleiro?

— Não é assim, sire — exclamou o escudeiro, zelosamente. — Não há homem na terra que se rebaixaria ao quebrar lanças com meu senhor.

— É ousado, escudeiro — respondeu o príncipe —, mas a menos que eu tenha mais alguma garantia do nascimento nobre e do nome respeitável de seu senhor, não posso pôr os lanceiros mais seletos de minha corte à prova contra ele.

— Recusa-se, sire?

— Recuso-me.

— Então, sire, meu mestre me instruiu a perguntar se o senhor consentiria que sir John Chandos, ao ouvir o nome de meu senhor, garantisse que ele realmente é um homem com quem se pode cruzar espadas sem indignidade.

— Não peço mais que isso — disse o príncipe.

— Então devo lhe pedir, lorde Chandos, que dê um passo à frente. Tomarei sua promessa de que o nome permanecerá para sempre em segredo, e que o senhor não dirá ou escreverá uma palavra que possa revelá-lo. O nome é... — Ele se inclinou no cavalo e murmurou algo no ouvido do velho cavaleiro que fê-lo sobressaltar-se em surpresa e olhar

fixamente, com muita curiosidade, para o distante cavaleiro, montado em seu cavalo de batalha no outro extremo da arena.

— Isto é mesmo verdade? — exclamou ele.

— Sim, meu senhor, juro por Santo Ivo da Bretanha.

— Eu deveria ter percebido — disse Chandos, enrolando o bigode e ainda mirando pensativamente o cavaleiro.

— E então, sir John? — perguntou o príncipe.

— Sire, trata-se de um cavaleiro que de fato seria uma honra defrontar, e gostaria que vossa graça me permitisse mandar meu escudeiro buscar meu arnês, pois eu desejaria muito disputar uma passagem contra ele.

— Não, não, sir John, você já conquistou toda a honra possível para um homem, e seria uma insensibilidade se não pudesse descansar agora. Mas rogo-lhe, escudeiro, que diga a seu senhor que ele é muito bem-vindo a nossa corte, e que lhe serão servidos vinhos e especiarias se desejar revigorar-se antes da justa.

— Meu mestre não beberá — disse o escudeiro.

— Então que ele nomeie o cavaleiro com quem gostaria de quebrar uma lança.

— Ele deseja defrontar estes cinco cavaleiros, cada um escolhendo a arma que mais lhe aprouver.

— Percebo — disse o príncipe —, que seu mestre é um homem de grande coragem e enorme empenho. Mas o sol já está baixo no Oeste, e mal haverá luz para as passagens. Rogo-lhes, cavaleiros, que tomem seus lugares, para que possamos ver se os atos desse estranho são tão ousados quanto suas palavras.

O cavaleiro desconhecido havia permanecido sentado como uma estátua de aço, sem olhar para a direita ou para a esquerda durante esses preâmbulos. Ele trocara de montaria, e agora montava o cavalo de batalha negro que o escudeiro conduzira a seu lado. Sua imensa envergadura, a postura austera e controlada e o modo com que manuseava o escudo e a lança eram suficientes, por si sós, para convencer os milhares de espectadores críticos de que se tratava de um oponente perigoso. Aylward, na primeira fileira dos arqueiros com Simon, grande John e outros da Companhia, criticara as atividades desde o início, com a facilidade e a liberdade de alguém que havia passado a vida em meio às armas e aprendera, em uma dura escola, a conhecer com uma olhadela as condições

de um cavalo e de seu cavaleiro. Ele agora encarava o estranho com o cenho franzido e o ar de alguém que se esforça para atizar a memória.

— Por minha empunhadura! Já vi esse corpanzil antes. Mas não consigo me lembrar onde pode ter sido. Em Nogent, talvez, ou foi em Auray? Escutem, rapazes, este homem provará ser um dos melhores lanceiros da França, e eles são os melhores do mundo.

— Esse jogo de espetar não passa de uma brincadeira de criança — disse John. — Eu gostaria de tentar a sorte nele, pois pela cruz negra, creio que poderia ser aperfeiçoado!

— O que faria então, John? — perguntaram vários.

— Muitas coisas poderiam ser feitas — disse o mateiro pensativamente. — Começaria quebrando minha lança, penso eu.

— É o que todos procuram fazer.

— Não, mas eu não o faria no escudo do oponente. Quebraria a lança em meu próprio joelho.

— E como isso seria melhor, velho saco de ossos? — perguntou Simon Negro.

— Dessa forma eu transformaria uma arma que não passa de um punhal de dama em uma enorme clava.

— E depois, John?

— Depois eu tomaria a lança do adversário no braço ou na perna, ou onde quer que ele quisesse colocá-la, e lhe esmagaria os miolos com minha clava.

— Pelos ossos de meus dez dedos! Velho John — disse Aylward —, eu daria meu colchão de penas para ver você em uma passagem de lanças. Esse esporte que você inventou é muitíssimo nobre e cortês.

— Assim me parece — disse John seriamente. — Ou, além disso, um poderia agarrar o outro pela cintura, arrancá-lo do cavalo e carregá-lo até o pavilhão, para exigir um resgate.

— Muito bom! — exclamou Simon, em meio a um urro de risadas de todos os arqueiros ao redor. — Por Tomás de Kent! Faremos de ti marechal de campo, e criarás as regras para nossas justas. Mas, John, quem é que você defenderia de maneira tão cavaleiresca e respeitável?

— O que quer dizer?

— Ora, John, um competidor tão forte e singular deve lutar pelo esplendor dos olhos de sua dama ou pelas curvas de seus cílios, como sir Nigel faz com lady Loring.

— Não sei nada sobre isso — disse o grande arqueiro, coçando a cabeça em perplexidade. — Já que Mary me enganou, eu não poderia lutar por ela.

— Mas qualquer mulher serve.

— Minha mãe, então — disse John. — Ela passou por muitas dificuldades para me criar, e, por minha alma, defenderei as curvas de seus cílios, pois pensar nela aquece meu coração! Mas quem vem lá?

— É sir William Beauchamp. Um homem valente, mas temo que não esteja firme o bastante na sela para aguentar o golpe do justador que esse estranho promete ser.

As palavras de Aylward rapidamente se justificaram, pois ainda enquanto ele falava os dois cavaleiros se confrontaram no centro da liça. Beauchamp acertou o oponente com um golpe sagaz no elmo, mas recebeu uma estocada tão espantosa que rodopiou para fora da sela e caiu rolando no chão. Sir Thomas Percy não teve sorte muito melhor, pois seu escudo se estilhaçou, o avambrço rasgou e ele mesmo se feriu levemente no braço. Lorde Audley e o cavaleiro desconhecido atingiram um ao outro seriamente nos elmos, mas enquanto o estranho se manteve firme e hirto no cavalo, o inglês dobrou-se na garupa de sua montaria pelo peso do golpe e galopou por metade da liça até se recuperar. Sir Thomas Wake foi derrubado ao chão com um machado de batalha — a arma que escolhera — e teve de ser carregado até seu pavilhão. Esses rápidos triunfos, conquistados em sucessão contra quatro célebres guerreiros, causaram na multidão um senso de espanto e admiração. Estrondos de aplauso dos soldados ingleses, dos cidadãos e dos camponeses revelavam como o amor pelos feitos cavaleirescos e valentes podia elevar-se a alturas muito maiores que as rivalidades entre povos.

— Por minha alma, John! — exclamou o príncipe, com a bochecha corada e os olhos brilhando. — Este é um homem de boa coragem e grande intrepidez. Eu não imaginaria que existisse um braço sequer nesta terra que fosse capaz de derrubar esses quatro campeões.

— Como eu disse, sire, ele é realmente um cavaleiro contra quem se pode conquistar muita honra. Mas a borda do sol já está na água, e logo estará debaixo do mar.

— Eis aqui sir Nigel Loring, a pé e portando sua espada — disse o príncipe. — Ouvi dizer que ele é um excelente espadachim.

— O melhor em seu exército, sire — respondeu Chandos. — Mas não tenho dúvidas de que ele necessitará de toda sua perícia hoje.

Enquanto ele falava os dois combatentes avançavam dos dois extremos em armadura completa, com as espadas de duas mãos apoiadas nos ombros. O desconhecido caminhava pesadamente e com passos calculados, ao passo que o cavaleiro inglês avançava rapidamente, como se não houvesse uma couraça de ferro reprimindo a liberdade de seus membros. Detiveram-se a quatro passos de distância, miraram um ao outro por um momento, e então, num instante, puseram-se a trabalhar com repeniques e tinidos, como se dois robustos ferreiros estivessem ocupados em suas bigornas. As compridas e brilhantes lâminas subiam e desciam, circulavam em giros de luz cintilante. Cruzavam-se, chocavam-se e desembaraçavam-se com lampejos de faíscas em cada parada. Sir Nigel saltitava aqui e ali com a cabeça ereta e a alegre pluma tremulando no ar, enquanto seu soturno oponente lançava sucessões de golpes estrondeantes ferozmente seguidos por cortes e estocadas, mas nunca capaz de superar a experiente lâmina do hábil espadachim. A multidão rugia de prazer quando sir Nigel inclinava a cabeça para evitar um golpe, ou quando fazia com que uma terrível estocada resvalasse inofensivamente com algum movimento do corpo. Subitamente, porém, sua hora chegou. O francês, rodopiando a espada, exibiu por um instante uma fenda entre a espaldeira e a brafoneira que protegia a parte superior de seu braço. Sir Nigel investiu e recuou tão rapidamente que não se pôde acompanhar o ligeiro movimento de sua lâmina com o olhar, mas um fio de sangue no ombro do desconhecido e uma mancha vermelha que se alargava rapidamente em sua sobrecota branca revelavam onde a estocada surtira efeito. O ferimento, no entanto, não fora mais que superficial, e o francês estava prestes a reavivar seu assalto, quando, a um sinal do príncipe, Chandos deixou cair a batuta e os marechais da liça bateram nas armas e puseram fim à disputa.

— Já era hora de encerrar — disse o príncipe, sorrindo —, pois sir Nigel é um homem demasiado bom para ser perdido, e, pelas cinco chagas sagradas, se um daqueles cortes atingisse o alvo, eu temeria por nosso campeão! O que tem a dizer, Pedro?

— Creio, Eduardo, que o homenzinho era bastante capaz de cuidar de si mesmo. De minha parte, gostaria que uma dupla tão parelha continuasse lutando enquanto houvesse sangue em suas veias.

— Temos de conversar com eles. Um homem como esse não pode deixar minha corte sem descanso ou refeição. Traga-o aqui, Chandos, e, decerto, se lorde Loring renunciou seu direito a este cálice, é justo e apropriado que

este cavaleiro o leve consigo à França, como prova da perícia que demonstrou hoje.

Enquanto ele falava, o cavaleiro errante, montado novamente em seu cavalo de guerra, galopara rumo à bancada real com um lenço de seda amarrado no braço ferido. O sol poente despejava um brilho avermelhado em seus braços lustrados e lançava uma longa e escura sombra atrás, que se derramava clareira acima. Refreando o corcel, ele inclinou a cabeça de leve e ficou sentado à maneira austera e serena com a qual se portara do começo ao fim, incólume aos gritos, aos aplausos e ao tremular de lenços que vinham das longas fileiras de bravos homens e belas mulheres que o observavam de cima.

— Senhor cavaleiro — disse o príncipe —, hoje ficamos todos admirados com a grande perícia e a coragem de que Deus o dotou. Gostaria que o senhor permanecesse em nossa corte ao menos por algum tempo, até seu ferimento estar curado e seus cavalos descansados.

— Meu ferimento não é nada, sire, e os cavalos não estão cansados — devolveu o desconhecido numa voz profunda e austera.

— Não iria sequer a Bordeaux conosco, para beber uma taça de muscadina e cear em nossa mesa?

— Não beberei de seu vinho nem sentarei a sua mesa — devolveu o outro. — Não tenho afeição pelo senhor ou por seu povo, e não gostaria de receber nada de suas mãos até o dia em que eu vir, desaparecendo no céu do Oeste, a última vela que os carregará de volta a sua ilha.

— São palavras amargas, senhor cavaleiro — disse o príncipe Eduardo, com o olhar carregado.

— E vêm de um coração amargo — respondeu o cavaleiro desconhecido. — Quando foi a última vez em que houve paz em meu desafortunado país? Onde estão as quintas, os pomares e os vinhedos que faziam da França tão bela? Onde estão as cidades que a fizeram grande? Da Provença à Borgonha, somos atormentados por todos os mercenários gatunos da Cristandade, que dilaceram e despedaçam o país que vocês deixaram demasiadamente fraco para guardar suas próprias marcas. Não há um provérbio que diz que um homem pode cavalgar um dia inteiro nessa terra infeliz sem ver um telhado no teto ou ouvir o cantar de um galo? Um bom reino não é capaz de satisfazê-los, para que se empenhem tanto por este outro que não tem qualquer afeição por vocês? *Pardieu!* As palavras de um verdadeiro francês podem mesmo ser amargas, pois seu destino é amargo e

seus pensamentos ficam amargos quando cavalga por seu país triplamente infeliz.

— Sir cavaleiro — disse o príncipe —, fala como um homem de coragem, e nosso primo da França é afortunado por ter um cavaleiro tão apto a defender sua casa, seja com a língua ou a espada. Mas se pensam tão mal de nós, por que nos confiaram suas próprias pessoas sem garantia ou salvo-conduto?

— Porque sabíamos que o senhor estaria aqui, sire. Se o homem sentado à sua direita fosse o soberano desta terra, eu realmente teria pensado duas vezes antes de pedir a ele algo cavaleiresco ou generoso. — Com uma saudação soldadesca, rodopiou o cavalo, galopou pela liça e desapareceu em meio à densa multidão de homens a pé e a cavalo que deixavam o local do torneio.

— O vilão insolente! — exclamou Pedro, acompanhando-o furiosamente com o olhar. — Já vi línguas serem arrancadas por menos que isso. Não faria bem ainda agora, Eduardo, despachar homens a cavalo para trazê-lo de volta? Considere que pode ser alguém da casa real da França, ou no mínimo um cavaleiro cuja perda seria um duro golpe para seu senhor. Sir William Felton, o senhor está montado, rogo-lhe que galope atrás do patife.

— Faça isso, sir William — disse o príncipe —, e dê a ele esta bolsa com cem nobles, como sinal do respeito que tenho por ele. Por São Jorge, ele hoje serviu a seu senhor exatamente como eu gostaria que meus vassallos me servissem! — Dizendo isto, o príncipe deu as costas ao rei da Espanha, montou o cavalo de um salto e cavalgou devagar para casa, na abadia de Santo André.

CAPÍTULO XXV

COMO SIR NIGEL ESCREVEU AO CASTELO DE TWYNHAM

Na manhã seguinte à justa, quando Alleyne Edricson, como de costume, adentrou o aposento de seu senhor para ajudá-lo a se vestir e cachear seus cabelos, encontrou-o já de pé e muito ocupado. Estava sentado em uma mesa à janela com um lebréu escocês de um lado e um *lurcher* do outro, e tinha os pés enfiados debaixo do cavalete em que se sentava, a língua para fora e o ar de alguém muito perplexo. Uma folha de velino estava estendida na tábua à sua frente e ele segurava uma pena na mão, com a qual estivera rabiscando em uma caligrafia grosseira como a de um menino de escola. As manchas eram tantas, porém, e tão numerosos eram os riscos e as rasuras, que ele por fim desistira em desespero e permanecera sentado com o único olho descoberto virado para o teto, como alguém à espera de inspiração.

— Por São Paulo! — exclamou ele, quando Alleyne entrou, — Você é quem me auxiliará neste assunto. Necessito gravemente de você, Alleyne.

— Que Deus esteja contigo, meu bom senhor! — respondeu o escudeiro. — Espero que não tenha se ferido com tudo o que passou ontem.

— Não, sinto-me revigorado, Alleyne. Aquilo relaxou minhas juntas, que estavam um tanto rígidas após tantos anos de paz. Espero, Alleyne, que tenhas observado e registrado cuidadosamente a atitude e a postura daquele cavaleiro da França, pois é agora, enquanto você é jovem, a hora de ver tudo o que há de melhor e moldar suas próprias ações em conformidade com isso. Aquele era um homem contra quem se poderia conquistar muita honra, e raras vezes encontrei alguém por quem adquirir tanta afeição e estima. Se pudesse saber pelo menos o nome dele, eu o enviaria até ele com meu cartel, para termos outra oportunidade de assistir seus ótimos feitos de armas.

— Dizem, meu bom senhor, que ninguém sabe o nome dele, a não ser lorde Chandos, e que ele está sob juramento de não o revelar. Era essa a conversa na mesa dos escudeiros.

— Seja quem for, era um cavalheiro muito intrépido. Mas tenho uma tarefa aqui, Alleyne, que é mais difícil para mim do que qualquer coisa que me tenha sido impingida ontem.

— Posso ajudá-lo, meu senhor?

— Na verdade, pode. Estou escrevendo saudações à minha querida esposa, pois soube que um mensageiro partirá da parte do príncipe rumo a Southampton dentro de uma semana, e ele de bom grado levaria uma encomenda para mim. Rogo-lhe, Alleyne, que dê uma vista-d’olhos no que escrevi, e veja se são palavras que minha dama compreenderá. Meus dedos, como pode ver, estão mais acostumados ao ferro e ao couro que a desenhar os riscos e curvas das letras. Que tal? Há algo errado, para você estar olhando dessa maneira?

— É esta primeira palavra, meu senhor. Em que língua foi seu desejo escrever?

— Em inglês, pois minha senhora o fala melhor que o francês.

— Mas esta não é uma palavra inglesa, meu bom senhor. Aqui há quatro *t* sem sequer uma letra entre eles.

— Por São Paulo, pareceu mesmo estranho ao olho quando escrevi! — disse sir Nigel. — Eles formam um feixe, como um grupo de lanças. Temos de romper as fileiras e separá-los. A palavra é “that”. Agora lerei, Alleyne, e você escreverá claramente, pois partiremos de Bordeaux ainda hoje, e seria uma grande alegria para mim pensar que lady Loring recebeu minhas palavras.

Alleyne sentou-se como instruído, com uma pena na mão e uma nova folha de pergaminho diante de si, enquanto sir Nigel decifrava lentamente sua carta, correndo o indicador de palavra em palavra.

— Que meu coração está contigo, meu docinho querido, é o que teu próprio coração te assegurará. Tudo vai bem conosco por aqui, exceto que Pepin está com sarna no lombo e Pommers ainda mal se livrou da rigidez de ficar quatro dias a bordo do navio, ainda mais porque o mar estava muito alto, e era provável que afundássemos por conta de um buraco na lateral da coca, que foi aberto por um pedregulho lançado em nós por certos piratas, que os santos os tenham, pois partiram deste mundo, como o jovem Terlake, e duas vintenas de marinheiros e arqueiros, que seriam muito bem-vindos

aqui pois provavelmente haverá uma bela guerra, com muita honra e todas as esperanças de elevação, razão pela qual partirei para reunir minha Companhia, que está agora em Montauban, onde estão pilhando e destruindo. Mas espero que, com a ajuda de Deus, eu possa mostrar que sou senhor deles, assim como, minha doce dama, sou teu servo.

— Que tal, Alleyne? — continuou sir Nigel, piscando para o escudeiro com uma expressão de certo orgulho no rosto. — Não contei a ela tudo que nos sucedeu?

— Disse bastante, meu bom senhor, mas está um tanto amontoado, se posso dizer. Pode ser que lady Loring mal consiga compreender. Se fossem períodos mais curtos...

— Não, não me importa como são ordenados, desde que estejam todos presentes na convocação. Que minha senhora receba as palavras, e ela mesma as colocará na ordem que preferir. Mas eu gostaria que você acrescentasse coisas que ela gostaria de saber.

— É o que farei — disse Alleyne, alegremente, e pôs-se a trabalhar.

“Minha boa dama e senhora”, escreveu ele “estivemos sob a proteção de Deus, e meu senhor está bem e de bom humor. Conquistou muita honra na justa perante o príncipe, na qual foi o único capaz de se portar bem contra um francês muito valente. No que concerne ao dinheiro, ainda há mais que o suficiente para chegarmos a Montauban. Por meio desta, boa dama, envio minhas humildes saudações, suplicando que transmita as mesmas a sua filha, lady Maude. Que os abençoados santos guardem as duas é sempre pelo que ora teu servo, Alleyne Edricson.”

— Está muito bem escrito — disse sir Nigel, assentindo a careca enquanto cada frase lhe era lida. — E quanto a ti, Alleyne, se houver algum caro amigo a quem deseje mandar cumprimentos, posso enviá-los nesta encomenda.

— Não há ninguém — disse Alleyne, infeliz.

— Não tem parentes, então?

— Nenhum, a não ser meu irmão.

— Rá! Eu me esquecera de que há animosidade entre vocês. Mas não há ninguém na Inglaterra que te ame?

— Eu não diria isso sobre ninguém.

— E ninguém que você ame?

— Não, eu não diria isso — disse Alleyne.

Sir Nigel balançou a cabeça e riu de leve consigo mesmo.

— Percebo como as coisas são com você — disse ele. — Já não observei seus frequentes suspiros e o olhar vazio? Ela é bela?

— De fato, é — exclamou Alleyne do fundo do coração, em total formigamento após tal mudança na conversa.

— E boa?

— Como um anjo.

— Mas ela não te ama?

— Não, não posso dizer que ela ama outro.

— Então tem esperanças?

— Não poderia viver de outra forma.

— Então você tem de se empenhar para ser digno do amor dela. Seja bravo e puro, destemido diante dos fortes e humilde perante os fracos. Assim, quer esse amor prospere ou não, você terá se tornado apto a ser honrado com o amor de uma donzela, que é, na verdade, o galardão mais alto a que um verdadeiro cavaleiro pode aspirar.

— De fato, meu senhor, empenho-me para isso — disse Alleyne —, mas ela é tão encantadora, tão graciosa, de espírito tão nobre, que temo nunca ser digno dela.

— Ao pensar assim você se torna digno. Ela é de nascimento nobre, então?

— Sim, meu senhor — hesitou Alleyne.

— De uma casa cavaleiresca?

— Sim.

— Tenha cuidado, Alleyne, tenha cuidado! — disse sir Nigel, amavelmente. — Quanto mais alto é o corcel, maior é a queda. Não tente perseguir o que está além de seu voo.

— Meu senhor, conheço pouco dos usos e costumes do mundo — exclamou Alleyne —, mas gostaria de pedir seu conselho neste assunto. O senhor conheceu meu pai e meus parentes. Minha família não tem boa posição e reputação?

— Sem sombra de dúvida.

— E ainda assim o senhor me adverte para que não assente meu amor alto demais.

— Se Minstead fosse seu, Alleyne, por São Paulo, não consigo imaginar que família alguma em nossa terra não teria orgulho em aceitá-lo entre eles, visto que você é de uma linhagem tão antiga. Mas enquanto o *socman*

estiver vivo... Rá, por minha alma! Se não são os passos de sir Oliver, ou estou muito enganado.

Enquanto ele falava uma pesada passada pôde ser ouvida do lado de fora, e o corpulento cavaleiro escancarou a porta e entrou a passos largos no cômodo.

— Ora, meu coleguinha — disse ele —, vim até aqui para lhe dizer que estou hospedado acima do barbeiro na Rue de la Tour, e que há uma empanada de veado no forno e dois frascos da melhor safra na mesa. Por São Tiago, um cego poderia encontrar o lugar, pois basta estar ao vento e seguir o cheiro apetitoso! Vista seu manto e venha, pois sir Walter Hewett e sir Robert Briquet nos aguardam com mais um ou dois.

— Não, Oliver, não poderei estar com vocês, pois tenho de partir para Mountaban ainda hoje.

— Para Montauban? Mas eu soube que sua Companhia deverá se dirigir a Dax, com meus quarenta moleques de Winchester.

— Pode assumir o comando deles, Oliver? Pois ninguém mais irá a Montauban comigo, exceto meus dois escudeiros e dois arqueiros. Então, quando encontrar o resto de minha Companhia, eu os conduzirei a Dax. Partiremos esta manhã.

— Então tenho de voltar a minha empanada — disse sir Oliver. — Poderemos ser encontrados em Dax, sem dúvida, a não ser que o príncipe me jogue na prisão, pois está furiosíssimo comigo.

— E por quê, Oliver?

— *Pardieu*, porque enviei meu cartel, minha luva e um desafio a sir John Chandos e a sir William Felton!

— A Chandos? Em nome de Deus, Oliver, por que fez isso?

— Porque ele e o outro me trataram com despeito.

— E como?

— Porque passaram por cima de mim ao escolher os que justariam pela Inglaterra. Você e Audley eu poderia aceitar, colega, pois são homens experimentados, mas quem são Wake, Percy e Beauchamp? Por minha alma, eu já atiçava o fogo para fazer comida na caldeira de acampamento quando eles ainda choramingavam por mingau! Um homem de meu peso e solidez deve ser preterido em favor dos primeiros três rapazolas meio adultos que aprenderam uns truques do pátio de justas? Mas ouça, colega, também estou pensando em enviar meu cartel ao príncipe.

— Oliver! Oliver! Ficou louco!

— Eu não, por minha fé! Não dou a mínima se é o príncipe ou não. Por São Tiago! Vejo os olhos de seu escudeiro saltando da cabeça como um caranguejo amarrado. Bem, amigo, somos todos homens do Hampshire, de quem não se deve zombar levemente.

— Ele zombou de você?

— *Pardieu!* Sim, “O coração do velho sir Oliver ainda é robusto”, disse alguém da corte. “Do contrário não estaria de acordo com o resto dele”, disse o príncipe. “E ele tem o braço forte”, disse outro. “Bem como a coluna do cavalo dele”, disse o príncipe. Ainda hoje enviarei meu cartel e meu desafio.

— Não, não, meu caro Oliver — disse sir Nigel, pousando a mão no braço do furioso amigo. — Não há nada aí, pois estavam apenas dizendo que você é um homem forte e vigoroso, que necessita de um bom corcel de batalha. E quanto a Chandos e Felton, considere: se quando você era jovem os lanceiros mais velhos fossem sempre preferidos, como teria tido a chance de conquistar o bom nome e a fama que hoje ostenta? Você já não cavalga tão levemente como antes, Oliver, e meu cavalgar é mais leve por conta de meu cabelo, mas seria ruim se agora, no entardecer de nossas vidas, demonstrássemos que nossos corações estão menos fieis e leais que antigamente. Se um cavaleiro como sir Oliver Buttethorn puder se voltar contra seu próprio príncipe por palavras triviais, onde é que encontraremos confiança e firmeza inabaláveis?

— Ah, meu caro coleguinha, é fácil sentar-se à luz do sol e pregar para o homem que está nas sombras! Mas você sempre consegue me ganhar com essa sua vozinha mansa. Não pensemos mais nisto, então. Mas, Santa Mãe, me esqueci da empanada, e ela deve estar queimada como Judas Iscariotes! Venha, Nigel, antes que os espíritos malignos se apossem de mim novamente.

— Por uma hora, então, pois marchamos ao meio-dia. Diga a Aylward, Alleyne, que ele deve vir comigo a Montauban, e que deverá escolher um arqueiro para ser seu companheiro. O resto irá a Dax quando o príncipe partir, o que ocorrerá antes da festa da Epifania. Prepare Pommers até o meio-dia com minha lança de sicômoro, e ponha meu arnês na mula de carga.

Os dois velhos soldados saíram juntos a passos largos após essas breves instruções, enquanto Alleyne se apressava para deixar tudo em ordem para a viagem.

CAPÍTULO XXVI

COMO OS TRÊS CAMARADAS CONSEGUIRAM UM IMENSO TESOURO

Era um dia claro e fresco de inverno quando o pequeno bando deixou Bordeaux em sua jornada rumo a Montauban, onde se ouvira falar pela última vez sobre a metade restante da Companhia. Sir Nigel e Ford haviam partido na frente, com o cavaleiro em sua montaria comum enquanto o grande cavalo de guerra trotava ao lado do escudeiro. Alleyne Edricson seguiu duas horas depois, pois teve de acertar a conta da taberna e realizar diversas outras tarefas que lhe competiam enquanto escudeiro de companhia. Acompanhavam-no Aylward e Hordle John, armados como antes, mas nesta jornada montados num par de desajeitados cavalos landeses. Os animais vacilavam e tinham as cabeças pesadas, mas eram dotados de grande resistência e capazes de correr um dia inteiro, mesmo entre os joelhos do enorme arqueiro com seus cento e vinte quilogramas. Levavam consigo as mulas de carga, que transportavam em cestos o guarda-roupa e o mobiliário de mesa de sir Nigel. O cavaleiro, embora não fosse um janota ou um gastrônomo, era muito metuculoso quanto às pequenezas, e prezava, ainda que a mesa estivesse escassa e a vida dura, pelo linho branco e pelas colheres de prata.

Havia geado durante a noite, e as ferraduras dos cavalos bateram-se ruidosamente na estrada dura e branca quando eles saíram esporeando pelo portão leste da cidade, ao longo da mesma ampla via que o desconhecido campeão francês atravessara no dia das justas. Os três cavalgavam lado a lado, e Alleyne Edricson tinha os olhos baixos e a mente distraída, pois estava absorto em pensamentos sobre a conversa que tivera com sir Nigel pela manhã. Fizera bem em dizer tanto, ou teria sido melhor dizer mais? O que teria dito o cavaleiro se ele confessasse seu amor por lady Maude? Ele

o dispensaria em desgraça, ou o teria repreendido por ter abusado do abrigo de seu teto? Estivera na ponta da língua do jovem contar tudo a ele, quando sir Oliver os interrompera. Quiçá sir Nigel, com seu apreço por todos os costumes moribundos da cavalaria, teria inventado alguma estranha provação ou façanha de armas que poria à prova seu amor. Alleyne sorriu ao imaginar que feito fantástico e prodigioso lhe seria exigido. Qualquer que fosse, ele estava pronto, fosse para adentrar a liça na corte do rei da Tartária, levar um cartel ao sultão de Bagdá, ou servir por um período contra os pagãos selvagens da Prússia. Sir Nigel dissera que seu nascimento era suficientemente alto para qualquer dama, se sua fortuna fosse melhorada. Alleyne com frequência torcera os lábios diante dos desejos indigentes por terras ou ouro, que cegavam os homens para as questões mais elevadas e duradouras da vida. Agora, parecia que apenas com essas mesmas terras e esse mesmo ouro ele poderia esperar atingir o desejo de seu coração. Por outro lado, o *socman* de Minstead não tinha a amizade do condestável do Castelo de Twynham. Poderia acontecer de essa contenda distanciar as duas famílias, no caso de ele acumular riquezas por alguma feliz fortuna da guerra. Mesmo se Maude o amasse, ele a conhecia demasiadamente bem para imaginar que ela se casaria sem a bênção do pai. Tudo estava escuro e sombrio, mas a esperança se eleva alto entre os jovens, e sempre tremula acima do turbilhão de pensamentos como uma pluma branca em meio ao grupo de cavaleiros.

Se Alleyne Edricson tinha muito a ponderar enquanto montava pelas planícies nuas da Guiena, seus dois companheiros estavam mais ocupados com o presente e menos pensativos sobre o futuro. Aylward cavalgou por meia milha com o queixo no ombro, olhando para trás em direção a um lenço branco que se agitava na janela de empena de uma casa alta, à espreita no canto das ameias. Quando por fim um declive da estrada o escondeu de sua vista, ele aprumou o capacete de aço, encolheu os ombros largos e continuou a cavalgar, com uma risada no olhar e o rosto castigado pelo tempo fulgurante com as agradáveis memórias. John também montava em silêncio, mas seus olhos vagueavam devagar de um lado da estrada para o outro. Ele olhava, ponderava e assentia como um viajante que toma notas e as armazena para o momento de serem contadas.

— Pela cruz! — disparou subitamente, dando um tapa na coxa com a enorme mão ruiva —, Eu sabia que estava faltando alguma coisa, mas não conseguia me lembrar do quê.

— E o que é? — perguntou Alleyne, arrebatado de seu devaneio com um arranco.

— Ora, são as sebes — bradou John, com uma gargalhada. — A terra está toda raspada, lisa como a cabeça de um frade. Mas a verdade é que não consigo ter o povo dessa região em alta conta. Por que não se põem a trabalhar e arrancam essas longas fileiras de cepos pretos e tortos, que vejo por todos os lados? Um *franklin* do Hampshire consideraria uma vergonha ter esses detritos em suas terras.

— Velho e estúpido John! — disse Aylward. — Você devia entender, já que ouvi dizer que os monges de Beaulieu conseguem espremer um bom copo de vinho com as próprias uvas. Fique sabendo, então, que se estas fileiras fossem arrancadas, a riqueza da região desapareceria, e talvez as gargantas ficassem secas e as bocas escancaradas na Inglaterra. Em três meses as raízes negras irão germinar, florescer e crescer, e delas sairão bons carregamentos de vinhos Médoc e gascões, que cruzarão os mares estreitos. Mas vejam a igreja naquele vale, e a gente aglomerada no adro! Por minha empunhadura! É um enterro, e estão soando um dobre de finados! — Tirou o capacete de aço enquanto falava e fez o sinal da cruz, com um murmúrio de oração pelo repouso do falecido.

— Ali também — comentou Alleyne, quando voltaram a cavalgar —, o que parece morto ao olhar ainda está repleto da seiva da vida, exatamente como aquelas vinhas. Assim o próprio Deus escreveu suas leis e a si mesmo em tudo o que nos cerca de maneira muito ampla, se nossos pobres e precários olhos e nossas almas ainda mais pobres pudessem ler o que ele coloca diante de nós.

— Rá! *Mon petit* — exclamou o arqueiro —, você me fez voltar aos dias em que começou a abrir as asas, como um pintinho bicando para eclodir do ovo monástico. Eu temia que tivéssemos perdido nosso clérigo de fala mansa quando ganhamos nosso jovem e cortês homem de armas. Na verdade, notei muitas mudanças em você desde que deixamos o Castelo de Twynham.

— Certamente o contrário seria estranho, visto que venho vivendo num mundo tão novo para mim. Mas espero que haja muitas coisas em que eu não tenha mudado. Se passei a servir um senhor terreno e a portar armas por um rei terreno, seria um pecado abandonar todos os pensamentos sobre o grande rei e Senhor de todos, de quem eu era um humilde e indigno servo

antes de deixar Beaulieu. Você também veio do claustro, John, mas creio que não sinta que abdicou do serviço antigo ao tomar o novo.

— Sou um homem de raciocínio lento — disse John —, e, na verdade, quando tento pensar sobre esses assuntos, a melancolia se abate sobre mim. Mas não me vejo como um homem pior no justilho de arqueiro do que no capuz branco, se é isso que quer dizer.

— Você não fez mais que trocar uma companhia branca por outra — disse Aylward. — Mas, pelos ossos destes dez dedos, me estranha muitíssimo pensar que foi ainda no último cair das folhas que caminhamos juntos a partir de Lyndhurst! Ele tão manso e donzelesco, e você um pateta de membros ruivos que cresceu demais, John. E agora aqui estão, um escudeiro tão vivo e um arqueiro tão vigoroso quanto quaisquer que já passaram pela estrada de Bordeaux, enquanto eu ainda sou o mesmo velho Samkin Aylward, sem qualquer mudança, exceto que agora tenho alguns pecados a mais na alma e umas coroas a menos na bolsa. Mas ainda não ouvi, John, qual foi o motivo pelo qual você saiu de Beaulieu.

— Foram sete motivos — disse John pensativamente. — O primeiro foi que me expulsaram.

— *Ma foi! Camarade*, para o diabo com os outros seis! Já basta para mim, e para ti também. Percebo que são muito sábios e discretos em Beaulieu. Ah! *Mon ange*, o que é que você tem aí nesse cântaro?

— É leite, digno senhor — respondeu a donzela camponesa, à porta de uma choupana com um jarro na mão. — Gostariam que eu lhes levasse três cornos dele, cavalheiros?

— Não, *ma petite*, mas eis aqui dois soldos por tua fala amável e pela visão de teu belo rosto. *Ma foi!* Que *bonne mine* ela tem. Estou pensando em parar e conversar com ela.

— Não, não, Aylward — exclamou Alleyne. — Sir Nigel nos aguarda, e está com pressa.

— É verdade, é verdade, *camarade! Adieu, ma chérie! Mon cœur est toujours à toi.* A mãe dela também é uma mulher bem-criada. Vejam onde ela cava à beira da estrada. *Ma foi!* A fruta mais madura é sempre a mais doce. *Bonjour, ma belle dame!* Que Deus a proteja! Sir Nigel disse onde nos aguardaria?

— Em Marmande ou Aiguillon. Ele disse que não seria possível passarmos por ele, visto que há apenas uma estrada.

— Sim, uma estrada que conheço como os alvos da paróquia de Midhurst — disse o arqueiro. — Viajei trinta vezes por ela, indo e vindo, e, pelo vibrar da corda, costumo voltar por este caminho mais carregado do que quando parti! Trouxe à França tudo o que eu tinha em um alforje, e foram necessárias quatro mulas de carga para o carregamento da volta. A bênção de Deus ao primeiro homem que usou as mãos para fazer a guerra! Mas aqui, neste vale profundo, está a igreja de Cadillac, e vocês podem ver a estalagem onde os três álamos crescem para além da aldeia. Prossigamos, pois um jarro de vinho nos encorajaria em nosso caminho.

A estrada se esparramava pela região campestre coberta de vinhedos, dobrando-se ao norte e ao leste em curvas suaves, com muitos coruchéus e torres feudais visíveis, e aglomerados de casas de aldeia, todos nítidos e bem-definidos no brilhante ar de inverno. À direita se estendia o azul Garona, que corria rapidamente na direção do mar, com o amplo leito pontilhado por botes e barcaças. Do outro lado havia uma faixa de vinhedos, e, além dela, a desolada e arenosa região de Landes, completamente emaranhada por giestas, tojos e urzais desbotados, que se desenrolavam numa melancolia ininterrupta até as colinas azuis que se estendiam no horizonte distante. Atrás deles ainda se podia ver o largo estuário do Gironda, com as altas torres de Santo André e São Remígio assomando sobre a planície. À frente, em meio a fileiras disseminadas de álamos, estava a vileta ribeirinha de Cadillac — com muralhas cinzentas, casas brancas, e uma pluma de fumaça azulada.

— Este é o Mouton d'Or — disse Aylward, quando refrearam os cavalos diante de um albergue caído isolado. — Ei, alguém aí! — continuou ele, batendo na porta com a empunhadura da espada. — Criado, moço, empregado, ouça aqui, e malditos sejam seus membros preguiçosos! Rá! Michel, com o nariz vermelho como sempre! Três odres de vinho do campo, Michel, pois o ar está gelado. Rogo-lhe, Alleyne, que tome nota desta porta, pois tenho uma história sobre ela.

— Diga, amigo — disse Alleyne ao corpulento estalajadeiro de rosto corado —, um cavaleiro e um escudeiro passaram por aqui na última hora?

— Não, senhor, foi há duas horas. Era um homenzinho fraco dos olhos e dos cabelos, com a fala muito mansa para alguém que deveria ser muito temido?

— O próprio — respondeu o escudeiro. — Mas me espanta que você saiba como ele fala quando está com raiva, pois ele tem um temperamento

muito gentil com os que estão abaixo de si.

— Glória aos santos! Não fui eu quem o enfureceu — disse o gordo Michel.

— Quem foi, então?

— Foi o jovem *sieur* de Crespigny de Saintonge, que por acaso estava aqui e fez troça do inglês, visto que era apenas um homenzinho de rosto pacífico. Mas realmente esse bom cavaleiro era muito tranquilo e paciente, pois viu que o *sieur* de Crespigny ainda era jovem e falava com a cabeça oca, de forma que ficou sentado no cavalo bebendo o vinho em grandes goles, exatamente como os senhores estão fazendo agora, sem dar qualquer atenção à língua tagarela dele.

— E depois, Michel?

— Bem, *messieurs*, calhou de o *sieur* de Crespigny, depois de dizer isso e aquilo para fazer os criados rirem, falar por fim da luva que o cavaleiro usava na coifa, perguntando se era o costume na Inglaterra que os homens usassem uma grande luva de arqueiro no chapéu. *Pardieu!* Nunca vi um homem descer do cavalo tão rápido quanto aquele inglês desconhecido. Antes que as palavras terminassem de sair da boca do outro, ele já estava a seu lado com o rosto quase encostado e o hálito quente nas bochechas dele. “Creio, jovem senhor”, disse ele suavemente, olhando nos olhos do outro, “que possa ver muito claramente que não se trata de uma luva de arqueiro, agora que estou mais perto”. “Talvez não”, disse o *Sieur* de Crespigny com o lábio torcido. “Nem é grande, e na verdade é muito pequena”, disse o inglês. “Menor do que eu imaginaria”, disse o outro, olhando para baixo, pois o olhar do cavaleiro recaía pesado sobre suas pálpebras. “É, de qualquer forma, uma luva usada pela dama mais bela e amável da Inglaterra”, disse o inglês. “Pode ser que sim”, disse o *sieur* de Crespigny, virando o rosto. “Eu mesmo estou fraco dos olhos, e com frequência tomo uma coisa por outra”, disse o cavaleiro, enquanto saltava na sela novamente, e partiu, deixando o *sieur* de Crespigny roendo as unhas à porta. Rá! Pelas cinco chagas, muitos homens de guerra já beberam de meu vinho, mas nenhum me apeteceu mais que esse pequeno inglês!

— Por minha empunhadura! Ele é nosso senhor, Michel — disse Aylward —, e homens como nós não servem preguiçosos. Mas eis aqui quatro *deniers*, Michel, e que Deus esteja contigo! *En avant, camarades*, pois temos uma longa estrada pela frente!

Em trote ligeiro, os três amigos deixaram Cadillac e a adega para trás, cavalgando sem parar por Saint-Macaire e prosseguindo por balsa para cruzar o rio Dropt. Na outra margem, a estrada serpenteava por La Réole, Bazeille e Marmande, com o rio banhado pelo sol ainda reluzindo à direita e feixes de álamos nus em ambos os lados. John e Alleyne montavam em silêncio dos dois lados, mas cada estalagem, chácara ou castelo trazia a Aylward alguma lembrança de amor, confronto ou saque, com os quais ele divertia o trajeto.

— Lá está a fumaça de Bazas, do outro lado do Garona — disse ele. — Havia três irmãs lá, filhas de um ferrador, e, pelos ossos destes dez dedos, um homem poderia cavalgar durante todo um longo dia de junho e nunca ver donzelas como aquelas! Havia Marie, alta e séria, e Blanche, *petite* e alegre, e a soturna Agnes, com olhos penetrantes como uma flecha encerada. Fiquei lá por no máximo quatro dias, e me prometi a todas elas, pois me parecia uma vergonha colocar uma só acima das irmãs, e poderia causar animosidade na família. Mas mesmo com tanto cuidado as coisas não ficaram felizes na casa, e considere melhor ir embora. Lá, também, está o moinho de Le Souris. O velho Pierre le Caron, o antigo dono, era um bom e velho camarada, e sempre tinha um assento e uma crosta de pão para os arqueiros cansados. Era um homem que trabalhava duro em tudo que punha as mãos, mas ele exaltou ao triturar ossos para misturar na farinha, e assim, por diligência em demasia, acometeu-se de febre e morreu.

— Diga-me, Aylward — disse Alleyne —, o que havia de errado com a porta daquela estalagem, para que você me pedisse para observá-la?

— *Pardieu!* Sim, eu havia quase me esquecido. O que você viu naquela porta?

— Vi um buraco quadrado, pelo qual sem dúvida o anfitrião pode espiar quando não tem certeza de quem está batendo.

— E não viu mais nada?

— Observei que abaixo desse buraco havia um corte profundo na porta, como se um enorme prego tivesse sido martelado ali.

— E nada mais?

— Não.

— Se tivesse observado mais de perto, poderia ter visto uma mancha na madeira. A primeira vez que ouvi a risada de meu camarada Simon Negro foi em frente àquela porta. Ouvi-o rir outra vez quando matou um escudeiro francês com os dentes, estando ele desarmado e o francês com um punhal.

— E por que Simon riu em frente à porta da estalagem? — perguntou John.

— Simon é um homem duro e perigoso quando a crueldade se apossa dele, e por minha empunhadura, ele nasceu para a guerra, pois tem pouca doçura ou descanso! Essa estalagem, o Mouton d’Or, era mantida nos dias antigos por um certo François Gourval, cujo punho era duro e o coração ainda mais. Dizia-se que a muitos e muitos arqueiros, vindos da guerra, era servido um vinho com uma mistura de ervas até que dormissem, e depois eram despojados de tudo por esse Gourval. Pela manhã, se reclamassem, o perverso Gourval os atirava na estrada ou batia neles, pois era um homem bastante forte e com muitos criados robustos a seu serviço. Ocorreu de isso chegar aos ouvidos de Simon quando estávamos juntos em Bordeaux, e ele concluiu que tínhamos de cavalgar até Cadillac com uma boa corda de cânhamo e açoitar esse Gourval como ele merecia. Montamos, então, mas quando chegamos ao Mouton d’Or, Gourval recebera informações sobre nossa vinda e nossas intenções, de forma que a porta estava barrada e não havia forma de adentrar a casa. “Deixe-nos entrar, bom mestre Gourval!”, exclamou Simon, e “Deixe-nos entrar, bom mestre Gourval!”, exclamei eu, mas não recebemos nenhuma palavra em resposta através do buraco na porta, a não ser que ele nos atiraria uma flecha se não seguíssemos nosso caminho. “Bem, mestre Gourval”, disse Simon por fim, “esta é uma recepção bastante infeliz, visto que cavalgamos de tão longe apenas para apertar sua mão”. “Podes apertar minha mão sem entrar”, disse Gourval. “E como?”, perguntou Simon. “Passando a mão pelo buraco”, disse ele. “Não, minha mão está ferida”, disse Simon, “e é grande demais para passar”. “Isso não seria empecilho”, disse Gourval, que estava louco para se ver livre de nós, “passe a mão esquerda”. “Mas tenho algo para ti, Gourval”, disse Simon. “E o que é?”, perguntou ele. “Um arqueiro inglês dormiu aqui na semana passada, chamado Hugh de Nutbourne”. “Recebemos muitos patifes aqui”, disse Gourval. “Ele está com a consciência pesada, pois deve ao senhor quatorze *deniers* pelo vinho que bebeu e pelo qual nunca pagou. Para ficar com a alma mais leve, me pediu que lhe pagasse quando eu passasse por aqui”. O tal Gourval era muito ganancioso com dinheiro, então enfiou a mão esperando pelos quatorze *deniers*, mas Simon estava com o punhal a postos e fincou a mão dele na porta. “A dívida do inglês está paga, Gourval!”, disse ele, e saiu cavalgando, rindo tanto que mal podia se equilibrar no cavalo e deixando o anfitrião ainda pregado à própria porta.

Esta é a história do buraco que você notou, e da mancha na madeira. Ouvi dizer que, desde então, os arqueiros ingleses são tratados melhor no *auberge* de Cadillac. Mas que é que temos aqui à beira do caminho?

— Parece ser um homem muito abençoado — disse Alleyne.

— E, pela cruz, ele tem umas mercadorias estranhas! — exclamou John.
— O que são esses cacos de pedra e de madeira e os pregos enferrujados dispostos à frente dele?

O homem que haviam notado estava encostado a uma cerejeira, com as pernas esticadas como as de alguém extremamente à vontade. Ao longo de suas coxas havia uma tábua de madeira, sobre a qual estavam esparramados todos os tipos de lascas de madeira e pedaços de tijolos e rochas, cada um posicionado em separado dos outros, como um vendilhão dispõe suas mercadorias. Estava vestido com uma longa beca cinzenta, e usava um chapéu largo da mesma cor, muito manchado pelo tempo e com três vieiras pendentes da aba. Quando se aproximaram, os viajantes observaram que ele era avançado em idade e que seus olhos estavam virados para cima e amarelados.

— Caros cavaleiros e gentis-homens — exclamou ele numa voz alta e estalante —, dignos cavalheiros cristãos, passarão a cavalo e deixarão um velho peregrino morrer de fome? Minha vista foi queimada pelas areias da Terra Santa, e não comi uma casca de pão ou bebi uma taça de vinho sequer nos últimos dois dias.

— Por minha empunhadura, pai — disse Aylward, fitando-o intensamente —, me admira que teu cinto esteja tão largo e ao mesmo tempo te aperte tanto, se realmente teve tão pouco para pôr dentro dele!

— Bom estranho — respondeu o peregrino —, inconscientemente proferiu palavras que me são muito penosas de ouvir. Mas reluto em culpá-lo, pois não tenho dúvidas de que o que disse não foi para me entristecer, nem para trazer minhas dolorosas aflições de volta à mente. Seria muito ruim que eu tagarelasse em demasia sobre o que suportei pela fé, mas já que observaram, devo lhes dizer que a abundância e a redondeza de minha cintura são causadas por um edema, surgido pela pressa exagerada em viajar da casa de Pilatos até o Monte das Oliveiras.

— Aí está, Aylward — disse Alleyne, com a bochecha corada —, que isso segure sua língua brusca. Como é que pôde causar novo tormento a este homem santo, que suportou tanto e viajou até a sagrada tumba do próprio Cristo?

— Que os espíritos malignos me derrubem! — exclamou o arqueiro em um arrependimento ardente, mas tanto o romeiro quanto Alleyne atiraram as mãos para cima para fazê-lo parar.

— Perdoo-te de coração, querido irmão — ciciou o cego. — Mas, oh, tuas palavras ferozes são piores para meus ouvidos do que qualquer coisa que poderiam dizer de mim.

— Não direi mais palavra alguma — disse Aylward. — Mas eis um franco para ti, e peço tua bênção.

— Eis outro aqui — disse Alleyne.

— E mais um — exclamou Hordle John.

Mas o romeiro cego não queria saber das esmolas. — Orgulho tolo, tolo! — exclamou ele, batendo no peito com a grande mão morena. — Orgulho tolo, tolo! Por quanto tempo ainda estará aqui, até que eu consiga expulsá-lo? Será que nunca o dominarei? Oh, os laços da carne são fortes, muito fortes, e é difícil subjugar o espírito! Venho de uma casa nobre, amigos, e não posso me permitir tocar neste dinheiro, mesmo que seja para me salvar da sepultura.

— Ai de nós! Pai — disse Alleyne —, como, então, podemos te auxiliar?

— Sentei-me aqui para morrer — disse o romeiro; — mas há muitos anos levo no alforje estas coisas preciosas que agora veem estendidas à minha frente. Seria um pecado, penso eu, se meu segredo percesse comigo. Assim, venderei estas coisas para os primeiros transeuntes e deles receberei dinheiro suficiente para me levar ao santuário de Nossa Senhora de Rocamadour, onde espero poder descansar estes velhos ossos.

— E o que são estes tesouros, pai? — perguntou Hordle John. — Não vejo mais que um prego enferrujado, além de pedaços de pedra e lascas de madeira.

— Meu amigo — respondeu o romeiro —, todo o dinheiro que há neste país não poderia pagar um preço justo por estas minhas mercadorias. Este prego — prosseguiu, tirando o chapéu e revirando os globos sem visão —, é um dos que assegurou a salvação dos homens. Consegui-o, junto com este pedaço da cruz verdadeira, do vigésimo quinto descendente de José de Arimateia, que ainda reside em Jerusalém, vivo e saudável, embora ultimamente muito acometido de furúnculos. Sim, podem fazer o sinal da cruz, e rogo que não respirem sobre ele ou o toquem com os dedos.

— E a madeira e a pedra, santo pai? — perguntou Alleyne, prendendo a respiração, enquanto encarava pasmado as preciosas relíquias.

— Este fragmento de madeira é da cruz verdadeira, este outro da arca de Noé, e o terceiro é do batente da porta do templo do sábio rei Salomão. Esta pedra foi atirada no sagrado Estêvão, e as outras duas são da Torre de Babel. Eis, também, uma parte da vara de Aarão, e um cacho do cabelo do profeta Eliseu.

— Mas, pai — disse Alleyne —, o abençoado Eliseu era careca, o que gerava insultos das crianças perversas.

— É bem verdade que ele não tinha muito cabelo — disse o romeiro, rapidamente —, e é isso que torna esta relíquia extremamente preciosa. Escolham entre eles, meus dignos cavalheiros, e paguem o preço que suas consciências considerarem justo oferecer, pois não sou um bufarinheiro ou um vendilhão, e nunca me separaria deles se não soubesse que estou muito próximo de minha retribuição.

— Aylward — disse Alleyne animado —, esta é uma chance que poucas pessoas têm mais de uma vez na vida. Tenho de ficar com o prego, que darei à abadia de Beaulieu, para que todo o povo da Inglaterra possa ir até lá admirar e orar.

— E eu ficarei com a pedra do templo — exclamou Hordle John. — O que minha velha mãe não daria para tê-la pendurada acima da cama?

— E eu ficarei com a vara de Aarão — disse Aylward. — Tenho apenas cinco florins neste mundo, e eis aqui quatro deles.

— Aqui há mais três — disse John.

— E aqui mais cinco — acrescentou Alleyne. — Santo pai, lhe entrego doze florins, que são tudo o que podemos dar, embora saibamos bem que representam um pagamento insignificante pelas coisas maravilhosas que nos vendeu.

— Fora, orgulho, fora! — exclamou o peregrino, ainda batendo no peito. — Não posso, então, aceitar sequer este deplorável montante que me oferecem pelo que me custaram os trabalhos de toda uma vida? Deem a escória! Aqui estão as preciosas relíquias, e, oh, rogo que as manuseiem com suavidade e reverência, do contrário eu preferiria deixar meus indignos ossos aqui à beira do caminho.

Com os chapéus baixos e as mãos ansiosas, os camaradas pegaram suas novas e preciosas posses e se apressaram em seu trajeto, deixando o velho romeiro ainda sentado sob a cerejeira. Cavalgavam em silêncio, cada um com seu tesouro nas mãos, aos quais lançavam olhadelas de relance de quando em quando. Mal podiam acreditar que o acaso os tornara os únicos

proprietários de relíquias de tal valor e santidade que todas as abadias e igrejas da Cristandade teriam feito ardentes propostas para possuir. Assim viajaram, cheios dessa boa sorte, até o outro lado da cidade de Le Mas, onde o cavalo de John perdeu uma ferradura. Ficaram contentes por encontrar um ferreiro de beira de estrada que poderia consertá-la, e Aylward narrou para ele a boa ventura que lhes ocorrera. O ferreiro, no entanto, quando pôs os olhos nas relíquias, escorou-se na bigorna e riu com a mão na cintura, até que lágrimas lhe escorressem pelas bochechas cobertas de fuligem.

— Ora, mestres — disse ele —, esse homem é um *coquillard*, um vendedor de falsas relíquias, e esteve aqui na forja há menos de duas horas. Este prego que ele vendeu a vocês foi tirado de minha caixa, e quanto à madeira e as pedras, vocês podem encontrar uma pilha de cada ali fora, com as quais ele encheu o embornal.

— Não, não — exclamou Alleyne —, era um homem santo que viajara até Jerusalém, e adquirira um edema de tanto correr da casa de Pilatos ao Monte das Oliveiras.

— Não sei nada sobre isso — disse o ferreiro; — mas sei que um homem com chapéu cinzento e uma beca de romeiro esteve aqui há pouco tempo, e que ele sentou naquele cepo, comeu um frango frio e bebeu um cantil de vinho. Depois me pediu por um de meus pregos, encheu o embornal com pedras e seguiu seu caminho. Observe estes pregos, e veja se não são iguais ao que ele lhe vendeu.

— Que Deus nos ajude! — exclamou Alleyne, completamente aterrado. — Não há fim para a perversidade da humanidade? Tão humilde, tão idoso, tão relutante em receber nosso dinheiro... e um vilão trapaceiro. Em quem podemos acreditar ou confiar?

— Vou atrás dele — disse Aylward, saltando na sela. — Venha, Alleyne, podemos apanhá-lo antes que o cavalo de John esteja ferrado.

Partiram juntos a galope, e não tardou até que vissem o velho romeiro cinzento caminhando devagar à frente deles. Ele se virou, porém, ao som dos cascos, e ficou claro que a cegueira era uma farsa como todo o resto, pois correu rapidamente por um campo e depois para dentro de um bosque, onde ninguém poderia segui-lo. Eles atiraram as relíquias atrás dele e cavalgaram de volta à ferraria, mais pobres tanto nos bolsos quanto na fé.

CAPÍTULO XXVII

COMO ROGER PÉ TORTO ADENTROU O PARAÍSO

Já era noite quando os três camaradas chegaram a Aiguillon. Ali encontraram sir Nigel Loring e Ford alojados em segurança sob a placa do Baton Rouge, onde cearam a bons valores e dormiram em lençóis com aroma de lavanda. Calhou, porém, de um cavaleiro de Poitou, sir Gaston d'Estelle, estar hospedado ali em seu retorno da Lituânia, onde servira por um período com os cavaleiros teutônicos, sob o comando do *landmeister* do presbitério de Marienberg. Ele e sir Nigel ficaram sentados até tarde em conversação sobre emboscadas, investidas e tomadas de cidades, com muitas histórias sobre homens belicosos e feitos valorosos. A conversa depois passou à arte dos menestréis, e o cavaleiro estrangeiro puxou uma cítola, na qual tocou a *minnelied* do Norte, enquanto cantava em voz alta e estalada sobre Hildebrando e Brunilda e Siegfried, e sobre toda a força e a beleza da terra germânica. A isso, sir Nigel respondeu com os romances de sir Eglamour e sir Isumbras. Assim, por toda a longa noite de inverno, eles permaneceram sentados diante do fogo crepitante, respondendo às canções um do outro até os galos cantantes se juntarem ao concerto. Não obstante, com pouco mais de uma hora de descanso, sir Nigel estava alegre e radiante como sempre quando partiram após o desjejum.

— Esse sir Gaston é um homem muito digno — disse ele aos escudeiros enquanto deixavam o Baton Rouge a cavalo. — Tem um grande desejo pessoal de elevação, e teria entrado em uma pequena contenda cavaleiresca comigo, se por acaso não estivesse com o braço quebrado pelo coice de um cavalo. Adquiri grande afeição por ele, e lhe prometi que trocaremos estocados quando o osso dele estiver curado. Mas temos de nos manter nesta estrada à esquerda.

— Não, meu bom senhor — disse Aylward. — A estrada para Montauban segue pelo outro lado do rio, e depois por Quercy e pelo Agenês.

— É verdade, meu bom Aylward, mas descobri com o digno cavaleiro, que veio das marcas francesas, que há uma companhia de ingleses queimando e pilhando nas terras ao redor de Villefranche. Tenho poucas dúvidas, pelo que ele disse, que são aqueles que procuramos.

— Por minha empunhadura, é bastante provável! — disse Aylward. — Segundo todos os relatos, eles estavam há tanto tempo em Montauban que haveria pouco lá que valesse a pena levar. Então, como já haviam estado no Sul, viriam à região de Aveyron no Norte.

— Seguiremos o Lot até chegarmos a Cahors, e depois cruzaremos as marcas rumo a Villefranche — disse sir Nigel. — Por São Paulo, já que somos apenas um pequeno bando, é muito provável que encontremos uma aventura muito honrosa e agradável, pois ouço dizer que há pouca paz na fronteira francesa!

Cavalgaram durante toda a manhã por uma estrada larga e sinuosa, barrada pelas sombras dos álamos. Sir Nigel montava à frente com os escudeiros, ao passo que os dois arqueiros seguiam atrás com a mula de carga entre si. Eles haviam deixado Aiguillon e o Garona no distante Sul, e cavalgavam agora à margem do sereno Lot, que se dobra azulado e plácido por uma região suavemente ondulada. Alleyne não podia deixar de notar que enquanto na Guiena houvera muitas viletas e poucos castelos, agora havia muitos castelos e poucas casas. Em ambos os lados, a cada poucas milhas, podia-se avistar muralhas cinzentas e torres de menagem quadrangulares em meio às florestas, ao passo que as poucas aldeias pelas quais passavam eram todas cercadas por muralhas rústicas, que revelavam o constante temor e as súbitas incursões de uma terra selvagem de fronteira. Pela manhã, bandos de homens a cavalo aproximaram-se violentamente em dois momentos, saídos dos portões das fortalezas à beira da estrada, com perguntas curtas e sisudas sobre de onde vinham e qual era sua missão. Bandos de homens armados tilintavam pela estrada afora, e as poucas filas de mulas carregadas, que transportavam a mercadoria dos comerciantes, eram guardadas por criados armados ou por arqueiros contratados para esse serviço.

— A paz de Brétigny não fez muita diferença nestas partes — disse sir Nigel —, pois a região está assolada por companheiros livres e homens sem

senhor. Aquelas torres, entre o bosque e a colina, indicam a cidade de Cahors, e mais adiante estão as terras da França. Mas eis aqui um homem à beira do caminho, e como ele tem dois cavalos e um escudeiro, tenho poucas dúvidas de que é um cavaleiro. Rogo-lhe, Alleyne, que dê a ele minhas saudações e pergunte por seus títulos e escudo de armas. Pode ser que eu possa libertá-lo de algum juramento, ou talvez ele tenha uma dama que deseje elevar.

— Não, meu bom senhor — disse Alleyne —, não são cavalos e um escudeiro, mas mulas e um criado. O homem é um comerciante de tecidos, pois está com uma grande trouxa ao lado.

— Ora, que Deus abençoe sua honesta voz inglesa! — exclamou o estranho, com as orelhas em pé pelo som das palavras de Alleyne. — Nunca ouvi música mais doce em meus ouvidos. Vamos, jovem Watkin, jogue os fardos no lombo da Laura! Meu coração estava quase parando, pois parecia que eu havia deixado tudo o que há de inglês para trás e nunca mais poria os olhos na praça do mercado de Norwich.

Era um homem alto e robusto de meia idade, com o rosto corado, uma barba bifurcada castanha com granulados grisalhos e um chapéu de Flandres largo na nuca. O empregado, igualmente alto mas magro e esquelético, atirara os fardos no lombo de uma mula enquanto o mercador vinha se juntar ao grupo montado na outra. Enquanto ele se aproximava, era fácil perceber, pela qualidade de seus trajes e a opulência das vestimentas, que se tratava um homem de certa riqueza e posição.

— Senhor cavaleiro — disse ele —, meu nome é David Micheldene, sou um burguês e edil da boa cidade de Norwich, onde resido a cinco portas da igreja de Nossa Senhora, que todos os homens às margens do Yare conhecem. Tenho aqui meus fardos de tecido que estou levando a Cahors — e maldito seja o dia em que iniciei essa tarefa! Peço por sua graciosa proteção no caminho, para mim, para meu servo e para minhas mercadorias, pois já deparei com várias ocorrências perigosas e agora descobri que Roger Pé Torto, o cavaleiro assaltante de Quercy, está à minha frente na estrada. Por este meio, concordo em dar ao senhor um noble real se me levar em segurança à estalagem do Anjo em Cahors, com o mesmo valor sendo devido a mim ou a meus herdeiros se algum dano sobrevier a mim ou a meus bens.

— Por São Paulo! — respondeu sir Nigel. — Eu seria um péssimo cavaleiro se exigisse pagamento por proteger um compatriota em terra

estrangeira. É muito bem-vindo a cavalgar comigo, mestre Micheldene, e seu criado pode nos seguir com meus arqueiros.

— A bênção de Deus sobre sua generosidade! — exclamou o estranho. — Se for a Norwich, terá motivos para se lembrar de que serviu ao edil Micheldene. Cahors não está muito longe, pois certamente consigo ver as torres da catedral no horizonte, mas ouvi falar muito sobre esse Roger Pé Torto, e quanto mais ouço, menos quero ver o rosto dele. Oh, estou cansado e cheio de tudo isso, e daria metade do que valho para ver minha boa dama sentada em paz ao meu lado e ouvir os sinos da cidade de Norwich.

— Suas palavras me causam estranheza — disse sir Nigel —, pois tem a aparência de um homem forte, e vejo que carrega uma espada na cintura.

— Mas não é meu ofício — respondeu o mercador. — Não tenho dúvidas de que se eu o pusesse em minha loja em Norwich, o senhor mal saberia distinguir um fustão de um pano duro, e veria pouca diferença entre o veludo de Gênova e o terciopelo de Bruges. Lá o senhor poderia se voltar para mim em busca de ajuda. Mas aqui, nesta beira de estrada solitária com bosques densos e cavaleiros assaltantes, volto-me ao senhor, pois é o ofício para o qual foi treinado.

— Há verdade no que diz, mestre Micheldene — disse sir Nigel —, e espero que possamos deparar com esse Roger Pé Torto, pois ouvi dizer que ele é um soldado muito forte e habilidoso, e um homem contra quem se pode conquistar muita honra.

— É um assaltante sanguinário — disse o mercador secamente —, e gostaria de vê-lo se debater na forca.

— Homens como ele — observou sir Nigel — são os que dão aos verdadeiros cavaleiros feitos honrosos a realizar, por meio dos quais eles podem se elevar.

— Homens como ele — replicou Micheldene — são como ratos num monte de trigo, ou como traças em rolos de lã, um mal e um prejuízo a todos que são pacíficos e honestos.

— Mas se os perigos da estrada o afligem tanto, mestre edil, muito me admira que se aventure tão longe de casa.

— E às vezes, senhor cavaleiro, eu também me admiro. Contudo, sou um homem que pode resmungar e reclamar, mas não dá as costas até terminar o que se propôs a fazer. Há um certo François Villet, em Cahors, que me entregará barris de vinho por meus fardos de tecido, então é para lá que irei,

ainda que todos os cavaleiros assaltantes de Cristandade façam fila nas estradas como aqueles álamos.

— Uma fala corajosa, mestre edil! Mas como é que tem passado até aqui?

— Como um cordeiro numa terra de lobos. Por cinco vezes tivemos de implorar e suplicar até podermos passar. Por duas vezes paguei peagem aos guardas da estrada. Por três tivemos de nos retirar, e uma vez em La Reolle protegemos nossos fardos de lã, Watkin e eu. Poderiam entoar uma ladainha durante o tempo que passamos dando golpes para todos os lados, e terminamos matando um patife e ferindo outros dois. Pela coifa de Deus! Somos homens de paz, mas também somos burgueses livres da Inglaterra, que não devem ser maltratados em nosso país ou no estrangeiro. Nenhum lorde, barão, cavaleiro ou plebeu tirará uma peça de linho sequer de mim, enquanto eu tiver forças para brandir esta espada.

— E é uma espada estranhíssima — disse sir Nigel. — O que pensa, Alleyne, sobre estas linhas pretas desenhadas na bainha?

— Não consigo dizer o que são, meu bom senhor.

— Nem eu — disse Ford.

O mercador riu consigo mesmo. — Foi uma ideia minha — disse ele; — pois a espada foi feita por Thomas Wilson, o armeiro, que está noivo de minha segunda filha, Margery. Fiquem sabendo, então, que a bainha tem o comprimento de uma jarda, com marcações correspondentes em pés e polegadas para me servir como uma vara de medição. Tem também o peso exato de duas libras, para que eu possa usá-la na balança.

— Por São Paulo! — disse sir Nigel. — Está muito claro para mim que a espada parece contigo, bom edil, apta tanto para a guerra quanto para a paz. Mas não tenho dúvidas de que mesmo na Inglaterra o senhor sofreu muito nas mãos de assaltantes e fora da lei.

— Ainda na última *lammastide*, senhor cavaleiro, me deixaram por morto perto de Reading, quando viajava para a feira de Winchester. Mas levei os patifes ao tribunal da feira, e eles não farão mais mal a comerciantes pacíficos.

— Então você viaja muito!

— A Winchester, ao mercado de Linn, à feira de Bristol, a Stourbridge e ao Bartholomew, na Cidade de Londres. No restante do ano sempre podem me encontrar a cinco portas da igreja de Nossa Senhora, onde eu gostaria do fundo do coração de estar neste momento, pois não há ar como o de

Norwich, nem águas como o Yare, e nem todos os vinhos da França podem se comparar à cerveja do velho Sam Yelverton, o proprietário do Vaca Parda. Mas ai de nós, eis aqui uma fruta maligna pendendo da castanheira!

Enquanto ele falava, o grupo havia dobrado uma curva da estrada e deparado com uma grande árvore que lançava um robusto galho castanho no caminho. Do centro desse galho pendia um homem, com a cabeça numa inclinação horrenda em relação ao corpo e os dedos dos pés quase tocando o chão. Estava nu, exceto por uma camisola de linho e um par de cuecas de lã. Ao lado dele, numa ribanceira gramada, estava sentado um homenzinho de rosto solene, com um grande maço de papéis de todas as cores visível no embornal que tinha ao lado. Estava vestido de forma muito rica, com um manto de peles, um capuz escarlata e amplas mangas caídas, forradas com seda cor de chama. Uma grande corrente dourada pendia de seu pescoço, e anéis reluziam em todos os dedos das mãos. Tinha uma pequena pilha de ouro e prata no colo, que derramava, moeda a moeda, numa gorda bolsa que pendia de seu cinto.

— Que os santos estejam convosco, bons viajantes! — gritou ele, quando o grupo se aproximou a cavalo. — Que os quatro Evangelistas olhem por vocês! Que os doze Apóstolos os encorajem! Que o santo exército de mártires guie seus pés e os leve à bem-aventurança eterna!

— Estamos muito agradecidos por esses bons desejos! — disse sir Nigel. — Mas percebo, mestre edil, que o cavaleiro enforcado aqui, pela característica do pé, é o próprio cavaleiro assaltante de quem falávamos. Há um cartel fincado no peito dele, e lhe rogo que o leia para mim, Alleyne.

O assaltante morto balançava para cá e para lá ao vento de inverno, com um sorriso rígido no rosto moreno e os olhos protuberantes ainda mirando fixamente a estrada da qual ele fora o terror por tanto tempo. Em uma folha de pergaminho em seu peito estava escrito em traços rústicos:

ROGER PIED-BOT.

*Par l'ordre du Sénéchal de
Castelnau, et de l'Échevin de
Cahors, servantes fidèles du
très vaillant et très puissant
Edouard, Prince de Galles et
d'Aquitaine.*

*Ne touchez pas,
Ne coutez pas,
Ne dépêchez pas.*

— Ele demorou um bom tempo para morrer — disse o homem sentado ao lado. — Conseguia esticar um dedo do pé até o chão e se equilibrar, e pensei que ele nunca chegaria ao fim. Agora, porém, está enfim a salvo no paraíso, e eu posso continuar a percorrer meu caminho terreno. — Enquanto falava, subiu numa mula branca que pastava à beira do caminho, festiva com fustão de sinos dourados e prateados, e saiu montado com o grupo de sir Nigel.

— Como é que sabe que ele está no paraíso? — perguntou sir Nigel. — Todas as coisas são possíveis para Deus, mas decerto que sem um milagre eu dificilmente esperaria encontrar a alma de Roger Pé Torto entre as dos justos.

— Sei que ele está lá pois acabo de garantir sua entrada — respondeu o estranho, esfregando as mãos repletas de joias com serena satisfação. — Minha missão sagrada é ser meirinho e vendedor de indulgências. Sou o criado indigno e o representante daquele que detém as chaves. Um coração arrependido e dez nobles à santa Mãe Igreja podem afastar a perdição, mas ele adquiriu um perdão de primeiro grau com uma bênção vinte e cinco livres, de forma que duvido que sintá sequer um beliscão no purgatório. Cheguei exatamente quando os arqueiros do senescal o estavam amarrando, e lhe dei minha palavra de que ficaria com ele até que falecesse. Havia duas coroas de chumbo em meio à prata, mas não barrei a salvação dele por isso.

— Por São Paulo! — disse sir Nigel. — Se o senhor possui mesmo o poder de abrir e fechar as portas da esperança, então realmente está muito acima da humanidade. Mas se apenas afirma que o possui sem que seja verdade, então me parece, que o senhor mesmo pode encontrar o portão barrado quando solicitar entrada, mestre clérigo.

— Homem de pouca fé! Homem de pouca fé! — exclamou o meirinho. — Ah, sir Dídimo ainda caminha pela terra! Mas nenhuma palavra de dúvida pode enfurecer meu coração ou trazer palavras amargas a meus lábios. Não sou eu um pobre e indigno trabalhador a favor da causa da gentileza e da paz? Todos os perdões que carrego estão carimbados e assinados por nosso santo padre, sustentáculo e centro da Cristandade.

— Qual deles? — perguntou sir Nigel.

— Rá, rá! — exclamou o vendedor de indulgências, balançando o indicador adornado com joias. — Gostarias de te aprofundar nos segredos da Mãe Igreja? Fiques sabendo que tenho ambos em meu embornal. Aqueles que seguem Urbano recebem o perdão de Urbano, ao passo que tenho Clemente para os clementistas — e os que estiverem em dúvida podem receber ambos, para que estejam seguros diante do que quer que lhes sobrevenha. Rogo-lhe que adquira uma, pois a guerra é uma ocupação sanguinolenta e de fim súbito, com pouco tempo para pensamentos ou confissões. Ou o senhor, pois me parece um homem que faria mal em confiar nos próprios méritos. — Disse isto ao edil de Norwich, que o ouvira com o cenho franzido e os lábios torcidos em sinal de desdém.

— Quando vendo meus tecidos — disse ele —, os compradores podem pesá-los, senti-los e manuseá-los. Os produtos que vende não podem ser vistos, nem há qualquer prova de que os possui. Decerto, se um mortal pudesse controlar a misericórdia de Deus, seria um homem de vida divina e elevada, não alguém enfeitado com anéis, correntes e sedas, como uma meretriz numa quermesse.

— Perverso e desavergonhado! — exclamou o clérigo. — Atreves-te a levantar a voz contra o indigno servo da Mãe Igreja?

— Realmente indigno! — disse David Micheldene. — Pois fique sabendo, clérigo, que sou um burguês livre da Inglaterra, e se eu me atreveria a dizer o que penso ao papa em pessoa, que dirá ao laçao de um laçao como você!

— Patife malnascido e de boca suja! — exclamou o meirinho. — Tagarela sobre assuntos sagrados, aos quais sua mente suína jamais poderá se elevar. Fique em silêncio, sob pena de eu lhe lançar uma maldição!

— Silêncio! — rugiu o outro. — Ave sórdida! Encontramos a ti ao lado da forca, como um corvo carniceiro! Levas uma bela vida com tuas sedas e quinquilharias, ludibriando os últimos xelins das bolsas dos moribundos. Uma figa para tua maldição! Se quiser meu conselho, fique por aqui, pois faremos da Inglaterra um lugar perigoso para tipos como você, quando o mestre Wycliffe der as ordens. Ladrão vil! São você e os da sua laia que sujam o nome dos inúmeros eclesiásticos que levam vidas puras e santas. Tu, à porta dos céus! É mais provável que estejas do lado de dentro das portas do inferno!

Ao ouvir esse insulto derradeiro, o meirinho, com o rosto lívido de raiva, ergueu uma mão trêmula e passou a derramar imprecações em latim sobre o

furioso edil. Este, porém, não era homem a ser debelado por palavras, pois agarrou a bainha da espada de uma vara e bateu com ela no clérigo que praguejava. Este, incapaz de escapar da chuva de golpes, esporeou a mula e montou temendo pela vida, com o inimigo estrondeando logo atrás. Ao assistir à súbita partida de seu mestre, o criado Watkin partiu no encalço dele com a mula de carga ao lado. Assim, os quatro desceram juntos ruidosamente pela estrada, até dobrarem uma curva e seu falatório não passar de um zumbido distante. Sir Nigel e Alleyne olharam pasmados um para o outro, enquanto Ford desatou a rir.

— *Pardieu!* — disse o cavaleiro —, Este David Micheldene deve ser um dos lolardos sobre os quais tanto falava o padre Christopher, do priorado. Mas pelo que vi, não me pareceu um homem mau.

— Ouvi dizer que Wycliffe tem muitos adeptos em Norwich — respondeu Alleyne.

— Por São Paulo, não tenho grande afeição por eles! — disse sir Nigel. — Sou um homem que demora a mudar, e se me tirassem a fé que me foi ensinada, demoraria muito até que eu aprendesse outra para substituí-la. Uma lasca aqui e outra ali podem, por fim, derrubar a árvore. Por outro lado, não posso deixar de considerar uma vergonha que um homem abra e feche a misericórdia de Deus como um taberneiro faz com o vinho na torneira.

— Nem isso faz parte dos ensinamentos da Mãe Igreja, sobre a qual ele tanto falava — disse Alleyne. — Havia verdade nas palavras do edil.

— Então, por São Paulo, que resolvam isso entre eles! — disse sir Nigel. — Quanto a mim, sirvo a Deus, ao rei e a minha dama, e enquanto puder permanecer no caminho da honra estarei bastante satisfeito. Minha crença sempre será a de Chandos:

*Fais ce que dois, advienne que peut,
C'est commandè au chevalier.*

CAPÍTULO XXVIII

COMO OS CAMARADAS CHEGARAM ÀS MARCAS DA FRANÇA

Depois de passar por Cahors, o grupo se desviou da via principal. Deixaram o rio ao norte e seguiram por uma trilha menor, que serpenteava por uma planície vasta e desolada. Esse caminho conduziu-os por entre brejos e bosques, até que os levou a uma clareira com um largo córrego em rápida correnteza no centro. Os cavalos passaram chapinhando por ele, e na outra margem sir Nigel anunciou que eles agora estavam dentro das fronteiras das terras da França. Por algumas milhas seguiram ainda a mesma trilha solitária, que os conduziu a uma densa mata e depois se alargou, dobrando-se em um amplo e ondulado território campestre, como o que haviam cruzado entre Aiguillon e Cahors.

Se na fronteira inglesa a situação era sombria e desoladora, como se poderia descrever a hedionda aridez desta região dez vezes mais assolada da França? Toda a superfície do campo estava marcada e desfigurada, sarapintada com as manchas negras de chácaras queimadas e os cinzentos e lúgubres frontões do que antes eram *châteaux*. Cercas quebradas, muralhas a desmoronar, vinhedos repletos de detritos, os arcos despedaçados das pontes — onde quer que se pusesse a vista, os sinais da ruína e da rapina saltavam aos olhos. Apenas aqui e ali, no horizonte mais distante, via-se as torretas retorcidas de um castelo ou os elegantes pináculos de uma igreja ou mosteiro, onde as forças da espada ou do espírito haviam preservado uma ilhota de segurança nesse dilúvio universal de miséria. O pequeno grupo cavalgava pela trilha estreita e irregular taciturna e silenciosamente, com os corações pesados por essa extensa terra em aflição. Era realmente uma região arrasada e em ruínas, e um homem poderia cavalgar da Auvérnia, ao

Norte, até as marcas de Foix sem ver sequer uma aldeia com sorrisos ou uma herdade próspera.

De tempos em tempos, à medida que avançavam, viam estranhas e esguias silhuetas escavando e ciscando em meio às ervas daninhas e os cardos. À vista do bando de homens a cavalo, atiravam os braços para cima e mergulhavam no matagal, ariscos e ligeiros como animais selvagens. Mais de uma vez, porém, depararam com famílias à beira do caminho, demasiadamente enfraquecidas pela fome e por doenças para fugir, de modo que eram capazes apenas de permanecer sentadas como lebres numa moita, com os peitos arfantes e terror no olhar. Essa pobre gente estava tão esquelética, tão maltratada e extenuada — com as compleições curvadas e enrugadas, e rostos taciturnos, desesperançosos e insubordinados — que os jovens ingleses ficaram profundamente pesarosos ao observá-los. A bem dizer, era como se toda a esperança e a luz estivessem tão longínquas que não poderiam mais voltar. Os rostos marcados não se suavizavam quando sir Nigel lhes atirava um punhado de prata, e eles agarravam as moedas avidamente, encarando-o interrogativamente e rangendo as mandíbulas animais. Aqui e ali, em meio ao matagal, os viajantes viam os rústicos feixes de gravetos que lhes serviam de casa — mais parecidos com ninhos de aves que com moradas humanas. Mas por que deveriam se esforçar para construir, se o primeiro aventureiro que passasse atearia fogo a seus tetos, e seu próprio senhor feudal arrancava os últimos frutos de sua labuta com pancadas e maldições? Estavam nas profundezas mais baixas da indigência humana, e a compreensão de que não podiam descer ainda mais era um conforto para a alma, a que se abraçavam. Ainda conservavam, porém, o dom humano da fala, e reuniam-se em seus casebres de mato, fitando com olhos turvos e apontando com os dedos magros os grandes e extensos *châteaux*, que devoravam a vida do campo como um cancro. Quando homens como esses, que estão além da esperança e do medo, começam a perceber a origem de suas desgraças em suas mentes obscuras, pode ser um mau momento para aqueles que lhes fizeram mal. O fraco torna-se forte quando não tem nada, pois só então pode sentir o frêmito selvagem e furioso do desespero. Os *châteaux* eram altos e fortes, as cabanas de mato baixas e fracas, mas que Deus ajudasse o *seigneur* e sua dama quando os homens do mato se punham a buscar vingança!

O grupo cavalgou por essa região ao longo de oito, talvez nove milhas, até que o sol começou a baixar no Oeste e suas sombras se espalharam pela

estrada à frente. Tinham de estar cautelosos e atentos, com olhos vigilantes à direita e à esquerda, pois era uma terra de ninguém e seus únicos salvo-condutos eram os que pendiam de seus cintos. Franceses e ingleses, gascões e provençais, brabantinos, *tard-venus*, esfoladores, rapinantes e companheiros livres perambulavam por todo aquele território maldito e o disputavam. O panorama era tão nu e desolador e tão poucas eram as residências que sir Nigel começou ficar temeroso de não encontrar alimentos e alojamento para sua pequena tropa. Foi um alívio para ele, portanto, quando a estreita trilha se abriu numa estrada maior e eles viram uma casa branca quadrada, a certa distância, com um grande ramo de azevinho pendendo da ponta de uma vara numa das janelas de cima.

— Por São Paulo! — disse ele. — Estou bem contente, pois temia que não fôssemos encontrar provisões ou hospedagem. Vá na frente, Alleyne, e diga ao estalajadeiro que um cavaleiro inglês e seu séquito se hospedarão com ele hoje à noite.

Alleyne esporeou o cavalo e alcançou a porta da estalagem uma boa flechada antes dos companheiros. Não havia criado ou moço de estrebaria, de modo que ele abriu a porta e chamou pelo proprietário em voz alta. Gritou três vezes, mas, ao não receber resposta, abriu uma porta interna e prosseguiu rumo ao cômodo de hóspedes principal do albergue.

Uma lenha muito viva crepitava e soltava fagulhas numa grelha aberta do outro lado do aposento. De um lado do fogo, em uma cadeira de carvalho de espaldar alto, estava sentada uma dama, com o rosto voltado para a porta. A luz do fogo brincava com suas feições, e Alleyne pensou que jamais vira tanto vigor majestoso, tanta dignidade e força em um rosto de mulher. Poderia ter trinta e cinco anos, com o nariz aquilino, a boca firme, mas delicada, sobrancelhas negras curvadas e olhos profundos que cintilavam e reluziam com um brilho incerto. Por linda que fosse, não era a beleza que impressionava o observador, mas a força, o poder, o senso de sabedoria que pairava sobre sua fronte branca e larga, a decisão que repousava na mandíbula quadrada e no queixo delicadamente modelado. Uma grinalda de pérolas brilhava em meio a seus cabelos pretos, com uma rede prateada escorrendo sobre os ombros. Um manto negro a envolvia, e ela recostava-se na cadeira como alguém que acabara de chegar de viagem.

No canto oposto estava sentado um homem muito corpulento e de ombros largos, trajando um justilho preto decorado com zibelina e um barrete de veludo com uma pluma branca enrolada na lateral. Um cantil de

vinho tinto repousava ao lado, e ele parecia muito à vontade, pois seus pés estavam em cima de um tamborete e tinha um prato cheio de castanhas entre as coxas. Ele as quebrava com os fortes dentes brancos e mastigava despreocupadamente, atirando as cascas nas chamas. Enquanto Alleyne o fitava, ele virou um pouco o rosto e fixou nele o olhar por sobre o ombro. Parecia ao jovem inglês que nunca vira rosto mais hediondo. Tinha olhos do mais claro verde, o nariz quebrado e amassado para dentro, ao passo que todo o semblante era queimado e enrugado por ferimentos. A voz, também, quando ele falou, era profunda e feroz como o rosnar de um animal de rapina.

— Jovem — disse ele —, não sei quem é, e não estou muito inclinado a me mexer, mas se não fosse pelo fato de que estou resolvido a ficar à vontade, juro, pela espada de Josué, que baixaria meu chicote de cachorro em suas costas por se atrever a encher o ar com esses berros dissonantes.

Surpreso com tal fala nada gentil e mal sabendo como respondê-la adequadamente na presença de uma dama, Alleyne permaneceu com a mão na maçaneta da porta enquanto sir Nigel e seus companheiros desmontavam. Ao som dessas novas vozes e da língua que falavam, o desconhecido quebrou o prato de castanhas no chão e começou a chamar pelo estalajadeiro até que toda a casa ecoasse com seus rugidos. De rosto lívido, o anfitrião de avental branco veio correndo ao chamado, com as mãos tremendo e o próprio cabelo eriçado em apreensão.

— Pelo amor de Deus, senhores — sussurrou quando eles passaram —, sejam razoáveis com ele, e não o inflamem! Pelo amor da Virgem, sejam brandos com ele!

— Quem é esse, então? — perguntou sir Nigel.

Alleyne estava prestes a explicar, quando um novo brado do estranho o interrompeu.

— Estalajadeiro vilão — gritou ele —, eu não lhe perguntei, quando trouxe minha dama aqui, se seu albergue estava limpo?

— Sim, meu senhor.

— Não perguntei especificamente se havia pragas nele?

— Sim, meu senhor.

— E o que me respondeu?

— Que não havia, meu senhor.

— E, ainda assim, cheguei há menos de uma hora e já encontrei ingleses rastejando aqui dentro. Onde é que estaremos livres dessa raça pestilenta?

Um francês, nas terras da França, não pode se sentar em um *auberge* francês, sem que seus ouvidos sejam feridos pelo tagarelar da conversa hedionda deles? Mande-os embora, estalajadeiro, ou poderá ser pior para eles e para você.

— Mandarei, meu senhor, mandarei! — exclamou o assustado anfitrião, deixando o cômodo em alvoroço, enquanto ouvia-se a suave e tranquilizante voz da mulher a admoestar o furioso companheiro.

— Realmente, cavalheiros, seria melhor que partissem — disse o anfitrião. — São menos de seis milhas até Villefranche, onde há alojamentos muito bons sob a placa do Lion Rouge.

— Não — respondeu sir Nigel —, não posso partir até ter visto mais dessa pessoa, pois me parece ser um homem de quem se pode esperar muito. Quais são o nome e o título dele?

— Minha boca não deve nomeá-los, a não ser que ele assim deseje. Mas imploro e rogo aos senhores, cavalheiros, que deixem minha casa, pois não sei o que poderá acontecer se a fúria se apossar dele novamente.

— Por São Paulo! — ciciou sir Nigel. — É certamente um homem que vale a pena viajar longe para conhecer. Vá dizer a ele que um humilde cavaleiro da Inglaterra gostaria de conhecer sua ilustre pessoa, não por qualquer presunção, orgulho ou má-fé, mas pela elevação da cavalaria e pela glória de nossas damas. Transmita a ele saudações de sir Nigel Loring, e diga que a luva que carrego em meu barrete pertence à mais incomparável e adorável de seu sexo, que agora estou preparado para defender contra qualquer dama cuja reputação ele estiver desejoso de promover.

O estalajadeiro hesitava quanto a levar ou não tal mensagem, quando a porta do cômodo interno se escancarou e o estrangeiro saltou como uma pantera da toca, com o cabelo eriçado e o rosto deformado estremeando de raiva.

— Ainda estão aqui! — rosnou ele. — Cães da Inglaterra, terão de ser açoitados? Tiphaine, minha espada! — Ele se virou para apanhar a arma, mas quando o fez, seu olhar recaiu no brasão do escudo de sir Nigel. Ele ficou de pé, encarando, enquanto o fulgor em seus estranhos olhos verdes abrandava e se convertia numa centelha astuta e bem-humorada.

— *Mort Dieu!* — exclamou ele. — É meu pequeno espadachim de Bordeaux. Eu deveria me lembrar desse escudo de armas, visto que foi há apenas três dias que o vi na liça às margens do Garona. Ah, sir Nigel, sir

Nigel! Está me devendo por isto — e tocou no braço direito, amarrado logo abaixo do ombro com um lenço de seda.

Mas a surpresa do estranho à visão de sir Nigel não foi nada se comparada com a perplexidade e o prazer que cintilavam no rosto do cavaleiro do Hampshire quando fitou o estranho rosto do francês. Por duas vezes ele abriu a boca e por duas espiou novamente, como se para garantir a si mesmo que os olhos não lhe pregavam uma peça.

— Bertrand! — ele arquejou por fim. — Bertrand du Guesclin!

— Por Santo Ivo! — exclamou o soldado francês, com uma risada que parecia um rugido rouco —, faço bem em cavalgar com a viseira fechada, pois quem já viu meu rosto não precisa ouvir meu nome. Realmente sou eu, sir Nigel, e eis aqui minha mão! Dou-lhe minha palavra de que há apenas três ingleses neste mundo em quem eu encostaria mais que o fio da espada: o príncipe é um deles, Chandos é o segundo e o senhor o terceiro, pois ouvi muitas coisas boas sobre você.

— Estou ficando velho, e um tanto extenuado das guerras — disse sir Nigel —, mas agora posso repousar ao lado de minha espada com a mente tranquila, pois posso dizer que cruzei espadas com aquele que tem o coração mais valente e o braço mais forte de todo este grande reino da França. Ansiei por isso, sonhei com isso, e agora mal posso me fazer compreender que tive mesmo essa grande honra.

— Pela Virgem de Rennes! Você me deu motivos para estar muito certo disso — disse Du Guesclin, com um lampejo dos amplos dentes brancos.

— Quiçá, mui honrado senhor, possa lhe apetecer continuar a contenda. Talvez possa se dignar a se aprofundar nessa questão. Deus sabe que sou indigno de tal honra, mas posso exhibir meus sessenta e quatro quartéis, e estive presente em algumas disputas e tumultos nesses vinte anos.

— Sua fama me é muito conhecida, e pedirei a minha dama que insira seu nome em minhas tábuas — disse sir Bertrand. — Há muitos que gostariam de se elevar e que aguardam sua vez, pois não recuso homem algum que venha em tal demanda. No momento não poderá ocorrer, pois meu braço está rijo em decorrência deste pequeno corte, e eu gostaria de lhe conceder todas as honras quando cruzarmos nossas espadas novamente. Entre comigo, e que seus escudeiros também venham, para que minha querida esposa, lady Tiphaine, possa dizer que encontrou cavaleiro tão famoso e respeitável.

Adentraram o aposento em completa paz e harmonia, onde lady Tiphaine estava sentada como uma rainha num trono para que se apresentassem a ela, um de cada vez. A bem dizer, o forte coração de sir Nigel, que dava pouca atenção à fúria de sua esposa leonina, ficou um tanto abalado pelo rosto calmo e frio da imponente dama, pois vinte anos de vida no acampamento o haviam deixado mais à vontade na liça que num budoar. Ele considerou, também, quando fitou os lábios definidos e os profundos olhos profundos perscrutadores dela, que ouvira histórias estranhas sobre essa mesma lady Tiphaine du Guesclin. Não era ela que, dizia-se, pousava as mãos nos enfermos e os levantava de suas camas, quando os médicos já haviam despendido seus últimos recursos? Ela não previra o futuro, e não houvera vezes em que ela fora ouvida, na solidão de seus aposentos, em conversação com algum ser que olhos mortais nunca viram — algum sombrio espírito familiar que passava por locais de portas fechadas e altas janelas? sir Nigel baixou os olhos e fez o sinal da cruz na perna quando saudou essa perigosa dama, mas foi conquistado por ela antes que cinco minutos se passassem. E não apenas ele, mas também seus dois jovens escudeiros. Suas mentes haviam se esvaído, e eles conseguiam apenas observar aquela mulher e ouvir as palavras que saíam de seus lábios — palavras que faziam vibrar seus nervos e atiçavam suas almas como o chamado para a batalha de uma corneta.

Com frequência, em dias vindouros, Alleyne pensaria naquela cena na estalagem à beira da estrada na Auvérnia. As sombras da noite haviam caído, e os cantos do cômodo comprido, baixo e com lambris de madeira estavam cobertos pela escuridão. A lenha crepitava e lançava um círculo de luz vacilante, que dançava sobre o pequeno grupo de viajantes e realçava cada traço e sombra em seus rostos. Sir Nigel estava sentado com os cotovelos nos joelhos e o queixo nas mãos, a venda ainda cobrindo um olho. O outro, porém, brilhava como uma estrela, ao passo que a luz avermelhada cintilava em sua lisa cabeça branca. Ford estava sentado à esquerda dele, com os lábios abertos, os olhos arregalados, um salpico de cor profunda em cada bochecha e os membros completamente rígidos, como os de alguém que teme se mover. Do outro lado, o famoso capitão francês estava esparramado na cadeira, com os restos de cascas de castanhas no colo e a enorme cabeça meio afundada em uma almofada, ao passo que seus olhos vagavam, com um brilho divertido, de sua dama para os ingleses pasmados e arrebatados. Por último, aquele rosto pálido e bem-

definido, aquela voz doce e límpida, com suas elevadas e comoventes conversas sobre a imortalidade da glória, sobre a insignificância da vida, sobre a dor das alegrias ignóbeis, e sobre a alegria que reside em todas as dores que levam a um nobre fim. Quando as sombras se intensificaram, ela ainda falava sobre coragem e virtude, sobre lealdade, honra e fama, e eles ainda estavam sentados bebendo de suas palavras enquanto o fogo morria e as brasas convertiam-se em cinzas.

— Pelo sagrado Ivo! — exclamou Du Guesclin por fim —, é hora de falarmos sobre o que faremos hoje à noite, pois não posso imaginar que neste *auberge* de beira de estrada existam alojamentos adequados para uma honrosa companhia.

Sir Nigel deu um longo suspiro quando foi arrebatado dos sonhos de cavalaria e intrepidez aos quais as palavras daquela estranha mulher o haviam transportado. — Não me importa onde durmo — disse ele —, mas estes alojamentos realmente são um tanto rústicos para esta boa dama.

— O que satisfizer meu senhor me satisfará — disse ela. — Percebo, sir Nigel, que está sob juramento — acrescentou, olhando de relance para o olho vendado.

— Minha intenção é tentar conquistar algum pequeno feito — respondeu ele.

— E a luva? É de sua dama?

— Sim, de fato é de minha querida esposa.

— Que sem dúvida tem orgulho de você.

— Eu é que tenho orgulho dela — disse ele depressa. — Deus sabe que não sou digno de ser seu humilde criado. É fácil para um homem, dama, cavalgar à luz do dia e cumprir seus deveres quando todos os olhos estão postos nele. Mas no coração de uma mulher há força e verdade que não pedem por elogios, e que podem ser conhecidas apenas por aquele que as possui como um tesouro.

Lady Tiphaine sorriu para o marido. — Você sempre me disse, Bertrand, que há cavaleiros muito respeitáveis entre os ingleses — disse ela.

— Sim, sim — disse ele, mal-humorado. — Mas aos cavalos, sir Nigel. Você, os seus e nós iremos em busca do *château* de sir Tristram de Rochefort, que fica a duas milhas deste lado de Villefranche. Ele é o Senescal da Auvérnia, e um velho companheiro de guerra meu.

— Decerto ele dará as boas-vindas a vocês — disse sir Nigel —, mas na verdade ele poderá desconfiar de alguém que anda sem permissão pelas

marcas.

— Pela Virgem! Quando ele souber que você veio levar embora esses patifes, vai ficar muito feliz de ver seu rosto. Estalajadeiro, aqui estão dez moedas de ouro. O que estiver além da conta, você pode deduzir do que cobrar do próximo cavaleiro necessitado que passar por aqui. Vamos, então, pois está ficando tarde e os cavalos estão batendo os cascos na estrada.

Lady Tiphaine e seu marido saltaram em seus corcéis sem pôr os pés no estribo e partiram tilintando pela estrada banhada pela luz branca do luar, com sir Nigel ao lado da dama e Ford a uma lança de distância atrás. Alleyne havia se demorado por um instante no corredor, momento em que uma barulhenta algazarra irrompeu no cômodo à esquerda. Dele saíram correndo Aylward e John, rindo juntos como dois meninos de escola resolvidos a fazer uma travessura. Ao verem Alleyne, passaram por ele furtivamente e com um ar um tanto envergonhado. Saltando nos cavalos, partiram a galope atrás da comitiva. O burburinho dentro do cômodo não cessou, no entanto, e na verdade aumentou, com gritos de “*À moi, mes amis! À moi, camarades! À moi, l’honorable champion de l’Évêque de Montauban! À la recousse de l’église sainte!*”. A gritaria estava tão alta que o estalajadeiro e Alleyne, além de todos os criados que ouviram, apressaram-se rumo ao palco do tumulto.

A cena em que puseram os olhos era realmente singular. Tratava-se de um aposento comprido e alto, com piso de pedra nua e um fogo no canto mais distante, sobre o qual um grande caldeirão fervia. No centro havia uma mesa de pinho, sobre a qual repousavam um cântaro de vinho e dois cornos de beber. A certa distância havia uma mesa menor, com apenas uma taça e uma garrafa de vinho quebrada. Das pesadas vigas de madeira que formavam o teto pendiam fileiras de ganchos, que seguravam peças de toucinho, pedaços de carne defumada e cordas de cebolas para o inverno. Bem no meio destes, do maior gancho de todos, pendia um homenzinho gordo de rosto corado e com suíças enormes, debatendo-se loucamente no ar e agarrando as vigas, presuntos e o que mais estivesse ao alcance de suas mãos. O imenso gancho de aço havia sido passado pelo colarinho de seu justilho de couro, e ele estava pendurado como um peixe no anzol, contorcendo-se, enroscando-se e gritando, completamente incapaz de se libertar de sua posição invulgar. Apenas quando Alleyne e o estalajadeiro subiram na mesa é que conseguiram descer o homem, que desabou em um assento arquejando de raiva, com os olhos girando em todas as direções.

— Ele foi embora? — disse ele.

— Embora? Quem?

— Ele, o ruivo, o gigante.

— Sim — disse Alleyne —, foi embora.

— E não voltará?

— Não.

— Melhor para ele! — exclamou o homenzinho, com um longo suspiro de alívio. — *Mon Dieu!* Mas o quê! Não sou o campeão do bispo de Montauban? Ah, se eu pudesse descer, se eu estivesse aqui embaixo antes de ele fugir! Aí vocês teriam visto. Teriam presenciado um espetáculo. Haveria um patife a menos na terra. *Ma foi*, sim!

— Bom mestre Pelligny — disse o estalajadeiro —, estes cavalheiros não saíram a grande velocidade, e tenho um cavalo no estábulo a sua disposição, pois preferiria que eventos sanguinolentos como os que o senhor ameaça ocorressem fora das quatro paredes de meu *auberge*.

— Machuquei a perna e não consigo cavalgar — disse o campeão do bispo. — Torci um tendão no dia em que matei os três homens em Castelnau.

— Que Deus o guarde, mestre Pelligny! — exclamou o proprietário. — Deve ser algo pavoroso ter tanto sangue na alma. Mas, ainda assim, não desejo ver homem tão valente sendo maltratado, e assim, pela amizade, partirei a cavalo atrás do inglês e o trarei de volta para o senhor.

— Você não se moverá — exclamou o campeão, agarrando o estalajadeiro num aperto convulsivo. — Tenho afeição por você, Gaston, e não traria má fama à sua casa nem causaria danos a estas paredes e seus bens, como deve ocorrer se dois homens como esse inglês e eu nos pusermos aos trabalhos aqui.

— Não, não pense em mim! — exclamou o estalajadeiro. — O que são minhas paredes diante da honra de François Poursuivant d'Amour Pelligny, campeão do bispo de Montauban? Meu cavalo, André!

— Pelos santos, não! Gaston, não aceitarei isto! Você disse bem que é algo pavoroso ter tantos atos duros na alma. Não passo de um soldado rústico, mas tenho cabeça. *Mon Dieu!* Reflito, sopeso, pondero. Não encontrarei esse homem novamente? Não me lembrarei dele? Não o reconhecerei pelas patas enormes e pela cabeça ruiva? *Ma foi*, sim!

— E posso perguntar, senhor — disse Alleyne —, por que é que se chama de campeão do bispo de Montauban?

— Pode perguntar o que me aprouver responder. O bispo precisa de um campeão, porque se houver qualquer motivo para um teste em combate, dificilmente seria condizente com o cargo dele baixar na liça vestindo couro e portando escudo e porrete para trocar golpes com um criado qualquer. Ele, então, procura ao redor por um lutador experiente, um combatente honesto que consegue desferir e levar golpes. Não cabe a mim dizer o quanto ele sucedeu nesse intento, mas é verdade que quem acredita que tem assuntos a resolver com o bispo de Montauban se vê frente a frente com François Poursuivant d'Amour Pelligny.

Nesse momento ouviu-se um ruído de cascos na estrada, e um criado à porta exclamou que um dos ingleses estava de volta. O campeão olhou descontroladamente ao redor por algum canto seguro e já estava escalando a janela, quando a voz de Ford soou do lado de fora, convocando Alleyne para que se apressasse ou teria dificuldades em encontrar o caminho. Dando *adieu* ao estalajadeiro e ao campeão, ele partiu a galope e logo alcançou os dois arqueiros.

— Que bonito, John — disse ele. — Vais ter a Santa Igreja atrás de ti, se pendurares seus campeões em ganchos de ferro nas cozinhas das estalagens.

— Fiz aquilo sem pensar — respondeu ele, desculpando-se, enquanto Aylward explodia em gargalhadas.

— Por minha empunhadura! *Mon petit* — disse ele —, você também teria rido se tivesse visto. Esse homem estava tão inchado de orgulho que não queria beber conosco nem sentar à mesma mesa que nós, ou sequer responder às nossas perguntas, mas tinha de dizer o tempo todo ao criado que era bom haver paz e que ele matara mais ingleses que as agulhetas que tinha no gibão. Nosso bom e velho John não conseguia falar francês bem o suficiente para respondê-lo, então foi obrigado a estender a grande mão e colocá-lo muito gentilmente onde você o viu. Mas temos de prosseguir, pois mal posso ouvir os cascos deles na estrada.

— Creio que ainda posso vê-los — disse Ford, apertando os olhos para a estrada banhada pela lua.

— *Pardieu!* Sim. Estão saindo da sombra agora. E aquele monte escuro é o Castelo de Villefranche. *En avant camarades*, ou sir Nigel poderá chegar aos portões antes de nós! Mas ouçam, *mes amis*, que som é esse?

Enquanto ele falava, ouviu-se o toque áspero de um berrante num bosque à direita. Um clamor em resposta tocou à esquerda, e dois vieram de trás logo depois.

— São os berrantes dos porqueros — disse Aylward. — Embora eu não saiba dizer por que estão tocando tão tarde.

— Prossigamos, então — disse Ford, e toda a comitiva, esporeando os cavalos, logo se viu no Castelo de Villefranche, onde a ponte levadiça já havia sido baixada e o rastrilho elevado em resposta ao chamado de Du Guesclin.

CAPÍTULO XXIX

COMO A ABENÇOADA HORA DA VISÃO PASSOU POR LADY TIPHAINE

Sir Tristram de Rochefort, Senescal da Auvérnia e lorde de Villefranche, era um feroz e renomado soldado que envelhecera nas guerras inglesas. Como senhor das marcas e guardião de uma região campestre exposta, não tinha descanso mesmo nos períodos de dita paz. Sua vida inteira fora passada em incursões e investidas contra brabantinos, *tard-venus*, esfoladores, companheiros livres e arqueiros vagabundos que perambulavam por sua província. Por vezes ele voltava triunfante, e uma dúzia de cadáveres pendurados na cimeira de seu torreão alertavam os malfeitores de que a terra ainda tinha lei. Em outras suas aventuras não eram tão felizes, e ele e sua tropa esporeavam pela ponte levadiça com o ruído de cascos logo no encalço e flechas zunindo nos ouvidos. Duro nos atos e ainda mais no coração, era odiado pelos inimigos, mas tampouco era amado por aqueles que protegia. Por duas vezes fora feito prisioneiro, e em ambas o resgate fora arrancado a pancadas e torturas dos camponeses famintos e lavradores arruinados. Era difícil dizer se os cordeiros tinham mais a temer dos lobos ou dos cães de guarda.

O Castelo de Villefranche era rígido e austero como seu senhor. Um fosso largo, uma alta muralha exterior com torretas nos cantos e uma grande torre de menagem negra acima de tudo — assim ele assomava à frente deles sob o luar. À luz de dois archotes, salientes nas estreitas frinchas dos dois lados do pesado portão, eles viram de relance o brilho de olhos ferozes e o cintilar das armas da guarda. A águia bicéfala de Du Guesclin, no entanto, era um passaporte para a entrada em qualquer fortificação da França. O velho cavaleiro das fronteiras viera correndo com as mãos estendidas para saudar seu famoso compatriota antes mesmo que eles tivessem passado pelo

portão. Ele não ficou menos contente em ver sir Nigel, quando a demanda do inglês lhe foi explicada. Os arqueiros vinham sendo um doloroso incômodo para ele, e haviam destroçado duas expedições enviadas contra eles. O Senescal da Auvérnia ficaria feliz quando descobrisse que o último arco de teixo estava do outro lado das marcas.

Os ingredientes para um banquete estavam sempre à mão naquela época, em que havia uma carência cruel nas choupanas, mas ao menos uma rústica abundância nos castelos. Em menos de uma hora os hóspedes estavam sentados ao redor de uma mesa que rangia sob o peso das grandes empanadas e peças de carne, diferenciadas pelas iguarias mais finas pelas quais os franceses se distinguiam, a hortelana temperada e a toutinegra trufada. Lady Rochefort, uma dama viva e risonha, sentava-se à esquerda de seu belicoso esposo, com lady Tiphaine à direita. Abaixo estavam sentados Du Guesclin e sir Nigel, com sir Amory Monticourt, da Ordem dos Hospitalários, e sir Otto Harnit, um cavaleiro andante do reino da Boêmia. Estes e mais Alleyne, Ford, os quatro escudeiros franceses e o capelão do castelo formavam os convivas que sentaram-se juntos naquela noite e tiveram boas diversões no Castelo de Villefranche. O formidável fogo crepitava na grelha, os falcões encapuzados dormiam nos poleiros, os bruscos veadeiros com olhos esperançosos se agachavam no piso frio, e logo ao lado dos convidados estavam de pé os pequenos pajens, elegantes e trajados de lilás. Risadas e gracejos circulavam por todos os lados, e o conforto e a harmonia reinavam. Pouco pensavam nos homens do mato que se agachavam em seus farrapos na orla da floresta e fitavam, com olhares bravios e desfigurados, o fulgor quente e opulento lançado por um feixe dourado de luz das altas janelas arqueadas do castelo.

Encerrada a ceia, as mesas de dormentes ficaram limpas como que por mágica, e tamboretas e bancas foram dispostos ao redor do fogo ardente, pois o ar estava gélido e cortante. Lady Tiphaine afundara-se em sua cadeira almofadada, e seus longos cílios pretos caíam sobre os olhos brilhantes. Alleyne, mirando-a de relance, notou que sua respiração estava acelerada e curta, e as bochechas empalidecidas a um branco-lírio. Du Guesclin a observava atentamente de tempos em tempos, e passava os largos dedos morenos pelos cabelos pretos encaracolados com o ar de alguém com a mente perplexa.

— Essa gente daqui — disse o cavaleiro da Boêmia —, não parece muito bem alimentada.

— Ah, *canaille!* — exclamou lorde de Villefranche. — O senhor mal poderia acreditar, mas a verdade é que quando fui capturado em Poitiers, tudo que minha esposa e meu irmão adotivo puderam fazer foi levantar deles o dinheiro para meu resgate. Os cães amuados preferem três giros do cavalete ou uma hora nos anjinhos do que pagar um *denier* por seu próprio chefe feudal e suserano. Mas não há um sequer entre eles que não tenha uma meia velha cheia de moedas de ouro, escondida em algum canto protegido.

— Por que não compram comida, então? — perguntou sir Nigel. — Por São Paulo, parecia-me que os ossos deles estavam prestes a furar a pele!

— São as reclamações e os resmungos que os fazem magros. Temos um ditado aqui, sir Nigel: se batemos em Jacques Bonhomme, ele nos afaga, mas se o afagamos, ele nos bate. Sem dúvida é o mesmo na Inglaterra.

— *Ma foi*, não! — disse sir Nigel. — Tenho dois ingleses dessa classe social em meu séquito, que neste instante, não tenho dúvidas, estão tão empanturrados de seu vinho como qualquer barril de sua adega. Quem bater neles poderá receber um afago do qual provavelmente se lembrará.

— Não consigo compreender — disse o senescal —, pois os fidalgos e cavaleiros ingleses que conheci não eram homens que toleravam a insolência dos malnascidos.

— Talvez, meu bom senhor, os pobres sejam mais amáveis e tenham melhor aparência na Inglaterra — riu lady Rochefort. — *Mon Dieu!* Vocês não conseguiriam conceber como eles são feios! Sem cabelos, sem dentes, completamente tortos e curvados. De minha parte, não consigo imaginar como o bom Deus resolveu criar essa gente. Não os tolero, e assim meu fiel Raoul anda sempre à minha frente com um porrete para tirá-los do caminho.

— Mas eles têm almas, boa dama, eles têm almas! — murmurou o capelão, um homem de cabelos brancos com o rosto cansado e paciente.

— Foi o que já o ouvi o senhor dizer a eles — disse o senhor do castelo. — Quanto a mim, padre, embora eu seja um verdadeiro filho da Santa Igreja, creio que o senhor seria mais útil rezando a missa e ensinando os filhos de meus homens de armas do que andando pelo campo a colocar ideias nas cabeças dessa gente, que nunca surgiriam lá se não fosse pelo senhor. Ouvi dizer que lhes disse que as almas deles são tão boas quanto as nossas, e que é provável que em outra vida estejam na mesma altura do sangue mais antigo da Auvérnia. De minha parte, acredito que nos céus há tantos dignos cavaleiros e galantes gentis-homens que sabem como essas

coisas devem ser organizadas, que temos pouco a temer quanto a nos vermos misturados com peões e porqueros baixos. Reze as contas, padre, e estude o saltério, mas não se interponha entre minha pessoa e aqueles que o rei confiou a mim!

— Que Deus os ajude! — exclamou o velho sacerdote. — Um rei superior ao seu confiou-os a mim, e digo aqui, no salão de teu próprio castelo, sir Tristram de Rochefort, que pecaste profundamente em tua conduta com essa pobre gente, e que a hora chegará, e pode até estar próxima, em que a mão de Deus cairá pesada sobre ti pelo que fizeste. — Levantou-se enquanto falava e caminhou lentamente aposento afora.

— Que a peste o carregue! — exclamou o cavaleiro francês. — Agora, o que é que se deve fazer com um sacerdote, sir Bertrand? Pois não se pode nem lutar contra um como homem, nem persuadi-lo como a uma mulher.

— Ah, sir Bertrand saberá, o danado! — exclamou lady Rochefort. — Todos não ouvimos falar sobre como ele foi a Avignon e arrancou cinquenta mil coroas do papa?

— *Ma foi!* — disse sir Nigel, mirando Du Guesclin com uma mistura de horror e admiração. — Seu coração não afundou no peito? Não foi acometido por temores? Não sentiu uma maldição pairando sobre si?

— Não reparei — disse o francês, despreocupadamente. — Mas por Santo Ivo! Tristram, aquele seu capelão me pareceu um homem digno, e você deveria ouvir as palavras dele, pois embora não dê qualquer importância à maldição de um mau papa, eu ficaria pesaroso em receber de um bom padre algo que não fosse uma bênção.

— Escute-o, meu bom senhor — exclamou lady Rochefort. — Preste atenção, te rogo, pois não quero que uma praga recaia sobre mim, nem uma paralisia dos membros. Lembro-me de que certa vez você enfureceu o padre Stephen, e minha camareira disse que perdi mais cabelo em sete dias do que em qualquer mês antes daquilo.

— Se isso for sinal de pecado, então, por São Paulo, minha alma está repleta deles! — disse sir Nigel, em meio a um riso geral. — Mas a bem dizer, sir Tristram, se posso tomar a liberdade de lhe dar um conselho, recomendo que faça as pazes com aquele bom homem.

— Ele receberá quatro castiçais de prata — disse o senescal, mal-humorado. — Mas ainda gostaria que ele deixasse o povo em paz. Vocês não conseguiriam imaginar como eles são teimosos e insensatos. As mulas e os porcos têm muito bom senso perto deles. Deus sabe que já fui muito

paciente. Ainda na semana passada, quando tive de levantar um dinheiro, convoquei Jean Goubert ao castelo. Como todos sabem, ele tem um caixão cheio de moedas de ouro escondido em algum oco de árvore. Dou-lhes minha palavra de que sequer encostei um chicote nas costas do idiota, mas após falar com ele e dizer o quanto precisava do dinheiro, dei-lhe uma noite para pensar sobre o assunto em minha masmorra. O que pensam que o cão fez? Ora, pela manhã, descobrimos que ele fizera uma corda com as tiras do justilho de couro e se enforcara nas barras da janela.

— De minha parte, não consigo conceber tamanha perversidade! — exclamou a dama.

— E houve também Gertrude Le Bœuf, uma donzela das mais belas que se pode encontrar, mas ruim e amarga como todo o resto. Quando estive aqui na última *lammastide*, o jovem Amory de Valance viu a moça com bons olhos e até falou em tê-la a seu serviço. E o que ela fez, com o cachorro do pai? Ora, amarraram-se e saltaram na Lagoa de Linden, que tem cinco lanças de profundidade. Dou-lhes minha palavra de que foi um enorme pesar para o jovem Amory, e passaram-se dias até que ele pudesse tirar isso da mente. Mas como se pode servir gente tão estúpida e ingrata?

Enquanto o senescal de Villefranche detalhava os perversos atos de seus vassallos, Alleyne estivera incapaz de tirar os olhos do rosto de lady Tiphaine. Ela havia se esparramado na cadeira com as pálpebras baixas e o rosto descorado, de forma que ele a princípio temera que a viagem a houvesse extenuado e que suas forças estivessem baixando. De súbito, porém, houve uma mudança, pois um traço de cor viva chamejou em cada bochecha e as pálpebras se levantaram devagar, sobre olhos que brilhavam com um esplendor que Alleyne jamais vira. Seu olhar não se fixava na companhia, mas nas escuras tapeçarias que cobriam a parede. A expressão dela estava tão transformada e etérea que Alleyne, em seus mais elevados sonhos com arcanjos ou serafins, jamais imaginara rosto tão doce, tão feminino e tão sábio. Olhando de relance para Du Guesclin, Alleyne viu que ele também observava a esposa de perto, e pela contração de suas feições e as gotas em sua fronte cor-de-tijolo, era fácil perceber que ele estava profundamente agitado pela mudança que notava nela.

— Como está, senhora? — perguntou por fim, em uma voz trêmula.

Os olhos dela permaneciam atentamente fixos na parede, e houve uma longa pausa antes da resposta. A voz dela, também, antes tão límpida e

vibrante, agora estava baixa e abafada, como a de alguém que falava à distância.

— Está tudo muito bem comigo, Bertrand — disse ela. — A abençoada hora da visão está passando por mim novamente.

— Eu sabia! Eu sabia! — exclamou ele, passando os dedos pelos cabelos com a mesma expressão de perplexidade de antes.

— Isto é um inconveniente, sir Tristram — disse, por fim. — E mal sei que palavras usar para esclarecê-lo a você, sua bela esposa, sir Nigel Loring e esses outros cavaleiros estrangeiros. Minha língua é brusca e serve melhor para bradar comandos do que para aclarar assuntos como este, sobre os quais eu mesmo compreendo pouco. Sei disto, no entanto: minha esposa vem de uma linhagem consagrada, que Deus em sua sabedoria dotou de assombrosos poderes, de modo que Tiphaine Ragueneel já era conhecida por toda a Bretanha antes que eu a visse pela primeira vez em Dinan. Mas esses poderes são usados sempre para o bem, e são um dom de Deus, não do diabo, o que é a diferença entre a magia branca e a negra.

— Talvez fosse bom chamarmos o padre Stephen — disse sir Tristram.

— Seria melhor se ele viesse — exclamou o Hospitalário.

— Trazendo consigo um frasco de água benta — acrescentou o cavaleiro da Boêmia.

— Não, cavalheiros — respondeu sir Bertrand. — Não há necessidade de que esse sacerdote seja chamado, e minha opinião é que ao pedirem por isso estão lançando uma pequena sombra ou insulto sobre o bom nome de minha esposa, como se ainda houvesse dúvidas quanto a seu poder vir de cima ou de baixo. Rogo-lhes que digam se ainda têm alguma dúvida como essa, e poderemos debater o assunto de forma adequada.

— De minha parte — disse sir Nigel —, as palavras que ouvi dos lábios dessa dama me fazem ser da opinião de que não há mulher, à exceção de uma, que possa ser comparada a ela em beleza e em bondade. Se qualquer cavaleiro pensar o contrário, eu consideraria uma grande honra disputar contra ele uma pequena passagem, ou debater o assunto da forma que melhor lhe aprouver.

— Não, eu faria muito mal em lançar um insulto contra uma dama que é tanto minha convidada quanto esposa de meu camarada de armas — disse o Senescal de Villefranche. — Também percebi que há uma cruz de prata bordada em seu manto, o que certamente é sinal mais que suficiente de que não há nada de mal nesses estranhos poderes que você diz que ela possui.

Este argumento do senescal causou tanta impressão no boêmio e no hospitalário que eles imediatamente declararam que suas objeções haviam sido totalmente superadas. Mesmo lady Rochefort, que estivera sentada tremendo e fazendo o sinal da cruz, deixou de lançar olhares à porta, e permitiu que seus medos se convertessem em curiosidade.

— Entre os dons que foram outorgados a minha esposa — disse Du Guesclin —, há a maravilha de ver o futuro, mas vem a ela muito raramente e se vai com a mesma rapidez, pois ninguém pode controlá-lo. A abençoada hora da visão, como ela o nomeou, passou apenas duas vezes desde que a conheço, e posso atestar que tudo o que ela me disse foi verdadeiro. Na véspera da Batalha de Auray, ela afirmou que o dia seguinte seria ruim para mim e para Carlos de Blois. Antes de o sol se pôr novamente, ele estava morto e eu era prisioneiro de sir John Chandos. Mas ela não pode responder a todas as perguntas, apenas aquelas que...

— Bertrand, Bertrand! — exclamou a dama, na mesma voz abafada e distante —, a hora abençoada está passando. Use-a, Bertrand, enquanto pode.

— Usarei, minha querida. Diga-me, então, que sorte recairá sobre mim?

— Perigo, Bertrand... perigo mortal e urgente... que se arrasta em sua direção, e você não o conhece.

O soldado francês irrompeu numa estrondosa gargalhada, e seus olhos verdes piscaram em divertimento. — Em que época, durante esses vinte anos, isso não seria verdade? — exclamou ele. — O perigo está no ar que respiro. Mas ele está assim tão próximo, Tiphaine?

— Aqui... agora... perto de você! — As palavras saíam em uma fala débil e extenuante, enquanto o belo rosto da dama se contorcia e se deformava, como o de alguém que assistia a um horror que lhe arrancava as palavras da boca. Du Guesclin olhou ao redor do cômodo coberto de tapeçarias, os biombos, fitando as mesas, o ábaco, a credência, o aparador com a bandeja de prata e o meio-círculo de rostos amistosos e admirados. Pairava ali uma quietude absoluta, exceto pela respiração cortante de lady Tiphaine e pelo sussurro suave do vento do lado de fora, que soprava nos ouvidos o distante toque do berrante de um porqueiro.

— O perigo pode aguardar — disse ele, dando com os ombros largos. — E agora, Tiphaine, diga-nos o que vai suceder nesta guerra da Espanha.

— Vejo pouco — respondeu ela, apertando os olhos e franzindo o cenho, como alguém que gostaria de tornar a vista mais nítida. — Há montanhas, e

planícies áridas, e lampejos de armas e gritos de guerra. Mas o sussurro que ouço é que, ao falhar, você será bem-sucedido.

— Rá! Sir Nigel, o que pensa sobre isto? — disse Bertrand, balançando a cabeça. — É como hidromel e vinagre, meio doce e meio azedo. Não há pergunta que desejaria fazer a minha senhora?

— Decerto há. Gostaria de saber, boa dama, como vão as coisas no Castelo de Twynham, e acima de tudo como vai minha querida senhora.

— Para responder a essa pergunta, gostaria de pôr a mão em alguém cujos pensamentos voltam-se fortemente para esse castelo que nomeou. Não, lorde Loring, os sussurros me dizem que há alguém aqui que pensa mais profundamente nele que você.

— Alguém que pensa mais em meu próprio lar? — exclamou sir Nigel. — Dama, temo que esteja enganada, ao menos neste caso.

— Não, sir Nigel. Aproxime-se, jovem escudeiro inglês dos olhos cinzentos! Agora me dê a mão e a pouse aqui em minha testa, para que eu possa ver o que você viu. O que é isto que se eleva diante de mim? Névoa, névoa, uma névoa em movimento, com uma torre negra e escura acima. Vejo-a se esvaindo, se dissipando, subindo, e eis ali um castelo numa planície verde, com o mar abaixo e uma grande igreja à distância de uma flechada. Dois rios correm entre os pastos, e entre eles estão as barracas dos sitiados.

— Sitiados? — exclamaram Alleyne, Ford e sir Nigel num arquejo único.

— Sim, é verdade, e eles oprimem o castelo com vigor, pois são uma multidão excepcional e cheia de coragem. Vejo como eles investem com fúria contra o portão, enquanto algumas escadas vindas de trás e outros homens, fileira após fileira, enchem as muralhas de flechas. Há muitos líderes que gritam e gesticulam, e um deles, um homem alto de barba dourada, está diante do portão batendo os pés no chão e os incitando, como um ponteiro com os cães de caça. Mas os que estão no castelo lutam bravamente. Há uma mulher, duas, nas muralhas, que encorajam os homens de armas. Estão fazendo chover flechas, dardos e grandes pedras. Ah, derrubaram o líder alto, e os outros estão recuando! A névoa se adensa, e não posso ver mais nada.

— Por São Paulo! — disse sir Nigel. — Não creio que tais eventos possam ocorrer em Christchurch, e estou bastante tranquilo quanto à fortaleza enquanto minha querida esposa tiver a chave da ala exterior na

cabeceira. Mas não negarei que descreveu o castelo tão bem quanto eu o faria, e estou tomado de admiração por tudo o que vi e ouvi.

— Gostaria, lady Tiphaine — exclamou lady Rochefort —, que usasse seu poder para me dizer o que houve com meu bracelete de ouro, que usei quando falcoava no segundo domingo do Advento e no qual nunca mais pus os olhos.

— Não, senhora — disse Du Guesclin —, não condiz com um poder tão grandioso e maravilhoso bisbilhotar, procurar e servir de criado, mesmo para a linda castelã de Villefranche. Faça uma pergunta digna, e, com a bênção de Deus, receberá uma resposta digna.

— Então eu gostaria de perguntar — exclamou um dos escudeiros franceses —, quem é que conquistará o adversário, nessas guerras entre os ingleses e nós.

— Ambos conquistarão e ambos se defenderão — respondeu lady Tiphaine.

— Então ainda manteremos a Gasconha e a Guiena? — exclamou sir Nigel.

A dama balançou a cabeça negativamente. — Terra francesa, sangue francês, língua francesa — respondeu ela. — São francesas, e a França ficará com elas.

— Mas Bordeaux não? — exclamou sir Nigel, animado.

— Bordeaux também ficará com a França.

— Mas e Calais?

— Calais também.

— Ai de mim, então, e malditas sejam essas palavras malignas! Se Bordeaux e Calais se forem, o que restará para a Inglaterra?

— Parece, realmente, que tempos ruins estão chegando para seu país — disse Du Guesclin. — Mesmo em nossas esperanças mais entusiasmadas, nunca esperamos manter Bordeaux. Por Santo Ivo, essas notícias aqueceram meu coração! Então nossa querida nação será grandiosa no futuro, Tiphaine?

— Grandiosa, rica e maravilhosa — exclamou ela. — Consigo vê-la muito além no percurso do tempo, liderando as nações, uma rainha rebelde em meio aos povos, grande na guerra e ainda maior na paz, rápida no raciocínio, ágil na ação, com a vontade do povo como único monarca, das areias de Calais aos mares azuis do Sul.

— Rá! — exclamou Du Guesclin, com os olhos cintilando em triunfo. — Ouviu, sir Nigel? E ela nunca disse uma palavra que não fosse verdadeira.

O cavaleiro inglês balançou a cabeça mal-humorado. — E quanto à minha pobre nação? — disse ele. — Temo, dama, que o que disse pressagia poucas coisas boas para ela.

A dama ficou sentada com os lábios entreabertos, e sua respiração veio rápida e ligeira.

— Meu Deus! — exclamou —, O que é isto que me é mostrado? De onde vêm esses povos, essas nações imponentes, esses poderosos países que se elevam diante de mim? Vejo mais além, e outros estão se elevando, e ainda outros, mais e mais longe às margens das águas mais longínquas. Aglomeram-se! Apinham-se! O mundo é deles, e ressoa com o tinido de seus martelos e o badalar dos sinos de suas igrejas. Chamam-nos por vários nomes e governam de uma forma ou de outra, mas são todos ingleses, pois posso ouvir as vozes do povo. Prossigo, e adiante, por mares em que o homem ainda não navegou, vejo uma grande terra sob novas estrelas e um céu estranho, e ela ainda é a Inglaterra. Aonde seus filhos não foram? O que foi que não fizeram? Seu estandarte está fincado no gelo. Seu estandarte arde sob o sol. Ela se deita por todas as terras, e sua sombra se estende pelos mares. Bertrand, Bertrand! Estamos perdidos, pois os brotos do broto dela são como nossas mais finas flores! — Sua voz se elevou a um bramido indomado, e, atirando os braços para cima, ela se afundou para trás, pálida e sem energia, na profunda cadeira de carvalho.

— Terminou — disse Du Guesclin mal-humorado, enquanto levantava a cabeça caída da esposa com a forte mão morena. — Vinho para a dama, escudeiro! A abençoada hora da visão passou.

CAPÍTULO XXX

COMO OS HOMENS DO MATO CHEGARAM AO CHÂTEAU DE VILLEFRANCHE

Já era tarde quando Alleyne Edricson, após levar a sir Nigel o cálice de vinho com especiarias que ele costumava beber depois de encaracolar os cabelos, pôde, por fim, procurar seus aposentos. Era um cômodo de pedra no segundo piso, que tinha uma cama num nicho para ele e dois colchões de palha do outro lado, nos quais Aylward e Hordle John já roncavam. Alleyne se ajoelhou para fazer suas orações noturnas quando ouviu uma batida na porta, e Ford entrou com uma pequena lamparina na mão. O rosto dele estava mortalmente pálido e a mão tremia, fazendo as sombras bruxulearem para cima e para baixo na parede.

— O que houve, Ford? — exclamou Alleyne, pondo-se em pé de um salto.

— Mal consigo lhe contar — disse ele, sentando-se na beirada do colchão e apoiando o queixo na mão. — Não sei o que dizer ou pensar.

— Algo lhe ocorreu, então?

— Sim, ou fui vítima de minha própria imaginação. Digo-lhe, rapaz, que estou em frangalhos, como uma corda de arco puída. Ouça aqui, Alleyne! Você não pode ter se esquecido da pequena Tita, a filha do velho vitralista de Bordeaux.

— Lembro-me bem dela.

— Ela e eu, Alleyne, fizemos juras de amor antes que eu partisse, e ela usa meu anel no dedo. “*Caro mio*”, disse ela quando nos despedimos pela última vez, “estarei perto de ti nas guerras, e teu perigo será meu perigo”. Alleyne, Deus é minha testemunha, quando subi as escadas hoje à noite vi Tita diante de mim, o rosto dela em lágrimas, as mãos estendidas em aviso. Eu a vi, Alleyne, exatamente como vejo aqueles dois arqueiros nos

colchões. As próprias pontas de nossos dedos pareceram se tocar, antes de ela se esvair como névoa à luz do sul.

— Eu não daria atenção demasiada a isso — respondeu Alleyne. — Nossas mentes nos pregam peças estranhas, e considere que aquelas palavras de lady Tiphaine Du Guesclin nos impressionaram e nos abalaram.

Ford balançou a cabeça negativamente. — Vi a pequena Tita nitidamente, como se estivesse de volta na Rue des Apôtres em Bordeaux — disse ele. — Mas está tarde, e tenho de ir.

— Onde você está dormindo, afinal?

— No cômodo acima do seu. Que os santos nos acompanhem a todos! — Levantou-se do colchão e deixou o cômodo, e Alleyne ouviu o soar de seus passos na escadaria em espiral. O jovem escudeiro caminhou até a janela e mirou o panorama à luz do luar, com a mente absorta pelos pensamentos em lady Tiphaine e nas estranhas palavras que ela dissera sobre o que ocorria no Castelo de Twynham. Ele estava mergulhado profundamente em um devaneio com os cotovelos apoiados na cantaria, mas num instante seus pensamentos foram trazidos de volta a Villefranche e à paisagem diante de si.

A janela em que ele estava situava-se no segundo piso daquela parte do castelo, mais próxima da torre de menagem. À frente estendia-se o largo fosso com a lua na superfície, ora nítida e redonda, ora deformada no comprimento, quando a brisa agitava a água. Mais além a planície descia rumo a um denso bosque, ao passo que adiante, à esquerda, um segundo bosque barrava a vista. Entre os dois estendia-se uma clareira aberta, prateada à luz do luar, com o rio sinuoso na extremidade mais baixa.

Enquanto contemplava ele viu, de súbito, um homem sair furtivamente do bosque rumo à clareira aberta. Caminhava com a cabeça baixa, os ombros curvados e os joelhos dobrados, como alguém fazendo um grande esforço para se manter oculto. A dez passos da orla da mata o homem deu uma olhadela ao redor, acenou e se agachou, oculto à vista em meio a um cinturão de tojos. Depois dele veio um segundo homem, e após este um terceiro, um quarto e um quinto, cruzando furtivamente o estreito espaço aberto e disparando em direção ao abrigo do matagal. Alleyne contou setenta e nove dessas silhuetas escuras que se esgueiravam pelo feixe de luz do luar. Muitos carregavam fardos enormes nas costas, embora a essa distância ele não pudesse dizer o que levavam. Saíram de um bosque e

entraram no outro, todos com o mesmo andar furtivo e agachado, até que o feixe negro de árvores engolira o último deles.

Por um instante Alleyne ficou à janela, ainda contemplando a floresta silenciosa, incerto quanto ao que deveria pensar sobre esses caminhantes da meia-noite. Ocorreu-lhe, então, que havia a seu lado alguém mais apto a fazer um julgamento sobre tal questão. Seus dedos mal haviam pousado no ombro de Aylward e o arqueiro já estava de pé, com a mão esticada na direção da espada.

— *Qui va?* — exclamou. — Ei, *mon petit!* Por minha empunhadura, pensei que havia uma incursão noturna! Que houve, *mon garçon?*

— Venha aqui à janela, Aylward — disse Alleyne. — Vi quatro vintenas de homens saindo daquele matagal e cruzando a clareira, e quase todos tinham um grande fardo nas costas. O que pensa sobre isso?

— Não penso nada, *mon camarade!* Há tanta gente sem senhor neste país quanto há coelhos em Cowdray Down, e muitos mostram os rostos à noite, mas dançariam na forca se aparecessem de dia. Em todas as marcas francesas há bandos de proscritos, saqueadores, espoliadores e salteadores, e julgo que estes são alguns deles, embora me admire que eles se atrevam a chegar tão perto do castelo do senescal. Tudo parece muito quieto agora — acrescentou ele, espiando janela afora.

— Eles estão no bosque mais distante — disse Alleyne.

— E lá podem ficar. De volta ao descanso, *mon petit*, pois, por minha empunhadura, cada dia nos trará suas próprias atividades! Mas faríamos bem em fechar o trinco da porta, já que estamos em alojamentos desconhecidos. Enfim! — Deixou-se cair no colchão e adormeceu num instante.

Deveria ser mais ou menos três horas da manhã quando Alleyne despertou de um sono inquieto por um grito ou clamor baixo. Ele parou para escutar, mas como não ouviu mais nada, convenceu-se de que era o desafio do guarda na muralha e deitou para dormir mais uma vez. Alguns minutos depois foi perturbado pelo ranger suave de sua própria porta, como se alguém a estivesse empurrando cuidadosamente, e imediatamente depois ouviu o baque surdo de passos cautelosos nas escadas que levavam ao cômodo superior, seguidos de um ruído confuso e um gemido abafado. Alleyne sentou-se no colchão com os nervos em frangalhos, incerto se os sons tinham uma causa simples — algum arqueiro enfermo e um médico em visita, talvez — ou se poderiam ter um significado mais sinistro. Mas

que perigo poderia ameaçá-los aqui, neste forte castelo, sob os cuidados de famosos guerreiros, com altas muralhas e um fosso largo ao redor? Quem poderia machucá-los? Ele quase se persuadira de que seus temores eram uma fantasia insensata, quando seus olhos recaíram sobre o que gelou o sangue de seu coração e o deixou sem ar, com as mãos agarrando o cobertor.

Logo à frente estava a ampla janela do cômodo, que deixava vazar a brilhante luz da lua. Por um instante algo obscurecera a luz, e agora uma cabeça sacudia para cima e para baixo do lado de fora, o rosto olhando para dentro e balançando devagar de um lado da janela para o outro. Mesmo à fraca luz não se podia confundir aquelas feições. Deformadas, retorcidas e manchadas de sangue, ainda eram as do jovem colega escudeiro que ainda há pouco sentara-se em seu colchão. Com um grito de horror, Alleyne saltou da cama e correu em direção à armação da janela, ao passo que os dois arqueiros, despertados pelo barulho, agarraram as armas e olharam desnorreados ao redor. Um relance foi o suficiente para mostrar a Edricson que seus temores eram mais que verdadeiros. Sordidamente assassinado, com uma vintena de ferimentos no corpo e uma corda no pescoço, seu pobre amigo fora atirado da janela superior e balançava devagar no vento noturno, seu corpo raspando contra a parede e o rosto desfigurado à altura do batente.

— Meu Deus! — exclamou Alleyne, com todos os membros a tremer. — O que foi que recaiu sobre nós? Que diabrura é esta?

— Aqui há pedra e aço — disse John, firmemente. — A lamparina, Aylward! A luz da lua amolece o coração de um homem. Agora podemos usar os olhos que Deus nos deu.

— Por minha empunhadura! — exclamou Aylward, quando a chama amarela tremeluziu —, realmente é o jovem mestre Ford, e creio que esse senescal é um vilão perverso, que não ousa nos encarar de dia, mas nos assassinaria enquanto dormimos. Pelo vibrar da corda! Se eu não encharcar uma pluma de ganso com o sangue de seu coração, não será por culpa de Samkin Aylward da Companhia Branca.

— Mas, Aylward, pense nos homens que vi ontem à noite — disse Alleyne. — Pode não ser o senescal. Pode ser que outros tenham entrado no castelo. Tenho de ir ao encontro de sir Nigel antes que seja tarde demais. Deixe-me ir, Aylward, pois meu lugar é ao lado dele.

— Um momento, *mon gars*. Ponha aquele capacete de aço na ponta de minha vara de teixo. Assim! Vou colocá-lo primeiro para fora da porta, pois não é bom sair sem poder ver ou se defender. Agora, *camarades*, saquem as espadas e fiquem a postos! Ei, por minha empunhadura! Já era hora de acordarmos!

Enquanto ele falava uma súbita gritaria irrompera no castelo, com um grito de mulher e muitos pés a correr. Depois veio o tilintar agudo de aço contra aço, e um rugido como o de um leão furioso — “*Notre Dame du Guesclin!* Santo Ivo! Santo Ivo!” — O arqueiro puxou o trinco da porta e passou o capacete na ponta do arco. Houve uma batida e o tilintar do elmo de aço no chão, mas antes que o ofensor pudesse se preparar para mais um golpe, o arqueiro passara a espada por seu corpo.

— Avante, *camarades*, avante! — bradou ele. Rompendo ferozmente por dois homens que se atiraram em seu caminho, ele acelerou pelo amplo corredor na direção da gritaria.

Uma curva acentuada e depois outra os levaram ao topo de uma curta escadaria, de onde observaram diretamente a cena do tumulto na parte de baixo. Um salão quadrado com piso de carvalho se estendia abaixo deles, para o qual davam as portas dos aposentos de hóspedes principais. O salão estava claro como o dia, pois archotes queimavam em inúmeras arandelas nas paredes, formando estranhas sombras das cabeças com presas ou galhadas que as ornamentavam. Bem no pé da escada, perto da porta aberta de seus aposentos, estavam caídos o senescal e sua esposa: ela com a cabeça arrancada dos ombros, ele atravessado por uma estaca afiada, que ainda se projetava dos dois lados de seu corpo. Três servos do castelo estavam mortos ao lado deles, completamente despedaçados e arranhados, como se uma alcateia os tivesse atacado. Em frente ao quarto de hóspedes central estavam Du Guesclin e sir Nigel, meio-vestidos e sem armadura, com o prazer louco da batalha a brilhar nos olhos. Tinham as cabeças atiradas para trás, os lábios comprimidos, as espadas manchadas de sangue posicionadas acima do ombro e os pés esquerdos virados para fora. Três mortos estavam amontoados à frente deles, ao passo que um quarto homem, com o sangue jorrando de uma veia cortada, estava deitado com os joelhos levantados e arquejava em chiados. Mais atrás — todos ofegando juntos, como o vento numa árvore — havia um grupo de seres ferozes e bravios, com os braços e pernas descobertos, esqueléticos, barbados, de olhos profundos e mortíferos e rostos como os de animais selvagens. Com os

dentos à mostra, os cabelos eriçados, os saltos e gritos loucos, a Alleyne eles mais pareciam demônios das profundezas que homens de carne e osso. Enquanto ele observava, esbravejaram um grito áspero e investiram novamente contra os dois cavaleiros, atirando-se loucamente nas pontas das espadas. Agarravam-se, atropelavam, mordiam, rasgavam, pouco se importando com ferimentos se conseguissem arrastar os dois soldados ao chão. Sir Nigel foi derrubado pelo peso deles, e sir Bertrand, com seu estrondoso grito de guerra, girava a pesada espada a fim de liberar espaço para que ele se levantasse, quando o zunido de duas longas flechas inglesas e a arremetida dos dois arqueiros ingleses escada abaixo alterou a maré do combate. Os atacantes recuaram, os cavaleiros avançaram e em poucos momentos o salão estava limpo. Hordle John arremessara o último dos homens selvagens nos íngremes degraus que tinham início no canto do cômodo.

— Não os persigam — exclamou Du Guesclin. — Estaremos perdidos se nos espalharmos. Não dou a menor importância a mim mesmo, embora seja deplorável sucumbir pelas mãos dessa escória, mas tenho minha querida dama aqui presente, que em hipótese alguma deve correr riscos. Temos espaço para respirar agora, e gostaria de lhe perguntar, sir Nigel, o que aconselharia.

— Por São Paulo! — respondeu sir Nigel. — De forma alguma consigo compreender o que nos ocorreu, exceto que fui despertado por seu grito de guerra, e, ao avançar, me encontrei no meio desta pequena briga. Pobres dama e senescal! Quem são os cães autores desse ato sanguinolento?

— São os *jacques*, os homens do mato. Tomaram o castelo, embora eu não saiba como isso chegou a ocorrer. Veja o pátio por esta janela.

— Pelos céus! — exclamou sir Nigel —, está claro como dia por conta dos archotes. Os portões estão abertos, e há três mil deles dentro das muralhas. Veja como eles correm, gritam e acenam! O que é aquilo que estão enfiando poterna afora? Meu Deus! É um homem de armas, e eles o estão despedaçando membro a membro, como cães de caça sobre um lobo. Agora outro, e mais um. Eles detêm todo o castelo, pois vejo os rostos deles nas janelas. Veja, há alguns ali com grandes fardos nas costas.

— É madeira seca da floresta. Eles a empilham nas muralhas e ateam fogo. Quem é aquele tentando refreá-los? Por Santo Ivo! É o bom padre que falou em favor deles no salão. Está ajoelhado, rogando, implorando! O quê? Vilões, como podem atacar aqueles que os ajudam? Ah, o carniceiro o

atingiu! Ele caiu! Estão pisoteando o homem! Arrancaram a beca e a estão brandindo no ar! Veja agora, como as chamas lambem as paredes! Não há mais ninguém para se reunir a nosso redor? Com cem homens poderíamos nos defender bem.

— Oh, o que não daria por minha Companhia! — exclamou sir Nigel. — Mas onde está Ford, Alleyne?

— Foi sordidamente assassinado, meu bom senhor.

— Que os santos o recebam! Que ele descanse em paz! Mas eis aqui, afinal, alguns que podem nos aconselhar, pois não é conveniente nos movimentarmos por estes corredores sem um guia.

Enquanto ele falava, desciam correndo os degraus um escudeiro francês e o cavaleiro boêmio, e este sangrava em um corte na testa.

— Tudo está perdido! — exclamou. — O castelo foi tomado e pega fogo, o senescal foi morto e não nos resta nada.

— Pelo contrário — disse sir Nigel —, nos resta muito, pois há uma disputa muito honrosa diante de nós e uma bela dama pela qual podemos dar nossas vidas. Há muitas formas pelas quais um homem pode morrer, mas nenhuma melhor do que esta.

— Pode nos dizer, Godfrey — perguntou Du Guesclin ao escudeiro francês —, como esses homens adentraram o castelo e com quais auxílios podemos contar? Por Santo Ivo, se não formarmos logo um plano, seremos queimados como gralhinhas no ninho!

O escudeiro, um jovem soturno e esguio, falava firme e rapidamente, como alguém treinado para ações repentinas.

— Há uma passagem subterrânea para o castelo — disse ele —, e alguns *jacques* passaram por ela, abrindo os portões para os outros. Tiveram ajuda de dentro das muralhas, e os homens de armas estavam cheios de vinho. Devem ter sido mortos em suas camas, pois esses demônios rastejaram de cômodo em cômodo a passos leves e com as facas nas mãos. Sir Amory, o Hospitalário, sucumbiu por um machado quando correu em nossa direção, vindo de seu quarto de dormir. Além de nós, não creio que haja mais ninguém vivo.

— Qual seria, então, seu conselho?

— Irmos à torre de menagem. Não é usada exceto em tempos de guerra, e a chave está pendurada no cinto de meu pobre senhor e mestre.

— Há duas chaves aqui.

— É a maior. Quando estivermos lá poderemos defender a escadaria estreita, e ao menos as paredes são mais espessas. Demoraria mais para que conseguissem queimá-las. Se apenas conseguíssemos carregar a dama pelo pátio, poderíamos ficar bem.

— Não, a dama já presenciou algo das atividades da guerra — disse Tiphaine saindo do quarto, pálida, solene e impassível como sempre. — Não serei um empecilho para você, meu querido esposo e galante amigo. Tenham certeza, se tudo o mais falhar, sempre tenho aqui uma salvaguarda que supera qualquer temor desses miseráveis vis e manchados de sangue. — E retirou uma pequena adaga com punho de prata do seio.

— Tiphaine — exclamou Du Guesclin —, Sempre a amei, mas agora, por Nossa Senhora de Rennes, a amo mais que nunca! Se não soubesse que suas mãos estariam tão preparadas quanto suas palavras, eu mesmo aplicaria o último golpe em você antes que pudesse cair nas mãos deles. Conduza-nos, Godfrey! Um novo cibório de ouro reluzirá na catedral de Dinan se sairmos disto sãos e salvos.

A atenção dos insurgentes havia se desviado das mortes para os saques, e por todo o castelo podia-se ouvir seus gritos e brados de prazer quando arrastavam as opulentas tapeçarias, os jarros de prata e a mobília esculpida. No pátio, miseráveis meio-vestidos, com os membros nus completamente salpicados por manchas de sangue, pavoneavam-se com elmos emplumados nas cabeças ou com os vestidos de seda de lady Rochefort amarrados ao redor dos quadris e arrastando-se no chão. Barris de vinho fino haviam sido rolados adaga afora, e camponeses à míngua estavam agachados com os cálices nas mãos, secando as safras que De Rochefort selecionara para convidados nobres e reais. Outros, com peças de toucinho defumado e pedaços de carne seca nas pontas de lanças, seguravam-nos ao fogo ou os dilaceravam vorazmente com os dentes. Ainda não haviam perdido toda a ordem, entretanto, pois algumas centenas dos mais bem-armados formavam um grupo silencioso. Estes se escoravam em suas armas rústicas e observavam o fogo, que se espalhara rapidamente e envolvia um lado inteiro do castelo. Alleyne já podia ouvir as chamas a crepitar e rugir, ao passo que o ar estava pesado pelo calor e repleto do odor pungente de madeira queimada.

CAPÍTULO XXXI

COMO CINCO HOMENS DEFENDERAM A TORRE DE VILLEFRANCHE

Com o escudeiro francês como guia, o séquito passou por dois estreitos corredores. O primeiro estava deserto, mas na entrada do segundo havia um vigia camponês, que partiu à vista deles, gritando alto por seus camaradas.

— Impeçam-no, ou estaremos perdidos! — exclamou Du Guesclin, que começara a correr, quando o grande arco de guerra de Aylward vibrou como uma harpa e o homem caiu de cara no chão, com os membros a se contrair e os dedos apertados. A cinco passos de onde ele caíra havia uma porta estreita e pouco usada, que levava ao pátio. De lá vinha tamanha Babel de apupos e gritos, pragas horríveis e risadas ainda mais horrendas, que os corações mais fortes poderiam se encolher ao transpor a frágil barreira que os encarava.

— Direto para a torre! — disse Du Guesclin, com um sussurro curto e austero. — Os dois arqueiros à frente, a dama no meio, um escudeiro de cada lado, enquanto os três cavaleiros ficarão para trás para repelir aqueles que investirem contra nós. Assim! Agora abram a porta, e que Deus nos proteja!

Por alguns instantes parecia que o objetivo seria atingido sem perigos, tão rápidos e silenciosos foram os movimentos do grupo. Apenas quando estavam na metade do pátio os frenéticos e ruidosos camponeses se movimentaram para impedi-los. Os poucos que se atiraram no caminho foram subjugados ou afastados para o lado, ao passo que os perseguidores foram repelidos pelas prontas armas dos três cavaleiros. Lutaram para chegar incólumes à porta da torre de menagem e viraram-se para encarar a turba pululante, enquanto o escudeiro enfiava a grande chave na fechadura.

— Meu Deus! — exclamou ele. — É a chave errada.

— A chave errada?

— Idiota, estúpido que sou! Esta é a chave do portão do castelo, é a outra que abre a torre. Tenho de voltar para buscá-la! — Virou-se com um intuito louco de refazer seus passos, mas no mesmo instante um grande pedregulho irregular, arremessado por um camponês musculoso, atingiu-o em cheio no ouvido e ele caiu sem sentidos no chão.

— Esta chave me basta! — disse Hordle John, apanhando a imensa pedra e arremessando-a contra a porta com toda a força de seu enorme corpo. A fechadura estremeceu, a madeira rompeu, a pedra estilhaçou-se em cinco pedaços, mas as barras de ferro ainda sustentavam a porta no lugar. Abaixando-se, ele enfiou os grandes dedos debaixo dela e com esforço ergueu toda a massa de madeira e ferro das dobradiças. Por um instante ela oscilou e balançou, e então, caindo para a frente, enterrou-o nos escombros, enquanto seus camaradas corriam para dentro da arcada escura rumo à segurança.

— Suba as escadas, Tiphaine! — exclamou Du Guesclin. — Agora viremo-nos, amigos, e forcemo-los a voltar! — A turba de camponeses vinha como uma onda em seus calcanhares, mas os dois espadachins mais confiáveis da Europa brilharam naquela estreita escadaria, e quatro tombaram na soleira. Os outros recuaram e se reuniram em um semicírculo ao redor da porta aberta, rangendo os dentes e sacudindo os punhos cerrados contra os defensores. O corpo do escudeiro francês fora arrastado por eles e despedaçado. Três ou quatro outros haviam puxado John de baixo da porta, quando ele subitamente se pôs de pé de um salto, agarrou um deles em cada mão e fê-los colidir. Tamanha foi a força que eles caíram desacordados no chão, um sobre o outro. Com um chute e uma pancada o gigante se libertou dos outros dois que se aferravam a ele, e num instante estava dentro do portal com os camaradas.

Eles estavam numa posição desesperadora, porém. Os camponeses de perto e de longe haviam sido reunidos para este ato de vingança, e havia nada menos que seis mil dentro ou ao redor das muralhas do Château de Villefranche. Mal-armados ou quase mortos de fome, eram ainda homens desesperados, para quem o perigo perdera quaisquer temores. Por que deveriam fugir da morte para agarrar-se a uma vida como aquela que levavam? O castelo era deles, e as ruidosas chamadas jorravam pelas janelas e bruxuleavam alto, acima das torretas em ambos os lados do quadrilátero. Por todos os lados eles se espalhavam de cômodo em cômodo, de bastião

em bastião, na direção da torre de menagem. Defrontados por um exército e cercados pelo fogo estavam seis homens e uma mulher, mas alguns deles eram homens tão treinados para o perigo e tão sábios na guerra que ainda assim a peleja era menos desigual que parecia. A coragem e os recursos estavam encurralados pelo desespero e pelos números, ao passo que as grandes camadas amareladas de fogo lançavam seu sinistro brilho sobre a cena de morte.

— Há espaço para apenas dois em cada degrau, para que nossos braços da espada tenham liberdade — disse Du Guesclin. — Fique comigo, Nigel, no mais baixo. A França e a Inglaterra lutarão juntas nesta noite. Sir Otto, rogo-lhe que fique atrás de nós com este jovem escudeiro. Os arqueiros podem ficar mais acima e atirar por sobre nossas cabeças. Gostaria que tivéssemos nossos arneses, Nigel.

— Sempre ouvi meu caro sir John Chandos dizer que um cavaleiro não deve nunca, mesmo quando for um hóspede, separar-se dele. Mas nossa honra será maior se sairmos bem disto. Temos uma vantagem, já que os vemos contra a luz e eles mal podem nos enxergar. Parece-me que eles estão se reunindo para uma investida devastadora.

— Se simplesmente conseguirmos mantê-los ocupados — disse o boêmio —, é provável que essas chamas nos tragam socorro, se houver homens leais na região.

— Considere, meu bom senhor — disse Alleyne a sir Nigel —, que nunca fizemos mal a esses homens, nem temos motivo para qualquer disputa com eles. Não seria bom, ainda que apenas por conta da dama, falarmos justamente com eles e ver se não podemos chegar a termos honrosos?

— Não, por São Paulo! — exclamou sir Nigel. — Isso não condiz com minha honra, nem se poderá dizer que eu, um cavaleiro da Inglaterra, estive disposto a entrar em negociações com homens que mataram uma bela dama e um santo padre.

— Seria o mesmo que entrar em negociações com uma alcateia voraz — disse o capitão francês. — Rá! *Notre Dame Du Guesclin!* Santo Ivo! Santo Ivo!

Quando ele trovejou seu grito de guerra, os *jacques* reunidos diante do arco negro do portal investiram loucamente, num esforço desesperado de tomar a escadaria. Seus líderes eram um homem baixo, de rosto moreno e com a barba em duas tranças, e um maior, muito curvado nos ombros, que

tinha uma enorme clava cravejada de pregos afiados na mão. O primeiro ainda não dera três passos quando uma flecha do arco de Aylward o atingiu em cheio no peito, e ele caiu na soleira tossindo e cuspidando. O outro investiu à frente, forçou-se entre Du Guesclin e sir Nigel e esmagou os miolos do boêmio com um único golpe de sua arma grosseira. Mesmo perpassado por três espadas ele continuava a tentar avançar, e quase conseguira passar por eles antes de cair morto sobre a escada. Logo em seu encaicho vinham uma centena de furiosos camponeses, que se ativaram repetidamente contra as cinco espadas que os confrontavam. As paradas, as estocadas e os cortes eram tão rápidos quanto os olhos podiam acompanhar ou as mãos eram capazes de executar. À porta havia uma pilha de corpos, e o chão de pedra estava escorregadio pelo sangue. O profundo brado de Du Guesclin, a respiração áspera e sibilante da multidão esmagadora, o tinir do aço, o baque surdo dos corpos a cair e os gritos dos feridos formavam uma miscelânea que frequentemente invadiria o sono de Alleyne em anos vindouros. O tropel por fim se retirou, lenta e taciturnamente, com muitos olhares ferozes de relance para trás. Onze de suas fileiras estavam esparramados e amontoados em frente à escada que eles haviam fracassado em conquistar.

— Os cães se cansaram — disse Du Guesclin.

— Por São Paulo! Parece haver pessoas muito dignas e valentes entre eles — observou sir Nigel. — São homens contra quem se poderia conquistar muita honra e elevação, se fossem de melhor nascimento. Mesmo assim, foi um grande prazer encará-los. Mas o que é aquilo que estão trazendo?

— É o que eu temia — resmungou Du Guesclin. — Vão nos queimar até a morte, já que não conseguem passar por nós. Tiros certos e diretos, arqueiros, pois por Santo Ivo, nossas boas espadas nos são de pouca utilidade!

Enquanto ele falava, uma dúzia de homens se adiantavam depressa, cada um deles protegido por um enorme fardo de galhos. Arremessando as cargas numa imensa pilha do lado de dentro do portal, eles atiraram archotes flamejantes em cima. A madeira havia sido embebida em óleo, pois num instante estava em chamas e uma labareda amarelada, comprida e sibilante lambia as cabeças dos defensores, forçando-os a subir ao primeiro pavimento da torre. Mal o haviam alcançado, porém, e descobriram que as vigas e tábuas de madeira do assoalho já pegavam fogo. Secos e carcomidos

como estavam, uma fagulha se tornava brasa ao contato, e a brasa convertia-se em chama. O ar estava cheio de fumaça asfixiante, e os cinco mal conseguiam subir às apalpadelas pela escadaria que levava ao próprio topo da torre quadrangular.

Os olhos deles depararam com uma estranha cena àquela altura. Lá embaixo, por todos os lados, estendia-se a longa extensão de campos tranquilos, planícies onduladas e bosques emaranhados, brandos e suaves à luz prateada do luar. Não se via luz, movimento ou qualquer sinal de auxílio humano, mas à distância o clangor áspero de um pesado sino subia e descia no ar de inverno. O imenso fogo ardia abaixo e ao redor deles, rugindo e crepitando por todos os lados do pátio, e, enquanto olhavam, as duas torretas dos cantos desabaram com um estrondo ensurdecedor. Todo o castelo não passava de uma massa disforme, cuspidando chamas e fumaça por todas as janelas e seteiras. A grande torre negra em que estavam erguia-se como uma última ilha de refúgio em meio ao mar de fogo, mas o crepitar ameaçador que rugia abaixo evidenciava que não tardaria até que ela também fosse engolida pela ruína generalizada. Logo abaixo deles estava o pátio quadrado, abarrotado com os camponeses que dançavam e gritavam com os rostos ferozes voltados para cima, acenando com os punhos cerrados, completamente embriagados pelo derramamento de sangue e pela vingança. Um brado de execração e uma hedionda gargalhada explodiram no vasto tropel quando eles viram os rostos dos últimos inimigos sobreviventes mirando-os das alturas do torreão. Eles ainda empilhavam o mato seco na base da torre e saltitavam de mãos dadas ao redor do fogo, bradando os versos burlescos que há muito eram o lema das *jacqueries*:

*Cessez, cessez, gens d'armes et piétons,
De piller et manger le bonhomme
Qui de lonqtemps Jacques Bonhomme
Se nomme.*

Suas vozes agudas e estridentes sobrepunham-se ao rugido das chamas e aos estrondos da alvenaria, como o ganido de uma alcateia que vê a presa diante de si e sabe que praticamente a alcançou.

— Por minha empunhadura! — disse Aylward para John. — Parece-me que não veremos a Espanha nesta jornada. Fico muito feliz por ter colocado meu colchão de penas e outros itens de valor com aquela digna mulher de

Lyndhurst, que agora fará bom uso deles. Ainda tenho treze flechas, e se uma delas não voar sem atingir carne e osso, então, pelo vibrar da corda, mereço a morte! Primeiro aquele que se pavoneia com o vestido de seda da dama. Foi em cheio, por Deus! Embora tenha sido um palmo abaixo do que planejei. Agora o patife com a cabeça na ponta da lança. Rá! No alvo, John. Quando meu olhar está preciso, sou melhor em alvos itinerantes que nos longos ou curtos. Um bom tiro também, John! O vilão caiu de cara no fogo. Mas rogo-lhe, John, que solte a corda suavemente e não arranque com a mão que puxa, pois é uma armadilha que estraga muitos bons arqueiros.

Enquanto os dois prosseguiram com sua saraivada febril sobre a turba abaixo, Du Guesclin e sua dama deliberavam com sir Nigel sobre a situação desesperadora.

— É um fim estranho para alguém que viu tantos campos de batalha — disse o chefe de guerra francês. — Para mim uma morte é como qualquer outra, mas é pensar em minha querida dama que me pesa o coração.

— Não, Bertrand, temo tão pouco quanto você — disse ela. — Meu maior desejo seria partirmos juntos.

— Boa resposta, boa dama! — exclamou sir Nigel. — E tenho certeza de que minha querida esposa teria dito o mesmo. Se o fim chegou, tirei a sorte grande por viver numa época em que se pôde conquistar tanta glória e por conhecer tantos valentes cavaleiros e fidalgos. Mas por que está puxando minha manga, Alleyne?

— Com sua licença, meu bom senhor, neste canto há dois grandes tubos de ferro, com inúmeras bolas pesadas, que talvez sejam as bombardas e projéteis sobre os quais ouvi falar.

— Por Santo Ivo, é verdade! — exclamou sir Bertrand, caminhando a passos largos rumo ao local onde estavam os deselegantes, afunilados e gordos mecanismos. — São bombardas, e de bom tamanho. Podemos atirar lá embaixo.

— Atirar com isso, deveras? — exclamou Aylward com grande desdém, pois o perigo iminente é o maior nivelador de classes. — Como é que alguém pode mirar com esses brinquedos idiotas, e como podemos causar dano com eles?

— Mostrarei como — respondeu sir Nigel. — Eis aqui a grande caixa de pólvora, e se puder levantá-la para mim, John, mostrarei a vocês como se usa. Venham aqui, onde a multidão está mais densa ao redor do fogo. Agora, Aylward, estique o pescoço e assista ao que se diria ser uma história

de viúva, quando fomos à guerra pela primeira vez. Retire a tampa, John, e jogue a caixa no fogo!

Um rugido ensurdecedor, uma nuvem de luz azulada e a grande torre quadrangular abalou-se e tremeu nos alicerces, balançando para lá e para cá como juncos ao vento. Espantados, atordoados e agarrando-se aos baluartes rachados para se apoiar, os defensores viram grandes pedregulhos, vigas de madeira em chamas e corpos mutilados passando por eles no ar. Quando se levantaram vacilantes, toda a torre havia se firmado em um lado, de forma que mal eram capazes de se manter de pé sobre a plataforma inclinada. Espiando pela beirada, avistaram de cima a horrível destruição causada pela explosão. A quarenta jardas à frente do portal, o chão estava repleto de vultos que se contorciam e gritavam, lutando para se levantar e se atirando ao solo novamente. Viravam-se para cá e para lá, cegos, chamuscados, com fogo emergindo de suas roupas esfarrapadas. Para além desse círculo de morte, seus camaradas, aturdidos e atônitos, encolhiam-se perante a torre negra e aqueles homens invencíveis, que deviam ser mais temidos quando a esperança estava mais distante de seus corações.

— Uma surtida, Du Guesclin, uma surtida! — exclamou sir Nigel. — Por São Paulo, eles estão indecisos, e uma investida ousada pode dispersá-los! — Desembainhou a espada enquanto falava e disparou pela escada em espiral, seguido de perto pelos quatro camaradas. Antes de chegar ao primeiro pavimento, porém, atirou os braços para cima e parou. — *Mon Dieu!* — disse. — Estamos perdidos!

— Que foi? — exclamaram os que vinham atrás.

— As paredes caíram para dentro, a escadaria está obstruída, e o fogo ainda arde lá embaixo. Por São Paulo! Combatemos honrosamente, amigos, e posso dizer com toda a humildade que cumprimos nosso dever, mas creio que agora devemos voltar a lady Tiphaine e fazer nossas orações, pois desempenhamos nosso papel neste mundo, e é chegada a hora de nos prepararmos para outro.

A estreita passagem estava obstruída por pedras enormes, amontoadas em grande confusão umas sobre as outras, com a fumaça asfixiante azulada exalando pelas frestas. A explosão derrubara a parede para dentro e bloqueara o único trajeto pelo qual eles poderiam descer. Presos a cem pés de altura, com uma fornalha rugindo abaixo de si e uma multidão arrebatadora ao redor com sede de sangue, parecia realmente que ninguém

jamais chegara a tal risco de vida. Voltaram devagar ao topo, mas quando o atingiram, lady Tiphaine correu e agarrou o pulso do marido.

— Bertrand — disse ela —, faça silêncio e escute! Ouvi vozes de homens cantando juntos em uma língua estranha.

Ficaram parados sem fôlego e silenciosos, mas não ouviram nenhum som, exceto o rugir das chamas e o clamor dos inimigos.

— Não pode ser, dama — disse Du Guesclin. — Esta noite a extenuou, e seus sentidos a estão enganando. Que homens nesta região cantariam em uma língua estranha?

— Ei! — bradou Aylward, saltando subitamente no ar, com o rosto alegre enquanto acenava. — Pensei ter ouvido o mesmo antes de descermos, e agora ouço novamente. Estamos salvos, camaradas! Pelos ossos destes dez dedos, estamos salvos! É a canção de marcha da Companhia Branca. Façam silêncio!

Com o indicador para cima e a cabeça inclinada, ele parou para ouvir. Subitamente um coro de vozes profundas e joviais veio subindo de algum lugar na escuridão. As finas e delicadas cantilenas da Provença ou de Languedoc jamais soaram melhor aos ouvidos que aquele rude canto saxão, para os seis que tinham os ouvidos cansados pela torre em chamas:

*Bebamos todos juntos
À pena de ganso cinzento
E à terra onde voa o ganso cinzento.*

— Rá, por minha empunhadura! — gritou Aylward. — É a boa e velha canção dos arcos da Companhia. Lá estão duzentos dos rapazes mais firmes que já giraram flechas nas unhas. Ouçam os cães, como cantam com vigor!

Mais próxima e mais nítida, elevando-se na noite, vinha a alegre melodia de marcha:

*E o arco?
E o arco foi feito na Inglaterra.
De madeira boa, madeira de teixo
A madeira dos arcos ingleses;
Pois os homens livres
Amam o velho teixo
E a terra onde cresce o teixo.*

*E os homens?
Os homens foram criados na Inglaterra,
Os arqueiros, os yeomen
Rapazes do vale e da colina
Aqui a vocês e a vocês,
A todos os corações leais
E à terra onde vivem os corações leais.*

— Eles cantam muito alegremente — disse Du Guesclin —, como se estivessem a caminho de um festival.

— É o costume deles quando há trabalho a fazer.

— Por São Paulo! — disse sir Nigel. — Parece-me que chegaram demasiadamente tarde, pois não consigo ver como desceremos desta torre.

— Lá vêm eles, os corações dourados! — exclamou Aylward. — Vejam, eles saíram das sombras. Agora estão cruzando a campina. Estão do outro lado do fosso. Ei *camarades*, ei! Johnston, Eccles, Cooke, Harward, Bligh! Querem ver uma bela dama e dois galantes cavaleiros mortos sordidamente?

— Quem está aí? — gritou uma voz grave lá de baixo. — Quem é este falando em língua inglesa?

— Sou eu, velho amigo. É Sam Aylward da Companhia, e eis aqui seu capitão, sir Nigel Loring, e quatro outros, todos prontos a serem tostados como os arenques de um báltico.

— Maldito seja, se não pensei que parecia a maneira de falar do velho Samkin Aylward — disse a voz, em meio a um burburinho nas fileiras. — Onde quer que haja pancadas, lá estará Sammy bem no meio. Mas quem são esses mandriões de cara feia que barram o caminho? Voltem para seus canis, *canaille!* O quê? Atrevem-se a olhar em nossos olhos? Saquem as espadas, rapazes, e batam neles com a champa! Não gastem flechas com esses patifes renegados.

Aos camponeses, porém, restava pouco espírito combativo. Ainda estavam atordoados pela explosão, atônitos diante de suas perdas e abatidos pela chegada de arqueiros disciplinados. Em pouquíssimos minutos estavam em fuga desabalada rumo a suas casas de mato, deixando o sol da manhã a nascer sobre uma ruína escurecida e manchada de sangue, onde na noite anterior deixara o magnífico castelo do Senescal da Auvérnia. As linhas brancas do Leste já adquiriam um tom róseo mais profundo, quando os

arqueiros se reuniram ao redor do torreão e deliberaram sobre como resgatariam os sobreviventes.

— Há um lado que não está em chamas — disse Alleyne —, se tivéssemos uma corda, poderíamos deslizar por ele.

— Mas como conseguiremos uma corda?

— É um velho truque — disse Aylward. — Ei, Johnston, lance uma corda aqui em cima, como você fez na guerra em Maupertuis!

O arqueiro grisalho assim nomeado recolheu vários pedaços de corda de seus camaradas, amarrou-os firmemente e os esticou na longa sombra que o sol nascente formava ao bater na torre obscurecida. Então, fixou a vara de teixo de seu arco numa ponta e mediu a longa e fina linha negra que ela formava na relva.

— Uma vara de seis pés forma uma sombra de doze pés — murmurou. — A torre forma uma sombra de sessenta passos. Trinta passos de corda serão mais que suficientes. Outro pedaço, Watkin! Agora puxe a ponta para que fique firme. Assim! Está pronta.

— Mas como é que vão alcançá-la? — perguntou o jovem arqueiro ao lado.

— Observe, jovem palerma — resmungou o velho arqueiro, que tirou um grande cordão da bolsa e amarrou uma ponta numa flecha.

— Tudo pronto, Samkin?

— Pronto, *camarade*.

— Perto de suas mãos, então. — Com uma puxada leve, ele atirou a flecha com um tremor suave para cima, e ela caiu na cantaria a um pé de onde Aylward estava. A outra ponta estava firme à corda, de forma que em um minuto um bom e forte cabo pendia do único lado sólido da torre ardente e despedaçada. Lady Tiphaine foi baixada com um nó atado debaixo dos braços, e os outros cinco deslizaram rapidamente até o chão em meio aos aplausos e ao clamor jubiloso de seus salvadores.

CAPÍTULO XXXII

COMO A COMPANHIA DELIBEROU AO REDOR DA ÁRVORE CAÍDA

— Onde está sir Claude Latour? — perguntou sir Nigel, quando seus pés tocaram o chão.

— Está no acampamento, perto de Montpezat, a duas horas de marcha daqui, meu bom senhor — disse Johnston, o arqueiro grisalho que comandava o bando.

— Então marcharemos para lá, pois gostaria de tê-los todos de volta a Dax a tempo de estarmos na vanguarda do príncipe.

— Meu senhor — exclamou Alleyne, alegremente —, eis aqui nossos cavalos de guerra, e vejo seu arnês em meio ao saque que esses patifes deixaram para trás.

— Por Santo Ivo! É verdade, jovem escudeiro — disse Du Guesclin. — Lá estão meu cavalo e o ginete de minha senhora. Os mandriões levaram-nos dos estábulos, mas fugiram sem eles. Ora, Nigel, foi uma grande alegria para mim encontrar alguém sobre quem ouvira falar tanto. Mas devemos deixá-lo agora, pois tenho de estar com o rei da Espanha antes que o exército de vocês cruze as montanhas.

— Pensei que estivesse na Espanha com o valente Henrique de Trastâmara.

— Estive lá, mas voltei à França para levantar homens em auxílio a ele. Cavalgarei de volta, Nigel, com quatro mil dos melhores lanceiros da França atrás de mim, para que seu príncipe possa descobrir que terá pela frente uma tarefa digna de si. Que Deus esteja contigo, amigo, e que possamos nos encontrar novamente em tempos melhores!

— Não creio que se possa encontrar homem de coração mais forte ou dama mais bela e encantadora em toda Cristandade — disse sir Nigel,

parado ao lado de Alleyne e acompanhando o cavaleiro francês e sua dama com o olhar. — Mas seu rosto está pálido e triste, Alleyne! Acaso foi ferido durante a briga?

— Não, meu bom senhor, estava apenas pensando em meu amigo Ford, e em como ele sentou-se em meu colchão ainda ontem à noite.

Sir Nigel balançou a cabeça tristemente. — Perdi dois bravos escudeiros — disse ele. — Não sei por que os ramos jovens são arrancados e as ervas velhas permanecem de pé, mas decerto deve haver uma boa razão, já que Deus assim planejou. Notou, Alleyne, que lady Tiphaine nos alertou ontem à noite sobre o perigo que se abateria sobre nós?

— Ela realmente o fez, meu senhor.

— Por São Paulo! Fico apreensivo quanto ao que ela viu no Castelo de Twynham. Não obstante, não consigo imaginar que saqueadores escoceses ou franceses poderiam desembarcar com força suficiente para sitiar a fortaleza. Diga à Companhia para se reunir, Aylward, e prossigamos, pois será uma vergonha para nós se não estivermos em Dax no dia do encontro.

Os arqueiros estavam espalhados pelas ruínas, mas um toque de corneta trouxe todos à convocação, com tanto butim quanto conseguiam levar enfiado nas bolsas ou pendurado nos ombros. Enquanto formavam as fileiras, cada homem silenciosamente tomando seu lugar, sir Nigel lançou um olhar questionador sobre eles, e um sorriso de prazer surgiu em seu rosto. Altos e vigorosos, morenos, de olhos límpidos e feições duras, com o porte austero e pronto dos soldados experientes, realmente seria difícil para um líder encontrar um séquito mais seleta. Alguns homens das fileiras eram velhos soldados das guerras francesas, grisalhos e esguios, com as feições ferozes e enrugadas, e as fronteiras hirsutas e eriçadas. A maioria, porém, eram arqueiros jovens e elegantes com francos rostos ingleses, as barbas penteadas, as madeixas escorrendo sob os capacetes cerrados de aço, com brincos de ouro ou joias nas orelhas. Entre os talabartes dourados, os cintos de seda e as correntes que muitos deles usavam em volta dos grossos pescoços morenos, tudo revelava os grandes momentos que haviam vivenciado como companheiros livres. Cada um tinha uma vara de teixo ou aveleira pendurada no ombro, e as dos mais velhos eram simples e duráveis, mas as dos outros eram pintadas com cores berrantes e esculpidas nas duas pontas. Capacetes de aço, brigantinas de malha, sobrecotas brancas com o leão vermelho de São George e espadas ou machados pendendo dos cinturões completavam o equipamento. Em alguns casos martelos de

batalha de cinco pés pendiam cruzando o arco, amarrados às correias de ombro por um gancho no meio do cabo. O coração de sir Nigel bateu forte quando fitou os rostos destemidos e de espírito livre.

Marcharam durante duas horas por terrenos florestais e pantanosos, ao longo da margem esquerda do rio Aveyron. Sir Nigel cavalgava atrás da Companhia, com Alleyne do lado direito e Johnston, o velho mestre arqueiro, caminhando ao lado do estribo esquerdo. Antes de chegarem ao fim da jornada, o cavaleiro aprendera tudo o que desejava saber sobre seus homens, seus feitos e suas intenções. Em um momento, enquanto marchavam, viram um contingente de homens de armas franceses na outra margem do rio, cavalgando muito depressa na direção de Villefranche.

— É o Senescal de Toulouse com seu séquito — disse Johnston, cobrindo os olhos com a mão. — Se ele estivesse deste lado da água, poderia ter tentado algo contra nós.

— Creio que faríamos bem em cruzar o rio — disse sir Nigel. — Seria uma pena recusar esse digno senescal, caso ele desejasse tentar um pequeno feito de armas.

— Não, não há nenhum vau antes de Tourville — respondeu o velho arqueiro. — Ele está a caminho de Villefranche, e a confissão de quaisquer *jacques* que caírem nas mãos dele será curta, pois ele é homem de poucas palavras. Foram ele e o Senescal de Beaucaire que enforcaram Peter Wilkins, da Companhia, na última *lammastide*. Pela cruz negra de Waltham, serão enforcados por isso, se caírem em nosso poder! Mas eis aqui nossos camaradas, sir Nigel, e nosso acampamento.

Enquanto ele falava a trilha da floresta pela qual marchavam se abriu em uma clareira verde, que descia na direção do rio. Três lados eram cercados por árvores altas e sem folhas, com espessos matagais de azevinho entre os troncos. Do lado mais distante dessa abertura da floresta havia quarenta ou cinquenta cabanas, construídas em barro e madeira com muita habilidade, que sopravam fumaça azulada pelos telhados. Uma dúzia de cavalos amarrados e mulas pastavam ao redor do acampamento, ao passo que inúmeros arqueiros vagueavam à vontade. Alguns atiravam em alvos, enquanto outros armavam grandes fogueiras a céu aberto, sobre as quais penduravam suas caldeiras de cozinha. Deram um brado de boas-vindas à vista do retorno de seus camaradas, e um homem montado, que estivera exercitando seu cavalo de guerra atrás do acampamento, foi ao encontro deles a meio galope. Era vivo e elegante e estava trajado de forma muito

opulenta, com o rosto redondo e barbeado e olhos negros muito brilhantes, que dançavam e faiscavam em entusiasmo.

— Sir Nigel! — exclamou. — Sir Nigel Loring, enfim! Por minha alma, como o esperamos neste último mês. Seja muito bem-vindo, sir Nigel! Recebeu minha carta?

— Foi ela que me trouxe aqui — disse sir Nigel. — Mas na verdade, sir Claude Latour, muito me admira que não lidere por si mesmo estes arqueiros, pois certamente não encontrariam líder melhor.

— Nenhum, nenhum, pela Virgem de L'Esparre! — exclamou ele, falando com o estranho e carregado sotaque gascão, que transforma o *v* em *b*. — Mas sabe como são esses seus insulares, sir Nigel. Não se deixam liderar por ninguém, a não ser por aqueles de seu próprio povo e de seu próprio sangue. Não há forma de persuadi-los. Nem mesmo eu, Claude Latour, *seigneur* de Montchâteau, senhor da alta justiça, da média e da baixa, consegui conquistar as graças deles. Tiveram de deliberar e juntar duzentas cabeças duras, e então vieram o tal Aylward e mais um, como porta-vozes, dizendo que iriam debandar a não ser que um inglês de bom nome se impusesse sobre eles. Muitos deles, pelo que compreendo, vêm de uma grande floresta situada em Hampi, ou Hampti... não consigo pronunciar o nome. Sua residência é nessa região, e assim os pensamentos deles voltaram-se para você como líder. Mas esperávamos que trouxesse uma centena de homens consigo.

— Já estão em Dax, onde nos juntaremos a eles — disse sir Nigel. — Mas deixe os homens quebrarem o jejum, e então deliberaremos sobre o que fazer.

— Venha até minha cabana — disse sir Claude. — Posso oferecer apenas uma pobre alimentação, leite, queijo, vinho e toucinho, mas seu escudeiro e o senhor sem dúvida me escusarão. Aquela é a minha casa, com o pendão tremulando diante da porta. Uma pequena residência para acomodar o lorde de Montchâteau.

Sir Nigel sentou-se em silêncio e distraído diante de sua refeição, enquanto Alleyne ouvia a língua tagarela do gascão e sua conversa sobre as glórias de seus próprios domínios, seus sucessos no amor e seus triunfos na guerra.

— E agora que está aqui, sir Nigel — disse ele por fim —, tenho muitas belas aventuras preparadas para nós. Ouvi dizer que Montpezat não é muito forte, e que há duzentas mil coroas no castelo. Em Castelnaud também há um

sapateiro a meu serviço, e em qualquer noite escura ele nos lançaria uma corda de sua casa na muralha da cidade. Prometo-lhe que poderá se enfiar até os cotovelos numas boas moedas de prata antes de as noites estarem sem lua novamente. Por todos os nossos lados há belas mulheres, vinhos finos e bons saques, tantos quanto se pode desejar.

— Tenho outros planos — respondeu sir Nigel secamente. — Vim aqui para liderar estes arqueiros em auxílio ao príncipe, nosso suserano, que poderá necessitar gravemente deles até instalar Pedro no trono da Espanha. Minha intenção é partir ainda hoje para Dax, às margens do Adour, onde ele montou acampamento.

O rosto do gascão escureceu e seus olhos flamejaram com indignação.

— De minha parte — disse ele —, essa guerra me importa pouco, e considero a vida que levo bastante alegre e agradável. Não irei a Dax.

— Repense, sir Claude — disse sir Nigel mansamente. — Sempre teve fama de ser um cavaleiro leal e fiel. Certamente não ficaria para trás agora, quando seu senhor precisa de você.

— Não irei a Dax — gritou o outro.

— Mas e seu dever? E seu juramento de lealdade?

— Digo que não irei.

— Então, sir Claude, terei de liderar a Companhia sem você.

— Se eles o seguirem... — exclamou o gascão com escárnio. — Não são escravos contratados, mas companheiros livres, que não fazem nada a não ser pela própria boa vontade. A bem da verdade, lorde Loring, é que eles são homens com quem não convém se engraçar, e seria mais fácil arrancar o osso de um urso faminto do que tirar um arqueiro de uma região abundante e agradável.

— Então lhe rogo que os reúna — disse sir Nigel —, e direi a eles o que tenho em mente. Se sou o líder deles, devem ir a Dax, e se não sou, não sei o que estou fazendo na Auvérnia. Prepare meu cavalo, Alleyne, pois, por São Paulo, o que quer que aconteça, tenho de estar a caminho de casa antes do meio-dia!

Um toque de corneta convocou os arqueiros para a deliberação, e eles se reuniram em pequenos grupos e bandos ao redor de uma grande árvore caída que atravessava a campina. Sir Nigel saltou tranquilamente sobre o tronco e permaneceu de pé, com os olhos pestanejantes e os lábios firmes, fitando o círculo de rostos belicosos abaixo.

— Disseram-me, arqueiros — disse ele —, que vocês se afeiçoaram tanto ao conforto, ao saque e à boa vida que não deixarão esta agradável região. Mas, por São Paulo, não acredito em tal coisa sobre vocês! Posso prontamente ver que são todos homens muito valentes, que desprezariam viver aqui em paz quando seu príncipe tem uma jornada tão grandiosa pela frente. Vocês me escolheram como líder, e um líder serei se vierem comigo à Espanha. Juro a vocês que meu pendão das cinco rosas sempre estará, se Deus me der forças e vitalidade, onde se puder conquistar mais honra. Mas se for o desejo de vocês se refestelarem e vagabundarem por estas campinas, trocando a glória e o renome por ouro vil e riquezas ilícitas, então terão de encontrar outro líder, pois sempre vivi com honra, e confio que com honra morrerei. Se há homens da floresta ou do Hampshire entre vocês, convoco-os a dizer se seguirão o estandarte de Loring.

— Aqui há um homem de Romsey pelo senhor! — exclamou um jovem arqueiro com um raminho de sempre-verde no elmo.

— E um rapaz de Alresford! — gritou outro.

— E de Milton!

— E de Burley!

— E de Lymington!

— E um baixinho de Brockenhurst! — bradou um sujeito de membros enormes, escarrapachado debaixo de uma árvore.

— Por minha empunhadura, rapazes! — exclamou Aylward, saltando no tronco caído. — Creio que não poderíamos olhar as moças nos olhos se deixássemos o príncipe cruzar as montanhas e não puxássemos uma corda para abrir o caminho. Em tempos de paz é muito bom levar a vida que vivíamos juntos, mas agora o estandarte de guerra está mais uma vez ao vento, e, pelos ossos destes dez dedos, ainda que vá sozinho, o velho Samkin Aylward caminhará ao lado dele!

Tais palavras, vindas de homem popular como Aylward, foram decisivas para muitos dos que hesitavam, e um grito de aprovação explodiu entre os espectadores.

— Longe de mim persuadi-los contra este digno arqueiro ou contra sir Nigel Loring — disse sir Claude Latour suavemente —, mas estivemos juntos em muitas jornadas, e quiçá não seja impróprio eu lhes dizer o que penso sobre a questão.

— Silêncio para o gascãozinho! — exclamaram os arqueiros. — Que todos os homens tenham a palavra. Vá direto ao alvo, rapaz, e jogue limpo

conosco.

— Considerem, então — disse sir Claude —, que seguirão regras rígidas, sem liberdade ou prazer... e pelo quê? Por seis pence por dia, no máximo, ao passo que neste momento podem caminhar pelo campo e esticar qualquer das mãos para apanhar o que quiserem. O que é que ouvimos sobre nossos camaradas que foram com sir John Hawkwood à Itália? Em uma só noite capturaram, para receber resgate, seiscentos dos nobres mais ricos de Mântua. Eles acampam às portas de uma grande cidade, e os vis burgueses lhes entregam as chaves e eles tomam grandes espólios. Se consideram melhor, levam carroças de prata como acordo. Assim eles viajam de região em região, ricos, livres e temidos por todos. Ora, não é essa a vida correta de um soldado?

— A vida correta de um ladrão! — rugiu Hordle John em sua voz de trovão.

— Mas há verdades no que diz o gascão — disse um sujeito moreno usando um gibão manchado pelo tempo. — De minha parte, preferiria prosperar na Itália que passar fome na Espanha.

— Você sempre foi um cachorro traidor, Mark Shaw — exclamou Aylward. — Por minha empunhadura, se você se levantar e sacar a espada, lhe garanto que não verá nem uma nem outra!

— Não, Aylward — disse sir Nigel —, não poderemos resolver isto nos inflamando. Sir Claude, creio que o que disse lhe confere pouca honra, e se minhas palavras o ofendem, estou sempre pronto a me aprofundar na questão com o senhor. Mas terá os homens que desejarem segui-lo, e poderá ir onde quiser, para que não venha conosco. Que todos os que amam seu príncipe e seu país permaneçam em seus lugares, enquanto os que pensam mais em bolsas encorpadas vão para o lado de lá.

Treze arqueiros, com as cabeças baixas e rostos envergonhados, adiantaram-se com Mark Shaw e se enfileiraram atrás de sir Claude. Em meio aos apupos e assobios dos camaradas, marcharam juntos em direção à cabana do gascão. O contingente principal encerrou a reunião e pôs-se alegremente a empacotar suas posses, a polir as armas e a se preparar para a marcha que tinha diante de si. Tinham muitas léguas a percorrer, passando sobre o Tarn e o Garona, atravessando os vastos atoleiros de Armagnac, cruzando a correnteza ligeira do Lot e descendo pelo comprido vale do Adour. Só então eles se juntariam à escura nuvem de guerra que deslizava

lentamente em direção ao Sul, rumo à linha de picos nevados além dos quais o estandarte da Inglaterra ainda nunca fora visto.

CAPÍTULO XXXIII

COMO O EXÉRCITO ATRAVESSOU O PASSO DE RONCESVALES

Toda a vasta planície da Gasconha e de Languedoc torna-se uma extensão de terra árida e estéril no inverno, exceto onde a correnteza rápida do Adour e de seus afluentes alimentados pela neve, o Louts, o Oloron e o Pau, correm na direção do golfo da Biscaia. Ao sul do Adour, a fileira irregular de montanhas que franjam o horizonte lança longas garras de granito e desce até as baixadas, dividindo-as em *gaves* ou áreas de vale. Outeiros convertem-se em colinas, e estas em montanhas, cada cordilheira cobrindo a vizinha, até que assomam formando a grande cadeia que ergue seus picos inexplorados e imaculados, brancos e ofuscantes diante do céu azul de inverno.

É uma região tranquila — uma região onde os vagarosos bascos, com seus barretes achatados, faixas vermelhas e sandálias de cânhamo, cultivam escassas plantações ou apascentam magros rebanhos em pastos nas encostas. É a terra dos lobos e das camurças pirenaicas, dos ursos-pardos e das cabras-montesas, uma região de pedra nua e água corrente. Mas era aqui que a vontade de um grande príncipe agora reunia um galante exército, e assim, do Adour aos passos de Navarra, os vales estéreis e os ermos ventosos estavam populados por soldados e repletos dos gritos de ordem e do relinchar dos cavalos. Os estandartes de guerra haviam sido desfraldados mais uma vez, e nos picos cintilantes situava-se a estrada para a qual a Honra apontava, numa época em que os homens a haviam escolhido como sua guia.

E agora tudo estava pronto para aquela empresa. Entre Dax e Saint-Jean-Pied-de-Port, a região campestre estava salpicada com as barracas brancas dos gascões, aquitanos e ingleses, todos ansiosos para avançar. Os

companheiros livres haviam chegado em marcha por todos os lados, até que mais de doze mil soldados dessas tropas veteranas estivessem acantonados ao longo das fronteiras de Navarra. Da Inglaterra chegara o irmão do príncipe, o duque de Lancaster, com quatrocentos cavaleiros no séquito e uma forte companhia de arqueiros. Além de tudo, um herdeiro do trono nascera em Bordeaux, e o príncipe pôde deixar a esposa com a mente tranquila, pois mãe e filho passavam bem.

As chaves das passagens da montanha ainda estavam nas mãos do astuto e ignóbil Carlos de Navarra, que regateara e barganhara tanto com os ingleses quanto com os espanhóis, recebendo dinheiro de um lado para deixá-las abertas e do outro para mantê-las fechadas. A mão de ferro de Eduardo, no entanto, aniquilara todos os esquemas e artimanhas do conspirador. O príncipe inglês não enviara súplicas ou admoestações cortesias. Sir Hugh Calverley havia passado silenciosamente pela fronteira com sua companhia, e as muralhas em chamas das cidades de Miranda e Puente la Reina alertaram o monarca desleal para a existência de outros metais além do ouro, e para o risco de mentir com o homem com quem estava lidando. Seu preço havia sido pago, suas objeções silenciadas, e as gargantas da montanha estavam abertas aos invasores. A partir da Festa da Epifania houvera convocações e ajuntamentos, até que, na primeira semana de fevereiro — três dias após a Companhia Branca juntar-se ao exército — a ordem foi dada para o avanço geral pelo desfiladeiro de Roncesvales. Às cinco horas de uma fria manhã de inverno, as cornetas soavam na aldeola de Saint-Jean-Pied-de-Port, e às seis a Companhia de sir Nigel, composta por trezentos homens, trilhava seu caminho rumo ao desfiladeiro, avançando rapidamente à fraca luz pela estrada sinuosa. A ordem do príncipe era que eles fossem os primeiros a passar, e deveriam permanecer de guarda do outro lado até que todo o exército emergisse das montanhas. Quando eles viram os penhascos em ambos os lados e o longo e acidentado passo estendendo-se adiante, o dia já nascia no Leste e os cumes dos grandes picos haviam sido coloridos de um vermelho róseo, enquanto os vales ainda repousavam na sombra.

Sir Nigel montava seu grande cavalo de guerra negro à frente dos arqueiros, trajando armadura completa, com Simon Negro portando o estandarte logo atrás e Alleyne a seu lado, carregando o escudo brasonado e a lança de freixo com ponta de aço. O cavaleiro estava orgulhoso e feliz, e

virava-se com frequência na sela para admirar a longa coluna de arqueiros que se ondeava rapidamente atrás de si.

— Por São Paulo! Alleyne — disse ele —, este passo é um local muito perigoso, e eu gostaria que o rei de Navarra pudesse tê-lo defendido. Teria sido uma aventura muito honrosa se coubesse a nós conquistar a passagem. Já ouvi os menestréis cantarem sobre um certo sir Roland, que foi morto pelos infiéis nesta mesma região.

— Com sua licença, meu bom senhor — disse Simon Negro —, conheço um pouco sobre esta região, pois por duas vezes estive ao serviço do rei de Navarra. Há um refúgio de monges naquele local, onde há um telhado visível em meio às árvores, e foi lá que sir Roland foi morto. A aldeia à esquerda é Orbaiceta, e conheço uma casa ali em que se pode comprar um bom vinho de Jurançon, se lhe aprouver beber um copo pela manhã.

— Há fumaça naquele local à direita.

— É uma aldeia chamada Les Aldudes, e também conheço um albergue dali cujo vinho é da melhor qualidade. Diz-se que o estalajadeiro enterrou um tesouro, e não tenho dúvidas, meu bom senhor, que se me desse licença, eu poderia suceder em fazê-lo dizer onde o escondeu.

— Não, não, Simon — disse sir Nigel secamente —, rogo-lhe que se esqueça desses ardis dos companheiros livres. Rá! Edricson, vejo que está admirando os arredores com os olhos arregalados, e, a bem dizer, estas montanhas devem mesmo parecer espantosas para alguém que viu apenas as colinas de Butser ou de Portsdown.

A acidentada e esfacelada estrada serpenteava por cristas de colinas baixas com serras arborizadas dos dois lados. Acima destas erguiam-se as montanhas mais elevadas, o distante Pico do Sul e o grandioso Altobiscar, que assomava alto acima deles e lançava sua sombra escura por toda a extensão do vale. De onde estavam agora, conseguiam enxergar à frente uma longa paisagem de matas de faia e uma pedregosa região selvagem completamente branca pela neve, na qual o passo se abria nos planaltos mais além. Atrás ainda podiam entrever as planícies cinzentas da Gasconha, e divisar seus rios brilhantes como espirais de prata à luz do sul. Até onde a vista alcançava, em meio aos desfiladeiros rochosos e aos feixes de pinhais, eram visíveis o cintilar ligeiro e o brilho do aço, enquanto o vento trazia consigo sopros distantes de música marcial, vinda da grande hoste que deslizava por todas as estradas e caminhos rumo ao estreito passo de Roncesvales. Podia-se ver também, nos penhascos em ambos os lados, o

lampejo de armas e pendões a tremular nos locais onde as forças de Navarra observavam, abaixo, o exército de estrangeiros que passavam por seus territórios.

— Por São Paulo! — disse sir Nigel, pestanejando na direção deles, acima —, creio que temos muito a esperar destes cavalheiros, pois estão se aglomerando densamente em nossos flancos. Passe a ordem aos homens para que desamarrem os arcos, Aylward, pois não tenho dúvidas de que há alguns senhores muito dignos ali, que podem nos conceder uma oportunidade de honrosa elevação.

— Ouvi dizer que o príncipe mantém o rei de Navarra como refém — disse Alleyne —, e dizem que ele jurou executá-lo se houver qualquer ataque contra nós.

— A guerra não era feita assim quando o bom rei Eduardo se voltou a ela pela primeira vez — disse sir Nigel tristemente. — Ah, Alleyne, temo que você nunca viverá para ver tais coisas, pois as mentes dos homens estão mais aferradas ao dinheiro e aos lucros que antigamente. Por São Paulo! Era uma visão nobre quando dois grandes exércitos se defrontavam num certo dia, e todos os que haviam contraído juramentos cavalgavam para se libertarem deles. A quantas nobres disputas de lanças já assisti, e em algumas até mesmo humildemente tomei parte, em que cavaleiros disputavam passagens para aliviar as almas e pelo amor de suas damas! Jamais pude dizer algo de mal dos franceses, pois, embora tenha cavalgado vinte vezes contra as forças deles, nunca deixei de encontrar algum cavaleiro mui digno e respeitável, disposto a fazer o que pudesse para permitir que eu me aventurasse a um pequeno feito de armas. Então, quando todos os cavaleiros estavam satisfeitos, os dois exércitos se batiam e lutavam alegremente até que um ou outro estivesse em vantagem. Por São Paulo! Naqueles dias não costumávamos pagar pela abertura dos passos em ouro, nem manteríamos um rei como refém para impedir que seu povo trocasse golpes conosco. A bem dizer, se a guerra será travada dessa maneira, é um pesar ter partido do Castelo de Twynham, pois nunca teria deixado minha querida senhora se não pensasse que haveria feitos de armas a realizar.

— Mas certamente já realizou grandes feitos desde que deixamos lady Loring, meu bom senhor — disse Alleyne.

— Não consigo me lembrar de nenhum — respondeu sir Nigel.

— Houve a conquista dos piratas do mar, e a defesa da torre contra os *jacques*.

— Não, não — disse o cavaleiro —, aqueles não foram feitos de armas, mas meras aventuras à beira do caminho e acasos de viagem. Por São Paulo! Se estas colinas não fossem demasiadamente íngremes para Pommers, eu iria até esses cavaleiros de Navarra para ver se não há alguns entre eles que poderiam me ajudar a tirar esta venda do olho. É uma tristeza ver este excelente passo, que minha própria Companhia poderia defender contra um exército inteiro, e passar por ele com tão poucos proveitos, como se fosse a viela que vai de meus canis até o Avon.

Sir Nigel cavalgou durante a manhã em péssimo humor, com a Companhia caminhando ruidosamente atrás. Era uma marcha penosa por um terreno acidentado e pela neve, que com frequência chegava à altura do joelho. Antes de o sol começar a se pôr, no entanto, eles haviam atingido o local em que a garganta se abre nos planaltos de Navarra, e puderam avistar as torres de Pampeluna contra a linha do horizonte ao Sul. Ali a Companhia se aquartelou numa esparsa aldeola montanhêsca, e Alleyne passou o dia assistindo ao pululante exército que escorria pelo estreito passo abaixo, com o brilho de lanças e o ondular de estandartes.

— Ei, *mon gars* — disse Aylward, sentando-se num pedregulho a seu lado. — Esta é mesmo uma bela vista para se admirar, e um homem poderia viajar longe antes de encontrar tantos bravos soldados e bons cavalos. Por minha empunhadura! Nosso pequeno senhor está furioso pois atravessamos a passagem em paz, mas posso garantir a ele que teremos lutas mais que suficientes antes de nos voltarmos para o Norte novamente. Dizem que há oitenta mil homens a seguir o rei da Espanha, com Du Guesclin e todos os melhores lanceiros da França, que juraram derramar o sangue de seus próprios corações antes que esse Pedro retorne ao trono.

— Mas nosso exército é grandioso — disse Alleyne.

— Não, são apenas vinte e sete mil homens. Chandos persuadiu o príncipe a deixar muitos para trás, e creio que ele realmente tem razão, pois há pouco alimento e ainda menos água nas regiões para as quais nos dirigimos. Um homem sem refeição e um cavalo sem forragem são como cordas de arco molhadas, têm pouca serventia. Mas *voilà, mon petit*, aí vêm Chandos e sua companhia, e há vários pendões e bandeirolas no meio daqueles esquadrões que revelam que o melhor sangue da Inglaterra cavalga sob os estandartes dele.

Enquanto Aylward estivera falando, uma robusta coluna de arqueiros havia cruzado o passo abaixo deles. Foram seguidos por um porta-estandarte erguendo bem alto a pila vermelha em campo de prata que proclamava a presença do famoso guerreiro. Este em pessoa cavalgava à distância de uma lança do estandarte, trajando aço dos pés à cabeça, mas envolto em um longo robe de linho, que estava destinado a ser a causa de sua morte. Seu elmo emplumado vinha carregado atrás pelo escudeiro de companhia, e sua cabeça estava coberta por um pequeno barrete púrpura, debaixo do qual os cabelos brancos como neve escorriam até os ombros. Com o longo nariz em forma de bico e o único olho cintilante, que brilhava vivamente sob um espesso tufo de sobancelha grisalha, parecia a Alleyne que ele tinha algo da aparência de uma velha e feroz ave de rapina. Por um instante ele sorriu, quando seu olhar recaiu no estandarte das cinco rosas que tremulava na aldeola, mas seu trajeto se dirigia para Pampeluna, e ele continuou a cavalgada atrás dos arqueiros.

Logo em seu encalço vinham dezesseis escudeiros, todos eles selecionados das mais altas famílias, e atrás deles cavalgavam duzentos cavaleiros ingleses, com o fulgor do aço e o sacudir das plumas, os arneses tilintando, as longas e retas espadas retinindo contra os ferros dos estribos, o bater dos cascos dos cavalos soando como o baixo e profundo ruído do mar no litoral. Atrás deles marchavam seiscentos arqueiros de Cheshire e Lancashire ostentando a insígnia dos Audleys, seguidos pelo famoso lorde Audley em pessoa, com os quatro valentes escudeiros, Dutton de Dutton, Delves de Doddington, Fowlehurst de Crewe e Hawkestone de Wainehill, todos conquistadores de grandes glórias em Poitiers. Uma cavalaria pesada composta de duzentos homens montava atrás do estandarte de Audley, ao passo que logo em seu encalço vinha o duque de Lancaster com um séquito resplandecente. À frente dele, arautos em tabardos com as armas reais montavam cremelos em fileiras de três. Os dois lados do jovem príncipe eram ocupados pelos senescais da Aquitânia, sir Guiscard d'Angle e sir Stephen Cossington, um deles portando o estandarte da província e o outro o de São Jorge. Atrás deles, até onde a vista alcançava, estendia-se o comprido e contínuo rio de aço — fileira após fileira e coluna após coluna, com o tremular de plumas, o brilho das armas, o sacudir dos guiões, o lampear e o flamular de inúmeros distintivos armoriais. Durante todo o dia Alleyne assistiu àquela cena cambiante, e durante todo o dia o velho arqueiro permaneceu a seu lado, apontando as cristas de guerreiros famosos

e as armas de casas nobres. Estavam ali as moletas douradas dos Pakington, o negro e o arminho dos Mackworth, as faixas escarlate dos Wake, o dourado e o azul dos Grosvenor, os cinquefólios dos Clifton, os aneletes dos Musgrave, as asas de prata dos Beauchamp, as cruces dos Molineaux, a cabria sangrenta dos Woodhouse, o vermelho e a prata dos Worsley, as espadas dos Clark, as cabeças de javali dos Lucy, os crescentes dos Boynton e o lobo e o punhal dos Lipscomb. Foi assim que durante o ensolarado dia de inverno a cavalaria da Inglaterra se derramou pelo escuro passo de Roncesvales, rumo às planícies da Espanha.

Em uma segunda-feira a divisão do duque de Lancaster passou a salvo pelos Pireneus. Na terça-feira havia uma geada cortante no ar e a terra ressoava como ferro sob os cascos dos cavalos, mas antes do cair da noite o príncipe em pessoa atravessara o desfiladeiro com o corpo principal do exército e se reunira com a vanguarda em Pampeluna. Com ele cavalgavam o rei de Maiorca, o refém rei de Navarra e o feroz don Pedro da Espanha, cujos pálidos olhos azuis cintilaram com uma luz sinistra quando pousaram mais uma vez nos distantes picos da terra que o havia renegado. Sob os estandartes reais cavalgavam diversos ousados barões da Gasconha e muitos insulares de sangue quente. Estavam ali os altos intendentes da Aquitânia, de Saintonge, de La Rochelle, de Quercy, do Limusino, do Agenês, de Poitou e de Bigorre, com os estandartes e as convocações de suas províncias. Também estavam ali o valente conde de Angus, sir Thomas Banaster com a jarreteira na greva, sir Nele Loring, primo de segundo grau de sir Nigel, e uma longa coluna de infantaria galesa que marchava sob o estandarte vermelho de Merlin. Da alvorada ao pôr do sol o longo séquito serpenteou pelo passo, com suas respirações fazendo fumaça no ar gelado como o vapor de um caldeirão.

O clima estava menos pungente na quarta-feira, e a retaguarda passou bem com as bombardas e o comboio de carroções. Companheiros livres e gascões compunham essa parcela do exército, chegando ao número de dez mil homens. O feroz sir Hugh Calverley, com sua juba amarela, e o áspero sir Robert Knolles, com suas veteranas companhias de arqueiros ingleses calejados pela guerra, encabeçavam a longa coluna. Atrás deles vinham os bandos turbulentos do bastardo de Breteuil, Nandon de Bagerant, Camus de um olho só, Ortingo Negro, La Nuit e outros cujos próprios nomes pareciam sugerir punhos duros e atos cruéis. Com eles estavam também os mais seletos cavaleiros gascões — o velho duque d'Armagnac, seu

sobrinho, o lorde d'Albret, cismado e carrancudo diante de seus agravos, o gigante Olivier de Clisson, o *captal* de Buch, fina flor da cavalaria, o jovial sir Perducas d'Albret, lorde d'Esparre com sua barba raiva, e uma longa comitiva de necessitados e ávidos fidalgos da fronteira, com genealogias longas e bolsos curtos, que haviam descido de suas fortalezas nas encostas, todos famintos pelos espólios e os resgates da Espanha. Na quinta-feira pela manhã todo o exército estava acampado no Vale de Pampeluna, e o príncipe convocara o conselho para se reunir com ele no velho palácio da cidade ancestral de Navarra.

CAPÍTULO XXXIV

COMO A COMPANHIA SE DIVERTIU NO VALE DE PAMPELUNA

Enquanto o conselho deliberava em Pampeluna, a Companhia Branca, acampada em um vale vizinho perto das companhias de La Nuit e de Ortingo Negro, divertia-se com esgrima, luta livre e tiro com arco, em escudos que eles haviam colocado na encosta como alvos. Os jovens arqueiros, despídos de suas cotas de malha, com os cabelos castanhos ou louros esvoaçantes e os justilhos baixados para dar maior liberdade a seus peitos e braços musculosos, formavam filas, e cada um atirava sua flecha de cada vez. Johnston, Aylward, Simon Negro e uma dezena dos mais velhos vagueavam para lá e para cá com olhares críticos, lançando ásperos elogios ou curtas reprimendas para os atiradores. Atrás estavam grupos de besteiros gascões e brabantinos, das companhias de Ortingo e La Nuit, assistindo aos exercícios dos ingleses apoiados em suas armas pouco atraentes.

— Bom tiro, Hewett, bom tiro! — disse o velho Johnston a um jovem arqueiro parado com o arco na mão esquerda e acompanhando a seta em voo com os lábios entreabertos. — Veja só, ela atingiu a argola, como eu sabia que faria no momento em que sua corda vibrou.

— Soltem de leve, com firmeza, mas com precisão — disse Aylward. — Por minha empunhadura, *mon gars*, para atirar apenas em escudos está muito bem, mas quando houver um homem atrás do escudo e ele vier brandindo a espada com os olhos brilhando dentro da viseira, poderá ser um alvo menos fácil!

— Um alvo que já encontrei antes — respondeu o jovem arqueiro.

— E encontrará novamente, *camarade*, não tenho dúvidas. Mas ei, Johnston, quem é esse segurando o arco como um espantalho?

— É Silas Peterson, de Horsham. Não pisque com um olho e enxergue com o outro, Silas, e não salte e dance depois de atirar com a língua para fora, pois isso não vai acelerar a flecha. Fique de pé reto e teso, como Deus o fez. Não mexa o braço do arco, e mantenha firme a mão da puxada!

— Na verdade — disse Simon Negro —, sou um lanceiro, e sirvo melhor para as estocadas do que para esta atividade. Mas sempre passei meus dias entre os arqueiros, e já vi muitas boas setas serem atiradas. Direi apenas que temos bons atiradores aqui, e que esta Companhia seria considerada um bom contingente de arqueiros em qualquer época ou lugar. Mas não vejo nenhum que dobre o arco tão bem ou atire flechas tão precisas quanto os homens de antigamente.

— É verdade — disse Johnston, voltando o rosto sulcado e grisalho para o homem de armas. — Veja aquilo — acrescentou, apontando para uma bombardarda que havia no acampamento: — Lá está o que prejudicou a boa arquearia, com aquela fuligem imunda e a boca idiota e barulhenta. Admira-me que um verdadeiro cavaleiro, como nosso príncipe, carregue algo tão desprezível no comboio. Robin, seu paspalhão ruivo, quantas vezes terei de te dizer para não atirar em linha reta quando houver vento batendo no alvo?

— Pelos ossos destes dez dedos, havia uns arqueiros ótimos na tomada de Calais! — disse Aylward. — Lembro-me bem de que, na ocasião de uma investida, um genovês levantou o braço acima do mantelete e o sacudiu em nossa direção, a cem passos de nossas linhas. Vinte flechas voaram na direção do homem, e depois que ele morreu descobriu-se que dezoito haviam atingido o antebraço.

— E me veio à mente uma lembrança — ressaltou Johnston —, de quando a grande coca *Christopher*, que os franceses tomaram de nós, estava atracada a duzentos passos da costa. Dois arqueiros, o pequeno Robin Withstaff e Elias Baddlesmere, cortaram todos os fios da corda da âncora com quatro tiros cada, de modo que ela quase bateu nas rochas.

— Foram bons tiros, na verdade, tiros excepcionais! — disse Simon Negro. — Mas já vi você, Johnston, e você, Samkin Aylward, e mais um ou dois que ainda estão conosco atirarem tão bem quanto os melhores. Não foi você, Johnston, que derrubou o boi gordo nos alvos de Finsbury, numa disputa contra a nata da cidade de Londres?

Um brabantino queimado de sol e de olhos escuros estivera de pé perto dos velhos arqueiros, escorado em uma grande besta e ouvindo a conversa entabulada no dialeto híbrido dos acampamentos, que era compreensível a

indivíduos das duas nações. Era um homem atarracado com pescoço de touro, que trajava o elmo de ferro, a túnica de malha e os *gambesons* de lã de sua classe. Um casaco de mangas caídas, com tiras de veludo no pescoço e nos punhos, revelava que ele era alguém de certa importância, um suboficial ou líder de coluna em sua companhia.

— Não consigo compreender — disse ele —, por que vocês, ingleses, gostam tanto dessas varas de seis pés. Se gostam de dobrá-las, tudo bem, mas por eu deveria esticar e puxar se meu pequeno molinete já faz tudo isso por mim, e melhor do que eu faria por conta própria?

— Já vi bons tiros com a coronha e a trava — disse Aylward —, mas, por minha empunhadura, *camarade*, com todo respeito por você e seu arco, penso que ele não passa de uma arma de mulher, com a qual uma delas pode mirar e atirar tão bem quanto um homem!

— Não sei nada sobre isso — respondeu o brabantino —, mas sei que mesmo após quatorze anos de serviço, ainda nunca vi um inglês fazer algo com o arco longo que eu não possa fazer com minha balestra. Pelos três reis! Eu ainda iria além, e diria que fiz coisas com minha balestra que nenhum inglês poderia fazer com o arco longo.

— Bem dito, *mon gars* — exclamou Aylward. — Um bom galo sempre canta alto. Agora, tenho atirado pouco nos últimos tempos, mas o Johnston aqui vai disputar uma rodada com você pela honra da Companhia.

— E eu apostarei um galão de vinho de Jurançon no arco longo — disse Simon Negro —, embora preferisse, para beber, um quartilho de cerveja de Twynham.

— Aceito tanto o desafio quanto a aposta — disse o homem do Brabante, despindo-se do casaco e examinando argutamente os arredores com seus olhos negros e cintilantes. — Não consigo avistar nenhum alvo adequado, pois não quero desperdiçar virotes nesses escudos, que nem mesmo um labrego bêbado erraria na quermesse da aldeia.

— Ele é perigoso — sussurrou um homem de armas inglês, puxando a manga de Aylward. — É o melhor atirador de todas as companhias de bestas, e foi ele quem abateu o condestável de Bourbon em Brignais. Temo que seu homem encontre pouca honra contra ele.

— Mas vi Johnston atirar nestes últimos vinte anos, e não hesito. O que tem a dizer, velho cão de guerra, não dará um ou dois tiros de ensaio contra esse rapazola?

— Ai, ai, Aylward — disse o velho arqueiro. — Meus dias já se foram, e cabe aos mais jovens defenderem o que conquistamos. Considero cruel de tua parte, Samkin, atrair todos os olhares para um arqueiro acabado, que outrora disparava ótimas flechas. Deixe-me ver esse arco, Wilkins! É um arco escocês, pelo que vejo, pois o encaixe superior é do lado de fora, e o inferior fica dentro. Pela cruz negra, é um bom corte de teixo! Bem entalhado, bem amarrado, bem encerado e muito bom de sentir. Creio que mesmo agora consigo acertar qualquer alvo grande e bom com um arco destes. Passe-me a aljava, Aylward. Gosto de setas de freixo com madeira de corniso para os tiros itinerantes.

— Por minha empunhadura, eu também! — exclamou Aylward. — Estas três com penas de ganso são dessa qualidade.

— Estou vendo, camarada. Sempre costumei escolher as penas côncavas para os tiros em descida, e as convexas para os diretos. Ficarei com as duas. Ah, Samkin, meu camarada, os olhos ficam turvos e a mão menos firme com o passar dos anos!

— Vamos, então, ainda não está pronto? — disse o brabantino, que assistira com uma impaciência mal disfarçada aos movimentos lentos e metódicos de seu antagonista.

— Vou me aventurar a disputar um tiro itinerante com você, ou podemos experimentar os alvos longos, ou os curtos — disse o velho Johnston. — Para mim o arco longo é uma arma melhor que a balestra, mas poderá ser difícil prová-lo.

— É o que penso — disse o outro com desdém. Sacou o molinete do cinto, fixou-o na coronha e puxou para trás a potente corda dupla, até que ela encaixasse no trinco. Então, tirou da aljava uma seta curta e grossa, que posicionou na ranhura com o máximo de cuidado. A notícia do que estava ocorrendo se espalhou, e os rivais já estavam cercados não apenas pelos arqueiros ingleses da Companhia, mas por centenas de besteiros e homens de armas dos bandos de Ortingo e La Nuit, ao qual pertencia o brabantino.

— Há um alvo naquela colina — disse ele —, talvez você possa avistá-lo.

— Vejo algo — respondeu Johnston, cobrindo os olhos com a mão —, mas é um tiro muito longo.

— Um tiro justo, um tiro justo! Saia daí, Arnaud, a não ser que queira um virote enfiado na garganta. Agora, camarada, não dou tiros de ensaio, e darei a você a vantagem de assistir à minha seta.

Enquanto falava, ergueu a balestra até o ombro e estava prestes a puxar o gatilho, quando uma grande cegonha cinzenta surgiu no campo de visão, batendo as asas pesadamente acima da colina e depois pairando no ar para cruzar o vale. Seu canto agudo e estridente atraiu todos os olhares, e, quando ela se aproximou, uma mancha escura que circulava acima revelou-se como um falcão peregrino. Rondando acima da cegonha, ele pairava de tempos em tempos e aguardava a chance de cercar sua desajeitada presa. As duas aves se aproximavam cada vez mais, completamente absortas em sua própria disputa. A cegonha subia em círculos e o falcão ainda rodopiava acima, até que estavam a menos de cem passos do acampamento. O brabantino levantou a arma em direção ao céu, e ouviu-se o curto e profundo vibrar de sua potente corda. O virote atingiu a cegonha exatamente onde a asa encontra o corpo, e a ave rodopiou no alto, num último espasmo das asas, antes de começar a cair, ferida e vacilante. Uma salva de palmas irrompeu entre os besteiros, mas no instante em que o virote atingiu o alvo, o velho Johnston, que permanecera apático com a flecha na corda, dobrou o arco e a disparou, trespassando o corpo do falcão. Sacando a outra do cinto, disparou-a num tiro a poucos pés do chão, com a mira tão precisa que atravessou a cegonha pela segunda vez antes que ela atingisse o solo. Um profundo brado de deleite irrompeu entre os arqueiros quando assistiram a esse feito duplo. Aylward, dançando de alegria, atirou os braços em torno do velho arqueiro e o abraçou com tal vigor que suas túnicas de malha tilintaram mais uma vez.

— Ah, *camarade* — exclamou —, você tomará um jarro comigo por isto! E então, velho cão, o falcão não te satisfez e tiveste de derrubar a cegonha também? Ah, dê cá mais um abraço!

— Este é um bom corte de teixo, e bem amarrado — disse Johnston, com um piscar dos profundos olhos cinzentos. — Até mesmo um arqueiro velho e acabado consegue encontrar o alvo com um arco como este.

— Foi muito bem — comentou o brabantino, numa voz carrancuda. — Mas me parece que não se provou melhor atirador que eu, pois acertei no que mirei, e pelos três reis, não se pode fazer mais que isso!

— Eu faria mal em afirmar que sou melhor atirador — respondeu Johnston —, pois ouvi coisas boas sobre suas habilidades. Minha intenção foi apenas mostrar que o arco longo pode fazer o que a balestra não consegue, pois você não poderia, com seu molinete, ter a corda pronta para disparar outra seta antes que a ave caísse no chão.

— Nisso você tem vantagem — disse o besteiro. — Por São Tiago, agora é minha vez de lhe mostrar como minha arma pode levar a melhor! Rogo-lhe que dispare uma flecha com toda sua força pelo vale, para que possamos verificar a distância do tiro.

— Você tem uma coronha bem grande aí — disse Johnston, balançando a cabeça grisalha enquanto olhava de relance para o arco grosso e as cordas potentes da balestra do rival. — Tenho poucas dúvidas de que você consegue atirar mais longe, mas já vi arqueiros dispararem flechas de uma jarda a distâncias maiores do que as de seus tiros de seta.

— Foi o que ouvi dizer — comentou o brabantino. — Mas é estranho que esses prodigiosos arqueiros nunca estejam onde estou. Marquem as distâncias com uma vareta a cada cem passos, e você, Arnaud, fique na quinta vareta para me trazer os virotes.

Mediu-se uma linha vale abaixo, e Johnston, puxando uma flecha até a ponta, disparou-a zunindo pela fileira de varetas.

— Bela puxada! Ótimo tiro! — gritaram os espectadores.

— Está bem perto da quarta marca.

— Por minha empunhadura, passou por ela! — exclamou Aylward. — Consigo ver onde eles estão se agachando para recolher a flecha.

— Descobriremos logo — disse Johnston tranquilamente, e dentro em pouco um jovem arqueiro chegou correndo, dizendo que a flecha caíra vinte passos além da quarta vareta.

— Quatrocentos e vinte passos — exclamou Simon Negro. — Um tiro bem longo, realmente. Mas a madeira e o aço podem fazer mais que a carne e o osso.

O brabantino deu um passo adiante, com um sorriso de triunfo consciente, e soltou a corda de sua arma. Um grito irrompeu entre seus camaradas enquanto assistiam ao voo rápido e alto do pesado virote.

— Passou pela quarta! — resmungou Aylward. — Por minha empunhadura! Creio que já está quase na quinta.

— Passou pela quinta! — exclamou um gascão em voz alta, e um camarada veio correndo e acenando, para dizer que o virote havia aterrissado oito passos além da marca dos quinhentos.

— Que arma tem a vantagem agora? — exclamou o brabantino, caminhando empertigado e orgulhoso com a balestra no ombro, em meio aos aplausos dos companheiros.

— Você atira mais longe que eu — disse Johnston suavemente.

— E que qualquer homem que já puxou um arco longo — exclamou o adversário vitorioso.

— Não, alto lá — disse um arqueiro imenso, cujos enormes ombros e a cabeça ruiva assomavam bem acima do tropel de seus camaradas. — Precisamos conversar, antes de você cantar assim tão alto. Onde está meu arquinho? Pelo sagrado Dick de Hampole! Seria estranho se eu não conseguisse atirar mais longe que essa sua coisa, que a meus olhos parece mais uma ratoeira que um arco. Gostaria de tentar outro tiro, ou ficará com o último?

— Quinhentos e oito passos me servirão — respondeu o brabantino, mirando o novo oponente com desdém.

— Psst, John — sussurrou Aylward —, você nunca foi atirador. Por que tem de meter a colher nisto?

— Calma, Aylward. Realmente há muitas coisas que não consigo fazer, mas também conheço um truque ou dois. Tenho certeza de que consigo bater esse tiro, se meu arco aguentar.

— Vamos lá, bebezão da floresta! — — Avante, Hampshire! — exclamaram os arqueiros, rindo.

— Por minha alma, vocês podem sorrir! — exclamou John. — Mas aprendi o tiro longo com o velho Hob Moleiro, de Milford. — Apanhou um grande arco negro enquanto falava, e, sentando-se no chão, pôs um pé em cada ponta da vara. Com uma flecha encaixada, puxou a corda contra si com as duas mãos, até que a ponta da seta estivesse nivelada com a madeira. O grande arco rangeu e gemeu, e a corda vibrou com a tensão.

— Quem é aquele idiota na frente do meu tiro? — disse, esticando o pescoço do chão.

— Ele está além da minha marca — respondeu o brabantino —, então tem pouco a temer de você.

— Bem, que os santos o perdoem! — exclamou John. — Embora eu acredite que ele está demasiado perto de se ferir. — Enquanto falava, levantou as duas solas dos pés da vara do arco, e a corda vibrou com um zumbido profundo e grave que pôde ser ouvido por todo o vale. O medidor à distância caiu de cara no chão, e depois de se levantar de um salto, começou a correr na direção contrária.

— Bom tiro, velho camarada! Passou mesmo pela cabeça dele! — bradaram os arqueiros.

— *Mon Dieu!* — exclamou o brabantino. — Quem já viu um tiro destes?

— É apenas um truque — disse John. — Já ganhei muitos galões de cerveja chegando a uma milha em três tiros, em Wilverley Chase.

— Caiu a cento e trinta passos além da quinta marca — gritou um arqueiro distante.

— Seiscentos e trinta passos! *Mon Dieu!* Isso é que é um tiro! Mas ainda assim não diz nada sobre sua arma, *mon gros camarade*, pois você o conseguiu transformando a si mesmo numa balestra.

— Por minha empunhadura, isso é verdade! — exclamou Aylward. — E agora, amigo, eu mesmo lhe mostrarei uma vantagem do arco longo. Rogo-lhe que dispare um virote naquele escudo com toda sua força. Ele é feito de uma polegada de olmo, forrado com couro de boi.

— Nem em Brignais atirei tantas flechas — resmungou o homem do Brabante; — embora por lá tenha encontrado alvos melhores que pedaços de couro de boi. Mas o que é isto, inglês? O escudo está pendurado a menos de cem passos de mim, e até um cego conseguiria acertá-lo. — Ele esticou a corda até a armação mais extrema, e disparou a seta no escudo suspenso. Aylward, que puxara uma flecha da aljava, besuntou cuidadosamente a ponta, e atirou-a no mesmo alvo.

— Corra, Wilkins — disse ele —, e traga o escudo.

Os rostos dos ingleses fecharam-se e a risada explodiu entre os besteiros quando o pesado mantelete foi trazido. No centro dele o grosso virote do Brabante estava profundamente fincado na madeira, ao passo que não havia sinal ou vestígio da flecha de uma jarda.

— Pelos três reis! — exclamou o brabantino. — Desta vez, pelo menos, não há discussão quanto à melhor arma ou a mão mais precisa. Você errou o escudo, inglês.

— Espere um pouco! Espere um pouco, *mon gars!* — disse Aylward, virando o escudo e exibindo um nítido furo redondo na parte de trás da madeira. — Minha seta passou por ele, *camarade*, e creio que aquela que trespassa deve ser mais temida do que a que fica presa pelo caminho.

O brabantino bateu os pés no chão envergonhado, e estava prestes a dar uma resposta irritada, quando Alleyne Edricson cavalgou até as multidões de arqueiros.

— Sir Nigel estará aqui em breve — disse —, e deseja falar com a Companhia.

Em um instante a confusão geral foi substituída pela ordem e pela compostura. Arcos, capacetes de aço e casacos foram recolhidos da relva.

Uma longa corrente varreu os estranhos do acampamento, enquanto o contingente principal organizava-se em quatro filas, com os suboficiais e líderes de coluna à frente, em ambos os lados. Assim estavam, silenciosos e imóveis, quando o líder cavalgou na direção deles com o rosto fulgurante e toda sua pequena silhueta exalando as notícias que trazia.

— Uma grande honra foi conferida a nós, rapazes — bradou ele. — Dentre todo o exército, o príncipe nos escolheu para marchar à frente rumo às terras da Espanha e espionar nossos inimigos. Mas como há muitos de nós e a tarefa pode não ser do agrado de todos, rogo que aqueles que estiverem dispostos a me seguir deem um passo à frente.

Houve um rebuliço entre os arqueiros, mas quando sir Nigel levantou os olhos, nenhum homem estava à frente dos colegas. As quatro fileiras estavam intactas, como antes. O cavaleiro piscou incrédulo, e um olhar da mais profunda tristeza obscureceu seu rosto.

— Nunca pensei que viveria para ver isto! — exclamou. — O quê? Nenhum...

— Meu bom senhor — sussurrou Alleyne —, todos eles deram um passo à frente.

— Ah, por São Paulo, agora vejo como as coisas funcionam com eles! Não conseguia imaginar que eles fossem me desertar. Partimos ao nascer do sol amanhã, e vocês receberão os cavalos da companhia de sir Robert Cheney. Rogo-lhes que estejam prontos ao primeiro cantar do galo.

Um burburinho de prazer tomou conta dos arqueiros, quando dissolveram as fileiras e passaram a correr para cá e para lá, gritando e comemorando como meninos que recebem notícias das férias. Sir Nigel os fitava com o rosto sorridente quando uma mão pesada caiu sobre seu ombro.

— Opa, meu cavaleiro-errante de Twynham! — disse uma voz. — Está de partida para Ebro, segundo ouvi dizer. Pelo peixe sagrado de Tobias, você tem de me levar sob seu estandarte!

— O quê? Sir Oliver Buttethorn! — exclamou sir Nigel. — Ouvi dizer que você havia chegado ao acampamento, e estava esperando encontrá-lo. Ficarei contente e orgulhoso em tê-lo comigo.

— Tenho um motivo muitíssimo particular e significativo para desejar ir — disse o robusto cavaleiro.

— Posso acreditar — devolveu sir Nigel; — nunca encontrei homem mais rápido a seguir o caminho da honra.

— Não, não é pela honra, Nigel.

— E pelo que é, então?

— Por frangos novos.

— Frangos novos?

— Sim, pois os malandros da vanguarda acabaram com todas as galinhas do campo. Ainda esta manhã meu escudeiro Norbury aleijou o cavalo à procura de uma, pois temos um saco de trufas, mas nada para acompanhar. Nunca vi pragas como essa nossa vanguarda. Não encontraremos uma galinha sequer enquanto estivermos atrás deles, então deixarei meus renegados de Winchester aos cuidados do preboste e correrei rumo ao sul com você, Nigel, com minhas trufas no pito da sela.

— Oliver, Oliver, conheço-o demasiadamente bem — disse sir Nigel, balançando a cabeça, e os dois velhos soldados partiram juntos para seu pavilhão.

CAPÍTULO XXXV

COMO SIR NIGEL CAPTUROU UMA ÁGUIA

Ao sul de Pampeluna, no reino de Navarra, estendia-se uma terra de planaltos que se elevavam para formar colinas nuas e estéreis, de coloração marrom ou acinzentada e cobertas por enormes pedregulhos de granito. Do lado gascão das grandes montanhas houvera córregos, campinas, florestas e pequenas aldeias como assentamentos. Aqui, pelo contrário, não havia nada a não ser rochas nuas, pastos escassos e ermos selvagens cobertos de pedra. Tenebrosos desfiladeiros, ou barrancas, atravessavam o terreno silvestre com correntezas montanhescas que chapinhavam e espumavam por entre as paredes escarpadas. O chiar das águas, o grasnar das águias e o uivar dos lobos eram os únicos sons que quebravam o silêncio naquela região lúgubre e inóspita.

Foi por esse território selvagem que sir Nigel e sua Companhia trilharam seu caminho. Por vezes cavalgavam por entre vastos desfiladeiros, em que os penhascos marrons e sulcados assomavam dos dois lados. Ali, o céu era apenas uma longa e sinuosa fenda entre as fileiras aglomeradas de buxo que margeavam os lábios dos precipícios. Em outras, conduziam os cavalos por estreitas e pedregosas trilhas à beira do abismo, desgastadas pelos muleteiros. Nestas, logo ao lado e a mil pés abaixo, podiam avistar o veio branco que distinguia a *gave* espumante. Assim trilharam seu caminho pelas localidades selvagens de Navarra durante dois dias, passando por Fuente, pelo rápido Ega e por Estella, até que em um entardecer de inverno as montanhas se dissiparam à frente e eles puderam avistar o amplo e azul Ebro, serpenteando entre a fileira dupla de quintas e aldeias. Os pescadores de Viana foram despertados naquela noite por vozes ásperas em uma língua estranha, e antes do amanhecer sir Nigel e seus homens já haviam atravessado o rio a barco e estavam a salvo nas terras da Espanha.

Durante todo o dia seguinte permaneceram em um pinhal perto da vila de Logronho, descansando os cavalos e deliberando sobre o que fazer. Sir Nigel tinha consigo sir William Felton, sir Oliver Buttethorn, o velho e forte sir Simon Burley, o cavaleiro-errante escocês, o conde de Angus e sir Richard Causton, todos reconhecidos entre os mais bravos cavaleiros do exército, além de sessenta homens de armas veteranos e trezentos e vinte arqueiros. Espiões haviam sido enviados pela manhã e retornaram antes do anoitecer, dizendo que o rei da Espanha estava acampado a mais ou menos quatorze milhas dali, na direção de Burgos, tendo consigo vinte mil homens a cavalo e quarenta cinco mil a pé.

Uma fogueira de madeira seca fora acesa, ao redor da qual os líderes se agachavam com o calor batendo em seus rostos ásperos. Os vigorosos arqueiros se espreguiçavam e tagarelavam em meio aos cavalos amarrados, mastigando ruidosamente as escassas provisões.

— De minha parte — disse sir Simon Burley —, sou da opinião de que já cumprimos o que viemos fazer. Já não sabemos onde está o rei e o tamanho de seu séquito, que era o objetivo de nossa expedição?

— É verdade — respondeu sir William Felton —, mas vim nesta jornada porque foi há muito tempo que quebrei uma lança na guerra, e, decerto não voltarei até ter disputado uma passagem contra algum cavaleiro da Espanha. Que voltem os que desejarem, mas eu tenho de ver mais desses espanhóis antes de retornar.

— Não o deixarei, sir William — retorquiu sir Simon Burley. — Não obstante, enquanto velho soldado que já viu muito da guerra, não posso deixar de pensar que é desfavorável para quatrocentos homens estarem entre um exército de sessenta mil de um lado e um rio largo do outro.

— No entanto — disse sir Richard Causton —, pela honra da Inglaterra, não podemos retornar sem acertar um golpe.

— E também pela honra da Escócia — exclamou o conde de Angus. — Por Santo André, gostaria de nunca mais pôr os olhos nas águas do Leith, se puxar as rédeas de meu cavalo antes de ver esse acampamento deles.

— Por São Paulo, falou muito bem! — disse sir Nigel. — Sempre ouvi dizer que havia cavalheiros muito dignos entre os escoceses, e boas escaramuças a se encontrar nas suas fronteiras. Considere, sir Simon, que recebemos esta notícia da boca de espiões comuns, que mal conseguem nos informar tanto sobre o inimigo e suas forças quanto o príncipe desejaria.

— O senhor é o líder nesta jornada, sir Nigel — respondeu o outro —, e eu apenas cavalgo sob seu estandarte.

— Não obstante, eu gostaria de ouvir seus conselhos e sua opinião, sir Simon. Mas quanto ao que o senhor disse sobre o rio, podemos prestar atenção para não que o tenhamos às nossas costas. O príncipe agora avançou até Salvatierra, e dali irá a Vitória, de modo que se chegarmos ao acampamento pelo outro lado, podemos ter sucesso em nossa retirada.

— O que propõe, então? — perguntou sir Simon, balançando a cabeça grisalha como alguém apenas meio convencido.

— Cavalgaremos adiante antes que eles recebam a notícia de que cruzamos o rio. Dessa forma poderemos avistar o exército, e, quiçá, até encontrar ocasiões para pequenos feitos contra eles.

— Que seja, então — disse sir Simon Burley. Com a aprovação do resto do conselho, serviram-se de uma escassa refeição e seguiram em frente sob a proteção da escuridão. Conduziram os cavalos durante toda a noite, tropeçando e tateando pelos desfiladeiros selvagens e ásperos vales, seguindo a orientação de um camponês assustado, amarrado pelo punho ao loro do estribo de Simon Negro. No romper da alvorada viram-se numa ravina escura, a partir da qual outras desciam dos dois lados e despenhadeiros, nus e marrons, se erguiam em terraços compridos e desolados a todo o redor.

— Com sua licença, bom senhor — disse Simon Negro —, este homem nos desencaminhou, e já que não há árvore na qual poderíamos enforcá-lo, poderíamos fazer bem em atirá-lo daquele penhasco.

O camponês, lendo as intenções do soldado em seus olhos ferozes e no tom severo, caiu de joelhos e clamou em voz alta por misericórdia.

— O que houve, cão? — perguntou sir William Felton em espanhol. — Onde está o acampamento para o qual jurou nos conduzir?

— Pela querida Virgem! Pela santa Mãe de Deus! — choramingou o trêmulo camponês —, Juro aos senhores que eu mesmo perdi a trilha na escuridão.

— Ao penhasco com ele! — gritaram meia dúzia de vozes, mas antes que os arqueiros pudessem arrastá-lo das rochas às quais se agarrava, sir Nigel se aproximara e ordenara que parassem.

— O que está havendo, senhores? — disse ele. — Já que o príncipe me honrou ao confiar esta jornada a minha pessoa, cabe somente a mim dar as ordens; e por São Paulo, ficarei bem contente em me aprofundar na questão

com qualquer um que se ofender com minhas palavras! O que tem a dizer, sir William? E o senhor, lorde de Angus? E o senhor, sir Richard?

— Não, não, Nigel! — exclamou sir William. — Este camponês malnascido é algo muito pequeno para uma querela entre velhos camaradas. Mas ele nos traiu, e decerto merece uma morte de cão.

— Ouça, homem — disse sir Nigel. — Daremos a você uma última chance para que encontre o caminho. Estamos prestes a conquistar muita honra nesta empresa, sir William, e seria lamentável se o primeiro sangue derramado fosse o de um labrego indigno. Façamos nossas orações da manhã, e pode ser que antes de terminarmos ele encontre a trilha.

Com as cabeças curvadas e os capacetes de aço nas mãos, os arqueiros ficaram apoiados nos pescoços dos cavalos, enquanto sir Simon Burley repetia o Pai Nosso, a Ave e o Credo. Alleyne carregou a cena na memória durante muito tempo: o grupo de cavaleiros em suas armaduras de um tom baço de chumbo, o semblante avermelhado de sir Oliver, as feições ásperas do conde escocês, o couro cabeludo brilhante de sir Nigel, além do denso círculo de rostos duros e barbados e das compridas cabeças castanhas dos cavalos, todos cobertos e cercados pelos penhascos salientes. Mal o último e profundo “amém” havia sido proferido na Companhia, num instante ouviu-se o som agudo de uma centena de cornetas, o grave rufar de tambores e o bater de pratos, todos soando juntos em um alarido ensurdecedor. Cavaleiros e arqueiros acorreram a suas armas, convencidos de que alguma grande hoste estava sobre eles. O guia, porém, caiu de joelhos e agradeceu aos céus por sua misericórdia.

— Encontramo-los, *caballeros*! — exclamou. — É o toque matinal deles. Se apenas se dignarem a me seguir, eles estarão diante de seus olhos antes que alguém possa rezar suas contas.

Enquanto falava, desceu em atropelo por uma das estreitas ravinas. Após escalar uma pequena crista do outro lado, conduziu-os a um curto vale, que tinha um córrego deslizando suavemente no centro e uma grande moita de buxos e sabugueiros dos dois lados. Abrindo caminho pelo denso matagal, avistaram uma cena que fez seus corações baterem mais forte e acelerou suas respirações.

À frente deles estava uma ampla planície, regada por dois córregos sinuosos e coberta de relva, que se esticava até onde as torres de Burgos ressaltavam contra o céu azul-claro da manhã, no ponto mais distante. Ao longo de toda essa vasta campina estendia-se uma grande cidade de

barracas — milhares e milhares delas, dispostas em ruas e praças, como uma vila bem organizada. Altos pavilhões de seda ou marquesinhas coloridas, assomando em meio à multidão de habitações mais medíocres, indicavam onde os grandes senhores e barões de Leão e Castela exibiam seus estandartes. Acima dos tetos brancos, até onde a vista alcançava, o tremular de pendões, bandeirolas, gonfalões e lábaros, com lampejos de dourado e um brilho colorido, proclamavam que toda a cavalaria ibérica estava reunida na planície abaixo deles. À distância, no centro do acampamento, um imenso palácio de seda vermelha e branca, com as armas reais de Castela flamulando no cume, anunciavam que o galante Henrique ali estava, em meio a seus guerreiros.

Quando os aventureiros ingleses divisaram essa assombrosa vista lá embaixo, espiando por detrás da barreira do matagal, puderam perceber que o vasto exército que tinham à frente já estava em movimento. A primeira luz rosada do sol nascente brilhou nos capacetes de aço e nas placas de peito dos densos contingentes de fundeiros e besteiros, que treinavam e marchavam nos espaços designados para seus exercícios. Um milhar de colunas de fumaça soprava no puro ar da manhã, nos locais onde a lenha fora empilhada e as caldeiras de acampamento já fervilhavam. Na planície aberta, bandos de cavalaria leve galopavam e arremetiam balançando os corpos e brandindo venábulo, à maneira adquirida pelos espanhóis de seus inimigos mouros. Por toda a extensão das margens junçosas dos rios, longas fileiras de pajens conduziam os cavalos de guerra de seus mestres à água, ao passo que os próprios cavaleiros vagueavam em grupos alegremente vestidos às portas de seus pavilhões, ou cavalgavam à procura de codornas ou lebrachos, com falcões no punho e seus galgos logo atrás.

— Por minha empunhadura, *mon gars!* — sussurrou Aylward para Alleyne, enquanto o jovem escudeiro permanecia boquiaberto e pasmado, fitando a cena singular abaixo de si. — Procuramos por eles a noite inteira, mas agora que os encontramos, não sei o que faremos com eles.

— Diz a verdade, Samkin — disse o velho Johnston. — Gostaria que estivéssemos do outro lado do Ebro novamente, pois não há honra ou lucro a se conquistar aqui. O que tem a dizer, Simon?

— Pela cruz! — exclamou o feroz homem de armas. — Verei a cor do sangue deles antes de voltar minha égua para as montanhas. Sou um menino, para cavalgar por três dias e ficar apenas nas palavras ao final?

— Bem dito, meu querido madressilva! — exclamou Hordle John. — Estou com você, como a empunhadura e a lâmina. Se eu pudesse ao menos pôr as mãos num daqueles dançarinos alegres que estão ali, não tenho dúvida de que conseguiria resgate suficiente para comprar uma vaca nova para minha mãe.

— Uma vaca! — disse Aylward. — Digamos que seriam dez acres e uma quinta às margens do Avon.

— É mesmo? Então, por Nossa Senhora, vou atrás daquele do justilho vermelho!

Estava prestes a avançar imprudentemente ao campo aberto, quando o próprio sir Nigel disparou à frente dele com a mão em seu peito.

— Volte! — disse ele. — Nossa hora ainda não chegou, e devemos aguardar aqui até a noite. Dispam-se dos casacos e dos capacetes, do contrário os olhos deles podem vislumbrar o brilho, e amarrem os cavalos entre as rochas.

A ordem foi rapidamente obedecida, e em dez minutos os arqueiros estavam espalhados ao lado do riacho, mastigando ruidosamente o pão e o toucinho defumado que haviam trazido em suas bolsas e esticando os pescoços para espiar a cena em constante mudança abaixo de si. Permaneceram muito quietos e silenciosos, exceto por gracejos murmurados e ordens sussurradas, pois por duas vezes, durante a longa manhã, ouviram toques de corneta vindos das colinas dos dois lados, que revelavam que eles haviam se enfiado entre os postos avançados do inimigo. Os líderes estavam sentados entre os buxais e deliberavam juntos sobre o que deveriam fazer, ao passo que lá de baixo subiam o burburinho das vozes, a gritaria, o relinchar dos cavalos e toda a algazarra de um grande acampamento.

— De que adianta esperar? — disse sir William Felton. — Cavalguemos acampamento abaixo antes que nos descubram.

— Digo o mesmo — exclamou o conde escocês —, pois eles não sabem que há qualquer inimigo num raio de trinta longas léguas.

— De minha parte — disse sir Simon Burley —, creio que seria loucura, pois não se pode esperar destroçar esse grande exército. E para onde ir e o que fazer quando eles reagirem? O que tem a dizer, sir Oliver Buttethorn?

— Pela maçã de Eva! — exclamou o cavaleiro gordo. — Parece-me que este vento carrega um odor muito saboroso de alho e cebolas das caldeiras.

Sou a favor de cavalgar na direção deles imediatamente, se meu velho amigo e camarada aqui presente estiver de acordo.

— Não — disse sir Nigel —, tenho um plano por meio do qual podemos nos aventurar a um pequeno feito contra eles, e ainda assim, com a ajuda de Deus, conseguirmos nos retirar, o que, como sir Simon Burley disse, dificilmente seria possível de outra forma.

— E como, afinal, sir Nigel? — perguntaram várias vozes.

— Vamos aguardar aqui o dia todo, pois em meio a este matagal é difícil que nos vejam. Então, quando a noite cair, lançaremos uma surtida e veremos se será possível conquistar deles uma honrosa elevação.

— Mas por que nesse momento, e não agora?

— Porque teremos o anoitecer como proteção quando nos retirarmos, de modo que poderemos trilhar nosso caminho pelas montanhas. Eu posicionaria uma vintena de arqueiros aqui no passo, com todos os nossos pendões salientes nas rochas e todas as cornetas, tambores e trombetas que tivermos conosco, para que aqueles que nos seguirem à luz baixa pensem que todo o exército do príncipe está sobre eles, e fiquem receosos de ir adiante. O que pensa sobre meu plano, sir Simon?

— Por minha fé, penso que é muito bom! — exclamou o velho e prudente comandante. — Se quatrocentos homens têm de disputar uma passagem contra sessenta mil, não consigo ver como poderiam fazê-lo melhor ou de maneira mais segura.

— Digo o mesmo — exclamou Felton, de coração. — Mas gostaria que o dia estivesse no fim, pois as coisas ficarão ruins se eles por acaso nos virem.

As palavras mal haviam deixado sua boca quando se ouviu um ruído de pedras soltas e o tilintar agudo de cascos a trotar. Um cavaleiro de rosto escuro, montado num cavalo branco, irrompeu dos arbustos e cavalgou rapidamente pelo vale, vindo do lado mais distante do acampamento espanhol. Armado levemente, com a viseira aberta e um falcão empoleirado no punho esquerdo, olhou ao redor com o ar descuidado de alguém completamente dedicado ao prazer, inconsciente da possibilidade de perigo. Subitamente, entretanto, seus olhos avistaram os rostos ferozes que o fitavam fixamente do matagal. Com um grito de terror, enfiou as esporas nos costados do cavalo e disparou rumo à estreita abertura do desfiladeiro. Por um instante pareceu que ele conseguiria alcançá-la, pois atropelou ou atirou para o lado os arqueiros que se atiraram em seu caminho, mas Hordle

John o agarrou pelo pé com seu aperto de ferro e o arrancou da sela, enquanto dois outros prendiam o cavalo assustado.

— Ho, ho! — rugiu o grande arqueiro. — Quantas vacas vais comprar para minha mãe, se eu te libertar?

— Silêncio com esse mugido! — exclamou sir Nigel, impaciente. — Traga-o aqui. Por São Paulo, não é a primeira vez que nos encontramos! Se não estou enganado, este é don Diego Álvarez, que já esteve na corte do príncipe.

— De fato sou eu — disse o cavaleiro espanhol, falando na língua francesa —, e lhe rogo que atravesse a espada por meu coração, pois como eu, um *caballero* de Castela, poderia viver depois de ser arrancado de meu cavalo pelas mãos baixas de um arqueiro comum?

— Não se aflija por isso — respondeu sir Nigel. — Na verdade, se ele não o tivesse puxado, uma dúzia de flechas de uma jarda teriam se entrecruzado em seu corpo.

— Por São Tiago, seria melhor que ser contaminado pelo toque dele! — respondeu o espanhol, com os olhos negros brilhando de fúria e ódio. — Espero que eu agora seja prisioneiro de algum honroso cavaleiro ou gentil-homem.

— É prisioneiro do homem que o apanhou, sir Diego — respondeu sir Nigel. — E posso lhe dizer que homens melhores que você ou eu já se foram prisioneiros de arqueiros da Inglaterra.

— Qual é o resgate que ele exige, afinal? — perguntou o espanhol.

O grande John coçou a cabeça ruiva e sorriu com grande prazer quando a pergunta lhe foi endereçada.

— Diga a ele que receberei dez vacas e também um touro, ainda que pequeno — disse. — E também um vestido de seda fina para minha mãe e um vermelho para Joan. Além disso, cinco acres de pasto, duas gadanhas e uma pedra de amolar nova. Ademais, uma casa pequena com cochos para as vacas e trinta e seis galões de cerveja para o tempo seco.

— Não, não! — exclamou sir Nigel aos risos. — Tudo isso pode ser adquirido com dinheiro. Creio, don Diego, que cinco mil coroas não seriam demais por um cavaleiro tão renomado.

— Serão devidamente pagas a ele.

— Por alguns dias teremos de mantê-lo conosco, e também devo pedir licença para usar seu escudo, sua armadura e seu cavalo.

— Meu arnês é seu, de acordo com as leis de armas — disse o espanhol melancolicamente.

— Peço apenas por um empréstimo. Necessito dele hoje, mas lhe será devidamente devolvido. Posicione guardas, Aylward, com flechas nas cordas, dos dois lados do passo. Pode suceder de outros cavaleiros nos visitarem antes de o momento chegar.

Durante todo o dia o pequeno bando de ingleses permaneceu abrigado pela garganta, mirando a vasta hoste de inimigos ignorantes abaixo. Pouco após o meio-dia um grande clamor de gritos e vivas irrompeu no acampamento, com toques de corneta e reunião dos homens. Arrastando-se pelas pedras, os companheiros viram uma longa e esvoaçante nuvem de poeira ao longo de todo o horizonte oriental, com o cintilar de lanças e o tremular de pendões que anunciavam a aproximação de um grande contingente de cavalaria. Por um instante uma esperança louca tomou conta deles, de que talvez o príncipe houvesse avançado mais rápido que o planejado e cruzado o Ebro, e que aquela fosse sua vanguarda partindo para o ataque.

— Decerto consigo ver a pila vermelha de Chandos à frente daquele esquadrão! — exclamou sir Richard Causton, cobrindo os olhos com a mão.

— Não é o caso — respondeu sir Simon Burley, que assistira à chegada da hoste com o rosto obscurecido. — É o que eu temia. Aquela é a águia bicéfala de Du Guesclin.

— O que diz é verdade — exclamou o conde de Angus. — São os recrutas da França, pois consigo ver as insígnias do marechal d'Andreghen, e também as dos lordes de Antoining e de Briseuil, e de muitos outros da Bretanha e de Anjou.

— Por São Paulo, estou muito contente! — disse sir Nigel. — Não sei nada sobre esses espanhóis, mas os franceses são cavalheiros muito dignos e farão o que puderem por nossa elevação.

— Há pelo menos quatrocentos deles, todos homens de armas — exclamou sir William Felton. — Vejam, lá está o próprio Bertrand, ao lado de seu estandarte, e lá está o rei Henrique, cavalgando para recebê-lo. Agora estão todos se virando e voltando juntos ao acampamento.

Enquanto ele falava, o imenso tropel de espanhóis e franceses marchava pela planície, com os braços para o alto e os estandartes a tremular. Durante todo o dia os sons de folia e festança do acampamento abarrotado subiam até os ouvidos dos ingleses, e eles conseguiam divisar os soldados das duas

nações atirando-se nos braços uns dos outros e dançando de mãos dadas ao redor das fogueiras ardentes. O sol se afundara atrás de um bloco de nuvens no Oeste quando sir Nigel, por fim, deu a ordem para que os homens apanhassem as armas novamente e preparassem os cavalos. Ele mesmo havia se despido de sua armadura, e vestido, dos pés à cabeça, o arnês do espanhol capturado.

— Sir William — disse —, minha intenção é tentar um pequeno feito, e assim lhe peço que lidere esta investida. Quanto a mim, cavalgarei acampamento adentro com meu escudeiro e dois arqueiros. Rogo que me observe, e que avance quando eu chegar às barracas. Deverá deixar vinte homens para trás aqui, como planejamos ainda esta manhã, e retornará depois de se aventurar o quanto lhe aprouver.

— Farei como ordena, Nigel. Mas o que é que propõe fazer?

— Você verá em breve, e na verdade é algo trivial. Alleyne, você virá comigo, e conduzirá um cavalo reserva pela rédea. Levarei os dois arqueiros que cavalgaram conosco pela França, pois são homens confiáveis e de coração forte. Que montem atrás de nós e deixem os arcos aqui entre os arbustos, pois não desejo que saibam que somos ingleses. Não digam uma palavra sequer a quem quer que encontremos, e, se alguém lhes falar, passem como se não tivessem ouvido. Estão prontos?

— Estou pronto, meu bom senhor — disse Alleyne.

— Eu também — exclamaram Aylward e John.

— Então deixo o resto a seu juízo, sir William, e se Deus nos cobrir de fortuna, nos encontraremos novamente neste desfiladeiro antes do escurecer.

Assim dizendo, sir Nigel montou o cavalo branco do cavaleiro espanhol e avançou silenciosamente em seu disfarce. Os três companheiros iam atrás, com Alleyne conduzindo o corcel de seu senhor pela rédea. Tantos pequenos grupos de cavalaria francesa e espanhola deslizavam por aqui e por ali que o diminuto bando atraiu pouca atenção. Após percorrerem seu trajeto a trote manso através da planície, chegaram ao acampamento sem objeções ou impedimentos. Continuaram avançando pelas intermináveis fileiras de barracas em meio a densos enxames de cavalaria e infantaria, até depararem com o imenso pavilhão real estendido à frente. Estavam bem próximos quando, de súbito, um berreiro louco irrompeu numa região distante do acampamento, com brados e gritos de guerra e todo o tumulto selvagem da batalha. A esse som os soldados saíram correndo de suas

barracas, os cavaleiros gritavam alto pelos escudeiros e uma confusão louca, de homens aturdidos e cavalos arremetendo, surgiu por todos lados. Na barraca real, uma multidão de criados maravilhosamente vestidos corria para lá e para cá num pânico desamparado, pois a guarda ali posicionada já partira na direção do alarme. Dois homens de armas, um em cada lado do vão da porta, eram os únicos protetores da habitação real.

— Vim para buscar o rei — sussurrou sir Nigel —, e por São Paulo, ele tem de voltar conosco, ou ficarei aqui!

Alleyne e Aylward saltaram dos cavalos e avançaram contra os dois sentinelas, que foram desarmados e derrubados num instante pelo ataque furioso e inesperado. Sir Nigel correu para dentro da barraca real, seguido por Hordle John tão logo os cavalos estavam em segurança. Ouviu-se uma gritaria feroz e o som metálico de aço do lado de dentro, e então os dois surgiram novamente com as espadas e antebraços vermelhos de sangue. John carregava no ombro o corpo inconsciente de um homem cuja sobrecota alegre, decorada com os leões e torres de Castela, o proclamava como membro da casa real. Uma multidão de criados de mesa e pajens apinharam-se em seus calcanhares, os de trás empurrando os da frente, enquanto estes retrocediam diante dos rostos ferozes e das armas fétidas dos aventureiros. O corpo inconsciente foi jogado no lombo do cavalo de reserva, os quatro saltaram nas selas e eles partiram estrondeando, com as rédeas soltas e batendo as esporas ao longo do acampamento em ebulição.

Mas a confusão e a desordem ainda reinavam entre os espanhóis, pois sir William Felton e seus homens haviam percorrido metade do acampamento, deixando pelo caminho uma longa ruína de mortos e feridos. Incertos quanto a quem seriam os atacantes e incapazes de diferenciar os inimigos ingleses dos recém-chegados aliados bretões, os cavaleiros espanhóis cavalgavam descontroladamente para lá e para cá numa fúria sem rumo. A louca confusão, a mistura de povos e a luz baixa estavam a favor dos únicos quatro que conheciam seu objetivo em meio à vasta e incerta multidão. Por duas vezes, antes de chegarem a campo aberto, tiveram de abrir caminho por pequenos bandos de cavalos, e uma vez flechas zuniram e pedras zumbiram perto de seus ouvidos, mas, ainda se apressando, irromperam das barracas e encontraram, a curta distância, seus companheiros batendo em retirada rumo às montanhas. Mais cinco minutos de galope desenfreado pela planície e estavam todos de volta à garganta, enquanto os perseguidores recuavam diante do rufar dos tambores e dos toques de

trombeta, que pareciam proclamar que todo o exército do príncipe estava prestes a emergir do passo das montanhas.

— Por minha alma, Nigel! — exclamou sir Oliver, brandindo um grande presunto cozido acima da cabeça. — Encontrei algo para comer com minhas trufas! Foi uma luta árdua, pois três deles estavam boquiabertos e com as facas nas mãos, sentados ao redor da mesa, quando investi contra eles. O que me diz, sir William? Não vai provar o sabor do famoso porco espanhol, mesmo que tenhamos apenas a água do riacho para acompanhar?

— Mais tarde, sir Oliver — respondeu o velho soldado, limpando o rosto encardido. — Teremos de estar mais adiante nas montanhas até estarmos a salvo. Mas o que temos aqui, Nigel?

— É um prisioneiro que tomei, e, a bem dizer, já que ele vem da barraca real e ostenta as armas reais no jubão, espero que seja o rei da Espanha.

— O rei da Espanha! — exclamaram os companheiros, amontoando-se ao redor com admiração.

— Não, sir Nigel — disse Felton, espiando o prisioneiro à luz incerta. — Já vi Henrique de Trastâmara duas vezes, e decerto este homem não se parece com ele.

— Então, pela luz dos céus, voltarei para buscá-lo! — exclamou sir Nigel.

— Não, não, o acampamento está a postos, seria uma completa loucura. Como vai, colega? — acrescentou em espanhol. — E como é que ousa trajar as armas de Castela?

O prisioneiro tentava recobrar a consciência que lhe havia sido arrancada pelo aperto de Hordle John.

— Com sua licença — respondeu —, eu e mais nove somos os escudeiros de honra do rei e temos sempre de usar suas armas, para protegê-lo de perigos como os que o ameaçaram hoje. O rei está na barraca do bravo Du Guesclin, onde irá cear hoje à noite. Mas sou um *caballero* de Aragão, don Sancho Penelosa, e embora não seja rei, estou pronto a pagar um valor adequado por meu resgate.

— Por São Paulo! Não encostarei em seu ouro — exclamou sir Nigel. — Volte para seu senhor e envie a ele saudações de sir Nigel Loring, do Castelo de Twynham, dizendo que eu esperava conhecê-lo melhor esta noite, e que, se desarrumei sua barraca, foi apenas em minha ânsia para conhecer cavaleiro tão famoso e cortês. Esporeiem, camaradas! Temos de percorrer todas as léguas possíveis até que possamos nos aventurar a

acender fogueiras ou a desafivelar os cintos. Eu esperava cavalgar sem a venda hoje à noite, mas parece que ainda terei de usá-la um pouco mais.

CAPÍTULO XXXVI

COMO SIR NIGEL TIROU A VENDA DO OLHO

Era uma manhã fria e álgida do início de março, e a névoa deslizava em densas nuvens onduladas pelos passos das montanhas cantábricas. A Companhia, que passara a noite em uma ravina protegida, já estava em movimento, aglomerando-se ao redor das fogueiras ardentes, fazendo traquinagens ou saltando por cima uns dos outros, pois tinham os membros gelados e o ar estava cortante. Aqui e ali, em meio à densa neblina que os cercava, assomavam imensos pináculos e pedregulhos salientes, ao passo que bem acima do mar de vapor um pico colossal se agigantava, com o brilho rosado dos primeiros momentos da alvorada em sua ponta coberta de neve. O chão estava molhado, as rochas pingavam, a relva e as sempre-verdes cintilavam com gotas de orvalho, mas o acampamento soava alto com risadas e diversões, pois um mensageiro chegara, vindo do príncipe, com palavras comoventes de elogio pelo que haviam feito e ordens para que ainda permanecessem na linha de frente do exército.

Ao redor de uma fogueira estavam amontoados quatro ou cinco líderes dos arqueiros, desenferrujando as armas e de quando em quando olhando de relance para uma grande panela que fumegava no fogo. Lá estava Aylward, sentado de pernas cruzadas apenas com sua camisa, assobiando ao esfregar a brigantina de cota de malha. A um de seus lados estava o velho Johnston, ocupado em aparar as penas de algumas flechas a seu gosto. Do outro estava Hordle John, deitado com os grandes membros esparramados e o capacete equilibrado no pé levantado. Simon Negro de Norwich estava agachado em meio às rochas, cantarolando uma balada da Inglaterra oriental consigo mesmo enquanto afiava a espada em uma pedra chata, assentada acima dos joelhos. Ao lado dele estavam sentados Alleyne

Edricson e Norbury, o escudeiro silencioso de sir Oliver, esticando as mãos geladas na direção da lenha crepitante.

— Jogue outro pedaço de pau, John, e mexa o caldo com a bainha da espada — resmungou Johnston, olhando ansiosamente para a panela borbulhante pela vigésima vez.

— Por minha empunhadura! — exclamou Aylward. — Agora que John conseguiu esse grande resgate, ele dificilmente aguentará o ofício dos pobres arqueiros. O que me diz, *camarade*? Quando vir Hordle mais uma vez, não será mais cerveja de um pêni ou toucinho gordo, mas vinhos gascões e carnes cozidas todos os dias da semana.

— Não sei nada sobre isso — disse John, chutando o elmo no ar e apanhando-o com a mão. — Sei apenas que, quer o caldo esteja pronto ou não, estou prestes a mergulhar isto nele.

— Está fervilhando e chiando — exclamou Johnston, enfiando o rosto de feições duras na fumaça. Em um instante a panela havia sido retirada do fogo e seu conteúdo esvaziado em meia dúzia de capacetes de aço, equilibrados entre os joelhos de seus donos. Com colheres e nacos de pão eles devoraram a refeição matinal.

— O tempo está ruim para os arcos — comentou John por fim, quando sorveu a última gota do elmo com um suspiro. — Hoje minhas cordas estão moles como rabo de vaca.

— Deveria esfregá-las com cola d'água — disse Johnston. — Lembra-se, Samkin, de que o tempo estava ainda mais úmido na manhã de Crécy? Ainda assim, não consigo me lembrar de que houvesse algo de errado com nossas cordas.

— Parece-me — disse Simon Negro, ainda amolando a espada pensativamente —, que poderemos precisar de suas cordas antes de o sol se pôr. Sonhei com a vaca vermelha ontem à noite.

— E o que é essa vaca vermelha, Simon? — perguntou Alleyne.

— Não sei, jovem senhor, mas posso dizer apenas que na véspera de Cadzand, na véspera de Crécy e na véspera de Nogent sonhei com uma vaca vermelha. Agora o sonho me veio novamente, de forma que estou dando um fio bem cortante à minha lâmina.

— Muito bem dito, velho cão de guerra! — exclamou Aylward. — Por minha empunhadura, rogo que seu sonho se torne realidade, pois o príncipe não nos mandou aqui para beber caldos e colher arandos! Só mais uma batalha e estarei pronto para pendurar o arco, encontrar uma esposa e ficar

quieto junto ao fogo. Mas o que foi agora, Robin? Quem é que está procurando?

— Lorde Loring solicita sua presença na barraca — disse um jovem arqueiro a Alleyne.

O escudeiro se levantou e seguiu para o pavilhão, onde encontrou o cavaleiro sentado em uma almofada, com as pernas cruzadas à frente e uma larga tira de pergaminho estendida sobre os joelhos, sobre a qual ele se debruçava com as sobrancelhas franzidas e os lábios comprimidos.

— Chegou pelo mensageiro do príncipe hoje pela manhã — disse ele —, e foi trazido da Inglaterra por sir John Fallislee, recém-chegado de Sussex. O que é que compreende disto, aqui do lado de fora?

— Está bem escrito, e nítido — Alleyne respondeu —, e significa “Para sir Nigel Loring, Cavaleiro condestável do Castelo de Twynham, pela mão de Christopher, servo de Deus no priorado de Christchurch”.

— Foi o que li — disse sir Nigel. — Agora lhe rogo que leia o que está escrito na parte de dentro.

Alleyne voltou-se para a carta, e, quando pôs nela os olhos, seu rosto ficou pálido e um grito de surpresa e pesar escapou de seus lábios.

— Que foi? — perguntou o cavaleiro, encarando-o ansiosamente. — Há algo de errado com lady Mary ou com lady Maude?

— É meu irmão... meu pobre e infeliz irmão! — exclamou Alleyne, com a mão na testa. — Ele morreu.

— Por São Paulo! Nunca ouvi dizer que ele tivesse tanta afeição por você, para que lamente tanto por ele.

— Ainda assim era meu irmão... o único parente que eu tinha nesta terra. Talvez ele tivesse motivos para ser amargo comigo, pois a terra dele foi dada à abadia para minha criação. Ai de mim! Ai de mim! E levantei meu cajado contra ele quando nos encontramos pela última vez! Ele foi morto... morto, temo eu, em meio a crimes e violência.

— Rá! — disse sir Nigel. — Continue a leitura, lhe rogo.

— “Que Deus esteja contigo, meu honrado senhor, e te tenha em sua sagrada guarda. Lady Loring pediu-me para escrever o que sucedeu em Twynham, e tudo o que concerne à morte de teu mau vizinho, o *socman* de Minstead. Pois quando nos deixaram, esse homem perverso congregou todos os fora da lei, vilões e homens sem senhor. Chegaram a tal força que matavam e debandavam os homens do rei que os confrontavam. Então, surgindo da mata, sitiaram teu castelo, e durante dois dias nos cercaram e

atiraram em nós com vigor, em números que causavam assombro. Mas lady Loring defendeu o local com firmeza, e no segundo dia o *socman* foi morto, por seus próprios homens, segundo alguns, e assim fomos libertados do jugo deles, pelo que louvamos todos os santos, mais especialmente o abençoado Anselmo, em cuja festa isso ocorreu. Lady Loring e lady Maude, tua bela filha, gozam de boa saúde, assim como eu, a não ser por um abcesso na junta do dedo do pé, que me foi imposto por meus pecados. Que todos os santos te guardem!”.

— Foi a visão de lady Tiphaine — disse sir Nigel depois de uma pausa. — Notou como ela disse que o líder tinha a barba loura, e que ele caiu diante do portão? Mas por que, Alleyne, aquela mulher, para quem todas as coisas são límpidas como um cristal e que não disse uma palavra sequer que não sucedeu, se enganou tanto a ponto de dizer que seus pensamentos se voltavam para o Castelo de Twynham ainda mais que os meus?

— Meu bom senhor — disse Alleyne, com um rubor nas bochechas marcadas pelo tempo —, lady Tiphaine pode ter dito a verdade quando declarou isso, pois o Castelo de Twynham está em meu coração durante o dia e em meus sonhos à noite.

— Rá! — exclamou sir Nigel, com um olhar de esguelha.

— Sim, meu bom senhor. Realmente amo sua filha, lady Maude, e, indigno que sou, daria o sangue de meu coração para servi-la.

— Por São Paulo! Edricson — disse o cavaleiro friamente, arqueando as sobranceiras —, você está mirando alto. Nosso sangue é muito antigo.

— E o meu também é muito antigo — respondeu o escudeiro.

— E lady Maude é nossa única filha. Todos os nossos nomes e terras se concentrarão nela.

— Ai de mim que tenha de dizer isso, mas agora também sou o único Edricson.

— E por que não me disse isso antes, Alleyne? A bem dizer, creio que abusou de mim.

— Não, meu bom senhor, não diga isso. Não sei se sua filha me ama, e não há promessa entre nós.

Sir Nigel ponderou por alguns instantes, e então desatou a rir.

— Por São Paulo! — disse ele. — Não sei por que eu deveria me meter nessa questão, pois sempre soube que lady Maude é bem capaz de cuidar dos próprios assuntos. Sempre conseguiu o que queria, desde que aprendeu a bater o pezinho. Se o coração dela escolheu a ti, Alleyne, e o teu a ela,

creio que nem mesmo esse rei espanhol, com seus sessenta mil homens, poderia separá-los. Mas digo uma coisa: gostaria de vê-lo armado cavaleiro antes de se dirigir a minha filha com palavras de amor. Eu sempre disse que ela deveria se casar com um bravo lanceiro, e por minha alma, Edricson, se Deus poupá-lo, creio que terá cumprido bem seu dever! Mas basta de tais frivolidades, pois temos trabalho pela frente. Teremos tempo para falar sobre esse assunto quando virmos as falésias brancas da Inglaterra mais uma vez. Rogo-lhe que vá até sir William Felton e peça a ele que venha aqui, pois chegou o momento de marcharmos. Não há passagem do outro lado do vale, e este lugar é perigoso se algum inimigo cair sobre nós.

Alleyne entregou a mensagem e saiu vagueando do acampamento, pois tinha a mente em completo turbilhão pela notícia inesperada e pela conversa com sir Nigel. Sentado numa pedra, com a fronte queimando nas mãos, pensou no irmão, na briga que tiveram, em lady Maude com o vestido de equitação esfarrapado, no velho castelo cinzento, no rosto pálido e orgulhoso na armaria, e nas últimas palavras ardentes com que ela se despedira dele. À época ele não passava de um rapaz sem recursos criado por monges, desconhecido e sem amigos. Agora ele era o *socman* de Minstead em pessoa, chefe de uma antiga linhagem e senhor de uma propriedade que, ainda que reduzida de seu tamanho original, ainda bastava para preservar a dignidade de sua família. Ademais, ele se tornara um homem experiente, era considerado bravo entre os bravos, conquistara a estima e a confiança do pai dela, e, acima de tudo, fora ouvido por ele quando revelara o segredo de seu amor. Quanto à conquista do título de cavaleiro, em tempos vibrantes como aqueles não era nada impensável que um bravo escudeiro de nascimento respeitável aspirasse a tal honra. Ele deixaria os ossos em meio às ravinas espanholas ou realizaria algum feito que atrairia os olhos dos homens para si.

Alleyne ainda estava sentado na pedra, com os pesares e alegrias deslizando rapidamente pela mente como a sombra das nuvens numa campina banhada pelo sol, quando de súbito tomou consciência de um som baixo e profundo, que ressoava em sua direção através da neblina. Conseguia ouvir o murmúrio de arqueiros logo atrás de si, as explosões ocasionais de risadas roucas, o resfolegar e o patear dos cavalos. Atrás disso tudo, no entanto, vinha um zumbido grave e de tom profundo, que parecia surgir por todos os lados e encher completamente o ar. Nos velhos dias de monastério ele se lembrava de ter ouvido um som assim, quando caminhara

numa noite ventosa por Bucklershard e ouvira as longas ondas quebrando na costa pedregosa. Aqui, entretanto, não havia vento ou mar, e ainda assim o rumor surdo crescia, cada vez mais alto e forte, vindo do coração do ondulado mar de vapor. Virou-se e correu para o acampamento, bradando um alarme a plenos pulmões.

Não eram mais que cem passos, mas antes de ele percorrer todos eles, os arqueiros já estavam prontos e debruçados nas cabeças dos cavalos, e o grupo de cavaleiros ouvia atentamente o som ameaçador.

— É um grande contingente de cavalaria — disse sir William Felton —, e estão cavalgando muito rápido nesta direção.

— Mas devem ser do exército do príncipe — comentou sir Richard Causton —, pois estão vindo do Norte.

— Não — disse o conde de Angus —, não se pode ter tanta certeza. O camponês com quem falamos ontem à noite disse que havia um rumor de que don Tello, o irmão do rei espanhol, partira a cavalo com seis mil homens selecionados para assaltar o acampamento do príncipe. Pode ser que no caminho de volta estejam passando por aqui.

— Por São Paulo! — exclamou sir Nigel. — Creio que é mesmo como diz, pois aquele mesmo camponês tinha o rosto azedo e o olhar incerto, como o de alguém que tem pouca boa vontade conosco. Não tenho dúvidas de que ele trouxe esses cavaleiros até nós.

— Mas a névoa nos protege — disse sir Simon Burley. — Ainda temos tempo de atravessar o passo até o outro lado.

— Se fôssemos uma tropa de cabras da montanha poderíamos fazê-lo — respondeu sir William Felton —, mas não é possível passar com uma companhia de homens a cavalo. Se são mesmo don Tello e seus homens, temos de permanecer onde estamos e fazer o possível para que se arrependam do dia em que depararam conosco em seu caminho.

— Muito bem dito, William! — exclamou sir Nigel, com grande prazer. — Se são tantos como se diz, então haverá muita honra a ser conquistada contra eles, e todas as esperanças de elevação. Mas o som cessou, e temo que tenham ido por algum outro caminho.

— Ou, talvez, tenham chegado à boca do desfiladeiro e estejam ordenando as fileiras. Façam silêncio e escutem! Não estão a grande distância de nós.

A Companhia permaneceu encarando a grande espiral enevoadada, e estavam num silêncio tão profundo que o gotejar da água das pedras e a

respiração dos cavalos soavam altos aos ouvidos. Subitamente o som agudo de um relincho surgiu através do mar de névoa, seguido de um longo sopro de corneta.

— É um toque espanhol, meu bom senhor — disse Simon Negro. — É usado pelos ponteiros e caçadores deles quando a fera não fugiu e ainda está na toca.

— Por minha fé! — disse sir Nigel, sorrindo. — Se eles estão dispostos a caçar, podemos lhes prometer um bom divertimento até soarem o toque de morte sobre nós. Há uma colina no centro do desfiladeiro sobre a qual podemos tomar posição.

— Eu a notei ontem à noite — disse Felton —, e não poderia haver melhor local para nossos propósitos, pois ela é bastante íngreme na parte de trás. Está a apenas uma flechada à esquerda, e, na verdade, posso ver a sombra dela daqui.

Toda a Companhia, conduzindo os cavalos, atravessou até a pequena colina que assomava à frente deles na neblina. Ela de fato era admiravelmente projetada para a defesa, pois tinha um declive na parte da frente, completamente irregular e coberto de pedras, ao passo que na parte de trás despencava num penhasco de cem pés ou mais. No cume havia um platô pequeno e irregular, com cem metros de largura e um comprimento da mesma medida e mais a metade.

— Soltem os cavalos! — disse sir Nigel. — Não temos espaço para eles, e se conseguirmos nos defender teremos cavalos de sobra quando o serviço do dia estiver terminado. Não, fiquem com os seus, meus bons senhores, pois podemos ter trabalho para eles. Aylward, Johnston, ordenem seus homens a formarem em cunha dos dois lados da crista. Concedo a sir Oliver e ao senhor, lorde Angus, o flanco direito, e o esquerdo ao senhor, sir Simon, e ao senhor, sir Richard Causton. Eu e sir William Felton defenderemos o centro com nossos homens de armas. Agora formem as fileiras e desfraldem os estandartes, pois nossas almas pertencem a Deus e nossos corpos ao rei, e nossas espadas se levantam por São Jorge e pela Inglaterra!

Sir Nigel mal havia terminado de falar e a névoa pareceu minguar no vale, desfazendo-se em longos fiapos de nuvens que se arrastavam pelas margens dos penhascos. O desfiladeiro em que haviam montado acampamento era uma mera fenda em meio às colinas, com três quartos de milha de profundidade. Era avizinado de um lado pela pequena e

acidentada elevação em que estavam e murado pelos despenhadeiros marrons nos outros três. Enquanto sol rompia pela névoa que se dissipava, ele reluzia e cintilava com um brilho estonteante nas armaduras e capacetes de um imenso contingente de cavalaria que se espalhava sobre a barranca, de um penhasco a outro, e se estendia até que a retaguarda estivesse bem distante na planície mais além. Fileira após fileira e coluna após coluna entupiam o gargalo do vale com uma longa paisagem de pendões tremulantes, lanças brilhantes, plumas esvoaçantes e bandeirolas a flamular, enquanto as curvetas e cabriolas dos cavalos de guerra conferiam movimento e cintilar constantes à massa resplandecente e multicolorida. Um brado exultante e uma floresta de aço brandido por toda a extensão da coluna anunciavam que eles, por fim, podiam ver os inimigos presos na armadilha, ao passo que as notas crescentes de uma centena de cornetas e tambores, misturados com o bater de címbalos mouros, formavam um repique orgulhoso de triunfo marcial. Para aqueles galantes e reluzentes cavaleiros da Espanha era estranho avistar o punhado de homens na colina, as magras fileiras de arqueiros, os bandos de cavaleiros e homens de armas com as armaduras enferrujadas e descoloridas por anos de longo serviço, e descobrir que eram de fato os soldados cuja fama e perícia se alastrava pelas conversas de acampamento de todos os exércitos da Cristandade. Permaneciam muito silenciosos e imóveis, apoiados nos arcos, enquanto seus líderes deliberavam à frente. Não se ouvia tinidos ou cornetas em suas austeras fileiras, mas no centro tremulavam os leopardos da Inglaterra, à direita a insígnia da Companhia com as rosas de Loring, e à esquerda, acima de três vintenetas de arqueiros galeses, ondulavam o estandarte vermelho de Merlin e as cabeças de javali dos Buttethorns. Permaneciam tranquilos e solenes sob o sol da manhã, aguardando o ataque dos adversários.

— Por São Paulo! — disse sir Nigel, fitando o vale abaixo com o olho apertado. — Parece haver pessoas muito dignas entre eles. O que é aquele estandarte dourado que tremula à esquerda?

— É a insígnia dos Cavaleiros de Calatrava — respondeu Felton.

— E o outro à direita?

— Distingue os Cavaleiros de Santiago, e vejo que o grão-mestre cavalga à frente, pela bandeira dele. Lá também está o estandarte de Castela, em meio àquele esquadrão cintilante que lidera o contingente principal. Há seis

mil homens de armas e mais dez esquadrões de fundeiros, pelo que consigo julgar dos números deles.

— Há franceses entre eles, meu bom senhor — comentou Simon Negro. — Consigo ver os pendões de De Couvette, De Brioux, Saint Pol e muitos outros que nos atacaram por Carlos de Blois.

— Tem razão — disse sir William —, também posso vê-los. Há muita brasonaria espanhola também, se eu conseguisse lê-la. Don Diego, o senhor conhece as armas de sua própria terra. Quem são os que nos conferiram esta honra?

O prisioneiro espanhol fitou com um olhar exultante as profundas e cerradas fileiras de seus compatriotas.

— Por São Tiago! — disse. — Se vocês caírem hoje, não será por mãos ruins. A fina flor da cavalaria de Castela cavalga sob o estandarte de don Tello, com cavaleiros das Astúrias, de Toledo, de Leão, de Córdoba, da Galícia e de Sevilha. Vejo os guiões de Albornoz, Cacorla, Rodríguez, Távora, além das duas grandes ordens e os cavaleiros da França e de Aragão. Se quiserem meu conselho, cheguem a um acordo com eles, pois lhes darão os mesmos termos que vocês me ofereceram.

— Não, por São Paulo! Seria uma pena se tantos bravos homens se reunissem e isso não desse origem a sequer um pequeno feito de armas. Rá! William, eles estão avançando. Por minha fé, é uma visão que vale a pena atravessar o mar para assistir!

Enquanto ele falava, as duas alas da hoste espanhola, compostas pelos Cavaleiros de Calatrava de um lado e pelos de Santiago do outro, mergulharam violentamente pelo vale, ao passo que o contingente principal vinha mais devagar atrás. A quinhentos passos dos ingleses os dois grandes contingentes de cavalaria se entrecruzaram, e, dando a volta com uma curva, bateram em retirada numa confusão simulada rumo ao próprio centro. Com frequência, em guerras passadas, os mouros haviam atraído os irascíveis espanhóis de suas posições fortes com fugas simuladas como essa, mas alguns homens na colina tinham todos os truques e ardis de guerra como ocupação e ofício. Os espanhóis se reagruparam e vieram novamente, chegando ainda mais perto, e novamente com um brado de temor e os corpos inclinados eles guinaram para a direita e para a esquerda. Os ingleses, entretanto, ainda permaneceram impassíveis e vigilantes no meio de suas rochas. A vanguarda estava parada a uma longa flechada da colina, e desafiava os inimigos a avançarem brandindo as lanças com gritos

de vanglória. Dois cavaleiros, adiantando-se das fileiras cintilantes, conduziram os cavalos lentamente pelas duas forças com alvos preparados e lanças em riste, como os desafiantes de um torneio.

— Por São Paulo! — exclamou sir Nigel, com o olho ardente como brasa. — Parecem ser dois cavalheiros muito dignos e corteses. Não me lembro de quando vi qualquer povo que parecesse ter coração e diligência tão elevados. Estamos com nossos cavalos, sir William: não deveríamos libertá-los de quaisquer juramentos que possam ter na alma?

A resposta de Felton foi saltar no cavalo de guerra e incitá-lo encosta abaixo, com sir Nigel seguindo a menos de três lanças atrás. Era um trajeto acidentado, pedregoso e irregular, mas os dois cavaleiros, escolhendo os adversários, investiram à frente a máxima velocidade, enquanto os galantes espanhóis corriam com a mesma rapidez para confrontá-los. O oponente de Felton era um jovem alto com uma cabeça de veado no escudo, ao passo que o homem de sir Nigel era largo e atarracado, com um arnês simples de aço e uma grinalda cor-de-rosa e branca amarrada ao redor do elmo. O primeiro atingiu Felton no alvo com tal força que o rachou de uma ponta a outra, mas a lança de sir William colidiu com o camal que protegia a garganta do espanhol, que caiu ao chão gritando roucamente. Arrebatado pelo calor e pela loucura da batalha, o cavaleiro inglês não puxou as rédeas, mas investiu direto contra as forças dos cavaleiros de Calatrava. Por um longo tempo as fileiras silenciosas na colina puderam ver um redemoinho e um turbilhão bem no coração da coluna espanhola, com um círculo de cavalos de guerra a empinar e lâminas fulgurantes. A pluma branca do elmo inglês esvoaçava por aqui e por ali, subindo e descendo como a espuma das ondas, com o brilho feroz e lampejos sempre a circular ao redor, até que, por fim, desapareceu de vista, e mais um bravo homem passara da guerra à paz.

Sir Nigel, entretantes, encontrara um adversário à altura de seu aço, pois seu oponente era ninguém menos que Sebastián Gómez, o lanceiro escolhido dos monásticos Cavaleiros de Santiago, que haviam conquistado fama em uma centena de combates sangrentos contra os mouros da Andaluzia. Tão feroz era o confronto que as lanças estremeciam até a pegada, e os cavalos empinavam até parecer que caíam em cima dos montadores. Não obstante, com perfeita habilidade equestre, ambos deram a volta numa longa curveta, e então, puxando as espadas, açoitaram um ao outro como dois fortes ferreiros martelando bigornas. Os cavalos de guerra

revolviavam entre si, mordendo e colidindo, enquanto as duas lâminas rodopiavam, zumbiam e giravam em lampejos ofuscantes. Cortes, paradas e estocadas seguiam-se tão rapidamente uns aos outros que o olhar não conseguia acompanhá-los, até que, por fim, chocando coxa com coxa, ambos atiraram os braços ao redor do adversário e rolaram das selas ao chão. O espanhol mais pesado atirou-se contra o inimigo, prendeu-o debaixo de si e levantou a espada para matá-lo, enquanto um grito de triunfo surgia entre as fileiras de seus compatriotas. Mas o golpe fatal nunca caiu, pois exatamente quando seu braço se agitava antes de descer, o espanhol estremeceu, e, enrijecendo, caiu pesadamente para o lado, com o sangue a jorrar da axila e da fenda da viseira. Sir Nigel pôs-se de pé de um salto, com o punhal ensanguentado na mão esquerda, e fitou o adversário abaixo. A súbita e fatal punhalada num ponto vital, que o espanhol expusera ao levantar o braço, provara-se instantaneamente mortal. O inglês saltou no cavalo e partiu rumo à colina, no mesmo instante em que o brado de fúria de um milhar de vozes e o soar de uma vintena de cornetas anunciavam a investida espanhola.

Mas os insulares estavam preparados e ansiosos pelo confronto. Com os pés firmes no chão, as mangas arregaçadas para dar liberdade aos músculos, os longos cabos de arco amarelos nas mãos esquerdas e as aljavas penduradas à frente, eles haviam esperado em formação de cunha com quatro homens de profundidade, que dava força a sua ordem de batalha mas permitia que todos os homens puxassem as flechas livremente, sem prejuízo aos da frente. Aylward e Johnston estavam ocupados atirando leves tufos de grama no ar para aferir a força do vento, e um sussurro áspero passou pelas linhas, dos líderes de fileira aos homens, com conselhos e advertências.

— Não atirem além dos trezentos passos — exclamou Johnston. — Podemos precisar de todas as nossas flechas até termos acabado com eles.

— É melhor atirar para mais que para menos — acrescentou Aylward. — Melhor atingir a retaguarda que enfiar uma flecha na terra.

— Disparem rápido e com força quando eles vierem — acrescentou outro. — Que seja o olho na corda, a corda na flecha, e a flecha no alvo. Por Nossa Senhora, os estandartes deles estão avançando, e agora temos de manter nossa posição se quisermos ver o Estuário de Southampton novamente!

Alleyne, de pé com a espada desembainhada em meio aos arqueiros, viu os esquadrões cintilantes em grandes movimentos de brandir e hastear. As

primeiras fileiras começaram a se mover lentamente para a frente, a trote, a cânter, a galope, e num instante toda a imensa ordem de batalha se lançava adiante, linha após linha. O ar se enchia do trovejar de seus gritos, o chão tremia com o bater dos cascos, o vale estava entupido pela torrente de aço aos borbotões, coberta pelas plumas ondulantes, as lanças oblíquas e as bandeirolas a tremular. Continuaram a se deslocar no mesmo nível e depois subiram a encosta, até depararem com a ofuscante saraivada de flechas inglesas. Fileiras inteiras despencaram num turbilhão de louca confusão, cavalos arremetiam e escoiceavam, homens aturdidos caíam, levantavam-se, cambaleando para a frente ou para trás, enquanto novas fileiras de cavaleiros sempre vinham esporeando pelas aberturas, incitando as montarias a subir a encosta fatal. Por todos os lados Alleyne podia ouvir as ordens curtas e austeras dos mestres arqueiros, enquanto o ar se enchia do vibrar agudo das cordas e do sibilar e tamborilar das setas. Bem ao longo do sopé da colina surgira uma longa parede de cavalos a se debater e homens feridos, crescendo e se tornando mais alta sempre que novos esquadrões se despejavam em ataque. Um jovem cavaleiro num ginete cinzento saltou sobre os camaradas caídos e galopou rapidamente colina acima, clamando alto por São Tiago, até que caiu a uma lança de distância da linha inglesa, com as plumas das flechas salientes em todas as aberturas e juntas da armadura. Assim, durante cinco longos minutos, os galantes homens a cavalo da Espanha e da França se esforçaram repetidamente para abrir uma passagem, até que o tom lamurioso de uma corneta chamou-os de volta, e eles cavalgaram devagar até uma distância fora do alcance dos arcos, deixando para trás seus melhores e mais bravos homens numa pilha pavorosa e coberta de sangue.

Mas havia pouco descanso para os vencedores. Enquanto os cavaleiros investiam contra eles pela frente, os fundeiros haviam se esgueirado pelos dois flancos e firmado posição nos penhascos e atrás das rochas periféricas. Uma saraivada de pedras caiu subitamente sobre os defensores, que, posicionados em fileiras no cume exposto, representavam um bom alvo para os inimigos ocultos. Johnston, o velho arqueiro, foi atingido na têmpora e caiu morto com um gemido, ao passo que quinze de seus arqueiros e seis homens de armas foram derrubados no mesmo instante. Os outros se deitaram com os rostos no chão para evitar a saraivada mortal, enquanto em ambos os lados do platô uma guarnição de arqueiros trocava tiros com os fundeiros e besteiros em meio às rochas. Miravam

principalmente nos que haviam trepado nos penhascos, e desatavam a rir e a dar vivas quando uma flecha precisa derrubava um dos inimigos de seus altos poleiros.

— Creio, Nigel — disse sir Oliver, andando a passos largos na direção do pequeno cavaleiro —, que todos nos portaríamos melhor se fizéssemos nossa refeição da nona hora, pois o sol já está alto nos céus.

— Por São Paulo! — disse sir Nigel, arrancando a venda do olho. — Creio que agora já estou livre deste juramento, pois esse cavaleiro espanhol era uma pessoa contra quem se podia conquistar muita honra. A bem dizer, era um cavalheiro muito digno, de grande coragem e vigor, e fico pesaroso que lhe tenha ocorrido tal ferimento. Quanto ao que diz sobre a comida, Oliver, não devemos pensar nisso, pois não temos nada na colina.

— Nigel! — exclamou sir Simon Burley, apressando-se com o rosto consternado —, Aylward me disse que nossos arqueiros não têm sequer duzentas flechas nos feixes. Veja! Eles estão saltando dos cavalos e cortando os sapatos de ferro para investir contra nós. Não poderíamos bater em retirada, mesmo agora?

— Antes minha alma bateria em retirada de meu corpo! — exclamou o pequeno cavaleiro. — Aqui estou e aqui permanecerei, enquanto Deus me der forças para levantar a espada.

— Digo o mesmo! — bradou sir Oliver, arremessando a maça bem alto no ar e apanhando-a pelo cabo.

— Às armas, homens! — bramiu sir Nigel. — Atirem enquanto podem, e depois desembainhem as espadas, e que vivamos ou morramos juntos!

CAPÍTULO XXXVII

COMO A COMPANHIA BRANCA SE DEBANDOU

Subiu então, vindo do acidentado vale cantábrico, um som jamais ouvido naquelas partes, e que só o seria novamente muito tempo depois, quando os córregos que borbulhavam por entre as rochas fossem congelados por mais de quatrocentos invernos e derretidos pelo mesmo número de primaveras. O chamado para a batalha de um povo guerreiro trovejou profundo, grave e forte pela ravina. Era a última austera acolhida a quem quer que desejasse se juntar a eles naquela atividade ancestral em que a morte está em jogo. Por três vezes ele se elevou e por três vezes se perdeu na distância, ecoando e reverberando em meio aos despenhadeiros. Então, com rostos determinados, a Companhia se levantou em meio à saraivada de pedras e encarou os milhares que subiam correndo a encosta contra si. Os cavalos e as lanças haviam sido abandonados, mas a pé, com as espadas e machados de batalha e os largos escudos pendendo à frente, a cavalaria espanhola investia em ataque.

E então sucedeu uma disputa tão cruel, tão longa, tão equilibrada, que ainda hoje sua memória é transmitida entre os montanheses da Cantábria. Os pais ainda apontam o agourento monte para os filhos, chamando-o de “*Altura de los Ingleses*”, onde os homens de além-mar lutaram a grande batalha contra os cavaleiros do Sul. A última flecha logo foi disparada, e os fundeiros não podiam atirar suas pedras dada a proximidade entre os aliados e os oponentes. De um lado a outro estendia-se a estreita fileira de ingleses levemente armados e de pés rápidos, enquanto contra eles bramia e trovejava o esmagador tropel de impetuosos espanhóis e galantes bretões. O tilintar das lâminas entrecruzadas, o baque surdo dos golpes pesados, o ofegar e arquejar dos feridos e cansados, tudo isso formava um som bravo

e arrastado que subia na direção dos camponeses espantados, assistindo das beiradas dos penhascos ao tumulto oscilante da batalha abaixo de si. O estandarte do leopardo ia e vinha, num momento carregado encosta acima pelo ímpeto e pelo peso do ataque, no outro descendo novamente quando sir Nigel, Burley e Simon Negro atiravam-se loucamente ao combate com os homens de armas veteranos. Alleyne, ao lado direito de seu senhor, via-se jogado para lá e para cá na desesperada contenda, trocando ferozes estocadas num instante com um cavaleiro espanhol, no outro sendo arrastado pelo turbilhão humano e lançado contra um novo antagonista. À direita, sir Oliver, Aylward, Hordle John e os arqueiros da Companhia lutavam furiosamente contra os monacais Cavaleiros de Santiago, conduzidos colina acima por seu prior — um homem grande e de peito fundo que trajava um hábito monástico sobre a cota de malha. Ele matou três arqueiros com três grandes golpes, mas sir Oliver atirou os braços a seu redor, e os dois, vacilando e em grande esforço, cambalearam para trás e rolaram, presos pelo aperto mútuo, pela beirada de uma escarpa íngreme que margeava a colina. Em vão os cavaleiros atacavam e arremetiam contra a estreita fileira que lhes bloqueava o caminho: a espada de Aylward e o grande machado de John brilhavam na vanguarda da batalha, e enormes pedaços irregulares de rocha, lançados pelos braços fortes dos arqueiros, se espatifavam e se despedaçavam em meio a suas colunas. Recuavam devagar pela colina com os arqueiros ainda no encalço, e uma longa confusão de silhuetas retorcidas e a se debater marcava o trajeto que haviam trilhado. No mesmo instante, os galeses do flanco esquerdo, liderados pelo conde escocês, haviam arremetido das rochas, e com a fúria de sua investida empurraram os espanhóis de cabeça colina abaixo. Apenas no centro as coisas pareciam ir mal para os defensores. Simon Negro caíra — estava morrendo como gostaria, um velho lobo soturno na toca com um círculo de mortos ao redor. Por duas vezes sir Nigel fora subjugado, e por duas vezes Alleyne lutara por cima dele até que ele cambaleasse para se pôr de pé mais uma vez. Burley estava desacordado, atordoado por um golpe de maça, e metade dos homens de armas amontoavam-se no chão a seu redor. Sir Nigel tinha o escudo quebrado, a crista cortada, a armadura talhada e amassada, e a viseira fora arrancada de seu elmo, mas ele saltitava aqui e ali com os pés ágeis e as mãos ligeiras. Defrontava dois bretões e um espanhol ao mesmo tempo — estocando, desviando, investindo, saltando — enquanto Alleyne ainda lutava a seu lado, contendo com um punhado de homens a feroz maré

que rebentava contra eles. Não obstante, a situação teria ficado ainda pior se os arqueiros dos dois lados não houvessem fechado os flancos dos atacantes. Forçaram-nos a recuar colina abaixo, bem devagar e de pé em pé, até que estivessem mais uma vez na planície, onde seus companheiros já se reuniam para um novo assalto.

Mas o preço pago para que esses últimos fossem rechaçados fora realmente terrível. Dos trezentos e setenta homens que haviam defendido o cume, cento e setenta e dois ainda estavam de pé, muitos dos quais gravemente feridos e fracos pela perda de sangue. Sir Oliver Buttethorn, sir Richard Causton, sir Simon Burley, Simon Negro, Johnston, cento e cinquenta arqueiros e quarenta e sete homens de armas haviam caído, ao passo que a inclemente saraivada de pedras já silvava e zunia mais uma vez em seus ouvidos, ameaçando reduzir os números ainda mais a cada instante.

Sir Nigel fitou as fileiras aniquiladas ao redor, e seu rosto se ruborizou com o orgulho de um soldado.

— Por São Paulo! — exclamou ele. — Lutei em muitas pequenas disputas, mas nunca em uma que me deixaria tão triste por não participar como esta. Está ferido, Alleyne?

— Não é nada — respondeu o escudeiro, estancando o sangue que escorria de um corte de espada na testa.

— Estes cavaleiros da Espanha parecem ser gente muito cortês e digna. Vejo que já estão entrando em formação para continuar a contenda conosco. Formemos os arqueiros em filas de dois, ao invés de quatro. Por minha fé, homens muito valentes nos deixaram! Aylward, você é um soldado de confiança, embora nunca tenha recebido a ordenação nos ombros ou usado as esporas douradas. Assuma o comando da direita, eu defenderei o centro, e o senhor, lorde de Angus, a esquerda.

— Ho! Por sir Samkin Aylward! — exclamou uma voz áspera em meio aos arqueiros, e uma explosão de risadas saudou o novo líder.

— Por minha empunhadura! — disse o velho arqueiro — Nunca pensei que comandaria um flanco no campo de batalha. Fiquem juntos, *camarades*, pois, pelos ossos destes dez dedos, temos de ter coragem hoje!

— Venha aqui, Alleyne — disse sir Nigel, voltando à beirada do penhasco que era a retaguarda da posição. — E você, Norbury — prosseguiu, acenando para o escudeiro de sir Oliver —, venha aqui também.

Os dois escudeiros se apressaram na direção dele, e os três ficaram fitando a ravina pedregosa que se estendia por cento e cinquenta pés abaixo

deles.

— O príncipe tem de saber sobre nossa situação — disse o cavaleiro. — Podemos resistir a mais uma investida, mas eles são muitos e nós somos poucos, de modo que chegará o momento em que não poderemos mais formar uma linha ao longo da colina. Mas se alguma ajuda viesse em nossa direção, poderíamos defender o cume até a chegada dela. Estão vendo aqueles cavalos vagueando entre as rochas abaixo de nós?

— Sim, meu bom senhor.

— E estão vendo aquela trilha serpenteando ao comprido da colina, do outro lado do vale?

— Estou vendo.

— Se estivessem montados naqueles cavalos e percorrendo aquela trilha, mesmo íngreme e acidentada como ela é, creio que vocês poderiam chegar ao vale mais além. Dali prosseguiriam rumo ao príncipe, e lhe contariam sobre nossa situação.

— Mas, meu bom senhor, como poderíamos chegar aos cavalos? — perguntou Norbury.

— Não podem dar a volta para chegar a eles, pois o inimigo cairia sobre vocês antes de os alcançarem. Acreditam ter coragem para descer por este penhasco?

— Se tivéssemos uma corda.

— Há uma aqui. Ela tem apenas cem pés, e quanto ao resto deverão confiar em Deus e em seus dedos. É capaz de tentar, Alleyne?

— Do fundo de meu coração, meu caro senhor, mas como poderíamos deixá-lo nesta situação?

— Vocês partirão para me servir. E você, Norbury?

O escudeiro silencioso nada disse. Apanhou a corda, e, examinando-a, amarrou uma ponta firmemente numa rocha saliente. Depois despiu a placa de peito, os coxotes e as grevas, com Alleyne a lhe seguir o exemplo.

— Falem com Chandos, Calverley ou Knolles, se o príncipe já tiver avançado — exclamou sir Nigel. — E agora, que Deus esteja convosco, pois são homens bravos dignos.

Era, de fato, uma tarefa que poderia afundar o coração dos mais corajosos. Vista de cima, a fina corda, pendendo junto à superfície do penhasco marrom, parecia chegar a pouco mais que a metade da altura. No restante se estendia a rocha áspera, molhada e brilhante, com tufo verde salientes aqui e ali, mas poucos sinais de sulcos ou pontos de apoio para os

pés. Lá embaixo eriçavam-se as pontas irregulares dos pedregulhos, escuras e ameaçadoras. Norbury deu três puxões no cabo com toda sua força, e então baixou pela beirada, enquanto uma centena de rostos ansiosos assistiam à vagarosa descida até o fim da corda. Ele esticou os pés duas vezes, e em ambas fracassou em alcançar o ponto que almejava. Quando balançou para uma terceira tentativa, uma pedra lançada por uma funda saiu das rochas zumbindo como uma vespa e o atingiu em cheio na lateral da cabeça. Seu aperto afrouxou, os pés escorregaram, e num instante ele era um cadáver esmagado e mutilado nas pontas afiadas.

— Se eu não tiver melhor sorte — disse Alleyne, puxando sir Nigel para um lado. — Rogo-lhe, meu caro senhor, que transmita meus humildes serviços a lady Maude, e diga a ela que sempre fui um servo leal dela, e um cavalheiro muitíssimo indigno.

O velho cavaleiro não disse palavra, mas pôs uma mão em cada ombro do escudeiro e o beijou, com as lágrimas brilhando nos olhos. Alleyne saltou na direção da corda, e, deslizando rapidamente em descida, logo se viu na extremidade dela. De cima parecia que a corda e o penhasco estavam quase encostados, mas agora, balançando a cem pés de altura, o escudeiro descobriu que mal conseguia alcançar a superfície da rocha com o pé, e que ela era lisa como vidro, sem um apoio no qual sequer um rato pudesse permanecer. A uns três pés abaixo dali, no entanto, seus olhos pousaram numa fenda longa e irregular que se inclinava para baixo, que ele devia alcançar se quisesse salvar não apenas sua própria pobre vida, mas também as dos cento e sessenta homens acima de si. Seria, no entanto, loucura tentar saltar na direção daquela abertura apertada, sem nada a que se agarrar a não ser a rocha lisa e molhada. Ele balançou por um momento, perdido em pensamentos, e enquanto ainda pendia ali outra pedra infernal sibilou por suas madeixas, arrancando uma lasca na superfície do penhasco. Alleyne escalou alguns pés acima, esticou a ponta solta e desafivelou o cinto; segurando-se com os joelhos e os cotovelos, emendou o comprido e forte cinto de couro à ponta da corda. Então, descendo o máximo que conseguia, balançou para a frente e para trás até sua mão alcançar a rachadura, quando largou a corda e se agarrou à superfície do penhasco. Mais uma pedra o atingiu na lateral, e ele ouviu um som como o de um graveto se quebrando, com uma dor aguda e perfurante surgindo em seu peito. Mas não era hora de pensar em dores ou sofrimentos. Seu senhor e os cento e sessenta camaradas tinham de ser arrancados das mandíbulas da morte. Continuou

descendo, com a mão escorregando pela longa rachadura em declive, às vezes apoiando todo o peso nos braços, em outras encontrando uma pequena saliência ou tufo no qual podia apoiar os pés. Ele nunca chegaria ao final daqueles cinquenta pés? Não ousava olhar para baixo e prosseguia apenas tateando devagar, com o rosto colado ao penhasco, os dedos apertados, os pés raspando e procurando um suporte. Cada veio, cada fenda e cada mancha da superfície daquela rocha permaneceram impressos para sempre em sua memória. Por fim, porém, seus pés pousaram num descanso amplo, e ele se aventurou a lançar um olhar de relance para baixo. Graças a Deus! Ele alcançara o mais alto dos pináculos fatais sobre os quais seu camarada caíra. Saltou rapidamente de rocha em rocha até estar com os pés no solo, e já tinha as mãos esticadas na direção da rédea do cavalo, quando uma pedra de funda o acertou na cabeça e ele caiu desacordado no chão.

Foi um golpe duro para Alleyne, mas ainda pior para o atirador. O fundeiro espanhol, vendo o jovem caído e julgando pelas vestimentas não se tratar de homem comum, correu para pilhá-lo, sabendo bem que os arqueiros acima de si haviam gasto as últimas flechas. Ele ainda estava a três passos da vítima, porém, quando John, no penhasco lá em cima, arrancou do chão um enorme pedregulho, que, após um instante de aprumo, soltou com mira fatal sobre o fundeiro. Acertou-o no ombro e o derrubou ao chão, esmagado e aos gritos, ao passo que Alleyne, recobrando os sentidos pelos gritos agudos ao pé do ouvido, cambaleou até ficar de pé e olhou embasbacado ao redor. Seu olhar caiu nos cavalos, pastando o escasso pascigo, e num instante tudo lhe voltou — a missão, os camaradas, a urgência. Estava tonto, enfermo e cansado, mas não podia morrer nem se demorar, pois a vida dele valia pelas de muitos naquele dia. Num instante estava na sela, esporeando vale abaixo. Os cascos do cavalo de guerra soavam alto sobre as pedras e rochedos, enquanto fagulhas saltavam pela batida do ferro e o cascalho voava atrás dele. Sua cabeça, porém, rodopiava, com o sangue a lhe fugir da frente, das têmporas e da boca. A dor mortal ficava cada vez mais aguda e afiada, estocando seu flanco como uma flecha ardente. Sentiu o olhar se turvando, os sentidos se esvaindo, o aperto nas rédeas relaxando. Então, com enorme esforço, recuperou as forças por um único minuto. Abaixando-se, afrouxou as amarras dos estribos, prendeu os joelhos com força às abas da sela, torceu as mãos na rédea, e após direcionar o galante cavalo pelo caminho da montanha, picou as esporas e

desabou para a frente, desmaiando com o rosto afundado na crina negra e áspera.

Pouco se lembraria daquele percurso louco. Apenas meio consciente, mas sempre com um único pensamento a martelar na mente, ele incitava o cavalo, correndo rapidamente entre ravinas íngremes, por sobre enormes pedregulhos e ao longo das margens de abismos escuros. Tinha memórias turvas de penhascos salientes, de um grupo de cabanas com rostos espantados às portas, de água espumante a chapinhar e de um feixe de faias da montanha. Em certo momento, antes que tivesse cavalgado grande distância, ouviu atrás de si três brados profundos e taciturnos, que revelavam que seus camaradas encaravam o inimigo mais uma vez. E então tudo ficou branco, até que acordou e encontrou olhos ingleses, azuis e bondosos a espíá-lo, e o abençoado som da língua de seu país. Era apenas um bando de forrageadores — cem arqueiros e o mesmo número de homens de armas — cujo líder, porém, era sir Hugh Calverley, e ele não era homem de permanecer parado se havia bons golpes a se dar a menos de três léguas de onde se encontrava. Um batedor foi enviado para levar correndo uma mensagem ao acampamento, e sir Hugh, com seus duzentos homens, tropejou ao resgate da Companhia. Com eles foi Alleyne, ainda amarrado à sela, ainda pingando sangue, desmaiando, se recuperando e desmaiando mais uma vez. Cavalgaram e cavalgaram, até que, por fim, ao subirem uma serra, miraram o fatídico vale lá embaixo. E que infeliz visão foi a que seus olhos encontraram!

Abaixo deles estava a colina banhada de sangue, e no mais alto pináculo ondulava o estandarte amarelo e branco com os leões e torres da casa real de Castela. Fileiras e fileiras de homens exultantes corriam encosta acima, gritando, agitando pendões e brandindo armas. Todo o cume estava ocupado por densas aglomerações de cavaleiros, sem qualquer inimigo visível para defrontá-los, a não ser por um canto do platô em que um turbilhão e um redemoinho pareciam revelar que nem toda resistência chegara ao fim. A tal vista um profundo lamento de fúria e aflição surgiu entre os perplexos socorristas, que, esporeando as montarias, desceram ruidosamente pela longa e sinuosa trilha que descia até o vale.

Mas haviam chegado tarde demais para a vingança, como haviam chegado para o salvamento. Muito antes de eles chegarem ao nível do chão, os espanhóis, vendo-os cavalgar rapidamente em meio às rochas e ignorantes de seus números, retiraram-se da colina capturada. Tendo

capturado alguns poucos prisioneiros, deixaram o vale lentamente em uma longa coluna, com rufar de tambores e bater de címbalos. As fileiras da retaguarda já se perdiam de vista quando os recém-chegados incitaram os cavalos espumantes e ofegantes a subirem a encosta que havia sido palco daquela arrastada e sangrenta batalha.

E que terrível visão encontraram! Ao longo da extremidade mais baixa se estendia a densa pilha de homens e cavalos sobre os quais desabara a primeira saraivada de flechas. Na subida, os corpos dos mortos e moribundos — franceses, espanhóis e aragoneses — ficavam cada vez mais espessos até cobrirem todo o chão em montes de dois ou três, um medonho emaranhado de carnificina. Acima deles estavam esparramados os ingleses em suas linhas, exatamente como haviam estado de pé, e ainda mais alto no platô havia uma miscelânea louca de mortos de todas as nações, onde a última contenda fatal havia sido travada. No canto mais distante, sob a sombra de uma grande rocha, sete arqueiros estavam agachados, com o grande John no centro — completamente feridos, cansados e em estado deplorável, mas ainda não subjugados, brandindo as armas manchadas de sangue e dando boas-vindas aos compatriotas. Alleyne cavalgou na direção de John, com sir Hugh Calverley a segui-lo de perto.

— Por São Jorge! — exclamou sir Hugh — Nunca vi vestígios de batalha tão dura, e estou bem contente de termos chegado a tempo de salvá-los.

— Salvaram mais do que nós — disse John, apontando para o estandarte apoiado na rocha atrás de si.

— Portaram-se nobremente — exclamou o velho companheiro livre, fitando a grande compleição e o rosto ousado do arqueiro com a admiração de um soldado. — Mas por que é, meu bom companheiro, que está sentado em cima desse homem?

— Pela cruz, eu havia me esquecido dele! — respondeu John, levantando-se e arrastando de baixo de si ninguém menos que o *caballero* espanhol, don Diego Álvarez. — Este homem, meu bom senhor, significa para mim uma nova casa, dez vacas, um touro, ainda que pequeno, uma pedra de amolar e já não sei mais o quê. Assim, pensei que faria bem em sentar em cima dele, do contrário ele poderia querer me deixar.

— Diga-me, John — exclamou Alleyne fracamente —, onde está meu caro senhor, sir Nigel Loring?

— Temo que tenha morrido. Vi-os atirarem o corpo dele no lombo de um cavalo e partirem com ele, mas temo que a vida já se esvaíra dele.

— Ai de mim! E onde está Aylward?

— Saltou num cavalo sem montador e partiu atrás de sir Nigel para salvá-lo. Vi-os se amontoarem ao redor dele, e ele foi capturado ou morto.

— Soem as cornetas! — exclamou sir Hugh, com a fronte carrancuda. — Temos de retornar ao acampamento, e espero ver esses espanhóis novamente antes de três dias. Gostaria de tê-los todos em minha companhia.

— Somos da Companhia Branca, meu bom senhor — disse John.

— Não, a Companhia Branca debandou-se aqui — respondeu sir Hugh solenemente, fitando as fileiras de silhuetas silenciosas ao redor. — Ajudem o bravo escudeiro, pois temo que ele nunca mais veja o sol nascer.

CAPÍTULO XXXVIII

DA VOLTA PARA CASA NO HAMPSHIRE

Era uma fulgurante manhã de julho, quatro meses após a batalha fatal na barranca espanhola. Céus azuis se estendiam acima, uma planície verde ondulava abaixo, atravessada por sebes e salpicada por ovelhas a pastar. O sol ainda estava baixo nos céus e as vacas vermelhas permaneciam sob a longa sombra dos olmos, ruminando e olhando pasmadas, com grandes olhos vagos, para dois homens a cavalo. Eles esporeavam pela longa estrada branca, que mergulhava e fazia curvas na direção em que torres e pináculos, abaixo da colina de cume plano, distinguiam a velha cidade de Winchester.

Um dos montadores era jovem, gracioso e belo, trajado em um gibão simples e calças de tecido de Bruxelas azul, que exibiam sua silhueta ágil e bem constituída. Tinha um chapéu de veludo chato puxado para a frente para afastar a claridade dos olhos, e montava com os lábios comprimidos e o rosto ansioso, como alguém com muitas preocupações em mente. Embora fosse jovem e suas vestimentas fossem pacíficas, as elegantes esporas douradas que cintilavam em seus calcanhares proclamavam seu título de cavaleiro, ao passo que uma longa sutura na frente e uma cicatriz na têmpora conferiam uma graça viril ao semblante refinado e delicado. Seu camarada era um homem grande e ruivo, montado em um grande cavalo negro e com uma enorme sacola de lona pendente do arco da sela, que chocalhava e tilintava a cada movimento do corcel. Seu rosto largo e moreno era iluminado por um sorriso perene, e ele olhava devagar de um lado para outro com um olhar que cintilava e reluzia de prazer. John podia realmente se rejubilar, pois estava de volta a seu Hampshire natal, carregava as cinco mil coroas de don Diego a bater no joelho, e, acima de tudo, era agora escudeiro de sir Alleyne Edricson, o jovem *socman* de Minstead, recentemente armado cavaleiro pela espada do próprio príncipe Negro e

estimado por todo o exército como um dos mais promissores guerreiros da Inglaterra.

Pois a última batalha da Companhia fora relatada onde quer que se adorasse bravos feitos de armas em toda a Cristandade, e honras haviam sido derramadas sobre os poucos sobreviventes. Durante dois meses Alleyne vacilara entre a vida e a morte, com uma costela quebrada e o crânio partido, mas a juventude, a força e uma vida saudável estavam a seu lado. Ele acordou do longo delírio e descobriu que a guerra terminara, que os espanhóis e seus aliados haviam sido subjugados em Navarrete,^[113] e que o próprio príncipe ouvira sobre sua jornada por socorro e viera em pessoa a seu leito para lhe tocar o ombro com a espada e garantir que homem tão bravo e leal morreria, se não pudesse viver, como um cavaleiro. Desde o primeiro instante em que foi capaz de pôr os pés no chão, Alleyne havia partido à procura de seu senhor, mas não lhe chegavam quaisquer palavras dele, vivo ou morto, e ele viera para casa com o coração pesaroso, na esperança de levantar dinheiro de suas propriedades e assim partir em busca dele mais uma vez. Desembarcando em Londres, ele se apressara com a mente tomada por cuidados, pois não recebera notícias do Hampshire desde a curta nota que anunciara a morte de seu irmão.

— Pela cruz! — exclamou John, olhando exultante ao redor. — Desde que partimos, onde foi que vimos vacas tão imponentes, ovelhas tão lanosas, grama tão verde ou homens tão bêbados como aquele patife deitado no buraco da cerca?

— Ah, John — respondeu Alleyne, cansado —, está tudo bem com você, mas nunca pensei que minha volta para casa seria tão triste. Meu coração está pesado por meu caro senhor e por Aywllard, e não sei como darei as novas a lady Mary e a lady Maude, se elas ainda não tiverem recebido essas notícias.

John deu um suspiro que assustou os cavalos. — Realmente é um negócio sinistro — disse ele. — Mas não fique triste, pois darei metade destas coroas a minha velha mãe e a outra metade acrescentarei ao dinheiro que você tiver, e assim poderemos comprar aquela coca amarela na qual navegamos até Bordeaux, e nela partiremos em busca de sir Nigel.

Alleyne sorriu, mas balançou a cabeça negativamente.

— Se ele estivesse vivo, teríamos recebido notícias dele a esta altura — disse. — Mas que vila é essa à nossa frente?

— Ora, é Romsey! — exclamou John. — Veja a torre da velha igreja cinzenta e a longa extensão do convento. Mas eis aqui um homem muito santo, e darei a ele uma coroa por suas orações.

Três grandes pedras formavam uma choupana rústica à beira da estrada, e ao lado dela, aquecendo-se sob o sol, estava sentado o eremita, com um rosto cor de argila, olhos baços e mãos compridas e enrugadas. Com os tornozelos cruzados e a cabeça baixa, parecia que toda a vida se esvaía dele, e as contas deslizavam lentamente por seus dedos magros e amarelados. Atrás dele estava a estreita cela de chão de barro, úmida, sem conforto, sem benfeitorias e miserável. Além dela, em meio às árvores, situava-se a cabana de pau-a-pique de um lavrador, com a porta aberta e o único cômodo à vista. O homem, corado e de cabelos louros, escorava-se na pá com a qual trabalhava no terreno ajardinado. De trás vinha o murmúrio de uma risada alegre de mulher, e dois diabinhos dispararam para fora da cabana, com as pernas nuas e desgrenhados. A mãe, pisando do lado de fora, pousou a mão no braço do marido e assistiu às brincadeiras dos filhos. O eremita franziu o cenho ante o ruído inconveniente que interrompeu suas orações, mas sua sobrancelha relaxou quando ele viu a grande moeda de prata que John lhe oferecia.

— Eis ali a imagem de nosso passado e de nosso futuro — exclamou Alleyne, enquanto prosseguiam pelo caminho. — O que é melhor, lavrar a terra de Deus, ter rostos alegres ao redor das pernas e amar e ser amado, ou ficar sentado sempre lamentando pela própria alma, como uma mãe faz com o bebê doente?

— Não sei nada sobre isso — disse John —, pois meus pensamentos ficam muito enevoados quando penso nesses assuntos. Mas sei que minha coroa foi bem gasta, pois o homem tinha a aparência de uma pessoa muito santa. Quanto ao outro, não havia nele nada de santo que eu pudesse perceber, e me sairia mais barato rezar por conta própria do que dar uma coroa a alguém que passa os dias escavando alfaces.

Antes que Alleyne pudesse responder, a carruagem de uma dama dobrou uma curva da estrada, puxada por três cavalos lado a lado e com um postilhão no mais extremo. Era muito fina e opulenta, com as vigas pintadas e douradas, as rodas e seus raios esculpido em estranhas formas, e acima de tudo uma cobertura arqueada de tapeçaria vermelha e branca. Sob a sombra estava sentada uma senhora corpulenta e idosa trajando uma túnica cor-de-rosa, recostada numa pilha de almofadas e puxando as sobrancelhas

com um pequeno par de pinças de prata. Ninguém poderia parecer mais segura, protegida e à vontade que essa dama, mas havia ali também um símbolo de vida humana. Em um instante, quando Alleyne puxou as rédeas para dar passagem à carruagem, uma roda soltou-se das outras, e toda a cobertura — entalhe, tapeçaria e ouro — desabou num confuso amontoado, com os cavalos arremetendo, o postilhão aos brados e a dama aos gritos do lado de dentro. Em um instante Alleyne e John haviam desmontado e a levantaram, completamente trêmula de medo, mas sem grandes danos diante de tal infortúnio.

— Ai de mim! — exclamou ela. — E que a desgraça recaia sobre Michael Easover, de Romsey! Eu disse a ele que a cavilha estava solta, mas ele tinha de discutir comigo, como o paspalhão idiota que é.

— Espero que não tenha se machucado, minha boa dama — disse Alleyne, conduzindo-a até o banco, sobre o qual John já pusera uma almofada.

— Não, não me ferir, embora tenha perdido minhas pinças de prata. Maldito seja o dia em que Deus pôs um idiota como Michael Easover de Romsey no mundo! Mas estou muito agradecida, gentis senhores. São soldados, como se pode perceber facilmente. Eu mesma sou filha de soldado — acrescentou, lançando um olhar um tanto lânguido na direção de John —, e meu coração está sempre aberto para os homens corajosos.

— De fato acabamos de voltar da Espanha — disse Alleyne.

— Da Espanha, é? Ah, foi uma lamentável infelicidade que tantos desperdiçassem a vida que lhes foi dada pelos céus! A verdade é que isso é ruim para os que caem, mas ainda pior para os que ficam. Acabo de dar adeus a uma pessoa que perdeu tudo nessa guerra cruel.

— Como assim, senhora?

— É uma jovem donzela desta região, que agora entrou para o convento. Que tristeza! Há menos de um ano ela era a mais bela moça do Avon ao Itchen, e agora não consegui suportar a espera no Convento de Romsey para vê-la pôr o véu branco no rosto. Ela foi feita para esposa, não para o claustro. Gentil senhor, ouviu falar sobre um grupo chamado de Companhia Branca pelas bandas de lá?

— Certamente que sim — exclamaram os dois camaradas.

— O pai dela era o líder desse grupo, e o amado o servia como escudeiro. Chegaram notícias de que ninguém da Companhia sobreviveu, e assim, pobre cordeirinha, ela...

— Senhora! — exclamou Alleyne, tomando fôlego. — Está falando de lady Maude Loring?

— Na verdade, sim.

— Maude! Num convento! Pensar na morte do pai a comoveu tanto, então?

— O pai? — exclamou a dama, sorrindo. — Não, Maude é uma boa filha, mas creio que o jovem escudeiro de cabelos dourados, de quem ouvi falar, foi quem a fez dar as costas para o mundo.

— E eu aqui falando! — exclamou Alleyne loucamente. — Vamos, John, vamos!

Correndo até o cavalo, saltou na sela e partiu pela estrada deixando uma nuvem de poeira, tão rápido quanto o bom corcel conseguia carregá-lo.

Houvera enorme satisfação entre as freiras de Romsey quando lady Maude Loring solicitara admissão na ordem — pois ela era filha única e herdeira de um velho cavaleiro, com fazendas e feudos que poderia trazer para o grande convento. A magra abadessa tivera com ela longas e sérias conversas, nas quais implorava que a jovem noviça desse as costas para o mundo para sempre e descansasse o coração ferido sob o amplo e pacífico abrigo da Igreja. E agora, quando tudo estava resolvido e a abadessa e a madre superiora haviam conseguido o que queriam, era mais que adequado que certa pompa e circunstância marcassem a feliz ocasião. Por essa razão todos os bons burgueses de Romsey estavam nas ruas, bandeiras alegres e flores iluminavam o caminho do convento à igreja, e uma longa procissão serpenteava até a porta em arco que levava a noiva a tais núpcias espirituais. Lá estavam a irmã leiga Agatha com o alto crucifixo de ouro, as três turiferárias e as vinte e duas irmãs trajadas de branco, atirando flores para os dois lados enquanto cantavam melodiosamente. Depois, com quatro assistentes, vinha a noviça, a cabeça baixa coroada com uma grinalda de flores brancas. Seguiam-na a abadessa e o conselho de freiras mais velhas, cujas mentes já ponderavam se o bailio seria capaz de gerir as fazendas de Twynham ou se um feitor seria necessário abaixo dele, para extrair o máximo das novas posses que a jovem noviça estava prestes a lhes trazer.

Mas ai dos planos e das tramas, quando confrontados pelo amor, pela juventude, pela natureza, e, acima de tudo, pelo acaso! Quem seria aquele jovem sujo de viagem que se atrevia a cavalgar tão loucamente pelas fileiras de burgueses pasmados? Por que estaria saltando do cavalo, e encarando tão estranhamente os arredores? Vejam como ele corre pelas

turiferárias, joga a irmã leiga Agatha para o lado, dispersa as vinte e duas donzelas que cantam tão melodiosamente — e como ele fica de pé diante da noviça com as mãos estendidas, o rosto radiante, a luz do amor nos olhos cinzentos. Ela já está com os pés no lintel da igreja, mas ele lhe barra o caminho — e ela, ela já não pensa nas palavras sábias e nos sagrados conselhos da abadessa, mas dá um grito choroso e cai para a frente, com os braços dele ao redor de seu corpo tombado e as bochechas úmidas em seu peito. Uma visão desoladora para a magra abadessa, e também uma lição inconveniente para as vinte e duas imaculadas que sempre aprenderam que o caminho da natureza é o caminho do pecado. Mas Maude e Alleyne se importam pouco com isso. Um ar frio e úmido surge do arco negro à frente deles. Lá fora, o sol brilha forte e os pássaros cantam em meio às heras das faias caídas. A escolha deles foi feita, e eles se viram de mãos dadas, dando as costas para a escuridão e voltando os rostos para a luz.

O casamento na velha igreja do priorado de Christchurch foi muito tranquilo, com o padre Christopher a ler o culto e poucos a assistir, a não ser por lady Loring e John, além de uma dúzia de arqueiros do castelo. A senhora de Twynham sofrera e definhara durante vários exaustivos meses, de modo que seu rosto estava mais severo e menos atraente que antes, mas ela ainda mantinha as esperanças, pois seu senhor sobrevivera a tantos perigos que ela mal podia acreditar que ele finalmente seria derrubado. O desejo dela fora partir para a Espanha e procurar por ele, mas Alleyne a persuadira a deixá-lo ir em seu lugar. Havia muito para cuidar, agora que as terras de Minstead haviam se juntado às de Twynham, e Alleyne prometera que se ela aguardasse com sua esposa, ele não voltaria ao Hampshire novamente até conseguir alguma notícia, boa ou má, de seu senhor e amado.

A coca amarela fora contratada, com Goodwin Hawtayne no comando, e um mês após o casamento Alleyne cavalgou até Bucklershard para ver se ela já retornara de Southampton. No caminho passou pela aldeia de pescadores de Pitt's Deep, e observou um pequeno brigue cambando perto da terra, como se prestes a ancorar ali. Enquanto voltava a cavalo na direção da aldeia, viu que ele realmente ancorara e que tinha muitos botes ao redor, transportando cargas para a costa.

A uma flechada de Pitt's Deep havia uma estalagem a certa distância da estrada, muito grande e extensa e com um grande arbusto pendendo de uma estaca nas janelas superiores. Nessa janela ele observou, enquanto

cavalgava, um homem sentado que parecia esticar o pescoço em sua direção. Alleyne ainda o fitava quando uma mulher saiu correndo da porta aberta da estalagem, fazendo menção de trepar numa árvore enquanto olhava para trás com o rosto risonho. Perguntando-se o que significariam tais acontecimentos, Alleyne amarrou o cavalo numa árvore e caminhava em meio aos troncos na direção da estalagem, quando uma segunda mulher disparou da entrada, também na direção das árvores. Logo em seu encalço vinha um homem corpulento de rosto moreno, que se apoiou no batente e gargalhou alto, com a mão na cintura.

— *Ah, mes belles!* — exclamou —, É assim que me tratam? *Ah, mes petites!* Juro pelos ossos destes dez dedos que não tocarei em um fio de seus lindos cabelos, mas estive entre os pagãos perversos, e por minha empunhadura, me faz bem ver suas bochechas inglesas! Vamos, bebam um jarro de muscadina comigo, *mes anges*, pois meu coração se aqueceu por estar entre vocês novamente.

Alleyne ficara parado com os olhos arregalados ao ver o homem, mas sentiu uma sensação de alegria tão grande borbulhando no coração quando ouviu a voz dele que teve de morder o lábio para reprimir um grito. Uma felicidade maior ainda o aguardava, no entanto. Ainda enquanto ele olhava, a janela de cima se abriu e de dentro veio a voz do homem que ele antes vira.

— Aylward — exclamou a voz —, acabo de ver uma pessoa muito digna vindo pela estrada, embora meus olhos mal possam discernir se ele ostenta algum brasão. Rogo-lhe que o aborde e diga a ele que há aqui um cavaleiro inglês muito humilde, de modo que se ele estiver em busca de elevação, tiver contraído um pequeno voto ou possuir o desejo de exaltar sua senhora, posso ajudá-lo a realizar tal intento.

A essa ordem Aylward se arrastou pelas árvores, e em um instante estavam nos braços um do outro, rindo, gritando e dando-se tapinhas de alegria. O velho sir Nigel veio correndo com a espada na mão, sob a impressão de que uma pequena briga tivera início, acabando por abraçar e ser abraçado até os três ficarem roucos com tantas perguntas, gritos e cumprimentos.

No trajeto para casa pela mata, Alleyne ouviu a prodigiosa história: como, quando sir Nigel recobrou os sentidos, ele e seu companheiro cativo haviam sido levados à costa e transportados pelo mar até o castelo do captor; como, no caminho, haviam sido abordados por saqueadores

berberes, e como haviam trocado o tranquilo cativo por assentos no banco de uma galé e trabalho duro nos remos do pirata; como, no porto da Berbéria, sir Nigel matara o capitão mouro e nadara com Aylward até um pequeno navio de cabotagem, que haviam tomado para si e utilizado para voltar à Inglaterra, com uma valiosa carga como recompensa pela labuta. Alleyne ia ouvindo tudo isso, até que torreão negro de Twynham assomou acima deles no crepúsculo e eles avistaram o sol avermelhado pairando sobre o ondulado Avon. Desnecessário discorrer sobre como ficaram contentes os corações no Castelo de Twynham naquela noite, ou sobre as ricas oferendas do carregamento mouro que terminaram na capela do padre Christopher.

Sir Nigel Loring viveu por muitos anos, repleto de honras e coberto de bênçãos. Nunca mais foi à guerra, mas estava sempre presente nas justas num raio de trinta milhas, e os jovens do Hampshire consideravam a máxima honra quando ele lhes endereçava palavras elogiosas quanto ao manejo dos cavalos ou o quebrar das lanças. Assim viveu e morreu, o homem mais venerado e feliz de seu condado natal.

Para sir Alleyne Edricson e sua bela esposa o futuro também reservou apenas coisas boas. Lutou por duas vezes na França, e em ambas retornou coberto de honras. Recebeu uma alta posição na corte, e passou muitos anos em Windsor com o segundo Ricardo e o quarto Henrique — quando recebeu a honra da Ordem da Jarreteira, e conquistou o título de valoroso soldado, cavaleiro de coração leal e grande apaixonado e patrono de todas as artes e ciências que refinam e enobrecem a vida.^[114]

Quanto a John, desposou uma donzela da aldeia e se estabeleceu em Lyndhurst, onde as cinco mil coroas fizeram dele o *franklin* mais rico num raio de muitas milhas. Durante muitos anos bebeu cerveja todas as noites no Esmerilhão Malhado, agora mantido por seu amigo Aylward, que se casara com a boa viúva a quem confiara seu saque. À noite, homens fortes e arqueiros da região costumavam passar por ali para lutar com John ou disputar o tiro ao alvo contra Aylward, mas embora o prêmio para o vencedor fosse um xelim de prata, nunca se soube que alguém tivesse ganhado muito dinheiro com isso. Assim viveram aqueles homens, à sua moda viva e alegre — rudes e rústicos, mas honestos, amáveis e leais. Agradeçamos a Deus por termos superado seus defeitos. Roguemos a Deus para que preservemos para sempre suas virtudes. Pode ser que o céu escureça e as nuvens se juntem, e pode chegar novamente o dia em que a

Grã-Bretanha necessitará gravemente de seus filhos, em qualquer litoral ou mar que se encontrem. Não atenderão eles ao chamado?